

11 Colóquio Internacional de História:

FONTES HISTÓRICAS, ENSINO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

De 18 a 22 de outubro de 2010



COMEMORANDO OS

30 DO CURSO DE
HISTÓRIA DA UFCG
Anos

CADERNO DE RESUMOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

II Colóquio Internacional de História: *FONTES HISTÓRICAS, ENSINO E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*

De 18 a 22 de outubro de 2010

COMEMORAÇÃO DOS

30 DO CURSO DE
HISTÓRIA DA UFCG
Anos



Caderno de Resumos

Campina Grande
Outubro de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Thompson Fernandes Mariz
Reitor

José Edilson Amorim
Vice-Reitor

Francisco Estrela Dantas Neto
Chefe de Gabinete

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Rômulo Feitosa Navarro
Pró-Reitor

CENTRO DE HUMANIDADES

Profa. Dra. Rosilene Dias Montenegro
Diretora

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Profº. Dr. Roberval Santiago
Chefe de Departamento
Maria do Socorro Costa F. da Silva
Secretária

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Profª Dra. Juciene Ricarte Apolinário
Coordenadora

II Colóquio Internacional de História: fontes históricas, ensino e história da educação

Iranilson Buriti de Oliveira
Coordenador

Profª Dra. Juciene Ricarte Apolinário
Presidente da Comissão Científica

Comissão Técnica/Editorial

Organizadores

Juciene Ricarte Apolinar
Maria Luisa Fernandes
Cléryston Rafaell Wanderley de Medeiros
Rômulo Henrique Andrade Silva

Colaboradores

Alisson Pereira da Silva
Francisca Kelly Gomes Cristovam
Karina Pereira Souto
Inairan Cristino Cunha
Simone Rodrigues Neves
Suleyman Gabriel Barros Correa

SUMÁRIO

GT1	– HISTÓRIA, DIREITO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	05
GT2	– NATUREZA, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE LEITURA NOS DOMÍNIOS DE CLIO.....	16
GT3	– HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA	27
GT4	– CULTURA ESCOLAR, DIVERSIDADE E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	69
GT5	– ENSINO DE HISTÓRIA, DIVERSIDADE E CULTURA PATRIMONIAL AFRO-BRASILEIRA	95
GT6	– GÊNEROS HÍBRIDOS NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA: CARTAS, MEMÓRIAS, AUTOBIOGRAFIAS, DIÁRIOS E FOTOGRAFIAS	114
GT7	– A PEDAGOGIA DOS SENTIDOS E POSSIBILIDADES DE PESQUISA EM HISTÓRIA E EDUCAÇÃO	147
GT8	– HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, INCLUSÃO SOCIAL, DIVERSIDADE E FRONTEIRAS DE GÊNERO	163
GT9	– PRÁTICAS E SABERES MÉDICOS NA AMÉRICA LATINA: FONTES, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO	196
GT10	– ALGUMAS QUESTÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: GÊNERO E LITERATURA	207
GT11	– HISTÓRIA E ENSINO: NOVOS CAMPOS DE SABER E NOVAS LINGUAGENS	227
GT12	– HISTÓRIA E ENSINO: DIÁLOGOS MEDIADOS PELO CURRÍCULO.....	260
GT13	– HISTORIOGRAFIA DA CIDADE NEGRA NO BRASIL, PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA	274
GT14	– RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NO BRASIL	285
GT15	– NARRADORES NA HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	305
GT16	– FISSURAS NA HISTÓRIA E RECONFIGURAÇÕES NAS CULTURAS PEDAGÓGICAS: FONTES HISTÓRICAS, IDENTIDADES DOCENTES E EDUCAÇÃO HISTÓRICA	327
GT17	– HISTÓRIA, ENSINO, EDUCAÇÃO E A TEMÁTICA INDÍGENA	337
GT18	– IDENTIDADE E ALTERIDADE: SENSIBILIDADES E SUBJETIVIDADES NO ENSINO E NA PESQUISA HISTÓRICA.....	347
GT19	– MÍDIA & SOCIEDADE: A HISTÓRIA DA MÍDIA, A MÍDIA NA HISTÓRIA	385
GT20	– CIDADES, RELAÇÕES DE GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA	404
GT21	– PODER, POLÍTICA, CULTURA E ENSINO DE HISTÓRIA.....	422



GT 01 – História, Direito e Formação Profissional

Alarcon Agra do Ó (UFCG)
Giscard Farias Agra (UFPB/UFPE)
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Este Grupo de Trabalho pretende reunir estudos que se dediquem a explorar as múltiplas fronteiras entre os campos da história e do direito. Mais diretamente, o seu objetivo é promover o encontro de pesquisadores interessados em contribuir para a renovação: da historiografia dos fenômenos jurídicos por meio da interface entre os campos da história e do direito; da formação do advogado; da formação do historiador. Neste sentido, espera-se ser possível organizar um debate acerca: da construção de problemas de pesquisa na interface daqueles dois campos; das formas pelas quais, ali, é desenhada a construção do corpus documental e dos procedimentos de pesquisa; das estratégias narrativas praticadas no âmbito da história do direito e das suas implicações significativas; do papel da história na formação do jurista; das relações históricas entre o direito e a prática historiográfica; da relevância das fontes jurídicas para a pesquisa histórica; da consideração da lei e da norma como arenas nas quais se dão lutas em torno da construção dos sentidos, especialmente no que diz respeito às políticas identitárias (ou, em outras palavras, quer-se pensar o “currículo” da lei e da norma); da apropriação, pela história do direito, de “novos clássicos”, como W. Benjamin, E. P. Thompson, M. Foucault, A. M. Hespanha, P. Grossi, R. M. Fonseca, A. Dal Ri Junior; das mutações, derivadas de tais encontros, na formação dos profissionais das áreas do direito e da história etc.

COMUNICAÇÕES ORAIS

VIOLAR DIREITOS – FRATURAR A VIDA: A IMPRENSA REGISTRANDO A VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS NA PARAÍBA

Alarcon Agra do Ó (UFCG)
velhice@gmail.com

RESUMO:

O objetivo mais amplo do estudo aqui relatado tem sido o de pensar a fragilidade da experiência dos idosos, na contemporaneidade, mais especialmente no que diz respeito à sua condição de vítimas potencialmente frequentes de violações dos direitos humanos. Para dar conta deste propósito, temos explorado, a partir da experimentação de um olhar que se pretende histórico-discursivo, matérias publicadas no Jornal da Paraíba e que registram situações de violência envolvendo pessoas idosas.

“PARA QUE SERVEM OS JUÍZES?”: ESTUDOS DAS PRÁTICAS DO MAGISTRADO PERNAMBUCANO NA VISÃO DOS JUÍZES MUNICIPAIS (1848-1850)

Alexsandro Ribeiro do Nascimento (UFPE)
alexribeiro@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a atuação dos juízes municipais em Pernambuco em meados do século XIX. Inseridos no contexto da revolta praieira, esses “quase magistrados” estavam envolvidos em um jogo de interesses com as autoridades responsáveis pela ordem das vilas mais importantes, que controlavam as forças de milícia, colocando-as ao seu dispor. Os bacharéis foram usados como uma nova estratégia política para vigiar e punir os grupos sociais não só pelo campo jurídico, como em outros processos de poder. Eles apoiavam qualquer tipo de reforma social no estado imperial, no qual os juízes municipais tiveram participação significativa na aplicação dessa “justiça”, tornando-se assim uma elite mais ampla que extrapola os limites das definições profissionais e inscreve sua presença nas instituições que regulam a vida em nossa sociedade. Por conseguinte,

propomos compreender a relação dos juízes municipais com alguns magistrados pernambucanos. De forma geral, as atuações dos juristas das comarcas de Pernambuco se confundiam com as dos juízes de órfãos e juízes da paz. Essas autoridades eram responsáveis pela ordem nas comarcas mais importantes, controlando as forças de milícia e colocando-as ao seu dispor. O jogo de interesses entre esses diversos cargos jurídicos tinha o propósito de ingressar na carreira política. Afinal, estar na carreira jurídica era um passo para conseguir um cargo político. Nesse sentido, buscamos entender essa parte da elite imperial no seu papel atuante nas medidas judiciais, considerando as relações de continuidade permanente entre Estado e sociedade entre o público e o privado, entre a prática política que o cargo jurista exercia junto com os interesses econômicos individuais e/ou coletivos. Essa mesma elite, que cultivava uma cultura política que dinamizava internamente composições e manutenções de alianças no interior das grandes oligarquias, famílias e redes de parentesco que dominavam a política pernambucana na época imperial.

**O DIÁLOGO DA HISTÓRIA SOCIAL COM O DIREITO NO
CONTRIBUTO AO ESTUDO DA EXPERIÊNCIA DOS
TRABALHADORES DA CIDADE-FÁBRICA RIO TINTO (PARAÍBA)**

Eltern Campina Vale (UEPB)
eltern.cg@hotmail.com

RESUMO:

Ao delimitarmos os recentes diálogos da História Social com o campo do Direito, logo se torna referencial o contributo do pensamento do historiador anglo-saxão E.P. Thompson, notadamente no seminal estudo *‘Senhores e Caçadores – A origem da Lei Negra’*. Deste diálogo, dar-se-á relevantes contribuições para o exame de novos temas e novas abordagens no estudo dos trabalhadores, sobretudo, quando o papel dado a lei, é vista não como instrumento de dominação de classe, mas enquanto instrumento de lutas e (re)definição de relações classistas. Neste sentido, as fontes oriundas da justiça (seja, ações cíveis, trabalhistas ou criminais) são documentos decisivos para a (re)escrita desta história. Assim sendo, esta comunicação tem a intenção de refletir sobre este diálogo bem como o aporte teórico-metodológico dado por E.P.Thompson, especificamente, ao lançar influência e nosso estudo sobre a experiência dos trabalhadores da cidade-fábrica Rio Tinto, na Paraíba. Neste sentido, parte das dezenas de ações cíveis, trabalhistas

e criminais pesquisadas e catalogadas no Fórum das cidades de Mamanguape e Rio Tinto (diga-se de passagem, em péssimas condições de organização e arquivamento) nos dão mostras do desvelamento de alguns temas, relevantes para a importância seminal do estudo da lei e de como os trabalhadores souberam se utilizar dela, para requererem seus direitos. Posto que, a produção documental da justiça, revela meandros da experiência dos trabalhadores e dos embates com os patrões, tais como: do cotidiano e dos espaços de lazer (das redes de sociabilidade e convivibilidade); dos crimes e rixas entre trabalhadores; da burla na disciplina posta pela fábrica, dos costumes acidentados de trabalho (o que revela o arriscado manuseio com algumas máquinas da tecelagem); das péssimas condições de transporte até o local de labuta; pelo direito de complementação da renda (especialmente, quando instalavam comércio de bebidas e comidas no interior das casas da vila operária); na luta pela moradia, por trabalho... Por direitos.

**THEMIS USANDO OS TRAJES DE CLIO: CONTRIBUIÇÕES
METODOLÓGICAS PARA UMA RENOVAÇÃO NO CAMPO DA HISTÓRIA
DO DIREITO**

Giscard Farias Agra (UFPB/UFPE)
gfagra@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente texto objetiva estabelecer uma discussão metodológica acerca do campo conhecido como “história do direito”, a partir das renovações historiográficas do século XX, levando a encaminhamentos que possam contribuir com a prática acadêmica experienciada em cursos de formação de juristas, bem como à produção bibliográfica nacional. Pretendo problematizar a maneira como esse campo é tradicionalmente trabalhado, especialmente por autores da área, pois, apesar de supostamente consistir em diálogos entre duas áreas distintas, boa parte dos autores omite-se em travar debate com a área historiográfica, mantendo-se com uma visão oitocentista do ofício do historiador, produzindo, desta maneira, um conhecimento supostamente científico que legitima etnocentricamente certos conceitos e visões de mundo já desconstruídos na historiografia, mas que continuam sendo elementos corriqueiros do discurso majoritário no campo da história do direito.

LOUCURA: UMA QUESTÃO DE DECRETO

Fátima Saionara Leandro Brito (UFPE)
saionaralleandro@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho narra uma história da reforma psiquiátrica no Hospital João Ribeiro na cidade de Campina Grande. Trata-se do processo de intervenção ocorrido nessa instituição no ano de 2005 que culminou no seu descredenciamento e desativação por parte do Ministério da Saúde. Com o intuito de mostrar que a lei da reforma psiquiátrica é fruto de uma historicidade, elegi algumas fontes que me dão suporte para isso. Assim, estão presentes neste trabalho algumas leis federais, a exemplo da lei nº 1.132 de 1903, a primeira lei republicana que versa sobre o tratamento a alienados; além desta, utilizo também a lei nº 24.559 de 1934 que dispõe sobre a profilaxia mental, a assistência e proteção à pessoa e aos bens dos psicopatas e a fiscalização dos serviços de psiquiatria, além dessas, conto com o projeto de lei 3.657 de 1989 do deputado Paulo Delgado, que tramitou no congresso durante doze anos até a sua efetivação em 2001 com a lei nº 10.216 de reforma psiquiátrica. Trago ainda para esta escrita a mudança de nomenclatura do código civil brasileiro, quando este trata “das pessoas incapazes” utilizando para os pacientes diagnosticados de doentes mentais, diferentes nomenclaturas produtoras de significados, como consta na lei nº 3.071 de 1916 e a sua mudança na lei nº 10.406 de 2002. Este movimento é feito para mostrar que a reforma psiquiátrica não surge como algo dado que separa de forma dualista o antigo modelo, os hospitais psiquiátricos, do novo modelo, a assistência extra-hospitalar. Sendo assim, tenho por objetivo neste trabalho analisar os discursos da reforma que atribuíram sentidos de verdade para a instituição em questão e retiraram do silêncio suas práticas. Além disso, busco fazer um estudo dos conceitos presentes na legislação da assistência psiquiátrica. Estas leis são problematizadas em suas regulamentações, pois é por meio delas que os homens e mulheres nomeados de loucos receberam um lugar próprio, ou o não-lugar. Tais leis, instauraram/instauram por meio de seus discursos, verdades sobre a loucura, aprisionando seus atores e estabelecendo a diferença.

**DIREITO E JURISDIÇÃO: ASPECTOS DA MAGISTRATURA
PORTUGUESA NA CAPITANIA DO CEARÁ (1722-1777)**

Reinaldo Forte Carvalho (UFPE)
reinaldoforte@yahoo.com.br

RESUMO:

Esta comunicação faz parte da pesquisa de doutorado que está em andamento que analisa a dinâmica das relações de poder presente na política colonial na América Portuguesa. A dinâmica emanada pela política metropolitana tinha como base um conjunto de leis que modelavam o aparelho burocrático português garantindo a manutenção territorial dos domínios coloniais que passavam a ser incorporadas naquele momento. O modelo burocrático implantado na política administrativa colonial era composto por um substrato doutrinário do Direito lusitano, que mediante influência do cristianismo estabelecia a prática do aparelho institucional através da ação missionária, catequética e da sanção moral que tinha como base as Ordenações portuguesas. As Ordenações eram os mecanismos sobre os quais se fundamentavam a justiça régia, a legislação, o Direito e as instituições jurídicas portuguesas, no reino e em suas conquistas ultramarinas. Diante desta questão, este estudo pretende promover uma reflexão acerca das políticas do direito e da justiça na Capitania do Ceará no período proposto. O objetivo principal é analisar como se caracterizava o direito colonial em relação às diversas formas de poder presentes no contexto da política administrativa colonial da capitania. Especificamente pretende-se nesta pesquisa estudar os principais aspectos da magistratura no governo da Capitania do Ceará a partir da atuação dos sujeitos responsáveis pelo exercício da justiça: os ouvidores régios. A delimitação temporal de 1722 é determinada pela criação da primeira ouvidoria na capitania do Ceará que estabeleceu uma maior fiscalização no âmbito da capitania. O ano de 1777 faz referência a mudança ocorrida na política portuguesa com o governo de D. Maria I, a Viradeira. Portanto, considerando estas questões, pretende-se refletir acerca das práticas e dispositivos de poder que tornavam factível o exercício do mando em relação aos poderes locais, procurando assim, identificar como a dinâmica do exercício do poder e da jurisdição administrativa foi posto em prática na Capitania do Ceará.

OUTRAS HISTÓRIAS DE MULHERES: VIOLÊNCIA, CRIME E PRISÃO EM CAMPINA GRANDE

Vanuza Souza Silva (UFPE)
vanuzaz@hotmail.com

RESUMO:

Em Minhas Histórias das Mulheres Michele Perrot deixa uma dica para o pesquisador atento, a autora enfatiza no final de seu livro o fato de haver muitos ditos e escritos sobre as mulheres, no entanto alerta a autora, ainda há silêncios sobre as histórias das mulheres carcerárias. Dessa deixa da autora francesa vou me apropriar nesse momento para escrever sobre a história das mulheres, não a mulher que zela, que limpa, que escreve, mas a mulher que viola, rouba, alicia, mata. Se ainda é possível falar de silêncios sobre a história das mulheres, esse silêncio é percebido quando o tema é a mulher que se institui como autora da violência. Comuns são trabalhos que pensam a mulher enquanto objeto do que agride e violenta. Este texto pretende pensar as relações de gênero no espaço da Penitenciária Feminina de Campina grande, pensar os códigos de gênero, de feminino, de amizade, que são criados no interior da prisão. Se a prisão, pensando com Foucault institui os códigos disciplinares que vigiam o cotidiano da prisão, inspirada em Gilles Deleuze, quero pensar as imanências, existência que pluraliza a vida e a própria prisão. A Penitenciária Feminina do Serrotão data de 1998, o que implica dizer que esta data é um dos acontecimentos importante para se pensar um saber jurídico que vai se especializando no corpo e na violência de autoria feminina. A análise sobre as condições históricas que tornaram possível a construção de espaço de saber e poder sobre a mulher prisioneira, é também parte dessa pesquisa que analisará não somente o cotidiano, mas a própria história institucional daquele espaço. Que papéis de gênero são exercidos na prisão? Como as mulheres prisioneiras se definem antes do crime e depois da convivência na prisão? Que aprendizados essas mulheres criam quando limitadas no espaço prisional? Se o gênero é performático, se aprendemos a ser homens e mulheres, se os sexos biológicos não são determinantes nos papéis sociais, como as mulheres prisioneiras vivenciam os códigos de gênero? Este texto pretende contribuir não apenas com a história das mulheres, de gênero, da violência em Campina Grande, mas principalmente tentar compreender à luz das histórias de vidas das apenadas, porque estas mulheres optam pelo caminho do crime e das margens. A maioria das presas não tem o ensino médio, sendo a maioria filha de mães solteiras, tendo

pouco acesso a leituras. Estes signos são dados importantes para pensarmos também por que os sujeitos que não se envolvem com o ensino, com a educação inclusive escolar, acabam optando pela violência, crime, prisão, inclusive as mulheres.

PÔSTERES

A ORATÓRIA E OS DISCURSOS DE CÍCERO

Eiry Anne Simões Pereira (UFCEG)

eiry_anne@hotmail.com

Michelly Pereira de Sousa Cordão (Orientadora)

RESUMO:

Este trabalho tem como principal objetivo traçar um pouco do perfil de Marco Túlio Cícero (106 a.C.- 43 a.C.), pretendendo-se, ainda, estudar a influência que um bom discurso pode ter, nas intenções dos indivíduos, ocasionadas por uma possível carreira pública, especialmente nos que ingressam na Política ou na Advocacia, já que Cícero teve sua trajetória como homem público consolidada por ter sido um grande estudioso na área da Filosofia, o que certamente influenciou sua brilhante eloquência, especialmente na carreira política e no exercício da advocacia na Roma Antiga. Teve a oportunidade de ter contato com vários especialistas na retórica, “arte” fundamental para a formação de um bom orador nesse contexto; assim como, teve um domínio no campo da escrita, possuindo conhecimento em grego e latim. Fato que provavelmente foi um dos principais motivos pelos quais os seus Discursos (especialmente as Catilinárias) tiveram tanta repercussão na Roma de Júlio César, perpetuando-se ao longo dos tempos. Ao analisarmos o uso da Oratória na Roma antiga através do estudo de Cícero, podemos observar que a sua influência em diversas áreas, especialmente no âmbito da política, remete à idéia de que a “arte” de falar, já naquela época, era uma prática que dava importância social e política aos indivíduos. Na atualidade, podemos observar que esses métodos de discurso são bastante vigentes na sociedade, visto que, além da política, seu uso no exercício da advocacia é imprescindível para um bom resultado final dos processos judiciais, ou seja, o ganho das “causas”, que expectativa principal dos profissionais dessa área do Direito. Para tanto, os conhecimentos bem fundamentados em Retórica se tornam essenciais e decisivos para uma boa argumentação junto aos trâmites judiciais, tendo seus aparatos verbais capazes de

um poder de convencimento embasado por um bom discurso, alcançado através de técnicas que venham a torná-lo consistente e respaldado.

**HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: A ORDEM DOS
ADVOGADOS DO BRASIL COMO PROMOTORA DE UM SABER
ESPECÍFICO NO ÂMBITO DE UM PERÍODO DE EXCEÇÃO (1974-1985).**

Rafael Oliveira da Silva (UFRN)
raf06ael@yahoo.com.br
Maria da Conceição Fraga (Orientadora)

RESUMO:

Entre 1964 e 1985, o Brasil se encontrou sob a égide de governos autoritários. Tal período se iniciou a partir do estabelecimento de um Golpe civil-militar que obteve apoio de uma parcela da sociedade brasileira. Todavia, outra parte da população não apoiou tais disposições dos militares e se posicionaram contrários a estes. Observamos o estabelecimento da violência contra estes opositores, que gradativamente se institucionalizou com a edição dos Atos Institucionais. A violência contra os que questionavam as medidas autoritárias do governo militar, feriam aos Direitos Humanos, que iam da cassação dos direitos políticos, o exílio, torturas físicas e psicológicas, até mesmo a perda do direito à vida, dentre outros. Apesar da inconstância de momentos com maior e menor repressão, torna-se perceptível a prática regular dos abusos. Alguns autores consideram o ano de 1974 como sendo o início do processo de redemocratização, visto que percebemos um sinal de democracia com as eleições para o Congresso, sendo eleito número considerável de candidatos do MDB, além do surgimento de movimentos que pregavam a anistia política e a volta de um Estado Democrático de Direito. Será neste contexto que a Ordem dos Advogados do Brasil se insere dentro do debate a respeito das garantias dos Direitos Humanos, tornando-se tema central da V Conferência Nacional da Ordem em 1974. Por conseguinte, visualizamos uma série de práticas por parte da instituição, a fim de esclarecer à população dos atos arbitrários do governo e aludindo sobre a importância da defesa dos direitos fundamentais ao homem. O trabalho objetiva analisar o papel desempenhado pela OAB como promotora de um conhecimento específico, os Direitos Humanos, para a população dentro de um período de exceção política, em que estes direitos estavam sendo esquecidos. Logo, trabalhamos sob a perspectiva de que toda

instituição é agente de educação, sendo que no caso da OAB um ensino não-formal, porém que estabelece uma formação, o que está inserido dentro de uma nova discussão historiográfica da educação. Fizemos uso de teóricos tais como: Arendt, com seu conceito de Ação Política, Totalitarismo e Autoritarismo; Halbwachs, a respeito da Memória Coletiva; Le Goff, na questão da História e Memória; Kruppa e Saviani, com o conceito de Educação ou Ensino Não-Formal. Utilizamos bibliografia referente ao assunto, assim como periódicos, legislações, dentre outras.

TRABALHO, DIREITO E GÊNERO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE UM PROCESSO ARQUIVADO NO TRT-PB.

Sabrina Rafael Bezerra (UEPB)

sabryna.rafael@gmail.com

Tiago Bernardon de Oliveira (Orientador)

RESUMO:

As relações entre Direito e História são tão intensas que remontam à própria elaboração do conhecimento histórico como área de conhecimento específico. No entanto, essas relações sofreram mudanças ao longo do tempo. De abordagens que priorizavam versões legalistas e oficiais, chegou a existir, por vezes, um distanciamento por parte de historiadores de fontes produzidas na esfera do Direito formal. Ainda assim, temáticas envolvendo o Direito, como questões de emergência da cidadania, conflitos políticos e de classe e as diversas noções de Justiça, presentes em diferentes camadas sociais, mantiveram-se presentes na historiografia acadêmica. Nesse sentido, dentre exemplos que causaram impacto na historiografia internacional, destacam-se *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, e *Senhores e caçadores*, de E.P. Thompson. Autores e obras como essas, fundamentadas em processos-crimes e na atuação do Judiciário, também tiveram impacto no Brasil, e inspiraram debates e pesquisas sobre diferentes objetos, especialmente na historiografia do trabalho. Para essas novas questões, sobretudo de cunho social, a documentação produzida pelos órgãos de Justiça e da polícia, continuou a ter grande relevância. Na última década, a historiografia do trabalho no Brasil tem se voltado para análises baseadas na documentação da Justiça trabalhista, para melhor compreender as estratégias de ação da classe trabalhadora em seus esforços para a garantia e ampliação de seus direitos civis, sociais e políticos. Inserida nesta perspectiva historiográfica, esta comunicação terá

como objetivo apresentar questões de pesquisa que orientam uma monografia de final de curso baseada na análise de um processo trabalhista iniciado em 1964 e findo em 1967. Seu motivo foi a demissão de uma professora de uma escola privada de João Pessoa em 1963. São 483 páginas dos autos de um processo movido por uma professora, mulher e sindicalista que empreende uma luta contra uma demissão, que considera injusta, promovida por uma escola muito bem reputada junto à sociedade paraibana. Neste processo é possível observar, a partir dos argumentos apresentados nas defesas de ambas as partes, visões de mundo antagônicas e redes de solidariedades que contrapõem conflitos políticos latentes na sociedade paraibana brasileira da época. Os desdobramentos do processo e seu resultado final permitem ao historiador reflexões acerca das possibilidades e limites de atuação sindical na época (especialmente da categoria dos professores), das práticas possíveis para uma mulher militante e sobre a autonomia do judiciário trabalhista em um contexto politicamente conturbado, como o da instalação de um golpe civil-militar.



GT 02 – NATUREZA, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES DE LEITURA NOS DOMÍNIOS DE CLIO

José Otávio Aguiar
Rúbia Micheline Moreira Cavalcanti
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Nos diversos ambientes humanos e paisagens, a natureza oferece aos homens um conjunto flexível, mas, limitado, de possibilidades e opções certas ou unitárias. Duas comunidades estabelecidas em um habitat com características de um bioma bastante homogêneo desenvolverão quase sempre, perfis de adaptação diferentes no tempo e no espaço. O cumprimento de certas regras de apropriação e da natureza nos remete à organização social, política e cultural peculiar a cada comunidade humana. Seu espaço de criação inédita e Lévi-straussiana, afirmando para além da classificação conjuntista e identitária do mundo ocidental, a capacidade de colocar o que não estava previsto ou dado no de vir social e histórico dos homens. E é seguindo esta perspectiva, que nos propomos neste ensaio levantar algumas questões acerca da possibilidade de se problematizar a apropriação cultural dos recursos naturais. Enfocar as percepções e relações humanas, envolvidas na construção social das paisagens seria, a nosso ver, uma das formas de oferecer respostas eficaz àqueles que criticam uma possível mudança de protagonistas nos relatos da Environmental History, mudanças dessas pretensamente caracterizada por uma despolitização dos sujeitos, que, desumanizados, cederiam lugar a Natureza personificada. Como espaço de criação auto-instituição imaginária das sociedades humanas, a relação entre natureza e cultura pode ser uma janela privilegiada para a detecção de cada grupo social, ou, alguns indivíduos específicos, representem escolhas societárias peculiares descrevendo estratégias de representação e

humanização dos espaços. Estudiosos das relações entre história e natureza, os historiadores, somos confrontados com frequência pela detecção de espaços nos quais as escolhas humanas se mantêm preservadas, não obstante as inegáveis influências do clima, da vegetação, do solo, dos microorganismos, e até das tendências genéticas, em suas variadas manifestações genótípicas e fenotípicas. É certo que a natureza e os fatores sociais e históricos influenciam nossas escolhas até certo ponto, sem, entretanto, determiná-las em absoluto. Este simpósio temático, na esteira dessas reflexões propõe reunir os que se dedicam ao estudo das relações entre cultura e natureza, nos diversos domínios dos saberes sobre os homens no tempo.

COMUNICAÇÕES ORAIS

A HISTÓRIA AMBIENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Ana Paula da Cruz Pereira de Moraes

RESUMO:

A história como ciência do vivido pode nos levar a refletir as experiências e práticas engendradas pelo homem em determinados recortes especiais e temporais, logo, a questão ambiental não poderia fugir do olhar do historiador, dado que ela esta relacionada à economia, a cultura e a expectativas de vida produzidas pela sociedade. Diante do exposto, nosso ensaio intenta contribuir com a reflexão sobre a abordagem histórica do homem envolvido com o meio ambiente. Já que a paisagem física tem forte influência sobre a paisagem cultural produzida pelo homem. Esta forma o impõe mobilidades e dinâmicas de práticas típicas de seu lugar de morada ou de exploração e trabalho. Também, em um segundo momento, vem trazer à tona o papel do ensino e do professor de história dentro de uma atuação interdisciplinar, visto que a atual linha da história ambiental vem promover uma nova forma de se perceber as ações humanas levando em consideração a interação do homem com e a natureza. A aliança entre narrativa e cartografia ou consciência histórica e consciência ambiental, não impede, nem desconstrói a postura profissional do historiador. Muito pelo contrário, espaço e tempo, são elementos estratégicos para a compreensão da história e ainda, elementos básicos para que a história passe a ter sentido na sala de aula para muitos alunos. Dado que o tempo em que vivemos, a necessidade pelo novo, a permanente descontinuidade

de ações, impulsiona as pessoas a, de certa forma, abandonarem o passado, ao acreditar que este não toca o presente. Portanto, defendemos que tal reflexão em sala de aula, perceber a história e nela, a interdependência entre homem e meio ambiente, tem tamanha relevância na medida em que promove um debate atual, mas também é um mecanismo de facilitação e motivação de aprendizagem no ensino de história por desencadear conexões temáticas entre passado, presente e futuro.

ATIVIDADE BALEEIRA NO BRASIL: RECUPERANDO VESTÍGIOS DE UMA CAÇA SECULAR

Francisco Henrique Duarte

RESUMO:

O trabalho, partindo de uma breve exposição da relação sociedade e natureza no mundo moderno, tem como proposta recuperar vestígios histórico-ambientais da caça à baleia, procurando mostrar como essa atividade de extrativismo animal foi sendo estruturada no Brasil a partir do século XVII e se tornou parte constituinte da economia colonial por mais de trezentos anos, provocando impactos ambientais negativos sobre os ecossistemas marinhos, a ponto de algumas espécies de cetáceos desaparecem do nosso litoral por décadas, fato que as caracterizou como espécie em estado de vulnerabilidade ou em processo de extinção. O texto também faz referências a posição assumida pela Brasil e pela Paraíba, no final do século XX, quando o país decretou, após séculos de matança e extermínio, o fim da caça às baleias em suas águas jurisdicionais. O país transformou também, em 2009, via decreto presidencial, as águas brasileiras em santuário de baleias e golfinhos. Mostrando a importância de preservar os cetáceos e potencializar paralelamente o turismo ecológico. Por fim, é analisado o conflito envolvendo a Sociedade Mundial de Proteção aos Animais (WSPA) o Japão, a Noruega e a Islândia - países que desrespeitam a Moratória, decretada pela Comissão Baleeira Internacional (IWC), que suspendeu no ano de 1986, por tempo indeterminado, a caça comercial à baleia em todos os mares e oceanos.

UM OLHAR SOBRE A LEGISLAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS DO ESTADO DA PARAÍBA

Sonáli Amaral de Lima
Vanessa Coelho Barbosa

RESUMO:

O mundo enfrenta uma grave crise humanitária devido à escassez de água, que provoca a morte a cerca de dois milhões de crianças por ano. Cerca de 34 mil pessoas morrem diariamente por falta de água potável. Apenas dois por cento da água da Terra é potável estando 87 por cento desta concentrada nos pólos sob a forma de gelo. Em decorrência deste fator, a solução tem sido considerada cada vez mais urgente para garantir o futuro da humanidade e depende da relação que se estabelece entre sociedade/natureza, tanto na dimensão coletiva quanto na individual. Identificar-se como parte integrante da natureza e sentir-se afetivamente ligados a ela para perceber os processos pessoais como elementos fundamentais para uma atuação criativa, responsável e respeitosa em relação ao meio ambiente, compreendendo que os problemas hídricos interferem na qualidade de vida das pessoas, tanto local quanto globalmente. Este texto apresenta uma discussão a respeito da Legislação ambiental da Paraíba no âmbito de uma visão sócio-ambiental. Efetua-se breve descrição sobre a Legislação Ambiental do estado da Paraíba. Analisando sucintamente o tratamento dado à proteção e regulamentação das atividades relacionadas ao meio ambiente no mesmo estado. A legislação ambiental no Brasil divide-se em dois distintos momentos: antes e depois de 1981. Até esta referida data eram tidas como “poluição”, para todos os efeitos, as emissões das indústrias que não estivessem de acordo com os padrões estabelecidos por leis e normas técnicas. Nessa época, sob o pressuposto de que toda atividade produtiva causa certo impacto ao meio ambiente, eram plenamente toleradas as emissões poluentes que atendessem a determinados parâmetros. O trabalho tem como principal objetivo despertar a consciência ambiental não só da população acadêmica, como também de toda a sociedade, e possibilitar à comunidade acadêmica desenvolver novos trabalhos no âmbito do tema trabalhado.

POR UMA HISTÓRIA SOCIOAMBIENTAL: NOVOS OLHARES E NOVAS ABORDAGENS PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DA HISTÓRIA

Gabriela Barbosa de Souto
Raíssa Barbosa da Costa
José Otávio Aguiar (Orientador)

RESUMO:

As questões ambientais que se mostram tão presentes são suscitadas pelas consequências das ações humanas no meio. Ainda que o ambiente em questão seja o urbano, as mudanças, usos e abusos do homem têm o poder de alterar o todo, e isto foi percebido mais vigorosamente a partir da década de 1960, momento no qual o planeta sofre com alguns desastres ambientais, assim como a queda na qualidade de vida, suscitada principalmente com a obra *Silent Spring* (Primavera Silenciosa) publicada em 1962 e de autoria da jornalista e bióloga Rachel Carson que chamava atenção para o uso excessivo de produtos químicos e sua repercussão diretamente na natureza (RUY, 2004). Tudo isso deu início a uma mobilização geral sentida tanto no âmbito político quanto social. Na década seguinte, tomamos conhecimento de encontros a níveis internacionais que objetivavam discutir as questões ambientais mais detidamente. Percebemos isto com a Conferência de Estocolmo (1972), onde foi apontada pela primeira vez que uma educação ambiental seria uma estratégia eficaz para o uso consciente e equilibrado do meio. Em 1975, com a Carta de Belgrado que preconizou as fundamentações para um programa mundial de educação ambiental, e dois anos mais tarde com a Conferência de Tbilisi que chamou atenção para o uso que o homem fez da natureza anteriormente que levou a um desequilíbrio, apenas para mencionar alguns deles (RUY, 2004). Os movimentos em torno do meio ambiente não estacionaram, pelo contrário, nos anos que se seguiram muito foi debatido a respeito, mas parece-nos que nem tudo que foi discutido foi posto em prática, visto que os problemas ambientais têm se agravado, revelando-nos que ainda há muito que se trabalhar em termos de conscientização. Tendo consciência da importância sem precedentes das questões ambientais, especialmente no contexto de nossa contemporaneidade, e nos atentando para o fato de que enfrentamos sérios problemas com a educação ambiental devido principalmente a não efetivação das políticas públicas educacionais, buscamos refletir em como é possível aliar o ensino da história à educação ambiental, uma vez que a última permite os mais variados diálogos por sua essência interdisciplinar. Com base nisso, procuramos

desenvolver o presente artigo em torno de como é possível aliar a educação ambiental ao ensino da história, e, partindo da hipótese de que ao abordar uma história ambiental somada à interdisciplinaridade que uma educação ambiental exige, objetivamos, por meio de uma pesquisa dedutiva, mostrar que é possível e viável a adoção da educação ambiental na história que é ensinada nas escolas, e mais, que a preparação de professores e educadores para o mesmo não é impossível. Destacaremos aqui a proposta do MEC com seus Parâmetros Curriculares Nacionais, no que diz respeito à nossa temática, trazendo apontamentos de como o mesmo vê e sugere ao professor que adote a educação ambiental nas escolas públicas, assim como os resultados de outras pesquisas e conclusões as quais tivemos acesso por meio de artigos e livros.

**DO RIACHO DAS PIABAS À RUA DAS BARROCAS NA TUREZA E
CULTURA NA FORMAÇÃO DA URBS COLONIAL CAMPINENSE (1665
A 1702)**

George Gomes de Araújo

RESUMO:

Esta comunicação pretende mostrar as múltiplas faces paisagísticas ocorridas no espaço natural de Campina Grande desde a sua colonização pelos Oliveira Ledo, através de carta de sesmarias a partir da segunda metade do século XVII, , que por sua vez passaram a transformá-la através da exploração dos seus recursos naturais, com a utilização dos mananciais do riacho das Piabas, até a derrubada da mata para a retirada de madeiras utilizadas nas construções dos currais de pau-a-pique, das casas grandes de fazendas e da capela de São João em 1702, nas proximidades do referido riacho, formando-se a rua das Barrocas, ou seja à primeira urb colonial campinense, propriamente dita.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ACERVOS PALEONTOLÓGICOS: DESAFIOS

Daniela Márcia Medina Pereira (URCA)
daniela_marcia_medina@yahoo.com.br

RESUMO:

Localizadas numa das mais ricas reservas fossilíferas cretácicas do mundo, as cidades do Cariri cearense ainda carecem de ações educativas para que mais se conheça, e melhor se preserve este patrimônio paleontológico. O objetivo deste trabalho é refletir sobre este desafio a partir do diálogo com a história ambiental, entendendo que este campo possibilita articular problemáticas acerca da relação natureza e cultura, percebendo suas tensões e sua dinâmica. A paisagem pensada em sua complexidade revela a tensão entre os usos tradicionais, a perspectiva do saber técnico e científico, e a pluralidade cultural deste espaço que, desde 2006 abriga o primeiro GeoPark reconhecido pela UNESCO nas Américas: O GeoPark Araripe. A educação patrimonial apresenta um caminho possível no sentido de que cada vez mais as comunidades possam discutir com clareza, transparência, conhecimento e segurança acerca deste tema. Compreende-se que discutir ações educativas não significa apenas especular possibilidades, mas sim dialogar com os espaços que se propõem a esta finalidade. É neste sentido que se discute o papel dos espaços de exposição de paleontologia da região: O Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri em Santana do Cariri, e a exposição de fósseis do Museu do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) que fica no Crato. As visitas a estes espaços geraram o conteúdo central do relato aqui apresentado. Para que não se destaque apenas um aspecto da questão, perdendo de vista a complexidade das relações que a tornam dinâmica e pertinente é que se construiu a problemática dialogando com outras áreas do conhecimento humano, em especial com a Geologia e a Paleontologia. Este diálogo é indispensável para que sejam caracterizadas as peculiaridades dos acervos paleontológicos e para que se possa ter uma perspectiva do que representa a Bacia do Araripe. A iniciativa partiu da premissa, há uma perda quando são propostas ações de educação patrimonial, sem levar em conta o patrimônio ambiental, suas especificidades e historicidade.

A HISTÓRIA DA ÁGUA NA REGIÃO DO CARIRI: DISCUSSÕES SOBRE MEIO AMBIENTE

Francisco Roberto Dias de Freitas (URCA)
profrobertodias@gmail.com

Jane Maria Fernandes de Almeida (URCA)
janeameidauece@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente trabalho busca relatar a importância das nascentes e riquezas ambientais existentes na região do Cariri. A água ao longo da história da região sempre teve como finalidade satisfazer necessidades básicas tais, como: saciar a sede, beber, tomar banho, para lavar roupas, lavar produtos do lar, e também as residências. No entanto, faz-se necessário criar uma consciência sobre as riquezas aqui existentes; e as condições históricas inseridas num contexto de privatizações da água potável. O estudo aqui nasce de trabalhos escolares e acadêmicos no âmbito da História Regional, que analisam aspectos históricos, políticos, econômicos, específicos e necessários para se pensar a água como temática inerente ao ensino de história. Felizmente, a história da água relata casos acerca da poluição e seus impactos ambientais, que vêm acabando as águas que antigamente eram limpas e potáveis. No território brasileiro, que mais de 14 milhões de habitantes não têm acesso a redes de distribuição de água tratada e a contaminação nos mananciais é uma prática que vem acontecendo de forma discriminada. O poder público é o grande responsável pelo processo de tratamento de água tanto na zona urbana como na zona rural. Ter acesso à água de boa qualidade está diretamente ligada à saúde da população, ou seja, ocorre a presença da medicina preventiva. É importante destacar que grande parte das doenças crônicas têm sua origem na água contaminada e respondem por mais de 50% das internações hospitalares na rede pública de saúde. Infelizmente, nas áreas mais pobres do Brasil, como é o caso das Regiões Norte e Nordeste, é comum a existência de municípios paupérrimos sem qualquer serviço de abastecimento de água adequado. Essa afirmação é demonstrada pelas informações coletadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mais conhecido pela sigla de IBGE no ano de 2000, onde esse órgão governamental diz que somente 2% dos municípios brasileiros não contavam com nenhum serviço de abastecimento de água. Para dar respostas ao estudo de questões regionais, é de crucial relevância inserir nas práticas educativas temáticas referentes ao meio ambiente e em específico o uso da água local.

UM LUGAR PARA A NATUREZA: PERSPECTIVAS SOBRE A CONQUISTA DA PARAÍBA

Adriel Fontenele Batista (UFRN)
Fontinelli2004@hotmail.com

RESUMO:

Na segunda metade do século XVI, durante o período de união das Coroas ibéricas, deu-se a conquista da capitania da Paraíba. Após anos de guerras, infortúnios e insucessos, colonos portugueses e espanhóis, missionários jesuítas e os índios aliados davam guerra e expulsavam franceses e o gentio potiguara daquela capitania. *O Sumário das Armadas*, documento que relata este evento, tem sido, desde sua publicação em 1848, constantemente utilizado por pesquisadores debruçados sobre o processo de conquista dessa capitania. Contudo, o *logos* de compreensão desses pesquisadores ou a representação que fazem da conquista se organiza a partir de dois eixos explicativos. No primeiro encontramos a dita historiografia clássica paraibana produzida por nomes como Maximiano Lopes Machado e Irineu Ferreira Pinto. No conjunto dessas obras a conquista da Paraíba é representada como ação de efetivo controle do espaço diante da presença de nações estrangeiras e do feroz gentio potiguara; um ato heróico de controle do espaço e da nação, ideia necessária e já presente no contexto histórico dessa produção historiográfica ligada ao IHGP ou herdeira de sua tradição. O segundo eixo explicativo se produz em uma historiografia mais recente, já atenta ao aspecto cultural desses enfrentamentos. Destaca-se nesses estudos: *Guerras e Açúcares* de Regina Célia Gonçalves, com a consideração das populações indígenas como sujeitos ativos do processo de conquista. Contudo, ao concentrar-se nas relações econômicas da primeira fase da conquista da Paraíba, sobretudo na extração do pau-brasil e na produção de cana-de-açúcar como elementos que propiciaram a formação de uma fronteira cultural, outros sujeitos e elementos acabam por ser sistematicamente omitidos. *O Sumário das Armadas*, relato detalhado das incursões e dos “bastidores” da conquista foi escrito por padres jesuítas, e sua produção encerrada em questões intensamente ligadas a Instituição jesuítica no Brasil; fato que, segundo entendemos, merece grande atenção. Para além deste ponto, as guerras de conquista se deram com homens embrenhados nas matas, metidos em alagadiços naturais e artificiais ou ao relento, rezando pela chegada do dia nas longas noites de chuva e medo; seria esse um aspecto irrelevante de qualquer História? Segundo entendemos, entre os elementos e forças constituintes

dessa realidade, a natureza, tal como se apresentou na realidade da guerra e ao olhar do missionário, ocupou um papel fundamental na representação da realidade e da própria conquista.

PÔSTER

POR UMA HISTÓRIA SOCIOAMBIENTAL: NOVOS OLHARES E NOVAS ABORDAGENS PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Gabriela Barbosa de Souto
Raíssa Barbosa da Costa

RESUMO:

Os problemas ambientais que nos afetam hoje são conseqüências da intervenção direta que o homem faz no meio. Podemos considerar que isso foi devidamente percebido na década de 1960, quando a partir de alguns desastres ambientais, destacando à época a contaminação ocorrida através do mercúrio nos peixes do mar do Japão que matou algumas centenas de pessoas envenenadas, e queda na qualidade de vida deram início a uma mobilização geral sentida tanto no âmbito político quanto social. Percebemos a culminância disso com a Conferência de Estocolmo, onde foi apontada pela primeira vez que uma educação ambiental seria uma estratégia eficaz para o uso consciente e equilibrado do meio. Desde então, muito vem se discutindo acerca dos cuidados com o meio ambiente. Inúmeros encontros a nível internacional aconteceram, mobilizando também a academia, inclusive as ciências sociais ou humanas. Especificamente com a História, prevalecia um estudo onde o ambiente, fosse ele o urbano ou rural, encontrava-se em segundo plano, como se o mesmo não fizesse diferença nos fatos históricos ou sociais. Como bem explicitava Durkheim, a idéia predominante era de que um fato social só pode ser explicado a partir de um fato social, essa posição é criticada pelos historiadores ambientais. A História Ambiental, ou como alguns preferem denominar, Socioambiental, passa a ver o homem como parte da natureza, um indivíduo que sofre influências do seu meio assim como o transforma. Contudo é necessário esclarecer que esta relação da natureza com o homem na visão histórica passa longe das idéias do determinismo geográfico, neste, o meio exerceria uma influência direta no homem, que por sua vez, seria condicionado e determinado pelo primeiro. O que queremos mostrar é que os fatos sociais estão relacionados com o ambiente nos quais ocorrem, deste modo o estudo do ambiente se torna uma

nova fonte de pesquisa para a história já que mostra as relações entre natureza e outros âmbitos seja cultura, sociedade, economia, política, etc. Destarte o estudo da história da humanidade relacionado com o meio em que fora desenvolvida nos possibilita demonstrar como o homem e a natureza se relacionaram no decorrer de séculos, abrindo espaço para o debate acerca dos usos dos recursos naturais possibilitando uma conscientização ambiental nos alunos.



GT 03 – HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA

Rosilene Montenegro
Fabio Ronaldo da Silva
(Coord.)

DESCRIÇÃO

A utilização da metodologia em História Oral para obtenção de fontes para a pesquisa científica e para o ensino de história tem sido cada vez mais freqüente, seja para o registro de memórias, seja para a reconstituição de acontecimentos e experiências, sejam elas individuais, coletivas, ou de instituições. O objetivo do GT – História oral, Memória e Gênero é proporcionar aos pesquisadores que fazem uso dessa metodologia um espaço de discussão interdisciplinar sobre a História Oral como recurso metodológico, suas possibilidades e limites no tocante a reflexão sobre memórias, gênero, identidades e instituições. Nesse sentido, a História Oral é vista como oportunidade de compreender um grupo, a partir de experiências e versões particulares por meio da realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam determinados acontecimentos. Observa-se ainda que a memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo, sendo, muitas vezes, modelada pelos próprios grupos sociais. As atividades das organizações, sejam estas educacionais ou não, e sua inserção na sociedade têm repercussões diversas a partir das experiências e buscam identificar elementos contemporâneos da vida social cotidiana cujos pressupostos constituíram-se segundo uma análise das variáveis sócio-culturais e históricas.

COMUNICAÇÕES ORAIS

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE BIRIGUI

Ms. Lucy Mary Soares Valentim (FATEB)
lucy@fateb.br

RESUMO:

O objetivo deste trabalho de pesquisa é de aproximar os alunos do curso de Pedagogia da História da cidade de Birigui e assim, desenvolverem o prazer em manter na memória a História que faz parte da sua vida e até da vida de seus futuros alunos. Foram estudadas e analisadas questões como o que é pesquisa em história, como ela deve ser realizada, com que objetivo, como deve ser feita a coleta de dados, como estes dados devem ser analisados e divulgados. Assim os alunos da disciplina Metodologia do Ensino da História foram desafiados a pesquisar em livros, documentos, jornais, fotos, registros oficiais e extra-oficiais e também na memória de pessoas consideradas antigas moradoras ou conhecedoras da história da cidade, através de entrevistas, tudo o que fosse possível para que essa história ficasse conhecida. Foram selecionados doze temas: A origem da cidade; Localização geográfica; Economia; Comunicação; Administração; Educação; Cultura; Saúde; Segurança; Esporte; Serviço Social e Igrejas. A turma foi dividida em doze grupos para que cada um aprofundasse sua pesquisa focando no tema escolhido. Os alunos saíram a campo e descobriram como a cidade nasceu, a presença dos índios Coroados, o início do povoamento, as primeiras moradias, as primeiras ruas, o cultivo do café, a chegada os imigrantes estrangeiros, a contribuição da estrada de ferro noroeste, o desenvolvimento do comércio, as primeiras escolas, as primeiras igrejas, o desenvolvimento da cultura, do esporte, a chegada da primeira fábrica de sapatos até a cidade chegar a ser conhecida como a capital nacional do calçado infantil. Após a coleta dos dados, os grupos se reuniram, organizaram e analisaram as informações obtidas. Apresentaram os resultados para a professora em forma de texto, depois de analisados e feitas algumas sugestões, os trabalhos foram apresentados para todos os alunos em forma de seminários. Após esta apresentação os alunos foram desafiados a prepararem um pôster de cada tema para disponibilizar a comunidade birigüense. Os trabalhos ficaram em exposição em escolas e no centro cultural da cidade.

**O OLHAR DO OUTRO E OS OUTROS QUE FALAM. O TESTEMUNHO
ORAL ENTRE A EXPERIÊNCIA VIVIDA E A REPRESENTAÇÃO A
CERCA DA PRESENÇA PROTESTANTE EM ALAGOA NOVA-PB (1980-
2006)**

Msd. Luiz Carlos dos Santos (PPGH/UFCG)

luizcarlo09@hotmail.com

Iordan Queiroz Gomes (PPGH/UFCG)

Dr. Gervácio Batista Aranha (UFCG)

RESUMO:

A História Oral é vista como oportunidade de compreender um grupo, a partir de experiências e versões particulares por meio da realização de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou testemunharam determinados acontecimentos. O interesse desse artigo é fazer um estudo sobre o crescimento do protestantismo em Alagoa Nova-PB, onde procuramos analisar a chegada dessa doutrina religiosa e dar ênfase ao crescimento de 1980 até 2006. Fazendo uso da metodologia em História oral foram realizadas pesquisas através de entrevistas com católicos e protestantes desta cidade para compreender como se deu esse crescimento durante o período proposto pela pesquisa. Com a perspectiva da entrada em cena dessa nova doutrina num ambiente que permaneceu por muito tempo sendo “dominado” pelo catolicismo, sem ter outras doutrinas religiosas com quem disputar os fiéis. Hoje em dia continuando a dominar, só que, tendo de ver mesmo que com um olhar de indiferença o protestantismo disputar os fiéis. Por mais que já existissem até a década de 1980 duas igrejas protestantes, Assembléia de Deus e a Congregacional, elas não incomodavam tanto ao catolicismo pelo fato de atuarem de forma discreta. Mediante essas discussões acerca desse crescimento, procuramos analisar os discursos dos protestantes para justificar o crescimento e os discursos dos católicos para o criticarem. São discursos de pessoas que já convivem com o catolicismo ou com o protestantismo desde crianças e de pessoas que passaram a frequentar o protestantismo durante o período estabelecido para a pesquisa (1980 – 2006). A discussão gira em torno da entrada em cena na perspectiva do olhar do outro (a Igreja católica) a respeito daquele que para ela não se enquadra nos padrões de normalidade e perfeição cristãs. Portanto, esse outro (o protestantismo) que passa a ser perseguido e questionado como a imperfeição e a não verdade no campo religioso, também lança o seu olhar de estranhamento. Sendo assim fizemos uma análise do crescimento a partir dos discursos elaborados

pelos católicos e protestantes a respeito do mesmo, podendo assim confrontar as diferentes informações coletadas remexendo com os discursos elaborados a cerca do crescimento do protestantismo.

**LUIZ BEZERRA DA SILVA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM
ANDARILHO**

Esp. Roberto José Souza e Silva (FABEJA)
robertoebenezer@hotmail.com

Prof. Doutorando Cristiano Cezar Gomes da Silva(FABEJA)
cristianocezar.pe@bol.com.br

RESUMO:

Este trabalho trata de uma breve biografia do Sr. Luiz Bezerra da Silva. Este é um homem simples do campo, que viveu nele e dele, que andou por muitas estradas, mas que talvez jamais tivesse sua história trazida à tona se não houvesse quem lhe desse voz. Todavia, não se trata de uma história popular, de um conto, mas sim de uma história de vida, afinal de contas toda nação, estado, cidade, vilarejo e por que não pessoas, têm uma história, e elas não podem ser compreendidas à parte dela. Mas a quem interessa a história de vida deste homem simples, que não teve sua foto publicada nos jornais por atos famosos que realizou, por condecorações que tenha recebido? Precisamos dar voz a este homem, atos e falas que lhe dizem respeito. Há sempre o perigo em pesquisas que utilizam a metodologia de história oral, de o pesquisador envolver-se demasiadamente com as fontes e iludir-se ou decepcionar-se com elas, perdendo assim, o senso crítico e o foco dos fatos a serem narrados. Entretanto, não é este o papel daquele que se propõe a esta tarefa. Precisamos ser um lembrete, como aponta Peter Burke, e lembrar às pessoas aquilo que não têm recordações ou fazem questão de esquecer, mas isto só é possível quando se distancia o suficiente dos fatos para ter uma visão ampla deles. Em sua fala não percebemos implicações políticas, econômicas e sociais, como fatores que interferissem no seu cotidiano: como se plantava, negociava, e planejava uma viagem que se tornava mais longa para alguém das décadas de 1920 e 1930 do que para algum viajante do século XXI; apesar das distâncias serem as mesmas. Contextualizei sempre que possível os fatos que fizeram com que a sociedade brasileira efervescesse em determinadas épocas com a aparentemente vida pacata do Sr. Luiz Bezerra A narrativa da entrevista oral e os rastros que ela deixa são o

fiio que une este trabalho e que lhe dá uma cronologia no qual privilegiamos aspectos como: a infância, família e trabalho.

A JUREMA E O CATOLICISMO: FORJANDO IDENTIDADES

Luiz Francisco da Silva Junior (PPGH/UFCG)

lfsj-pb@hotmail.com

Dra. Rosilene Dias Montenegro (UFCG)

RESUMO:

Alhandra, município do litoral sul da Paraíba, ganhou a fama de ser um lugar privilegiado da realização do culto da jurema, o qual é um culto de origem indígena, considerando a árvore da jurema como sagrada, que opera curas por meio dos espíritos dos encantados, o culto da jurema seria então, um culto mágico-religioso que tem como objetivo resolver os males do corpo e do espírito, isso por meio dos rituais da jurema sagrada, entre eles a ingestão da bebida jurema. Contudo, desde os anos de 1970, este culto tem perdido espaço na região do município de Alhandra, onde outras identidades religiosas passam a serem traçadas. O culto da jurema começa a ser percebida como uma tradição que não convém manter como uma identidade para os habitantes de Alhandra, que negam este passado. Os alhandrenses já não admitem serem reconhecidos sob os signos da jurema, e tramam suas memórias para construir no presente uma identidade voltada para o cristianismo. A pesquisa que aqui apresentamos é sobre tudo uma problematização das memórias de alguns alhandrenses, pertencentes ao catolicismo, os entrevistados tramam suas memórias sempre buscando negar a identidade de Alhandra ligada ao culto da jurema e buscando construir uma identidade ligada a igreja Católica. A História Oral foi a metodologia que utilizamos para obter as memórias e possibilitar a construção das fontes necessárias para tramar esta narrativa histórica. É uma história do presente que aqui se apresenta para entender como na atualidade se forja uma identidade religiosa para negar outra identidade que passa a ser considerada não mais apropriada, por ser tida como uma prática religiosa errante.

**(RE)CRIANDO ESPAÇOS E REVIRANDO MEMÓRIAS: O TESTEMUNHO
ORAL ENTRE A EXPERIÊNCIA VIVIDA E A (RE)APRESENTAÇÃO DO
PASSADO**

Msd. IORDAN QUEIROZ GOMES (PPGH/UFCG)
iordangomes@yahoo.com.br

Msd. LUIZ CARLOS DOS SANTOS (PPGH/UFCG)
luizcarlo09@hotmail.com

Dr. GERVÁCIO BATISTA ARANHA (UFCG)

RESUMO:

Neste artigo, busca-se examinar a utilização da memória pela história, entendendo-a enquanto fonte história, “representação” do passado, mediada pela recorrência da metodologia da história oral. Neste sentido, entendemos a história, igualmente, enquanto uma representação de uma coisa ausente, a saber, o próprio passado, (re)apresentada na forma de narrativa literária, inelegível no que nos informa em “verdade” as coisas passadas. O objetivo é, pois, traçar nuances compreensivas no sentido de podermos perceber a memória intercedida pela oralidade, na recorrência as entrevistas, a nos possibilitar caminhos específicos de visualização de meandros da vida cotidiana em se tratando de compreensões possíveis do passado. Após pensarmos teoricamente as questões propostas, a saber, as possibilidades de uso da memória, transpostas na forma de testemunhos, relatos de memória, o artigo objetiva ainda pensar essa relação a partir da utilização prática desse tipo de fonte para percebermos as transformações urbanas da cidade de Aroeiras, visualizadas e lidas, por antigos moradores locais a nos fornecer importantes relatos sobre suas experiências de vida diante de tais transformações, experienciadas nos idos da década de 1950. Suas lembranças, (re)memoradas individualmente, podem proficuamente ser pensadas como representações sensíveis de contatos mantidos por estes (reme)moradores com os chamados equipamentos modernos alocados no perímetro urbano da cidade naquele contexto, ganhando, para fins de nossa incursão, credibilidade e confiança, após serem submetidas ao rigor teórico e metodológico, necessários a possibilidade de reconhecer as subjetividades que entrecortam o texto histórico sem perder de vista, contrariamente, a pretensão de se contar em termos verossímeis, “verdades” possíveis, as coisas e acontecimentos passadas.

CIDADE E MEMÓRIA: CONVIVÊNCIA E SIGNIFICADOS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE MIGRAÇÃO E ASSENTAMENTOS URBANOS EM CASCAVEL

Msd. Maicon Mariano (UDESC)
maicon.mariano@yahoo.com.br

RESUMO:

Em meados da segunda metade do século XX, a cidade de Cascavel, bem como a região oeste do Paraná/BR, vem sendo uma área de atração populacional, provocada, também, pela geração de postos de trabalho nos setores industriais e comerciais. Os fluxos migratórios e o desenvolvimento urbano na cidade de Cascavel ocorre em medidas coplanares nas últimas décadas proporcionando para a cidade a essência da constituição de seus espaços. Entendo que Cascavel, como outras cidades no interior do Brasil, independente da fundação, correspondem ao perfil político e cultural construído durante o regime militar brasileiro, do qual permanece fortes traços. Em meio às práticas dominantes de organizar e manter suas memórias há evidência de memórias múltiplas de pessoas comuns que manifestam suas reivindicações num espaço permeado pela luta cotidiana no fazer-se da e na cidade. Este processo histórico está como base da pesquisa em andamento no programa de pós-graduação em História na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Como metodologia para pesquisa a História Oral é pensada como oportunidade de compreender e debater com os grupos sociais as múltiplas experiências que influenciam as práticas sociais e culturais vividas no tempo e no espaço em Cascavel. Há também uma perspectiva em apreender como o urbanismo, enquanto discurso difundido, se manifesta nas prática cotidiana experimentadas por moradores de conjuntos habitacionais construídos entre as décadas de 1980 à 2000, período que Cascavel passou por um período de transformação implicando em novas relações praticadas nos entre lugares. A escolha por relacionar os espaços da cidade e dos bairros não configura apenas demarcações espaciais, expressam tramas específicas na vida cidadina, no modo como espelham particularidades daqueles que o ocupam. Íntimas relações entre os objetos, o espaço público e privado influenciam na identificação dos sujeitos, nos comportamentos que se modificam ao chegar em casa, ao caminhar pelo bairro e sair para a cidade. Neles existem linguagens e sinais característicos que contribuem para interpretar a leitura sobre a cidade num âmbito maior, como podemos perceber no cotidiano.

O GINÁSIO PERNAMBUCANO DOS ANOS 80: DO ACESSO AO IMAGINÁRIO OTIMISTA QUANTO AOS PODERES DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Ms. Luciana Justino de Almeida Silva de Santana (UFPE)
lucianajdealmeida@gmail.com

RESUMO:

O presente estudo discute a partir de relatos de memória de egressos(as) do Ginásio Pernambucano e de ex-professores(as) a democratização do acesso a uma instituição considerada durante muitos anos um exemplo de excelência no que se refere ao ensino público de qualidade em Pernambuco. Para isso, a pesquisa procura resgatar o imaginário acerca dos limites e possibilidades da escola pública dos anos 80, objetivando verificar a partir do processo de escolarização vivido por esses alunos(as) o que o acesso a essa instituição possibilitou em suas vidas de acordo com os ideais presentes no processo de universalização dos sistemas de ensino. Procura ainda, identificar elementos que comprovem a mística de uma escola distintiva no momento em que se tornou acessível as classes populares, tendo em vista que ao final dos anos 70 e início da década de 80 esta carregava os últimos suspiros de excelência no que se refere aos distintivos sociais e a mística de um espaço imperial. No que refere a proposta metodológica realizamos um levantamento bibliográfico acerca da história da educação no Brasil, mais precisamente sobre os elementos que contribuíram para o processo de universalização dos sistemas de ensino. Paralelamente a esse processo, fizemos um estudo acerca do contexto histórico do Ginásio Pernambucano, que serviu como suporte para a análise de alguns dados coletados até o momento. Para coletar os dados da pesquisa, escolhemos a entrevista semi-estruturada por representar um instrumento básico para a coleta de informações e esperamos que através dela os sujeitos possam expressar com mais clareza os seus pensamentos e reflexões sobre o tema apresentado. Tais reflexões serão analisadas a partir dos relatos de memória de indivíduos que vivenciaram durante uma etapa de suas vidas um processo de escolarização. Com isso, esperamos resgatar através da História Oral as fontes que servirão de base para a pesquisa e para análise de dados construídos através do registro de memórias, que foram vivenciadas por esses ex-professores(as) e egressos(as) do Ginásio Pernambucano. Até o momento realizamos algumas entrevistas e esperamos reunir através dessas memórias elementos que assegurem esse imaginário otimista em relação aos poderes de uma instituição escolar.

NAS TRILHAS DA COMUNIDADE GRILO: A HISTÓRIA ORAL E O ENCONTRO COM UMA EX-ESCRAVA CHAMADA BERNADINA

Elane Cristina do Amara (PPGH/UFCG)
Dra. Rosilene Dias Montenegro (UFCG)

Este trabalho é fruto da nossa pesquisa na comunidade Grilo, em Riachão do Bacamarte - PB objeto do projeto de dissertação para o curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Através da metodologia com a história oral, entrevistamos alguns idosos e a partir daí procuramos refletir sobre os relatos de ex-escravos, sujeitos estes que no passado percorreram a comunidade, pesquisamos um pouco do cotidiano desses sujeitos, procurando perceber seu lugar antes e depois da escravidão. Assim, ao que tange a este artigo em específico, analisamos os relatos orais colhidos em especial sobre uma ex-escrava chamada Bernadina. Lançamos mão de alguns autores como Michel de Certeau, Ecléa Bosi e Verena Alberti. Todavia ressaltamos que nossa pesquisa ainda se encontra em andamento, mas acreditamos que a mesma já trás contribuições para meio acadêmico.

O ROCK GOSPEL EM CAMPINA GRANDE

Ms. Daniel Ely Silva Barbosa (UFCG)
historial211@yahoo.com.br

RESUMO:

A partir das décadas de 1980 e 90 muitas igrejas evangélicas brasileiras passam a contar com os denominados “momentos de louvor”, conduzidos pelos “grupos de louvor”, que adotam inúmeros ritmos musicais e instrumentos a exemplo da guitarra, do contrabaixo, do teclado, da bateria, etc. Práticas que também passam a ser adotadas pelas igrejas evangélicas da cidade de Campina Grande – ao longo das décadas de 1980 e 90. E dentre os vários estilos musicais que passam a fazer parte da cena musical evangélica a exemplo do pop, do reggae, do dance, etc. Mas, apesar destes novos estilos não serem muito bem aceitos por alguns fiéis pudemos identificar que no momento de nomear um estilo que seria impróprio para ser utilizado na igreja o rock era sempre lembrado, de modo que, vários discursos são construídos, tanto por fiéis que não concordam com a utilização do mesmo, quanto por parte dos fiéis que consideravam o estilo apropriado para os momentos de

louvor. Assim, consideramos oportuno avaliar os discursos: médico, psicológico, psiquiátrico, teológico, et al que são construído acerca da música pop, e especificamente do rock ao longo do século XX. Atentos, sobretudo para as opiniões dos que estavam receosos com os desdobramentos do que tal cultura musical causou e no que ela poderia provocar na sociedade ocidental, especialmente na juventude. Considerando o contexto cultural e as imagens construídas e disseminadas pela mídia nas décadas de 1950 e 60, que delineavam o rock enquanto um estilo que surge para se contrapor aos seus valores culturais, pregando uma nova sonoridade, novos costumes e novos valores. E também o fato de que da mesma forma que a sociedade estadunidense de um modo geral, muitos grupos evangélicos se preocuparam com o comportamento dos que aderiam ao rock. Neste sentido analisamos discursos e práticas utilizando-nos de livros, artigos de um modo geral, entrevistas, etc., para percebemos de que forma os praticantes que se posicionaram favoravelmente ou contrariamente ao estilo. E aqui destacamos o uso da metodologia da “história oral” como uma fonte para estudarmos o rock gospel na cidade de Campina Grande.

O USO DA HISTÓRIA ORAL EM PESQUISAS SOBRE O ENVELHECIMENTO: ANÁLISES E RESULTADOS

Msd. Fernanda Pinto (UEPB)
donnafernanda@hotmail.com
Dr. Alancon Agra do Ó (UFPG)
alarconagra@oi.com.br

RESUMO:

O crescente aumento da população idosa no mundo tem vários motivadores que ultrapassam a simplificação da diminuição na taxa de mortalidade nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Esse fenômeno tem despertado a comunidade científica que também reflete essas mudanças no aumento da produção acerca das motivações e conseqüências dessa nova realidade global e consecutivamente brasileira. A partir da análise da revolução demográfica que tem ocorrido no Brasil e no mundo nos últimos anos, da consequente criação de leis protecionistas para esse “novo” componente da sociedade brasileira e do advento de instituições de asilamento só para idosos, esse artigo mostra como o uso da História Oral - através de depoimentos e entrevistas -, em pesquisas sobre o envelhecimento e a velhice humana na cidade de Campina Grande- PB (com

ênfase nas histórias de vida) podem favorecer a construção de um trabalho acadêmico. As explicações oferecidas por modelos teóricos globalizantes, tendentes a totalidade, onde se buscava a verdade já não mais sacia a vontade de compreensão dos pesquisadores e dos atores sociais, pois a incapacidade de interpretar novos agentes históricos são agora questionados. É preciso adotar uma história problematizadora do social, que se preocupe também (não apenas) com os anônimos, em seus modos de viver, pensar, sentir. Por isso escolhemos fazer uma história a partir do micro para se entender o macro, analisando os desejos, medos e anseios de pessoas simples e comuns, utilizando para isso a metodologia da História Oral, que nos forneceu a aproximação necessária com os atores que nos concederam as fontes para pesquisa e composição do trabalho monográfico de fim de curso no Bacharelado em História.

A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES NOS ASSENTAMENTOS RURAIS

JOSÉ CARLOS ANTUNES DE MELO (UEPB)
jymsossego@hotmail.com
Dra. ROSILENE DIAS MONTENEGRO (UFCG)
rosilenedm@hotmail.com

RESUMO:

O município de Sossego/PB, localizado na Mesorregião do Agreste paraibano – Microrregião do Curimataú Ocidental – distante 230 km de João Pessoa, conta com quatro assentamentos rurais, instalados no período de 1998 a 2004, espaço onde residem cerca de mil pessoas, aproximadamente 30% da população total do município. A implantação destes assentamentos possibilitou às condições objetivas que deram base a um processo de significativas mudanças no município, sobretudo do ponto de vista das relações sociais, haja vista que cada família assentada passou a construir nova identidade, a de produtor rural. Esta condição está referendada por uma série de conquistas que passaram a ser incorporadas ao seu dia-a-dia e que contribuíram para forjá-la e legitimá-la. Estas unidades introduziram nova dinâmica nas relações sociais, econômicas, políticas e espaciais dentro do município de Sossego, estabelecendo novos níveis de relacionamento da cidade com o espaço rural. A posse da terra estabelece modificações na vida das famílias beneficiadas que passam para a condição de donos de seu pedaço de terra, fato que, por si só, caracteriza-se como um evento de mais alta importância social, visto que representa a ruptura do modelo de relação social historicamente constituído, cuja base estava na exploração da mão-de-obra das famílias de trabalhadores rurais

pelos grandes latifundiários. O novo cenário aparece quando estas famílias alcançam o acesso a terra, podendo dialogar com os latifundiários e com os poderes públicos na condição de proprietários de seus próprios meios de produção, ou seja, na condição de produtores rurais. Esta condição reveste o assentado de uma nova e importante identidade: a de agricultor, de produtor rural. O assentamento, portanto, se constitui como espaço de ruptura com relação a situação anterior e aparece, neste novo momento, como resultado do debate e de relações de poder travados no município. Neste sentido, é necessário conhecer os impactos que estes assentamentos rurais provocaram no município de Sossego e em seu entorno e esta é a proposta sobre a qual se pauta este trabalho.

HISTÓRIA ORAL E TRADIÇÃO: ORIXÁS, FILHOS, VOCALIDADE E CORPO

Ms. Rafael Jose de Melo (UEPB)
rajomel@gmail.com

RESUMO:

A História Oral e a tradição dos conhecimentos e das práticas religiosas que constituem os cultos afro brasileiros podem mostrar como a voz se espacializa e adquire características próprias em cada ambiente que a tenha como fundamental na reconstrução das realidades sócio-culturais e subjetivas dos indivíduos. Nos terreiros, a vivência, a experiência empírica e a oralidade são os principais agentes mantenedores da vocalidade e da performance no tempo e no espaço. Assim, procura-se nesse artigo refletir sobre a história da transmissão oral dos conhecimentos e práticas religiosas de dois pais e de duas mães de santo de Campina Grande – PB, a partir da narração que eles fazem de si próprios quando foram “tocados” pelo Orixá. Por esta perspectiva, tem-se que o novo e o inédito do não-dito subjazem nas palavras, que são originadas na linguagem oral, e são captados, sobretudo, nas sutilezas da narrativização. Se são na narração, no falar ou no contar histórias que as experiências pessoais e coletivas são reveladas, então é na expressão do oral que os indivíduos registram suas marcas do vivido: crenças, relações familiares e de amizades, gostos e cultura, dentre outros. Na narração, o indivíduo ressignifica suas experiências, compartilhando-as com aquele que o escuta. Reconfigura e (re)inventa o que lhe foi transmitido oralmente, acrescido de conhecimentos práticos e criações próprias. Análises preliminares apontam que: a) são a voz, o corpo e a performance que mantém os costumes, os princípios e os

fundamentos da tradição discursiva dos Orixás e demais espíritos da Jurema, vivos e (re)atualizados na história de suas existências. Uma “obra viva” que encontra força e suporte no rigor da transmissão oral, visual e fazeres repetidos e exercitados, b) na cultura oral dos terreiros, a performance se faz presente como uma “ação oral-auditiva complexa”, envolvendo a história do sagrado afro-brasileiro, c) todo o simbólico e a magia que engloba os Orixás e os espíritos da Jurema ganham forma e força através da palavra e do corpo dos médiuns, d) as vozes histórico-culturais entrecruzadas do sagrado com os sujeitos, os filhos, ou filhas, de santos, teatralizam o corpo destes no espaço e no tempo pela performance e e) nessa cultura de tradição vocal, os conhecimentos são verbalizados e atualizados, a partir das histórias de vida de cada indivíduo e das referências e proximidades ao cotidiano da vida humana.

MEMÓRIAS DO SEGURO: RELATOS SOBRE EXCLUSÃO INTERNA NA PENITENCIÁRIA REGIONAL DO “SERROTÃO”

Helmano de Andrade Ramos (UEPB)
Rosilene Dias Montenegro (UFCG)

RESUMO:

O artigo parte da descrição das estruturas arquitetônicas que compõem a parte segura da Penitenciária Regional Agrícola do “Serrotão” em Campina Grande-PB, por entre; a entrada, os corpos da guarda; da polícia e dos agentes, a chácara, a enfermaria, os pavilhões; do reconhecimento, do isolado e dos albergados, a igreja, as celas funcionais, a panificadora, a direção e a cozinha dos detentos para observar sob confluência entre a História Oral e a Descrição Densa às memórias, sobre os mais diversos aspectos cotidianos, que insere cada indivíduo deste regime em uma identidade excluída da maioria dos detentos delimitando uma fronteira cultural que os identificam aos mal vistos. Por meio de um trabalho que acaba fazendo com que tais apenados insiram-nos em seu espaço funcional em favor da direção da citada instituição prisional e que além disso deixa rastros para supor que entre estes existe um elo vincular maior mesmo que a relação trabalhista, aproximando-se mais definitivamente da idéia circuitos em que os choques condenam alguns a uma “vida especial”, diante do perigo do seguro.

VOZES DOCENTES: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E VIDA PESSOAL APÓS A GRADUAÇÃO DE HISTÓRIA NO INTERIOR SERGIPANO

Dr. Paulo Heimar Souto (UFS)
heimar@ufs.br

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivo apresentar alguns dos desdobramentos ocorridos nas práticas pedagógicas e na vida pessoal de professores egressos do curso de licenciatura em História, realizado no Projeto de Qualificação Docente (PQD), implementado em 1998 pela Universidade Federal de Sergipe, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, no Pólo Regional de Propriá. A utilização da metodologia da história oral teve importância significativa para a construção desta pesquisa por entendermos que este caminho metodológico nos possibilita dar voz àqueles que normalmente não a tem, ou seja, foram silenciados pela historiografia tradicional (GOODSON, 1995; JOUTARD, 2000; MEIHY, 2002; THOMSON, 2000). A ideia de assegurar que a voz dos docentes, seja ouvida, e compreendida, e que através destes depoimentos possam ser reveladas outras realidades ainda não investigadas, foi o principal fator que impulsionou a tentativa de reconstituir a leitura desse novo mundo, ou seja, do sujeito que atua no ensino de História no interior sergipano, fruto da formação do PQD da UFS. Através de relatos de história oral foram colhidos depoimentos de oito professores habilitados em História, egressos do PQD. Sempre à luz das narrativas dos docentes, foram apontados aspectos na vida pessoal relacionados ao PQD; as inovações das práticas pedagógicas desses sujeitos; suas novas propostas metodológicas; situações de aprendizagens e alguns novos anseios frente ao desafio da formação superior. Segundo as narrativas, a conclusão do curso de História proporcionou mudanças significativas em suas práticas pedagógicas e pessoais. No geral, antes da realização da graduação, os paradigmas pedagógicos dos professores entrevistados eram caracterizados pela valorização do ensino humanístico e da cultura geral, tendo a proposta metodológica marcas dos pressupostos da tendência tradicional. Concernente à vida pessoal, novos valores e concepções passaram a fazer parte dos seus cotidianos. Após a conclusão do curso superior, a organização do trabalho docente sofreu várias mudanças em face aos novos saberes adquiridos na academia, sobretudo na perspectiva de possibilitar aos alunos a construção de conhecimentos com maior grau de criticidade e consciência social. Para tal, as práticas docentes desses professores passaram a ter novos

pressupostos teórico-metodológicos utilizados no cotidiano de suas ações pedagógicas, apesar das múltiplas limitações encontradas na instituição escolar.

FONTE ORAL E A FORMAÇÃO DO GRADUANDO EM HISTÓRIA

Ms.Ivaneide Barbosa Ulisses (UECE/FAFIDAM)
ivaulisses@yahoo.com.br

RESUMO:

Para este encontro traremos uma das nossas primeiras experiências enquanto docente do curso de História da FAFIDAM, um centro da Universidade Estadual do Ceará, localizado na cidade de Limoeiro do Norte. Tal experiência buscou (busca) aliar dois objetivos, primeiro a determinação de trabalhar em sala com o acervo patrimonial, histórico e natural da região a qual são oriundos os alunos da referida faculdade, e ao mesmo tempo, atender a prerrogativa que o manuseio da fonte primária é elemento primordial na formação dos graduandos em história. A fonte oral tem sido a nossa escolha primeira e assim estamos a construir um acervo de entrevistas com diferentes pessoas relacionadas a diferentes temáticas. Tais entrevistas têm sido coletadas tanto a partir de proposta ligadas as disciplinas como diretamente inseridas nas produções monográficas dos discentes. Para o momento traremos um exercício de coleta, análise e sistematização realizada com o Sr. José, dono da mais antiga tipografia da cidade de Limoeiro (sede da faculdade) que funciona no centro da Cidade. Com tal exercício já podemos perceber que a problemática do relato de vida de um sujeito histórico pode colaborar no conhecimento acerca das comunidades locais, assim como no treinamento teórico-metodológico dos graduandos. Pois com a riqueza da história de vida do Sr. José em relação à atividade em tipografia/gráfica, deslumbrou-se um conhecimento acerca de nomes de tipografias, donos, funcionários, datas que remetem a segunda metade do século XX na região do Vale do Jaguaribe (composta além de Limoeiro mais oito municípios). Sr. José além de nomes e datas trouxe-nos situações as quais cabem aos pesquisadores associarem com situações locais e gerais, nos possibilitando um mosaico da situação em diferentes décadas do trabalho em tipografias e gráficas na região, além de discussões teóricas em torno de relações da ciência histórica com temas como, a “biografia”, a “autobiografia”, o “micro e o macro”... Perguntas célebres nos vêm no decorrer das reflexões: “como estabelecer relações do indivíduo com a sociedade?” Como fugir da determinação do meio narrando à vida do outro com um início, meio e fim tão coerente quanto irreal?

Nosso trabalho com as entrevistas ocorre dentro dos ditames da História oral, entendida enquanto metodologia de pesquisa – técnica -, mas igualmente objeto de pesquisa, portanto permeiam questões como, pesquisador, mediador e entrevistados; entrevistas e performance; transposição do texto oral para o escrito; formação do acervo; construção das problemáticas na produção historiográfica.

CONTADORES DE HISTÓRIAS DO “VAI QUEM QUER”: NOS CAMINHOS DA HISTÓRIA ORAL

Carlos Magno de Souza (UFRN)
carlos.magno@yahoo.com.br

Dr. Henrique Alonso de A. R. Pereira (UFRN)
henriquealonso@yahoo.com

RESUMO:

O objetivo dessa comunicação é a de discutir a partir das ferramentas metodológicas da História Oral, de que maneira, formas e estratégias os contadores de histórias da comunidade do “Vai Quem Quer” se relacionam com o espaço que habitam. Esta proposta de trabalho se constitui num (projeto de mestrado) que é examinar as suas narrativas, tendo como centro o “espaço que habitam”, para pensar como os contadores de histórias (re) inventam o espaço por eles experienciado e constroem uma memória e uma identidade. Tendo em vista que o cenário dos debates desse GT segue na direção de proporcionar aos pesquisadores um espaço de discussão, na qual a História Oral torna possível uma maior compreensão de como os atores sociais, por intermédio da memória, representam o passado.

MONTANDO MOSAICOS: UM MERGULHO DOS 30 ANOS DO CURSO DE HISTÓRIA CH/UFCG

Fabrina Michely Franklin de Almeida (UFCG)
fabrinacg@hotmail.com
Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento (UFCG)

RESUMO:

Nesta pesquisa pretendemos refletir sobre a Historicidade do Curso de Graduação em História do CH/UFCG, destacando as narrativas que circularam, ganharam projeção e construíram lastros diversos para docentes, discente e funcionários nos últimos 30 anos. A partir de contatos realizados no âmbito da confecção do documentário “Narrar histórias construir memórias; os 30 anos do curso de História da UFCG” tivemos acesso a relatos orais, fontes documentais; tais como artigos, dossiês, atas de reuniões e fotográficas de antigos professores, servidores e alunos, muitos destes últimos reingressaram no Curso como docentes. Procuramos mapear diferentes elementos que contribuíram para a formação do curso de Licenciatura e Bacharelado em História no antigo campus II da universidade Federal da Paraíba, as construções e reconstruções, os momentos de embate metodológicos e os conflitos teóricos dentro do curso, observando as lembranças e os silêncios latentes em uma história dentro da história. Para tanto aproximamos de um aporte teórico ligado a história oral, das experiências e da construção de memória, uma vez que toda memória é, pois um corte do ponto vista do indivíduo no acontecimento histórico. Metodologicamente embasados nos pressupostos pensados por Michel de Certeau acerca das práticas cotidianas, as histórias concebidas e vívidas serão analisadas a partir de um lugar social, buscando perceber suas sutilezas, estratégias, táticas e operações do fazer e do saber. A partir do recorte temporal entre a fundação do Curso em 1980 e a confecção do documentário em 2010, especialmente localizado na Universidade de Campina Grande antigo campus II da UFPB, pretendemos problematizar as Histórias narradas sobre o curso de História na sua historicidade, destacando os discursos que emergiram nesse período e que (re) modelaram a figura do docente formado na universidade, analisando as experiências na busca de montar e desmontar as memórias sobre os 30 anos do curso de História.

**AS RELAÇÕES ENTRE AUTORES DE LIVROS DIDÁTICOS E
EDITORAS: O CASO DE SERGIPE E DO MANUAL SERGIPE NOSSA
HISTÓRIA**

Msd. Kleber Luiz Gavião Machado de Souza (NPGED/UFS)

kleberluiz.ufs@gmail.com

Kléber Rodrigues Santos (NPGED/UFS)

kleberrasantos2004@hotmail.com

Diogo Francisco Cruz Monteiro (NPGED/UFS)

dgofranc@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho se baseia em entrevistas com autores de livros didáticos de História de Sergipe reunidas no site Memorial do livro didático, entre outubro de 2008 e abril de 2010. Além da catalogação dos manuais encontrados nos arquivos e bibliotecas públicas e privadas de Sergipe, O Memorial do livro didático também tinha a intenção de reunir áudios e transcrições de depoimentos extraídos de entrevistas com alguns dos personagens que estiveram envolvidos nas experiências relacionadas à trajetória dos manuais didáticos no Estado de Sergipe, entre eles, alunos, professores, livreiros, gestores dos órgãos oficiais do sistema educacional, autores e editores, entre outros. A partir de dois desses depoimentos, o de Marcos Vinícius Melo dos Anjos e Antonio Wanderley de Melo Corrêa, autores do livro Sergipe Nossa História, pretendemos compreender a relação entre autores de livros didáticos e editoras em Sergipe. O manual Sergipe Nossa História é um projeto de autoria de Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinicius Melo dos Anjos e Luiz Fernando de Melo Corrêa que está em sua 4ª impressão e continua sendo divulgado e distribuído pelos próprios autores nas escolas públicas e particulares. A obra se insere no esforço por democratizar os conteúdos políticos, econômicos, sociais, culturais e históricos sobre Sergipe, despertando, a partir da infância, o sentido de cidadania e do amor à nossa terra. Neste artigo, buscamos entender o percurso desses autores na publicação de uma de suas obras, mostrando a sua relação com as editoras. Esperamos poder contribuir para estabelecer um perfil da produção de livros didáticos em Sergipe, oferecendo a educadores e historiadores um panorama da escrita da História realizada sob esse gênero.

**COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES: O PAPEL DA NORMALISTA
NA SOCIEDADE CATOLEENSE (1970-1990)**

Msd. Maria Cleide Soares de Sousa (UFPB)
mariaacleidesoares@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo discutir a proposta de pesquisa de reconstrução do processo histórico da normalista do Colégio Normal Francisca Mendes no período de 1970 a 1990, da cidade de Catolé do Rocha na Paraíba, analisando sua representatividade social, enfatizando a questão de gênero nesta profissão de atuação predominantemente feminina. A pesquisa centra-se na possibilidade de discutir o papel da Normalista na sociedade de Catolé de Rocha, partindo da busca de conhecer os motivos que as conduzem a escolha dessa profissão, considerando a relação existente no processo de conservação e mudança ao longo do tempo, bem como, a relevância social dada à normalista no referido contexto. Para tanto, optaremos para realização da pesquisa por uma revisão bibliográfica que aprofunde a temática abordada, além de fazer uso da história oral recorrendo a sujeitos que fizeram parte do processo de formação no recorte histórico contemplado na pesquisa, analisando os discursos. Este estudo se torna relevante em decorrência da necessidade de pesquisar a questão de gênero na formação docente em seus mais variados aspectos detectando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no decorrer de sua história, a fim de que esse estudo possa proporcionar a reflexão do arcabouço social, cultural e histórico desse período. A viabilidade da pesquisa será permitida pela minha vivência como aluna e professora da referida instituição, o que poderá garantir o livre acesso as fontes documentais e, aos sujeitos envolvidos na pesquisa, além da vasta literatura condizente com o tema abordado, o que irá contribuir com subsídios teóricos. Assim o movimento historiográfico recente valoriza as produções no nível local e regional, possibilitando ao historiador (a) lidar com as diferenças, impasses e multiplicidades, dando-nos a idéia de que a História é também feita com a participação de sujeitos sociais e estes não foram apenas figurantes no seu tempo, mas sim atores que empreenderam um fazer histórico.

**MEMÓRIA, BIOGRAFIA (HISTÓRIA DE VIDA) E FOTOGRAFIA:
TECENDO LAÇOS PARA RECONSTRUIR A TRAJETÓRIA DE SUJEITOS
COM EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DE LEITURA**

Maria do Socorro Moura Montenegro (PROLING/UFPB)
msmnnger@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho tem o objetivo inicial de apresentar algumas reflexões voltadas para a memória, a biografia e a fotografia que estarão imbricadas na pesquisa, uma vez que o objetivo do trabalho de tese é buscar reconstruir as práticas de leitura de uma mulher, professora e aposentada e um homem e poeta cordelista, ambos com experiências culturais de leitura. Vale ressaltar a dimensão da responsabilidade do pesquisador no momento de transpor para as páginas escritas as vidas remanejadas, através de seus rascunhos, pois parte-se do princípio de que quando se é partícipe e cúmplice: vidas são entrelaçadas, ao nos apropriarmos da reconstrução das práticas de leituras desses sujeitos. Neste sentido, considera-se também que as memórias individuais e coletivas irão se constituindo, a partir do momento em que a reconstrução dessas práticas de leitura seja posta em evidência, através das condições de produção da leitura da década de 60 e 70 dos lembradores. Portanto, a priori, utilizaremos, entre outras, como categorias de análise os modos de ler baseado nos suportes textuais e nas estratégias de leitura, de modo que se vá (analisando, reescrevendo e reconstituindo) essas práticas de leitura. Dessa forma, o pesquisador poderá ir consolidando o seu pacto autobiográfico, ao trazer, consciente e/ou inconsciente, à tona, também, as suas lembranças, os seus sonhos, os seus desejos e as suas fantasias. Para isso, buscamos nos apoiar em estudiosos como BOSI (2009); BOSI (2004); BARTHES, (2004); BORGES (2010); CHARTIER (2009); LACERDA (2003); LE GOFF (2005); LEJEUNE (2008); RICOUER (2010).

“2000 NORDESTES”: NORDESTE DE CULTURAS HÍBRIDAS

Túlio Augusto Paz e Albuquerque (UEPB)

tulioaugustopaz@hotmail.com

Dra Rosilene Dias Montenegro (UFCG)

rosilenedm@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo analisar os discursos sobre a região Nordeste e nordestinos presente no documentário fílmico 2000 Nordestes dos cineastas Vicente Amorim e David França. Para a realização dessa análise tomaremos como referências os estudos do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr, principalmente seu livro A Invenção do Nordeste, e sua contribuição para a problematização das construções imagético-discursivas sobre o Nordeste brasileiro. Também tomamos como referência os estudos do sociólogo argentino Nestor Garcia Canclini, particularmente seu livro Culturas Híbridas, que contribui com a reflexão sobre o conceito de hibridação cultural presente em algumas sociedades contemporâneas. Objetivamos refletir sobre as culturas híbridas que o documentário 2000 Nordestes nos apresenta e como essas culturas híbridas podem ser percebidas nas relações culturais, especialmente, na construção de identidades. Partimos da premissa de que o Nordeste está nos filmes monológicos, mas o Nordeste não se limita apenas a um discurso, que é um estereótipo, mas por outros discursos, outras imagens de Nordeste, com discursos positivos e negativos, apresentando um Nordeste mais democrático, mais plural, intercultural, mestiço, de “Culturas Híbridas”.

**DE NORMALISTAS A PROFESSORAS: UM ESTUDO SOBRE
TRAJETÓRIAS FEMININAS EM FEIRA DE SANTANA 1950/60**

Msd. Mayra Paniago Spinola Cardoso (UEFS)
mayrapaniago@bol.com.br

Dra. Ione Celeste de Sousa (UEFS)
ionecjs@gmail.com

RESUMO:

A presente pesquisa trata da análise das trajetórias de formação e profissionalização de professoras egressas da antiga Escola Normal de Feira de Santana. A pesquisa se apóia na metodologia de história oral para estudar o ‘tornar-se’ professora e compreender o processo de construção do espaço de trabalho profissional dessas mulheres. O estudo possui uma perspectiva de análise de gênero inserida nos campos da História das Mulheres, História Social do Trabalho e da História da Educação.

**PARQUE DA CRIANÇA: USOS DO ESPAÇO, CAMPINA GRANDE 1993-
2010**

Msd. Jean François De Figueiredo Sirino (UEPB)
jamagistrado@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente trabalho tem como tema pensar a questão dos usos do espaço do Parque da Criança, localizado na cidade de Campina Grande/PB, por seus vários sujeitos. Enfatizando como se deu seu surgimento; os interesses envolvidos em sua construção; como esse novo espaço foi recebido no cenário da cidade de Campina Grande e quais os sujeitos que dele fazem usos. Para tanto, enveredamos por uma caminhada que predispõem um diálogo interdisciplinar que nos possibilitou desenvolver uma pesquisa que traz a luz os usos e as práticas cotidianas dos vários sujeitos sociais que frequentam o Parque da Criança e ou que dele fazem uso. Nesse sentido, o uso da História Oral foi utilizado como recurso metodológico primordial, nos possibilitando acessar memórias, práticas cotidianas e pontos de vistas distintos. Logo, nosso caminhar é acompanhado o tempo todo por uma

realidade que é construída diariamente segundo as técnicas e astúcias do sujeito comum no espaço das cidades.

O USO DE ARQUIVOS PESSOAIS COMO FONTE METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Ms.Fernanda Karoline Martins Lira Alves (IFPB)
Fernanda_karoline@hotmail.com
Ms. Paula Rejane Fernandes (UEPB)
paulafdes@yahoo.com.br

RESUMO:

O ensino de História tem enfrentado novos desafios na atualidade. Um deles é renovar-se, acompanhando o desenvolvimento dos estudos históricos nas universidades, apresentando e relacionando novos temas e fontes de pesquisa que podem e devem ser incorporados como parte do olhar sobre o ensino de História que visa ampliar a visão de mundo dos alunos. Isto se deve, sobretudo, porque o professor de História encontra-se, muitas vezes, em dificuldade de promover uma identificação dos alunos com o conteúdo estudado, visto que nem sempre os alunos se sentem participantes daquilo que estudam e nem tampouco do processo de produção do conhecimento, fazendo com que muitos se questionem sobre a utilidade do saber histórico em seu cotidiano, desconfiando da real serventia desse conhecimento para sua vida cotidiana. Um meio de minimizar esse distanciamento está em organizar o ensino a partir da vivência do aluno, ou seja, a história de sua comunidade, de seu bairro, de sua cidade. História muitas vezes contada e recontada tendo como referência as memórias de moradores antigos do lugar, moradores que buscam arquivar suas memórias em fotografias, diários, recortes de jornais, revistas, cartões-postais, etc. Para refletir sobre essas questões apresentamos nessa comunicação algumas considerações sobre o uso de arquivos pessoais e outras fontes que podem ser deslocados e transformados em documentos de pesquisa e recurso didático para o ensino de história. Utilizando os arquivos pessoais, as memórias locais, o educador montaria uma estratégia de ensino partindo de uma temática, esta seria abordada primeiramente a partir do local e depois relacionada à história tida como geral. Ao usar os arquivos pessoais em sala de aula, para o estudo da História professor e aluno produziram o conhecimento juntos ao invés de ocorrer apenas à reprodução do mesmo. Contribuindo assim,

para o processo de construção da identidade dos alunos e reflexão do papel dos diversos sujeitos na construção da História.

HISTÓRIA ORAL E AS TÉCNICAS DE TRAJETÓRIAS DE VIDA E DE HISTÓRIA DE VIDA

Hosana Suelen Justino Rodrigues (UFPB)
suelenhosana@gmail.com

RESUMO:

História oral é um procedimento de recolhimento de narrativas através do contato direto, por meios de gravações eletrônicas em fitas, fotos ou vídeo. Destinada a recolher testemunhos e depoimentos, que este serão transcritos mediante a existência de um projeto, com o objetivo da produção de documentos. Que serão utilizados em estudos culturais e de identidade permitindo a análise da sociedade. Como método interdisciplinar ela é bastante utilizada para o estudo do tempo presente e com relação ao passado recente. Os documentos que serão resultados da transcrição das entrevistas possuem uma riquíssima interpretação. Existem autores que afirmam que não se devem interpretar as falas dos agentes e sim deixar que elas falem por si próprias. A memória é bastante utilizada dentro dos estudos de História oral, através deste método, ultrapassamos os procedimentos de uma entrevista, ganhando na riqueza de detalhes e profundidade dos fatos. No interagir do pesquisador com aquele que conta a sua história deve existir um olhar treinado do pesquisador a fim de captar os detalhes que estão nas entrelinhas do olhar, dos gestos, dos silêncios, das posturas, nas dissimulações para evitar uma verdade. Tudo isto deve ser percebido com um olhar treinado do pesquisador.

FONTES ORAIS: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS NA TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Ms.Andrea Carla Rodrigues Theotonio (UFCG)
dealuis@hotmail.com

RESUMO:

As fontes orais constituem um instrumento para o ofício do historiador em especial quando este se debruça sobre a história do cotidiano. O desenrolar da pesquisa que utiliza as fontes orais exige um olhar atento para as particularidades da

metodologia da história oral. No entanto essas exigências desde que respeitadas, colaboram para aprimorar os caminhos da pesquisa e do ofício do historiador. Esta comunicação propõe reflexões acerca do uso da metodologia da história oral baseadas na experiência da pesquisa desenvolvida com mulheres rezadeiras na zona rural do município de Areia- PB. Como suportes teóricos tornaram-se relevantes as contribuições de Portelli e Philipe Joutard na construção de reflexões sobre a história oral e as possibilidades que se descortinam ao longo da pesquisa. O trabalho do historiador é passar além da observação das contribuições de sujeitos que falam de lugares diferentes, o desafio é apresentar essas fontes articulando-as entre si e com outras fontes. Além disso, é necessário articular o trabalho com as fontes orais com suporte teórico que o trabalho se destina, para que a utilização das fontes esteja em sintonia com as colaborações teóricas usadas na pesquisa.

A ESCOLA POLITÉCNICA DA PARAÍBA NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR: UMA LEITURA ATRAVÉS DA MEMÓRIA ORAL E ESCRITA

Ms. Fábio Ronaldo da Silva (UFCG; FIP; Facisa)
fabiocg@gmail.com

Dra. Rosilene Dias Montenegro (UFPB)
rosilenedm@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo apresenta, no contexto das investigações que vêm ocorrendo no Grupo de pesquisa: História, Cultura e Representações vinculado ao Projeto Organização e Preservação da Memória da C&T em Campina Grande, a perspectiva do cotidiano da Escola Politécnica de Campina Grande, considerando a contribuição de Certeau – no que ele chama “invenções cotidianas”. Analisaremos, através do uso de relatos orais de ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários desta Escola; e de notícias publicadas no periódico Diário da Borborema, como se dava o cotidiano nesta instituição de ensino superior campinense no período da Ditadura Militar, mais especificamente no período de 1964 a 1971. Considerando ainda tal perspectiva, problematizaremos as práticas, criações e artes na Politécnica, através de depoimentos do ex-diretor da Politécnica, Lynaldo Cavalcanti, a respeito de suas invenções na tentativa de burlar as regras vindas do então reitor naquele momento, Guilardo Martins, que ia de encontro as atitudes pioneiras que estavam sendo implementadas por esse diretor na Escola Politécnica.

CONTEXTO REGIONAL TRADICIONAL E AS INICIATIVAS INDUSTRIAIS DA REGIÃO DE PAULO AFONSO, NO SUB-MÉDIO SÃO FRANCISCO

Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo (UAHG/UFCG)
sergiomalta62@yahoo.com.br

RESUMO:

Os processos históricos de formação de cidades-enclave, produzidas em torno da construção de macroestruturas a exemplo das hidrelétricas de Paulo Afonso-BA, se inserem no contexto do projeto de desenvolvimento do Brasil moderno, iniciado na década de 40 do século XX. Visava-se, no caso em apreço, estruturar o parque industrial nordestino. Assim, objetiva-se com essa pesquisa, evidenciar o contexto regional tradicional e as primeiras iniciativas industriais, revelando-se o processo de ocupação territorial e a fase privativa e atual de industrialização e de produção hidrelétrica na região sub-média do Rio São Francisco. Os procedimentos metodológicos, adotados para a realização da pesquisa consistiram num levantamento bibliográfico das obras consideradas básicas para sua elaboração, notadamente aquelas referentes à historiografia da área estudada. Além dessas foram utilizadas fontes estatísticas e cartográficas. Outra importante fonte de dados utilizada foi a pesquisa direta, realizada através de entrevista, com depoentes, ex-funcionários da CHESF, engenheiros, médicos e outras categorias de moradores do município de Paulo Afonso-BA. Coletadas as informações, os dados foram selecionados, procedendo-se, em seguida, a sistematização, análise e interpretação dos mesmos, buscando verificar as relações existentes entre os elementos estudados à luz dos fundamentos adotados para pesquisa. Constatou-se com análise que a construção de um pólo hidrelétrico na região sub-média do Rio São Francisco, exerceu forte influencia nas mudanças sócio-espaciais da área estudada, ou seja, transformou uma região, com base na função pecuária e agrícola tradicional, numa região enclave, tendo, o município de Paulo Afonso, exercido um papel central nesse processo, na medida em que, a base econômica de estruturação desse município marcou substancialmente a produção do espaço regional ao tempo em que a extração de recursos energéticos dessa região é destinada ao crescimento urbano-industrial do Nordeste.

NO PALCO DA MEMÓRIA A ORALIDADE APRESENTA: O COTIDIANO RURAL ENTRE PRÁTICAS E ESPAÇOS HÍBRIDOS

Msd. Jucilane de Sousa Carlos (UECE)
juciaguaia@hotmail.com

RESUMO:

Artigo que discute resultados parciais da pesquisa de mestrado em história sobre o cotidiano rural entre significados e (re) significados para a segunda metade do século XX. Como moradores da área rural de um município cearense a partir de suas relações com a área urbana desencadearam modificações no seu cotidiano. Sabendo-se que numa perspectiva nacional, regional e local o Brasil aplica nesses cinquenta anos às suas cidades sentidos urbanos que constituem outra maneira de pensar espaços e práticas. A intensa industrialização, diminuição da distância geográfica por meio de estradas que viabilizam o acesso rapidamente, a virtualidade de distâncias físicas com os sistemas de comunicações e outros. Meio Científico, Técnico e Informacional, área urbana com outros direcionamentos, mais que gerenciar a produção agrícola do campo, este é uma extensão de seus limites de uso e influência. O Sítio Estrada estar localizado cerca de uma hora do centro urbano do município de Iguatu é a peça fundamental para averiguação do misto rural e urbano testemunhado por seus moradores no fazer diário entre o uso de espaços domésticos e públicos seja no trabalho, nas festas, na casa, na igreja, nos velórios, nas estradas de rodagens entre outros. Estar nas entrevistas, a História Oral por excelência com suas múltiplas possibilidades de caminho, o acesso à memória desses sujeitos. A busca na memória do valor dessas relações que foram tanto individuais como coletivas, onde a oralidade através de narrações de imagens que ocupam o ontem e o hoje nos encaminham por lembranças e esquecimentos, risos e tensões, alegrias e pesares rumo a construções híbridas. Memória e Oralidade, companheiras que distam de espaços e práticas articulados entre rural e urbano pelas escolhas de seus ocupantes que estão longe de qualquer forma de passividade. Choques e completos com a geração dos entrevistados e seus filhos desencadearam, uma vez que uns trouxeram outras formas para o cotidiano rural e outros nasceram nesse meio, aplicando finalmente diferenciações no fazer e viver rural atualmente.

MULHERES NA CIÊNCIA: NOTAS SOBRE A PRESENÇA FEMININA NA ESCOLA POLITÉCNICA DE CAMPINA GRANDE (1952-1976)

Dra. Rosilene Dias Montenegro (UFCG)
rosilenedm@hotmail.com

RESUMO:

A presente comunicação oral tem como objetivo apresentar aos estudiosos que estão desenvolvendo trabalhos no campo da memória e ensino de história, um dos resultados do projeto de pesquisa Memória e História de Mulheres na Ciência e Tecnologia: relações de Gêneros na Escola Politécnica (1952-1979). Essa pesquisa foi desenvolvida entre 2009 e 2010 e contou com o apoio da FAPESQ/MCT/CNPq, PIBIC/UFCG/CNPq, PIBIC-JUNIOR/FAPESQ/CNPq. Essa pesquisa se propôs realizar um levantamento sobre a presença feminina na Escola Politécnica de Campina Grande, no período de 1952 a 1976. A relevância desse trabalho se deve a proposta de investigação sobre o lugar e importância das mulheres numa região de forte tradição patriarcal, num período de profundas mudanças históricas no papel e conquistas das mulheres e, especificamente, numa área de conhecimento predominantemente masculina, numa instituição cuja história constitui um marco para o ensino superior na cidade de Campina Grande, na Paraíba e na região Nordeste. Durante a pesquisa observamos referências e construções de identidades e de redefinições de papéis femininos. Foram utilizadas as poucas fontes bibliográficas existentes sobre a Escola Politécnica, publicações sobre estudos de gênero e, especialmente, as entrevistas concedidas para fins do projeto de pesquisa. Essas entrevistas fizeram uso da metodologia em história oral.

A EXPERIÊNCIA DE MUSEU COMUNITÁRIO NO MÉXICO SHAN- DANY

Glauco Fernandes Machado (UFCG/FACISA/Cesrei)
glauco.artes@gmail.com
Carmen Lúcia Silva Lima (UFRR / NUHSA)

RESUMO:

Este trabalho será um esforço interpretativo voltado à apreensão do significado do museu indígena Shan-Dany enquanto discurso social. Visando situar esta

experiência, apresentaremos uma descrição deste e dados que permitirão entender a proposta de museu comunitário na qual ele está inserido. Contemplando um nível ainda mais amplo de entendimento, resgataremos a trajetória da instituição museu ao longo da história, revelando as mais variadas propostas e experiências efetivadas. Assim, esta abordagem possibilitará a compreensão do nosso objeto em escalas variadas, indo do específico para o geral. Localizado no México, o Museu Shan-Dany é produto do esforço coletivo dos indígenas habitantes de Santa Ana del Valle, em Oaxaca. Contando com o apoio do Instituto Nacional de Antropologia e História - INAH, eles são os protagonistas deste museu. Empenhados na valorização e divulgação de sua cultura, atuaram no processo da idealização do projeto, na doação dos objetos, na coleta das informações, na montagem da exposição e na manutenção e administração do espaço físico. A partir do estudo deste caso, é possível constatar que os museus comunitários surgem fundamentados em ideais de afirmação da identidade, pautados no envolvimento social e em novas formas de interpretar o patrimônio e seu uso. Estamos, portanto, diante de uma nova configuração para a museologia. Além disso, através do Programa para el Desarrollo de la Función Educativa de los Museos (PRODEFEN), na década de 1980, o México tornou-se, mundialmente, uma das mais importantes sedes de produção da museologia comunitária. Como dado de análise principal, contamos com o filme: Shan-Dany: Museu Indígena de Santa Ana del Valle, produzido e editado pelo professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, o Dr. Renato Monteiro Athias. Produção essa realizada em 25 de fevereiro de 2006, com duração de 29 minutos e 40 segundos, que, em síntese, documenta um diálogo orientado por Dom Roman Bautista Sanchez, membro da comunidade e guia desta visitação.

AS ASTÚCIAS DO MENDIGO E SUAS PRÁTICAS IDENTITÁRIAS

Joselma Caetano do Nascimento
joselmacaetano@gmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa procura problematizar as artes de fazer e de dizer dos sujeitos mendicantes da comunidade de Boa Vista (que pertence ao município de Gado Bravo-PB) discutindo suas astúcias como práticas identitárias. Através de entrevistas e de observação de suas práticas diárias pretendemos descrever a

manipulação do vestir, do andar e do se apresentar diante do outro como forma de construção identitária. Além de analisar os discursos mendicantes nas práticas pedintes, refletindo as táticas e as estratégias de convencimento do pedir, procuramos também fazer uma análise do discurso dos sujeitos mendicantes como construção inventiva de si, refletindo suas múltiplas identidades. Estamos investigando o sistema de trocas e de doações dos “bens” adquiridos no processo de mendicância, refletindo as relações de poder e as estratégias de consumo e de sobrevivência dos pedintes. Pretendemos utilizar como metodologia a história oral a partir de entrevistas com os pedintes e os não pedintes da comunidade pesquisada e das comunidades vizinhas. Sabemos que a história oral tem sido utilizada com frequência por pesquisadores, mas cabe a estes procurar compreender as possibilidades e os limites que esta fonte proporciona para que seus trabalhos tenham êxito. Essa é a nossa busca, utilizar a história oral na pesquisa para a partir dela conseguirmos construir uma narrativa que procure responder a nossos questionamentos e a nossas inquietações. A história oral está intimamente ligada à memória, a identidade e as práticas cotidianas individuais e coletivas, nesta perspectiva almejamos trabalhar o dizer e o fazer dos pedintes, bem como as múltiplas identidades que estes e os outros (os não pedintes) constroem em relação a prática do pedir, para isso optamos a fazer uma análise dos nossos pesquisados a partir de depoimentos e entrevistas que serão gravados em aparelhos eletrônicos, transcritos, analisados e por último transformado em texto.

PÔSTERES

AS FANTÁSTICAS HISTÓRIAS DE TRANCOSO: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE AS BOTIJAS NO ALTO SERTÃO DA PARAÍBA (1940-1950)

Danili De Sousa Cezário (UFCG)
Ms. Helmara Giccelli Formiga Wanderley (UFCG)
Helmaragiccelli@Hotmail.Com

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as narrativas produzidas sobre os “tesouros encantados”, popularmente chamados de “botijas”, na zona rural da antiga sede da cidade de São José de Piranhas, no Alto Sertão do Estado da Paraíba, nas proximidades de Cajazeiras, entre os anos de 1940 e 1950, período

este marcado por mudanças de ordem política, econômica e social naquele “pedaço”, uma vez que a população da pequena aldeia foi obrigada, a deixar suas residências, suas experiências, sociabilidades e laços de solidariedade, por motivo da construção do açude de Boqueirão (Engenheiro Ávidos). Todavia, tais pessoas não deixaram para trás somente riquezas culturais, também, contam os antigos moradores, foram deixados lá, tesouros materiais e acorrentados a eles, a alma dos seus “donos”. Tais histórias, ao mesmo tempo em que intrigam as pessoas que experienciam o “achamento” ou o encantamento de tais riquezas, provocando espanto, surpresas, alegrias, sabores, ou mesmo, dissabores, também revelam a pluralidade cultural brasileira, focalizando a riqueza do nosso folclore e a influência da religião cristã no país, especialmente nas regiões sertanejas. É importante destacar que o estudo do universo fantástico das botijas, por sua condição cultural e material, é atravessado por duas figuras principais, quais sejam: o avarento, e o merecedor, conforme pode ser percebido a partir do estudo A botija encantada e o mundo do avarento, da historiadora Maria do Socorro Cipriano (2010). Destarte, a botija, tomada como algo maravilhoso, seria um tesouro encantado, escondido, em vida, por uma pessoa que poderia, ou não, viver em um mundo de avareza. Assim sendo, por tratar-se de um universo fantástico, as representações sobre os tesouros enterrados e os rituais de desentesouramento nos chegam através dos folhetos produzidos por poetas da região, de contos e, especialmente, da oralidade das pessoas que vivenciaram aquele tipo de ocorrência. Nesta perspectiva, desejamos analisar as representações sobre os entesouramentos construídas pelos grupos nomeados como populares, bem como aquelas representações construídas pelos grupos nomeados como elites, de forma a perceber como tais discursos ora se aproximam, ora se distanciam, construindo uma pluralidade de memórias sobre as botijas encantadas. Para a pesquisa a que nos propomos, é muito pertinente uma aproximação com o conceito de circularidade cultural do Carlo Guinzburg; na mesma medida também far-se-á necessário o uso dos conceitos de práticas e representações do historiador Roger Chartier; além de um diálogo com as idéias de invenções e apropriações de Michel de Certeau.

MEMÓRIA VISUAL E MEMÓRIA ORAL: CIDADE E PATRIMÔNIO COMO OBJETO DE DISCUSSÃO

Danilla Mikelly Marcelino de Miranda (UEPB)

mikelly.dani@hotmail.com

Dra. Maria Lindací Gomes de Souza (UEPB)

MIgsouza26@hotmail.com

RESUMO:

Esse texto é resultado de um projeto de extensão desenvolvido na Escola Normal Estadual Padre Emídio Vianna de Correia, e faz parte de um projeto maior intitulado A cidade visível e invisível: patrimônio histórico, identidade cultural, memória e cidadania. O interesse por essa temática decorre de nosso envolvimento nos estudos e discussões em sala de aula acerca das representações das camadas populares no tocante a questão do patrimônio, partindo do pressuposto de que o monumento seja ele histórico, natural e cultural, relaciona-se com a memória viva nas diversas temporalidades. Dessa maneira procuramos proporcionar nos discentes, alvo do projeto, um maior reconhecimento dos mesmos enquanto participantes ativos do processo histórico, assim como na conscientização à preservação do patrimônio histórico e cultural, visto que estes estão sendo formados professores, por meio de discussões teórico-metodológicas e também da utilização de imagem, fotografias e cartões postais que sendo lidos pelos alunos e seus familiares proporcionarão uma rememoração inter-geracional dos fatos e locais da cidade de Campina Grande que, além de possibilitar uma valorização do idoso e de sua memória para a construção da história familiar e da cidade. Nas discussões temos procurado refletir sobre as concepções de monumentos e patrimônio histórico e cultural e por outro lado sobre o redimensionamento referendado sobre os pressupostos metodológicos da ecologia antropológica, que se configura nos estudos da rede de relações existentes entre as comunidades e seus ambientes de vida, nesse sentido as imagens iconográficas contribuirão para esse reconhecimento dos discentes enquanto sujeito interligado ao ambiente que o cerca, como também para que possa se identificar no desenrolar histórico da sociedade, através do conhecimento da história da mesma através das imagens, considerando que a fotografia tomada como fonte contribui para a sistematização do monumento sinal, compreendida como réplica visual e como atrativo simbólico. Esperamos com isso contribuir para um maior conhecimento da temática abordada.

**CONTRA A EXPLORAÇÃO E A MARGINALIZAÇÃO: A COMISSÃO
PASTORAL DA TERRA E SUA CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL DE GUARABIRA (1975-2010).**

Gerson Ricardo Fernandes da Silva (UEPB/CH)
ricardonegronego@hotmail.com

Alzira de Cássia da Silva Rodrigues (UEPB/CH)
cassia_rodrigues28@hotmail.com

.Dr. Tiago Bernardon de Oliveira (UEPB/CH)
tiagobernardon@gmail.com

RESUMO:

Nesta comunicação analisamos a ação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) da Paraíba e sua importância no processo de luta pela terra nas microrregiões do Agreste, Curimataú Ocidental e Brejo paraibano, desde sua fundação, em 1975, até a atualidade. Presente em todo o Brasil, a CPT foi criada por um segmento da Igreja Católica Apostólica Romana durante o processo de redemocratização. Esta organização tinha e tem por objetivo contribuir para a mobilização dos trabalhadores rurais do país na luta contra o latifúndio e pela reforma agrária. Como movimento de abrangência nacional, suas experiências de lutas, seus debates internos sobre táticas e estratégias de embate e suas relações com as comunidades locais, dentre outros aspectos, são elementos importantes para ajudar a compreender mudanças e permanências nas estruturas sociais, políticas e econômicas da história do Brasil recente. Mesmo que a reforma agrária seja um objetivo ainda a ser alcançado, pode-se dizer que a CPT, em seus 35 anos de existência, tenha logrado êxito ao ajudar na mobilização dos trabalhadores e a efetivar conquistas parciais. Tal como em todo o país, a ação de sua célula paraibana em Guarabira foi decisiva para o desenvolvimento da agricultura familiar através do assentamento de diversas famílias e para a conquista de direitos por parte dos trabalhadores rurais em uma região tradicionalmente dominada pelo latifúndio. Como agente político e social, a CPT de Guarabira contribuiu para a construção de identidades sociais dos trabalhadores rurais e seu impacto na configuração da história local. Dessa forma, resgatar a história da CPT de Guarabira contribui para a construção de uma memória coletiva de agentes sociais que lutaram e continuam a lutar para ter voz e visibilidade em uma sociedade dividida em classes. Esta pesquisa baseou-se em fontes escritas, depositadas em arquivos próprios existentes na sede da CPT local, jornais, livros, revistas, como

também na utilização da história oral, por meio de entrevistas com dirigentes locais.

ESCUTA O CHORO E COMEMORA: NASCIMENTO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILLO - PB

Alcione Ferreira da Silva (UEPB)

alcionefs@hotmail.com

Dra Maria Lindaci Gomes de Souza (UEPB)

mlgsouza26@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho que se constitui de um recorte da pesquisa (em andamento), - práticas culturais, memória e a arte de inventar o cotidiano: (re) escrevendo as brincadeiras infantis, cantigas, festas e práticas de cura em três comunidades afro-descendentes paraibanas- toma como objeto/sujeito a comunidade remanescente de quilombola do Grilo, pertence à zona rural do município de Riachão do Bacamarte-PB. Objetivamos perceber como no cotidiano dos sujeitos do grupo negro/rural em questão é representado o nascimento, bem como as transformações pelas quais o mesmo passou, evidenciando as táticas que permitiram tais transformações. Metodologicamente utilizamos a pesquisa bibliográfica, suporte especialmente no que tange ao aparato conceitual acerca do quilombo, assim como a pesquisa de campo, erigida sobre História Oral, por reconhecermos, em tal método, um instrumento de grande importância para o trabalho do historiador, uma vez que nos permite, não apenas entrar em contato com o indivíduo que nos fala, mas por meio dele entramos também em sintonia com o contexto sócio-histórico no qual ele está inserido, já que ativa, segundo Oliveira, citado por Araújo & Santos (2007), a memória coletiva. Nosso estudo está fortemente vinculado à nova história cultural, assim, teoricamente ajudam a costurar nossas análises, sobretudo, Certeau (2002) e Chartier (1990). Do primeiro fazemos uso, especialmente, do conceito de representação e do último, os conceitos de cotidiano e tática. Desse modo, a inventividade do mais fraco é o que esta em relevo nesse estudo, sendo aquela permanente no cotidiano dos quilombolas. Buscamos nas imagens do cotidiano, traços da identidade do Grilo, compreendendo-a, em sintonia com Hall (2002), como definida historicamente, logo passível de transformações, um eterno “por

vir”. Devido ao fato da pesquisa estar em andamento, nossas conclusões são preliminares. Entretanto as representações coletivas que emergiram acerca do nascimento evidenciaram o movimento de construção e desconstrução de um sujeito de status, para a comunidade: a parteira. Destacaram ainda a importância da festa no nascimento, que fez do mesmo um dos mais importantes ritos de sociabilidade da comunidade, mas que com a medicalização/mercantilização do nascimento - que passou a acontecer na maternidade - passou por ressignificações que desagregou a participação de outros membros do Grilo, passando a ser um acontecimento vivenciado, majoritariamente, no âmbito da família nuclear.

“PERNAMBUCO FESTEJA A VITÓRIA”: O ACONTECIMENTO COMO NOTÍCIA – FOTOGRAFIAS E NARRATIVAS EM MATÉRIA DA REVISTA MANCHETE, 1964

Aryanny Thays da Silva (UPE)
aryannyt@gmail.com
Profª Dra. Ana Mauad (UPE)
anamauad@uol.com.br

RESUMO:

Tensões e movimentos em torno da política e da sociedade civil nos anos que antecedem o golpe militar de 1964 marcaram o cenário nacional brasileiro e conduziram uma situação de desagrado e insatisfação até a derrubada do governo de João Goulart e a instalação de uma república militar que se ocupou, num primeiro momento, em impor um modelo econômico concentrador e favorável ao capital internacional. Pernambuco não ficou indiferente a esses acontecimentos e o então governador Miguel Arraes foi deposto do poder e o movimento revolucionário logrou seu lugar na cena pernambucana: após a deposição de Arraes se festejaria esse episódio em caminhada pelas ruas principais do Recife, sob a organização das mulheres o evento reeditou a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” que havia ocorrido no Rio de Janeiro. A Revista Manchete de 25 de abril de 1964 trouxe na sua edição uma matéria sobre este acontecimento intitulada “Pernambuco festeja a vitória” com fotografias que narravam o fato social e noticioso que engendrava apoio ao regime recém instalado. Partindo dessa reportagem específica objetiva-se analisar as narrativas que compõe a imagem técnica e tenta compreender-se a historicidade dessas fotografias no entrançado seio social no qual impõe formas distintas de conhecer e imaginar. Aliado ao uso

das fontes visuais opera-se com o relato oral onde se projeta a figura do fotojornalista, Alcir Lacerda, que inserido em uma prática fotográfica se torna mediador cultural ao inscrever sentido na sua experiência social através de uma práxis que faz referência direta ao seu engajamento sócio-político. Entendendo que a experiência humana é constituída dentro de relações sociais ímpares e que no âmbito das vivências, e para além dele, o acontecimento não é dado por si só. Assim a imagem fotográfica adquire configurações inúmeras e na elaboração da notícia relaciona-se ao momento histórico do episódio mas também se remete aquele que a produziu - o fotógrafo-autor.

SALA DE AULA, QUE ESPAÇO É ESSE?: NARRATIVAS DE DISCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA SOBRE COTIDIANO ESCOLAR

Priscila Brandão Casado (UFS)
priscila.casado@hotmail.com
Drº. Paulo Heimar Souto (UFS)
heimarphs@hotmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa se volta para as experiências e vivências dos indivíduos que participam e constroem o cotidiano escolar. Visa compreender e identificar as razões pelas quais alunos de uma escola da rede pública estadual da cidade de Aracaju, Sergipe, ausentam-se frequentemente da sala de aula, mas permanecem no espaço escolar. A ideia para o desenvolvimento dessa pesquisa surgiu a partir de observações diárias do cotidiano desses alunos durante o horário de aula. As observações só foram possíveis devido ao trabalho que exerço nessa instituição, fato que possibilitou uma maior aproximação com os estudantes e com suas rotinas. Nesta pesquisa, os olhares se voltam para os próprios sujeitos e algumas de suas percepções e experiências de vida, tanto no ambiente familiar quanto na escola. Para isso, a pesquisa valeu-se da história oral como instrumento metodológico tendo em vista que a mesma se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, obtidos através de conversas e relatos orais que se constituem em significativos recursos para a elaboração de uma narrativa histórica (ANDRADE e STAMATTO, 2009; FAZENDA, 1995; MEIHY, 2007). A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano de 2010 com alunos de 6º ao 9º ano do ensino fundamental do turno matutino, em virtude de serem nestes níveis de ensino que foram identificados os maiores índices de baixa

frequência à sala de aula. Oito alunos foram entrevistados a fim de que pudessem ser ouvidos seus relatos sobre suas trajetórias de vida e escolar. Apesar de o centro de interesse se fixar nas concepções dos discentes, levou-se também em consideração os relatos de professores e membros da equipe diretiva, bem como análises de documentos como Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico da unidade de ensino. Em suas narrativas, os alunos apontam como uma das principais razões para as ausências às aulas o fato de considerarem a metodologia utilizada pela maioria dos docentes “chata”, repetitiva e pouco motivadora. Além disso, a trajetória de vida, a desestruturação familiar e a falta de estímulo para os estudos também influenciam nesse tipo de comportamento entre os discentes entrevistados. Os resultados e análises preliminares da pesquisa sinalizam a necessidade de um maior estreitamento na relação família/escola, bem como a necessidade de serem repensadas práticas docentes, a fim de que seja possibilitada a efetivação dos papéis da instituição escolar.

MEMÓRIAS DOS ESTUDANTES E PRESOS POLÍTICOS DE 1969 A 1974 EM CARUARU

Lays Lima de Albuquerque (FAFICA)
layslima.21@hotmail.com
Dr. Jailson Pereira (FAFICA)
jailsonpereirasilva@uol.com.br

RESUMO:

O olhar do historiador não se separa do tempo, nem das perguntas que ele, constantemente, nos propõe. Muitas vezes, no entanto, o historiador esquece a pluralidade dos espaços e acostuma-se a pensar os temas da historiografia enfatizando as dinâmicas que os eventos têm nos grandes centros. É assim, por exemplo, quando se tratam de estudos sobre o período ditatorial brasileiro, entre as décadas de 1960-80. Raros são ainda os trabalhos que estudam as reverberações daqueles anos em cidades colocadas à margem dos grandes centros. O comum é encontramos estudos sobre as ações da Ditadura e dos seus opositores em cidades como Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo. O presente estudo, desenvolvido junto ao Núcleo de Pesquisa de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (NUPESQ-FAFICA), parte numa outra direção e busca, através de entrevistas e outros suportes documentais (como jornais), reencontrar memórias e histórias de atores múltiplos — como ex-militantes, ex-estudantes, sindicalistas —

permitindo o emergir de novos dizeres sobre as experiências da Ditadura na cidade de Caruaru-PE. Centrando nosso olhar nos denominados “anos de chumbo” (1969-1974), nosso intuito maior é por em evidência os modos de agir e de interagir com os anos ditatoriais que foram postos em movimentos por toda uma gama de atores que, a despeito das dificuldades, punham sua força contestadora em ações que se encontram acesas em suas memórias. É importante que se diga que o que nos move não é, em primeira instância, o desejo de “resgatar” essas memórias, pois elas não são naufrágios no mar da História. Se elas estão soterradas, isso deve-se às lutas que se deram (se dão) no campo de batalha da historiografia; às escolhas que os historiadores tem feito em privilegiar outras fontes e espaços. Pensamos que o papel do historiador é — guiado pela ética e pela criticidade — mover as camadas de tempo, permitindo se tecam novas tramas e enredos, que se visualizem, enfim, novos sentidos.

A “LUTA DO POVO DE ALAGAMAR” (1975-1981): HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDA QUE EDUCAM

Gildivan Francisco das Neves (UEPB)
gildivanneves@hotmail.com

Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB) (orientadora)
cristina-aragao@hotmail.com

RESUMO:

As experiências de vida e luta de resistência de trabalhadores/as rurais consistem em um meio educativo cuja prática pode ser notabilizada tendo como referência as vivências partilhadas de saberes e costumes em comum. Elaborados no cotidiano, estas possibilitam mostrar que é possível construir conhecimentos na contextura da escola, a partir dos saberes, modos de vida e interpretação do mundo vivido destes sujeitos sociais. Este trabalho tenciona discutir, sobre a ação educativa contida nas histórias de vida de trabalhadores/as rurais que fizeram parte do Movimento de Alagamar ocorrido entre o final dos anos 70 e início dos anos 80 na cidade de Salgado de São Félix na Paraíba. Trata-se de uma pesquisa em andamento que deve resultar na monografia e que se propõe a evidenciar os saberes construídos por estes homens e mulheres do campo como um meio de aprendizagem. Do ponto de vista teórico trabalharemos com autores como Gohn (2010), Thompson (1998) e Bosi (1994). Como procedimentos metodológicos, faremos uso da História Oral de vida, trabalhando através de entrevistas semi-estruturadas dirigidas a

agricultores/as da Comunidade de Alagamar que participaram do conflito com o intuito de obter dos/as entrevistados/as relatos referentes ao seu cotidiano e sua participação neste evento. Trabalharemos com esta metodologia a partir dos pressupostos de Alberti (2004), Thompson (1992) e Halbwachs (1990). Utilizaremos também exemplares do Jornal Diário da Borborema e a União do mês de Janeiro de 1980 que fazem menção a Luta do Povo de Alagamar e do Informativo Arquidiocesano nº 83 referente à Janeiro e Fevereiro de 1980. Percebemos que tais conhecimentos podem ser apropriados na escola, fazendo parte dos processos educativos escolares, permitindo a elaboração de uma prática educativa contextualizadora, e conscientizadora dos sujeitos sociais que no contexto da escola, permitem educar, numa perspectiva ancorada nos preceitos dos direitos humanos.

EDUCAÇÃO E LIBERDADE: O PROCESSO DE RESSOCIALIZAÇÃO A PARTIR DA AÇÃO EDUCATIVA

Helison Cleiton dos Santos Ferreira (FAFICA)
historiadorfafica@gmail.com
Ms. Neide Maria Alves Valones (FAFICA)
valones@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho analisa sob uma perspectiva sócio-pedagógica, a experiência desenvolvida pelos alunos e alunas das Licenciaturas de História, Filosofia, Pedagogia e Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, junto aos detentos da Penitenciária Juiz Plácido de Souza, através do Projeto Liberdade para Aprender. Discute os fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem dos detentos e na relação entre professores(as) e alunos(detentos), onde estes alunos(detentos) buscam nas aulas uma forma de vencer os obstáculos que são a eles impostos no presídio. Os alunos e alunas da FAFICA, através da regência de aulas, preparam os presidiários para as provas do exame supletivo, que acontecem a cada final de ano, por determinação da Secretaria de Educação. Realizamos entrevistas junto aos detentos, com o objetivo de tentar compreender sua história e de ajudá-los a ver possibilidades de mudanças significativas em suas vidas dentro e fora da prisão. A discussão possibilitou a nossa compreensão dos alunos reeducandos como sujeitos que chegam às salas de aula do supletivo marcados pelas influências culturais e prisionais, que contribuem

significativamente para o seu desempenho. Pudemos observar como o pensamento positivo, a coragem, a determinação e o desejo são importantes no desenvolvimento da relação entre o ensino e a aprendizagem e, acima de tudo, como os alunos docentes lidam com as subjetividades dos alunos reeducandos. Além disso, neste artigo procuramos (re)pensar as concepções de conhecimento que os detentos adquirem durante o período das aulas, tentando uma forma ou um caminho para vivenciar sua liberdade de acordo com seus desejos futuros.

**CORAÇÃO DE ESTUDANTE: CARTOGRAFIAS DE SEDUÇÃO DOCENTE
POR ENTRE AS MEMÓRIAS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA DITADURA
MILITAR NACIONAL**

Ramon de Alcântara Aleixo (UEPB)
amon_alcantara@hotmail.com

Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB) (Orientadora)
cristina-aragao@hotmail.com

RESUMO:

Partindo da perspectiva trilhada por HALBWACHS (2006) na tessitura das chamadas “memórias coletivas”, a inscrição das recordações e reminiscências docentes atinentes à chamada “memória do regime militar nacional” encontra neste espaço a dimensão constitutiva que tece e entretece as redes de saber-poder que urdem os fios do passado-presente na escuta polifônica que permeia essas trajetórias “proibidas” e, por conseguinte, “clandestinas”; mas que ganham “luz e ação” nas encenações dos palcos de Clio por entre as inovações epistemológicas e contextuais advindas no bojo das revisitações historiográficas das quais a Musa vem passando ao longo das últimas décadas. Para tanto, torna-se necessário compreender o ambiente escolar para além da concepção normatizadora engessada pela categoria de “forma escolar” defendida por VICENT, LAHIRE & THIN (2001), atentando para a dimensão configurativa assentada em ELIAS (1994) que permite a apreensão da instituição escolar a partir das redes de interdependência que se tecem e entretecem nos mecanismos discursivos que representam, segundo CHARTIER (1990; 2002), as classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As memórias nacionais, tal como preconizado por HALBWACHS (2006), constituem a forma mais “acabada” de uma memória coletiva circunscrevendo no palimpsesto das tramas históricas as dimensões configurativas que tecem as redes de interdependência de saber-poder,

colonização e “subversão” que aqui se procura dar a ler. Atenemos aqui para o processo de dessacralização dos passos e espaços que cerceados pelas amarras ditatoriais invisibilizaram suas táticas e astúcias (CERTEAU, 1994) nas trilhas sediciosas que nos seduzem rumo ao canto de nossas professoras no avesso do espaço panóptico e silenciador preparado para estas; mas ousado e “subvertido” pelas personagens privilegiadas por nosso estudo (professoras da disciplina História ao longo período concernente ao regime militar nacional na atual Escola Estadual de Ensino médio Dr. Elpídeo de Almeida – Estadual da Prata) que como operárias “subversivas” puderam realizar essa “arte de sucata” (CERTEAU, 1994), “roubando” tempo e “distribuindo” saber na lógica operada por elas no bojo da nova ordem política, educacional e cultural impetrada naqueles rebeldes anos 1960/1970. Esse misto de utopia e heterotopia do qual já nos falava FOUCAULT (2001) constitui o espelho onde podemos (re) ver, (re) desenhar e cartografar as “artes de fazer” de nossas “mulheres ordinárias” (CERTEAU, 1994), bricoladoras das poéticas de seus saberes-fazer cotidianos em meio a uma racionalidade cientificizante revigorada na madrugada fria de março de 1964, possibilitando através do aporte metodológico assentado na perspectiva da história oral (ALBERTI, 2004) um instrumento de combate ao processo de enquadramento e formalização da memória que aqui se quer tecer.

AS MULHERES NA ESCOLA POLITÉCNICA DE CAMPINA GRANDE (1952-1976)

Valeska Vasconcelos Correia (UFCEG)

valeskavasconcelos@yahoo.com.br

Kessia do Nascimento Irineu (EEEFM RAUL CÓRDULA)

Kessia_cg@hotmail.com

Dra. Rosilene Dias Montenegro (UFCEG)

rosilenedm@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho é um dos resultados da pesquisa “Memória e História de Mulheres na Ciência e Tecnologia: relações de Gêneros na Escola Politécnica (1952-1979)”, que contou com o apoio da FAPESQ/MCT/CNPq, PIBIC/UFCEG/CNPq, PIBIC-JUNIOR/FAPESQ/CNPq. Pretendemos abordar a atuação feminina na Escola Politécnica de 1952 a 1979, verificando sua presença na Ciência e Tecnologia. A Escola Politécnica foi criada em 1952, com o curso criado foi Engenharia Civil.

Em 1963, criou-se o curso de Engenharia Elétrica. Objetivamos destacar a presença feminina nesses cursos culturalmente vistos como campo masculino, evidenciando a importância das mulheres e desses cursos para a consolidação de uma instituição que fundou uma tradição na produção científica e tecnológica em Campina Grande, a qual é reconhecida nacional e internacionalmente como pólo científico e tecnológico na área de engenharia elétrica e informática. As fontes principais são os relatos, fotografias e historiografia sobre a Politécnica. Utilizamos a metodologia em história oral, tendo sido realizados registros audiovisuais dos relatos de ex-alunas e ex-professoras da Escola Politécnica. É a partir desses relatos que nos propomos conhecer esse período da história de gênero e, também, da ciência e tecnologia em Campina Grande.



GT 04 – CULTURA ESCOLAR, DIVERSIDADE E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Prof^a. Dr^a. Robéria Nádia Araújo Nascimento

(Coord.)

DESCRIÇÃO

Este Gt tem como proposta discutir sobre a cultura escolar e a diversidade na escola no contexto da história e historiografia da Educação considerando as possibilidades de comunicação e as relações interculturais tecidas nos espaços educativos. Congrega trabalhos que discutam acerca de fontes e pesquisas realizadas ou em andamento sobre a cultura da escola e na escola, memórias de professor/a, juventude e cultura escolar, o papel e a influência das mídias na educação escolar, práticas escolares e materiais didáticos; festas, arquivos e diários escolares na recuperação da memória da escola; a diversidade dos sujeitos escolares e suas múltiplas identidades; as relações da mídia e dos estudos culturais na construção de processos educativos contemporâneos.

COMUNICAÇÕES ORAIS

A BUSCA DE INFORMAÇÃO PELA WEB: PRÁTICAS DE LEITURAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM AMBIENTES DIGITAIS

Manassés Moraes Xavier
Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)

RESUMO:

Para a sociedade atual, o uso das ferramentas tecnológicas tornou-se algo corriqueiro e, conseqüentemente, necessário. Estar familiarizado às práticas de letramento digital constitui uma condição recorrente às atividades diárias de sujeitos sociais, cujas ações estão permeadas pela utilização da tecnologia: de uma simples transação bancária ou do manejo de aparelhos móveis de telefonia à atividades mais particulares, como realizar pesquisas na Internet ou construir gráficos estatísticos através de recursos digitais. De modo geral, seja para a realização de atividades simples ou complexas, comuns ou específicas, a tecnologia funciona decisivamente e oferece aos sujeitos de uma sociedade como a nossa – globalizada – recursos que suprem necessidades usuais e de comunicação/interação. Assim, o presente trabalho objetiva responder ao seguinte questionamento: quais as práticas de leituras de jovens/adolescentes no uso da Internet como meio de busca de informação? Partimos da concepção de que no ciberespaço há a confluência de atividades modernas que satisfazem, com rapidez, a dinâmica das práticas comunicativo-comportamentais. Este trabalho refere-se a uma pesquisa, em andamento, que, no cenário de ações educacionais, investiga o uso do jornalismo digital na escola, dentro de uma proposta pedagógica de leitura de textos jornalísticos e construção crítica de sentidos, o que justifica, a nosso ver, a relação produtiva da mídia nos processos educativos contemporâneos. Para tanto, do ponto de vista teórico, nos embasamos em contribuições de estudiosos como Coscarelli (2005), Ferrari (2009), Lévy (1999), Lima e Nascimento (2010), Silva (2003), dentre outros. Os sujeitos envolvidos são alunos das três séries do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Os resultados, obtidos da aplicação de um questionário sociocultural, embora que parciais, nos possibilitam afirmar que esses alunos, sujeitos escolares, assumem práticas de leituras na Web diversas, que versam do entretenimento (maioria dos alunos-informantes) à busca de informação para pesquisas de natureza escolar.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Joseane Abílio de Sousa Ferreira
Kedna Karla Ferreira da Silva
Maria Adailza Martins de Albuquerque

RESUMO:

A concepção de língua e de linguagem se evidencia e outras imposições ganham espaços nas construções teóricas do uso da língua e da análise do discurso. Dessa maneira, a discussão não se centra mais nem no mundo dos códigos, nem no mundo gramatical, e sim, na análise do que pode revelar o discurso onde este nos mostra a linguagem como uso, como um modo de interação entre sujeitos que comungam experiências de vida similares, sob o mesmo contexto histórico e social. Com isso, fica estabelecido que o ensino da Língua Portuguesa não deva se restringir a um conjunto de meras informações sobre a língua, mas que este deva abranger e promover a interação dos sujeitos envolvidos no processo, de modo que esse (inter) agir possa mediar o conhecimento prévio do aprendiz com os novos saberes lançados pela escola. É por esse motivo que, junto com essa nova mudança de paradigma, muda a forma de se entender o processo de leitura, a produção e interpretação de texto, e assim, esses elementos passam agora a direcionar e comandar o centro das discussões dos trabalhos pedagógicos. Tais implicações resultaram em alterações significativas no campo da lingüística, no tocante aos conceitos de linguagem e língua, e ainda, aos procedimentos lingüísticos de construção e reconstrução do saber. E é nesse sentido que, mesmo ocupando atualmente lugares importantes no campo didático-pedagógico ou ainda sendo um dos recursos didáticos mais utilizados e de grande respaldo no mundo escolar, o livro didático já faz parte da cultura escolar há um bom tempo. Todavia, os estudos e pesquisas sobre os critérios exigidos para produção de livros escolares são bem recentes e, em contrapartida, possui um amplo e vasto campo de pesquisas sobre o livro didático, tanto no âmbito nacional como internacional. Nesta perspectiva, devido à grande importância dos textos didáticos no processo de ensino e aprendizagem, em especial nos livros didáticos de Língua Portuguesa, é pertinente uma breve descrição sobre sua presença no cenário educacional.

**MODERNIDADE E ESCOLARIZAÇÃO: AS CADEIRAS ISOLADAS.
PRINCESA ISABEL/PB. 1920-1930**

Charya Charlotte Bezerra Advíncula (UFPB)
charyabadvincula@hotmail.com
Mauricéia Ananias (UFPB)
mauriceia.ananias@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre Alice Maia, educadora leiga que lecionou por quase 50 anos na cidade de Princesa Isabel/PB e tem como objetivo compreender, a partir da história de vida dessa professora, a constituição do sistema educacional da época considerando a nova abordagem educacional proposta pelos renovadores, em especial, as contidas no manifesto dos pioneiros da educação nova divulgado à sociedade brasileira em 1932. Neste contexto, pretendemos analisar as cadeiras isoladas existentes à época e a convivência com o grupo escolar, símbolo de um novo modelo político e social e, idealmente, representante da modernidade propalada pelos republicanos. O interesse pelas cadeiras isoladas parte da necessidade de entender como esta professora leiga se integrou e depois saiu do sistema de ensino oficial da época em uma cidade do interior da Paraíba considerada a mais moderna do estado, em especial, devido à expansão econômica ocorrida nas primeiras décadas do século passado em consequência do cultivo do algodão. A intenção será a partir da pesquisa documental, reconstituir, na narrativa, o período entre 1920 e 1930, utilizando-se das técnicas da pesquisa histórica para analisar a documentação produzida pelo estado da Paraíba que fazia referência às professoras primárias da época, depositada no Arquivo Histórico da Paraíba. Para essa pesquisa, foram encontrados leis, editais de concurso, relatórios dos presidentes do estado e dos diretores da instrução pública, recibos e ordens de pagamentos. Num período de construção do sistema de ensino público, pesquisar as contradições existentes entre a proposta de modernização da cidade e a deficiência na constituição da escolarização da juventude, poderá propiciar uma análise crítica desse período de transição entre as cadeiras isoladas e a constituição dos grupos escolares, contribuindo para o debate historiográfico acerca das ações do Estado, e as relações com os sujeitos da educação, para a instrução pública primária brasileira e paraibana.

CARTOGRAFIAS DA FURNE: UMA CULTURA ESCOLAR CONSTRUÍDA PARA A INFÂNCIA

Daniela Medeiros da Silva

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo apresentar parte da minha pesquisa de mestrado onde analisei os discursos que constituíram as práticas educativas sob a infância, sob a cultura escolar das águas que instituíram a FURNE como saber acadêmico legitimado para desempenhar a função social de uma universidade na preparação de mão-de-obra especializada. Assim o Curso de Pedagogia ancorado no saber/fazer traz a tona o Projeto de Pré-Escola, pioneiro na cidade de Campina Grande-PB no ano de 1979, com o intuito de inventar um lugar para a infância por meio da educação escolar, como também constituir um espaço/lugar para a formação acadêmica em Pré-Escola. Para tanto, partimos para estudar o Currículo do Projeto de Pré-Escola procurando nas narrativas curriculares fazer uma reflexão sobre como fora elaborado e desenvolvido a constituição do saber/fazer a educação das crianças nos anos 1980, partindo do estudo dos planos de cursos das disciplinas obrigatórias da habilitação em Pré-Escola. Metodologicamente partimos de pesquisas de campo no Arquivo Geral da UEPB, buscando Atas de Reuniões, Portarias, Resoluções, o Projeto de Pré-Escola, Currículo, Planos de Cursos, entrevistas/depoimentos das professoras e os jornais que permitem analisar o ato de educar a infância institucionalizada pela FURNE. Tais análises ancoram-se na concepção de discurso enunciada em Michel Foucault por meio do estudo das regularidades e suas formações nos acompanham no exercício da análise discursiva. Com isso esse trabalho tem o intuito de trazer a tona a História da Educação Infantil na cidade de Campina Grande-PB com o propósito do saber/fazer no ato de educar a infância.

**O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DA PARAÍBA: INSTRUMENTO DE
MÚLTIPLAS FACES PARA A EDUCAÇÃO E DE DESAFIO PARA OS
EDUCADORES.**

Hilmaria Xavier Silva
Cristina Conserva Gomes

RESUMO:

O livro didático e outros materiais de história tem ganhado espaço nas pesquisas e nos debates sobre História e ensino de História. Neste sentido, os livros e materiais didáticos de História da Paraíba são pensados enquanto um problema, na medida em que tal ensino ainda é incipiente nas escolas públicas e privadas de Campina Grande, sendo uma das principais reclamações dos(as) professores(as) do ensino médio da rede pública e privada de Campina Grande a insuficiência de livros e materiais de história da Paraíba com fins didáticos. É em virtude das preocupações que têm os professores de História do ensino fundamental e médio com a escassez ou desconhecimento de materiais e livros didáticos sobre História da Paraíba; da ascensão que teve os estudos de História local nas últimas décadas; da deficiente divulgação de materiais didáticos de História da Paraíba entre alunos e professores, mesmo que a maioria dos materiais conhecidos sejam publicados por órgãos públicos, e das muitas correntes teórico-metodológicas que nos possibilitam trabalhar e estudar História, e ainda como pensar o livro de História enquanto um objeto das políticas da Educação que o projeto de pesquisa aqui presente se ocupa. Tendo como norte da pesquisa as falas de professores entrevistados acerca de sua prática com esse manual didático, além da bibliografia utilizada para a pesquisa, o presente trabalho assume o desafio de levantar considerações acerca do uso que dos livros didáticos de História da Paraíba em nossa cidade, tanto por professores da rede pública quanto da rede particular de ensino, refletir acerca do papel do livro didático enquanto instrumento didático em aulas de História, refletir sobre o papel que o livro didático representa nas políticas educacionais, repensando assim nossa prática escolar e podendo perceber que, embora não seja uma tarefa simples, é possível ao professor transformar este desafio em aulas de História da Paraíba cada vez menos lacunares.

ESTADO DA ARTE DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL

Surya Aaronovich Pombo de Barros
Roberta Maria Aguiar do Nascimento
Camila Almeida de Araujo

RESUMO:

Este trabalho apresentará os resultados da pesquisa em andamento sobre o Estado da Arte da História da Educação da população negra no Brasil, assim como problematizará algumas questões referentes a essa área. Além de justificar a importância do tema e apresentar a metodologia que vem sendo utilizada, serão apresentados alguns resultados parciais da pesquisa. Nas últimas décadas é possível observar o fortalecimento da área da História da Educação Brasileira, o que trouxe profundas transformações ao campo. Dentre elas, a emergência de diferentes sujeitos históricos analisados no que se refere ao acesso (ou não) à cultura escolar. Assim, “vários sujeitos da educação vêm sendo valorizados em suas ações cotidianas, o que se explicita no aumento de interesse pelas trajetórias de vida e profissão e no engajamento que observa em análises organizadas em torno de questões de gênero, raça e geração” (FARIA FILHO, GONÇALVES, VIDAL, PAULLILO, 2004, p. 141). Nesse contexto, pesquisas relacionando população negra e educação pelo viés da história da educação vieram a lume SILVA (2000), BARROS (2005), FONSECA (2002 E 2009). A temática vem se fortalecendo, como é possível constatar nas pesquisas de pós-graduação, publicações científicas e eixos temáticos em eventos da área. Esse incremento reflete o peso que tais questões vêm ganhando na sociedade brasileira, extrapolando, inclusive, os limites acadêmicos. A relevância do tema para diversas áreas de conhecimento apontou para a necessidade de se realizar um balanço historiográfico acerca do tema. O estudo aqui referenciado vem realizando levantamento bibliográfico de trabalhos identificados com a História da Educação Brasileira que têm a população negra como protagonista do trabalho, em diversos períodos históricos e regiões brasileiras. Ao realizar tal empresa e divulgá-la, pretendemos evidenciar as pesquisas já realizadas sobre o tema, facilitar o acesso de interessados na área aos trabalhos e apontar eventuais lacunas sobre a história da educação da população negra, contribuindo para o fortalecimento da área.

**EDUCAÇÃO PELA INDISCIPLINA: CONCEPÇÕES E EXPERIMENTOS
EDUCACIONAIS ANARQUISTAS REGISTRADOS NA IMPRENSA
OPERÁRIA EM INÍCIOS DO SÉC. XX**

Rogério Humberto Zeferino Nascimento

RESUMO:

Pedagogos, autoridades, especialistas, dirigentes e demais interessados na questão educacional na contemporaneidade, entendem a indisciplina enquanto um dos principais fenômenos tidos na medida de patologia a perturbar a normalidade do universo escolar. A indisciplina constitui, nestas segundo estas perspectivas, variável indesejável e um dos principais obstáculos a um pretendido fluxo eficaz daquilo que denominam ‘ensino-aprendizagem’. Ao lado deste considerado significativo estorvo à educação, temos também a evasão, a retenção e a violência na escola. No entanto a indisciplina constitui alvo privilegiado de medidas medicalizadoras. Pretendem, com estas iniciativas, o extermínio das causas dos males impeditivos da aprendizagem, buscando pela garantia, finalmente, de uma pretensa sanidade para os dinamismos relacionais na escola. Neste empreendimento findam por naturalizar tanto a escola como o entorno social no qual ela está inserida. Além do que sugerem, sub-repticiamente, o aluno como ‘tábula rasa’ no decorrer do processo. Nesta direção, procedem à psicologização do comportamento dos estudantes. Tal atitude, reconheçamos, resulta num rotundo esvaziamento do conteúdo político das atividades estudantis. Na contramão destas ações e concepções, trabalhadores anarquistas, no início do século XX, inventaram diversas escolas. Nestes espaços instauraram a multiplicidade, desonerando a rígida separação entre escola e sociedade, educação e vida, saber e poder. O próprio ambiente escolar constituía pretexto para diversos deslocamentos conceituais e existenciais, espaço para intensas experimentações e nomadismos. A indisciplina, neste contexto, delineia a ruína da hierarquia e das fronteiras entre campos de saberes. Jornais, revistas e impressos da época constituem atualmente excelentes documentos. Neles é possível realizar pesquisas em torno das idéias e realizações educacionais anarquistas. Conhecer estes experimentos pode alimentar nossa imaginação a fim de abordar a escola atual numa perspectiva para além dos limites estreitos nos quais os acima referidos especialistas insistem em mantê-la. Ainda mais quando sabemos ser o ponto de vista educacional anarquista refratário à escolástica medieval, esta que foi atualizada por Vargass e que continua sendo o

fundamento do ensino na escola oficial contemporânea, quer seja pública quer seja privada.

NO CINEMA, PARA FALAR DE NÓS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE OS USOS DO CINEMA NA ESCOLA

Fabício de Sousa Morais
Marisa Tayra Teruya

RESUMO:

A contemporaneidade é marcada por um tempo cada vez mais veloz, que tende a suprimir os momentos de compartilhamento de experiências entre os sujeitos, apesar da facilidade ao acesso à informação. Não há tempo para reflexões, somente o consumo instantâneo e descartável de materiais, relações e posicionamentos pessoais. Por outro lado, a escola é, invariavelmente, sentida e entendida, pelos alunos e demais sujeitos que a compõem, como um lugar onde o tempo escoia de maneira compassada, monótona e, muitas vezes, desconectada do mundo. Partindo da observação desta situação paradoxal e percebendo a importância da escola como o lugar onde o contato entre pessoas de carne e osso ainda existe cotidianamente, muito embora a possibilidade desta interação não seja percebida ou valorizada como deveria, iniciamos uma atividade cineclubista a partir da qual, se busca estabelecer diálogos “para falar de si e ouvir a fala do outro”, entre alunos do Ensino Médio. Estes encontros têm ocorrido ao longo do ano de 2010, na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo (Guarabira – PB), nas tardes de quinta-feira. Os alunos, oriundos em grande parte da zona rural, estão pouco acostumados ao diálogo e ao estabelecimento de conexões entre a linguagem cinematográfica com as suas próprias vivências. A fórmula para romper com o tédio escolar, ao qual intitulamos “antídoto antimonotonia”, busca provocar a interação e a troca de idéias entre os sujeitos envolvidos no projeto, acerca das várias temáticas suscitadas pelos filmes exibidos e que sejam relacionadas ao seu cotidiano, interesses e histórias de vida. A sistemática de trabalho empregada consiste na seleção fílmica, roteirização preliminar, exibição do filme e a abertura para a discussão. O estímulo que mobiliza a ação é a possibilidade de permitir que os alunos comecem a expor e compartilhar as suas percepções e percebam-se sujeitos no mundo. Assim, este trabalho pretende apresentar algumas reflexões preliminares sobre uma atividade de extensão universitária que utiliza o cinema como instrumento capaz de aproximação e interação entre pessoas.

MANUAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DA PARAÍBA E O PERÍODO HOLANDÊS

Hérick Dayann Morais de Meneses

RESUMO:

Nesta comunicação procuraremos entender como as idéias de Maximiano Lopes Machado e de Irineu Ferreira Pinto foram apropriadas e divulgadas pelo saber histórico escolar, principalmente através da historiografia didática produzida na década de 1970, sobre a qual nos deteremos mais adiante. Nossos estudos indicam que as narrativas de ambos constituíram-se, até recentemente, como as idéias-força dessa historiografia sobre a história da Paraíba dos períodos colonial e imperial, incluindo o chamado período holandês. Trata-se de construções que, presentes em diferentes espaços de produção e difusão do saber histórico (notadamente, nos livros didáticos e no ensino de história nas escolas, mas também na propaganda oficial e nos meios de comunicação), colaboraram profundamente para a constituição de uma consolidada cultura histórica local acerca daquele período. Também, segundo esta perspectiva, analisamos dois livros didáticos, dos primeiros escritos sobre a história da Paraíba com essa finalidade. São eles: História da Paraíba: período colonial e Brasil Reino [1971, 1972 e 1974], de Carmem Coêlho de Miranda Freire e Pequena História da Paraíba [1975] de Vilma dos Santos Cardoso Monteiro. As suas autoras, além de serem professoras de História, também eram, tal como Maximiano Machado e Irineu Pinto, vinculadas, como sócias efetivas, a um Instituto Histórico, no caso de ambas, o Paraibano. As obras foram escritas, e este é outro importante laço que as une, na mesma década, os anos 1970, marcada pelas reformas educacionais do regime militar que se instalara no Brasil em 1964 e que, entre outras medidas, definira um novo lugar para o ensino de História. Compreendemos que entender esses processos de institucionalização, no nosso caso, o do saber histórico elaborado e disseminado através de autores vinculados aos Institutos Históricos, inclusive através de livros didáticos, é uma das tarefas da história cultural. Tal como Chartier entendemos que ela “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. E, como estaremos dialogando com autores que tiveram vínculos com tais institutos, e neste capítulo em especial com autoras de livros didáticos, e tendo em vista que o norte das suas idéias e práticas veio do IHGB, fazer tais articulações é tarefa fundamental. Compreendemos, assim como estes autores, a importância dos livros didáticos e

procuraremos demonstrar como, nos casos que estudamos, eles têm sido veículos importantes de uma determinada cultura histórica, aquela produzida no seio dos Institutos Históricos, que se tornou hegemônica na sociedade paraibana desde as obras de Maximiano Machado e Irineu Ferreira Pinto, produzidas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Cultura histórica essa marcada por pressupostos que as autoras dos livros didáticos que analisamos se encarregaram de reproduzir, especialmente quanto ao tratamento dado ao período holandês.

A INFÂNCIA ESCOLAR NA PARAÍBA: O IDEÁRIO REPUBLICANO E O DISCURSO SOBRE A INFÂNCIA

Maria do Socorro Nóbrega Queiroga
Luciana Priscila Santos Carneiro

RESUMO:

Os discursos sobre a infância constituem-se no foco deste ensaio, o qual encerra dois eixos de análise: a educação e a infância e sua constituição desde a modernidade como categoria social. O estudo entrecruza-se com outros temários e áreas de estudos como a Sociologia e as ferramentas teórico-metodológicas dos Estudos Culturais, principalmente àquelas pensadas por Michael Foucault, de modo geral, mas, sobretudo suas noções sobre poder-saber e a invenção do sujeito na modernidade, foco das nossas teorizações. Tendo em vista o objetivo geral do presente estudo, nossa investigação terá como ferramenta metodológica a pesquisa de documentos sobre educação infantil na Paraíba, que atravessam o tempo histórico da República até as três primeiras décadas do século XIX, sobretudo manuais escolares, boletins de educação, jornais, revistas de educação, entre outros tipos de fontes. O tema da investigação liga-se à emergência dos saberes modernos, sobretudo, para o que interessa nesse momento, à emergência dos saberes das ciências humanas, a qual relaciona-se com a entrada em cena da população como alvo de intervenção da governamentalidade estatal, a especialização dos saberes e a emergência dos especialistas, momento de invenção da infância como categoria social, objeto de interesse das ciências “autorizadas” a falar sobre a criança. As mudanças operadas em relação ao governo da infância vão sendo subjetivadas e produzidas em discurso, definindo as novas identidades que emergem a partir daí. Processo que no Brasil é intensificado nas primeiras três décadas da República, quando a autonomia constitucional dos Estados possibilita e incentiva as políticas

de instrução e educação, sob a crença inabalável no poder modelador da educação e da escola. O percurso metodológico toma como foco a infância, e a analítica de Foucault, através das estratégias metodológicas da arqueologia e da genealogia, para fazermos a leitura dos enunciados presentes nos documentos a serem utilizados na pesquisa. Seguindo essa estratégia teórico-metodológica nossa problematização temática traz como perspectiva de análise alguns pontos fundamentais de pesquisa: os saberes sobre a criança presentes nos manuais de educação, os chamados “livros de leitura”, os boletins, os discursos dos jornais e que se constituem em fragmentos das preocupações, e também das demandas seculares.

**GRACCHO CARDOSO, ABDIAS BEZERRA, JOSÉ DE ALENCAR
CARDOSO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR SERGIPANA NA DÉCADA DE
1920**

Crislane Barbosa de Azevedo

RESUMO:

Nos anos de 1920 assistiu-se no país à forte relação entre educação, reforma e modernidade. Em Sergipe, no período, presenciaram-se duas reformas da instrução (1921, 1924). Diante de questionamentos acerca do significado e alcance de reformas educacionais em Sergipe, nesta pesquisa foram investigadas as representações acerca da educação e da modernidade presentes em intelectuais sergipanos na década de 1920 e o papel desempenhado por estes frente à instrução pública do estado. Entre tais agentes destacam-se Graccho Cardoso, Abdias Bezerra e José de Alencar Cardoso. Em termos metodológicos trabalhou-se com pesquisa historiográfica acerca da educação brasileira e da modernidade no país. Com base na perspectiva da história cultural a partir dos conceitos de apropriação e representação nos moldes definidos por Chartier (1990) tornou-se possível a compreensão dos processos educacionais do período. A investigação desenvolveu-se igualmente com base em documentos de época, tais como: relatórios do diretor geral da instrução, inspetores escolares e diretores de grupos escolares; Mensagens presidenciais e discursos de Graccho Cardoso; regulamentos e programas de ensino; documentos manuscritos relativos ao ensino primário; artigos de jornal e legislação. Ex-aluno de Escola Militar, Graccho Cardoso bacharelou-se em Direito. Durante seu governo em Sergipe (1922-26), estiveram no comando da Diretoria da Instrução Abdias Bezerra e José de Alencar Cardoso, ambos também egressos da

Escola Militar da Praia Vermelha. Expulsos da formação militar por envolvimento em revoltas, retornaram a Sergipe, onde se dedicaram ao magistério, contribuindo para renovação da área. Ao nomeá-los diretores da instrução, Graccho Cardoso autorizava-os a levar para o ensino público, aspectos da formação destes e da orientação pedagógica já experimentada nos seus trabalhos anteriores no magistério, a exemplo dos feitos no Colégio Tobias Barreto, onde ambos, além da docência, exerceram o cargo de direção. As práticas escolares destes demonstravam atenção à organização da escola nos moldes de uma cultura escolar moderna. Atenção à disciplina escolar, à prática do método de ensino intuitivo e a aulas de educação física, são exemplos que denunciavam uma preocupação simultaneamente pedagógica, higiênica e civilizatória para com a sociedade via educação escolar. Os dois professores eram adeptos de uma modernização pedagógica condizente com as representações de modernidade e educação do presidente Graccho Cardoso. Dotados de uma formação científica, adquirida na época apenas nas Faculdades de Direito e Medicina e nas Escolas Militares, tais jovens intelectuais sergipanos representavam, no governo Graccho, apoio para efetivação de um projeto político de modernização do Estado por meio da educação.

O ENSINO DE HISTÓRIA NA DÉCADA DE 1930: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A CULTURA ESCOLAR

Maria Raquel Silva

RESUMO:

Entre outras conversas... Neste artigo propomos dialogar sobre a trajetória da disciplina história no Brasil, nos atendo aos anos de 1930, apontando os primeiros passos da história como disciplina escolar, bem como as primeiras aulas de história no curso superior e seus possíveis objetivos. Pensando a história enquanto disciplina escolar e seu ensino como possível temática da história da educação no Brasil, observamos que essa vem sendo tratada como algodão na tecelagem, uma matéria prima que com cuidado e muito trabalho é moldada para se tornar fios e logo tecido, bebendo de outras fontes, como a sociologia e a outros campos da História. Vem-se construindo, lentamente reflexões sobre o ensinar história, pois são poucos os que se aventuram em dar contornos e cor a seu próprio ofício, mas ao passo que os seus tecelões buscam de forma interdisciplinar construir seus pensamentos, sobre o fazer do historiador, interrogações surgem e uma delas é

como se ensinou história no decorrer do tempo? Para embasarmos nosso texto dialogamos com André Chervel, que discute o conceito de disciplina escolar e cultura escolar e com Justino Magalhães que elabora idéias importantes sobre a História da Educação. No que diz respeito ao ensino de história no Brasil na década de 1930, corroboramos com Kátia M. Abud, que relaciona a formação da disciplina escolar história como parte integrante do projeto que buscava fortalecer o sentimento de identidade nos brasileiros.

O ENSINO DE HISTÓRIA NA DÉCADA DE 1930: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A CULTURA ESCOLAR

Vânia Cristina Da Silva

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo investigar as festas escolares durante o Estado Novo, período em que essas comemorações tomaram as ruas de muitas cidades brasileiras, particularmente as da capital paraibana. Estas se realizavam com assaz brilhantismo, pois o desejo de exaltar e amar a pátria se tornou intenso. Percebemos que não bastavam as comemorações já existentes no decorrer do ano, era preciso mais e, esse ávido desejo de atingir a comunidade por meio dessas festividades, fez com que Getúlio Vargas criasse e inventasse cerimônias e novos feriados para a divulgação de heróis e símbolos do poder público que, retratavam e configuravam-se em tradições inventadas pelo Estado, com a finalidade de tornarem-se junto a tantas outras, fontes fundadoras da identidade nacional. Mas, os festejos escolares não se limitavam apenas às festividades cívicas, ocorriam também os festejos em homenagem à natureza, representada pelas festas das árvores, da primavera e das aves, pois estas se associavam de forma incisiva com a idéia de pátria brasileira. O escopo dessas comemorações era estimular nos alunos e demais participantes, o sentimento de amor e apreço pela natureza e pela pátria representada nela, havia uma valorização quanto à importância da preservação da vegetação para o progresso do país. As festas representavam importante papel na construção da nacionalidade. Todavia, essas práticas comemorativas expressavam os ideais das elites e eram as instituições escolares que se encarregavam de desempenhar esse Poder Simbólico sobre a sociedade paraibana. Esse poder de persuasão que o Estado mantinha sobre a sociedade estava respaldado em um sistema de símbolos. Símbolos tais como a bandeira, o hino e o calendário festivo que nos mostram as maneiras pelas quais a elite buscava recriar, na população, o

amor à Pátria. Metodologicamente nos apoiamos principalmente no jornal A União dos anos de 1937 a 1945. Todavia, consultamos também as Revistas do Ensino e o Jornal A Imprensa, este último, órgão vinculado à Igreja Católica.

DO PAPIRO AO VIRTUAL: A FANTÁSTICA TRAJETÓRIA DO LIVRO

Daniel Luna Correia
Andressa Allyne Araújo de Lima

RESUMO:

Partindo do pressuposto de que o livro é um passaporte, um bilhete de partida para a ativação de nossos pensamentos e sentimentos, que descobrir o mundo da leitura e da escrita é uma experiência bastante fascinante e significativa sob a qual todo homem tem o direito de viver e que ele é um tesouro cujos bens desencadeiam uma busca incessante ao conhecimento, uma vez que o livro não é inerente ao ser humano, mas patrimônio adquirido através da cultura e da educação, o presente estudo tem por objetivo mostrar a evolução do livro que, partindo de unidades manuscritas em materiais evoluíram do papiro ao papel, e chegou ao livro eletrônico ou e-book, conforme também é conhecido, cuja formatação difere frontalmente do que se concebia até então por “livro”. Enfatizamos seu caráter cultural e dialógico e as várias funções que assume diante dos diversos interesses motivadores da leitura. Para tanto, iniciamos o trabalho por um breve histórico da escrita, em que sua evolução fez com que o homem se voltasse para a busca de novos materiais que a pudessem melhor registrá-la, o que levou ao formato tradicional do livro. Sua evolução está ligada diretamente ao desenvolvimento social, intelectual e histórico do homem, sendo, desta forma, o produto que mais reflete a forma como a humanidade vivenciou sua própria evolução e a força da interação entre as diversas culturas, propiciada, principalmente, por esse veículo. A pesquisa baseou-se em relatos de historiógrafos como Escarpit (1976) e Escolar (1977); estudos sobre oralidade e cultura, como os de Ong (1998) e Fabre (2001), além do conceito de dialogia de Bakhtin e Voloshinov (1979). É válido lembrar que este trabalho visa contribuir de forma significativa aos estudos da história da educação, uma vez que o livro é um recurso extremamente significativo ao leitor e provoca a abertura de um portal que dá acesso ao seu processo de formação, já que este adentra cada vez mais no mundo das palavras, emaranhando-se na teia de prazer que a leitura lhe dá, à medida que entre o leitor e o livro é criado um laço de segurança e intimidade, acarretando em um devaneio diário.

OS EXERCÍCIOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DE EDIÇÕES

Ana Maria Garcia Moura

RESUMO:

Praticamente todos os livros didáticos de história apresentam uma seção de exercícios. Exercício, atividade, dever, tarefa, trabalho, questionário, inúmeras são as formas de se referir a este elemento. Se observado a partir de sua materialidade favorece a percepção dos conteúdos ensinados, as capacidades e habilidades a serem desenvolvidas, as formas de avaliar e fixar o conteúdo, exercitar a compreensão, aprofundar o entendimento do assunto, orientar pesquisas, promover momentos de socialização, etc. Nesse sentido os exercícios se constituem em estratégias de ensino e aprendizagem, avaliação e socialização caracterizando-se, desse modo, como um aspecto pedagógico do livro didático e como um dos elementos da cultura escolar. Eles tanto fazem parte dos métodos de ensino e aprendizagem quanto dos processos avaliativos. Sendo assim, estão articulados ao conceito de aprendizagem subjacente as práticas educacionais, o qual pode estar ligado desde a práticas de memorização e repetição a procedimentos mais complexos de aprendizagem. O conjunto de exercícios/atividades presentes nos livros didáticos são os indícios do que o aluno deve aprender e como deve aprender. Sendo assim, o livro didático não é apenas um livro elaborado para expor os conteúdos de determinada disciplina, é também, um livro pedagógico, que expõe concepções de aprendizagem e metodologias de ensino. Neste trabalho apresentamos a análise realizada sobre os exercícios da coleção de livros didáticos “História e Vida”, voltada para as séries/anos finais do ensino fundamental, de autoria de Claudino Piletti e Nelson Piletti, em duas edições, um dos anos de 1990 e outra dos anos 2000. Os objetivos principais são: identificar a quantidade de exercícios por capítulo/unidade, as ações propostas para os alunos (competências que devem ser desenvolvidas), o objeto utilizado para a realização do exercício, os agentes envolvidos na execução e o tipo de conteúdo abordado. (Cf. FREITAS:2009). Este estudo faz parte do projeto “mudanças e permanências nos exercícios dos livros didáticos de história: as teorias da aprendizagem e suas abordagens” desenvolvido no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe sob a orientação do professor Itamar Freitas.

A ESCOLA NA PRAÇA CALON: AÇÕES E PRÁTICAS EDUCATIVAS COM CIGANOS.

Flávio José de Oliveira Silva
Marlúcia de Menezes Paiva

RESUMO:

O trabalho é resultado de uma investigação realizada com um grupo de ciganos da etnia Calon, no território do seridó potiguar, mais precisamente na cidade de Florânia, estado do Rio Grande do Norte/RN, tendo como lócus a Escola Municipal Domingas Francelina das Neves. Optamos como base conceitual pelas categorias de história e memória, destacando no campo metodológico, as teorias assinaladas pela História Cultural. Como estratégia na pesquisa de campo, utilizamos a técnica de observação participante que colabora com a construção de novos conceitos para explicar a realidade social, entrevistas abertas e semi estruturadas, enfatizando os aspectos da história oral e da pesquisa qualitativa. Nossa investigação resultou em estudos sobre o lugar da escola enquanto instrumento de inclusão social de grupos marginalizados e de etnias sem poder; estudos para a compreensão de convivências com os diferentes sujeitos da diversidade e entendimentos de formulação de políticas afirmativas, tendo como ponto de partida as práticas sociais e culturais do cotidiano escolar. Neste trabalho, evidenciamos o exercício educativo dos ciganos como prática cultural, o trabalho de escolarização da instituição de ensino e os elementos postulados por alguns filósofos teóricos que abordam as transformações dos modos de vida a partir da inclusão na escola, de culturas silenciadas ou negadas. A pesquisa traduz um trabalho de diálogo intercultural em uma investigação resultante de intensas buscas em fontes documentais e arquivísticas, tendo sido constituído um corpo empírico, com materiais de leituras no Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Florânia, arquivo da escola, fotografias, filmagens, cadernos de anotações, documentos pessoais e jornais de circulação nacional.

**MEIOS DE GOVERNAR, FORMAS DE DISCIPLINAR: UM ESTUDO
COMPARATIVO DOS REGULAMENTOS GERAIS DA INSTRUÇÃO
PARAIBANA DE 1849 E 1860**

Crislane Barbosa de Azevedo
Itacyara Viana Miranda

RESUMO:

Os Regulamentos Gerais da Instrução são documentos oficiais apresentados pelo corpo administrativo da instrução na província paraibana para regular e normatizar não só a estrutura física e material dos locais de aula, como é o caso da mobília e da própria sala, mas também para regular e normatizar os sujeitos da educação, dentre os quais destaco os professores e os alunos. A disciplina e a punição são elementos de controle apontados pelos Regulamentos Gerais da Instrução na Paraíba que serão utilizados no trabalho a que se pretende como o principal corpus documental. O objetivo é efetivar um estudo comparativo entre os Regulamentos Gerais de 1849, que se divide em duas partes a de 15 e 20 de janeiro e o de 1860, apontando as suas semelhanças e diferenças quanto às regras de conduta e as posturas adequadas para professores e alunos. Por meio dos rastros e dos indícios deixados pelas fontes, seguiremos procurando alguns elementos das práticas instrucionais, mesmo assim o sabendo que estaremos lidando com prescrições de práticas. As concepções teórico-metodológicas da Nova História Cultural nos servirão de base para a leitura e interpretação da documentação. Esse trabalho é parte integrante das pesquisas direcionadas para a elaboração de uma dissertação de mestrado, que se encontra em andamento.

DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA ESCRITA DE UM DIÁRIO ACADÊMICO ILUSTRADO COM AS REFLEXÕES DE SNYDERS E TEIXEIRA

Maria Julia de Paiva Almeida
Cristine Tinoco da Cunha Lima Rosado
Edna Maria da Cruz
Jacileide Ferreira Targino da Cruz Melo
Kalline Bezerra da Silva Flor
Tércia Maria Souza de Moura Marques

RESUMO:

No curso da disciplina Educação Brasileira, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ensaiamos a elaboração de um diário acadêmico, definido como gênero narrativo, que possibilita intersecções com o ato de estudar e aprender. O objetivo do trabalho é descrever as etapas da escrita de um diário acadêmico e exemplificá-las com o diário “Escola: alegria e transformação”, construído por um grupo de mestrandos e doutorandos desse Programa, que privilegiou as concepções de criança, infância e educação escolar nos autores: Georges Snyders (Alunos felizes... 2001) e Anísio Teixeira (Pequena introdução à filosofia da educação ... 1975). Em Snyders, a reflexão é pedagógica, no sentido do aluno aprender a estudar com alegria e prazer, mas mediante método de ensino. Em Teixeira, a discussão é filosófica e pedagógica por pensar uma educação escolar na qual a criança – aluno é sujeito constante das mudanças estruturais da sociedade moderna.

HISTÓRIA DAS DISCIPLINAS ESCOLARES: UM OLHAR A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

Aldo Gonçalves de Oliveira (UFPB)
Joseane Abílio de Sousa Ferreira (UFPB)
Maria Deusia Lima Angelo (UFPB)

RESUMO:

As pesquisas centradas na história das disciplinas escolares vêm contribuindo para melhor compreender a configuração do espaço escolar e as discussões voltadas para a produção dos saberes escolares, podendo, desta forma, contribuir com o debate acerca da cultura escolar. Entendemos que os conhecimentos produzidos na

escola resultam de uma interação entre os sujeitos que participam da construção desses saberes escolares, sendo necessário compreender a dinâmica que envolve esse processo. Para tanto, nos apoiamos em autores como: Chervel (1990), Goodson (1990), Bittencourt (1993), dentre outros. Os estudos centrados no campo da história das disciplinas escolares, assim como aqueles que contemplam o livro didático, dentro de uma perspectiva histórica e cultural, apesar de virem se tornando férteis nas últimas décadas, ainda representa um campo de pesquisa muito a ser investigado. Nesse sentido, estamos desenvolvendo projetos junto ao Grupo de Pesquisa Ciência, Educação e Sociedade-GPCES, na Universidade Federal da Paraíba-UFPB, em parceria com o CNPq. Essas pesquisas vêm ocorrendo por meios de projetos de Iniciação Científica e projetos de Mestrado e Doutorado, dentre outros. É importante ressaltar que, em geral, as pesquisas desenvolvidas pelo GPCES remetem-se principalmente a segunda metade do século XIX as primeiras décadas do século XX. Esse trabalho tem por objetivo evidenciar o livro didático enquanto um dos elementos de análise no campo da história das disciplinas escolares, e também, apresentar três pesquisas que vêm sendo desenvolvidas por estudantes e pesquisadores do nosso grupo. Estes estudos abordam a história das disciplinas escolares a partir do livro didático de Geografia. Primeiramente apresentaremos um estudo que trata da abordagem dada à província da Paraíba nos livros didáticos de Geografia publicados no período de transição do Império à República. Posteriormente apontaremos algumas considerações a respeito do surgimento das atividades ou exercícios nos livros didáticos de Geografia. Por fim, traremos algumas colocações referentes aos resultados de uma pesquisa que aborda as representações cartográficas no livro didático de Geografia.

**A PRÁTICA EDUCATIVA DA PROFESSORA STELLA VÉSPER
FERREIRA GONÇALVES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
(1910-1930)**

Érika Nogueira Martins (UFRN)
eri.martins07@gmail.com
Maria Arisnete Câmara de Moraes
arisnete@terra.com.br

RESUMO:

O presente trabalho é oriundo da efetivação de pesquisas acerca de professoras e escritoras que se destacaram no Estado do Rio Grande do Norte, contribuindo para

a formação de gerações. Desse modo, objetivamos reconstituir a prática educativa da professora Stella Vêspér Ferreira Gonçalves no cenário educacional norte-rio-grandense, durante o período de 1910 a década de 1930. No intuito de se obter informações mais detalhadas a respeito do perfil biográfico desta educadora, bem como de sua trajetória docente, efetuamos pesquisas nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte/ IHGRN, utilizando como fontes os registros formais encontrados na Revista *Pedagogium* e em jornais como *A República* e *Diário de Natal*, do início do século XX. Além disso, realizamos pesquisas no Arquivo Público do Estado/ APE-RN, Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy e Biblioteca Central Zila Mamede/ UFRN. Com base nas investigações efetuadas, destacamos que Stella Gonçalves formou-se na primeira turma da Escola Normal de Natal, no ano de 1910. Posteriormente, exerceu o magistério na instituição Grupo Escolar Augusto Severo – criado no governo de Alberto Maranhão pelo Decreto Lei de nº 174, de 05 de março de 1908 e, inaugurado, em 12 de dezembro de 1908. Observamos, também, que a referida educadora pertenceu à Associação das Noelistas, espécie de irmandade, presidida por mulheres que realizavam, periodicamente, estudos literários, religiosos e educacionais. Concernente a isso, dedicou grande parte de sua vida ao exercício dos escritos de cunho religioso e, ao mesmo tempo, educativo no jornal *Diário de Natal* da década de 1920. É importante destacar que, em alguns de seus artigos, utilizava como assinatura o pseudônimo Potyguara com a finalidade de responder às questões propostas pelas associadas da citada irmandade. Nessa perspectiva, os escritos de Stella Gonçalves evidenciavam um modelo de educação articulado a valores religiosos como a fé incondicional, a perseverança cristã e o amor fraterno. Ainda através de seus artigos, Potyguara defendia a relevância do papel materno na formação moral da criança. A identificação das contribuições de Stella Gonçalves para a Instrução Pública do Rio Grande do Norte e para a sociedade letrada natalense nos permite evidenciar sua relevância, no âmbito da História da Educação, como educadora, escritora e mulher. Dessa maneira, esta pesquisa, em andamento, visa contribuir para a Historiografia da Educação Brasileira, sobretudo, a norte-rio-grandense.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS CONTEXTOS DE ESCOLARIZAÇÃO E AS POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS EDUCATIVAS EMANCIPATÓRIAS

Elizabete Carlos do Vale (UEPB)
elisabete.vale1@uol.com.br

O presente trabalho tem como objeto a educação de jovens e adultos em contextos de escolarização. Entendendo que nos espaços escolares existe uma diversidade de práticas pedagógicas em que os conhecimentos produzidos no cotidiano da sala de aula vão além do que é instituído ou prescrito pelos currículos, o foco deste estudo envolve pensar sobre a educação de jovens e adultos (EJA) no contexto escolar enquanto possibilidade constituinte de práticas educativas emancipatórias, tendo como lócus uma escola pública de Campina Grande/PB. Para tanto, tomo como referencial metodológico a pesquisa com os cotidianos e, tal qual instiga o “paradigma indiciário” de Ginzburg (1989), busco captar nas práticas pedagógicas, formas criativas e particulares, muitas vezes contraditórias, perspectivas e possibilidades de práticas educativas emancipatórias produzidas no cotidiano escolar de turmas de EJA. Tal estudo busca levar em conta questões como: Quais as especificidades da EJA? Que significados são atribuídos a EJA pelos sujeitos que fazem parte dessa modalidade educativa? Como os professores criam no cotidiano das suas práticas saberes para além do que é definido e prescrito pelo currículo oficial? Na reflexão sobre as possibilidades de práticas educativas emancipatórias no contexto escolar, busco dialogar com as idéias de Paulo Freire e de Boaventura de Sousa Santos.

A EDUCAÇÃO VISTA COMO PROPOSTA E NÃO COMO AÇÃO: A ESCOLA E SEUS DESAFIOS

Sílvio César Lopes da Silva (UEPB)
Sclopes2@yahoo.com.br

Nos deparamos no cotidiano da sala de aula com as mais diversas situações, alunos desmotivados, condições precárias de trabalho e ensino, sem contar com o incentivo por parte dos órgãos competentes e gestores da educação. As políticas públicas educacionais estão em pauta, mas infelizmente, as mesmas acontecem enquanto discurso, já que os problemas de ontem perduram no hoje e nada é feito. As reflexões contidas nesse artigo resultam de nossa percepção enquanto educador

e de nossa vivência em relação a tais problemáticas. Para isso, tentaremos dialogar com alguns autores e consequentemente aproximar tal diálogo a nossa reflexão. Somos cientes que, por mais que tenhamos assunto e pontos a ser refletidos, nenhum conseguirá dar conta todo, uma vez que esse complexo assunto – a educação e as políticas públicas educacionais, fazem pauta das mais diversas gamas da sociedade, do individual ao coletivo.

PÔSTERES

HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES EM CAMPINA GRANDE

Hérica Francis Alves de Sousa
Kellysson Alves Barbosa
Dra. Patrícia Cristina Araújo Aragão (Orientadora)

RESUMO:

O presente trabalho é produto do projeto de extensão em andamento intitulado “História das instituições escolares em Campina Grande”, orientado pela profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão Araújo, cuja abordagem tratará da instituição SENAI. As instituições escolares não são feitas apenas de professores e métodos, envolvem estrutura e organização, onde se agregam diversos fatores que estão presentes na sociedade. Estudos em torno da cultura escolar mostram como as instituições recebem a cultura macro, onde é perceptível o fator idiossincrático presente na organização de cada uma, nos mostrando a capacidade de reinterpretação e adaptação que assumem. O SENAI, que é um importante marco para a educação da citada cidade, mostra-se um rico campo para a pesquisa, pois está há mais de 50 anos promovendo a qualificação profissional de jovens. O recolhimento de informações irá fazer parte de uma memorização histórica, não só da instituição como da sua contribuição educacional para Campina Grande. Mesmo sendo uma instituição voltada para o ensino técnico, o SENAI possui sua própria cultura, de modo que favorece na formação do indivíduo. Um dos objetivos do projeto é resgatar as manifestações culturais, mostrando o funcionamento interno da escola e procurando voltar-se ao poder criativo da instituição. O estudo do cotidiano da escola mostra-se fundamental na análise da juventude e a influência que este recebe da educação. Muito embora o projeto esteja voltado para o SENAI, o trabalho visa examinar o processo de criação das instituições escolares,

embasando-se na discussão da cultura escolar. A pesquisa traz contribuições para o reconhecimento educacional do cenário campinense, acompanhando os interesses políticos, econômicos e sociais, pois não se pode separá-los. Certificados desses aspectos, a pesquisa tratará seus objetivos com o intuito de obter resultados satisfatórios para a comunidade e acadêmica e para a própria instituição, retornando a esta para apresentá-los e discuti-los. Sendo assim, pretendemos mostrar o andamento da pesquisa, analisando os possíveis resultados e os caminhos percorridos para se chegar ao término da pesquisa.

**O PROFESSOR LUIZ ANTONIO DOS SANTOS LIMA E SUA PRÁTICA
EDUCATIVA NO CENÁRIO NORTE-RIO-GRANDENSE (NATAL/RN,
1910 – 1930)**

Karoline Louise Silva da Costa
Maria Arisnete Câmara de Moraes

RESUMO:

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento no qual objetiva configurar a prática educacional dos formandos da primeira turma da Escola Normal de Natal, em 1910, que se sobressaía no cenário Norte Rio Grandense. Desta maneira, analisamos a atuação do professor Luiz Antonio dos Santos Lima, durante o período de 1910 a 1930. Para tanto, realizamos pesquisas em documentos encontrados nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte/ IHGRN, dentre estes destacam-se: a tese de doutorado de Luiz Antonio intitulada Higiene Mental e Educação (1927), os jornais A República e o Diário do Natal. No Arquivo Público do Estado/ APE-RN localizamos fontes como Relatórios, Atas, Ofícios, e o Livro de Honra. Realizamos também uma revisão bibliográfica na Biblioteca Central Zila Mamede/ UFRN, por meio dos autores que enfocam seus estudos sob a perspectiva da História Cultural. Com base nestes materiais, observamos que o professor Luiz Antonio dos Santos Lima exerceu o magistério no Grupo Escolar Augusto Severo, no Atheneu Norte-Rio-Grandense e na Escola Normal de Natal. Lecionou as disciplinas Física, Química e História Natural. Formou-se em Farmácia no Recife, em 1919 e, posteriormente, em 1926, formou-se em Medicina no Rio de Janeiro. Atuou também nas direções da Escola Normal de Natal e da Escola de Farmácia de Natal, esta última criada pela Lei nº 497, de 2 de dezembro de 1920. Dada sua relevância como educador, na cidade de Natal existe em sua homenagem três referências que retratam o reconhecimento

dos contemporâneos a este intelectual. São estas: a Escola Estadual Professor Luiz Antônio, no bairro de Candelária, o Hospital Luiz Antônio, também conhecido como Hospital do Câncer situado no bairro das Quintas, como também uma rua localizada no bairro do Alecrim. Exemplo de fidelidade vocacional, Luiz Antonio, se destacou pelo brilhantismo na arte do ensinar, pois preocupava-se também em cultivar os bons hábitos tais como: metodização da alimentação; do asseio; da disciplina; entre outros cuidados, para a formação sadia dos alunos. Através desta investigação evidenciamos as contribuições como sujeito social e educativo deixadas por esse educador na constituição da sociedade letrada do Estado. Com este estudo pretendemos contribuir para a Historiografia da Educação Brasileira e, em especial, a Norte-Rio-Grandense.

HISTÓRIA DO GRUPO ESCOLAR FREI MIGUELINHO NATAL/RN (1912-1920)

Amanda Thaíse Emerenciano Pinto Pessoa
Maria Arisnete Câmara de Moraes

RESUMO:

Com o objetivo de contribuir para a historiografia da educação no Brasil, especialmente no Rio Grande do Norte, a Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais coordenada pela professora Maria Arisnete Câmara de Moraes desenvolveu um Projeto destinado ao estudo das instituições escolares, professores e professoras que se destacaram no cenário educacional da época. Como parte desse projeto, este trabalho se encontra em uma pesquisa em andamento e tem como objetivo estudar a história do Grupo Escolar Frei Miguelinho (segunda instituição pública) no período compreendido entre 1912 à década de 1920. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desse estudo foi à pesquisa bibliográfica fundamentada em documentos encontrados no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, no Arquivo Público do Estado, Biblioteca Central Zila Mamede e Escola Estadual Padre Miguelinho. Após a edificação do primeiro Grupo Escolar em 12 de junho de 1908 na Cidade de Natal, no qual recebeu o nome de Grupo Escolar Augusto Severo, demais instituições do gênero foram se disseminando pelo Estado, principalmente no interior. Na capital a segunda instituição pública só foi criada em 1912 com o decreto 277-B em 28 de novembro, declarando que a referida instituição compreenderia três escolas, duas elementares, uma para cada sexo e uma mista infantil. Recebeu o nome de Frei

Miguelinho em homenagem a Miguel Joaquim de Almeida Castro, mártir da Revolução Pernambucana de 1817. Sua fundação aconteceu em 21 de abril de 1913 no bairro do Alecrim. As aulas no Frei Miguelinho iniciavam-se às 10 horas e terminavam às 14 horas. As disciplinas lecionadas eram Língua Materna, Aritmética, Desenho Geométrico, História Pátria, Canto, Estudos Físicos, Geografia e Moral e Civismo. Para Diretor do Grupo foi nomeado o Professor Luís Soares Correia de Araújo, formado pela primeira turma da Escola Normal de Natal em 1910. O referido Professor era reconhecido pelos seus colegas de trabalho por ser um “educador nato”, preocupado não somente com o ensino do a.b.c, mais também com o desenvolvimento do caráter de seus alunos e por isso fundou o Grupo de Escoteiros do Alecrim, no qual, pregava o ensino de habilidades físicas, espirituais, intelectuais, sociais e afetivas. Dessa maneira, esse estudo buscou percorrer um pouco da história da instituição, seu cotidiano, professores, o funcionamento além da sala de aula, e os conteúdos ensinados aos seus alunos, favorecendo assim uma melhor compreensão do processo historiográfico da educação no Rio Grande do Norte.



GT 05 – ENSINO DE HISTÓRIA, DIVERSIDADE E CULTURA PATRIMONIAL AFRO-BRASILEIRA

Dr^a Maria Lindaci Gomes de Souza
Dr^a Maria Aparecida Barbosa Carneiro
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Esse GT pretende congrega educadores e pesquisadores que discutam a questão da educação das populações negras do Brasil, as práticas educativas no cotidiano escolar rural e urbano, e suas práticas culturais tradicionais. Contempla trabalhos que discutam as expressões da cultura patrimonial afro-brasileira em diferentes tempos e espaços. A história e cultura afro-brasileira no currículo escolar e sua relação com a lei 10.639/003 nas práticas educativas dos afro-brasileiros. Objetiva também reunir através de relatos de experiências, pesquisadores que apresentem propostas ou ações e estratégias para a reconstrução da cultura patrimonial afro-brasileira, assim como a memória das populações negras remanescentes de quilombolas.

COMUNICAÇÕES ORAIS

CLÓVIS MOURA REVISITADO: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA OBRA “QUILOMBOS. RESISTÊNCIA AO ESCRAVISMO”

Janailson Macêdo Luiz

RESUMO:

O artigo faz uma breve revisitação a uma das obras menos discutidas, do ponto de vista historiográfico, do sociólogo e “historiador” brasileiro Clóvis Moura (1925-2003), a saber: “Quilombos - Resistência ao escravismo”, lançada em 1987. Embora muitas das teses e argumentações defendidas por Moura, na obra analisada e em toda a sua produção intelectual, estejam sendo revisadas nos últimos anos pelos historiadores da chamada “nova historiografia da escravidão”, são poucas, na atualidade, as discussões referentes a este autor nos cursos de graduação e eventos acadêmicos. Para operacionalizar essa abordagem historiográfica, apropriamo-nos da operação Historiográfica certeaniana, sobretudo no que se refere ao que Certeau designa como os procedimento da prática, da escrita e do lugar social. “Quilombos - Resistência ao escravismo”, que é uma obra de cunho pedagógico, foi publicada às vésperas do centenário da abolição da escravatura no Brasil e teve como objetivo transmitir as principais concepções, com relação aos quilombos, levantadas por seu autor durante toda a sua carreira. Moura explica a estrutura escravista moderna, no Brasil e no mundo, por meio do materialismo dialético, seguindo a lógica: dominantes (senhores) versus dominados (escravos). Em síntese, para ele, os quilombos representaram a principal forma de resistência dos escravos no cerne do sistema escravista. É evidente que este autor não pode ser, simplesmente, deixado de lado, como vem acontecendo, por um mero apego às novas abordagens, ou por modismos que buscam apagar qualquer contribuição realizada por pesquisadores rotulados como “marxistas”. Paradoxalmente, uma das tradições da cultura historiográfica é a ausência de Memória. Em contraposição a essa realidade, consideramos que Clovis Moura (assim como outros intelectuais inseridos nas mais diversas correntes de pensamento), merece ser constantemente (re)visitado, por meio de concepções críticas, mas que não busquem apagar a sua importância, visto que, afinal, a realidade por ele “desvendada” (a difícil condição histórica vivenciada por negros e negras no Brasil, e também pelas camadas pobres em geral), longe de estar morta, continua pulsando, viva como sempre esteve, e como detectou aquele intelectual.

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA VIVÊNCIA DOS AFRO-BRASILEIROS NA SOCIEDADE BRASILEIRA E A IMPORTÂNCIA DA LEI 10.639/03 NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Ana Fábيا Bento dos Santos
Carlos Kleber Sobral Corlett

RESUMO:

As práticas educativas que pretendem ser iguais para todos na escola acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer contraditória, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças. Ao identificarmos o conceito e o processo da Educação no contexto das coletividades e pessoas negras e suas relações com os espaços sociais, torna-se imperativo o debate da Educação a serviço da diversidade, tendo como grande desafio a afirmação e a revitalização da auto-imagem do povo negro. O processo de Educação, como sabemos, ocorre a todo tempo e se aplica nos mais variados espaços. A Educação apresenta-se, portanto, como um caminho fértil para a reprodução dos valores sociais e civilizatórios das várias nações africanas raptadas para o Brasil e de seus descendentes. Nessa pesquisa, iremos contextualizar toda a situação dos afro-descendentes na sociedade brasileira. Mostraremos como o negro chegou ao Brasil, sua trajetória de vida (como escravo), seu sofrimento, os maus tratos a que era submetido, sem poder reivindicar nenhuma melhoria, etc.. Veremos a luta incessante desse povo para alcançar a liberdade tão almejada e o descaso com que eles eram tratados após algumas leis que os beneficiavam. Uma vez que, continuaram a buscar meios para sua sobrevivência, pois não lhes foram dadas oportunidades para viverem enquanto cidadãos. Situação esta, infelizmente, não muito diferente no que acontece nos dias de hoje, onde os negros sempre foram e ainda são, por parte de algumas pessoas, vistos como indivíduos incapazes, sobrando aos mesmos apenas empregos de menos importância na sociedade, mesmo tendo em nosso país negros que já ocupam posição de destaque. Mostraremos também neste trabalho o teor da Lei 10639/03 e a importância de sua implantação nos currículos das instituições escolares a fim de colaborarmos para criação de um ambiente que propicie o respeito às diferenças e a valorização da diversidade, da história e da cultura negra com a devida dignidade que merecem.

PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DOS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Waldeci Ferreira Chagas

RESUMO:

Desde 2003 as escolas públicas e particulares da educação básica estão obrigadas a inserirem no currículo escolar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nos seus currículos. Essa medida apesar de se constituir um avanço político, sobretudo, no que diz respeito à compreensão do pensamento e formação da sociedade e cultura brasileira, uma vez que rompe com a tradição eurocêntrica de história e cultura, se constituiu um desafio para a maioria dos (as) professores (as) que não se sentem à vontade para discutir tal temática na sala de aula; muitos preferem ignorá-la ou alegam não estarem preparados para tal exercício ao invés de enfrentar os reais problemas que os impedem de tratar tais conteúdos. Nesta perspectiva, o nosso propósito neste trabalho é discutir as perspectivas e os desafios na implementação dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira no currículo das escolas da rede pública municipal da cidade de Alagoa Grande – PB, visto que essa rede de ensino desde fevereiro de 2010 vem oferecendo aos seus docentes um curso de capacitação na área de história e cultura afro-brasileira, na perspectiva de que eles (as) insiram tais conteúdos no currículo escolar, conforme determina a lei 10.639/003. Todavia o oferta de um curso por parte do gestor não é a garantia de que tais conteúdos sejam inseridos no currículo escolar, uma vez que inseri-los incide sobre o universo cultural da escola e, sobretudo a subjetividade do (a) professor (a). Além dessas questões, quais são os outros problemas que impedem professores (as) nas suas práticas cotidianas em sala de aula de ensinar a história e a cultura afro-brasileira?

MOVIMENTOS SOCIAIS DE NEGROS/AS NO BRASIL: HISTÓRIA, CONQUISTAS E DESAFIOS

Margareth Maria de Melo

RESUMO:

Neste artigo Neste artigo destaco a história do movimento social de negros/as que demonstra como nosso povo não ficou passivo diante das atrocidades sofridas. A

organização e luta dos negros são provas de uma rede de indisciplina, permeada de astúcia e resistência, cujas táticas dos praticantes (CERTEAU, 2007) resultaram na libertação de muitos escravos, na formação dos quilombos, no combate ao racismo e nas conquistas de direitos e políticas de ações afirmativas. Essa pesquisa bibliográfica faz parte de minha pesquisa para doutoramento, em processo, na qual discuto sobre a questão da etnicidade afrobrasileira no curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba. A preocupação daí decorrente volta-se para a formação inicial de professores/as, sobretudo quando se discute a história do povo negro no país para que se combata o racismo velado. Com esse foco, analiso os nossos cotidianos de formação e os estereótipos que se tecem nas redes de relações e conhecimentos, nos livros didáticos, na mídia e no imaginário das pessoas. A articulação dos movimentos culminou com a conquista da lei 10.639 de março de 2003, que altera a lei 9.394/96 (LDB) para sua implementação e institui a obrigatoriedade do ensino da história da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa lei é fruto da organização e luta dos movimentos, mas sua existência não garante as mudanças na escola. Na verdade, é preciso que a luta continue agora no sentido de favorecer sua real implementação. No curso de formação de professores/as é urgente que esses conteúdos sejam aprofundados permitindo um sentimento de orgulho de nossa ancestralidade africana, resignificando o que é ser negro no Brasil. Os professores e professoras precisam conhecer a história do povo negro, sua cultura e de que modo está presente a força, o jeito e a sensibilidade desta população na constituição do povo brasileiro. Para aqueles/as que já atuam na escola será necessário oferecer cursos de formação continuada, e para quem está nos cursos de formação docente é preciso que os diversos componentes curriculares reelaborem a abordagem dos seus conteúdos, a fim de que estes não mais excluam a história e a cultura afrobrasileira. É necessário transpor o mito de uma nação uniforme e homogênea, ainda vigente na literatura escolar, que costuma apresentar o povo negro como uma etnia que deu uma “contribuição” para o país, quando, na verdade, esse povo, juntamente com outras etnias, construiu essa nação.

NOS TERRITÓRIOS DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS, REDES QUE TECEM A CIDADANIA CULTURAL: DESAFIOS E AVANÇOS DA EDUCAÇÃO EM ESCOLAS QUILOMBOLAS

Dr^a. Maria Lindaci Gomes de Souza (Uepb)
Dr^a. Maria Aparecida Barbosa Carneiro (Uepb)
Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Uepb)

RESUMO:

A nova sociedade brasileira, desde a década de 80, vem passando por diversas transformações. Entre elas estão à ascensão de novos atores sociais na cena política nacional, entre os quais se destacam os negros e os indígenas. Nesse sentido, um dos campos de estudo que tem sido revisitado, diz respeito às comunidades negras rurais identificadas como sendo constituídas por remanescentes quilombolas (FONSECA, 2000). A proposta deste texto é de dar continuidade a uma pesquisa que já estamos desenvolvendo em três comunidades remanescentes de quilombos: Grilo, Caiana dos Crioulos e Caiana dos Matias, na Paraíba. O segmento atual dessa pesquisa, busca examinar particularmente quais são as táticas e ou estratégias, assim como a forma de apropriação dos professores para colocar em prática, o que reza a lei 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira no ensino. Buscamos também identificar as contribuições que resultaram na formulação da teoria da mestiçagem, assim como os preconceitos, anteriormente a essa lei eram recorrentes no livro didático, considerando que foi marcante e incontestável o comprometimento de intelectuais negros, assim como do Movimento Negro com a problemática racial. Ressaltamos que no período assinalado, tal problemática constituiu um tema central de discussão, não só no campo político como também no social e intelectual brasileiro. Coerentemente com suas reivindicações e propostas históricas, as campanhas empreendidas pelo Movimento Negro tem possibilitado ao Estado brasileiro formular projetos no sentido de promover políticas e programas para a população afro-brasileira, no sentido de valorizar sua História e cultura (CAVALLEIRO, 2006). Em relação às práticas escolares, constata-se a quase inexistência de conteúdos tratando da cultura afro-brasileira, especialmente no que se refere à cosmovisão africana como: cultos, rezadeiras, práticas terapêuticas de cura, mitos, e práticas cotidianas das mulheres negras idosas. Sendo assim, a proposta sustenta-se na promoção de cursos estabelecendo uma rede de saberes entre a comunidade e a academia com o intuito de contribuir para recriar no

presente, uma cultura patrimonial afro-brasileira, que esta sendo trabalhada em uma escola quilombola, numa proposta intergeracional - jovem e idoso - no sentido de valorizar as tradições culturais típicas de cada comunidade.

**KARL FRIEDRICH VON MARTIUS E FRANCISCO ADOLFO DE
VARNHAGEN: O BRASIL E A INFELIZ PRESENÇA NEGRA**

Me. José do Egito N. Pereira (UFCG)

RESUMO:

O trabalho a ser exposto, faz parte de uma coletânea de textos referentes aos mais diversos olhares sobre o negro brasileiro. Estes olhares partiram de uma revisão bibliográfica de nossa historiografia, culminando numa dissertação de mestrado, chamada “A Escola Moderna e a Des/Construção do Negro: por novos olhares históricos”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Provocada pela Lei Federal 10.639 de 2003, a dissertação objetivou apontar “novos” olhares, novas pesquisas sobre o negro brasileiro, em detrimento dos primeiros olhares de uma história social do Brasil. Logo, em respeito às limitações metodológicas de espaço, selecionamos as abordagens sobre o negro brasileiro, dos primórdios de uma escrita da história do Brasil. Como o negro, enquanto agente formador da sociedade brasileira, apareceu nas primeiras páginas de uma história do Brasil? Qual o lugar social e intelectual dos pesquisadores Karl Von Martius e Francisco Adolfo de Varnhagen? Como se deveria escrever a história do Brasil para aqueles intelectuais do século XIX? Eis o foco de nossas discussões! Toda a história pessimista e preconceituosa em relação ao negro na sociedade brasileira, deve muito a estes dois ícones de nossa historiografia. Homens que tiveram suas existências marcadas, atravessadas, por visões racistas e evolucionistas da história, e que por isso, cartografaram uma imagem negativa daqueles que, junto ao índio e ao branco legaram o sujeito histórico e cultural chamado “brasileiro”.

MEMÓRIA HISTÓRICA A PARTIR DOS ESCRITOS AFRICANISTAS DE DOM JOSÉ MARIA PIRES

Mainara Duarte Eulálio

RESUMO:

A partir das inserções nos saberes históricos sobre a negritude, a busca pela identidade negra e a memória do povo afro-brasileiro, torna-se viável a contribuição de pesquisas sobre os estudos africanistas e a formação da historiografia da África contemporânea e da cultura afro-brasileira. Nesse ínterim, apresentaremos algumas das produções africanistas de Dom José Maria Pires e como ele utiliza seu poder como arcebispo Paraibano entre 1965 a 1995 para discutir questões sobre as relações étnico-raciais não só na Paraíba como a nível nacional. O presente artigo tem o objetivo de apresentar a análise de dois escritos africanistas de Dom José Maria Pires, contextualizando-os historicamente e fazendo um apanhando teórico sobre a memória individual, coletiva e histórica presente nos seus escritos. O primeiro corresponde ao prefácio “Afirmação da Negritude” para inserir no livro que reúne os trabalhos produzidos no II Encontro de Padres, Religiosos, Religiosas e Seminaristas Negros, e o segundo, trata-se da Homilia para missa dos Quilombos realizada em 1981 na cidade de Recife. Para assim, entendermos os pressupostos que o levaram a lutar pelas questões raciais, e quais foram os meios utilizados para expandir a Teologia da Libertação nas discussões presente nesse período. Maurice Halbwachs contribuirá para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Juntamente com os pressupostos teóricos de Pollack, e de Machado quando se trata da idéia multicultural presente na sociedade brasileira. É nesse contexto destas relações e através da conjuntura histórica do período que construímos as nossas lembranças, e na qual pautam as memórias individuais presente nos escritos africanistas de Dom José Maria Pires. Entretanto, o artigo oferece um novo olhar para historiografia ao utilizar a análise de escritos africanistas para entender o que se discutia na época sobre a população negra paraibana e nacional. E usá-los também como documentação ou fonte para o ensino da História e da cultura afro-brasileira em sala de aula.

BIOGRAFIA E CANÇÕES: ASPECTOS BIOGRÁFICOS EM “HISTÓRIAS DE CANÇÕES – CHICO BUARQUE”

Georgiana Coelho Santos Silva

RESUMO:

A biografia se encontra numa zona fronteira, gênero híbrido, transita entre a História, a Literatura e o Jornalismo – ficção e realidade. Pierre Bourdieu chama de Ilusão Biográfica a tentativa de narrar uma trajetória de vida, que, segundo ele, não caberia num relato diacrônico, já que a vida e o sujeito seriam fragmentados, sujeitos a toda natureza de variações. Partindo destas reflexões, analisamos os elementos biográficos em Histórias de Canções – Chico Buarque, de Wagner Homem. Nos limitamos ao escopo biográfico da obra, enfocando questões como: imagem do biografado, pacto entre biógrafo e biografado, temporalidade, linguagem e seleção das fontes. Todos esses aspectos se mostram importantes na tentativa de narrar uma vida. Ao escrever História de Canções, Wagner Homem tem como proposta inicial contar as histórias que envolvem a criação musical de Chico Buarque, mas, para alcançar seu intento, inevitavelmente narra a vida de Chico Buarque. Vida e obra de um artista consagrado como Chico Buarque permanecem indissociáveis no imaginário popular, portanto, seria impossível narrar a sua vida sem perscrutar sua produção artística, assim como dificilmente se poderia contar as histórias de suas músicas sem narrar momentos da vida do artista. O conceito de verdade pode assumir diferentes variáveis no contexto de “História de Canções”. Alguns fatos presentes no livro podem ser comprovados através de documentos, mas, muitas histórias colocadas no livro só fazem parte do universo familiar ou de amigos de Chico Buarque, portanto, sujeitos à variação e subjetividade da memória daqueles que participaram ou de certa forma estão ligados aos fatos, sem comprovação documental. Partindo dessas proposições, nos deparamos com indagações que nos permitem pensar na natureza da biografia. É realmente Chico Buarque que encontramos no livro de Wagner Homem? A biografia é fiel à realidade ou se trata de uma representação do biografado? Seria possível escrever uma vida? É possível abarcar uma existência no espaço limitado de um livro? Não intencionamos encerrar essas questões, mas propor uma reflexão dentro dessa esfera da biografia, gênero ainda tão controverso.

OS NEGROS FORA DE LUGAR: A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Nayara Tatianna Santos da Costa (UFPB)
nayaratscosta@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo apresentar como a discussão racial esteve presente ante os debates implementados pelos intelectuais brasileiros em torno da problemática da construção do ideal de nação, tendo em vista que em finais do século XIX e princípio do século XX tínhamos no Brasil uma preocupação em teorizar e construir uma identificação com a nossa “brasilidade”, ou seja, um ideal de nação, com a construção de elementos que envolvessem de maneira positiva os personagens situados nesse contexto peculiar; ao mesmo tempo que também sinaliza como as idéias difundidas pelos intelectuais de instituições brasileiras da época através de periódicos como as Revistas das Faculdades de Direito de Recife e de São Paulo cumpriram a função de divulgar e legitimar uma suposta superioridade racial, na qual os negros eram tipificados como personagens que carregavam intrinsecamente características que conduziram o país a figurar nos cenários externos enquanto sinônimo de atraso. Tendo como pressupostos as teorias raciológicas européias de bases sobretudo evolucionistas, essa ciência produzida no interior das instituições e veiculada pelos periódicos das mesmas, dessa maneira, se tornariam um conhecimento legitimado. Nesse percurso, a mestiçagem surgiria como peculiaridade do “ser brasileiro” numa expressão dual que ao mesmo tempo em que assinalava nossa identidade, era vista sob a preocupação intencional de uma “mistura de raças” que mais tarde dirigiria o processo de embranquecimento da população brasileira, que supostamente dentro dessa compreensão estaria viabilizando uma modernização para o país nos padrões europeus, o que acarretaria portanto uma marginalidade daqueles que remetessem ao atraso pelo critério da cor, lógica que também iria perpassar e influenciar a visão de uma educação a ser construída, sendo os negros assim excluídos inclusive, dos processos educativos formais.

EQUÍVOCOS SOBRE O ESTUDO DA ÁFRICA E DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES DOS AFRO-BRASILEIROS: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA

Germana Guimarães Gomes
Solange Pereira Rocha

RESUMO:

Abordar o tema da população negra no Brasil se torna um grande desafio para os historiadores, tendo em vista que, durante um longo tempo, a historiografia priorizou os estudos acerca desse grupo social sob a ótica do branco colonizador, expressando dessa forma um discurso eurocêntrico. Mediante esse contexto, propomos nesse estudo analisar os espaços de sociabilidades dos afro-brasileiros na transição do século XIX-XX, quando estes se deparam com a nova concepção de mundo propiciada pela abolição que alterou sua inserção na sociedade, convertendo-os de propriedade dos seus senhores em mão-de-obra assalariada. “Livres”, estes eram responsabilizados pelo corrompimento social no qual o país se encontrava, fazendo com que a mestiçagem provocada pelo cruzamento racial fosse o mal do país. É dentro dessa discussão que focaremos também a idéia de África, ou seja, dos olhares sobre este continente e de seu povo e como esta discursividade foi apropriada pelo aparato hegemônico no Brasil. É, assim, portanto que através dessa análise verificaremos o contexto social, final do século XIX e início do XX, no qual analisaremos a sociedade brasileira e a situação da população negra, oferecendo nesse sentido uma nova proposta de ensino de história.

O DECRETO 4.887/2003 E A REVELAÇÃO DE UM DESCONHECIDO BRASIL NEGRO

Sandreylla Pereira Medeiros (PPGH-UFCG)
sandreylla@hotmail.com

RESUMO:

A temática Quilombo muito pouco aparece em nossos livros didáticos e quando mencionada está sempre atrelada a um fenômeno histórico não mais condizente com a realidade vivida por seus descendentes na sociedade atual. O Governo

Federal através da Fundação Cultural Palmares vem reconhecendo comunidades rurais negras como pertencentes a uma ancestralidade escrava a partir do decreto de nº 4.887 do dia 20 de novembro de 2003. Dessa forma, os quilombos estão por toda parte e não devem continuar a ser compreendidos apenas dentro de uma perspectiva estática e singular do passado colonial. A proposta dessa comunicação é perceber esses territórios negros, em tempos atuais, como lugares de preservação cultural em constante transformação social, que dar - se, sobretudo, a partir das diversas situações de alteridade, e compreendê-los como o espaço da livre manifestação das etnias negras.

A (IN)VISIBILIDADE DO NEGRO (A) E A POSSIBILIDADE DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE/PB

Maria Adriana Chaves do Nascimento Rodrigues
Eduardo Alves Cardoso

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivos discutir e analisar a aplicabilidade da Lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na educação básica, nas disciplinas de História e Geografia, das series finais do ensino fundamental da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Alagoa Grande. A idéia para desenvolver essa pesquisa surgiu a partir de algumas problemáticas levantadas referentes aos processos vividos pelo alunado da EJA, sabendo que essa análise não deve ser entendida somente pelo viés da questão social, mas principalmente pela questão racial. Este artigo apresenta uma abordagem histórico-social da Educação de Jovens Adultos como aspecto central da manutenção da exclusão e das desigualdades sociais a que foram mantidos os descendentes afrobrasileiros. Nesse sentido, objetivamos compreender o cotidiano escolar na Educação de Jovens e Adultos a partir da prática dos professores bem como, perceber ou não a presença de estereótipos e preconceitos cristalizados no discurso racista de alguns professores no espaço escolar. Abordaremos também algumas leis que foram utilizadas como mecanismos para impedir os (as) negros (as) de ter acesso aos bancos escolares, gerando um alto índice de analfabetos dos quais ainda temos resquícios, na tentativa de silenciar e invisibilizar a presença do negro na sociedade. Sendo a escola uma instituição social, um espaço de poder e de

transformação onde se constroem identidades, faz-se necessário trabalhar a diversidade e o pluralismo cultural na Educação de Jovens e Adultos na tentativa de erradicar as diferenças existentes entre negros e brancos, reconhecendo a importância e a contribuição na formação histórico-cultural dos brasileiros. Trabalhamos com uma pesquisa campo subsidiada por uma pesquisa bibliográfica onde utilizamos um questionário contendo cinco (05) perguntas abertas aplicados a professores da Educação de Jovens e Adultos. As reflexões decorrentes da análise das respostas estão subsidiadas por uma bibliografia específica sobre educação e racismo.

ÁFRICA NA SALA DE AULA: CONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO

Profª Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho

RESUMO:

Nesse Colóquio apresentamos a experiência de trabalho com o projeto: África na Sala de Aula: Conhecimento e Valorização, desenvolvido com os educandos da escola Municipal de Campina Grande-PB, ano 2009 e 2010. Para assegurar o objetivo do projeto tivemos como fio condutor os seguintes conteúdos: conhecimento do espaço geográfico do continente africano, a valorização do negro enquanto ser humano sujeito da sua própria história, a valorização da cultura africana e a sua contribuição para a formação da cultura brasileira. Essa temática viabiliza o cumprimento da Lei Federal Nº 10.639. Oportunizamos uma ação reflexiva para a desconstrução do estereótipo negativa que se tem sobre o continente africano, da sua população e da sua cultura. O encaminhamento do projeto contribui para que os educandos valorizem sua própria identidade. Mas nosso objetivo foi possibilitar aos alunos a reverem seus valores com relação ao negro bem como dá visibilidade de como essas idéias são construídas na nossa sociedade. Constatando ao longo de nossas vivências diárias, expressões e ações de preconceitos entre os alunos percebemos que ainda há muita coisa por fazer no contexto pedagógico para a construção do conhecimento e valorização da História e Cultura Afro-Brasileira a fim de superarmos os grilhões da cultura racista e discriminatória que ainda persiste na nossa sociedade. Acreditamos que a escola enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar, contra toda e qualquer forma de discriminação. Nosso projeto apresentou relevância social e cultural visto que nossa intenção maior foi à desconstrução, das idéias pré concebidas a respeito do

continente africano e do seu povo, assim o fizemos por meio de questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar conceitos, idéias, comportamentos vinculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial que ainda é defendido no Brasil. A construção das novas idéias sobre o continente africano e a valorização do mesmo foi constatada na produção textual individual solicitada como avaliação. Mediante essas avaliações, a cada leitura que fiz de todos os textos produzidos constatei que os alunos construíam novas representações valorativas sobre o continente África.

EDUCAÇÃO E REMANESCENTES QUILOMBOLAS: UMA ANALISE DO ENSINO NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DO GRILO-RIACHÃO DO BACAMARTE-PB

Williams Lima Cabral
Maria Lindaci de Souza Gomes

RESUMO:

Nosso trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento do projeto aprovado pelo PIBIC cota 2010/2011 intitulado: “Quilombolas, redes que tecem a cidadania cultural: Territorialidade, Educação, Migração e Narrativas de Vida”. Pesquisa que esta sendo desenvolvida na comunidade Remanescente Quilombola do Grilo que se localiza no município de Riachão do Bacamarte no Estado da Paraíba, temos como orientadora a Prof. Dra Maria Lindaci de Souza Gomes. Vamos analisar o contexto sócio - econômico da comunidade, suas tradições e costumes. Uma das abordagens de nosso projeto é a educação, pesquisamos nessa comunidade qual o tratamento que os professores possuem com relação à educação voltada para o povo negro, queremos responder a seguinte pergunta: Será que a educação oferecida nessa comunidade é voltada para uma valorização dos remanescentes quilombolas e do povo negro, obedecendo assim à lei 10.639/003? Utilizamos a metodologia da história oral para arrecadar fontes entrevistando tanto os professores como os moradores da comunidade. Por ser uma pesquisa inicial não obtemos ainda resultados concretos, mas questionamentos que desejamos compartilhar com este grupo de trabalho que tem como tema: - ENSINO DE HISTÓRIA, DIVERSIDADE E CULTURA PATRIMONIAL AFRO-BRASILEIRA. Vamos analisar a História do negro na educação do Brasil considerando a desigualdade racial existente na educação da sociedade brasileira para termos uma base de

pesquisa voltada para a emancipação da História da África e Afro-brasileira e principalmente para valorizar os estudantes daquela comunidade.

A HISTÓRIA, O ENSINO E AS NEGRAS DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Edivania Granja da Silva Oliveira

RESUMO:

A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada na zona rural do município de Salgueiro, Sertão Central de Pernambuco, possui atualmente cerca de 4.000 remanescentes quilombolas. A formação de Conceição das Crioulas baseia-se no “mito fundador de seis crioulas” que chegaram à região por volta do final do século XVIII, “fugidas”, inicialmente arrendaram e depois compraram a posse da terra. Percebe-se a importância dos papéis exercidos pelas mulheres desde a fundação e ocupação nessa comunidade que perpassam de geração a geração através de relatos orais com a questão da posse e compra da terra. Esse estudo pretende demonstrar o papel desenvolvido pelas mulheres dessa comunidade na luta contra a ideologia dos fazendeiros da região. Através de estudos existentes sobre essa comunidade pode-se observar que é no território do cotidiano que se encontram mulheres fortes que lutam por seu território, por sua cultura e por melhores condições para sua comunidade, focados nos aspectos relevantes quanto às relações de gênero, considerando a matrifocalidade e o estudo do universo feminino sob a perspectiva da história cultural, na análise dos gestos e práticas dessas mulheres, além da utilização da História Oral. Para compreender as relações sociais na formação do Quilombo Conceição das Crioulas, partiu-se para o estudo de gênero, já que esse quilombo tem uma ativa liderança feminina desde sua fundação. Percebe-se a construção de gênero em Conceição das Crioulas como uma desestabilização em relação à ordem patriarcal, já que não são evidenciadas diferenças políticas entre os sexos, as mulheres não são discriminadas e nem ocupam posição de inferioridade em relação aos homens na atuação do espaço público e político. Compreende-se a importância para essa comunidade de rememorar a história de luta pela posse da terra, de resistência, de liderança e da identificação com as “crioulas fundadoras” como fator de preservação cultural. Percebe-se a prática de vivências comunitárias de solidariedade, de justiça como táticas de sobrevivência, diante da situação de penúria que vive a maioria das comunidades rurais do sertão nordestino. No contexto da luta pela afirmação da

posse da terra e da história dessa comunidade, a educação é uma das prioridades. A comunidade tem dedicado a aplicação da Lei 11658/08 dentro do universo educacional como forma de conscientização dos membros da comunidade, do seu papel como sujeito histórico, na contribuição da sociedade brasileira.

AS IRMANDADES DE NEGROS DA PARAÍBA: UMA TEMÁTICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO MULTICULTURALMENTE ORIENTADO

Cristiane Maria Nepomuceno
crismarianepomuceno@hotmail.com

Carla Liege Rodrigues Pimenta
carla_liege@yahoo.com.br

A escola e o currículo têm um papel fundamental no processo de edificação da identidade, tanto na perspectiva individual quanto na cultural. No atual contexto histórico permeado por identidades “supérfluas”, nunca foi tão crucial (aqui entendido como: fundamental para a existência, para o destino de algo, alguém ou um grupo) que a escola constitua-se em espaço de divulgação da história e da memória dos grupos étnicos e, por conseguinte, atuem no reforço e na manutenção da identidade dos mesmos. Dessa forma, discutir manifestações culturais que expressem a cultura de uma dada comunidade, sejam estas inclusive de caráter religioso, é de fundamental importância para a formação das identidades, visto contribuir para as singularidades e as características dos diversos elementos (etnias) que conformaram a nossa sociedade. As irmandades de negros, surgidas entre os séculos XVI e XVII no Brasil – dependendo da região – eram organizações de caráter religioso (a princípio) que tinham por objetivo reunir a grande massa de negros africanos e seus descendentes, tornaram-se uma das principais responsáveis pela organização das festas religiosas e, posteriormente, dos cortejos, de modo que contribuíssem para apregoar os elementos sagrados e as tradições da religiosidade africana e afrobrasileira. No caso do estado da Paraíba, em suas diversas microrregiões, encontramos registros da presença de irmandades de negros (na sua maioria ligadas a imagem de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito), a exemplo dos municípios de Santa Luzia, Pombal e Areia. Em alguns desses, os encontros, as festas e os rituais ainda permanecem em uso, mesmo que não possuam mais o mesmo teor do passado. A proposta dessa comunicação é apresentar algumas das irmandades de negros da Paraíba, mostrando que estas podem ser em tema para discutir a educação, o patrimônio e a identidade negra no

nosso estado, a partir da inserção nas escolas viabilizando a produção de um currículo multiculturalmente orientado.

PÔSTERES

O TEXTO LITERÁRIO E A HISTÓRIA DOS AFROBRASILEIROS: UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO

Paulo de Oliveira Nascimento
Alba Cleide Calado Wanderley

RESUMO:

As práticas culturais dos afrobrasileiros sempre foram percebidas com um olhar pejorativo e como fruto de um desequilíbrio social, contribuindo para reprodução da cultura eurocêntrica no Brasil. Este estudo pretende fazer uma análise de temas que tratam das questões etnicorraciais na escola, a partir do livro didático de História que faz uso do texto literário para tratar de questões referentes ao afrobrasileiro. Lançaremos nosso olhar sobre três textos literários (O garimpeiro Isidoro, Cancioneiro da Inconfidência e Negrinha), postos nos livros didáticos das 6ª e 7ª séries, da coleção História em documento: imagem e texto (RODRIGUE, 2006), tentando entender, em caráter externo ao texto literário, como a autora trabalha a idéia de inclusão do afrobrasileiro a partir destes textos literários em consonância com a Lei nº 10.639/03 e o PNLD e, em caráter interno, como e porque tais textos tratam do afrobrasileiro. Estes textos contribuem para a inclusão da História dos afrobrasileiros no currículo oficial, considerando a escassez de fontes sobre os negros que trazem uma visão diferente daquelas das elites brancas, estampadas em fontes oficiais.

**A FUGA DO PRETO PARA O MATO: O QUILOMBO DOS PALMARES E
SUAS DEFESAS ESTRATEGISTAS CONTRA UMA SOCIEDADE
ESCRAVISTAS ENTRE O SÉCULO XVI AO SÉCULO XVIII.**

Adriele Rodrigues De Oliveira
Kalina Vanderlei Silva (Orientadora)

RESUMO:

Os escravos que estavam exauridos do poder exacerbado dos seus senhores recorriam muitas vezes à fuga do cativeiro em direção as matas do nordeste brasileiro. Foi a partir dessas fugas que se formaram os quilombos, onde os primeiros vestígios desses agrupamentos datam do início do século XVI se estendendo até o começo do século XVIII. Diferentemente do que ocorreria nas insurreições, revoltas e levantes de escravos, os quilombolas almejavam sua liberdade encontrando-a na fuga, porém esses pretos não lutavam contra a escravidão em si, o que eles faziam era definir seus contornos, uma vez que suas organizações e mesmo formas de colaboração e alianças com vários setores da sociedade envolvente deixavam ileso o regime escravista. Ao estudar a estrutura dos quilombos existentes na América portuguesa, encontra-se uma grande problemática em suas fontes, pois os documentos referentes, em sua maioria, são de cronistas portugueses que exaltavam as tropas da coroa e suas inúmeras investidas, dificultando o trabalho dos historiadores que buscam uma visão mais primitiva dos quilombos, pois poucos são os documentos que revelam sobre a estrutura interna dos mocambos e dos seus viventes. Sabem-se mais a respeito das estratégias das tropas militares enviadas para destruí-lo, deixando-nos de olhos vendados sobre as lutas e a vida cotidiana dos guerreiros quilombolas. A documentação mais abundante sobre a presença dos quilombos no Brasil é referente ao quilombo dos Palmares, que estava localizado nos estados de Pernambuco e Alagoas, surgindo no final do século XVI e resistindo a várias investidas até o século XVIII, considerado por especialistas como Flavio Gomes, Edison Carneiro e Décio Freitas, um dos maiores símbolos de resistência negra na sociedade colonial. Essas comunidades de fugitivos em nenhuma parte do Brasil permaneceram isoladas, sua capacidade de interação com diversos outros setores sociais era o que mais assustava as autoridades coloniais, pois esses mocambos desenvolveram práticas econômicas locais e suas relações sociais eram complexas. Dessa forma, busca-se nesse trabalho analisar a função social dos agrupamentos de

pretos e pardos fugidos, e de como a sociedade açucareira se comportou diante dessa quebra do padrão colonial.



GT 06 – GÊNEROS HÍBRIDOS NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA: CARTAS, MEMÓRIAS, AUTOBIOGRAFIAS, DIÁRIOS E FOTOGRAFIAS

Fabiana Sena
Socorro de Fátima Pacífico Barbosa
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Este GT tem o propósito de congregiar as pesquisas nas áreas da história cultural, da história da educação e da história da literatura, formuladas a partir da utilização de fontes materiais escritas e iconográficas, que mesclam vários gêneros de discurso, os chamados gêneros híbridos. Tomando-os na fronteira entre a ficção, memória e história, o GT tem por objetivo discutir as possibilidades e os limites de alguns gêneros relacionados à escrita do eu e à construção de biografias. Interessam, portanto, práticas de escrita e alguns de seus objetos: a carta e seus autores (anônimos e célebres), sua guarda e sua publicação; os diários, consagrados ou não, ficcionais ou “verdadeiros” e as autobiografias. Neste sentido, não há como deixar de refletir sobre as narrativas de si disseminadas em milhares de blogs, como forma atual e popular de uma escrita exibicionista e narcísica; a poesia confessional e a narrativa ficcional, romances e contos como lugar de exacerbamento do indivíduo. Em consonância com a visada que os estudos biográficos têm assumido nas últimas décadas, tanto no campo da história, como no da história da educação e da literatura, o interesse por esta narrativa, sua validade histórica e ambiguidades, possibilita a este GT discutir este gênero como produção historiográfica, fonte sobre o cotidiano de indivíduos, ou, por fim, como método histórico. Entre os objetos de construção do gênero biográfico, inclui-se a

fotografia como elemento passível de construção de uma narrativa biográfica e histórica.

COMUNICAÇÕES ORAIS

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS DE DOCENTES EM DEFESA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS NA PARAÍBA: O CASO DA PROFESSORA TERESA AQUINO E DO NÚCLEO INTEGRADO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA TERCEIRA IDADE (1991-2005).

Daniella de Souza Barbosa Suassuna

RESUMO:

Este trabalho investigou e analisou a história de vida e o legado acadêmico da professora paraibana Teresa Aquino para a institucionalização do debate educacional da Gerontologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) entre os anos de 1991 e 2005. Ela inaugurou esse discurso mediante as oportunidades institucionais surgidas em 1991 para a implantação da primeira Universidade da Terceira Idade da Paraíba como órgão suplementar ligado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Federal da Paraíba (PRAC/UFPB) e, com isso, pela narrativa de sua história de vida, que se encerrou em 2005, foi possível compreender as lutas políticas, os discursos educacionais, os sujeitos escolares e as mudanças sofridas na proposta político-pedagógica pelo reconhecimento institucional do debate educacional gerontológico na Paraíba, materializado pela criação do Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisas da Terceira Idade da Universidade Federal da Paraíba (NIETI/UFPB) em 1994. Deste modo, sua biografia foi produzida a partir das histórias e memórias de familiares e de sujeitos escolares da UFPB por meio do emprego da história oral como método capaz de produzir fontes orais (entrevistas) e de desvelar fontes escritas (ofícios, portarias, relatórios, artigos científicos, matérias jornalísticas) e imagéticas (fotografias) junto aos entrevistados. Logo, o objetivo do estudo foi produzir um olhar histórico para a biografia de Teresa Aquino compreendendo, pelas singularidades e complexidades do cotidiano de seus fazeres docentes, a dedicação de sua velhice no processo de afirmação do direito a educação das pessoas idosas na Paraíba. Assim, os resultados e a discussão desta pesquisa contribuíram para

pensar a pluralidade dos processos escolares em torno da institucionalização do debate educacional gerontológico na Universidade Federal da Paraíba.

LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA NAS CRÔNICAS DO INTELECTUAL TRISTÃO BARROS – CURRAIS NOVOS 1920-1930

Eva Cristini Arruda Câmara Barros (UFRN)
Joedson Weslly de Medeiros Batista (UFRN)

RESUMO:

Do encontro leitor e escritor por intermédio da obra literária e a perene novidade ofertada pelos caminhos da leitura produzem o (re)conhecimento do outro existente em outra esfera temporal, cuja verve intelectual, conduz pela escrita representações de seu meio circundante. O descobrimento pela leitura de outras realidades subjaz na essência do ato de escrever seu principal objetivo, ou seja, essa descoberta. Nessa perspectiva, este trabalho pretende apresentar uma leitura de crônicas do escritor paraibano Tristão Barros (1896-1936), publicadas na revista literária Ninho das Letras (1925-1927) e nos jornais O Porvir (1926-1927) e o Galvanópolis (1931-1932), no período em que residiu na cidade de Currais Novos, no Seridó Norte-Rio-Grandense. Privilegia-se, assim, a apresentação e a apreciação dos pontos de vista acerca da educação segundo a visão deste intelectual, já que, compreendemos que ninguém melhor do que um pensador para nos apresentar as concepções de uma sociedade em nítido processo de mudança num espaço-tempo de sua história. A partir de esse olhar que lança sobre a educação e o modo como a concebe, bem como a postura de estima que denota para com essa cidade, tencionamos desenvolver a leitura da obra de como representações da sociedade curraisnovense na segunda metade dos anos 20 e início dos anos 30 do século XX. Como objeto de estudo, trabalharemos as representações produzidas por Tristão Barros, mas compreendidas como usos e costumes e pensamentos de uma época marcada pela confluência tanto de elementos da modernidade como da permanência do arcaico e do tradicional. Para dar maior legitimidade a importância de uma nova racionalidade social - como ordenamento urbano, escola graduada, iluminação pública, imprensa, higiene pública, maquinários - advinda com os ideais de modernidade e sua influência no homem moderno, tanto nas grandes metrópoles como nas pequenas cidades do interior de nosso país. Por sua vez, a oferta de uma compreensão do homem de um tempo em um determinado recorte da história, quando próximos a realidade comum dos indivíduos que tomam

conhecimento desse corte temporal, facilitam o entendimento da vida atual. Nesse sentido, o esforço é para fugir de figurinos de uma literatura e de uma história onde só cabem enquadramentos, normalmente produzidas nos grandes centros acadêmicos. Buscamos, sim, fontes de compreensão próximas, produzidas por pessoas que souberam fazer uma leitura local sem, no entanto, perder de vista o movimento mais geral.

A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM FOCO: AS MEMÓRIAS E AS FOTOGRAFIAS DE FORMATURA COMO REGISTRO DE UMA TRADIÇÃO (RE)INVENTADA

Uyguaciara Veloso Castelo Branco (UEPB)

RESUMO:

A busca pela inserção social, dentro de um modelo de sociedade hierarquizado e que atribui privilégios e poder aos incluídos, em contraposição à exclusão, ao preconceito e ao desprestígio dos que estão não fazem parte da chamada “elite”, leva tanto os incluídos quanto os excluídos a manifestarem seus desejos de pertencimento através de expressões de enorme valor simbólico. Dentre esses processos de busca de identidade e identificação (MENDES, 2002; ERIKSON, 1968), encontram-se os rituais de colação de grau ou de outorga do grau de bacharel, que tentam perpetuar o passado e a tradição, vinculando-os a preservação do rito, no presente, de modo a garantir a dignidade, a cortesia, a pompa e o luxo presente nas cerimônias dos chamados “cursos nobres”. Objetivando compreender melhor essa intrigante problemática, o presente estudo utiliza, como fonte primária, artigos de jornais catalogados no arquivo da COPERVE/UEPB, fragmentos retirados de 08 livros de memória e 01 coletânea de discursos escritos por José Américo de Almeida, dentre os 85 livros de memória de autores paraibanos, que tratam da temática História dos Cursos Superiores, do acervo da Biblioteca Central da UEPB, no setor de Autores Paraibanos, e da Biblioteca do IHGP, e fotografias de Colação de Grau dos Cursos de Direito, Medicina e Pedagogia. A partir do diálogo com as fontes, percebemos que o indivíduo, em contínuo processo de construção e reconstrução identitária, na tentativa de fazer sentido a sua condição humana e sociocultural, procura estabelecer uma busca de integração, tentando ajustar o seu comportamento às exigências morais e sociais que o rodeiam, buscando coerência e aceitação de si mesmo e do grupo, nos diversos papéis sociais que desempenha, em determinados momentos de sua existência. Sua

identidade pessoal pode ser melhor compreendida, nesse sentido, como o conjunto de características que são mais uniformes ou mais constantes no ser humano e que, ao mesmo tempo, são responsáveis por sua inserção no espaço coletivo das identidades sociais, espaços esses traduzidos pela comunidade local e pelos grupos relacionados à nação, à região, à classe social, à categoria profissional, etc.

**ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: ADÉLIA DE FRANÇA UMA
PROFESSORA NA(DA) PARAÍBA NO INÍCIO DO SÉCULO XX. UFPB.**

Simone Joaquim Cavalcante (UFPB)

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo (re)construir a memória histórica da professora Adélia de França, a partir da historização do seu lugar social, enquanto sujeito histórico, e do seu pertencimento étnico, no contexto da história da educação na Paraíba no início do século XX. Um estudo que pretende (re)visitar o passado, através da memória e das experiências de vida de uma pessoa extraordinariamente comum. Nesta perspectiva, são abordados três espaços de discussão, o primeiro propõe uma reflexão teórico-conceitual subjacente às novas abordagens e rumos historiográficos a partir da História Cultural e da História Social, de modo que possa dialogar com o campo da história da educação a partir da memória de uma professora. O segundo pretende recompor a memória da docência feminina, através da sua biografia como uma professora negra que se destacou no campo da educação na Paraíba, pretendendo a consulta aos arquivos (público e privado) que vão desde a sua formação como normalista à entrevista com familiares e outras pessoas (ex-alunos). O terceiro objetiva contextualizar, historicamente, a atuação da professora Adélia de França no exercício da sua profissão no ensino público e privado, considerando, primeiro sua atuação como docente da cadeira elementar do sexo feminino (em 1926) e, posteriormente como professora da segunda cadeira elementar mista (em 1928); segundo como mantenedora de uma escola no âmbito privado à época denominada Escola Moura e Silva. Neste sentido, temos um possível deslocamento voluntário e/ou forjado. Ou seja, o deslocamento da professora Adélia de França do espaço público para o privado. Desse modo, intencionamos dialogar com o cenário nacional, no que diz respeito à política de branqueamento instaurada pelo Estado Novo, a partir de 1930, englobando o debate sobre a expansão da reforma educacional no Brasil e suas políticas de educação, pensando inclusive nos seus reflexos na história da educação na Paraíba.

UM MODO DE DIZER, UM MODO DE EDUCAR: AS EPÍSTOLAS PORTUGUESAS DO SÉCULO XIX NO BRASIL

Fabiana Sena (UFPB)

RESUMO:

A epístola teve predominância no século XVIII, quando foi possível verificar que tal gênero proporcionava a valorização da experiência individual, igualmente oferecia uma escrita privilegiada das atitudes e representação do sujeito. A historiografia tem considerado, tradicionalmente, a epístola como documento, servindo para comprovar algum acontecimento, fato ou algo que foi dito. Indo além do interesse documental, os estudos sobre a epístola têm se constituído como objeto e fonte de pesquisa com interesse histórico, cultural, literário, educacional, sociológico e antropológico, possibilitando ao pesquisador tratar tanto do seu conteúdo quanto da sua forma. Para tanto, este trabalho tem o objetivo tornar visível o modo de dizer e de educar através das epístolas portuguesas Da Educação: Cartas dirigidas a uma senhora encarregadas da insituição de uma jovem princesa (1829), Almeida Garret e Código do Bom-Tom, ou, Regras da Civilidade e de Bem Viver no Século XIX (1845), português José Ignácio Roquette. Tais epístolas divulgaram ideias, conceitos e formas a respeito do modo de ser e de viver da época no século XIX para uma diminuta elite, formada pela comunidade letrada, que, dada a sua histórica condição, detinha o controle absoluto de uma cultura erudita. O estudo sobre os epistolares portugueses no Brasil, no século XIX, possibilitará percebê-los como instrumentos para educar e civilizar, inserindo-os junto aos tratados formulados sobre a temática, aos livros de leitura e outros documentos que abordam o modo de educar no Império.

GAZZI DE SÁ: PROMOÇÃO DE CONCERTOS MUSICAIS NA PARAÍBA

Luceni Caetano da Silva (UFPB)

RESUMO:

Este trabalho é um relato de pesquisa que contempla como personagem principal Gazzi de Sá, um paraibano nascido em João Pessoa que era professor de piano, teoria musical, canto orfeônico e que criou com sua esposa Ambrosina Soares, em 1929, uma escola de música que se tornaria mais tarde, um centro de referência

musical na Paraíba. Com o desenvolvimento da pesquisa e riqueza do material levantado nos jornais e arquivos, este trabalho ficou voltado para as décadas de 1930 a 1950. A escolha deste personagem principal deu-se por duas razões: a primeira por ter sido responsável pelo intenso movimento do canto orfeônico na Paraíba, em 1930 e 1940 □ um projeto criado por Villa-Lobos, implantado no país pelo presidente Getúlio Vargas, mas pouco visto e estudado fora do território do Rio de Janeiro, local onde o projeto era desenvolvido pelo próprio Villa-Lobos; a segunda diz respeito ao seu papel de grande educador e promotor cultural na Paraíba, portanto, merecedor de uma pesquisa que mostrasse a sua relevância para a história da música na Paraíba. Gazzzi de Sá: Promoção de concertos musicais na Paraíba – torna visível a sua atuação como promotor cultural, qual seja: Gazzzi de Sá além de ter sido um grande educador musical, desempenhou com muita eficiência o papel de promotor cultural, pois, para ele, não bastava apenas educar musicalmente os seus alunos, a cidade precisava adquirir o gosto pela “música erudita”, pelos compositores brasileiros e pelas músicas oriundas da cultura popular. As novas gerações de músicos da Paraíba desconhecem a história do homem que praticamente estruturou a música e especificamente a educação musical em nosso Estado. Ele foi o grande incentivador da música na Paraíba e, basicamente, responsável pela transformação da música no Estado de forma sistematizada até hoje. Entre tantas funções que ocupava, entre ser professor e dirigir a música na Paraíba, este presente trabalho mostra apenas o desempenho de Gazzzi de Sá como promotor cultural e a necessidade de trazer para o centro dos estudos a importância deste protagonista, impedindo que o tempo o torne cada vez mais imerso no desconhecimento da nossa história musical.

A FOTOGRAFIA: UMA ALIADA A TRANSMISSÃO DE TRADIÇÕES DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA

Denise Coutinho (UFPB)

RESUMO:

Na antiguidade, tendo em vista uma sociedade fundamentada basicamente na oralidade, os surdos foram levados a viverem num isolamento lingüístico e social. Eles já foram considerados seres não competentes e impossibilitados de desenvolverem suas faculdades intelectuais. A partir da Idade Moderna, com os avanços científicos, os surdos conquistaram o direito de utilizar a sua língua que passou a ser adotada em cursos de alfabetização destes. O Brasil já reconheceu o

status lingüístico que a mesma possui e a denominou de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Esta tem sido instrumento importante na manutenção da unidade, através da resistência. A unidade também tem sido mantida através do desenvolvimento de atividades, principalmente, no campo social - educacional e esportivo – que identifica os surdos enquanto uma Comunidade. A prova destas práticas, desde longo tempo, está nas fotografias que circulam entre os surdos e, hoje, também na internet nos sites de relacionamento. Sabe-se que língua e cultura são dois instrumentos inseparáveis. Segundo Paraquett (2000), cultura é “o conjunto de tradições, de estilo de vida, de formas de pensar, sentir e atuar de um povo”. Portanto, esta atitude de resistência tem se estendido também aos eventos sociais que fazem parte da cultura da Comunidade Surda Brasileira. Apesar dos surdos, desde muitos séculos por indução ou auto-preservação, viverem afastados da sociedade ouvinte estes nunca deixaram de possuir uma vida social intensa, mantendo uma longa tradição na produção de eventos sociais. Através dos registros fotográficos, pode-se perceber que os surdos têm perpetuado entre outras tradições: os jogos desportivos e as fotos escolares. A fotografia sendo uma forte aliada ao processo de transmissão de tradições da Comunidade Surda torna-se também uma prova documental/histórica. Conforme MARCACINI (2000) “A característica de um documento é a possibilidade de ser futuramente observado; o documento narra, para o futuro, um fato ou pensamento presente, daí ser também definido como prova histórica”. O registro fotográfico, além de pertencer à cultura visual da Comunidade Surda, passa a ser de fundamental importância para a transmissão/manutenção de suas tradições às novas gerações de crianças e jovens surdos.

**MINHA CASA É UM LIVRO ABERTO: A (DES) CONSTRUÇÃO DA
NARRATIVA MATERIAL BIOGRÁFICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.
UFRN**

Kaliana Calixto Fernandes (UFRN)

RESUMO:

Numa entrevista dada por Luís da Câmara Cascudo, no dia 14 de abril de 1984, para compor uma série em sua homenagem, o escritor potiguar declarou: “Tudo o que eu amo está nesta casa”. A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes. Tudo é tão penetrado de afeto, móveis, cantos, portas, desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo. Depois de uma

longa temporada de portas fechadas a casa, onde Câmara Cascudo viveu e produziu grande parte de sua obra, tem as suas portas reabertas. Transformada em museu pelo “Ludovicus” – Instituto Câmara Cascudo, a casa funciona como sede do Instituto, o qual é presidido por sua filha Anna Maria Cascudo, e administrado por sua neta Daliana Cascudo. A instalação oficial do Instituto se deu em 07 de outubro de 2007, mas sua inauguração só aconteceu no dia 30 de dezembro de 2009, data em que se vivo fosse Câmara Cascudo completaria 111 anos de vida. No museu Casa de Câmara Cascudo a disposição, o contexto e a configuração espaço-temporal dos móveis, objetos, fotografias constroem uma determinada memória biográfica, que nos diz o modo como Câmara Cascudo, agora, rebatizado pelo Instituto com o nome de Ludovicus, deve ser lembrado. Mais que representações de trajetórias pessoais, os objetos funcionam como vetores de construção de subjetividade. Tomando como referencial teórico a idéias do filósofo francês Michel Foucault, o que pretendemos, nesse artigo, é realizar uma leitura biográfica de Câmara Cascudo a partir do espaço da sua casa, hoje, transformado em museu, com o propósito de pensarmos, não só, o modo como se dá o processo de gestão e produção da memória biográfica oficial de Câmara Cascudo através da análise do discurso museológico biográfico produzido pelo Instituto, mas também, refletir sobre a participação do próprio Câmara Cascudo no processo de transformação da sua casa num espaço de culto a sua memória, já que a idéia de criação do Instituto foi um desejo manifestado ainda em vida pelo escritor potiguar. Como fontes historiográficas utilizamos imagens do espaço da casa antes e depois de ter sido transformado em museu; livros de memória escritos não só por Câmara Cascudo, mas, também, por familiares e amigos do escritor potiguar; além de artigos e entrevistas publicados em jornais locais e nacionais.

TESTEMUNHO OCULAR: A IMAGEM EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE JORNAIS PARAIBANOS DO SÉCULO XIX

Daniel Vitor da Silveira da Costa (UFPB)

RESUMO:

Este trabalho parte do princípio de que a imagem serve como evidência história quando outras fontes tradicionais são escassas ou inexistentes. Como objetivo geral, portanto, procura-se discutir e por em prática, principalmente, aquele princípio exposto no livro Testemunha ocular: imagem e história, de Peter Burke (2004). Os objetivos específicos são, basicamente, (tentar) definir o conceito de

imagem, discutir algumas das questões expostas por Burke (op. cit.), bem como analisar um exemplo de imagem utilizando os pensamentos discutidos pelo autor. A metodologia consistiu na seleção do corpus, seguida da revisão bibliográfica e discussão dos pensamentos do autor, para se fazer as análises através dos métodos dialético, indutivo e dos critérios também expostos pelo autor. O corpus consiste de anúncios publicitários retirados de jornais paraibanos do século XIX, oriundos da Fundação Casa de José Américo, João Pessoa/PB. Do ponto de vista analítico, recorreu-se a alguns pensamentos apresentados por Burke (2004), como a diferença entre a imagem como “fonte” e “indício histórico”; a facilidade de se ler uma imagem, diferente de outras fontes históricas; a variedade de imagens, no que se refere às funções em que elas foram produzidas, por exemplo; a imagem publicitária como documento revelador de uma cultura material; etc. Recorre-se também a Gonzales (2003) e a Nicolau (2005) para definir um pouco da função do anúncio publicitário e suas características. Nossa preocupação, a partir do analisado, foi mostrar que as imagens revelam a forma de ver e de pensar do passado e que, principalmente na publicidade, a imagem não é produzida com um olhar inocente, pois ela registra um “ponto de vista”. Assim, o anúncio/a imagem reflete o contexto de uma dada época e sociedade de forma mais ou menos implícita ou explícita. O que esperamos, finalmente, com esse trabalho é o mesmo que Burke (2004, p. 20-21) coloca, pois “independente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica.” Se utilizada corretamente, a imagem nos permite “imaginar” de forma mais nítida o passado.

COLECCIONADOR DE MINÚCIAS: A HISTÓRIA DO CEARÁ NO ARQUIVO PRIVADO DE GUILHERME STUDART

Paula Virginia Pinheiro Batista (UFC)

RESUMO:

O médico, vice-cônsul da Inglaterra no Ceará e historiador Barão de Studart foi sócio de várias entidades culturais e membro do Instituto do Ceará, do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), do Centro Abolicionista e da Sociedade Bibliográfica da França. Guilherme Studart era apaixonado pela sua coleção, colecionava papéis, como cartas institucionais, pessoais e familiares, panfletos, folhetos, boletins, recortes de jornais, programas de congressos, mapas, estatutos, fotografias, convites, partituras, cartões postais e documentos sobre a História do Ceará, enfim, uma infinidade de “artefatos” da cultura letrada. Além de

coleccionador, Guilherme Studart era um pesquisador incansável e o resultado de suas buscas a documentos históricos em diversos arquivos foi preservado num acervo denominado por ele de “Coleção Studart”. Torna-se imprescindível analisar essa Coleção e pensar sobre as razões de sua concepção e preservação, ressaltando a importância do seu colecionador para os estudos históricos no Ceará, posto que ele publicou obras de vulto, aclamadas como obras de referência para qualquer historiador cearense como Notas para a História do Ceará, Datas e Fatos para a História do Ceará (3 volumes), Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense (3 volumes), Usos e superstições Cearenses e Geografia do Ceará, dentre outras. Ao reunir esses papéis pessoais e institucionais em uma coleção, o Barão de Studart nos permite vislumbrar os modos de produção, impressão, circulação e recepção desses “artefatos culturais” no universo letrado cearense, posto que essas fontes nos indiquem o cotidiano do fazer historiográfico, com a troca de experiências presente nas correspondências trocadas entre Guilherme Studart e diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros como Eusébio de Souza, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Jonh Casper Branner, Alfredo de Carvalho, Basílio Magalhães e Max Fleiuss. Nas cartas, esses correspondentes comentam sobre dificuldade de escrita, publicação e circulação de suas obras, além de relatarem suas “apropriações” de autores e livros em âmbito nacional e internacional.

DOCUMENTO VISUAL: UMA FONTE DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA

Márcia Barbosa Silva (UFCEG)

RESUMO:

No presente trabalho será apresentado, parte do capítulo intitulado História e fotografia da monografia: O olhar de Pierre Verger sobre a cana-de-açúcar que apresentei ao Departamento de História da UFS em 2009. Objetiva-se nele demonstrar como a imagem fotográfica se tornou um importante documento para a pesquisa histórica, tendo em vista que a fotografia, fruto da modernidade, veio quebrar a hegemonia das representações textuais da realidade influenciando no fazer do trabalho historiográfico, e tornou-se uma fonte de suma importância para os pesquisadores. Portanto para a construção deste trabalho foram utilizadas várias referências bibliográficas a exemplo os livros de Boris Kossoy que trabalham a relação da história com a fotografia. Por fim entendo que a imagem fotográfica é uma fonte de suma importância para os pesquisadores, pois, a partir dela podemos

identificar componentes culturais, estéticos e ideológicos constituintes em uma sociedade.

VOZES NARRATIVAS NO ROMANCE EPISTOLAR AS LIGAÇÕES PERIGOSAS, DE CHODERLOS DE LACLOS

Cinara Leite Guimarães (UFPB)

RESUMO:

O romance setecentista se apresenta como um espaço para experimentações. Em sua estrutura, verificamos a mescla de gêneros diversos e, na temática, percebemos um direcionamento do coletivo para o individual, o que favorece a expansão de uma literatura confessional e intimista, que toma corpo em obras de cunho autobiográfico e romances epistolares. Interessa-nos aqui explorar, dentre as escritas do eu, o gênero carta, bastante utilizado em romances do século XVIII, tendo como corpus a obra *As ligações perigosas* (1782), de Choderlos de Laclos. Para isso, faremos uma breve consideração sobre este gênero, mostrando que, nos romances epistolares, as cartas podem exercer duas funções: diegética, quando se configuram como um elemento que dá coesão à narrativa, e mimética, quando utilizadas para produzir um efeito de imitação da realidade. Em seguida, analisaremos as vozes narrativas presentes na obra em questão, especialmente nos seus dois prefácios, Advertência do Editor e Prefácio do Redator. Nestes, temos a oposição de diferentes discursos, pois, enquanto o segundo reafirma o status de veracidade das cartas, característica de vários romances epistolares, o primeiro o nega, induzindo o leitor a ler a obra como ficção. Analisaremos as implicações desta divergência para a estrutura e temática do romance, apontando o Redator como um disfarce para a figura do narrador heterodiegético. Do embate entre a perspectiva do Redator e aquelas apresentadas pelos narradores personagens, questionaremos a predominância do primeiro como narrador da história do romance e dos outros como narradores da história dentro do romance, como indica Prado (1997). Dentre os personagens narradores, apresentaremos a Marquesa de Merteuil e o Visconde de Valmont como aqueles que direcionam as ações dos demais, tendo maior acesso aos fatos por meio das confissões trocadas entre si nas cartas. Como base teórica para análise, utilizaremos em nosso artigo os estudos de Mergulhão (2001), Valentim (2006) e Valverde (2001), entre outros.

A ESCRITA DE SI NOS ENSAIOS DE MONTAIGNE

Luísa de Araújo Pereira Gadelha (UFPB)

RESUMO:

O escritor e filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592), criador do gênero ensaio, propôs-se a fazer um auto-retrato de si mesmo em sua obra, intitulada também *Os Ensaios*, dividida em três volumes. A escrita de si está presente nos Ensaios a partir das reflexões que o autor faz com base em leituras anteriores de clássicos como Sêneca, Plutarco e Sexto Empírico. Montaigne alia suas experiências pessoais a considerações sobre temas como dor, tristeza, amizade e morte, convidando o leitor à reflexão à medida que fala de si da maneira mais natural e espontânea possível. A obra de Montaigne resume bem o humanista que foi, e é estudada até hoje em áreas diversas como Sociologia, Direito, Literatura, História, Pedagogia e Filosofia. Seus pensamentos, à medida que pintam seu auto-retrato, nos trazem também reflexões que se mostram, por vezes, atuais, como o relativismo cultural mostrado em *Dos canibais*, ensaio no qual Montaigne critica aqueles que consideravam os nativos das Américas como uma civilização inferior. A diversidade dos assuntos abordados pelos Ensaios, em que se misturam os mais comuns aos mais profundos, a profusão de máximas, de citações e de anedotas, a morte, a dor, a solidão filosófica e a sabedoria, é constitutiva desse exercício de juízo que caracteriza o ensaio. Montaigne tomou a si como assunto de seu livro, alegando que não havia tarefa mais difícil do que descrever a si próprio. Nosso objetivo, neste trabalho, é fazer uma breve análise da escrita de si no ensaio intitulado *Da tristeza* - originalmente escrito em 1580, a versão modificada, de 1588, traz em seus acréscimos passagens em que o autor fala de si próprio - do primeiro volume dos Ensaios, com base nos estudiosos Birchall, de Souza Filho, Brody, entre outros, mostrando, assim, a originalidade da composição do humanista francês, que incorporou sua experiência pessoal às suas leituras, notas e citações.

LAÇOS DE PAPEL: BREVE ANÁLISE DAS EPÍSTOLAS PAULINAS.

Karla Janaina Costa Cruz (UFPB)

RESUMO:

O discurso epistolar, *latu sensu*, é constituído pelas correspondências em geral, que formam a categoria dos textos epistolares. É lícito supor que o hábito do homem se corresponder seja tão antigo quanto a escrita. Assim, escrever cartas, no sentido geral do termo, se constitui uma atividade de linguagem que acompanhou o ser humano ao longo da história, nos mais diversos domínios discursivos. Nesse sentido, as cartas podem ser consideradas objetos nos quais estão imbricados práticas sociais e, por isso, são passíveis de análise na perspectiva da história cultural, para a qual o principal objetivo, no dizer de Chartier, é analisar o modo “como uma realidade é construída, pensada e dada a ler”. No âmbito do discurso religioso/hagiográfico, se destacam as epístolas escritas pelo apóstolo Paulo no Século I, o qual se serviu destas para cumprir sua missão evangelizadora/doutrinária, prescrevendo por meio delas orientações litúrgicas e administrativas às comunidades cristãs. Nesses escritos, mais do que prescrições, eram estabelecidos laços místicos e afetivos que mantinham a coesão dos cristãos primitivos. Observa-se, então, que características, tais como “a função presentificadora da carta” e “o resgate da memória” estão perpassando todo o conjunto epistolar do apóstolo. Sendo assim, o presente trabalho pretende analisar as características das epístolas paulinas, como estas eram apropriadas por seus destinatários originais – considerando as legibilidades verossímeis desses escritos – e como são recepcionadas pelos leitores modernos, os quais se apropriam de seu discurso por meio do “processo de atualização”, que pode ser compreendido como “novos modos de ver coisas velhas”. Além disso, pretende-se também investigar a forma como os escritos epistolares de Paulo transcendem o discurso enxuto da transmissão de uma série de notícias para se configurarem como consciência da subjetividade e como exteriorização do eu que transcreve – o que se constitui uma atividade da cultura escrita que tem bastantes pontos em comum com o discurso auto-biográfico.

**ASSIS CHATEAUBRIAND E CLARICE LISPECTOR: BREVES
CONSIDERAÇÕES SOBRE DUAS BIOGRAFIAS**

Edson Tavares Costa (UEPB/UEPB)

RESUMO:

Nesta nossa sociedade, com tanto desejo de saber do outro, floresceu um gênero de escrita que tem alcançado, atualmente, elevados índices de aceitação – a biografia. Juntam-se “a fome com a vontade de comer”: a fome de esmiuçar detalhes da vida de outrem, e a vontade incontável de “ficar por dentro” dos acontecimentos que compuseram a existência de alguém. Esta vontade faz-se tão intensa que grossos volumes são devorados praticamente de um só fôlego. Nunca se produziu (e se vendeu) tanta biografia como hoje. Elegemos duas obras biográficas, como objeto de nossa análise: “Chatô, o Rei do Brasil”, do jornalista brasileiro Fernando Morais, e “Clarice, uma biografia”, do jornalista e crítico literário americano Benjamin Moser, que contam a vida, respectivamente, do jornalista Assis Chateaubriand, detentor de um verdadeiro império de comunicação no Brasil da segunda metade do século XX, e da escritora Clarice Lispector, uma das mais decantadas autoras da chamada terceira geração modernista. Tanto Moser valeu-se, além das obras, das cartas e manuscritos de Clarice, quanto Morais se utilizou (embora menos intensamente) da vasta produção escrita de Chateaubriand, em seus mais de cinquenta anos de arenga pelos jornais, para produzir suas obras. De nossa parte, buscamos refletir acerca de alguns aspectos interessantes a respeito dessas publicações, tais como os suportes, as fontes e pré-requisitos de uma biografia, questões ligadas à verdade e à narratividade. Utilizamos, como respaldo teórico, Vavy Pacheco BORGES (2006), Pierre BOURDIEU (1996) e Robert DARNTON (1995).

**BITTER FINGERS: UM RELATO AMARGO DE DOIS FAMOSOS - ELTON
JOHN E BERNIE TAUPIN**

Elton John da Silva Farias (UFCG)
Alarcon Agra do Ó (UFCG)

RESUMO:

O objetivo desta comunicação é apresentar uma análise da canção Bitter Fingers, composta em 1975 pelo cantor/compositor Elton John e pelo letrista Bernie Taupin, enquanto um relato autobiográfico nos termos de Philippe Lejeune. A mesma se faz presente no álbum Captain Fantastic And The Brown Dirt Cowboy, do mesmo ano, que narra a história de como os dois se conheceram e de alguns episódios de sua “escalada rumo ao sucesso” no período de 1967-69. Três características que marcam sua composição serão aqui exploradas: a) primeiro a questão do tempo, já que sua narrativa não consegue “respeitar” o recorte temporal proposto pelos próprios compositores e regressa a momentos anteriores de suas vidas – em Paul Ricoeur de Tempo e Narrativa discuto esta questão; b) o caráter amargo do relato, quase como um desabafo, apresenta uma vontade expressa de superar os obstáculos da Indústria Cultural e alcançar o estrelato, o sucesso, a fama, já que os autores enfatizam suas dificuldades financeiras e as imposições de sua gravadora quando ainda não eram conhecidos – vários autores me dão suporte para discutir esta questão, entre eles Edgar Morin, Chris Rojek, Cláudia Coelho; c) por último a ambigüidade musical da canção, se levarmos em consideração a maneira como a melodia é composta: mesmo o relato sendo “amargo”, a canção carrega consigo um ar “alegre”, “despojado” e enérgico, com base rítmica em rock, demonstrando a habilidade do cantor em compor melodias que se aproximam do boogie, do glam rock e do pop – Marcos Napolitano me auxilia a discutir essas questões de metodologia em História e Música. Assim, contextualizo o momento histórico da canção e a aproximação do cantor Elton John com o gênero musical Glam/Glitter Rock; demonstro ainda como a canção analisada, enquanto um objeto de discurso, constrói uma imagem não usual e diferente da que a mídia projetava para dupla em 1975: os versos apresentam dois sujeitos comuns que buscaram alcançar objetivos como quaisquer outros e que não tiveram uma vida de glamour, luxo e deleite por acaso, mas por uma sorte de condições de possibilidade que os inseriram no contexto da década de 1970.

**RETRATOS DE ROMANCES: AS IDEALIZAÇÕES E AS
REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS
MOÇAS**

Sara Cavalcanti Pinto Bandeira (UFPB)
Socorro de Fátima P. Barbosa (UFPB)

RESUMO:

As imagens são silenciosas e, por isso, é sempre difícil saber o que elas realmente desejam testemunhar. É inerente a elas a transmissão de uma mensagem própria, ainda que tenham sido criadas para transmitir a mensagem de seu autor. Ainda que tentemos, não podemos controlar o discurso de uma imagem. Vivemos num momento em que se preza demasiadamente por uma boa imagem pessoal. Na televisão, em jornais, revistas, ou qualquer outro meio de divulgação, vemos propagandas de produtos que surgem a todo o momento com grandes promessas revolucionárias de beleza, sobretudo para a mulher. Cada vez mais, a sociedade tem buscado passar uma imagem que não precisa ser verdadeira, mas precisa ser aceitável pelos demais. Sabemos que antes da fotografia, cabia às pinturas e aos desenhos a incumbência de registrar o tempo e a vida da sociedade. O objetivo geral deste trabalho é mostrar a representação da imagem da mulher através dos romances da Coleção Biblioteca das Moças, publicados no Brasil, durante as décadas de 1920 a 1960, pela Companhia Editora Nacional; representação esta revelada não somente pelas histórias dos livros, mas, sobretudo, pela imagem feminina que era retratada nas capas destes romances, buscando, assim, a relação verídica entre o real e o ideal destas representações. Para tal, utilizamos, notadamente, os estudos feitos por Peter Burke (2004) e Armando Silva (2008), sobre testemunhos de imagens, como também alguns romances da própria coleção Biblioteca das Moças, objeto de estudo deste trabalho. Nos objetivos específicos, procuramos levantar algumas questões dentro da relação existente entre a mulher e sua representação: até que ponto as imagens femininas feitas nos romances da coleção Biblioteca das Moças podem ser tomadas como verdadeiras? Há alguma idealização feita pela sociedade nestas representações? De que forma se dava a aceitação, por parte da mulher, destes perfis apresentados nos romances da coleção? Este trabalho faz parte de um projeto ainda maior, de mestrado, no qual procuramos fazer o levantamento bibliográfico dos romances produzidos, no Brasil, para mulheres, durante o período que compreende o século XX.

BIOGRAFIA E CANÇÕES: ASPECTOS BIOGRÁFICOS EM “HISTÓRIAS DE CANÇÕES – CHICO BUARQUE

Georgiana Coelho Santos Silva (UFPB)
Socorro de Fátima P. Barbosa (UFPB)

RESUMO:

A biografia se encontra numa zona fronteira, gênero híbrido, transita entre a História, a Literatura e o Jornalismo – ficção e realidade. Pierre Bourdieu chama de Ilusão Biográfica a tentativa de narrar uma trajetória de vida, que, segundo ele, não caberia num relato diacrônico, já que a vida e o sujeito seriam fragmentados e sujeitos a toda natureza de variações. Partindo destas reflexões, analisamos os elementos biográficos em Chico Buarque - Histórias de Canções, de Wagner Homem. Nos limitamos ao escopo biográfico da obra, enfocando questões como: imagem do biografado, pacto entre biógrafo e biografado, temporalidade, linguagem e seleção das fontes; aspectos que se mostram importantes na tentativa de narrar uma vida. Ao escrever Histórias de Canções, Wagner Homem tem como proposta inicial contar as histórias que envolvem a criação musical de Chico Buarque, mas, para alcançar seu intento, inevitavelmente narra a vida de Chico Buarque. Vida e obra de um artista consagrado como Chico Buarque permanecem indissociáveis no imaginário popular, portanto, seria impossível narrar a sua vida sem perscrutar sua produção artística, assim como dificilmente se poderia contar as histórias de suas músicas sem narrar momentos da vida do artista. O conceito de verdade pode assumir diferentes variáveis no contexto de Chico Buarque - História de Canções. Alguns fatos presentes no livro podem ser comprovados através de documentos, mas, muitas histórias colocadas no livro só fazem parte do universo familiar ou de amigos de Chico Buarque, portanto, sujeitos à variação e subjetividade da memória daqueles que participaram ou de certa forma estão ligados aos fatos, sem comprovação documental. Partindo dessas proposições, nos deparamos com indagações que nos permitem pensar na natureza da biografia. É realmente Chico Buarque que encontramos no livro de Wagner Homem? A biografia é fiel à realidade ou se trata de uma representação do biografado do ponto de vista do biógrafo? Seria possível escrever uma vida? É possível abarcar uma existência no espaço limitado de um livro? Não intencionamos encerrar essas questões, mas propor uma reflexão dentro dessa esfera da biografia, gênero ainda tão controverso.

A ARTE DE ADAPTAR LIVROS NO SÉCULO XIX: O CÓDIGO EPISTOLAR DE IGNÁCIO ROQUETTE

Socorro de Fátima P. Barbosa (UFPB/CNPQ)

RESUMO:

De José Inácio Roquette, conhece-se bem Código do Bom-tom.. O seu manual de escrita epistolar, publicado primeiramente com o título de Código epistolar, ou regras e advertências para escrever com elegância toda a sorte de cartas, acompanhadas de modelos sobre todos os assumptos, no ano de 1846, em Paris, é uma ampliação do capítulo Das Cartas, do Código do Bom-tom. A única diferença é o acréscimo de um número considerável de exemplos dos mais variados tipos de cartas. O Código epistolar foi oferecido às mocidades Portuguesa e Brasileira, e faz parte do conjunto de obras chamadas literatura de civilidade norteadas que são por termos como cortesia, urbanidade, polidez e civilidade, termos agora que deverão incorporar também os súditos que vivem aqui no Brasil (Schwarcz, 1997). Neste trabalho, discutiremos os mecanismos utilizados pelo autor para transformar seu livro de civilidades em um manual de escrever cartas, mais popular e com um público maior, fora do universo escolar.

MANUSCRITOS CULINÁRIOS: MEMÓRIAS, HISTÓRIAS, NARRATIVAS DE SI.

Maíra Cordeiro dos Santos (UFPB)

RESUMO:

A cozinha e as atividades domésticas têm sido, historicamente, relacionadas às mulheres, como atributo natural de sua identidade. Assim como a leitura, a escrita é frequentemente um fruto proibido; mais do que o escrito proibido, é ao mundo calado e permitido das coisas que as mulheres confiam sua memória. A partir daí, no espaço privado, surgiu a tradição dos escritos privados, única escrita permitida às mulheres: cartas, diários, livros de anotações e cadernos de receita culinária, como narrativas de si que se constituem como um abrigo. A tradição de escrever cadernos de receita compõe a construção identitária feminina, revelando sua memória, sua história e criando uma narrativa de si. O presente artigo pretende observar como as receitas culinárias presentes nos manuscritos contam e recriam o

mundo escrito pelas mulheres nos manuscritos culinários e inscrito na memória, analisando a presença dos discursos e subjetividades que constroem e constituem a narrativa de si da mulher. O estudo do percurso do manuscrito culinário ao longo do século XX e XXI demonstra a memória circunscrita na história feminina e também reflete as transformações pelas quais passa a história feminina: seus gostos, seus gestos, influência das novas mídias, das novas tecnologias, dos novos sabores, das novas identidades globalizadas, da nova cultura. Analisar os manuscritos culinários é revelar, a partir da comida, a memória social e lingüística da mulher: sua “autobiografia”, escrita a partir da vivência de suas narrativas recordadas. As comidas são signos motivadores da memória individual e coletiva que desenham uma cartografia dos costumes, da vida privada das famílias, mostrando a teia da circularidade dos saberes e as conexões com a memória e a história vivida pelas escritoras. A pesquisa é de base etnográfica, de natureza qualitativa, utilizando-se de cinco manuscritos culinários de mulheres moradoras da cidade de Nova Palmeira, Paraíba. A comida insere-se como um mito, revelando, assim, a memória feminina, contando as passagens da vida e das relações sociais. A comida é, portanto, uma narrativa mítica e simbólica, que representa os devaneios, memórias e sonhos não apenas daqueles que comem, mas daqueles que registram na escritura. A comida é o enredo das tradições culturais que denotam páginas da história vivida e atuada pelas mulheres. Da análise, percebe-se que esses manuscritos revelam as escolhas das mulheres que denotam uma prática e uma escrita de si, denotando memórias e narrativas.

**A EXPERIÊNCIA COTIDIANA A MEIO CAMINHO DA FICÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE O GÊNERO DIÁRIO A PARTIR DOS ESCRITOS DE
HELENA MORLEY**

Maria Célia Ribeiro da Silva

RESUMO:

Pretende-se, neste artigo, apresentar algumas reflexões acerca do gênero diário a partir da natureza dos escritos de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, uma mocinha de descendência inglesa, natural da província de Diamantina (MG), que escreve um diário entre os anos de 1893 a 1895, relatando episódios pitorescos, cheios de graça sobre as formas de vida local, numa região mineradora em franca decadência econômica. Publica-o, pela primeira vez, em 1942, com o título *Minha vida de menina*, tornando-se um clássico da narrativa

pessoal no Brasil e referência noutros países onde foi traduzido (Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, França e Itália). Partindo desses escritos, levanta-se a tese de que o diário pode comportar uma experiência cotidiana capaz de ser comunicável, particularmente quando a ele estão atrelados elementos do social e do literário que, na visão de Schwarz (1997), se encontram em dialética na prosa morleyana. Nesse sentido, o trabalho busca re-significar a própria noção de diário que, tradicionalmente, esteve associada ao domínio confessional, à escrita essencialmente de si, apartada do status de ficção de que gozam as obras tidas como literárias. De “obras de moças” a uma narrativa plena de experiências e representações de vida, o diário situa-se entre o documento e a meio caminho da ficção, numa relação também extensiva a outras áreas, determinante para o estabelecimento do pacto de leitura a partir, ou para além, das marcas do eu.

DIÁRIOS DA GUERRA: POSTURAS, REPRESENTAÇÕES E ESPERANÇAS DAS ENFERMEIRAS DA FEB

Juçara Luzia Leite (UFES)

RESUMO:

Em 9 de setembro de 1943, foi publicada no jornal “A Noite” (Rio de Janeiro) a abertura de inscrição para as enfermeiras que acompanhariam a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Guerra. Em 5 de janeiro de 1944 foi oficialmente criado o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército e, em 28 de janeiro de 1944, foi iniciado o Curso. Ao todo, 67 mulheres seguiram para a Itália junto à FEB, além de 6 outras encarregadas do serviço de remoção aérea junto à Força Aérea. O presente estudo objetiva investigar o processo de formação de enfermeiras brasileiras para a Segunda Guerra Mundial, isto é, o chamado curso para enfermeiras socorristas que acompanharam a FEB. Partimos da constatação do esquecimento a que foi relegada a mulher brasileira nas pesquisas recentes sobre a história do Brasil na Segunda Guerra para interrogarmos as condições e os processos desse lento apagamento. É de particular relevância, por exemplo, o fato de que, apenas em 1957, a incorporação dessas mulheres ao efetivo do Exército foi considerada e as febianas puderam se integrar à vida militar. Para tanto, tomamos como fonte privilegiada de nossa pesquisa as lembranças e narrativas de três enfermeiras da FEB expostas em seus diários e depoimentos: Sra. Elza Cansação, Sra. Olímpia Camerino, e Sra. Berta Moraes. Interessa-nos, particularmente, analisar, no contexto da educação feminina da época, como se

constituiu, e sob que formas se expressou, o código de posturas ao qual foram submetidas mulheres brasileiras que se propuseram ir à Guerra como enfermeiras da FEB. A partir desse diálogo entre a norma e as práticas, verificamos quais sentimentos são expressos em suas narrativas, quais ideais as motivaram, as vicissitudes que enfrentaram, os sujeitos envolvidos, os fatos privilegiados em seus registros, quais (e como) sentidos eram especialmente educados. Assim sendo, acreditamos contribuir para o debate sobre a especificidade das fontes, no que concerne à fronteira História e Educação, bem como sobre como esse passado é usado, no presente, para a construção de uma dada memória e para a produção de silenciamentos sobre a presença feminina na Guerra.

AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE NA NARRATIVA DE SI: AS AUTOBIOGRAFIAS DE SIMONE DE BEAUVOIR

Eliana Alda de Freitas Calado (UNB)

RESUMO:

Não obstante ser predominantemente conhecida pela sua participação no feminismo, Simone de Beauvoir (1908 – 1986) desempenhou um papel significativo na produção de textos referentes à narrativa de si. Ao longo de sua existência, a filósofa e escritora francesa dedicou-se com especial afinco à escrita íntima. Após a sua morte, foram publicados alguns de seus diários e de suas correspondências. Em vida, publicou testemunhos, ensaios e quatro autobiografias, sendo estas últimas a base da minha pesquisa de doutorado, desenvolvida na área de História Cultural do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Centrando-me nas suas autobiografias, busco discutir as questões do sujeito, da identidade e da alteridade. Na presente comunicação, proponho-me a discutir as relações entre o “eu” e o “outro”, a partir da narrativa autobiográfica da referida autora. No processo de construção identitária do sujeito – principal objetivo da autobiografia, o “outro” se mostra como um de seus principais parâmetros. Se, de fato, a alteridade é um componente importante para compreender a condição humana em geral, este conceito adquire uma relevância especial quando se trata de Simone de Beauvoir. Em diversas ocasiões, a autora salientou a importante dimensão que a questão do outro desempenhou em sua vida, chegando mesmo a apontá-la como o principal tema de sua escrita. Para se destacar enquanto sujeito, para pôr em relevo sua singularidade, para construir sua identidade, ela precisava expor, ao mesmo tempo, a alteridade, justamente para acentuar possíveis

diferenças ou eventuais semelhanças. Inventando a si, inventava aos demais. O inferno existencial é provocado pelos outros: são estes que analisam/desafiam a singularidade do eu, não apenas denunciando-a, mas também criticando-a e, muitas vezes, desqualificando-a, ainda que sem fundamentos consistentes. Quem é o outro na escrita autobiográfica de Beauvoir? Como ela o descreve? Com quais objetivos a autora aborda a temática da alteridade nas suas autobiografias? São algumas das questões que tratarei de explorar.

PRÁTICAS DE ESCRITA NO CARIRI CEARENSE: UM ESTUDO DE CARTAS CATÓLICAS

Paula Cristiane de Lyra Santos (URCA)

RESUMO:

O artigo Práticas de leitura no Cariri Cearense: um estudo de cartas católicas, apresenta uma discussão sobre práticas de escrita no Cariri cearense, a partir da análise de cartas trocadas entre membros da Igreja Católica, e mulheres devotas da região. As cartas tomadas como fonte de pesquisa foram aquelas trocadas entre os orientadores espirituais (padres e bispos) de mulheres católicas, congregadas ou não, e suas referidas pupilas. Duas experiências sociais foram levadas em consideração no levantamento feito, a das Casas de Caridade organizadas pelo Padre Ibiapina, século XIX, e a da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, criada pelo Bispo Dom Quintino do Crato, início do século XX. Como fonte documental para perceber a subjetividade feminina, a partir da escrita de suas correspondências, utilizei as cartas, tentando identificar principalmente o caráter da escritura feminina, entendendo que para isso não se pode desconsiderar a escrita masculina, que tenta ser o parâmetro das possibilidades do próprio desejo feminino, expresso na escritura das mulheres de então. Por outro lado pude perceber claramente que mesmo quando o orientador espera de suas orientadas uma certa dose de autonomia pelo menos em alguns campos da vida em que as mesmas estão inseridas, estas parecem tomar o orientador espiritual, não apenas como um conselheiro, mas como o emissor de diretrizes comportamentais a serem seguidas pelas mesmas. O estudo da correspondências de mulheres católicas, e seus orientadores espirituais, e que foram preservadas principalmente por terem tido este interlocutor privilegiado, tornasse uma porta essencial para a percepção dos desejos e dos limites comportamentais femininos, a partir da possibilidade da percepção de comportamentos interiorizados, que podem ser subentendidos no

processo de troca de correspondências, e na própria produção textual. As fontes escritas produzidas por mulheres, são escassas. Mesmo quando poucas mulheres letradas no final do século XIX, e início do século XX produziram outras formas textuais como os diários, estes não foram preservados por suas famílias, e por outro lado, se alguns existem na Região do Cariri, não se encontram disponíveis para a pesquisa sobre a experiência feminina.

ASPECTOS DA AUTOBIOGRAFIA NAS MEMÓRIAS FICCIONAIS DE UMA PROSTITUTA

João Batista Martins de Moraes (UFPB)

RESUMO:

Philippe Lejeune, em sua obra *O pacto autobiográfico*, opõe-se à possibilidade de o pacto romanesco imitar o pacto autobiográfico quando não retoma um elemento que, para Lejeune, seria essencial neste último: a coincidência entre o nome do autor e do personagem-narrador. No entanto, Mikhail Bakhtin, ao tratar da biografia e autobiografia, chama a atenção para o fato de que o autor de autobiografia tem a si mesmo como objeto de observação e análise, colocando-se como se fora um outro. Essa reflexão de Bakhtin, a nosso ver, reaproximaria do pacto autobiográfico as imitações da literatura íntima abundantes do romance do século XVIII, em que memórias e cartas ficcionais eram retomadas como estratégias de verossimilhança. Tomando como corpus a obra *Fanny Hill or Memoirs of a woman of pleasure* — publicada em 1748 por John Cleland —, este trabalho tem como objetivo discutir questões apontadas por Philippe Lejeune a respeito da autobiografia ficcional e verificar as implicações de sua teoria em uma obra com peculiaridades discursivas como a pornografia. Para tanto, além dos teóricos já citados, acrescentamos as considerações desenvolvidas por Luiz Costa Lima sobre a ficcionalidade em sua obra *História. Ficção. Literatura*, na qual ele ressalta a incorporação de parcelas da realidade pelo ficcional literário. As ponderações de Costa Lima colocam questões relevantes no que tange à proximidade entre o documento historiográfico e a ficção romanesca.

ESCRITAS DE SI, ESCRITAS BIOGRÁFICAS

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (UFCG)

RESUMO:

A proposta desta comunicação é traçar um panorama das diferenças existentes entre as chamadas escritas de si e escritas biográficas a partir do que chamaremos de tipologias de gêneros híbridos ou heterodoxos, investigando as relações epistemológicas entre a “escrita do eu” e a “construção do outro”. Para isso, partiremos por um intenso diálogo com Michel Foucault, Ângela de Castro Gomes, Phellipe Lejeune, Sergio Vilas Boas, François Dosse, Paul Ricoeur, entre outros autores que se dedicaram a pensar os lugares de escrita, nas fronteiras entre a ficção, a memória e a história.

ANTES DO ESCRITO, O PAPEL: A MATERIALIDADE EPISTOLAR CASCUDIANA COMO UMA ESCRITA DE SI

Francisco Firmino Sales Neto (UFRJ)

RESUMO:

Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, os pesquisadores que estudam a chamada “escrita de si” em correspondências tendem a concentrar suas análises nos aspectos textuais do documento, e pouco, ou quase nada, se referem ao suporte material deste tipo de fonte histórica, isto é, o papel sobre o qual elas foram escritas. Sobretudo quando estas cartas nos chegam sob a pena de renomados intelectuais e eruditos, podemos identificar em sua materialidade os mesmos processos de construção subjetiva presentes nos textos escritos. Isso significa também considerarmos os timbres, as marcas gráficas e a composição do documento como elementos de interlocução entre o remetente e o(s) destinatário(s). Diante disso, este trabalho tenciona problematizar tal fonte histórica sob o viés da materialidade, analisando-a como elemento de construção biográfica e, portanto, como uma escrita da história. Para tanto, utilizaremos as correspondências ativas do escritor polígrafo norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Exímio escritor epistolar, cujas correspondências diárias funcionavam como instrumentos de pesquisa, Câmara Cascudo utilizava missivas cuidadosamente elaboradas: passando da escolha do papel ao conteúdo. Dentro da

vasta rede intelectual que fazia parte, a princípio, ele se definia como historiador, folclorista, etnógrafo, advogado, etc. a partir da escolha do papel timbrado em que escrevia e da padronização de sua correspondência. Para ele, antes do texto estava o papel que (de)marcava seu lugar de sujeito e, conseqüentemente, seu lugar de fala.

**ASSIM NASCE UMA POETISA: AS TÁTICAS PRESENTES NO DIÁLOGO
EPISTOLAR DE HENRIQUETA LISBOA COM CARLOS DRUMMOND DE
ANDRADE.**

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

RESUMO:

O artigo - “Assim nasce uma poetisa: as táticas presentes no diálogo epistolar de Henriqueta Lisboa com Carlos Drummond de Andrade”, que estamos encaminhando para o II Colóquio Internacional de História, estuda cartas da escritora Henriqueta Lisboa enviadas ao escritor Carlos Drummond de Andrade, propondo uma discussão sobre o lugar ocupado pela mulher/poetisa no diálogo estabelecido com o seu interlocutor. Pretendemos mostrar as “táticas” (no sentido empregado por Certeau) indiciadas no discurso epistolar henriquetiano com a finalidade de demarcar a sua formação como poetisa e o seu reconhecimento no espaço intelectual brasileiro. O percurso do estudo compreende quatro momentos: 1) Especificidades da epistolografia enquanto gênero literário; 2) O enfoque da importância da epistolografia como uma das instâncias de entrada da figura feminina no meio intelectual; 3) A apresentação das especificidades da epistolografia henriquetiana no âmbito da crítica; 4) A discussão sobre a representação da poetisa/leitora presente nas epístolas afim de que possamos identificar na voz do EU presente nas cartas as marcas que em seu discurso aparecem associadas à imagem de uma leitora/poetisa digna do reconhecimento do seu interlocutor. A nosso ver, há na perspicácia e na força da palavra de Henriqueta a “tática” de provocar no seu interlocutor uma leitura, como nos fala Certeau, no mínimo a de que a remetente tem propriedade no seu dizer. Sabe o que diz e por isso merece ser ouvida, ou melhor, lida e respeitada no cenário cultural na época ainda tão dominado pela visão machista. Dessa forma, percebemos que as epístolas de Henriqueta Lisboa encontram-se marcadas pelo contexto histórico-social, cultural e político, reagindo frente às estratégias de dominação, ainda que veladas, presentes nos discursos de seus interlocutores.

DA ANTIGA ARTE DE ESCREVER CARTAS ÀS CARTAS DE LEITOR DO SÉCULO XIX: LEGIBILIDADES VEROSSÍMEIS

Thiago Trindade Matias (UFPB)
thiagotrindadeufpb@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho é parte de nossa pesquisa de mestrado, concluída no primeiro semestre de 2009, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING). Tivemos como objeto de estudo o discurso escrito de cartas de leitor publicadas em cinco jornais recifenses da primeira metade do século XIX: *Diário de Pernambuco* (1825-1830), *A Quotidiana Fidedigna* (1834-1835), *O Diário Novo* (1842-1852), *A Carranca* (1845-1847) e *O Capibaribe* (1848-1849). Nosso objetivo no mestrado foi investigar as relações dialógicas marcadas na superfície linguística e os efeitos de sentido resultantes dessa dialogização entre sujeito enunciador e o outro, elemento para o qual o discurso é direcionado (BAKHTIN, 2003). Para o presente estudo, optamos por apresentar um dos capítulos de nossa dissertação, que faz referência ao aspecto formal e composicional das cartas de leitor e integrá-lo às discussões ocorridas nas aulas da disciplina *Gêneros híbridos*, oferecida pelo PROLING, em 2010.1. Verificamos, nesta nossa análise aqui apresentada, que a herança composicional presente nas cartas de leitor recifenses da primeira metade do século XIX - Apresentação/Saudação, Exposição, Agradecimento/Conclusão - remete, pelo que parece, às regras de composição de cartas propostas pelas normas epistolográficas do *Secretario Portuguez*, de Francisco José Freire, no século XVIII, que adapta as recomendações do *Segretario de Isidoro Nardini*, o qual copiou e adaptou para o italiano o que já fazia parte do *Secreteire francês*, de Jean Puget de La Serre, publicado em 1640, que se volta às regras propostas pela *Ars dictandi Praecepta dictaminum* (publicada entre 1111 e 1118), do professor secular de Bologna, Adalberto Samaritano. No entanto, antes desses momentos na história da arte epistolar, a partir do século IX, na Itália, difundiram-se as artes dictandi que propunham regras na produção de textos, baseadas no modelo da Retórica: o *satutatio* (a saudação), o *exordium* (o começo), o *narratio* (a narração), o *petitio* (a solicitação) e o *conclusio* (a conclusão) que se voltam à epistolografia antiga. Isso ratifica que para entendermos o que temos ou tivemos num determinado momento da história se faz mais do que necessário resgatar o passado, ou ainda o passado do

passado a fim de “levantar legibilidades verossímeis”, conforme Alcir Pécora, no prefácio à obra *Arte de escrever cartas*, organizado por Tin (2005).

PÔSTERES

AUTOBIOGRAFIA DE OSUGI SAKAE: UMA VISÃO DO JAPÃO ENTRE 1894 E 1910

Jônatas Ferreira de Lima e Margarida

RESUMO:

Esta não é uma história de ficção. Osugi Sakae foi um anarquista japonês que morreu aos 38 anos em 1923. Aqui está uma breve lista de alguns anarquistas que foram contemporâneos e/ou influentes de Osugi: Benjamin Tucker, grande defensor do anarquismo individualista; Buenaventura Durruti, militante anarco-sindicalista espanhol; Emma Goldman, anarco-sindicalista e principal teórica anarca-feminista; Friedrich Nietzsche; Henry Thoreau, autor do livro chamado *Desobediência Civil*; Leon Tolstói, anarquista pacifista; Louise Michel, professora, militante anarquista e *communard*; Mikhail Bakunin, conhecido anarquista socialista; Joseph Proudhon, considerado o “pai” do anarquismo e do mutualismo anarquista; Piotr Kropotkin, anarquista-comunista; Ricardo Magón, teórico mexicano etc. Osugi escreve sua autobiografia pouco tempo antes de sua morte, sendo assassinado em Tóquio em meio a uma política militar anti-anárquica dos anos de 1920. Pouco se conhece sobre o que foi o movimento operário no Japão. Em muitos momentos, dá-se pouca relevância ao marxismo (e outros movimentos sociais) no Extremo Oriente especialmente no Japão. Mas não é de se estranhar já que poucos textos foram traduzidos do japonês para algum idioma ocidental. O inglês é o que recebe mais textos para tradução. Com a globalização da cultura japonesa dos últimos anos do século XX, um bom número de textos referentes à história japonesa vem se convertendo em idiomas ocidentais, principalmente o inglês (predominante). As memórias de Osugi de 1894 a 1910, publicadas em Tóquio em 1928, só foram publicadas em inglês em 1992 e em português em 2002. O texto em português foi traduzido por Ludimila Hashimoto Barros. Assim como a narrativa sobre Menocchio que proporcionou uma visão micro de sua época no século XVI, do mesmo modo que a vida de Domingos Sodrê, que permitiu ao historiador João José Reis, uma visão de dentro da História da Bahia do século XIX, as memórias de Osugi podem consentir o mesmo efeito em se tratando da

História do Japão durante o seu tempo de vida. Sakae viveu intensamente cada momento e relata suas memórias desde a infância em colégios militares, até tempos depois de sua saída da prisão, onde passou a atuar como um anarquista na década de 1910 do século XX. Sua vida proporciona uma visão de dentro do Japão de mudanças políticas, econômicas e sociais decorrentes da famosa Era Meiji (1868-1912), bem como os primeiros anos do fim do referente período. O principal objetivo deste trabalho é a apresentação desta personagem da História do Japão Moderno.

JÚLIA RAMOS (1895-1984): LEMBRANÇAS DE UMA EDUCADORA

Viviana Soares da Silva (UFPB)

RESUMO:

Este estudo é uma produção oriunda do projeto Nomes de escola: lugar de (não) memória de mulheres? (PIBIC), vinculado ao HISTEDBR/PB, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação/CE/UFPB. O projeto referido volta-se para perspectiva historiográfica trazida pela Nova História Cultural, que em seu âmbito contempla os novos sujeitos da história, outrora ignorados: a mulher, a criança e o negro, objetivando assim, revelar a história das mulheres que dão nome às escolas da rede pública de ensino no estado da Paraíba. Muitas dessas patronesses, além de desenvolverem suas práticas pedagógicas por décadas ininterruptas, foram participantes ativas dos movimentos políticos e culturais de seu tempo. No entanto, hoje, descansam no esquecimento. Quando muito, têm seus nomes inscritos no muro, no portão, na fachada ou nos documentos timbrados de uma instituição de ensino. Foi com a visita feita ao Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) Professora Júlia Ramos, que conhecemos um pouco da história desta personalidade importante para o Bairro da Torre, na cidade de João Pessoa. Nosso estudo desenvolve-se a partir da metodologia da história oral, pela realização e análise de entrevistas com parentes e amigos da educadora, associada à utilização de informações documentais encontradas no CREI, com o objetivo de construir uma biografia da personagem em destaque. Dona Júlia Ramos, como era respeitosamente e carinhosamente tratada pelos moradores, formou-se na Escola Normal de João Pessoa, dedicou sua vida ao ensino, à formação das novas gerações e à solidariedade. É considerada a primeira professora do bairro. Durante muitos anos, lecionou em sua própria escola, onde acolhia a todos, desde os alunos em condições de pagar mensalidades quanto àqueles mais necessitados, cujos pais

não tinham recursos para custear a educação dos seus filhos. Esses últimos alunos, não apenas eram dispensados do pagamento, como recebiam alimentação durante o período escolar. Diz-se que até mesmo as roupas dos mais pobres eram doadas por ela. Aqueles que tiveram a chance de conhecer pessoalmente Júlia Ramos a descrevem como uma pessoa inteligente, espirituosa, habilidosa e criativa. A partir disso almejamos desvelar a história dessa mulher, tornando pública a sua participação enquanto sujeito da formação da sociedade paraibana.

EDUCAÇÃO E PRÁTICAS DE EDUCADORAS NA PARAÍBA DO SÉCULO XX (1930-1945)

Kalyne Barbosa Arruda (UFPB)
Amurielle Andrade de Sousa (UFPB)

RESUMO:

Este trabalho está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” HISTEDBR/GT-PB e ao projeto de pesquisa “Educação e educadoras na Paraíba do século XX: práticas, leituras e representações”, e teve como objetivo geral realizar novos levantamentos de matérias educacionais, registrando a presença de educadoras, publicadas em periódicos: jornais e revistas da Paraíba, depoimentos escritos, documentos oficiais: decretos, pareceres, nomeações governamentais e relatórios. Portanto, fontes fundamentais para ampliação de produção de monografias, dissertações, teses, livros e artigos de caráter nacional, regional e local. Como objetivos específicos, o presente estudo propôs a identificar nos documentos coletados, as mulheres que estiveram presentes na construção da história da educação e da leitura na Paraíba, particularmente, entre os anos de 1930 e 1945, (República Nova e Estado Novo), bem como analisar o conteúdo educacional dos documentos coletados, elaborar e publicar artigos acerca do objeto pesquisado. O recorte de 1930-1945 é justificado por ser um período em que as mulheres se mobilizaram e tiveram forte presença nos acontecimentos educacionais marcantes no século, colocando no debate público a necessidade de redefinir sua posição na sociedade. Inscrito na abordagem teórico-metodológica da Nova História Cultural, o estudo em questão, permitiu não apenas revisitar um determinado movimento histórico e social de uma época, através da configuração da atmosfera da respectiva sociedade, mas também resgatou historicamente, registros, relatos e memórias relativos à educação do Brasil. Sendo assim, entende-se que a organização, realização e conclusão desta

pesquisa, além de ter incentivado à participação e formação de pesquisadores dedicados ao tema, resultaram numa importante contribuição historiográfica à Paraíba e ao Brasil, a partir do desvelamento de novos fatos e visões acerca dos personagens femininos na educação paraibana. Então, pretende-se com este trabalho, contribuir com os debates, as pesquisas e os estudos sobre mulher, educação, e relações de gênero que vêm sendo desenvolvidas neste país.

REPRESENTAÇÕES TUMULARES COMO ELEMENTOS DE RECONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO FÚNEBRE RECIFENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Rodrigo Felix Marinho (UFPE)

RESUMO:

Estudar as sepulturas nos permite entender fragmentos importantes do imaginário de uma sociedade. Além de uma simbologia especial relacionada à última morada do ser humano, além disso, podemos detectar fortemente os aspectos econômicos e sociais que as caracterizam. Partindo desse pressuposto, com essa pesquisa iremos analisar o maior expoente do patrimônio fúnebre da cidade do Recife, o cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção, mais conhecido como Cemitério de Santo Amaro, o qual se constituiu na primeira necrópole planejada do país. Construído na segunda metade do século XIX sob o prisma das leis higienistas tão influentes na época, que entre outras coisas, condenavam veemente os enterros no solo sagrado das igrejas, visto que os miasmas emanados dos corpos em decomposição traziam um sério risco à saúde dos fieis. Esse costume era caracterizado por essa corrente, pejorativamente, como um atraso da herança colonial. Iremos primeiramente estudar sua formação e as principais implicações que tal construção resultou na sociedade recifense do século XIX. Logo após iremos analisar o simbolismo de algumas sepulturas, sua localização dentro do cemitério, como também o material da qual elas foram construídas, além do artista que executou a obra; para assim tentar entender como a influência de algumas famílias tradicionais estendiam-se até esse novo espaço da morte.

MEMÓRIAS E ESCRITOS: QUANDO A AUTOBIOGRAFIA FAZ O PROFESSOR REFLETIR E RENOVAR SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Maria José França Sobreira (UFCG)
Débia Suênia da Silva Sousa (UFCG)

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo apresentar a proposta de trabalho do Projeto de extensão intitulado Memórias e escritos de educadores – vinculado à Unidade Acadêmica de Educação (UAE), do Centro de Formação de Professores (CFP) da UFCG – este propõe focar a troca de saberes entre a Universidade e os professores da rede pública estadual de ensino no município de Cajazeiras - PB, que estão envolvidos no processo de formação continuada, dando destaque aos escritos e memórias de si mesmo, como elemento constitutivo de sua identidade profissional. Nessa perspectiva, metodologicamente os encontros realizados com os professores procuram proporcionar um processo de formação continuada entre os professores; incentivar novos métodos educativos no processo ensino-aprendizagem; procurar no decurso dos escritos facilitar a estes o reconhecimento de que são sujeitos históricos construtores de cultura. Trata-se de um trabalho em andamento, mas pode-se notar resultados significativos, pois os professores por meio da socialização dos seus escritos têm trocado experiências uns com os outros, formando coletivamente novos saberes educativos. Chega-se a conclusão que a autobiografia se consolida como uma ferramenta necessária à formação continuada dos docentes, visto que pode ajudar na construção ou reconstrução do sentido da vida profissional dos docentes em processo de formação continuada.

“AVISA O IML, CHEGOU O GRANDE DIA” UMA ANÁLISE DA MÚSICA “DIÁRIO DE UM DETENTO” COMO REPRESENTAÇÃO DO MASSACRE DO CARANDIRU DE 1992

Endryws Felipe Souza de Moura (UFCG)

RESUMO:

No ano de 1992 no dia 2 de outubro na Casa de Detenção de São Paulo mais conhecida como Carandiru, ocorreu uma execução de 111 detentos no Pavilhão 9, o pavilhão que abrigava os réus primários, em uma tentativa da polícia em conter

uma rebelião. Até hoje há controvérsias nos diversos discursos que buscaram representar o fato, essas controvérsias vão desde as discussões sobre a origem da rebelião até a conclusão do fato com a contagem dos mortos, que segundo os próprios detentos supera o número de 200 corpos. Neste artigo, pretendo analisar a música composta por um dos integrantes do grupo Racionais MC's "Diário de um detento" (1999) com a ajuda de um dos sobrevivente do massacre, Jocenir (pseudônimo para o nome de Josemir Prado) que faz uso do seu diário pra representar o dia a dia na cadeia, e por meio dela refletir acerca dos eventos ocorridos durante a chacina especificamente os dias 1 e 2 de outubro que são os dias anteriores ao Massacre. Para tanto utilizarei a canção como fonte base e outros discursos, a exemplo de entrevistas fornecidas pelos jornais, como a Folha de São Paulo e do livro "Estação Carandiru" escrito pelo médico Dráuzio Varella (1999), que passou um período na Penitenciária desenvolvendo um trabalho preventivo contra a AIDS, como fonte de apoio para as análises. A partir desse recorte temporal, espacial e metodológico, pretendo também discutir sobre a música utilizada como possível fonte histórica, e especificamente a música como uma forma de representação do diário de um detento, e utilizarei o respaldo teórico de Marcos Napolitano com o livro "História e Música" (2005) que dentre outras coisas discute a utilização da música enquanto fonte, dentre outros autores que discutem sobre o sistema presidiário comparativos e definições dos métodos punitivos.



GT 07 – A PEDAGOGIA DOS SENTIDOS E POSSIBILIDADES DE PESQUISA EM HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

Juciene Batista Félix Andrade
Olivia Moraes de Medeiros Neta
(Coord.)

DESCRIÇÃO

A nossa proposta de grupo de trabalho visa, sobretudo, abordar questões e temáticas concernentes ao exercício de pesquisa no campo da história e da educação em que as educabilidades, as sociabilidades e as sensibilidades podem ser exploradas em diversas pesquisas. Uma vez que a literatura historiográfica recente nos permite pensar numa história de conceitos como o limpo, o sujo, o odor, a alimentação, a fome, a cultura das aparências (a beleza, a feiúra, as roupas, os tecidos, as cores, etc.), a saúde e a doença, o medo e a alegria, enfim, um mundo de contrastes que muito revelam da dimensão e condição humana. Nesses termos, pensamos essas dimensões como atreladas a uma pedagogização dos sentidos e como formas de compreender o ser e estar no mundo de sujeitos em espaços e temporalidades específicas. Por isso, o exercício de pensar a pedagogização dos sentidos ou uma educação política dos sentidos passa por eixos do descritivo e do projetivo, estando intimamente associado ao alargamento da concepção de fontes históricas e seus múltiplos usos. Dessa forma, fontes como os anúncios em jornais e revistas, a literatura, as fotografias, as músicas, os códigos de posturas, as plantas baixas, os ofícios, as leis, os diários íntimos e as cartas, não são documentos em si, mas um diálogo entre o historiador do presente e o documento em seu contexto, pois essa é uma construção permanente nos quais podem ser impressos diversas hipóteses, leituras variadas em função dos recortes realizados sobre o mesmo. A

pedagogia dos sentidos e as possibilidades de pesquisa em história e educação, assim, acenam para espaços e práticas educacionais, equipamentos e instituições, sentidos e símbolos de vivências e experiências diversas e formativas. Enfim, pretende-se com este grupo construir um espaço de diálogo que possa contribuir com os trabalhos que estejam em andamento bem como compartilhar experiências de pesquisas.

COMUNICAÇÕES ORAIS

A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA PROPAGANDA DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL: SENSIBILIDADES MODERNAS E OS PROJETOS EDITORIAIS NOS ANOS 1930

Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UFES)

RESUMO:

Considerada a maior editora do país entre as décadas de 1930 e 1960, a Companhia Editora Nacional (CEN) começou sua história em 1925, quando uma associação entre Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira constituiu a empresa. Desdobramento de uma experiência anterior iniciada por Lobato, o referido empreendimento buscava oportunidades comerciais em um ramo praticamente inexplorado até a segunda década do século XX. Investindo em autores nacionais, diversificando os títulos da literatura estrangeira disponíveis no mercado, produzindo coleções didáticas e trabalhando com uma ousada distribuição de livros, a empresa trouxe diversas inovações para sua área de atuação. Além disso, com as reformas educacionais decretadas durante a Era Vargas, os projetos pedagógicos discutidos intensamente desde a década de 1920 e a expansão da escolarização no país, os negócios da CEN foram impulsionados. Entretanto, o grande desafio para todos editores era superar alguns problemas considerados responsáveis pelo atraso da nação: a população sem hábitos de leitura e/ou com altas taxas de analfabetismo. Diante desse cenário considerado desalentador, como seria possível ampliar o mercado consumidor de livros no país? Aliada a outros elementos que contribuíram no processo de mudança das perspectivas socioculturais, a propaganda destacou especificidades desejadas na divulgação das produções editoriais, inclusive obras didáticas. A CEN utilizou vários meios para sensibilizar os potenciais leitores: anúncios em periódicos, catálogos de edições bem elaborados, distribuição de exemplares para análise de professores, divulgação de obras na contracapa de suas edições, entre outras estratégias. Procurando

conquistar consumidores para suas publicações, sua propaganda valorizava os livros como produtos capazes de entreter e ensinar ao mesmo tempo. Ao promover a venda de livros, a editora potencializava seus negócios e valorizava a cultura letrada. Relacionando os livros aos hábitos de leitura do homem urbano, progressista, inteligente, civilizado, as mensagens publicitárias associavam essa prática ao sujeito idealizado pelas concepções da modernidade capitalista. A análise dos materiais publicitários produzidos pela CEN no decorrer da década de 1930 reforça a idéia de uma educação dos sentidos colocada em ação, a qual divulgava livros como produtos culturais imprescindíveis, portadores dos conhecimentos constituintes do homem moderno. Estudos sobre as trajetórias das editoras nacionais e suas estratégias de propaganda podem trazer significativos elementos para a melhor compreensão das batalhas de percepções que envolveram o avanço das concepções da modernidade no Brasil.

MEMÓRIA, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: AS CARTILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS NO RECIFE (1960-1970)

Ms. Bianca Nogueira da Silva Souza (UFPE)

RESUMO:

(Resumo): O historiador trabalha com fontes. Essas por sua vez, com o advento da história cultural, carregam uma identidade cada vez mais diversa (fotos, jornais, cartas, testamentos, depoimentos orais, diários... cartilhas de alfabetização. Para a construção deste trabalho com base nessa diversidade documental, optei por dois importantes registros históricos construídos entre os anos de 1960 e 1970 que nos ajudam a entender e problematizar a história da educação na cidade do Recife/PE do período: a cartilha de alfabetização para adultos do Movimento de Cultura Popular - MCP (1962) e a cartilha de alfabetização do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL (1967). Apesar do pouco espaço temporal que os separam, esses materiais foram “fabricados” em contexto político-sociais (e por isso pedagógicos) bem distintos. O primeiro é produzido na era democrática e efervescente pré-1964, já o segundo é fruto do regime militar num dos seus momentos mais fortes em termos de afirmação. Ambos, no entanto apresentavam-se para a sociedade com o mesmo objetivo: ampliar o número de alfabetizados no Brasil, em especial no Nordeste que tinha a maior contração de iletrados do país. A partir da análise desses materiais pedagógicos, aqui tomados como documentos “oficiais” proponho uma reflexão sobre a cultura escrita e as práticas que a

permitiram emergir, a leitura, a história da alfabetização no Nordeste brasileiro e a produção de memória coletiva da categoria povo na cidade do Recife nos regimes democráticos e ditatoriais entre as décadas de 1960 e 1970.

O IMPÉRIO DO RIDÍCULO: A CARICATURA POLÍTICA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO E A MONARQUIA DO BRASIL

MSc. Flávio Carreiro de Santana. (UC/UVA-CG)

RESUMO:

Para além de se conceber como momento crítico da nossa história, o acontecimento do fim do império no Brasil produziu efeito de risos Além-mar. Em Portugal, o semanário “O Ponto nos ii” utilizaria a caricatura política não apenas para informar as últimas notícias vindas do Brasil, como serviu de veículo de acusação do regime monárquico e de propaganda da campanha republicana. Para tanto, esse trabalho pretende abordar como o acontecimento do fim do império foi tratado em um contexto alheio ao Brasil, tomando como exemplo o contexto português em 1889, utilizando, sobretudo, o efeito do riso através da notícia jornalística. Através da caricatura política, o riso produziria uma pedagogia de ridicularização e informação acalorada do episódio, logo que, após sua saída do Brasil, seria Portugal, inicialmente, o local de permanência da família real.

A PROFESSORA PRIMÁRIA REPUBLICANA, UMA LEITURA DE CONDUTAS FEMININAS

Ms. Francinaide de Lima Silva (PPGED/UFRN)
Dr. Maria Arisnete Câmara de Morais(Orientadora)

RESUMO:

Este trabalho analisa a conduta da professora primária a partir de sua formação na Escola Normal de Natal, bem como de sua atuação nos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte, no período de 1908 a 1920. A Reforma do Ensino Primário (Lei n. 249, de 22 de novembro de 1907), operacionalizada pelo Decreto n. 178, de 29 de abril de 1908, reabriu a Escola Normal de Natal para a formação de professores primários de ambos os sexos e criou uma rede de Grupos Escolares. O Grupo Escolar Augusto Severo (Decreto n. 174, de 5 de março de 1908) foi o primeiro do

gênero a ser instalado na capital, no bairro da Ribeira, ao lado do Teatro Carlos Gomes. Inaugurado solenemente a 12 de junho do mesmo ano servia aos mestres normalistas para a experimentação da Pedagogia Moderna. Pesquisamos nas fontes disponíveis no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, tais como o jornal A República, a revista Pedagogium, Leis e Decretos do Governo, Regimentos Escolares, como também fotografias. Utilizamos Atas, Ofícios, Relatórios Anuais da Diretoria Geral de Instrução Pública, Livro de Honra e Diários de Classe, provenientes do Arquivo Público do Estado. O diálogo com esses documentos evidencia uma configuração na qual os códigos de conduta, para além de prescrições, constituem-se como um habitus reservado para a professora primária. A Escola Normal de Natal e os Grupos Escolares são, por assim dizer, instituições de práticas educacionais, espaços de construção de símbolos republicanos e de sentidos para a mulher no exercício do magistério. Servem para a aprendizagem prática e às vivências formativas que forjam uma mulher particular, a professora primária, como também o pretense cidadão republicano. Muitas das professoras diplomadas no Curso Normal foram responsáveis pela educação de gerações e para a formação da sociedade letrada norte-rio-grandense.

VISÕES DO URBANO: A CRÔNICA COM FONTE DE SABER HISTÓRICO

Dr. Gervácio Batista Aranha (UFCG)

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é demonstrar que a crônica diária, publicada nos jornais, lida por uma multidão de leitores, numa época em que a imprensa não tinha concorrência como veículo de comunicação de massa, constitui uma fonte cada vez mais recorrente por parte de historiadores preocupados com a emergência do urbano entre os séculos XIX e XX, em especial no que se refere ao modo como os atores sociais produziram, sentiram e representaram a vida cotidiana cidadina. Desse ponto de vista, como será demonstrado, é praticamente impossível focalizar o cotidiano de inúmeras cidades pelo mundo afora, no período estudado, sem passar pelos cronistas locais. Daí a identificação de muitas delas com seus respectivos cronistas: a Londres de Dickens, o Rio de Assis, Bilac ou Lima Barreto, o Recife de Mario Sette, dentre outras.

UMA CARTOGRAFIA SENTIMENTAL E HISTÓRICA: PRIMEIROS RASTROS DO SERTÃO NO DISCURSO DE ARIANO SUASSUNA

Mestranda Jossefrania Vieira Martins (UFRN)

RESUMO:

De maneira geral, nosso trabalho aporta na produção literária de Ariano Suassuna, mas especificamente no sertão significado e apresentado no Romance d'A Pedra do Reino. Seguindo a rota de problematização da “cena de escritura” de Suassuna, percorremos as sendas de sua história pessoal na demanda de identificarmos os seus “primeiros contatos” com a temática do sertão. Para isso, notamos que às tramas políticas e sociais nas quais esteve envolvida a sua família e o contexto no qual se deu a sua formação intelectual bem como a sua autoria demonstram haver uma relação entre a sua vida e obra na construção de seu discurso. Tudo engendrado a princípio na busca incessante pela recuperação da figura paterna. No esforço de identificar e refletir acerca dessa representação nos colocamos diante da relação histórica do homem com o espaço. Uma relação que ultrapassa os limites “físicos” e os delimita fronteiriçamente com as marcas pessoais, o caráter emocional e sensível.

O SILÊNCIO E O PAPEL. EM BUSCA DE FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM CAMPINA GRANDE: O CASO DA PROFESSORA APOLÔNIA AMORIM (1904-1949)

Jussara Natália Moreira Bélenes de Melo (PPGE/UFPB/UEPB)
Josemir Camilo de Melo (UFCG/UEPB)

RESUMO:

A professora Apolônia Amorim viveu e lecionou em Campina Grande entre 1931 e 1949, tempo do surgimento e expansão da guinada pedagógica conhecida como Escola Nova no Brasil. Na Paraíba, o movimento teve aceitação, sendo uma das militantes (porque era uma causa, à época) a professora Apolônia. No entanto, pouco se sabe de sua vida, embora venha de uma destacada família de classe média alta e, como dizem os parentes, revolucionou a escola em sua cidade. Solteira, Independente, viajava ao Rio de Janeiro, em busca de espaços afetivos, intelectuais e políticos, compondo, assim uma nova forma de ser mulher. Professora do Estado,

fundou seu próprio educandário, Ginásio Campinense, aplicando didática da Escola Nova. Devido ao silenciamento na História local sobre suas atividades, lançamos mão de fontes da história oral (MEIHY, 2007; ALBERTI, 2004), embora escassas na composição literária não só de sua biografia, mas de suas atividades pedagógicas. Recorremos, principalmente, à imprensa da época local e estadual, cujos exemplares se encontram na Biblioteca Átila Almeida/UEPB, tanto a de esquerda (A Batalha e A Frente), como a católica (A Imprensa, da capital) e revistas de colégios como Evolução (do Instituto Pedagógico/Alfredo Dantas) e almanaques (LUCA, 2005) de época, tanto da cidade, como do Estado, para desvelar um perfil silenciado desta militante da Escola Nova. No entanto, as fontes jornalísticas forneceram diversos registros que contribuem para a compreensão da história da educação na cidade em conformidade com o que ocorria no país diante do embate entre o ensino laico e o religioso.

QUANDO CORPO E MENTE PRECISAM SABER: RELATOS DE FORMAÇÃO INTELECTUAL

Ms. Maria Claudia Cavalcante (FVS/PPGH-UFCG)

RESUMO:

Esta comunicação tem como objetivo problematizar a narrativa memorialística de Gilberto Amado em torno de sua formação intelectual. Neste sentido, entendo que ao narrar suas experiências, o autor visa construir imagens de si, objetivando a sua legitimação como sujeito intelectualizado. Um sujeito intelectualizado que como tal tem que possuir um corpo intelectualizado. Esta idéia partiu da discussão empreendida na dissertação de Mestrado, intitulada “Em frente ao espelho: recompondo e decompondo cacos de si: memória e intelectualidade em Gilberto Amado.” Alí, percebi que a construção da imagem do intelectual não perpassa apenas o relato de suas leituras, mas também o relato de todo um cuidado com o corpo e com os espaços que ele freqüentava, desde a infância. Por corpo intelectualizado entendo toda uma gama de prerrogativas que é selecionada por Gilberto Amado na sua descrição enquanto intelectual, um sujeito de saber, isto é, um corpo higiênico, ascético, racional e masculino. Um corpo que nasce com a República e seus ideais civilizatórios. Um corpo de um intelectual e político necessário ao bom regimento da nação. Nesse sentido, este texto é parte de uma discussão maior feita na dissertação acima citada que problematiza como a narrativa em torno do corpo e os demais espaços percorridos - as condições de

higiene das Repúblicas e da escola por onde passou ao longo de sua trajetória intelectual, a luta contra seus ímpetos sexuais, as relações com mulheres que passaram por sua vida - atuam na construção de sua imagem enquanto intelectual. O diálogo teórico-metodológico aqui indicado fala do lugar de uma história cultural comprometida com uma história da construção do significado. Nesse sentido, o corpus documental (a literatura memorialista de Gilberto Amado) é encarada como acontecimento discursivo. Encarar a literatura memorialista como acontecimento discursivo significa despojar o acontecimento de toda e qualquer referência a uma origem supostamente determinável ou a qualquer instrumento de causalidade entre as palavras e as coisas. O discurso, nesta perspectiva, não busca um suposto significado original, e sim instaura a interpretação. Entender o discurso como acontecimento é entender que ele funda a interpretação, constrói uma verdade, dá rosto às coisas. Por este motivo, o discurso é objeto de disputa de poder.

FRANCISCO PINTO DE ABREU: UM REFORMADOR DO ENSINO NO RIO GRANDE DO NORTE (1895-1916)

Maria da Penha Ferreira de Freitas (PPGED/UFRN)
Dra. Maria Arisnete Câmara de Moraes (Orientadora)

RESUMO:

O presente texto resulta de uma pesquisa vinculada a Base de Pesquisa Gênero e Práticas Culturais. Apresenta as contribuições de Francisco Pinto de Abreu à educação norte-rio-grandense no período compreendido entre 1895 e 1916. O recorte histórico justifica-se por Francisco Pinto ter sido, em 1895, nomeado pelo então Governador Pedro Velho diretor e professor de Aritmética (Ateneu Norte-Rio-Grandense). Em 1916, volta à Pernambuco e continua naquele Estado a tão garrida luta pelas reformas educacionais. Ocupou diferentes cargos educacionais, dentre eles a Cadeira de Francês (Ateneu Norte-Rio-Grandense?), entre 1901 e 1904. Realizou em 1905, a Reforma do Ateneu, submetendo-o ao regime da “Madureza”, entre 1905 e 1916, fase das mais “brilhantes” da existência do velho educandário natalense. Em 1908, no 2º segundo governo de Alberto Maranhão, voltou a dirigir a Instrução Pública, tendo promovido e organizado a Reforma do Ensino, naquele ano, autorizada pela Lei nº 249, de 22 de Novembro de 1907. Foi responsável pela criação da Escola Normal de Natal, inaugurada em 13 de maio de 1908, do Grupo Escolar Augusto Severo, primeiro de gênero no Estado, como

também Grupos Escolares e escolas Isoladas em todo Estado, sob regime de Cooperação Municipal. Fundamentamo-nos na História Cultural, a partir dos pressupostos postulados por Chartier (1990), que emprega as noções de práticas e representações. No campo do textualismo, temos Foucault (1997), Bourdieu (1998) os quais operam os processos simbólicos. Para isto, utilizamos arquivos, tais como as Leis, Decretos e Mensagens do Governo, documentos provenientes do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), instituição na qual Francisco Pinto de Abreu, foi sócio fundador e efetivo. Sabendo da importância da Reforma do Ensino Primário para o Rio Grande do Norte, no início do século XX, pretendemos reconstituir a memória de seu idealizador Francisco Pinto de Abreu, como também as ideias que compunham a configuração educacional na qual ele estava circunscrito.

HISTÓRIA PELAS IMAGENS: A FILATELIA E OS CASTELOS PORTUGUESES

Ms. Isabel Maria Freitas Valente (Universidade de Coimbra)

Ms. Joel Carlos de Souza Andrade (UFRN/Universidade de Coimbra)

RESUMO:

As imagens constituem uma importante linguagem a ser desbravada pelo historiador. No âmbito de sua produção, a imagem filatélica materializada nos selos comemorativos configuram-se como um referente daquilo que foi selecionado para ser (re)lembrado num dado momento histórico. Neste sentido, na linha de outros trabalhos, buscar-se-á nesta comunicação, analisar alguns selos como parte da homenagem proposta pelos Correios portugueses que em 1946 organizou uma a emissão intitulada “Castelos Portugueses”. Retoma-se assim a problemática da história, memória e patrimônio histórico no âmbito da produção do conhecimento histórico.

OLHAR A CIDADE SOB A ÓTICA HISTÓRICO-ARQUITETURAL

Ms. Juciene Batista Félix Andrade (UFPE)

RESUMO:

“Pensar e sentir a cidade fora muitas vezes uma tarefa dos poetas, dos cronistas e romancistas, dos teólogos, também dos arquitetos e filósofos.” (BARROS, 2007: 9). Partindo desse mote, essa comunicação intenta pensar a cidade, mais precisamente de Campina Grande (1937) sob o olhar da arquitetura. Levando-se em conta os inícios das reformas urbanas que aconteciam nesse momento na cidade de Campina Grande, uma série documental composta de plantas baixas sobre os estabelecimentos comerciais, as residências particulares etc. vêm nos ajudar a compor uma memória que nomeamos de arquiteto-histórico sobre a cidade. Que novas sensibilidades permeiam a vida dos cidadãos nesse tempo? O que podemos falar da cultura material de uma cidade a partir da leitura de documentação técnica existente no arquivo público da cidade naquele momento? São perguntas que norteiam as nossas reflexões sobre esta temática. Tomando como diálogo inspirador trazemos autores como Fernand Braudel e Daniel Roche que nos ajudam a pensar sob a ótica da cultura material de uma sociedade.

A EMERGÊNCIA DO “NADA-SENTIDO” E/OU “NADA-APRENDER”: UM NOVO CAPÍTULO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Dr. Ivontonio Gomes Viana (UFCG)

RESUMO:

O presente trabalho procurou circunscrever o percurso histórico, 1940-2010, de uma abordagem psicopedagógica do não-aprender como falta e déficit para uma abordagem que busca pelo sentido do não-aprender, causas e significados. Presenciamos uma falência contemporânea nesta trajetória, tão marcada pela Psicanálise, haja vista estarmos presenciando, cada vez mais, a descrição de uma experiência de ensino-aprendizagem que se afirma enquanto ‘sem sentido’ e que remete a um sentimento de radical vazio existencial: um “nada-sentido” e/ou um “nada-aprender”. Realizamos uma atualização bibliográfica no campo epistemológico e histórico da Psicopedagogia (BOSSA, 2007; FERNÁNDEZ, 1991; NOFFS, 2003; PAÍN, 2000; entre outros), tendo como elementos de diálogo

inúmeras vivências como professor universitário e supervisor educacional, bem como mudanças sócio-históricas acerca da contemporaneidade e produções subjetivas (GIDDENS, 1991; KUMAR, 1997; BAUMAN, 1998; LYON, 1998; FRIDMAN, 2000; entre outros). Verificamos a necessidade urgente de atualizar nosso entendimento acerca do não-aprender, uma vez que a busca por um sentido e/ou significados não encontra, amiúde, correspondente na experiência do sujeito ou do grupo que apresenta a referida “fratura” no aprender. A contemporaneidade, então, traz a marca da implosão dos sentidos (DINIZ & ALVES, 2005) e, nesta medida, o aprender começa a perder seu estatuto moderno de aquisição de conhecimentos e saberes socialmente construídos. É a falência do sujeito do conhecimento, pois o mesmo não possui sequer maiores referências para exercitar e constituir-se enquanto alguém assujeitado ao campo da linguagem e do desejo. Torna-se urgente a atualização do nosso cabedal teórico-metodológico na direção da inserção e do reconhecimento da presença efetiva, nas nossas mais variadas experiências educacionais, do nada-aprender como experiência que vem se presentificando cada vez mais no nosso cotidiano e demanda não simplesmente uma escuta ou olhar investigativo-interventivo, mas sobretudo um corpo que atue, de forma inventiva, através de produções imagéticas que comporte no processo de ensino-aprendizagem as mais diversas expressões sensoriais e subjetivas contemporâneas.

TÍTULO DO TRABALHO: A INTERNET COMO UM NOVO APARATO TECNOLÓGICO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE (DÉCADAS DE 1990 E 2000)

Romerino de Souza Andrade (PPGH/UFCG)
Dr^a.Keila Queiroz (UFCG)

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo enfatizar como a difusão da internet em Campina Grande, entre às décadas de 90 e 2000, repercutiu em novas práticas culturais, tornando mais ágeis os serviços, aumentando a informação e a comunicação, principalmente, da população mais abastada, visto que nem todas as pessoas tiveram acesso a esse novo aparato tecnológico. Para isso, teremos como recurso metodológico matérias do Jornal “Diário da Borborema”. Dessa forma, nossa discussão girará em torno de como a internet possibilitou encurtar as distâncias, transformando, dessa maneira, a noção de tempo e de espaço, pois através da

internet as pessoas se conectam com sujeitos de diferentes lugares em tempo ágil sem precisar sair da frente da tela do computador. Neste sentido, esta comunicação tentará mostrar como a internet modificou o cotidiano dos campinenses entre o final do século XX e início do século XXI.

**PENSANDO A CIDADE E SUAS SOCIABILIDADES POR FONTES
JURÍDICAS E CARTORIAIS (PRÍNCIPE, RIO GRANDE DO NORTE,
SÉCULO XIX)**

Ms. Olivia Moraes de Medeiros Neta (UFRN/IFRN)

RESUMO:

As sociabilidades nos espaços citadinos apontam para múltiplas condições de construção do social e de vivências, pois os modelos de comportamento mais ou menos se ajustam as realidades materiais, aos gestos, a ordem das festas e das cerimônias e a maneira de organizar o espaço social, trazendo o testemunho de uma certa ordem. Nessa perspectiva, esse trabalho tem como tema as sociabilidades formativas no Príncipe, atual cidade de Caicó-RN, o que possibilita a demarcação do objeto de estudo Cidade e suas sociabilidades. Assim, objetivamos analisar as sociabilidades no Príncipe, século XIX, a partir de um conjunto de fontes jurídicas e cartoriais pertencentes ao 1º Cartório Judiciário de Caicó que estão sob a custódia do Laboratório de Documentação Histórica do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. As sociabilidades remetem para as realidades sociais relativamente verificáveis na vida social e sua prática organizada, sendo essa a forma principal da vida associativa. Esse entendimento de sociabilidade toma por base o trabalho ‘Penitents et francs-maçons de l'ancienne Provence’ de Maurice Agulhon. Para a interpretação das fontes, o estudo assenta-se no método indiciário, permitindo o apreço aos pormenores e a conciliação entre a racionalidade e a sensibilidade. Do conjunto de fontes jurídicas e cartoriais selecionamos testamentos e autos de contas, inventários e processos-crime como o da ré Joanna, escrava (1869) e do réu João Serafim de Maria (1876). Esses apresentam componentes de sociabilidades formativas em espaços como o da Matriz de Santa Ana, das vias públicas, das casas sitas no perímetro urbano e o da Casa de Câmara e Cadeia Pública que, particularmente, ao sediar reuniões dos vereadores, os júris, os interrogatórios, os exames de corpo de delito e outros modus sociais e políticos materializava sociabilidades político-administrativas e jurídicas. As fontes jurídicas e cartoriais

analisadas nos permitiram perceber que, no Príncipe as sociabilidades se distribuíam pelos estabelecimentos privados e pelas instituições públicas constituindo uma intersecção da vida familiar, com a econômica, a política, a social, a cultural. Dessa forma, as sociabilidades formativas no Príncipe no século XIX ocorriam pela relação entre a cidade e a educabilidade, pois a urbe com seus mecanismos de regulação como a Casa de Câmara e Cadeia e o aparato jurídico constituíam formas a ação dos seus moradores e, como isso, ditavam orientações e condutas para esses.

DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA ESCRITA DE UM DIÁRIO ACADÊMICO ILUSTRADO COM AS REFLEXÕES DE SNYDERS E TEIXEIRA

Maria Julia de Paiva Almeida (UFRN)
Cristine Tinoco da Cunha Lima Rosado (UFRN)
Edna Maria da Cruz (UFRN)
Jacileide Ferreira Targino da Cruz Melo (UFRN)
Kalline Bezerra da Silva Flor (UFRN)
Tércia Maria Souza de Moura Marques (UFRN)

RESUMO:

No curso da disciplina Educação Brasileira, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ensaiamos a elaboração de um diário acadêmico, definido como gênero narrativo, que possibilita intersecções com o ato de estudar e aprender. O objetivo do trabalho é descrever as etapas da escrita de um diário acadêmico e exemplificá-las com o diário “Escola: alegria e transformação”, construído por um grupo de mestrandos e doutorandos desse Programa, que privilegiou as concepções de criança, infância e educação escolar nos autores: Georges Snyders (Alunos felizes... 2001) e Anísio Teixeira (Pequena introdução à filosofia da educação ... 1975). Em Snyders, a reflexão é pedagógica, no sentido do aluno aprender a estudar com alegria e prazer, mas mediante método de ensino. Em Teixeira, a discussão é filosófica e pedagógica por pensar uma educação escolar na qual a criança – aluno é sujeito constante das mudanças estruturais da sociedade moderna.

PÔSTERES

RELATO DE PRÁTICAS ECOLÓGICAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E EFEITO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA POLÍTICA

Esp. Maria Joelma Santos de Melo (UFCG)

RESUMO:

A proposta para pesquisar práticas de Educação Ambiental desenvolvidas, na Educação Infantil, na Creche Municipal Karine da Silva com efeitos no Ensino Fundamental no Distrito de São José da Mata, Campina Grande em 2009 destina-se a favorecer a formação de cidadãos sensíveis as questões ambientais e sociais. O objetivo principal deste documento consubstanciou-se em estabelecer referencial orientador, de caráter interdisciplinar a procedimentos seguidos na concepção de currículos diante do Projeto Político Pedagógico. A estratégia proposta para estimar resultados se baseou principalmente na pesquisa qualitativa de caráter documental com nexos para a pesquisa social empírica articulando variadas técnicas, como o estudo documental e descritivo sobre o tema estudado, o trabalho de campo associado observação participante e entrevistas. Com relação à análise geral do estudo possibilitou caracterizar o grupo focal, relatar experiências vividas de projetos educacionais e abstrair da análise temática, percepções da dinâmica educacional contidas em fragmentos de entrevistas e posicionamentos de ex-alunos, mães e professoras. Dessa maneira, permitindo fazer uma tradução das subjetividades e dos sentimentos, tentando ler nas fontes as motivações, sentimentos, emoções e lógicas de agir e pensar sobre a vivência da educação ambiental a favor da conservação do remanescente florestal que apresenta espécies flora da Mata Atlântica e da Caatinga, que inicialmente ocupava 100 hectares e esta reduzida a 14 hectares. Este é provavelmente o último remanescente de vegetação arbórea de transição entre o Agreste da Borborema e o Cariri Paraibano. A “leitura” dos enfoques favoreceu a concepção da prática da Educação Ambiental na Educação Infantil com efeito estendido para séries posteriores, que os espaços promoveram a construção repertórios heterogêneos de conhecimentos, e que as crianças que participaram dos projetos são sensíveis às questões ambientais, apresentando perfil de cidadãos preocupados e engajados com a sustentabilidade da natureza desde suas infâncias. O meio ambiente é um sistema aberto e interdependente que recebe e exporta energia e que tem sido severamente

impactado a níveis irreversíveis. Portanto, a problemática ambiental é um fato que deve ser refletido diariamente, com discussões sobre a necessidade de mudança de percepção, hábito e comportamento de todos os cidadãos e cidadãs diante da relação com a natureza. A proposta para relatar práticas de Educação Ambiental trabalhadas na Educação Infantil e analisar seus reflexos no Ensino Fundamental constitui alternativa viável para promover a formação de sujeitos sensíveis à causa ambientalista, côscios de que exercer a cidadania diante do progresso é privilégio, direito e dever de todos.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS E PRÁTICA DOCENTE

Priscila Natividade de Jesus (UNEB)

Lílian Oliveira dos Santos (UNEB)

Prof^a Ms. Antonieta Miguel

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo trazer algumas reflexões acerca das experiências de ensino que foram desenvolvidas durante os estágios supervisionados, no decorrer do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia. Foram vivências em espaços de ensino, formal e não-formal, que constituíram diferentes modos e lócus de aprendizagem e que, portanto, se tornam de suma importância para nosso processo de formação na graduação e enquanto futuras professoras de História. Com a prática nos estágios foi possível pensar sobre a formação do professor de História, bem como refletir a prática docente, analisando o seu papel tanto na escola quanto na sociedade. Sendo assim, o ensino de História direciona para construção de discussões que auxiliam no desenvolvimento crítico dos indivíduos, relacionando-o de maneira dinâmica e reflexiva com as realidades destes. Diante disso, destacamos que a troca de saberes, a partir dos estágios, serviu para o enriquecimento de nossos conceitos acerca do papel do professor como contribuinte na formação crítica do sujeito. Sobretudo, é imprescindível reconhecermos a posição política dos discentes como pessoas críticas, que através de conhecimentos já adquiridos, atuaram de maneira significativa durante a execução das propostas dos estágios. Deste modo, afirmamos que a evidência da prática docente envolve muitos aspectos e discussões que fazem com que possamos perceber os desafios proporcionados pela profissão. Neste sentido, consideramos também que a vivência, enquanto bolsistas,

no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), se faz também, um diferencial no acréscimo de novos elementos na construção de uma identidade e capacitação profissional. Com isso, se faz importante a elaboração das nossas posturas, enquanto educadores, pensando na construção de uma identidade docente. Compreendemos nessas experiências que o ensino de História é uma prática social complexa, cheia de valores e mudanças humanas, sendo preciso a problematização destes, partindo de uma formação cotidianamente reflexiva.



GT 08 – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, INCLUSÃO SOCIAL, DIVERSIDADE E FRONTEIRAS DE GÊNERO

Ligia Pereira dos Santos
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Os estudos de gênero, inclusão social e diversidade têm se revelado uma área de pesquisa profícua no campo da História da Educação. A inclusão social pensada numa perspectiva relacional de fronteiras de gênero torna-se importante instrumento teórico-metodológico e epistemológico, para analisar possíveis transformações histórico-culturais. Fronteiras aqui entendido como metáfora, para identificar lugares de encontros subjetivos, lugares de multiplicidade de culturas em disputas. Conceitos como deficiência, inclusão, etnia, classe, geração, relações de poder, atravessadas pelas fronteiras das relações de gênero nos permitem entender aspectos educacionais e inclusivos naquilo que a história apresenta como processos e artefatos culturais. As práticas de significação contemporâneas, tempo que redefine fronteiras e orienta processos têm por base o reconhecimento da luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e tenta promover relações igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes. Neste sentido, propomos o encontro de pesquisadores e pesquisadoras provenientes de diversas áreas do conhecimento, que desenvolvam trabalhos que focam pesquisas e relatos históricos inclusivos e de gênero; críticas à exclusão que hierarquiza; tensões e mediações entre identidade e diferença, unidade e pluralidade, nas dimensões: social, política, econômica, tecnológica, geracional, cultural e ecológica. Portanto a proposta deste GT é proporcionar um espaço interdisciplinar para a construção de conhecimentos críticos acerca das relações de gênero e inclusão social numa perspectiva histórica relativamente a questões e

dinâmicas sócio/educacionais, familiares, intergeracionais e identitárias, educação no campo, violência e relações judiciais, masculinidades e feminilidades na diversidade. O GT intenciona compartilhar as experiências de formação, práticas docentes e de pesquisa, tecendo considerações sobre discriminações e estereótipos apontando para a possibilidade de mudanças históricas socioculturais. A partir de análises e relatos de pesquisas realizados em diversos contextos sociais e culturais, pretende-se refletir e discutir sobre desafios, problemas e possibilidades que se colocam à construção histórica da sociedade inclusiva no âmbito das relações de gênero e da diversidade com vistas a criar mecanismos de ruptura.

COMUNICAÇÕES ORAIS

MATERNIDADE E CULPABILIDADE: MULHER-MÃE E TRABALHADORA, EIS A QUESTÃO!

Lígia Pereira dos Santos

RESUMO:

Maternidade e culpabilidade: mulher-mãe e trabalhadora, eis a questão! As desigualdades históricas observadas no cotidiano da sociedade, no que se refere às relações de gênero, não se definiram apenas a partir do econômico. A partir das relações culturais e sociais, surgiram as atribuições sociais sobre as funções da mulher e do homem dentro dos variados espaços de convivência, tais como: família, igreja, escola, creche-escola, clubes de prática desportiva, movimentos sociais, enfim, na vida em sociedade. Nos últimos cinquenta anos, um dos fatos mais marcantes ocorridos na sociedade brasileira foi à inserção crescente das mulheres nos espaços públicos e trabalhístico. Este contínuo crescimento da participação feminina e as construções de culpabilização materna têm afetado o ato de conciliar o exercício das responsabilidades do espaço do trabalho com o desenvolvimento educacional de filhos e filhas na infância, tendo em vista, as cobranças impostas apenas às "mães polvo". As mulheres além de sobrecarregadas com as múltiplas atividades, ainda têm que suportar críticas estereotipadas do parceiro, da sogra, da madrinha, da madrastra, da própria mãe, sem esquecer, é claro, da professora do filho ou filha. Diariamente, na sala de professoras/es, podemos constatar docentes a culpabilizarem apenas as mães pelas lacunas no processo de educação dos filhos e filhas, no entanto tais observações são infundadas, posto que não derivam de estudos teóricos, nem tampouco de pesquisas. Sabemos que a maioria das mulheres da população do país, exerce

diversas atividades dentro ou fora do seu espaço privado. Observamos no espaço escolar atitudes docentes que referendam a dominação masculina, bem como a negação de paternidade responsável, gerando a culpabilidade materna nas mulheres mães-trabalhadoras podendo influenciar diretamente na educação dos filhos e filhas. A presente pesquisa que vem sendo realizada na creche-escola viabiliza adentrar na questão de gênero acerca da culpabilidade materna e a responsabilidade que as professoras impõem às mães, excluindo a responsabilidade paterna. Os dados são colhidos através da técnica de Grupo Focal com a temática culpabilidade na maternidade e paternidade, no turno conveniente ao grupo de mulheres- mães-trabalhadoras, bem como, com as professoras/es, às oficinas de docência equânime. Importa refletir sobre as transformações no campo trabalhístico da mulher brasileira buscando as articulações com as questões de gênero na história da educação, sobretudo quanto ao posicionamento das docentes que atuam na educação de seres humanos infantes.

A MULHER E O TRABALHO: UM ESTUDO DE GÊNERO NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E ECONÔMICA NO EJA

Andréa Dos Santos Ferreira
Josimeire Bezerra Marques

RESUMO:

O gênero feminino situado no interior da EJA, que se encontra na condição tanto de excluído da escola regular como também de excluído sócio-historicamente merece ser analisado. O presente trabalho tem como objetivo a análise da participação das mulheres em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal situada na cidade de Parnamirim-RN. Trata-se de uma pesquisa sobre as implicações das relações de gênero no processo de escolarização de alunas da EJA, sobretudo o lugar do casamento e da maternidade na vida das alunas, bem como perceber as suas expectativas quanto à escolarização na redefinição da imagem que essas mulheres têm de si e do meio que as cercam, assim como os motivos que as fazem permanecer na EJA e enxergar nessa modalidade de ensino esperança e autonomia para suas vidas.

CAMINHOS PARA INCLUSÃO

Alex Sandra Costa Silva
Lígia Pereira Dos Santos (Orientadora)

RESUMO:

Somos iguais! As diferentes raças humanas são, na verdade, rótulos superficiais – uma diferença para justificar possíveis desigualdades – uma vez que, segundo a teoria evolucionista, viemos do macaco, ou então segundo a fé cristã, Deus criou o ser humano, tendo como protótipos Adão e Eva. Os motivos pelos quais nos diferenciamos uns dos outros devem-se a diferenças ambientais, naturais, culturais, religiosas... A essência humana é a mesma para todos. A pessoa como ser vivo é mais que uma simples realidade biológica. Ela é definida por uma inserção social, marcada por influências e determinantes culturais, por valores e contravalores... As sociedades, ao longo de sua história, movem-se em base de preconceitos sociais, raciais, religiosos e políticos, dificultando, muitas vezes, o respeito às diferenças e à integração necessária ao desenvolvimento do ser humano. Em um mundo cheio de incertezas, o ser humano está sempre em busca de sua identidade e almeja se integrar à sociedade na qual está inserido. Os mais recentes tratados internacionais têm refletido um desejo mundial de construção de uma sociedade que não só reconhece a diferença como um valor humano irrefutável, como também promove condições plenas para o desenvolvimento das potencialidades de todos os seres humanos, na sua singularidade. Apesar de atualmente a maioria dos países apresentarem alguma legislação que assegura os direitos de todos os cidadãos igualmente, poucas sociedades estão preparadas para exercer a inclusão social em sua plenitude. Desta forma é proposto um modelo de inclusão social. Este consiste em tornar toda a sociedade um lugar viável para a convivência entre pessoas de todos os tipos e inteligências, na realização de seus direitos, necessidades e potencialidades. Por este motivo, os adeptos e defensores do processo de inclusão social, trabalham para mudar a sociedade, a estrutura dos seus sistemas sociais comuns e atitudes em todos os aspectos, tais como: educação, trabalho, saúde e lazer. A inclusão social, é um processo para a construção de um novo tipo de sociedade, através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas. Quanto mais sistemas comuns da sociedade adotarem a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma verdadeira sociedade para todos – a sociedade inclusiva.

**TECENDO IDENTIDADES E FRONTEIRAS DE GÊNERO:
EXPERIÊNCIAS DAS ARTESÃS DE RIACHO FUNDO EM ESPERANÇA-PB**

Cíntia Letícia Bittar de Araújo Eufrazio

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo entender os estudos de gênero e inclusão social no lugar de constituição das diferentes identidades sociais e culturais a partir do trabalho artesanal da Associação da comunidade Riacho Fundo no município de Esperança – PB. Haja vista, que a partir da nova abordagem historiográfica que leva em consideração estudos sobre vários aspectos da sociedade. A partir dos Annales, precisamente em sua terceira geração, a mulher passou a ocupar um papel de destaque na historiografia. Vários historiadores começaram a estudar a história das mulheres de maneira mais integral, sendo assim, as questões de gênero vêm ganhando espaço nas análises e pesquisas educacionais. A participação da mulher no mercado de trabalho no âmbito público tem demonstrado literalmente novas perspectivas do gênero feminino na luta por esse espaço que se colocou como sendo exclusividade do homem, e nos leva a entender que apesar de várias conquistas feministas pelos seus direitos nos diferentes lugares e espaços sociais, elas ainda encontram desafios em sua participação na esfera pública, diante uma sociedade marcada por alguns valores que mantém certa resistência a ascensão da mulher diante da luta emancipatória no mercado de trabalho. Para tanto, foram levantados dados qualitativos a partir do perfil de algumas mulheres e homens pertencentes à Associação de Riacho Fundo a fim de perceber as diferentes transformações nas relações de gênero e as diferentes identidades assumidas por esses sujeitos mediante as mudanças que vem transformando as sociedades modernas. A identidade não é definida biologicamente, mas sim historicamente, para tanto, as diferentes identidades assumidas pelos sujeitos estão associadas às necessidades e exigências do tempo e do espaço nos quais estão inseridos. Desse modo, se evidencia que existe uma influência fundamentalmente imbricada das relações sociais e históricas com o material cultural, evidenciando a idéia de que no tocante as identidades das mulheres artesãs existem processos em construção de diferentes identidades, que estão tecendo e sendo elaboradas a partir das experiências sociais.

COLÉGIO NORMAL FRANCISCA MENDES: O PAPEL DA NORMALISTA NA SOCIEDADE CATOLEENSE (1970-1990)

Maria Cleide Soares de Sousa
Carlos Augusto de Amorim Cardoso (Orientador)

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo discutir a proposta de pesquisa de reconstrução do processo histórico da normalista do Colégio Normal Francisca Mendes no período de 1970 a 1990, da cidade de Catolé do Rocha na Paraíba, analisando sua representatividade social, enfatizando a questão de gênero nesta profissão de atuação predominantemente feminina. A pesquisa centra-se na possibilidade de discutir o papel da Normalista na sociedade de Catolé de Rocha, partindo da busca de conhecer os motivos que as conduzem a escolha dessa profissão, considerando a relação existente no processo de conservação e mudança ao longo do tempo, bem como, a relevância social dada à normalista no referido contexto. Para tanto, optaremos para realização da pesquisa por uma revisão bibliográfica que aprofunde a temática abordada, além de fazer uso da história oral recorrendo a sujeitos que fizeram parte do processo de formação no recorte histórico contemplado na pesquisa, analisando os discursos. Este estudo se torna relevante em decorrência da necessidade de pesquisar a questão de gênero na formação docente em seus mais variados aspectos detectando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no decorrer de sua história, a fim de que esse estudo possa proporcionar a reflexão do arcabouço social, cultural e histórico desse período. A viabilidade da pesquisa será permitida pela minha vivência como aluna e professora da referida instituição, o que poderá garantir o livre acesso as fontes documentais e, aos sujeitos envolvidos na pesquisa, além da vasta literatura condizente com o tema abordado, o que irá contribuir com subsídios teóricos. Assim o movimento historiográfico recente valoriza as produções no nível local e regional, possibilitando ao historiador (a) lidar com as diferenças, impasses e multiplicidades, dando-nos a idéia de que a História é também feita com a participação de sujeitos sociais e estes não foram apenas figurantes no seu tempo, mas sim atores que empreenderam um fazer histórico.

**SE ENTURMANDO COM O UKINHA: HISTÓRICO DOS PRIMEIROS
PASSOS DO PROJETO UM COMPUTADOR POR ALUNO (UCA) NO
BRASIL**

Daniel Torquato Fonseca de Lima
Ivonildes da Silva Fonseca

RESUMO:

O Ukinha é a denominação mais conhecida para o laptop educacional utilizado no projeto “Um Computador por Aluno (UCA)”. O UCA é uma iniciativa do Governo Federal para a adoção intensiva de novas tecnologias da informação e da comunicação nas escolas, por meio da distribuição de computadores portáteis aos alunos da rede pública de ensino. A pretensão do governo é suprir as necessidades em torno da apropriação tecnológica e propiciar a inclusão social e digital. Esta intenção de combater a exclusão social pelo caminho da inclusão digital hoje é uma realidade exemplificada por muitas ações espalhadas pelo Brasil afora, algumas delas promovidas por organizações não governamentais. Assim, um projeto governamental sendo executado por meio da escola pública aponta perspectivas futuras transformações nos âmbitos pessoal e coletivo. O histórico acompanhado de análises, proposto neste resumo traçará uma linha de acontecimentos da Fase I do projeto UCA, a fase Pré-piloto, que foi de 2005, quando Nicholas Negroponte, um dos idealizadores do projeto OLPC (One Laptop per child), apresentou o protótipo do laptop ao presidente Lula. De 2005 a 2007 muitas ações foram desenvolvidas e em 2010 chega ao Estado Paraíba. Assim, o nosso trabalho, ora proposto para este Colóquio Internacional torna-se de enorme valia, uma vez que o “Projeto Um Computador por Aluno” contempla escolas públicas paraibanas principalmente algumas em zonas rurais e em localidades de difícil acesso. Sabemos que um projeto dessa monta tem no objeto ideal um alcance imensurável, todavia merece ser avaliado para identificarmos pontos que venham contribuir para que haja o cumprimento do objetivo real. Relataremos de forma analítica o que foi feito, quais foram e estão sendo os resultados da Fase I enfatizando se houve a superação da carência digital.

A SEXUALIDADE NA ESCOLA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Djanira Rodrigues Tavares
Paulo Márcio Coutinho Passos
Maria do Socorro Arruda (Orientadora)

RESUMO:

A presente pesquisa, intitulada de A sexualidade na escola: Concepções e Práticas na Educação Infantil têm como objetivo principal captar o olhar do professor sobre a Orientação Sexual. Esta pesquisa foi realizada numa instituição particular da cidade de Campina Grande-PB, localizada na zona urbana. A amostra dos dados foi constituída por um grupo de quatro professores, sendo 03 do sexo feminino e um do sexo masculino todos graduados em Pedagogia. O estudo foi desenvolvido através de questionário e a análise dos dados ocorreu com fins de investigar como os mestres enfrentam a questão em sala de aula. Chegamos à procriação e do sexo; que possuem pouco embasamento e conhecimento sobre Orientação Sexual; mesmo sabendo da importância do assunto, observa-se que o mesmo não é discutido nem estudado na escola, haja vista os educadores não receberem nenhuma formação ou preparação para trabalhar com as crianças sobre sexualidade. Sabemos que na sociedade esse tema frequentemente é tratado como assunto proibido e constrangedor. Todavia, hoje em dia, tem estado presente em quase todos os lugares por onde passamos. Embora estejamos no século da informação, da globalização, é incontestável a necessidade do educador trabalhar junto às crianças, auxiliando-os e permitindo que elas desenvolvam sua sexualidade de forma saudável e prazerosa.

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS: NOVAS TECNOLOGIAS NO CONTEXTO ESCOLAR E FORMAÇÃO DOCENTE

Edilazir Lopes da Cunha (UEPB)
edilazir@terra.com.br

RESUMO:

Este trabalho concebe a Educação Especial como uma das áreas da Educação que pode ser mais beneficiada com o avanço tecnológico, sobretudo em relação às

TICs, utilizadas como Tecnologias Assistivas, e discute implicações em relação à formação do/a professor/a diante desta nova realidade considerando que essas tecnologias, produtos, ou metodologias, permitem desvelar todas as potencialidades de alunos/as com necessidades especiais, oferecendo acessibilidade no sentido de favorecer aos mesmos uma qualidade de vida como cidadão/ã de direitos. Essas pessoas possuem potencialidades que precisam apenas ser catalisadas como propostas desafiadoras de comunicação, intervenção, ensino e interação social na busca do seu desenvolvimento pleno. A inclusão é uma condição necessária, especialmente no que concerne a inserção dessas pessoas no mundo do trabalho, onde os portadores de necessidades especiais devem encontrar o seu espaço. As Tecnologias Assistivas são exemplos que podem proporcionar este fator de equidade permitindo desenvolver as potencialidades das PNEEs e atenuando a discriminação existente, que provoca algumas restrições no meio familiar, pessoal, escolar e social. A dinâmica do trabalho em relação às Tecnologias Assistivas tem efeito sobre os/as docentes. Fundamentamos a investigação nos estudos culturais e na análise do discurso, pela necessidade de adquirirmos conhecimentos em relação à temática para a identificação da história nos significados textuais e desses significados na história. Elegemos escolas dos primeiros anos do Ensino Fundamental para dar voz aos/as nossos/as interlocutores/as e mapear tensões e conflitos que lhes são peculiares. A relevância atribuída a esta investigação reside no entendimento de que a formação de docentes para o magistério da Educação Básica, no que concerne às Tecnologias Assistivas, além dos conhecimentos específicos para o saber-fazer pedagógico necessita investir na subjetividade para transformar cada docente num trabalhador/a capaz de aprender-a-aprender no seu próprio embate profissional. É necessário uma formação de professores/as e técnicos/as para a Educação Especial que conheça o que são Tecnologias Assistivas e o que realmente é inclusão social de fato, uma vez que o uso de meios potencializados podem minimizar as limitações geradas pela deficiência.

MÉMOIRAS DE UMA ÉPOCA: A PROFESSORA ANÁLIA MACIEL NOS ANOS DE (1936 A 1946)

Euclides Teixeira Neto
Maria Arisnete Câmara de Moraes (Orientadora)

RESUMO:

O estudo apresenta o percurso atuação pedagógica da professora Anália Maurício Maciel de Souza, e de sua contribuição para a educação do município de Senador Elói de Souza, Rio Grande do Norte, entre as décadas de 1930 e 1940. Nesse período, a professora atuou em sala de aula, colocando em prática propostas de ensino que estabeleciam a modernização pedagógica e novas definições do conceito de educação escolar. Nascida em 24 de fevereiro, na cidade do Natal, no ano de 1915 a professora faleceu em 10 de maio de 1996 aos 81 anos. Por se tratar de uma investigação na perspectiva da História Cultural, enfocamos as práticas de mulheres professoras, em particular a de Anália Maciel, por meio de autores como: Moraes (2002), Chartier (1990) e Burke (1992). A abordagem será analisada nas fontes documentais, como: Mensagens Governamentais, Leis e Decretos do Governo, provenientes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Arquivo Público do Estado/RN. Investigamos também em artigos de jornais e revistas advindos de arquivos particulares. Realizamos, ainda, entrevistas com ex-alunos e amigos contemporâneos da professora em estudo. Nas entrevistas pudemos reconstituir a presença da imagem da professora no período em sala de aula, sua representação, rememorando suas lembranças e atos educativos. Compreendemos quais foram os fatores relevantes para a comunidade nas ações educativas deixadas pela educadora. Professora formada na Escola Normal de Natal, no ano de 1933, desloca-se em 1936 para cidade do interior do estado para lecionar nos Grupos Escolares, Escolas Rudimentares e Escolas Isoladas, espaços educativos instalados durante o governo do Interventor Mário Câmara (1933-1935) e do Governador Rafael Fernandes (1935-1937). A memória de uma professora que repassou valores e conhecimentos a uma comunidade cujas lembranças são relatadas pelos atores que participaram do processo em análise constitui-se como objeto de relevância na perspectiva historiográfica abordada. Era uma oportunidade para a mulher atuar em ambientes públicos sem prejuízos a sua condição feminina. Destacamos as relações de gênero por meio da atuação de Anália Maciel nos espaços em que ocupou na educação, onde a conquista da mulher se estabelecia. A investigação traz a lembrança e a importância da professora e educadora para a

História da Educação norte-rio-grandense, bem como para o município de Senador Elói de Souza, onde teve dedicado ao magistério, oferecendo, além do saber escolarizado, a universalização da leitura e a escrita, bem como valores sociais em aulas-passeios nas datas comemorativas e nos cânticos no início e término das suas aulas, as quais evidenciam as memórias.

**“E NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO ESPELHO” DISCURSOS E
REPRESENTAÇÕES DOS HOMOSSEXUAIS EM REVISTAS
ESPECIALIZADAS.**

Fábio Ronaldo da Silva

RESUMO:

Partindo do pressuposto de que as idéias e construções sobre a homossexualidade são produzidas historicamente no interior de sociedades, observaremos em revistas homoeróticas, de 1960 a 2007, como os discursos e representações imagéticas sobre aqueles foram se adaptando para que tais publicações permanecessem em circulação no mercado editorial brasileiro, seguindo, desta feita, aquilo que Foucault (1979) chamará de poder normatizador ou social que, para não excluir, acaba absorvendo tais publicações, desde que as mesmas obedeçam aos parâmetros formais da “normalidade”. Será feita uma discussão sobre identidade(s) e o quanto ela (s) é (são) fluída(s) fazendo-nos perceber que, assim como não há apenas uma identidade determinante o mesmo se aplica à homossexualidade, onde ela é representada e vivenciada de formas diferentes, sendo assim, uma orientação sexual possível. Perceberemos que a construção “sexual social” atribuída aos homossexuais, pelos discursos médicos, por exemplo, acaba afetando boa parte do imaginário social, permanecendo, até a atualidade, a idéia de que passividade estará ligada a representação de homossexuais não-virís e a atividade a imagem do homossexual viril, sendo essa a idéia que é mostrada nas revistas lançadas na última década do século XX e no início da primeira do século XXI.

CULINÁRIA E GASTRONOMIA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

Maria Francinete de Oliveira
Antonio Vitorino de Oliveira Bisneto

RESUMO:

O método de aculturação faz com que perdurem os segredos, os costumes e os procedimentos, nem sempre contidos em livros e revistas. Através dele cristalizou-se a ideia de que cozinha não é lugar de homem e que para casar uma mulher precisa saber cozinhar. Com isso criou-se um sistema de gênero relacionado com a produção do alimento no meio familiar. Com a idéia de que tanto a culinária quanto a gastronomia são grandes caldeirões sócio culturais, organizamos a presente pesquisa, no sentido de responder como se comportam homens e mulheres no novo cenário gastronômico e culinário. Os dados foram coletados de agosto de 2009 a agosto de 2010, de forma não sistemática, em site da internet, livrarias, discentes, docentes e familiares de estudantes de gastronomia de duas capitais brasileiras. A análise mostrou que no espaço doméstico o cozinhar ainda continua como tarefa de mulheres, principalmente das mais velhas. Isso causa estranheza aos familiares quanto à escolha dos rapazes para o curso de gastronomia. Comentam sobre a inabilidade da juventude em lidar com as panelas, o fogo, não gravar os lugares onde os objetos culinários são guardados, além de delegar para outra pessoa a limpeza dos utensílios usados. A passagem do cozinhar do espaço privado para o espaço público implica na construção de novos sistemas de gênero. A cozinha gastronômica é espaço de homens e não combina com a fragilidade feminina. Geralmente elas são encaminhadas para trabalhos mais delicados como confeitaria, saladas, sopas e caldos, representantes da culinária. Trabalhos mais pesados como panificação, carne, brasas e massas são destinados aos homens. Além disso, é comum um universo exclusivamente feminino, quando o chef é uma mulher. Se a cozinha de casa é um espaço feminino, não valorizado socialmente, a profissão de chef de cozinha, hoje disputada no mercado, tem sido destinada, sobretudo, aos profissionais masculinos, dos quais se exige cada vez mais qualificação. Concluímos inferindo que no universo culinário são recriadas as receitas de novos sistemas de gênero, mas, a gastronomia permanece masculina e a culinária feminina. Apesar das tradições culturais sobre homens e mulheres no universo culinário e gastronômico é possível, e preciso, traçar um perfil único para o contexto familiar: homens e mulheres envolvidos na produção dos alimentos, num verdadeiro compartilhamento das tarefas domésticas.

**A CONCEPÇÃO DE RACISMO EM CRIANÇAS DE 7-10 ANOS: UM
ESTUDO PARA O FAZER DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10 639/03 NA
REDE MUNICIPAL DE GOIANA-PE**

Joselia Batista da Silva Lages (FFPG)
Maria Francinete de Oliveira (UFRN)

RESUMO:

Trata-se de um estudo que buscou identificar a concepção de racismo em crianças de 7-10 anos da Escola Municipal Diogo Dias em Goiana-PE. Os pressupostos de Vygotsky e Piaget sobre a construção da representação mental acerca da realidade nortearam a investigação. Utilizou-se de uma abordagem qualitativa que se desenvolveu pela observação, e, duas oficinas nas quais as crianças foram convidadas a interpretar imagens das culturas negras e indígenas, músicas e o jogo do complete. Os depoimentos foram gravados, transcritos e analisados, propiciando a interpretação da concepção das crianças sobre o racismo. Os resultados mostraram como se processou a construção do conceito de racismo como consciência da realidade e o embotamento desta nas relações. Pôde-se identificar a integralidade da dimensão do conhecimento afetivo e intelectual, o nascimento dos símbolos que o constituiu, as representações e subjetividades conjugadas no texto falado e nas imagens. Identificamos o processo de assimilação-acomodação-associação que formam a constituição das representações mentais, e a complexa trama da construção do conhecimento nas crianças que as tornam aptas a atuarem no mundo para si e para o outro e a assumirem pelo conhecimento a co-responsabilização no seu processo de desenvolvimento interrelacional, de forma crítica e respeitosa à diversidade do conjunto dos povos brasileiros.

**MARIA SERAFIM: UMA MULHER TECENDO A ECONOMIA DE SÃO
BENTO-PB: ENTRE TEARES, REDES E SILÊNCIOS HISTÓRICOS**

Kedna Karla ferreira da Silva (UFPB)
Wojciech Andrzej Kulesza (Orientador)

RESUMO:

O artigo apresentado é resultado de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, na

linha de pesquisa História da Educação. Objetivamos resgatar a história de vida de Maria Serafim, pioneira na fabricação de redes do município de São Bento-PB, na década de XX, mas especificamente em 1927, ano que iniciou o seu trabalho. Porém, vem a propósito registrarmos o esquecimento a memória de Maria Serafim, ou ainda, o desconhecimento desta, por boa parte da população São-bentense. A necessidade, bem como a relevância desta pesquisa para os estudos historiográficos e educacionais, se faz por acreditar que, conhecer o lugar ocupado pelo trabalho da mulher reitera a nossa compreensão sobre como são reforçadas as relações iniquânimes de gênero e como os estereótipos são construídos historicamente (BADINTER, 1993) acerca das atribuições impostas à mulher (habilidade manual, paciência e flexibilidade). Empregar o método da análise do discurso, no exame da trajetória de vida de Maria Serafim, Considerando a sua atividade laborativa e formação educacional, realiza-se por acreditarmos, parafraseando THOMPSON, que a história como toda atividade de pensamento opera por descontinuidades, quer dizer, selecionam-se acontecimentos, fatos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou. Utilizaremos ainda, instrumentos como à revisão bibliográfica objetivando encontrar subsídios teóricos, conceituais, e pesquisas que se relacionem com a nossa problemática, e a “estratégia história de vida”, por acreditarmos que ao interpretarmos “uma história pequena, anônima” poderemos compreender como personagens e vidas “insignificantes” modificam sociedades e constroem a macro história (CERTEAU, 1982). Neste sentido, temos a pertinente contribuição dos “novos” estudos historiográficos, fundamentados no uso da memória como metodologia em suas pesquisas, que consistem em comprovar a “construção do vivido”, por meio da “ferramenta” principal para essa construção histórica, que é a memória- compreendida por (BOSI, 1973) para quem, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.

INSTRUÇÃO ESCOLAR FEMININA (1889-1899)

Rossana Kess Brito de Souza Pinheiro

RESUMO:

O eixo central desta investigação é a instrução escolar feminina em Natal, entre os anos de 1889 e 1899. Justifico este recorte histórico por ser um período caracterizado por modificações políticas no Brasil e no Rio Grande do Norte, refletindo na educação destinada às mulheres. Utilizamos como fonte o jornal A

República, a Legislação Federal e Estadual e o Almanak para o Rio Grande do Norte, do mesmo período. O discurso da educação, enquanto prática para a formação dos cidadãos possibilitou à mulher uma inserção maior na vida pública como aluna e professora nas escolas femininas da cidade. As mudanças na educação sempre estiveram atreladas às mudanças sociais. E se não percebemos no período em estudo uma modificação no plano ideológico, pois a organização republicana também percebia a mulher no âmbito privado, percebemos algumas táticas por ela utilizadas na ampliação curricular oferecida nas escolas privadas que incluía o ensino de língua estrangeira, o que possibilitava um maior à leitura. O aumento significativo de salas de aula particulares para mulheres no setor privado, expresso nos anúncios encontrados, revela a contribuição desse setor social a uma educação emancipatória para as mulheres natalenses. Falar de emancipação nesse sentido é falar de um momento histórico específico em que, mesmo educando e sendo educadas para o lar, as mulheres eram professoras, escritoras e dividiam o espaço público com os homens na pequena Natal, com 13.725 habitantes. O que caracterizava o ensino nas instituições escolares femininas era um currículo que priorizava a educação da mulher para além do aspecto instrucional. A professora cumpria um papel significativo nesse processo educacional: era preciso que a mulher/professora possuísse uma conduta social que reforçasse o discurso da virtude e da moralidade dentro e fora do lar. No espaço público e privado, era de sua responsabilidade exercer uma influência benéfica que contribuiria para a moralização da sociedade. No limiar do século XIX a educação das mulheres era percebida como uma educação mais ampla expressa nos Trabalhos Manuais e nas Línguas Estrangeiras constantes do currículo escolar. Buscava-se, através da educação feminina, uma educação estética e plurilingüística em uma cidade que pretendia acompanhar o sentido de urbanidade que iria impregnar o século XX.

NAÇÃO, IDENTIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DO “PENSAMENTO AUTORITÁRIO” DE ALBERTO TORRES

Simone Vieira Batista
Jean Carlo Carvalho Costa (Orientador)

RESUMO:

Nesta comunicação, empreender-se-á uma análise comparativa entre o pensamento de Alberto Torres e as construções identitárias de gênero. Nação e identidade de gênero são conceitos concomitantemente abstratos e conflitantes, na medida em

que, por um lado, representam construções culturais “fixadas” historicamente no imaginário coletivo e, por outro, devido à noção de diferença – contemporaneamente atrelada ao gênero – não se acomodar à homogeneidade do discurso nacionalista ortodoxo observado no itinerário intelectual de Alberto Torres, associado ao “discurso autoritário brasileiro”. Havendo, no gênero, uma contradição intrínseca em relação a qualquer modelo totalitário de nação, o resultado são as diversas tentativas de manipulação (religiosa, científica, cultural) do humano e de seus produtos culturais. Desse modo, certas categorias definirão um padrão da brasilidade desejável socialmente – incluindo suas relações com trabalho, família, religião e sexualidade – outras categorias irão conformar estereótipos modelares do brasileiro (trabalhador, viril, honesto, pai de família etc.) e da brasileira (esposa fiel, mãe de família, compreensiva e dedicada ao lar etc.). A nacionalidade vista aqui é entendida como uma construção, e como tal, implica tanto a observação de sua historicidade e narratividade como também o inventário de tal projeto. A abordagem de gênero apóia-se na perspectiva de gênero como relacional (SCOTT, 1995), logo nesse estudo, consideraremos que as identidades de gênero se dão a existir a partir de investimentos e jogos lingüísticos que constroem representações e lhes dão sentido simbólico. Destarte, o processo de constituição de identidades - nacional e de gênero - ocorre a partir da participação, das formas de pertencimento e trajetórias sociais e podem variar de contexto a contexto e de momento a momento, ou seja, o processo de constituição de identidades é um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas, na dinâmica das relações sociais historicamente datadas, constroem os termos a partir dos quais compreendem as situações e objetos a sua volta.

O DISCURSO HIGIENISTA SOBRE A FAMÍLIA MODERNA: A MULHER SADIA.

Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

RESUMO:

Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada “A centralidade da maternagem na relação pedagógica da educação infantil: o discurso de docentes e famílias usuárias de creche”, que teve como objetivo discutir a feminização do magistério, bem como a idéia da maternagem como norteadora da prática pedagógica na Educação Infantil, considerando o mito da mulher-mãe como

educadora nata. A pesquisa molda-se como um estudo de caso, com abordagem qualitativa, realizado em uma creche estadual em Campina Grande-PB. Participaram da pesquisa dez professoras e dez integrantes de famílias usuárias da respectiva creche. Para discutirmos essa questão, necessário se fez caminharmos pela história da mulher, enfocando a construção do feminino como algo “natural”, onde discutimos os canais de inferiorização da mulher, ou seja, a construção do estatuto social da mulher eivado por estereótipos ou reducionismos, dentre eles, o discurso do médico higienista, que constitui-se o presente trabalho. O processo de urbanização e a consolidação do Estado Nacional no século XIX, implicava em uma nova organização da família (família burguesa), redefinindo o papel feminino no interior do lar, marcado pela valorização da maternidade e pela importância do amor familiar. Assim, os médicos chamados então de “higienistas”, “sanitaristas”, “higiênicos”, estabeleceram alianças com as famílias, visando, dentre outros interesses, um novo modelo de feminilidade, traduzido na questão esposa/dona-de-casa/ mãe-de-família. O convencimento em voga sobre a existência de uma “natureza feminina”, expressa por fragilidade e afeto, legitimado pelo pensamento científico da época, levou estes médicos a discursos amedrontadores sobre as consequências maléficas de contrariar-se essa natureza. Para eles “desenvolver o cérebro, implicava em não nutrir o útero e, por isso, se o fizesse, ela não poderia mais servir à reprodução da espécie”. Os higienistas difundiram, ainda, a idéia de que “o cérebro do homem capacitava-o para as profissões intelectuais, enquanto o da mulher só lhe permitia exercer atividades domésticas”. Podemos ver que a nova ordem familiar produzida pela ordem médica investiu em conceitos que subestimaram e inferiorizaram a mulher, formando indivíduos domesticados de modo que todas as condutas que não correspondessem às exigências deste fossem consideradas antinaturais e anormais. Consideramos que o entendimento da condição da mulher é elucidativo para a compreensão de pontos da educação infantil.

A IMPORTÂNCIA DA FIGURA FEMININA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JUAZEIRINHO – PB

Kiara Tatianny Santos da Costa (UFPB)
tatiannysantos@hotmail.com
Wojciech Andrzej Kulesza (Orientador)
Wakulesza@gmail.com

RESUMO:

Partindo de discussões realizadas na disciplina de história oral e memória no Programa de Pós Graduação em Educação da UFPB, além de particular interesse em trabalhar com a temática de gênero, surgiu a ideia de realizar uma pesquisa que busque resgatar a história da educação de Juazeirinho - PB através de memórias de professoras, tentando assim compreender o papel que exerceu e exerce a figura feminina na constituição da educação da referida cidade. Utilizando a metodologia da história oral para analisar as memórias de professoras pioneiras no município, bem como o exame de registros escritos e fotografias da época estudada; buscando incluir na sua história educacional uma classe segregada por muito tempo da história da educação brasileira e, em especial, da história educacional desta cidade. Dessa forma, propomos a pesquisa no intuito de buscar uma compreensão mais ampla da importância da figura feminina na construção da educação deste município e na tentativa de apreender a própria história da educação desta cidade através das memórias de professoras. Desse modo, concebemos a relevância social de uma pesquisa que analise o processo de desenvolvimento histórico educacional do referido município para o conhecimento da população em geral, especialmente de professores e professoras, mas também, de todos os envolvidos com a educação atual do município de Juazeirinho – PB tentando entender qual o papel da mulher educadora; suas influências neste processo educacional desde a educação ainda não constituída como sistema organizado formalmente em escolas até a instituição das mesmas. Tendo consciência da relevância social que a pesquisa em gênero assume atualmente, além da importância deste resgate para afirmação oficial do papel feminino na construção e consolidação da educação do município, nos propomos a realizar esta pesquisa no intuito de colaborar para inclusão da figura feminina na história educacional de Juazeirinho – PB e, dessa forma, estar abrindo espaço para conhecimento desta história para presentes e futuras gerações.

A LÍBIDO FEMININA EM “AS VELHAS”, DE LOURDES RAMALHO

Maria do Socorro Araújo de Arruda (UEPB)
corrinhaalf@yahoo.com.br
Glória Maria Leitão de Souza Melo (UEPB)
profgmls@hotmail.com

RESUMO:

Consideramos que é importante rever, na história, os inconvenientes que imprimem nas mulheres um estereótipo de inferioridade. E, nessas suspeitas trilham os caminhos dos mitos que herdamos da tradição judaica, desde a mulher compreendida na sua dimensão sagrada e cultuada pelos valores femininos da Grande Deusa Mãe, até os mitos da criação de influência patriarcal, que associaram a mulher às forças inferiores da terra e o homem às forças superiores do céu. Tal representação estreita-se com a ordem triunfante do patriarcado, estando subjacente à organização da sociedade e aos horrores em torno do feminino. A imposição dos valores patriarcais com referência exclusiva ao masculino e conseqüente desmoronamento do feminino e sua sexualidade negada implicam, sem dúvidas, nas causas dos conflitos atuais que exigem da mulher uma transformação no âmago da sua consciência, especificamente no tocante às atitudes e maneiras da nossa cultura encarar sua sexualidade. Nestes termos, necessário se faz que seja enfatizada sem preconceitos e tabus, a maneira do sexo feminino viver sua verdadeira feminilidade, sendo geradora e alimentadora da vida, em consonância com uma vida de reconhecimento por ser cooperadora do homem, sem jamais aspirar competitividade ao masculino, consistindo em um ser que merece ser reverenciada como companheira, irmã e amiga, geradora de idéias e mantenedora da paz. Pretendemos neste trabalho, iniciar um olhar sobre a sexualidade feminina e, por conseguinte refletir sobre a liberação do corpo e do prazer que, como sabemos tem sido negado no percurso da construção cultural do patriarcado. Analisaremos a partir das personagens Mariana e Branca, na peça “As Velhas” de Lourdes Ramalho, o papel de mãe e a condição de mulher na sociedade patriarcal moralista e preconceituosa sobretudo sobre sua sexualidade nos meandros da religião e da cultura no intuito de compreender melhor como a mulher é concebida de acordo com a ideologia patriarcal ao tentar viver a função de mulher protetora, procriadora, doadora da vida, mas, sobretudo, um ser composto de corpo e mente, de anseios, desejos e motivações. Até chegarmos à completude analítica das personagens, é mister transitar pela construção da história da sexualidade feminina

e evidenciar como a mulher vivenciou ou suportou a condição de deusa terrível passando a ser identificada como portadora de mazelas e consequentemente privada do direito à sexualidade.

AMÉLIA REGINALDO: HEROÍNA OU VILÃ

Aluizia do Nascimento Freire
Maria Francinete de Oliveira

RESUMO:

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre a trajetória política de Amélia Reginaldo durante a Insurreição Comunista em 1935 em Natal capital do Rio Grande do Norte, numa perspectiva de poder, gênero e violência. Líder militante da “Insurreição Comunista” de 1935 em Natal, Estado do Rio Grande do Norte. A data passou para a história por ter assinalado a instauração do primeiro e único “governo popular revolucionário”, já estabelecido no Brasil, servindo de estopim para a deflagração de levantes semelhantes em mais duas capitais: Recife e Rio de Janeiro. A Insurreição armada de 1935 fora planejada por alguns membros do Partido Comunista do Brasil (PCB), como resposta ao fechamento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), assim como a União Feminina do Brasil (UFB)-órgão que agregava as mulheres, além da extinção da guarda civil, pelo então governo local Rafael Fernandes. Esta pesquisa do presente resumo é um estudo descritivo, analítico e exploratório, donde utilizamos como instrumentos de análise documentos existentes no acervo público e no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). A metodologia segue a pesquisa documental e a pesquisa oral. Os dados analisados foram coletados nos acervos públicos do Estado e jornais da época como a República e a Ordem, mostrando a importância da atuação de Amélia Reginaldo, sua história de vida e a trajetória política destacando a sua contribuição no fortalecimento dos movimentos sociais e no avanço das relações sociais de gênero. Os autos revelam ainda que a mesma fora condenada a cinco anos de reclusão, no entanto não chegou a ser presa, pois se tornou fugitiva da justiça, sofrendo constantes violências ao silenciar toda a sua ideologia de revolucionária. Os documentos analisados e a história oral de vida de Amélia denota o poder de questionamento a essa sociedade de classes, contraditória, antagônica e alienante. Ressaltamos a importância da pesquisa quando tiramos da invisibilidade a trajetória de mulheres que participaram desse movimento observando que esta nunca se deixou ficar no papel que outros para si deliberaram.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UM INSTRUMENTO DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE FEMININA

Kalina Bezerra Silva
Ligia Pereira Dos Santos (Orientadora)

RESUMO:

O trabalho apresentado é resultado da pesquisa realizada no Hemocentro Regional de Campina Grande-PB, durante o período de setembro de 2007 a dezembro de 2008. Durante a realização da referida pesquisa identificamos uma grande incipiência das mulheres no processo da doação de sangue. Desse modo, objetivamos sensibilizar as mulheres residentes no Município de Campina Grande-PB, acerca da doação de sangue feminina através de um trabalho informativo e educativo realizado na Instituição e na sociedade. A partir de estudos realizados na Instituição foi possível identificar alguns dos motivos que ocasiona tal ausência das mulheres no HRCG-PB como doadoras, um deles é a falta de democratização da informação em saúde. Diante de tal fenômeno, procuramos contribuir com o Hemocentro desenvolvendo atividades educativas em determinados segmentos da sociedade, como Clubes de Mães, Associações de Moradores, Rádios Comunitárias, TVs. Elaboramos junto com a equipe profissional do HRCG-PB um material com enfoque de gênero, prestamos atendimento diferenciado às doadoras de primeira vez, para que as mesmas se tornem agente de disseminação de informação acerca da doação de sangue feminina. Procuramos disseminar a informação em saúde de uma forma mais eficaz possível, para que assim possamos aumentar o número de mulheres doadoras de sangue, e que elas tornem-se doadoras fidelizadas contribuindo em quantidade e qualidade com o banco de sangue do Hemocentro. Os resultados foram satisfatórios, pois com a disseminação das informações nas comunidades Campinense, elevou-se no ano de 2008 o número de doações femininas em 18% em relação ao ano de 2007.

A ESCOLA QUE APRENDE COM AS DIFERENÇAS

Luzia Débora Feitosa de L. Barbosa
Rossana Delmar de Lima Arcoverde (Orientadora)

RESUMO:

Este projeto foi iniciado no segundo semestre de 2009 e originou-se de minhas ações pedagógicas resultantes de experiências vivenciadas na sala Multifuncional-AEE (Atendimento Educacional Especializado) na E. M. Manoel Francisco da Motta em parceria com a coordenação de Educação especial do município de Campina Grande /PB. Teve como objetivos principais: viabilizar espaços para discussões pertinentes ao tema: “A educação em uma perspectiva inclusiva”, desmistificando pré-conceitos com enfoque centrado na diversidade do território educacional inclusivo; conceber a educação inclusiva como toda ação educativa que incorpora os espaços das práticas sociais a partir da construção coletiva diversificada; e ampliar os conhecimentos da comunidade escolar despertando-a ao respeito e ao papel de cada um, como ser facilitador ao processo de inclusão destas crianças na escola regular. Desta forma a escola aprenderá com as diferenças. A Constituição brasileira de 1988, garante no Artigo 208, inciso III, a Declaração de Salamanca (1994), Plano Decenal de Educação para todos, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº. 9.394/96, asseguram sobre a importância do “Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência na rede regular de ensino”. Evidencia-se assim, no micro espaço escolar, o direito à liberdade, à luta contra a discriminação. Em função da pressão social, surgem as diferentes Políticas Públicas de Estado como fruto de um construto social e respeito à diversidade, objetivando criar instrumentos legais que asseguram direitos sociais. Nessa perspectiva, compartilho com o pensamento de Paulo Freire: “....o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um ‘não-eu’ se reconhece como ‘si própria’. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe”. (p.20,1996). Instiguei em meus alunos o “poder” da presença deles de transformar o seu ‘outro’ através de suas habilidades e potencialidades enquanto agentes atuantes. Construímos juntos o livro “Arthur fez a diferença na escola” e compartilhamos tais vivências com toda a comunidade escolar, ressaltando suas habilidades e potencialidades em detrimento das dificuldades vivenciadas no contexto escolar.

PÔSTERES

PEDAGOGIA, EQUOTERAPIA E PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UM RELATO DA PROPOSTA DO CENTRO ELOHIM DE EQUOTERAPIA E HIPISMO EM CAMPINA GRANDE/ PB

Carina de Sousa Soares
Lígia Pereira dos Santos

RESUMO:

Diante dos avanços educacionais da sociedade contemporânea, se faz necessária a inserção no contexto social e educacional de uma nova política de educação inclusiva com novas perspectivas que visem à valorização da pessoa com deficiência, de modo à realmente ‘incluí-la’ na sociedade. A Equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo de maneira interdisciplinar para inclusão de crianças e jovens com deficiência. A contribuição acadêmica desse relato de experiência é no sentido de proporcionar conhecimento acerca da inclusão das crianças com deficiência, ressaltando a importância pedagógica no contexto equoterápico. Portanto, esta pesquisa busca descrever a importância da pedagogia na Equoterapia e no processo de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, na óptica dos profissionais do CEEQ - Centro Elohim de Equoterapia e Hipismo localizado em Campina Grande- PB, e da minha observação e descrição de pesquisa no mesmo. A análise teórica – prática entende a Equoterapia como ponte para o trabalho pedagógico na mediação do processo inclusivo. A proposta metodológica oferece ênfase na descrição da opinião dos/das profissionais do CEEQ. Os resultados revelam a importância da Pedagogia na Equoterapia através das práticas oferecidas pela Pedagoga, pois as mesmas auxiliam no processo de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade. O diálogo estabelecido entre as questões e as possíveis respostas dos consultados, possibilitou-nos confrontos, desvios e equívocos. Uma síntese será aqui exportada para que possamos continuar nosso esforço, pois por mais que seja difícil, mais o/a educador/a tem a incumbência de buscar os mais vários meios para incluir seu/sua aluno/a com deficiência na sociedade em que vive.

CONTRIBUIÇÕES DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS A PARTIR DE TRABALHOS COM ARTES PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

Lívia Maria Serafim Duarte
Elyziane Rhaquel Araújo Morais
Ligia Pereira dos Santos (Orientadora)

RESUMO:

As investigações sobre a inteligência são varias e antigas. Sócrates e outros filósofos gregos da antiguidade examinaram questões fundamentais sobre a hereditariedade da inteligência, a classificação de pessoas por sua inteligência (sabedoria), o papel dos sentidos e a ideia de que o conhecimento poderia ser inato. No século XIX, teorias exploravam a natureza material do corpo, para estabelecer o funcionamento da mente. Já no início do século XX, foi desenvolvido o teste de inteligência mais conhecido, como QI. No final do século passado, Gardner apresenta uma forma de compreender a inteligência, propondo as chamadas inteligências múltiplas. O presente trabalho traz resultados parciais de um Projeto de Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campina Grande, em parceria com a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE em Campina Grande-PB. Neste Projeto estão sendo observadas e estimuladas as inteligências múltiplas, a partir do trabalho de mães e professoras com artes na APAE – Campina Grande. A proposta desta pesquisa é refletir e analisar as práticas educacionais destes/destas profissionais embasando-se nos estudos de Howard Gardner, em documentos legais sobre inclusão e em textos de educação inclusiva. Dessa forma a arte torna-se ferramenta indispensável dentro do processo de inclusão, não apenas fazendo parte de um currículo, mas investigando o desenvolvimento da pessoa com deficiência através do exercício de suas potencialidades, em seus processos de criação, integração e socialização com as pessoas com ou sem deficiência na utilização de materiais e cooperação nas oficinas de artes. Neste sentido, investigamos as contribuições das múltiplas inteligências no exercício docente de professoras da APAE descrevendo como se configuram as aulas de artes. A análise ocorre no âmbito das práticas educacionais destes/destas profissionais. Assim, vislumbra-se o desejo de que à luz das teorias de gênero na formação de professores e professoras e a prática da inclusão educacional, seja possível, ampliando as condições e oportunidade para exercício da cidadania pró-inclusão social.

**MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA: O PERFIL DAS USUÁRIAS QUE
RECORREM A DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À
MULHER EM JOÃO PESSOA – PB**

Mayara de Fátima Martins de Souza
Elisangela de Oliveira Inácio

RESUMO:

O presente trabalho se refere a uma pesquisa teórica e de campo desenvolvida para atender às exigências do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Serviço Social na Universidade Federal da Paraíba. Ao nos debruçar sobre a literatura em torno do tema Gênero constatamos que numa perspectiva conservadora e patriarcal, a mulher é historicamente vista como a figura reprodutora, caracterizada como um gênero frágil e incapaz de liderar, e, portanto, deve estar subordinada ao gênero masculino. Contudo, a partir dos movimentos feministas, as mulheres incorporaram a figura feminina emancipatória que busca se inserir no mercado de trabalho, romper tabus, e desmistificar a idéia de que a principal utilidade social da mulher é o papel de cuidadora do lar. Portanto, objetivo deste trabalho é abordar a questão da violência contra a mulher, aludindo principalmente à violência de gênero (homem x mulher), com referência sobre a trajetória das mulheres na luta pelos seus direitos, pela sua emancipação e conquista de novos espaços e a trajetória da política especial de atenção à mulher no país. A coleta de dados foi realizada a partir das entrevistas semi-estruturadas aplicadas com 20 mulheres que sofrem/sofreram violência, podendo ser física, sexual e/ou psicológica e procuraram os serviços da Delegacia Especializada de atendimento a Mulher, em busca da efetivação e garantia dos seus direitos junto à Justiça brasileira em João Pessoa – PB. Esse estudo tem nos possibilitado caracterizar o perfil sócio-econômico e cultural das mulheres vítimas de violência doméstica e conjugal na cidade de João Pessoa – PB, identificar os fatores estruturais determinantes na prática da violência contra a mulher, como também verificar os principais avanços e/ ou limites enfrentados após a promulgação Lei Nº 11.340, Lei Maria da Penha. A presente pesquisa se encontra na fase de organização e tratamento dos dados quantitativos e análise do conteúdo e dados qualitativos.

NOS TERRITÓRIOS DA INCLUSÃO: UMA AÇÃO EDUCATIVA DO SENAI JUNTO A APAE

Mythia Williane Ferreira Freitas
Maria Betania Soares Brito
Ligia Pereira dos Santos (Orientadora)

RESUMO:

O SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial surgiu no ano de 1942, com o objetivo de preparar homens e mulheres para a inserção no mercado de trabalho. Por meio do Programa SENAI de Ações Inclusivas é dado acesso às pessoas com diferentes deficiências. Através da parceria SENAI e APAE (Associação de Pais e Amigos dos excepcionais), abordaremos o quanto tem se aplicado a inclusão e de que forma ela está sendo realizada. Neste âmbito essa pesquisa tem a relevância de mostrar o quanto é importante trabalhar a inclusão e constatar que ela pode ser eficaz. A pesquisa assumiu caráter exploratório com características qualitativas e quantitativas. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com coordenadores e docentes do SENAI Stenio Lopes - Campina Grande, que tiveram experiências práticas com diferentes tipos de deficiência. Foram utilizados documentos de arquivo e observação da prática de inclusão, através de uma turma do curso de artes gráficas composto por 14 alunos, sendo 9 homens e 5 mulheres. Registramos atendimento em média de 30 alunos/as desta instituição, e que já concluíram os cursos, sendo, 11 mulheres e 19 homens. As deficiências mais atendidas são Síndrome de Down e Paralisia Cerebral. Desde janeiro ate março de 2010 foram registradas 45 matrículas. Com esse apoio muitos dos que já concluíram seus cursos estão inseridos no mercado do trabalho, como dita a lei 7.853/99 que estabelece para as empresas com mais de 100 empregados a contratação de pessoas com deficiências. Com base na referida lei os/as alunos/as capacitados/as, são absorvidos/as nas indústrias ou trabalham dentro da APAE. Constatamos que a inclusão pode dar certo e trazer resultados eficazes se feita de forma consciente, programada e elaborada, pois ao longo da pesquisa observamos o planejamento com o qual o trabalho é desenvolvido e a importância da parceria entre órgãos e instituições como o SENAI e APAE, que possibilitam o acesso e a inclusão aos portadores de deficiência nos cursos profissionalizantes.

ESCOLA FÉLIX ARAÚJO: VALORES, INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Claudia Nascimento Magalhães
Sandra Natali T. da Silva
Ligia Pereira dos Santos (Orientadora)

RESUMO:

O presente trabalho é um relato de experiência de um Projeto em andamento de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Campina Grande – PB; em parceria com a Escola Municipal Félix Araújo do Ensino Fundamental I em Campina Grande – PB. Este trabalho está organizado em torno de dois aspectos: 1º) Reconstituir o Histórico da Memória de Félix de Sousa Araújo, considerando que o universo da pesquisa – ação é público e a escola tem o nome de um cidadão paraibano Cabaceirense, com seus ideais de lutas inclusivas em sua curta passagem entre o povo paraibano; 2º) Promover a Efetivação da Cultura de Paz, Justiça e não Violência. Na perspectiva de intervenção pedagógica é importante o desenvolvimento de atividades de ação educacional com: Oficinas de valores e artes, dinâmicas reflexivas, fantoches, filmes, dramatização de peças, leituras de textos, promoção de eventos e divulgação do projeto entre outros. O público alvo: os/as responsáveis pelas crianças, discentes, docentes, equipe técnica. É uma proposta de caráter educativo nos campos de estudos, Valores, Inclusão, Diversidade, Gênero, Família, Meio Ambiente, Cultura e Cidadania. Diante das discussões teórico-metodológicas realizadas na referida escola observamos que a parceria UEPB, Comunidade Escolar e Familiar ganha um novo significado em termos de valorização das experiências refletidas na sociedade na vivência pessoal e coletiva com respeito às individualidades. A contribuição na formação docente das estudantes de Pedagogia, enquanto estagiárias possibilita uma melhor compreensão da relação teoria – prática pedagógica, que ocorre no cotidiano escolar e na família, além de incentivar o estágio como um momento de aprendizagens do bem-fazer, enquanto seres inacabados que (re) constrói a si e o mundo sabe que há muito que realizar na concretização a cultura de paz e liberdade nas escolas e na sociedade. Dessa forma acreditamos estar fazendo a diferença na escola pesquisada, à medida que estamos contribuindo pedagogicamente com a aprendizagem da História de Félix Araújo bem como de Valores das Diversidades.

MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO: UM OLHAR JURÍDICO COM VISTAS À INCLUSÃO SOCIAL

Rebeca Barros de Almeida Brandão
Rafaela Ferreira Telecio
Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (Orientadora)

RESUMO:

O presente estudo constitui-se numa pesquisa bibliográfica, tendo como eixo de discussão o tratamento jurídico que é dado as mulheres profissionais do sexo. Sabemos que o trabalho é inerente à condição humana. Desde os primórdios, o homem trabalha para conseguir seu sustento, seja produzindo em proveito próprio, seja prestando serviços a alguém. Ora visto como desprezível ou penoso, ora como fator de valorização da atividade humana. Entre as atividades laborais destacamos a prostituição, que se define como uma prática de serviços de natureza sexual, como prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. Conhecida como uma das profissões mais antigas do mundo, cuja origem se encontra nas civilizações primitivas, a prostituição vem despertando vários estudos a nível nacional e internacional. Dentre eles, destacamos a área jurídica, que tem buscado meios para a inclusão e/ou reincorporação social destas mulheres. Nesse ínterim, emerge a seguinte problemática: qual o tratamento jurídico que está sendo dados as mulheres prostitutas? Quais seriam as conseqüências fáticas da legalização da prostituição? Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo examinar os mecanismos de tutela presentes na ordem jurídica nacional, promovendo uma reflexão acerca do tratamento dado pelo ordenamento jurídico pátrio ao trabalho da profissional do sexo. Neste mesmo diapasão, abordar-se-á, tangencialmente, medidas correlatas de tutela em termos de direito comparado, principalmente, no âmbito dos países que enfatizam o princípio de igualdade formal e a proibição de qualquer tipo de discriminação das mulheres prostituídas, equiparando-os com o nosso ordenamento jurídico. Vale salientar que a incorporação dos Direitos Humanos, estabelecidos na Constituição Federal de 1988, elevou a proteção do direito ao trabalho bem como a liberdade para o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, à categoria de direitos fundamentais. Para realização desta pesquisa utilizamos estudos realizados por RAGO (1991), SOIHET (2004), SANTOS (2008), DEL PRIORE (2008), bem como a nossa Carta Maior, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e o Projeto de Lei Nº. 98, de 2003, proposto pelo Deputado Federal Fernando Gabeira.

O BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Silvia Simone de Sousa
Helen Maria Silva Oliveira
Sandra Alencar Souza
Zelia M^a. Arruda Santiago (Orientadora)

RESUMO:

Esse trabalho apresenta uma discussão sobre os diversos tipos de bullings (re)produzidos por professores(as) e alunos(as) no cotidiano escolar, a partir de relatos de experiências narradas por Orientadores Educacionais em sua prática educacional. Tal discussão baseia-se nas atividades didático-pedagógicas desenvolvidas, parcialmente, no estágio supervisionado de Orientação Educacional (O.E.), promovido pelo curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), na disciplina de Concepção de Orientação Educacional e Organização do Trabalho Pedagógico, o qual foi realizado na Escola Municipal de Campina Grande-PB, no primeiro ciclo final do Ensino Fundamental I (3º ano) que funciona no turno da manhã. As atividades didático-pedagógicas fundam-se numa observação participante e na operacionalização de atividades no interior da escola junto ao corpo docente e discente, sobretudo com professores (as) e alunos (as). Estas foram planejadas baseadas nas contribuições da Educação Inclusiva, das funções da Orientação Educacional na escola pública do sistema educacional brasileiro, face aos tipos de bullings vivenciados nos relacionamentos interpessoais dos (as) alunos (as)-alunos (as) e alunos (as)-professores (as), tendo em vista estimular e construir uma cultura de paz nos relacionamentos interpessoais em sala de aula e além desta. Os dados foram coletados por meio de entrevistas junto a orientadores educacionais e alunos (as) na referida escola, os quais revelam que os bullings são construídos e (re)produzidos não apenas por alunos(as), mas também por professores(as). A partir da apresentação e da discussão dos dados percebeu-se que os bullings provocam dificuldades de relacionamentos entre alunos (as)-alunos (as), estimulando a violência e reforçando a autodesvalorização entre eles. Estes também comprometem os relacionamentos entre aluno (as)-professores (as), quanto ao desempenho das aprendizagens sócio-afetivo-cognitivas dos (as) alunos (as), a exemplo do desprazer pela leitura e da produção textual e na resolução dos cálculos matemáticos. Os bullings elevam o desinteresse das crianças em desejarem o espaço escolar e reforçam os diversos tipos de preconceitos sócio-

cultural-educacionais gerados na sociedade contemporânea e, muitas vezes, vivenciados no convívio familiar.

INCLUSÃO: DESAFIOS DOCENTES NA ESCOLA ESTADUAL

Suelene Gomes de Vasconcelos
Ligia Pereira dos Santos (Orientadora)

RESUMO:

Presenciamos nas últimas décadas, que as escolas e seus educadores /as tem se deparado com uma desafiadora questão: a de incluir discentes deficiências nas salas de aula da rede regular de ensino, conforme recomenda o Estatuto. Diante tal realidade, o presente trabalho acadêmico objetivou analisar a forma como professores/as do ensino fundamental e profissionais da educação atuantes na escola pública estadual concebem e vivenciam a inclusão na sala de aula. A elaboração deste trabalho, mediante pesquisa qualitativa realizada no ano de 2010, foi fundamental, no sentido de nos possibilitar o aprimoramento do tema abordado, junto aos participantes do segmento educacional estadual. Tal investigação objetiva a ampliação das reflexões necessárias a questionamentos para estudos posteriores, com possíveis discussões a serem possibilitadas no interior das escolas frente à prática docente. Para dar início a efetivação desta pesquisa se fez necessário à elaboração da fundamentação teórica do tema do tema em estudo: “Inclusão: desafios docentes na escola estadual”. A proposta teórica defende que a escola pública estadual de ensino regular tem que realmente se adaptar para tornar-se o meio mais favorável para que o/a discente e o/a docente possam enfrentar os desafios e construir possibilidades. Na sequência, através de breve análise foi realizado o diagnóstico e análise da realidade escolar enfocando desde os aspectos estruturais arquitetônicos e de funcionamento socioeconômico, até as questões de relacionamento entre a escola e a comunidade. Após o trabalho de diagnosticar e analisar a escola citada passou-se a apresentação e análise dos dados de caráter qualitativo. A partir dos depoimentos, pode-se analisar o funcionamento da escola, destacando-se a não existência de práticas inclusivas, vendo-o como um caminho que torna evidente a ausência da inclusão de fato nas práticas educacionais, ao descrever o funcionamento da ação pedagógica. Na pesquisa, foram submetidas técnicas de observação e aplicação de entrevista e análise documental e arquitetônica. As respostas foram obtidas no local e horário de trabalho das Professoras e dos Profissionais da Educação, tais como: Professores/as dos 2º, 3º

ano e EJA, Assistente Social, Supervisora Educacional e Educadora do Artesanato. Foi possível verificar que a prática pedagógica não oportunizou a aprendizagem dos/as alunas com deficiência. É notório a urgência da escola em elaborar uma proposta pedagógica de forma a atender a criança com deficiências dentro dos critérios de crescimento intelectual, social e humano, propostos pela educação estatal. A pesquisa de campo identificou fatores que causam nos/as docentes as dificuldades para lecionar para alunos/as com deficiências, tais como: barreiras atitudinais, arquitetônicas e sistêmicas. Torna-se evidente que, através de estudo deste tipo é possível verificar enquanto pesquisadoras, uma prática pautada em inquietações, reflexões e questões que nos encaminham a uma constante avaliação do fazer inclusivo pedagógico. Na conclusão, caracterizamos a tão difundida ação-reflexão-ação na educação inclusiva, pois defendemos uma escola pública estadual que permita a consciência da diversidade, possibilitando um preparo para a cidadania e um bom desenvolvimento humano para todos/as, seja como discente ou docente.

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gisélia Barbosa Moreira

Glória Maria Leitão de Souza Melo (Orientadora)

RESUMO:

No atual contexto político, educacional e cultural da nossa realidade brasileira, estudos acerca da criança e seu processo de desenvolvimento e a preocupação com práticas educativas que favoreça esse processo, vem ganhando espaço e suscitando o debate. Os avanços da ciência e decorrente destes, ações que possibilitem a inclusão de crianças, desde mais tenra idade, a práticas escolares que evidenciem suas possibilidades de desenvolvimento integral, ainda representa um desafio para professores (as) e demais responsáveis pela educação da criança de 0 a 5 anos em nosso país. Observam-se, ainda, práticas pedagógicas no interior de instituições de educação infantil, que privilegiam um dos aspectos do desenvolvimento da criança, a exemplo do cognitivo, em detrimento dos demais. A contribuição de Gardner com a teoria das Inteligências Múltiplas em contribuído para um possível redimensionamento de práticas dessa natureza já na educação infantil. Contrário aos testes de QI (quociente de inteligência) Gardner associa-os a exclusão social, pois estes avaliam apenas a capacidade de compreensão dos conteúdos valorizados pela sociedade. O professor ao estimular apenas a inteligência linguística ou verbal

e lógico matemática deixando de desenvolver as potencialidades exclui os alunos que possuem dificuldades nestas inteligências essenciais para a sociedade. Gardner mostra-nos que o professor da educação infantil pode contribuir através de estímulos não só para essas inteligências, mas sim, para o desenvolvimento das potencialidades das crianças pequenas. Considerando que o cérebro destas (quando estimulado), tem capacidade de ampliar seus conhecimentos. Esta pesquisa, ainda em andamento, caracteriza-se como bibliográfica e exploratória. Enfatiza a importância da busca de fontes teóricas e práticas para educadores (as) da educação básica, uma vez que os estudos das inteligências múltiplas de Gardner pode ser trabalhado em todos os níveis de escolarização, desde a educação infantil e pode desencadear práticas inclusivas em contextos escolares, envolvendo crianças que apresentem, ou não dificuldades. Em suma, a contribuição que o educador oferece através de estímulos para o desenvolvimento de cada inteligência em crianças da Educação Infantil é de grande relevância, pois é através destes que cada área da mente pode ser desenvolvida promovendo desta forma a inclusão das crianças no ambiente escolar.

CONCEITO DE SUPERVISÃO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA E DIVERSAS CONCEPÇÕES DOS/AS SUPERVISORES/AS HOJE

Josefa Telma Rodrigues
Sebastián Sánchez Martín (Orientador)

RESUMO:

Conceito de Supervisão: Evolução Histórica e diversas concepções dos/as supervisores/as hoje Este trabalho é um recorte da monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba em 2009, cujo título nomeia este artigo. Teve como objetivo o enfoque do conceito de supervisão, tentando compreender a sua evolução, principalmente, nas últimas três décadas, numa perspectiva inclusiva da função supervisora nas escolas, e, particularmente, com enfoque no trabalho docente das professoras. Sendo Assim, foi postas nos dispositivos textuais consultados, Supervisão de Ensino, que evolui para Supervisão Escolar, e, por fim, para Supervisão Educacional. A pesquisa científica de cunho qualitativo foi conduzida na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. A amostra da referida pesquisa se constitui por 07 professoras/supervisoras. A metodologia adotada teve como pressuposto a análise bibliográfica e a história oral acerca das concepções de supervisão das professoras/supervisoras, o que possibilita

a compreensão do objeto estudado no contexto histórico no qual ele acontece. A pesquisa teve como base e subsídios teóricos (SPERB, 1978), (PRZYBYLSKI, 1985), (MEC, 1974), (SILVA, 1985), (ALARCÃO, 2001), (ABDALLA, 2007). Estudos que apontam para mudanças na definição do conceito de supervisão durante o período correspondente aos anos 1960-2007. Como resultado, constatou-se que as respostas das informantes convergem com as concepções discutidas pelos/as autores/as aqui apresentados/as. Portanto, destaca-se que o debate sobre a supervisão leva a uma reflexão sobre o olhar da inclusão das supervisoras quanto ao papel a desenvolver no processo educativo.



GT 09 – PRÁTICAS E SABERES MÉDICOS NA AMÉRICA LATINA: FONTES, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Doutoranda Paloma Porto Silva
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Este simpósio temático tem como objetivo fomentar um espaço de debate entre os pesquisadores que tenham interesse em problematizar as práticas e saberes médicos, fundamentalmente nos séculos XIX e XX, analisando fontes, ensino médico e história da educação no Brasil e na América Latina, procurando mapear as contribuições desse campo de saber para a sociedade. Compreende-se o tema como constituinte de estratégias políticas sobre o pensamento higiênico-sanitarista acionadas para a elaboração de identidades nacionais, com base no ideário de ordem, progresso e “civilidade”. A intenção é a de permitir a apresentação de trabalhos que busquem analisar quais os espaços produzidos pelos discursos científicos como divulgadores dos saberes médico-higienistas nos diversos países que compõem a América latina.

COMUNICAÇÕES ORAIS

SANEANDO O QUE SE RESPIRA: QUAL O PAPEL DA ARBORIZAÇÃO NA QUALIDADE DO AR DA CIDADE DA PARAHYBA DO NORTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX?

Chyara Charlotte Bezerra Advíncula

RESUMO:

No final da primeira década do século XX, a cidade da Parahyba do Norte iniciou seu programa de modernização. Sua população experimentou o uso do bonde puxado a burro. Conheceu a vida noturna sob as luzes da eletricidade e passou a assistir a filmes no cinematógrafo. Com isso, novos hábitos e costumes foram sendo incorporados ao seu cotidiano. Novas regras de condutas eram necessárias para indiciar que a civilização e o progresso guiavam as novas sensibilidades. Neste mesmo momento, constatou-se que os níveis de insalubridade da cidade não correspondiam aos discursos higienistas, muito menos aos da engenharia sanitária. Desse modo, outros equipamentos e elementos passaram a ser inseridos no meio urbano com o intuito de fazer a assepsia dos espaços. Nesse sentido, foi implantado o primeiro sistema de abastecimento de água em rede, destinado a facilitar a vida de todos, mas, principalmente, limpar corpos, espaços e objetos como medida eliminadora dos agentes causadores de enfermidades. Mas, o intento não estaria completo se as águas não tivessem um destino certo. Assim, médicos e engenheiros passaram a propalar a necessidade de se fazer o esgotamento sanitário, o qual só foi concretizado na década de 1920. Sob a orientação técnica do engenheiro Saturnino de Brito, a cidade da Parahyba do Norte experimentou os benefícios de uma rede de esgoto. Pronto! Estava concretizado o desejo do governador João Machado: água e esgoto, o carro chefe do saneamento da capital. Mas, outras medidas de salubridade foram experimentadas como, por exemplo, a sistematização do serviço de arborização da cidade. Dessa madeira, gostaríamos de ressaltar que, o trabalho que apresentaremos terá como foco a arborização como medida higienista de combate a insalubridade do ar. Para tanto, utilizaremos recortes de jornais, fotografias e mensagens presidenciais na confecção do nosso trabalho.

REPRESENTAÇÕES SOBRE A CRIANÇA E A INFÂNCIA NOS MANUAIS DE CIVILIDADE LUSO-BRASILEIROS

MSc. Flávio Carreiro de Santana

RESUMO:

Tomando uma amostragem dos manuais de civilidade luso-brasileiros durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, propomos compreender as representações fabricadas em torno da criança e da infância a partir da consulta dessa literatura. Em caráter inicial de análise e discussão, propomos entender os cuidados com a educação infantil, e que focavam, especialmente, o cuidado na vida privada com o reconhecimento da distinção social e autocontrole, sendo a civilidade um código que deveria ser ensinado no cotidiano. Não se tratando de uma produção para consumo exclusivo da criança, antes a literatura de civilidade se constituía como uma narrativa de aconselhamento das práticas de “bom tom” para jovens e adultos, fosse pais ou mães, homens e mulheres. Mesmo não sendo o seu principal agente consumidor, ainda assim a criança ocupou boa parte das folhas desses manuais, uma vez que era objeto de investimento educacional, cujo anseio era a garantia do sucesso não apenas da família, mas pelo futuro da nação.

Palavras-chaves: História; Civilidade; Criança.

A CARTILHA HIGIENICA: NORMATIZAÇÃO CURRICULAR E DOCENTE NAS ESCOLAS

Débora da Silva Souza
Iranilson Buriti

RESUMO:

Entre as décadas de 1920-1930, houve, por parte dos reformadores sociais, apoiados pelos regimes políticos, uma grande preocupação e empenho para o melhoramento das condições de saúde e educação do povo brasileiro. Tais preocupações derivam dos interesses do grupo em conjunto médicos, sanitaristas, eugenistas, pedagogos e políticos, somada a classe média em geral, no sentido de transformar o homem comum, em um novo brasileiro medicalizado, letrado e disciplinado, capacitado para fazer a nação progredir, tornando-a higienizada, educada, moderna e civilizada. Para viabilizar esse projeto, a educação será

chamada e através da interferência médica e eugenista, terá seu cotidiano alterado pelos ditames da normatização higiênica, normatização esta que engloba metodologias de aprendizagens, regras e punições, formação docente e curricular que deveriam ser aplicadas no ambiente escolar. Aqui se apresenta o objetivo do presente artigo, analisar a inserção destas normas no contexto escolar, pioneiramente no sudeste do país no início do século XX.

O DISCURSO MÉDICO SOBRE O EXERCÍCIO DAS PARTEIRAS NA CIDADE DE GOIÁS (SÉCULO XIX)

Mônica de Paula P. Silva Age

RESUMO:

O presente estudo histórico analisa o discurso médico sobre o exercício das parteiras na Cidade de Goiás no decorrer do século XIX, pois foi sobretudo a partir dele que as parteiras começaram a ser amplamente criticadas. Aborda-se o modo como as autoridades médicas formularam o discurso sobre o exercício dessas mulheres, as construções das imagens sobre as parteiras pelos viajantes e as influências médicas no discurso governamental, ocasionando mudanças significativas no papel desempenhado pelas parteiras goianas. Enfatiza-se também, as técnicas mais usadas por elas e amplamente negadas pelos médicos. Estes elaboravam imagens de mulheres ignorantes e negavam lugar a elas. Em contrapartida, os padrões morais instituídos na mentalidade feminina do século XIX depositavam confiança nas parteiras, preferindo vê-las como mulheres sábias. Creio que o estudo por mim empreendido sobre os diferentes documentos analisados para compor a presente comunicação oferece visibilidade e significados aos agentes históricos que, muito tempo foram excluídos da história oficial, como é o caso das mulheres parteiras goianas e, ao mesmo tempo, privilegia um setor social ainda pouco valorizado na historiografia goiana: a área da saúde.

O SUICÍDIO COMO ALVO DO SABER MÉDICO

Pedro Frederico Falk

RESUMO:

No final do século XIX para o início do século XX, houve uma destacada importância no papel dos médicos na construção das cidades modernas e civilizadas do Brasil, cujos ideais buscavam melhorias sanitárias e higiênicas ao país. Apesar do suicídio não ter sido um alvo destas melhorias, ainda consistiu numa preocupação pelos médicos. No Brasil, os estudos sobre o suicídio só começaram com a vinda da corte portuguesa ao Brasil, com a criação da Escola de Cirurgia da Bahia e a do Rio de Janeiro por D. João, que em 1832 foram instituídas as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Foram nessas Faculdades de Medicina que se iniciaram os estudos sobre o suicídio, principalmente após a segunda metade do século XIX. Como requisito para a conclusão de seus estudos, os alunos de medicina tinham que escrever uma tese sobre tema atualizado da época, desta forma receberiam o título de Doutor em Ciências Medico Cirúrgicas e não apenas o título de medico cirurgião. Assim, alguns escolheram o suicídio ou diversos assuntos correlatos como o tema. Enquanto os médicos do século XIX se preocuparam, principalmente, com as questões patológicas do suicídio, buscando entendê-lo através do próprio indivíduo, os médicos de meados do século XX se preocuparam mais com o suicídio como um problema social, contudo ainda havendo a menção do suicídio com a loucura. O presente trabalho busca nas Teses de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia como fonte do saber médico acerca do suicídio no Brasil na década de 1920, período de grandes modificações na sociedade brasileira. Estes médicos procuraram analisar o suicídio pela ótica da Medicina Legal, preocupados com as principais características do suicídio (tais como: como as possíveis causas; as diferenças por gênero, classe, social, raça, idade e estado civil; bem como os meios mais utilizados etc.) e procurando saídas para resolver este grande mal social.

HIGIENIZAÇÃO E MEDICALIZAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Rosineide Alves de Farias
Welton Souto Fontes

RESUMO:

Muito tem se produzido acerca da Educação, se analisam metodologias, problemas, história. Mas poucos são os estudos que repensam a educação a partir de uma vertente de higienização e medicalização do espaço escolar. A prática higiênica escolar não se fez meramente à luz de uma ciência desinteressada e no exclusivo interesse da população que passava pelas escolas, já que a necessidade de atender a condições apropriadas ao desenvolvimento das crianças tinha igualmente em vista justificar a intervenção de vários profissionais que dirigiam orientações e regulamentações às escolas, dentre esses profissionais, o próprio médico. A interrogação sobre a produção social da escola e o lugar a ela conferido na construção de uma ordem civilizada, nos levou a investigar os preceitos médico-higienistas na configuração do padrão moderno de escola. Médicos dos anos oitocentos, no seu sonho de promoverem uma educação que integrasse o físico, o moral e o intelectual, prevenção, a correção e a cura constituíram a base dos argumentos que buscavam criar e impor uma disciplina para a intervenção no corpo. Para medicalizar a sociedade, o caminho pautava-se pela medicalização da educação escolar. No extenso programa de regras para o funcionamento dos colégios, compõem o modelo médico-higiênico francês: Michel Levy e Becquerel. A higiene tornou-se a “arte de civilizar”. Em meio a um conjunto de práticas que o aluno deveria vivenciar cotidianamente estava: a revista do asseio do corpo e das roupas; a revista da escola pelos alunos, num exercício que, aproximando-os das práticas desenvolvidas pelos inspetores sanitários, fazendo com que os alunos praticassem a vigilância sobre o próprio ambiente doméstico. A aquisição dos bons hábitos configurava-se, desse modo, numa obra de disciplinamento, por intermédio do qual se buscava modelar os mínimos gestos da criança, tornando-os automáticos, quase naturais. A higiene no currículo seria um meio de inculcar novos hábitos e costumes à classe escolar e, no plano mais amplo, seria um meio de disseminar determinados valores para um país que alterava suas formas de sociabilidade.

MENSTRUÇÃO: TRADIÇÕES E (DES)CONTROLE DO CORPO NA ZONA RURAL DE CUITÉ NA DÉCADA DE 1960

Vigínia Palmeira

RESUMO:

Esta pesquisa busca analisar discursos e tabus que são construídos sobre o corpo feminino, enfocando o ato da menstruação como uma prática para se pensar códigos e valores presentes no contexto sociocultural no qual as mulheres estão inseridas. Esta pesquisa atenta para o simbolismo cultural da menstruação, decorrente das transformações biológicas e psicológicas desenvolvidas durante a puberdade. Para tal, nos apoiaremos nos depoimentos orais de dez mulheres, com idades que variam de 60 a 70 anos de idade. Vale ressaltar, que todas as entrevistadas nasceram e foram educadas no meio rural, bem como vivenciaram sua primeira menstruação neste espaço. Desse modo, a presente pesquisa procura problematizar como mulheres, a partir da experiência menstrual constroem representações do feminino. Sob uma perspectiva da história cultural, à medida que abordamos práticas e representações e suas manifestações dentro de uma lógica cultural específica a sociedade a qual estas mulheres pertencem. Para tanto, buscamos aporte teórico nas questões de gênero e identidade, analisando símbolos e significados que são atribuídos ao corpo menstruado para se pensar as práticas e representações que são elaboradas e reinventadas na cultura. Lembranças que falam de momentos aqui rememorados que trazem a tona experiências e recordações que foram se materializando. Sendo assim, neste trabalho objetivamos analisar a menstruação enquanto um fator social e cultural que atua diretamente na construção das identidades femininas. Utilizamos os depoimentos de dez mulheres de diferentes esferas sociais da cidade de Cuité, a fim de esquadrihar as transformações psíquicas, hormonais e biológicas advindas da puberdade, em especial a menstruação, com intuito de problematizar os valores e significados atribuídos a esse processo relacionando- o aos valores culturais de nossa sociedade. A partir do material coletado através de entrevistas, nossa análise buscou problematizar o corpo feminino, enfocando seu ciclo menstrual como eixo para se pensar uma identidade feminina em um contexto sócio – cultural que transforma o corpo em uma entidade sexuada e socializada, modelando e estabelecendo práticas e saberes que iam sendo assimilados e subjetivados pela população em geral.

**A ORDEM ANTES DO PROGRESSO: O DISCURSO MÉDICO –
HIGIENISTA E A EDUCAÇÃO DOS CORPOS NO BRASIL DO INÍCIO DO
SÉCULO XX**

Leonardo Querino Barboza Freire
Iranilson Buriti

RESUMO:

A regulamentação dos serviços de saúde pública no Brasil, a partir da criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) em 1919, durante o governo do paraibano Eptácio Pessoa, revela um novo interesse do Estado em ampliar e sistematizar estes serviços. Com especial interesse para as questões de salubridade e higiene pública, conforme os preceitos do discurso médico – higienista de então, nosso já “adolescente” Estado Republicano junto com suas elites intelectuais e econômico – sociais, elegeu a doença e a sujeira como alguns dos elementos que impediriam a modernização e o progresso de uma nação que se pretendia civilizada. Neste artigo discutimos como o discurso do poder se apropriou da educação com o fim de viabilizar este projeto de nação moderna e higienizada, a partir da disciplinarização dos sujeitos, do controle dos seus corpos e da normatização dos cidadãos que assim poderiam compor os quadros de uma sociedade que se queria moderna. Para esta discussão, dialogamos com estudiosos que problematizam a historiografia da saúde, da doença e da higienização, como Revel e Peter (1995) e com autores vinculados aos estudos em história da educação, como Rocha (2002), apropriando-nos, ainda, de alguns conceitos ofertados por Foucault (2001).

**LOUCURA E VELHICE NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE. PERFIL
DO PACIENTE IDOSO INSTITUCIONALIZADO NO INSTITUTO
NEUROPSIQUIÁTRICO DE CAMPINA GRANDE (CLÍNICA DR. MAIA)
ENTRE 1987 E 2001**

Alarcon Agra do Ó
Aliandra Vieira da Silva
Marcos Roberto Caporicci

RESUMO:

O trabalho consiste na apresentação inicial do estudo, que se desenvolve no presente como o mapeamento dos transtornos psiquiátricos acolhidos na Clínica Dr. Maia, em Campina Grande, no período entre 1987 a 2001.

**ESCRITURAS MÉDICAS DA PARAÍBA ENFERMA: NARRATIVAS DE
SAÚDE E DE DOENÇA NAS CORRESPONDÊNCIAS DE BELISÁRIO
PENNA**

Iranilson Buriti

RESUMO:

A presente pesquisa aborda as imagens construídas pelo médico Belisário Penna (1868-1939) sobre os sertões da Paraíba e do Rio Grande do Norte nas correspondências que o mesmo enviou ao médico paraibano Flávio Maroja, e ao Dr. Accácio Pires, chefe do setor de Profilaxia Rural da Paraíba. Tais correspondências, escritas no período de 1921 a 1926, apresentam cenários de sertão descritos como lugares “excelentes para se viver”, principalmente no que concerne à parte chamada Seridó, narrada por Belisário como um pedaço de Sertão habitado por “uma gente sadia e robusta, operosa e civilizada, constituída de brasileiros genuínos, sem mistura, que lutam heroicamente com uma natureza hostil e a vencem pelo trabalho e pela inteligência, graças à saúde que desfrutam, porque ali desconhecem geralmente a opilação e a malária”. Desta forma, esta pesquisa, fruto do trabalho de pós-doutoramento junto à Fiocruz, objetiva colocar em análise os escritos de Belisário acerca do Nordeste, mostrando como este

médico procurava apresentar as heterogeneidades acerca da saúde e da doença desta cartografia brasileira, ao mesmo tempo em que desconstruía a imagem estereotipada de um sertão envolto pela miséria e pela doença.

PÔSTERES

ALAGOAS: CULTURA DE PODER E VIOLÊNCIA 1978 A 1984

Alex Benedito Santos Oliveira
Gustavo Bezerra Barbosa
Raildo de Omena Vasconcelos
Alberto Vivar (orientador)

RESUMO:

O trabalho aqui apresentado tem por objetivo focar a violência no Estado de Alagoas no período de 1978 a 1984. Para isso, analisamos o fato ocorrido em Alagoas nesse período que foi a briga entre as famílias Calheiros (Cavalcanti Lins) e Omena. Trata-se de uma pesquisa documental, uma vez que para a busca desses fatos recorreremos ao jornal “Gazeta de Alagoas” e ao livro “Por amor ao nosso pai” escrito por um dos atores desse fato, o cabo Henrique Omena. Aplicamos a análise do discurso tanto nos jornais quanto na obra, e a partir dessa análise, através da hermenêutica realizamos uma reinterpretação dos fatos, e não apenas produzimos como vimos e ouvimos sobre o caso. O fato ocorrido também nos possibilitou analisar outro fator, o da violência dentro e entre as polícias civil e militar de Alagoas, uma vez que o Cabo Henrique Omena pertencia a corporação da polícia militar, e a família Calheiros (Cavalcanti Lins) ligada tanto a polícia civil, mas também a militar e a Secretaria de Segurança Pública do Estado. Deparamo-nos com vários acontecimentos da época como o caso do desvio do açúcar da Cooperativa dos Produtores de Açúcar do Estado de Alagoas, havia no Estado uma “máfia do melaço” que se ocupava desse desvio, e quem estava ligado a essa máfia era a família Calheiros (Cavalcanti Lins). Diante dos fatos estudados e analisados, concluímos que se configurava na Superestrutura Estatal uma política de violência, que contava com todo o aparato da polícia e da Secretaria de Segurança. Os eventos ocorridos representam essa política, que gerou consequência para a população, como o domínio da política por pessoas violentas gerando pânico e terror na população. Além do pânico e terror, que se perpetua até hoje dando ao Estado a visão de um Estado violento, essa política também gera atraso no setor

industrial de Alagoas, uma vez que há famílias que “mandam” nesse setor e não possibilitam a vinda de outras indústrias que não sejam delas para não perder o poder econômico que detém.

REFLEXÕES SOBRE AS FONTES DOCUMENTAIS PARA O ESTUDO DAS PRÁTICAS MÉDICAS EM NATAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Ildegarde Elouise Alves
Raimundo Nonato de Araújo (orientador)

RESUMO:

O presente trabalho está inserido nas atividades do projeto “Práticas Médicas em Natal na Primeira República”, cuja proposta é entender essas práticas e saberes no período em questão, buscando perceber como essas práticas foram explicitadas e detectando as influências externas e internas para o desenvolvimento desses procedimentos, tentando entender como os critérios epidemiológicos, vigentes na transição do século XIX para o século XX que influenciavam os médicos e como a população se relacionava com as inovações trazidas por essas práticas. As fontes utilizadas nesse projeto são, dentre outras, os discursos e mensagens dos governadores do estado do Rio Grande do Norte e a documentação dos arquivos das instituições de saúde criadas no período (como o Leprosário São Francisco de Assis e o Hospital da Caridade). O trabalho em questão tem, portanto, a finalidade de propor reflexões de como essas fontes podem dinamizar as pesquisas no tocante a história da saúde pública natalense no primeiro período republicano, uma vez que, a maior parte das pesquisas realizadas no que concerne aos estudos da saúde pública na cidade de Natal durante o período da Primeira República contemplam, principalmente, as questões urbanísticas, arquitetônicas e técnicas, ou seja, estão voltadas principalmente para a História Urbana e não para uma História da Saúde.



GT 10 – ALGUMAS QUESTÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: GÊNERO E LITERATURA

Rosemere Olimpio de Santana
Vanuza Souza Silva
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Os desafios da educação, no século XXI, mobilizam-nos a pensar novas questões, ao mesmo tempo (re)significar questões já postas em outros momentos e em outras temporalidades e espaços. Este mini-curso discutirá a possibilidade de trabalharmos as práticas educacionais, principalmente, as que se referem ao ensino de História, com base em dois eixos temáticos: Gênero e Literatura. Como pensar essas categorias? Como torná-las possíveis em sala de aula e dessa forma transformar a História em um saber crítico, também no campo do ensino, não somente nas universidades, mas no campo do cotidiano escolar, afinal, é também para as escolas que a educação superior deve se estender. Pensar a história a partir de questões que se fazem presentes em nosso cotidiano, como as propostas neste mini-curso, devem ser discussões também no campo do ensino. Para nós, envolvidos com a educação, com o dia a dia da sala de aula, o combate a dados conceitos que tratam dos sujeitos na história, das mulheres, dos negros, dos indígenas e sua cultura, etc., é uma maneira de criarmos outras novas possibilidades de ensino. Atualmente, são inúmeras as discussões acerca do currículo, da metodologia e do próprio trabalho em sala de aula. A questão central do problema se direciona para o distanciamento entre o desenvolvimento dos estudos históricos das universidades e do que é discutido nas salas de aulas do ensino de História. Neste sentido, diversos intelectuais estão oferecendo abordagens direcionadas às novas linguagens e novas metodologias, atentando para

as problematizações que envolvem essa prática. Há décadas, as categorias que aqui privilegiamos têm sido enfatizadas em pesquisas por parte de vários historiadores. Nesta perspectiva, se torna de suma importância uma (re)leitura atualizada de certos “temas clássicos” assuntos como Literatura e Gênero.

COMUNICAÇÕES ORAIS

O (MAL)DITO LUSOTROPICALISMO: HISTÓRIA DE UM CONCEITO

Flávio Carreiro de Santana

RESUMO:

Este trabalho procura entender a arquitetura de um conceito: o lusotropicalismo. Partindo da literatura produzida no Brasil e em Portugal pelo cientista social Gilberto Freyre, especialmente entre as décadas de 1940-1960, o lusotropicalismo sofreria diversas investidas de entendimento, marcado pela emergência e recorrência de suas idéias, pelas ocasiões e publicações que lhe asseguraram circularidade e publicidade, e, não menos importante, pela historicidade que possibilitou sua alcunha. Historiar o lusotropicalismo enquanto conceito é tentar empreender-se num esforço em decodificar toda uma produção literária que, pretendida “científica”, aproximava povos, antes distintos entre si, mas inscritos por Freyre como portadores de uma nova cultura híbrida e possibilitada, principalmente, pelo povo português: a emergência da cultura lusotropical.

A MULHER DESAPOSSADA DE SI: CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO PADRÃO DA BELEZA FEMININO CONTEMPORÂNEO

Fabiana Albuquerque Farias

RESUMO:

Não é novidade a condição privilegiada que a mulher ocupa em relação à beleza. Os cartazes publicitários, as capas de revista, a poesia, as manequins, nos lembram disso a toda hora. A mídia, aliada à indústria da beleza, incute cada vez mais na mulher a necessidade de ser permanentemente bela, como se o belo fosse sinônimo de feminino. Para os homens nada de semelhante, visto que o belo não mantém

relação direta com a virilidade. O curioso é observar que nem sempre foi assim, a imagem da mulher e sua identificação direta com o belo não passa de um construto histórico-social, que se delineou com a chegada da Modernidade. A partir do século XX, a revolução técnica de produtos voltados para o embelezamento da mulher provocou uma mudança de postura da imprensa feminina em relação às formas de abordagem de seus temas. Neste contexto, as revistas femininas passaram a tratar o corpo como meio de socialização, construindo, para tanto, padrões de beleza. A mídia passou a exercer um papel de coerção intensa, impondo à mulher comum a cópia de símbolos, representados por mulheres famosas e divulgados massivamente na sociedade. A partir dessa nova realidade, faz-se importante rever os métodos de abordagem midiática, para que se possam desvendar os processos históricos e ideológicos que subjaz a essas produções. Neste cenário, o presente trabalho se propõe a analisar as capas da revista Boa Forma, enquanto composições contemporâneas, para demonstrar o quanto dessas produções são construídas sócio e historicamente. Para tanto, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo como aporte teórico a análise histórica dos percursos da beleza feminina na sociedade e a análise de conteúdo das capas da revista Boa Forma. Dessa maneira, pôde-se chegar à conclusão de que a mulher é tratada como alvo de consumo dos produtos estéticos, sendo guiadas pela imprensa feminina – que está alicerçada em concepções históricas que perpassaram os séculos – a perseguir padrões de beleza inatingíveis.

HISTÓRIA DAS MULHERES OU RELAÇÕES DE GÊNERO?: ALGUMAS QUESTÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Rosemere Olimpio de Santana

RESUMO:

O objetivo central que pretendemos discutir neste trabalho é o atual debate em torno dos Estudos de Gênero e História das Mulheres e como tais discussões são pensadas nos ensino de História. Os historiadores das mulheres têm buscado a mulher enquanto agente histórico, preocupados mais com as mudanças sociais, já os Estudos de gênero se referem a uma construção cultural e histórica das percepções sexuais. No entanto, percebemos que tais discussões se tornam cada vez mais distantes do ensino de História e se confrontam com o senso comum cheio de significações que dão lugar as visões dualistas partilhadas no cotidiano: o homem e a mulher. Por essas questões se faz necessário uma discussão urgente

sobre tal temática. Não se trata de incluir a História das Mulheres apenas como sujeitos que foram renegados, e, portanto, incluí-las seria pagar uma dívida histórica, mas problematizar que os papéis que lhe são comumente atribuídos não são naturais. Mas, como pensar essa categoria? Seja ela História das mulheres ou Relações de gênero? Como torná-las possíveis em sala de aula e dessa forma transformar a História em um saber crítico, também no campo do ensino, não somente nas universidades, mas no campo do cotidiano escolar, afinal, é também para as escolas que a educação superior deve se estender. Pensar a história a partir de questões que se fazem presentes em nosso cotidiano deve ser discussão também no campo do ensino. Para nós, envolvidos com a educação, com o dia a dia da sala de aula, o combate a dado conceitos que tratam dos sujeitos na história, das mulheres é uma maneira de criarmos outras novas possibilidades de ensino. Nesta perspectiva, incluir neste debate os estudos de gênero como categoria de análise é exigir profundas alterações na forma como nós educamos. Enfim, como coloca Suely Gomes Costa as repercussões da noção de gênero na orientação das práticas pedagógicas só serão avaliadas quando as tensões vividas nessas experiências forem o material por excelência de ensino da história.

“DESPERTANDO O POETA”: A POESIA DE CORDEL COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Andrea Cristina Marques

RESUMO:

Este trabalho pretende abordar o uso da literatura de cordel no ensino de História, mostrando como a poesia de cordel pode ser uma rica ferramenta utilizada na prática de ensino para o professor de história em sala de aula. Para isso, é necessário colocarmos que a união entre história e literatura de cordel tornou-se possível a partir da interdisciplinaridade proposta pelos Estudos Culturais, que alargaram o campo de estudos não só da História como de outras tantas disciplinas, e trouxe consigo rupturas e incorporações que contribuíram para uma nova perspectiva teórica, assim como novas problemáticas. Assim, documentos como o cordel, por exemplo, puderam ser vistos e utilizados como documentos históricos. Desta maneira, a literatura de cordel se mostra como material didático rico para o ensino de história porque oferece não só a riqueza estilística da literatura de cordel, como também as possibilidades de debate sobre a nossa realidade social, política e econômica. E, além disso, sua rima de alguma forma facilita tanto a leitura como o

aprendizado. Dessa maneira, utilizaremos autores como GRILLO (2008), PESAVENTO (1995) E ESCOSTEGUY (2006), autores que fazem a reflexão de como é que a literatura de cordel pode contribuir para um ensino de história mais crítico.

UM LITERATO QUE INVADIU A ALCOVA DE GÊNERO: OS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS NA CONSTRUÇÃO DO COMPORTAMENTO FEMININO NO FINAL DO SÉCULO XIX E SUA APLICAÇÃO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL: POR UM NOVO DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA, GÊNERO E LITERATURA.

Leonardo Bruno Farias
Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora)

RESUMO:

Minha caminhada pelos contos de Machado de Assis, correspondente ao período de 1858 a 1878, me levaram tanto a saboreá-lo e questioná-lo quanto a desconfiar de suas intenções, pois só assim, não corri o perigo de perder o crême de La crême de sua construção, e nesse exercício a construção do comportamento feminino enveredando por questionamentos que as relações de Gênero começam a lançar suas lentes para o final do século XIX e para os seus contos, a partir daí me vi envolvido com sua contribuição ao Ensino de História para o período que corresponde a transição entre a crise do Império e a chegada da República, nove anos depois do período aqui trabalhado, ajudando a problematizar as transformações que o Brasil enfrentava, pois nos anos seguintes ele se declararia republicano e assumiria uma nova fase em seus contos, considerados por alguns estudiosos – mais radical. Busco problematizar essa construção, perpassado por aspectos que se deslocam com suas personagens, assim, o feminino constrói-se através de Machado de Assis para depois também serem/aparecerem desconstruídas/soçobradas em suas relações com o poder patriarcal (também em crise, assim, como o Império e a escravidão).

A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA LITERATURA: JORGE AMADO E SOEIRO PEREIRA GOMES, UM ESTUDO COMPARATIVO BRASIL E PORTUGAL

Geraldo Inácio Filho

RESUMO:

Por influência da Escola dos Annales no final dos anos 1920, da História Nova nos anos 1970 e mais recentemente da História Cultural, a pesquisa em História incorporou novas fontes documentais. Isso veio a constituir-se num enriquecimento das fontes e recuperação de características singulares na pesquisa histórica abrindo possibilidades de desvelar aspectos até então desconSIDERADOS pelos investigadores da área referida. Os problemas relativos à situação da infância nos dois países foi tratado pela sua literatura, como muita freqüência. Escolhemos dois literatos da primeira metade do século XX que tratam da infância em suas obras para estabelecermos um estudo comparativo. São eles: Jorge Amado e Joaquim Soeiro Pereira Gomes. Jorge Amado (1912-2001). No ano seguinte ao de seu nascimento uma praga de varíola obriga a família a deixar a fazenda e se estabelecer em Ilhéus, onde viveu a maior parte da infância, que lhe serviu de inspiração para vários romances. Foi para o Rio de Janeiro, então capital da república, para estudar na Faculdade de Direito da então Universidade do Rio de Janeiro. Durante os anos 1930 a faculdade era um polo de discussões políticas e de arte, tendo ali travado seus primeiros contatos com o movimento comunista organizado. Foi jornalista, e envolveu-se com a política ideológica, tornando-se comunista, como muitos de sua geração. São temas constantes e suas obras os problemas e injustiças sociais, o folclore, a política, crenças e tradições, e a sensualidade do povo brasileiro, contribuindo assim para a divulgação deste aspecto do mesmo. Viveu exilado na Argentina e no Uruguai, em Paris e em Praga. Joaquim Soeiro Pereira Gomes (1909-1949) foi um dos grandes nomes do neo-realismo literário em Portugal. Militante comunista, desenvolveu uma sensibilidade social muito grande, que se reflectiu no seu trabalho, onde está sempre presente a denúncia das desigualdades e das injustiças. Filho de agricultores estudou na Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra. Finalizados os estudos, viajou para Angola em 1933 onde trabalhou por mais de um ano. Regressando a Portugal, trabalhou em Alhandra na fábrica de cimentos Tejo, onde desenvolveu um trabalho de dinamização cultural com o operariado. Sua obra Esteiros, publicada em 1941, é considerada a sua obra-prima,

dedicada “aos filhos dos homens que nunca foram meninos”. É uma obra de profunda denúncia da injustiça e da miséria social.

O ENSINO PEDE UM CORPO: PARA ALÉM DO SEXO E DO GÊNERO, A ARTE DA EXISTÊNCIA

Vanuza Souza Silva

RESUMO:

É possível a relação corpo-ensino? Será a sala de aula o lugar de possibilidade para se pensar também o corpo, corpo enquanto signo das subjetividades e não apenas da disciplina? Se o conhecimento nasce do corpo por que enquanto educadores forçamos os alunos a negarem o corpo, a existência de si nas aulas? Por que ainda mantemos uma relação de suspeição com tudo o que sugere o corpo, como se o pensar fosse realmente a parte outra e a única interessante quando o tema é conhecimento? Dentre os muitos desafios do ensino e da educação, um deles é certamente a relação que mantemos com os corpos, aqueles que atravessam as paredes das escolas, que de forma normativa vestem a farda e sentam-se enfileirado nas cadeiras escolares, corpos nômades que vez por outra traem a rostidade unitária do ser-aluno e investem a si de outros sentidos, corpos quase travestidos de outras maneiras de ser menino e menina. O corpo e o rosto como sugere Gilles Deleuze constituem um território, uma linguagem onde os agenciamentos sociais e códigos se instauram, produzindo nos corpos as normas, as disciplinas. É comum ouvir dos discursos atuais desânimos de algumas práticas docentes que reclamam da postura e da linguagem criadas por alguns alunos que usam o corpo, a linguagem do corpo para se comunicar, tatuando-se, travestindo-se de punk, de emos e/ou emochitas, de sujeitos que não querem pra si a normalização do corpo. Que desejos esses corpos que ousam se desterritorializar estão inscrevendo? Que pedagogias podem ser pensadas a partir dessa comunicação que muitos estudantes acabam adotando para se fazerem vistos e ditos e assim conseguirem falar de si. O corpo afirma Magalhães Júnior permite a decifração da vida, dessa maneira, que signos podem ser lidos nos corpos-alunos que emergem sob a luz do poder pedagógico? Os alunos trazem consigo histórias múltiplas, inclusive, uma história de seu corpo, da educação que aprendem em casa, das normas que sugerem suas famílias e das regras que a educação escolar impõe, estar atendo as sensibilidades dos corpos desses sujeitos, é criar uma/outra nova perspectiva de educação, inclusive aquela que rompe com a dicotomia que se faz

entre corpo e alma, que privilegia no conhecimento muito mais a mente do que o corpo. A cultura ocidental que se institui no século XIX no Ocidente muda o parâmetro de educação que vinha dos gregos, a qual unia a educação da mente junto a educação do corpo. O importante nessa relação era desenvolver o intelecto, mas também educar fisicamente o corpo. Talvez seja necessário (re)pensar os valores educacionais que estamos criando nas aulas, se há uma nova idéia de corpo, corpo frankstein, se os alunos (re)criam seus corpos, perfurando-os com piercings, estilos diversos e tatuagens, é fundamental estar atento a essa linguagem, não como um dispositivo disciplinar, mas como a instauração de uma nova possibilidade de pedagogia, aquela que afeta muito mais do que adestra.

**CORPOS EMBELEZADOS: NANÁ E AS CORTESÃS FRANCESAS –
TRANSGRESSÕES NA BELLE ÉPOQUE**

Cibelle Jovem Leal
Janielly Souza dos Santos
Francisca kelly Gomes Cristovam

RESUMO:

É com intuito de analisar os comportamentos sociais que transcendem as relações tradicionais de gênero da Belle Époque, que se propõe aqui um estudo historiográfico sobre a obra Naná, escrita pelo francês Émile Zola. Considerando esta obra como um instrumento que serve para a visualização dos valores culturais egocêntricos e patriarcais burgueses, em relação às mulheres que “fugiam” aos padrões morais da época, podemos perceber como as cortesãs francesas constituíram um universo de transgressão e práticas subversivas distante das limitações sociais que lhes eram impostas como, por exemplo, a domesticação e o controle sexual associado aos corpos femininos. Não obstante, os olhares sociais se lançaram não só para os desvios morais dessas mulheres, mas, sobretudo, para o glamour com o qual elas se apresentavam socialmente, lhes garantido o título de mulheres virtuosas e elegantes que marcaram toda uma época com seus chames e belezas. Nesse sentido, é a partir do glamour das cortesãs que teremos um novo padrão de beleza feminina na cultura ocidental, que promoverá uma revolução estética não só nas roupas e na moda européia que atingiu todo o mundo, como também, nos comportamentos e práticas de mulheres que se colocaram à frente do seu tempo, subvertendo os padrões disciplinares da época. Por sua vez, fizemos uso da obra “O Livro das Cortesãs” escrito pela estudiosa e feminista Susan

Griffin, que mostra as virtudes dessas personas e, assim, procuramos mostrar a possibilidade de se trabalhar conjuntamente com dois discursos: o literário e o histórico.

O CORPO INVISÍVEL E DISCIPLINADO EM VLADIMIR SOUZA CARVALHO

Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias

RESUMO:

O presente trabalho discute como os vários discursos repressivos relacionados ao corpo feminino estão representados no conto “A Praça”, de Vladimir Souza Carvalho. A partir dos estudos de gênero e identidade acerca do corpo, neste trabalho, pretende-se avaliar a influência do poder patriarcalista para manter o corpo feminino invisível. Além disso, aplicam-se os conceitos de sexualidade propostos por Michel Foucault e Judith Butler, assim como de identidade de Homi Bhabha para analisar a trajetória de Marivalda, a protagonista, rumo a Praça, símbolo de sua liberdade. Nas narrativas de Vladimir Souza Carvalho, verificamos que a família do interior nordestino tem como base valores patriarcais, marcas de uma sociedade hierarquizada e excludente. Esse meio familiar sufocante apresenta como consequências à ruptura do “eu-sexualizado” e a busca incessante dos sujeitos por novas construções identificáveis. Assim, o corpo invisível e disciplinado são aplicados e representados nessa narrativa, pois os mesmos fixam os limites de identidades, ao mesmo tempo em que propõem uma re-atualização permanente das regras impostas pelo sistema sócio-cultural do qual tais sujeitos fazem parte. Essas adequações corporais instituem no ator social um tipo de prática que determina o que falam, pensam e agem, ao mesmo tempo, em que estabelecem papéis ímpares do contexto histórico-social no qual ele está locado.

CASAMENTO E TRABALHO FEMININO NA OBRA DE LIMA BARRETO

Jomar Ricardo do Silva
Polyana Santos Cavalcante

RESUMO:

Lima Barreto (1881-1922) escritor nascido no Rio de Janeiro, descendente de escravos, de romance, crônicas e contos, retratou em sua obra diversos aspectos da sociedade brasileira. Este trabalho tem como objetivo investigar as representações existentes na sociedade sobre a condição social da mulher, a partir da instituição familiar e de sua inserção no mundo do trabalho. Para atingir esse escopo recorrer-se-á ao conceito de representação de Roger Chartier. A preocupação dele está centrada na busca da compreensão dos motivos, das posições e interesses dos atores sociais que designam a realidade a partir de sua cosmovisão. O método utilizado foi o indiciário com a finalidade de esboçar uma concepção de trabalho e matrimônio tendo como referência a situação da mulher, demonstra ser mais adequado porque este autor possui de forma fragmentada, noções e idéias, disseminadas no conjunto de sua obra, sobre a condição e a educação da mulher. Ao recolher-se essas proposições isoladas, particulares, almeja-se configurar uma proposta de nível geral. A prova disso foram as modificações verificadas no casamento na transição do século XIX para o século XX. Houve arrefecimento da determinação familiar na escolha do marido para as moças, concedendo autonomia para a escolha relativamente livre dos seus futuros maridos, com aceno de possibilidade de realizar um consócio pelo sentimento amoroso. No entanto, elas continuaram insatisfeitas na nova situação, demonstrada com o desagrado em relação aos cônjuges e na busca de conquistar os anseios em parcerias extraconjugais. Em relação ao trabalho feminino, verificou-se que sua inserção no mercado ficou obliterado em função da falta de escolaridade e do preconceito concernente ao trabalho manual, devido a determinados ofícios estarem associados ao trabalho escravo. Dessa forma, o estudo da temática pode fornecer elementos de reflexão no ensino de história em caráter interdisciplinar com a literatura para uma mudança de comportamento nas relações de gênero para as futuras gerações.

A DÉCADA DE 30 NA PARAÍBA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE CARMEM COELHO DE MIRANDA FREIRE

Niédja Ferreira dos Santos
Maria Valdenice Resende Soares

RESUMO:

O presente artigo tem o objetivo de analisar alguns fatos ocorridos no contexto histórico da Paraíba na década de 1930. Trazendo à baila as configurações históricas desse período, podemos destacar algumas transformações de cunho econômico, social e cultural. Compreendemos que a Paraíba teve um importante papel na configuração histórica nacional dessa época. Tendo em vista que o Presidente João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque foi uma importante figura política que desde sua posse, como governador da Paraíba teve que enfrentar várias polêmicas e problemas locais que o destacou até mesmo depois de sua trágica morte. Debruçaremos-nos sobre estes acontecimentos tendo como base as considerações da educadora, historiadora e escritora Carmem Coelho de Miranda Freire, teremos como fonte documental seu livro didático intitulado História da Paraíba para uso didático e o seu romance A Mansão da Praça Bela Vista. Nesse estudo foi possível observar um destaque que a autora faz em relação a trajetória da principal figura política da época, o Presidente João Pessoa e a configuração do estado da Paraíba frente a Revolução de 1930. Os aspectos teóricos e metodológicos se amparam na perspectiva da Nova História Cultural tendo em vista que esse estudo pretende não só colocar em questão importantes movimentos históricos, políticos e sociais de uma época, como fazer o resgate de alguns documentos e registros até então não pesquisados que nos servem de base para interpretar esses momentos e ainda perceber a análise de um grande fato político do nosso Estado, na ótica de um sujeito que está fora do contexto dos documentos oficiais e que se utiliza de publicações próprias para expor suas opiniões em relação aos acontecimentos ocorridos nesse período. Esse estudo sinaliza que é imprescindível ter uma visão dos acontecimentos históricos, seja pela ótica dos grandes discursos e documentos oficiais, como também de outros tipos de fontes que podem nos ampliar a interpretação sobre um mesmo acontecimento, ou seja, teremos a possibilidade de lidar com o aspecto macro e/ou micro de um fato histórico.

A HISTÓRIA DA LITERATURA ENTRE AS DÉCADAS DE 50 E 60: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS

Joyce Kelly Barros da Silva comunicação

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo apresentar duas propostas teóricas surgidas entre as décadas de 50 e 60, e que buscaram propor novos caminhos para a historiografia da Literatura. A primeira teoria, chamada Estética da recepção, nasceu na Europa e foi pensada por Hans Robert Jauss. Ela foi apresentada ao público em 1967, na abertura do semestre letivo da Universidade de Constança, Alemanha. A Estética da recepção propõe uma renovação na História da Literatura tradicional, fruto do Positivismo do século XIX, que apregoa a objetividade do cientista, quer seja ele crítico literário, historiador, ou médico de laboratório. De acordo esta proposta, a História literária deve levar em consideração o modo como os leitores atribuem sentidos aos textos tendo em vista a conjuntura política, social e econômica em que estão inseridos em dado momento da História. A segunda teoria aqui estudada é da autoria de Antonio Candido, crítico literário conhecido por historiadores e sociólogos e que desde as primeiras décadas do século XX tem dado uma marcante contribuição para o enriquecimento do cenário cultural e intelectual brasileiro. A historiografia literária de sua criação surgiu em 1957, quando o livro *Formação da Literatura Brasileira* foi publicado pela primeira vez. No âmbito da historiografia literária, Candido inovou ao conceber a Literatura como produto cultural. Com isto, ele deu à crítica e à história literária brasileira a oportunidade de evitar uma perspectiva estreita, evidenciando que a Literatura é uma prática simbólica e que pode ser estudada a partir de um ângulo cultural e social mais abrangente. Após a nossa análise, consideramos que ambas as propostas buscaram renovar a historiografia literária, fugindo daquele modelo tradicional básico, que consiste em apresentar de maneira esquemática nomes de autores e títulos de obras, organizados em sequência cronológica. Além disso, concluímos que o surgimento destas duas teorias em décadas tão próximas indica que o problema era evidente naquela época e que, justamente por isso, preocupou professores e teóricos de uma mesma geração, ainda que de espaços geográficos tão diferentes e distantes. Indica também que o Brasil não estava tão aquém no que diz respeito aos pensadores da Europa, uma vez que Antonio Candido apresentou suas reflexões uma década antes de Jauss. Para a feitura deste trabalho, lemos Bosi (2002), Candido (2000), Iser (2002), Jauss (1994), Lima (2002), entre outros.

BARBÁRIE E VIOLÊNCIA DE ESTADO NO CONTO A COLÔNIA PENAL DE FRANZ KAFKA

Marco Aurelio Dantas Nepomuceno
Regina Coeli (Orientadora)

RESUMO:

Considerado um dos mais consagrados escritores da literatura universal, autor de romances que revelaram na Europa o sentimento de angústia do homem moderno como um indivíduo dilacerado pelas instituições cerceadoras de seu tempo, Kafka era um sujeito incompreendido dentro de um mundo desarrazoado, carcomido por guerras e catástrofes. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar o conto A Colônia Penal, buscando sua inter - relação com a história, no sentido de apreender por meio de sua materialidade discursiva, os efeitos do poder de sujeição do Estado Totalitário sobre os sujeitos inseridos na Europa moderna no começo do século XX. Nessa obra, o escritor theco narra a bizarra história vista por um explorador que vai a uma determinada colônia francesa e lá se depara com uma execução. O suplício é ordenado por um oficial de alta patente que munido de uma máquina hedionda de tortura explica ao forasteiro como se dará o desfecho da execução do condenado. O objetivo do aparelho é tatuar no corpo do indivíduo transgressor a seguinte frase: Honra Teus Superiores. No Estado totalitário as forças cerceadoras negam toda a vontade impulsiva dos indivíduos. A liberdade não apenas se reduz e sua última e aparente função, como perde toda a sua importância, porque a consequência de seus exercícios é compartilhada por pessoas completamente inocentes Assim, nesses governos na qual a barbárie é instituída como garantia da ordem social, o terror – como servo obediente desse processo moderno de controle- tem de eliminar não apenas a liberdade, “mas a própria fonte de liberdade que está no nascimento do homem e na sua capacidade de começar de novo”. Kafka assim, por trás da máscara de seus personagens enclausurados pretende desconcertar a máquina judiciária das instituições modernas, mostrando por trás dos discursos modernizantes o encarceramento dos corpos e dos espíritos numa lógica repressiva do saber e do poder.

PÔSTERES

POR UMA REINVENÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS TRADICIONAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Liana Vieira da Rocha Gouveia
Josenilda Sales de Oliveira

RESUMO:

A proposta deste trabalho é a análise das práticas cotidianas metodológicas do ensino de história na sala de aula durante realização do estágio supervisionado I, atentando para o reconhecimento de práticas pedagógicas tradicionais, e efetivar a reinvenção dessas práticas, substituindo-as por possibilidades pedagógicas que envolvam cinema, música, teatro e estudo da semiótica onde haja a produção de debates multiculturais, formação de cidadãos pensantes cientes do seu papel na sociedade atual brasileira bem como privilegiar as várias formas de leitura inclusas na historiografia. Reinventar as práticas pedagógicas tradicionais no ensino de história, ou seja, ampliar os recursos didáticos favorecendo as diferentes leituras dos acontecimentos, objetivando a construção crítica e reflexiva dos alunos tornou-se um desafio devido os baixos rendimentos, a evasão, como também a falta de interesse dos alunos durante as aulas de História, que refletem a problemática da utilização de métodos tradicionais arraigados nas práticas de alguns professores de História, os quais insistem em trabalhar memorizações, repetições, monólogos a cerca de verdades absolutas imutáveis aptas apenas para transmissão; tornando a disciplina cansativa, enfadonha, improdutiva. Introduzir nas aulas de Histórias uma didática que esteja em consonância com a realidade do alunado, aproveitando seus conhecimentos prévios, privilegiando a interação entre professor e aluno, troca de experiências, debates; utilizar recursos tais como cinema, literatura, documentários, jornais e teatro consistem o objetivo principal deste projeto tendo em vista a relevância da implantação destes procedimentos que favorecem não somente a assimilação dos conteúdos, mas que, sobretudo haja o entendimento dos acontecimentos da sociedade vivenciada pelos alunos e que os mesmos obtenham consciência do seu papel de cidadão aprendendo a interagir e situar-se na mesma. Os alunos serão os maiores beneficiários com o objetivo do projeto uma vez que a substituição das práticas tradicionais pelas contribuições do ensino de História reflexivo, questionador e crítico acarreta na formação do senso crítico dos alunos consequentemente torna possível o posicionamento ativo diante os conteúdos

didáticos bem como da sociedade, havendo também o reconhecimento entre a relação direta entre ambos. A proposta do projeto implica no combate às inflexibilidades do currículo, do professor “togado” e do saber sistematizado.

A FIGURA DE POLICARPO QUARESMA: DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Edilma Marinho Ribeiro

Manuella Soares Jovem

Prof^a Dr^a Fernanda Aquino Sylvestre (Orientadora)

RESUMO:

O homem busca nas suas experiências o conteúdo para construir a sua história, que manifestada através das mais variadas formas, vai formando o ser humano, diferenciando-se dos outros seres pela possibilidade de construir e viver a História, através dos contatos interpessoais num universo de relações sócio-político-culturais, permeadas pela necessidade de manifestação, encontrando na língua um suporte para que isso ocorra, especialmente na literatura. Esta se constitui como um caminho para a compreensão do conhecimento histórico por ter como natureza a imitação da vida. Para mostrar a estreita relação entre História e Literatura, é importante ter como ponto de partida o romance do final do século dezenove e início do século vinte, que trabalha sobre um importante viés: investigar sobre o interior do homem, a vida cotidiana. Para tanto, voltou-se para as formas ensaísticas e de memórias. Lima Barreto foi um importante expoente desse tipo de romance, evidenciando em suas obras o homem e a sociedade da época. Para ele, a arte literária deixa de ser algo meramente individual e passa a exercer a função de abrigo para os homens em suas inquietações e desejos coletivos, refletindo-os através dos fatos históricos aos quais estão intrinsecamente relacionados. Em Triste fim de Policarpo Quaresma, o autor revela questões históricas relacionadas ao absolutismo do poder, bem como o nacionalismo e a loucura do protagonista Policarpo de modo caricato e irônico. O objetivo desse trabalho é traçar algumas considerações acerca da narrativa de um fato histórico, a Revolta da Armada, e seus reflexos na classe média e militar, responsáveis pelo motim que culmina na proclamação da República. Mais especificamente as aproximações entre Literatura e História serão centradas na figura do protagonista Policarpo Quaresma que, moldado de acordo com a sociedade vigente na época, nos oferece subsídios para

estabelecermos um diálogo entre dois campos inter relacionados, como a História e a Literatura.

UM BREVE DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA ATRAVÉS DA OBRA VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS

Thilyanne Da Silva Rocha
Thiago Raphael Albino Acioli

RESUMO:

O presente trabalho tem como finalidade analisar as possibilidades de diálogos entre a história e a literatura, na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. A obra literária em questão nos apresenta um valor informativo muito grande, na medida em que apresenta um retrato fiel da vida de milhares de nordestinos que por falta de perspectivas tornaram-se “errantes”, isto é, moveram suas vidas em busca de sobrevivência diante da extrema desolação advinda da seca. Nesse sentido, através da leitura do romance, percebemos o teor histórico da obra na proporção em que ela se revela como um documento atinente a vida do sertanejo e expõe de forma contundente a realidade do sertanejo que tivera que enfrentar não somente os desafios advindos de uma natureza inóspita, mas, também os da exclusão social, a saber: a pobreza, a ignorância, a violência, a fome, a miséria, a desvalorização do ser humano no aspecto social e econômico, a concentração de terras nas mãos de poucos, o analfabetismo, o descaso das autoridades com a condição do nordestino que termina refém da própria sorte e tem que contar por muitas vezes com seus próprios recursos para garantir sua subsistência. Os personagens da obra retratam com veracidade a saga de homens, mulheres e crianças que vagam pelo sertão nordestino, suportando as agruras da paisagem e o descaso do Estado mediante a este problema. Destarte, a análise de *Vidas Secas* no decorrer do trabalho terá a literatura não apenas como uma importante fonte histórica, mas, como uma “representação” de uma determinada sociedade uma vez que esta traz consigo questões sociais e é testemunho das décadas de 30 e 40. E para realizar esse diálogo entre a história e a literatura faz-se necessário lançarmos um olhar em questões que atravessam a literatura, a memória, a história, a linguagem, a narrativa e suas significações de denuncia social.

**“GISELLE” E “HISTÓRIAS DE AMOR DURAM APENAS 90 MINUTOS”,
MAIS QUE HISTÓRIAS DE AMOR: PRÁTICAS HOMOERÓTICAS NO
IMAGINÁRIO MIDIÁTICO.**

Isabela S. Nóbrega
Elisa Mariana Medeiros Nóbrega (Orientadora)

RESUMO:

Há algum tempo a historiografia vem se tornando um terreno fecundo para o estudo de gênero, das relações homofóbicas e homoeróticas, proporcionada pelos Estudos Culturais. As pesquisas acerca das sensibilidades homoafetivas tiveram seu início no Brasil a partir da década de 70 com a repercussão da contracultura, que promoveu (re) significações sobre a sexualidade e sobre as políticas de gênero, fazendo emergir neste período uma espécie de revolução dos costumes. Isto ocorreu como que numa ação conjunta com o movimento feminista, o movimento negro, entre outros, em defesa de um maior espaço para sua construção identitária e do fim da opressão e da violência contra as mesmas. Este artigo intenciona colaborar com os debates acadêmicos sobre gênero, homofobia e homoerotismo, uma das metas do projeto de pesquisa PIBIC: “HISTÓRIA, MÍDIA E IDENTIDADE: A HOMOFOBIA E O HOMEROTISMO NA TV E NO CINEMA BRASILEIROS (1960-2008)”. Nesta perspectiva, temos como objetos de análise, as obras cinematográficas de produção nacional *Giselle* (MELLO, 1980) e *Histórias de amor duram apenas 90 minutos* (HALM, 2010), como também textos historiográficos, passíveis de análise a respeito das rupturas com os padrões hetero - normativos, práticas homofóbicas, novas formas de sentir, viver e amar homoeróticas e de suas representações imagéticas, desta feita nosso objetivo é apreender os conflitos surgidos a partir das transformações de alguns valores morais históricos e sócio - culturalmente construídos. Estas obras permitem-nos questionar sobre a influência de uma cultura fálica que corrobora com a discriminação pela orientação sexual (homofobia), e conflita com as novas representações da homoafetividade na contemporaneidade. Num exercício reflexivo sobre as representações midiáticas, cinemáticas, visualizamos um processo de higienização dos homossexuais, quando não aparecem por demais

caricaturados. Nesse sentido, a orientação metodológica está ancorada em autores como Roger Chartier, Judith Butlher, Guacira Lopes Louro, entre outros.

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ATENAS CLÁSSICA: AS OBRAS DE ARISTÓFANES COMO FONTES PARA A ANÁLISE DE PROBLEMÁTICAS ATUAIS

Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro
José Maria Gomes de Souza Neto (Orientadora)

RESUMO:

O estudo da História Antiga por muito tempo esteve relegado a um espaço escanteado por historiadores em todo o Brasil, justificando-se este afastamento, entre outras coisas, pela distância espaço-temporal com relação às fontes. Devido à escassez de ferramentas para este estudo é comum abordar a Antiguidade de forma superficial nas salas de aula do ensino básico brasileiro. Há algum tempo este quadro vem mudando. As peças teatrais clássicas são um importante recurso para a análise das vivências dos antigos gregos, além de servirem para a abordagem das suas problemáticas e observação de suas diferenças com as problemáticas atuais. Esta apresentação faz parte de um trabalho maior que visa à compreensão de problemáticas presentes nas peças gregas que são atuais, como a aceitação das diferenças e os preconceitos, discutindo símbolos ligados à sexualidade presentes nas comédias do escritor Aristófanes (século V a. C.). As questões ligadas à homoafetividade estão, atualmente, sendo foco de discussões em várias áreas do saber e pretendemos, com este trabalho, acrescentar a estes debates compreensões sobre as problemáticas deste tema no cotidiano grego, comparando-as com as atuais, esclarecendo problemáticas acerca destas questões em nossa sociedade, levando-se em conta que muitos aspectos da sociedade ocidental já estavam presentes na cultura grega e que a história é uma ferramenta para o estudo e compreensão do presente em que vivemos. Por isso, ao invés de simplesmente expor os fatos conhecidos sobre o mundo antigo, buscamos novas abordagens, embasadas pela historiografia e pelas fontes [no caso, o teatro grego], que através de temas atuais (religiosidade, mitologia, sexualidade e assim por diante) permitem aos alunos construir sua visão da Antiguidade. Objetiva-se, então, com este trabalho, divulgar o uso da “releitura” das peças gregas para o estudo dessa sociedade e a conseqüente análise das problemáticas de nossa sociedade.

LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA: UM DIÁLOGO FÉRTIL

Hugo Paz de Farias Braga

Yury Soares Alves

Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora)

RESUMO:

Nesta pesquisa buscamos problematizar as possíveis relações entre ensino de história e o uso da literatura. Neste sentido, entendemos que a literatura pode e deve ser uma grande aliada do professor na sala de aula, com o objetivo do ensino da história. Não se trata é claro, de querer retirar da literatura sua natureza estética, mas de admitir também, que a obra literária e seu autor fazem parte de um determinado contexto, situação, e se confrontam com determinados acontecimentos, que afetam a produção textual. Ou seja, somos contra certa concepção, que quer retirar qualquer ligação possível entre literatura e mundo, a idéia de que a literatura criaria um mundo autônomo, cortando os possíveis laços extra-textuais. Compartilhamos então, com o pensamento de Tzevetan Todorov, com sua obra “A literatura em perigo” (2009), quando este atenta para a problemática exatamente da apartação entre mundo e literatura, em uma espécie de acerto de contas consigo mesmo, já que antes Todorov defendia a auto-referencialidade do texto literário. Por isto, que defendemos a idéia de que a literatura tem ligação sim, com o vivido, já que seus autores eram atores sociais, que descrevem na verdade sentimentos, ações, personagens que tem como referência as relações humanas. Porém não podemos reduzir o texto literário a pura ligação com o vivido, ou seja, a tentativa de historicizar absolutamente toda a obra. Temos que entender que antes de tudo, a literatura é também um projeto estético, subjetivo, mas que mesmo assim permite-se a referência ao mundo, de onde nós historiadores podemos retirar elementos para a discussão de temáticas em sala de aula.

“PHANTERA DOS OLHOS DORMENTES”: ANAYDE BEIRIZ, A “FERA-DÓCIO”, DA PRODUÇÃO LITERÁRIA PARAIBANA NO SÉCULO XX. UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Josiane de Lima Mendes
Lívia Maria de Pontes Nascimento
Vanusa Souza Silva (Orientadora)

RESUMO:

“A altivez é o traço predominante do meu caráter, porém minha magoa mais dolorosa, é saber-me impotente para vencer meu destino”. Com essa frase Anayde Beiriz (1905- 1930), traduz sua visão de si mesma. Chamada de bela, ativa e “polemica”, a poetiza Paraibana, revela o caráter renovador, de seu trabalho, fruto de sua personalidade marcante de quem viveu e escreveu, em um período aonde as regras sociais, vem para normatizar e disciplinar, o comportamento das pessoas, dando-lhes, papéis sociais, distintos, definidos não só a partir das classes e relações sociais existentes, mas também de acordo com o sexo, com o qual o sujeito nasceu. Nesse momento, correspondente as décadas de 1920/30, a sociedade paraibana segue um modelo burguês de comportamento, com papéis e lugares estabelecidos e que por tanto, deveriam ser respeitados. Trato aqui, de um recorte local e temporal onde, as ditas “moças de família”, ainda agiam (ou deveriam agir) de forma, comedida e retraída, visto que era isso o determinado pelos códigos sociais de moralidade da época. Dentro do exposto, esse trabalho tenta mostrar, como através do discurso literário, a obra de Anayde Beiriz, revela elementos de sua época, mesmo que por muitas vezes o faça, contrariando os já referidos, modelos comportamentais pré-estabelecidos da época. Busco aqui, justamente, fazer uma análise não somente de um personagem (Anayde) ou de sua obra de forma isolada e distinta, mas sim tento utilizar ambos, de forma entrelaçada, complementando um ao outro, a fim de verificar, nesse caso específico, como mesmo sem estar encaixado diretamente, em modelos comportamentais de determinados períodos, uma obra literária, estudada em seus vários aspectos podem falar sobre os seus referentes momentos, servindo assim de complemento ao estudo (e ensino) da História. Dessa forma, trago nesse trabalho, uma proposta, de utilização da literatura, como recurso didático, no ensino de História. Para mostrar os elementos, propostos, usarei a obra “Anayde Beiriz, Pantera dos olhos dormentes” de Marcus Aranha (2005), analisando-a a partir de teóricos como FOUCAULT (1999), e historiadores como PERROT (2005).



GT 11 – HISTÓRIA E ENSINO: NOVOS CAMPOS DE SABER E NOVAS LINGUAGENS

Maria do Socorro Cipriano
Auricélia Lopes Pereira
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Este GT propõe uma discussão sobre a relação entre o ensino de história e os diversos campos de saber. Para pensar o lugar de saber que a Educação ocupa hoje é necessário entendê-la como uma invenção da sociedade moderna. Sociedade esta, norteada por desejo de civilizar desejos, de controlar corpos, de punir desviantes que fará emergir uma prática de saber institucional, implantando por sua vez, toda uma rede de pedagogização das práticas sociais. É nesse contexto que a escola e todo um aparato institucional a partir de então, terá um papel fundamental no processo de formação e formalização do conhecimento. É, pois, pensando os lugares de constituição de saberes que podemos problematizar os próprios conceitos como produção histórica, como uma elaboração delicadamente lapidada num determinado tempo e espaço. Seguindo essa linha de raciocínio, os livros, os filmes, os documentários, as iconografias e vários outros discursos, estudados nas disciplinas de história, devem ser abordados a partir de suas relações de produção simbólicas, inscritas no campo cultural. A partir da Nova História Cultural, será ampliado o diálogo da história com a literatura, os estudos culturais, a filosofia, a arte e que, por sua vez, terminará por alargar as fontes, os recursos didáticos e os modos de suas operacionalizações no campo da história. Entendendo que o exercício da prática pedagógica é indissociável da pesquisa e que os recursos

didáticos não devem ter uma função de ilustração ou de afirmação do “real”, este GT, então, pretende suscitar um debate com pesquisadores que desenvolveram ou desenvolvem trabalhos que versem sobre o ensino de história e sua relação com fotografia, música, iconografia, obras literárias, obras filosóficas e outros. Bem como trabalhos que propõem uma reflexão ou experiências vivenciadas sobre a relação pedagógica entre a história e outros campos de saber.

COMUNICAÇÕES ORAIS

ENSINO DE HISTÓRIA NO VALE DO JAGUARIBE: O ALUNO DE GRADUAÇÃO E A REALIDADE DAS ESCOLAS

José Olivenor Souza Chaves

RESUMO:

A proposta desta pesquisa surgiu na disciplina de Metodologia do Ensino de História, ministrada no semestre 2009.1, no curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM/UECE. Como professor responsável pela referida disciplina, busquei transformá-la num laboratório de pesquisa com a intenção de aproximar os alunos da prática efetiva do magistério no ensino fundamental e médio, no qual muitos irão se inserir enquanto profissionais. As diretrizes que orientaram cada grupo de alunos inseridos na pesquisa de campo foram recortadas a partir dos conteúdos estudados em sala de aula. De maneira ampla, podemos dizer que o objetivo da pesquisa desenvolvida nas escolas era o de perceber se o conteúdo estudado na Faculdade se aproximava da realidade observada nas salas de aula do ensino fundamental e médio. Por outro lado, os alunos/pesquisadores deviam buscar perceber, no lócus da pesquisa, o que havia de singular no contexto da sala de aula e no processo de ensino-aprendizagem. Através da pesquisa, o graduando de História estará diante de uma complexa realidade que fará nele despertar o veio de suas capacidades intelectuais, indispensável no processo de superação dos desafios com os quais irá se deparar enquanto pesquisador e no exercício de sua prática docente, sobretudo quando a pesquisa se acha voltada para as demandas que dizem respeito ao ensino de história. Sendo assim, será sempre oportuno criarmos canais de diálogos com professores e alunos do ensino fundamental e médio, no sentido de tornarmos mais efetiva a integração entre todos aqueles que se pensam e se sentem responsáveis pela qualidade do ensino de história. Entre o que foi investigado pelos

alunos/pesquisadores destacamos os seguintes conteúdos: as metodologias de ensino empregadas pelos professores de História; o livro didático; os recursos tecnológicos; a prática da pesquisa no ensino fundamental e médio; os métodos de avaliação no ensino de História; as dificuldades que se encontram no cotidiano da sala de aula; o papel do professor e do aluno na transmissão e construção do conhecimento. A atividade de pesquisa também intencionava superar o dilema entre formar professores ou formar pesquisadores, pois é necessário formarmos, sempre com competência, a partir da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, o bom historiador com amplas capacidades de atuação na área do magistério e da pesquisa histórica.

DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: ICONOGRAFIA E CORDEL

Maria do Socorro Cipriano (UEPB)

RESUMO:

Na década de 1980 ocorre o que alguns pesquisadores, que estudam o uso da imagem e sua importância para a História Cultural, denominam como uma “virada pictórica”. A imagem não somente passa a ser reconhecido como um recurso importante para problematizar práticas sócio-culturais, mas teria se consolidado a partir de então como tema de debates, de encontros, de pesquisas e artigos. Vislumbrando a inserção dessa nova linguagem no campo de abordagem do fazer história, como fonte documental ou como recurso a ser operacionalizado em sala de aula, paralela a sua utilização e quase na mesma proporção, tem emergido nas últimas décadas trabalhos que apontam para as dificuldades com o seu uso, bem como os que apontam caminhos teórico-metodológicos. Nesse sentido, longe de tratar a iconografia como uma ilustração do texto histórico, algumas indagações são postas ao historiador: como tratar a imagem como fonte para estudar o passado na história? Deve-se perguntar acerca de sua “confiabilidade”? Como ler a imagem? Atentando para essas questões, esta apresentação pretende além de uma problematização metodológica acerca do uso da iconografia, apontar algumas possibilidades de trabalho com as gravuras (xilografuras e outros) que aparecem nas capas de cordéis, especificamente, voltando-se para as imagens do diabo. Seguindo esse exercício interrogativo, é salutar pensar sobre que tipos de relações se estabeleciam entre os leitores de cordéis e o universo assombroso, principalmente, da primeira metade do século. Articulado ao tema, pensar como os homens ordinários transitavam pelos espaços do sagrado e do profano, num

período em que seja pelo medo e/ou pela sedução exercida pelo diabo, as relações com essa entidade do mal, ainda assim, tornaram-se tão estreitas? Pois, alguns cordéis são emblemáticos em mostrar que o envolvimento do demônio na vida cotidiana não se restringia ao âmbito da luta pela condenação de suas presas ao inferno, mas também acerca de inúmeros outros aspectos.

SOLIDÃO E ÉTICA DA RESPONSABILIDADE EM GRACILIANO RAMOS

Carlos Alberto Alves de Souza
Alarcon Agra do Ó

RESUMO:

É comum a localização do egoísmo, da mente doentia, da negação do mundo, ausência do outro nas análises feitas ao romance *Angústia*. É sintomático o protesto de Silva, por exemplo, em sua dissertação, quando afirma que a ética é preocupação quase ausente em *Angústia*. É estranha a afirmação já que em *Angústia* a ética diante o rosto do outro é tema importante. A solidão de Luis da Silva, como daquele homem que tinha a cara triste, é descrita de forma real e denunciadora. Não podemos imaginar que a ética não tenha sido tratada no romance só porque a solidão seja tratada, só porque, apenas a solidão esteja ligada a ontologia. A questão da solidão aparece tratada no romance quase exclusivamente do ponto de vista ético e ontológico, o ser é indagado por questões da existência, mas o outro também o é. É a relação da solidão e ética na obra romanesca do Graciliano Ramos, que temos como problema de dissertação. Entretanto, aqui nesse texto lideramos com a tese acima citada apenas no romance *Angústia*, deslocando a idéia de um ser ontológico, egoístico, resultado ou efeito de uma modernidade tardia, para um ser ético; por excelência ontológico, mas sobretudo ético. Para tanto a coleção *Fortuna Crítica* me apresentou algumas pistas, assim como os conceitos do filósofo Lévinas.

**ÂNGULOS DE GÊNERO E HISTÓRIA: LEITURAS DE RETRATOS NA
REVISTA “ERA NOVA” (1920)**

Alômia Abrantes

RESUMO:

Compartilhar os caminhos e desafios experimentados no curso de uma pesquisa que envolve história, gênero e imagem, constitui o objetivo maior desta proposta. No caso, recorta-se um olhar sobre o uso de fotografias pela imprensa no início do século XX, como prática de invenção de corpos, enquanto textualidades que inscrevem modos de ser e fazer-se ver. Trata-se, pois, de exercício de leitura de um material híbrido, que agrega a linguagem fotográfica à do meio impresso, analisando a elaboração de imagens corporais generificadas, duplamente inscritas: através de um artifício de instituição de uma memória e de outro artifício de publicização de si, bem como de um dado lugar social, atravessado por códigos estéticos. No caso, olha-se mais especificamente para os retratos de homens e mulheres publicados na revista “Era Nova” - periódico literário e noticioso que circulou na Paraíba nos anos 1920, procurando identificar e problematizar os signos visuais que (re)criam lugares de gênero, num contexto enunciador de mudanças e novas exigências para o masculino e o feminino. Isso, partindo-se da perspectiva de que a fotografia, como afirma André Rouillé, não toma o lugar de algo externo, mas, “construída do início ao fim, ela fabrica e produz mundos”. Com tal proposta, atrelada a um Projeto de Pesquisa que abriga a prática da Iniciação Científica (CNPq/UEPB), busca-se experimentar e contribuir com uma maior sensibilização do olhar para a leitura de imagens nas lidas com a pesquisa e o ensino de história, tomados aqui enquanto práticas indissociáveis. De tal modo, considera-se a necessidade premente de discussões que estabeleçam a interação entre a produção e o ensino do conhecimento histórico e dos estudos de gênero, através dos códigos imagéticos de diferentes materiais e linguagens. Uma proposta que, aproxima-se do escopo teórico e metodológico da História Cultural, procurando estreitar diálogos com áreas como a Antropologia Visual e a Comunicação Social.

A TRAMA DAS IMAGENS ESCRITURÍSTICAS PARA A HEROIFICAÇÃO DE UM CAMPONÊS

Roberto Silva Muniz (UFCG)

RESUMO:

Essa comunicação abordar as estratégias da política das imagens escriturísticas elaboradas pela imprensa paraibana e, sobretudo pelo “Jornal A União” logo após o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira no ano de 1962 na Paraíba. As matérias dos Jornais da imprensa paraibana ao colonizar o corpo do morto acabam construindo sobre o seu corpo uma transito de palavras que juntas formam uma imagem de heroísmo para morto fazendo dele um corpo desejante que é escrito como uma forma de mostrar ou mesmo construir caminhos de chegada para outra sociedade e a ser alcançada por meio de uma revolução ou mesmo de uma reforma política. As várias escrituras que contorna o corpo de João Pedro Teixeira são produzidas por uma estratégia política que da forma e sentido para ele, sendo que as diversas formas de se escrever sobre o corpo do morto não constrói diversas rostidades para ele e sim os diversos discursos que o enunciam forjam a imagem do herói camponês que é construída para ser símbolo e mártir de uma luta, como um ponto de referencia na memória e na história das Ligas Camponesas. Dessa maneira uma memória de heroísmo é elaborada para que os outros os vejam como o camponês exemplar tido como homem pobre e humilde que colocou a sua própria vida como forma de chegar a uma sociedade tida como mais justa e igualitária e em função dessa estratégia política o morto ressurgue como uma vida e continuação a anterior por meio de palavras que juntas formam a uma imagem escriturísticas de um herói camponês. O termo imagem escriturísticas é uma derivação dos estudos de Michel de Certeau que construiu a ideia de “economia escriturística” para estudar as diversas formas de educação do corpo do outro por aparelho escriturísticos que constrói diversas formas de subjetividade que toma a própria carne do corpo como lugar de inscrição. Pensar o conjunto de matérias da imprensa paraibana como produtor de uma imagem de um herói camponês e concebê-la como uma imagem escriturística e, sobretudo colocá-las é entendê-las como parte produtora de uma subjetividade que começa a ser construída para o outro como forma de ser assimilada de imediato sem questionamentos prévios sendo produzidas para que os outros que se inscrevessem com as estratégias da escrita sobre o corpo de João Pedro Teixeira que construíam caminhos e atalhos de chegada à outra sociedade.

UMA HISTÓRIA CULTURAL DA HOMOFOBIA: INTERMIOSES E SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS

Elisa Mariana Medeiros Nóbrega (UEPB)

RESUMO:

Os Estudos Culturais inauguraram na contemporaneidade novos procedimentos de suas práticas epistemológicas orientadas por dois grandes eixos reflexivos: as representações culturais e a promoção da cidadania. Estas comunicação se insere dentro desse campo de problematização, objetivando cartografar os campos de possibilidade histórica das representações culturais tecidas em torno das práticas homofóbicas, enfatizando os discursos de violência e de opressão, presentes na produção literária e musical do século XIX e do século XX, produzidas por autores e compositores brasileiros. O exercício da compreensão histórica, relativa às práticas de homofobia, está em consonância com os estudos sobre a promoção da cidadania e do direito a alteridade. Nesse sentido, o intuito dessa pesquisa pretende relacionar como as representações simbólicas sobre a homofobia, se ressignificam em diferentes historicidades, a partir da luta pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais (GLBT). A metodologia utilizada está inserida nos estudos de História Cultural, destacando autores como Michel de Certeau, Stuart Hall, Joel Birman, Judith Butler, Roger Chartier, entre outros.

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA FLORENÇA DO SÉCULO XV: UMA LEITURA DE BOTTICELLI

Lauricéia Galdino dos Santos (UFCG)
Marinalva Vilar de Lima (UFCG)

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar as obras Primavera e O Nascimento de Vênus do pintor renascentista Sandro Botticelli, tendo com intuito perceber as mudanças de concepção não apenas em relação à composição das obras, mas, sobretudo, às novas maneiras de representação da mulher. Botticelli (1445-1510) apresenta assim um conjunto artístico que trata com uma nova amplitude os temas profanos, com destaque para a mitologia pagã. Trata-se de um dos pintores mais notáveis da segunda metade do século XV, que viveu de forma

vibrante a aparição do humanismo na corte de Lorenzo de Médici. Nas obras aqui recortadas percebemos uma Vênus carregada de simbolismo, pois no ambiente neo-platônico dos Médici, ao qual Botticelli pertenceu, Vênus representa o humanismo, a harmonia, a beleza ideal. A Primavera, por exemplo, é uma composição alegórica povoada por figuras principalmente femininas: Vênus, Flora, Natura, Primavera, as três Graças, além de Cupido e Zéfiro. Os nus femininos são belíssimos. Os corpos, cobertos por véus transparentes, estão enfeitados por cabelos dourados, uma valorização do corpo que se contrapõe às representações de outras pinturas da mesma época – de Da Vinci, por exemplo – nas quais mulheres aparecem com o corpo coberto. Nosso trabalho realiza uma análise em que tenta aproximar essas representações com a concepção feminina do século XV.

EDUCAÇÃO PARA ABOLIÇÃO: CHARGES E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO SEGUNDO REINADO DO BRASIL

Thiago Vasconcellos Modenesi
Edilson Fernandes De Souza

RESUMO:

O Brasil foi um dos países onde a prática da escravidão foi longa e sua abolição um processo de lutas e conquistas graduais. A formação da corrente abolicionista atraiu parte da elite da época que se reunia nos cafés e era influenciada pelas opiniões que chegavam da Europa, mas, além desses, uma parcela do povo menos letrado e sem oportunidade de acesso a escola acabou sendo ganha pelas críticas ao Imperador e ao regime vigente, isso foi possível através das charges que eram publicadas nas revistas que circularam no país no século XIX. Logo, nosso trabalho estuda as charges publicadas na imprensa brasileira que circulava no Segundo Reinado do Império do Brasil (1840-1889). Essa fonte encontra-se arquivada no Senado Federal Brasileiro e, ao debruçarmos sobre os seus enunciados, pretendemos desenvolver uma narrativa a partir na perspectiva da civilização e educação. Buscamos, portanto, responder a seguinte pergunta: como as charges deram acesso ao ideário abolicionista a parcelas menos letradas ou não-letradas da sociedade brasileira no Segundo Reinado do Império. Para tanto, faço um levantamento através de estudo de 14 exemplares da Revista Ilustrada, analisando o material ali contido, além de dados sobre a sua circulação. O corpus documental será utilizado para entender e relacionar as charges com certas minúcias daquele

tempo, respondendo às questões levantadas na investigação sobre a influência desse material como instrumento educacional não oficial e informal. A análise interpretativa será realizada a partir da teoria elisiana, sob a qual repousa a idéia de processo civilizacional. A teoria de Norbert Elias nos ajudará a entender a gradual perda de poder da configuração da monarquia, bem como sua relação com as configurações escravocratas e abolicionistas. Entre os diversos desenhistas em vários estados do país, tem relevância Ângelo Agostini, cujo material circulava em São Paulo e na capital federal, o Rio de Janeiro. As charges podem ser consideradas como fonte a ser utilizada para um melhor entendimento do período em questão, bem como para o estudo da influência das mesmas sobre certa parte da configuração imperial. Nossa pesquisa objetiva tratar a educação como algo que não se encerra na relação cotidiana entre docentes e discentes, assim como evidenciar seu caráter transformador, no que concerne à capacidade de, gradativamente, exercer influência, através de fontes alternativas como charges, sobre a opinião daqueles que eram a parte outsider do sistema oficial de ensino e da configuração de maior poder do Império.

MAPAS CONCEITUAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ESTRATÉGICA NA SALA DE AULA E UM INSTRUMENTO DE PESQUISA

Carla Karinne Santana Oliveira

RESUMO:

Os mapas conceituais são instrumentos que possibilitam a organização das idéias a partir da relação significativa que estabelece entre conceitos, permitindo assim uma radiografia conceitual de determinado conhecimento. Neste trabalho, realizamos uma reflexão sobre os mapas conceituais, apresentando-os tanto como uma estratégia de ensino e aprendizagem que pode ser relevante no desenvolvimento das aulas de história, quanto como um recurso de coleta de dados que pode ser utilizado nas pesquisas em ensino de história. Para tanto, fazemos preliminarmente uma discussão sobre as definições de conceito, partindo de como os dicionários definem o termo, como Aurélio e Houaiss. Em seguida, passamos pelo debate entre os psicólogos cognitivistas com destaque para Cesar Cool (2000) e sua ampla percepção do conteúdo escolar que inclui não somente os conteúdos conceituais, mas também os conteúdos procedimentais e atitudinais. Para Cool (2000), é necessário perceber a inter-relação entre esses três tipos de conteúdos no cotidiano escolar, pois os conceitos, os procedimentos e as atitudes não devem ser

abordados distintamente, e sim conjuntamente. Além disso, trazemos o debate sobre os conceitos para a teoria da história. A maioria dos autores que refletem sobre a natureza da história discute conseqüentemente sobre os conceitos, apresentando de acordo com sua visão de história sua concepção sobre os conceitos históricos. Como exemplo, apresentamos 4 grandes historiadores os alemães: Jörn Rüsen(2007) e Reinhart Koselleck (2006) e os franceses Paul Veyne (1992) e Antoine Prost (2008). Cada um possui sua própria visão de história, pertencem a específicas tradições historiográficas e exprimem sua percepção sobre os conceitos históricos. Por meio dessa reflexão teórica sobre os conceitos podemos melhor compreender o item básico que constituem os mapas conceituais. Além dos conceitos, os mapas possuem outro recurso fundamental que são os elementos conectores que estabelecem relação entre os conceitos constituindo o que podemos denominar de tese, que é uma afirmação básica, uma idéia-chave. Por fim, apresentaremos exemplos de mapas conceituais mostrando como podem ser usados nas aulas de história, bem como demonstrando as formas que foram usados em pesquisas no ensino de história.

RPG E EDUCAÇÃO: “UMA PROPOSTA LÚDICA E EFICAZ NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO”

Alvaro Carvalho Dias da Silva (FIP)

RESUMO:

O contexto educativo brasileiro, mesmo com mudanças nos últimos anos, encontra-se num limbo reflexivo auto-questionador de suas práticas pedagógicas. Sendo o Ensino de História um dos maiores prejudicados graças à crise instaurada no seio da educação desde sua infância. As “chatices” escolares continuam a impregnar nas entranhas da luta por uma educação de qualidade, onde, os verdadeiros “profissionais de sala de aula”, os responsáveis pela educação formal direta, raramente participam do processo inovador das leis educacionais, a não ser claro, quando são obrigados a engolir e fazer engolir o que é imposto pelas autoridades competentes. Tentando despertar o prazer de ler através do Ensino de História, busquei inserir o Role-playing Game (RPG) ou “Jogo de interpretar Personagens” em sala de aula, onde, através da produção de material didático – livros jogos – baseado no RPG, o aluno de forma inocente acaba entrando no mundo da leitura através dessa ferramenta, fazendo com que o professor aproxime-se do aluno através da arte de contar histórias, desmistificando assim o dilema em sala de aula

opressor/oprimido. Educar é um ato de bravura e coragem, pois requer paciência e altruísmo diante da dura realidade em que vivem os professores, da carência de ferramentas, de apoio e de estímulo. A proposta visa resgatar o prazer de ler e estudar por meio de uma ferramenta ao mesmo tempo lúdica e cultural, onde esta não requer meios tecnológicos sofisticados, apenas criatividade e imaginação.

FILOSOFIA, ESTÉTICA E ÉTICA

Auricélia Lopes Pereira (UEPB)

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo discutir a relação entre Filosofia, Ensino e História. Nossa preocupação é pensar os planos de imanência a partir dos quais o ensino, a história e a Filosofia produziam sentidos no mundo antigo helenístico e os deslizamentos que esses sentidos sofrem na história. No mundo helenístico o ensino, assim como a Filosofia, está para um saber-viver. Se a História aí se inscreve para enfatizar uma virtude, ensinar algo que deve vir a servir na conduta da vida, a Filosofia não caminha de modo diferente: esta vem para tornar as verdades inscrições de vidas. O ensino da filosofia não se separa de um ensinar e de um aprender a viver. A filosofia está, mais do que a História, ligada à ética, à produção de um êthos, de um modo de ser e de viver. O ensino filosófico deve formar o sábio, que se diferencia dos demais não pelo que conhece, mas como se faz conhecer: pela sua estética da existência. Estética que se instaura na vida a partir da virtude que deve fundamentar todas as virtudes: a enkratéia, essa dobra de força que se dobra e dobra a vida. O ensino da filosofia passa, portanto, por densas reflexões sobre a forma como se vive e, principalmente, como se deve viver a vida. A vida torna-se, assim como o sujeito, uma obra de arte. O sujeito aprende para construir sua autarquia, sua autonomia com relação a toda exterioridade, mas também com relação a si mesmo. O saber vem para libertar o sujeito da stultitia, dessa camada humana marcada pela mundanidade, pela instabilidade, pela fugacidade e pela fraqueza diante das adversidades. O saber não está a serviço dos sistemas de pensamento, mas do homem e de sua felicidade. Essas questões sobre o ensino de Filosofia no mundo antigo foram agenciadas por Michel Foucault a partir de suas discussões sobre subjetividade. São imagens, figuras do saber que parecem não ter nenhuma relação com o ensino de História ou com a concepção de saber e de ensino na contemporaneidade. No entanto, é possível através das imagens de filósofos antigos pensar o lugar que damos ao saber no mundo

contemporâneo? Este trabalho tem como preocupação enfrentar essa pergunta. Onde, por que, em que momento o saber se separou do êthos, de um aprender a viver e a ser no mundo e na existência? Como a História se inscreve nessa concepção de saber da Antiguidade? E, principalmente, como a História e o ensino de forma geral podem dialogar com os paradigmas helenísticos e reinventar suas formas, suas verdades e sua própria concepção de saber?

PROLEGÔMENOS DE UM OLHAR: REFLEXÕES SOBRE AS ARTES VISUAIS FIGURATIVAS PELA HISTORIOGRAFIA

Carlos Adriano Ferreira de Lima (UEPB)

RESUMO:

Nossa proposta de trabalho vem na perspectiva de apresentar uma breve síntese das principais teorias e práticas que possam auxiliar o profissional de história no diálogo com as fontes visuais, em especial, as pinturas figurativas. Além disso, dedicaremos especial atenção aos historiadores que estabelecem diálogo com a relação história e arte cuja bibliográfica seja possível consultar pela maior parte dos pesquisadores. Para tanto, mapeamos algumas das possibilidades teórico-metodológicas de leitura das obras de arte e apresentamos estudos de casos. Consideramos que os autores com os quais estabelecemos diálogo, formam para nossa abordagem uma espécie de tríptico: assim como o modelo da pintura baseado em três partes as reflexões sobre as pinturas possuem, ao nosso olhar, três elementos – Técnica, Historiografia e Teoria da arte – que confluem para o meio (historiografia) com suas duas laterais móveis (Técnica e Teoria da arte). Para que a interpretação histórica possua essa unidade com outros saberes, faz-se necessário apresentar as três partes e conhecer a análise técnica, ou melhor, a noção dos pressupostos técnicos e o conhecimento/reconhecimento das possibilidades interpretativas sobre a luz da semiótica, hermenêutica e sociologia. Acreditamos que, dessa forma, construímos uma leitura da obra de arte que ultrapassa a mera ilustração, descrição simplista e outras modalidades de escrita relacionada com imagens. Dentre os historiadores, em nosso levantamento preliminar, verificamos trabalhos de Ernest Gombrich, Peter Burke, Michael Baxandall, Fernando Braudel, Enrico Castelnuevo e Svetlana Alpers que possuem leituras históricas sobre a arte que confluem com nossa proposta nesse trabalho e por esse motivo, figuram em nossos comentários. Acreditamos que o presente trabalho possa contribuir para a produção de análises, seja no formato de textos ou na elaboração de aulas e, com

isso, construir leituras históricas que auxiliem nas formas de olhar e perceber o mundo e as artes.

ENSINO DE HISTÓRIA: PARADIGMAS DA HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Maria Lucinete Fortunato (UFCG)
Janice Correa da Silva (UFCG)

RESUMO:

Este trabalho discute as implicações políticas e epistemológicas que envolvem a relação entre historiografia e ensino de história na nossa contemporaneidade. Partiremos do princípio de que desde sua instituição disciplinar os saberes históricos foram se modificando e, conseqüentemente, proporcionando mudanças no ensino de História. Mudanças que reelaboram não apenas as práticas historiográficas em termos epistemológicos, mas, também as práticas didático-pedagógicas veiculadas na educação escolar. De acordo com essa compreensão, discutiremos as contribuições que o positivismo, o marxismo e a chamada Nova História têm dado para a constituição de metodologias de ensino no Brasil. O nosso objetivo é problematizar as concepções historiográficas que perpassam a produção do conhecimento histórico, o ensino de História e a educação escolar, tendo como parâmetro analítico a inferência das teorias do ensino de história, nas políticas públicas de educação e na educação escolar e priorizando a nossa contemporaneidade. A partir da década de 1990, registrou-se, no Brasil, um conjunto de discussões curriculares que redundou na elaboração e divulgação, pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), os quais se constituíram como referência para que Estados e Municípios promovessem debates e reformulações em seus programas de ensino. As contribuições oriundas da chamada “Nova História” e a sua inferência na efetivação da proposta dos PCNs embora tenham sido bastante discutidas nos últimos anos, sobretudo no que diz respeito a ampliação dos objetos, aos enfoques disponíveis para os historiadores através das novas linguagens utilizadas no ensino, aos problemas que se apresentam no que diz respeito as atividades didático-pedagógica e à relação teoria-prática na produção do conhecimento e na educação escolar se constituem como um campo fértil de debate, uma vez que nos permite

vislumbrar articulações discursivas entre as expectativas de aprendizagem em História e as marcas identitárias que o ensino de história potencializa.

A TEORIA DA ATIVIDADE E O ENSINO DE HISTÓRIA: A PRÁTICA DOCENTE EM EVIDÊNCIA

Maria da Paz Cavalcante (UFRN)

RESUMO:

Neste trabalho, discute-se uma parte da produção de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ele trata sobre a Teoria da Atividade e sua contribuição na prática docente de uma professora que leciona História nos anos finais do Ensino Fundamental. Foi realizado numa escola pública do Estado do Rio Grande do Norte e seu objetivo é refletir sobre a apropriação de aspectos da Teoria da Atividade de Alexei Nicolaievich Leontiev, por essa professora, e a contribuição dessa abordagem teórica para o aprimoramento de sua prática docente. Optou-se pela abordagem colaborativa como estratégia formativa e empregou-se como procedimento para a formação do saber os Ciclos de Estudos Reflexivos. Nesses ciclos, desenvolvidos em três etapas, ocorreu na primeira à sondagem das necessidades formativas da professora, na segunda, a apropriação de novos pressupostos teóricos e na terceira, a reelaboração de conteúdos de aprendizagem. Eles ocorreram mediante a comunicação e a colaboração estabelecidas entre as partícipes (professora de História e pesquisadora), de modo a se configurar como uma forma de intervenção no processo formativo dessa docente, visando a uma alternativa de mudança quanto ao seu saber-fazer em sala de aula. Nos estudos de fundamentação teórica, realizada nesses ciclos, sobre a Teoria da Atividade numa relação com o ensino de História, a professora demonstrou uma apropriação dessa teoria, soube relacioná-la à sua prática e entender a importância desse aporte teórico para o aperfeiçoamento do processo de ensino e de aprendizagem da História escolar. Como necessidades de novas reflexões, a investigação recomenda, principalmente, a organização de atividades de ensino, fundamentada nessa teoria, que possibilite a docente aperfeiçoar o processo de ensino e de aprendizagem favorecendo ao aluno a sua formação integral.

**HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: COMPARATIVO DAS PRINCIPAIS
TESES EM COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA
APROVADOS NO PNLD – 2008**

MAX WILLES DE ALMEIDA AZEVEDO (UFS)

Este trabalho tem como objetivo principal fazer um levantamento das principais teses referentes a História do Tempo Presente encontradas em coleções de livros didáticos de História aprovados no Programa Nacional do Livro Didático – 2008. As coleções utilizadas são de História Intercalada intitulada “História e Vida Integrada”, História Convencional intitulada “Descobrimos a História” e História Integrada coleção intitulada Das cavernas ao terceiro milênio. Nosso objeto se justifica por ser um instrumento básico usado para o conhecimento histórico dentro das salas de aula, pois transmite conhecimento para os alunos e é também usado para a pesquisa, como um importante elemento dentro da temática Ensino de História. A partir disso, a metodologia usada é o levantamento dos conceitos para o desenvolvimento de mapas conceituais, sustentada num referencial teórico que tem como as definições de conteúdo conceitual de base César Cool (2000), de conceito de Eysenck e Keane (2007) e de conceito histórico e substantivo de Peter Lee (2005). Com isso, é possível detectar as principais semelhanças e diferenças entre livros didáticos de História Integrada, Intercalada e Convencional.

**SOLIDÃO E ÉTICA DA RESPONSABILIDADE EM GRACILIANO
RAMOS**

Carlos Alberto Alves de Souza
Alarcon Agra do Ó

RESUMO:

É comum a localização do egoísmo, da mente doentia, da negação do mundo, ausência do outro nas análises feitas ao romance Angústia. É sintomático o protesto de Silva, por exemplo, em sua dissertação, quando afirma que a ética é preocupação quase ausente em Angústia. É estranha a afirmação já que em Angústia a ética diante o rosto do outro é tema importante. A solidão de Luis da Silva, como daquele homem que tinha a cara triste, é descrita de forma real e denunciadora. Não podemos imaginar que a ética não tenha sido tratada no romance só porque a solidão seja tratada, só porque, apenas a solidão esteja ligada

a ontologia. A questão da solidão aparece tratada no romance quase exclusivamente do ponto de vista ético e ontológico, o ser é indagado por questões da existência, mas o outro também o é. É a relação da solidão e ética na obra romanesca do Graciliano Ramos, que temos como problema de dissertação. Entretanto, aqui nesse texto lideramos com a tese acima citada apenas no romance *Ângústia*, deslocando a idéia de um ser ontológico, egoístico, resultado ou efeito de uma modernidade tardia, para um ser ético; por excelência ontológico, mas sobretudo ético. Para tanto a coleção *Fortuna Crítica* me apresentou algumas pistas, assim como os conceitos do filósofo Lévinas.

AS CONDIÇÕES DA QUESTÃO: A AMIZADE NAS NARRATIVAS DE CLARICE LISPECTOR

Alexandre Castro de Farias (UFCG)
Alarcon Agra do Ó (UFCG)

RESUMO:

Este trabalho é dedicado ao tema da ética e da amizade tal como se apresenta na obra de Clarice Lispector.. Da comunidade impossível dos laços de família à hospitalidade de que A hora da estrela é a abertura e o interminável acolhimento, é toda uma ética da palavra que encontra na linguagem de Clarice Lispector o seu possível recomeço. Trata-se, pois, de questioná-la na ausência pela qual a obra e a amizade se comunicam e se excluem, neste instante em que ela se abre para nós que estamos diante dela e solicitados a responder por ela. Por esse pensamento que será, sem dúvida, mais do que a imagem da amizade, o seu outro giro, aquele espaço pelo qual ela se articula à obra e, além dela mesma, aquilo para o qual toda a linguagem de Clarice Lispector se dirige, o que ela diz, mas também aquém dela mesma, aquilo a partir de que ela fala, como a sua condição primeira e o limite último no qual se afirma e se prepara, talvez, o sim à vinda do outro que lhe vem. Ali onde a amizade então não existirá mais como uma boa vontade do pensamento que se exerce aí em sua decisão premeditada, nesse espaço em que se poderá ver como os signos da amizade são inseparáveis da força de um rosto (A hora da estrela), da textura e da dor de um encontro que já é em si separação (Laços de família), da angústia de uma perda (a terceira perna perdida no começo de A paixão segundo G.H.), mas em relação às zonas obscuras em que ele é elaborado, onde as forças efetivas agem sobre ele, onde as determinações do que lhe acontece força-o a procurar o sentido daquilo que encontrou, em suma, aí onde ele encontra

sua própria impossibilidade e faz a experiência de seu próprio fim por suas formas extremas de linguagem e da palavra ética que se torna a morada e o cume de tal pensamento.

PÔSTERES

COTIDIANO E SENSIBILIDADES NA VÁRZEA DO PARAÍBA NA OBRA MENINO DE ENGENHO DE JOSÉ LINS DO REGO

André Luiz Almeida Ouriques
Gervácio Batista Aranha

RESUMO:

O presente estudo visa discutir, num âmbito mais geral, as relações entre história e literatura a partir dos usos da obra literária como fonte para uma historiografia pautada em elaborar eixos entre cultura e sociedade. Em uma dimensão mais específica, busca-se entender o modo como o escritor e agente social José Lins do Rego Cavalcanti representou em sua obra *Menino de engenho*, de 1932, diversos aspectos da cultura vivenciada na várzea do Paraíba, no período correspondente ao início do século XX até a segunda década do mesmo, período este em que se observa uma série de transformações culturais na história do Brasil. Partindo da noção de que a literatura nos fornece uma série de vestígios e rastros do passado, de modo que podemos fazer uma busca das múltiplas relações estabelecidas entre os indivíduos em um dado tempo histórico, pretendo compreender aqui as maneiras como os sujeitos históricos que vivenciaram na várzea do Paraíba produziram em relação a este espaço, no seu cotidiano, uma série de sensibilidades que davam a significar simbolicamente os modos de viver, pensar e agir, ou seja, tentando compreender como estes indivíduos imaginavam suas relações afetivas, e o próprio espaço de suas vivências. Entram em pauta, desta feita, discussões a respeito do campo das culturas sensíveis, que versam sobre os sentidos humanos e os modos como os indivíduos o utilizavam simbolicamente para lerem e interpretarem os espaços ao seu redor. Neste sentido, visa-se estudar o modo com o escritor José Lins do Rego elaborou a sua escrita e fez uma leitura sobre esta experiência vivida, oferecendo-a ao leitor de sua obra uma possibilidade de tentar compreender este mundo, ao mesmo tempo em que abre portas pra entender o seu próprio. Portanto, o que se almejou neste trabalho foi construir uma visão historiográfica comprometida com a elaboração de caminhos entre o mundo do vivido e o

universo artístico, entretanto, dando prioridade a um tipo de escrita que representou as questões sensíveis, mesmo que indiretamente, compreendendo a cultura dos engenhos como um espaço onde se pode produzir uma miscelânea de sentimentos, conferindo desta forma, uma variedade de comportamentos para os tipos distintos de sujeitos históricos ali praticantes de seus atos e gestos. Abordar, deste modo, o cotidiano da várzea do Paraíba à luz da literatura de José Lins do Rego, é uma tentativa de compreender que os sujeitos históricos daquele espaço possuem sentimento, e que eles se constituem historicamente.

UMA LEGISLAÇÃO PARA A NATAL MODERNA: UM ESTUDO SOBRE AS RESOLUÇÕES MUNICIPAIS (1890-1930)

Douglas Albert de Souza Lima
Raimundo Nonato Araújo da Rocha

RESUMO:

O presente trabalho é fruto de um projeto denominado “A institucionalização da gestão urbana: levantamento documental e análise das resoluções do Conselho da Intendência Municipal de Natal (1890-1930), - UFRN”. O mesmo consiste na reunião e análise das Resoluções do Conselho da Intendência Municipal de Natal, publicadas a partir de 1892 – dois anos após a fundação da Intendência (1890) – até sua dissolução, em 1930. As Resoluções foram implantadas num processo gradativo de aperfeiçoamento da burocracia da Intendência e vigoraram até a “Revolução de 1930”. O período estudado foi uma época de significativa intervenção dos poderes públicos (inclusive municipais, que nos interessa destacar aqui) no espaço público de Natal, incluindo duas iniciativas que assinalam o início e o término desse período: a construção da Cidade Nova (1900), que formaria posteriormente os bairros de Petrópolis e Tirol e o Plano Palumbo (1929), um plano de remodelamento da cidade, a partir dos critérios de circulação, higiene e embelezamento. As Resoluções do Conselho da Intendência Municipal são instrumentos legais, direcionadores dessas ações e intervenções do Estado sobre o espaço urbano, elas versam sobre a gestão do espaço, a higiene, os serviços públicos, a cobrança de tributos, a ordem pública, os impostos etc. São o instrumento da administração municipal para normatizar e gerir o espaço. Para se chegar aos resultados foi-se necessário trabalhar dentro do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte, onde se encontravam as resoluções, no Jornal “a REPÚBLICA”. Por meios desses documentos normativos pode-se acompanhar

aspectos importantes da história administrativa da cidade, como a extensão do poder dos vereadores, o âmbito de sua atuação, as concepções que eles procuram impor sobre usos do espaço, as relações entre gestores e agentes que se encarregam dos serviços públicos como transporte, água, esgotos, energia elétrica etc. e inúmeros outros aspectos fundamentais para se compreender a atuação dos agentes produtores do espaço. Desse modo, cremos que a reunião desses documentos fornecem a história administrativa da cidade de Natal – RN, um material mister para que se busque analisar alguns processos e comportamentos da época, bem como, conhecer de certa forma um pouco da mentalidade de quem os redigia e de quem os encarregava de fazê-los. Todo esse material também se mostra importante para ser utilizado como fonte para ensino da história regional, uma vez que apresenta dados sobre o início da república no Rio Grande do Norte e como se trabalhavam as leis nessa época.

A REPRESENTAÇÃO DA PROFESSORA NA IMPRENSA CAMPINENSE NA DÉCADA DE 1950

Ajanayr Michelly Sobral Santana
Maria do Socorro Cipriano

RESUMO:

O presente estudo analisa a representação da mulher professora na imprensa, na sociedade campinense na década de 1950, tendo como principal protagonista a professora Sevy Nunes e outras educadoras, enfocando, principalmente, suas práticas educacionais e literárias. Sevy Nunes é conhecida no jornalismo da cidade como um importante nome do colunismo social. Nesse sentido, o que propomos, neste estudo, é conhecer um pouco da vida dessa professora/ escritora, através de uma pesquisa biográfica, permitir, não apenas analisar e compreender a educação de uma época, mas também resgatar a presença feminina no discurso de letrados e intelectuais, através das imagens e dos discursos que apareciam na imprensa. Quem escrevia sobre elas? Como as mulheres professoras eram representadas e o que se dizia sobre elas? Qual a imagem era representada na imprensa? Assim, perceber os limites e as possibilidades que nortearam a vida de mulheres comuns, e quais os caminhos e os recursos percorridos por elas, que as projetaram no ambiente sócio-político naquela época, frente às diversidades de uma cidade que ainda vivenciava transformações sociais, políticas e culturais. Para tanto, utilizaremos como fonte de análise os jornais que circularam em Campina Grande

na década de 1950, a exemplo dos semanários O Momento (1950-51), O Rebate (1950) e Evolução (1958-59) (órgãos da imprensa oficial campinense), e demais documentos arquivados no Museu Histórico de Campina Grande, além de teses e dissertações.

O USO DA MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

Paulo Rikardo Pereira Fonseca da Cunha
Maria Inês S. Stamatto

RESUMO:

Este trabalho pretende analisar como a música pode se tornar um instrumento importante na prática docente do profissional de história. Já que essa expressão artística, assim como toda atividade criadora, revela os sentimentos e as visões de mundo dos homens de uma determinada época. A música trabalhada como fonte histórica pode nos revelar muito sobre o período que a concebeu, por isso seu uso na sala de aula como documento (letra e melodia), algo produzido por determinado grupo ou indivíduo, que se insere numa determinada época, auxilia o professor e os alunos na produção do conhecimento histórico. Os discentes são vistos aqui como seres autônomos, capazes de produzir seu próprio conhecimento, e não apenas como receptáculos de informações. Ensinar história é muito mais do que discorrer sobre fatos e datas, mas sim dá subsídios para que o aluno participe do produzir história. Esse trabalho teve sua gestação nas discussões empreendidas nas disciplinas de Estágio Supervisionado em História da UFRN, ministradas pela professora doutora Maria Inês S. Stamatto, nas quais produzimos um projeto de pesquisa intitulado “O uso da música no ensino de história” e o aplicamos em uma turma de 9º ano do ensino fundamental, numa escola da periferia de Natal. Os discentes foram levados a trabalharem as músicas como documentos históricos e a partir delas pensarem a sociedade que as produziu. Este trabalho dialoga com a questão da teoria e da prática no ensino de história, dois universos inseparáveis no exercício docente.

**MADAME SATÃ: UMA ANÁLISE FÍLMICA SOBRE A
HOMOAFETIVIDADE E HOMOFOBIA**

Ricardo Marcelo da Costa
Elisa Mariano Nóbrega

RESUMO:

A Nova História Cultural inaugura uma nova fase na historiografia do século XX. Ao privilegiar os aspectos culturais da sociedade e manter uma noção ampla do documento como fonte histórica, permite uma grande diversidade de possibilidades de pesquisa. Essa vertente historiográfica é caracterizada pelo diálogo com outras disciplinas das ciências humanas, através da apropriação de alguns conceitos. Um conceito chave da Nova História Cultural é o de representação, entendido como uma produção de sentidos que não apenas procura reproduzir uma realidade, mas também institui e legitima o real. Outro conceito importante é o imaginário, que se trata de um sistema coerente de representações coletivas. Essa nova historiografia em detrimento de uma história política do Estado que enfatizava a atuação de governantes e heróis em sua narrativa, busca agora dar voz a personagens marginais antes silenciados e excluídos da história. A luta pelos direitos civis por grupos minoritários durante os anos 1960, entre eles o movimento feminista, o movimento negro e o movimento gay, se fizeram ecoar nas academias, sendo utilizados como objeto e campo de estudo. Na contemporaneidade os estudos queer tem se mostrado relevantes para a discussão no seio do grupo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), por renegar o binarismo heterossexualidade/homossexualidade, e entender a orientação sexual como construída sócio-culturalmente, não havendo uma essencialidade na identidade sexual como afirma a biologia. Ao utilizar esses pressupostos teóricos objetivamos fazer uma análise das relações homoafetivas e homofóbicas no filme MADAME SATÃ(2002), evidenciando não apenas a representação do personagem homônimo, mas também sua figura histórica (João Francisco dos Santos). Este se apresenta como um ícone da vida noturna no Rio de Janeiro dos anos 1930, mas carregava a marca da marginalidade por ser analfabeto, negro e homossexual. Este ensaio se inclui na linha de pesquisa do projeto História, Mídia e identidade: A homofobia e o homoerotismo na tv e no cinema brasileiros (1960-2008) sob a orientação da professora Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega.

O PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA

Ágda Priscila Da Silva
Professora Doutora Fátima Martins Lopes

RESUMO:

O projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID-MEC-CAPE) surgiu da necessidade de se melhorar os índices de qualidade da educação pública e complementar a formação oferecida aos licenciandos ao proporcionar-lhes a possibilidade de conhecer a realidade do aluno e do ambiente escolar que será/deveria ser o provável campo de atuação de grande maioria após a conclusão do curso. O contato com a realidade por muitas vezes não é oferecido ou é insuficiente nos estágios obrigatórios, o que acarreta o abandono da docência ou o desestímulo de muitos professores recém-formados. Nesse panorama, o PIBID vem ajudar na formação inicial dos futuros professores ao propiciar sua inserção numa comunidade escolar cheia de conflitos e tensões, discutindo as questões de ensino e a importância do professor não só como docente, mas como agente capaz de contribuir na formação dos cidadãos. Este trabalho tem por objetivo propor reflexões acerca da prática do ensino de história na rede pública de educação básica, a partir da experiência desenvolvida pelos discentes do curso de História da UFRN que integram o Subprojeto de História do PIBID. A proposta defendida aqui é a de mudar a corrente visão de que História é uma matéria de pura repetição de datas e fatos, resquícios de um ensino mnemônico. Assim sendo, o Subprojeto, assim como o PIBID como um todo, visa repensar o ensino oferecido, ao pensar novas formas de utilizar os recursos didáticos e a interdisciplinaridade entre as matérias e temas e o uso de eixos temáticos, auxiliando tanto na formação de novos docentes quanto no replanejamento da prática dos que já estão em sala de aula. A reflexão acerca do ensino de história e as atividades desenvolvidas nas turmas de ensino médio da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, situada em Natal/RN e escolhida como campo de atuação do Subprojeto baseiam-se nos pressupostos apresentados nos documentos que regulamentam o ensino no Brasil, como os presentes nos PCNs, no Projeto e no referido Subprojeto do PIBID (História).

DO COMEÇO AO FIM: UMA LEITURA HISTÓRICA DAS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS NO CINEMA CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

Fernando Domingos de Aguiar Júnior
Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

RESUMO:

Uma nova fase é inaugurada na historiografia do século XIX, iniciada e guiada pela História Cultural ou pela Nova História Cultural. Esta que categoricamente privilegia os aspectos culturais sociais e amplia a noção de documento como fonte histórica, apresenta um novo e vasto campo de possibilidades de pesquisas. O diálogo com outras disciplinas das chamadas ciências sociais, por meio da apropriação de alguns conceitos surgem como uma das principais características desta vertente historiográfica. A representação como um conceito chave da Nova História Cultural é percebida como uma produção de sentimentos que não se limita apenas em reproduzir uma realidade, mas simultaneamente busca instituir e legitimar o real. Além deste conceito de representação, há também o imaginário, entendido como um sistema que tem por objeto as representações coletivas que constituem o mosaico coletivo das lembranças. Nessa nova perspectiva que renega o herói e a história produzida pelo homem político, grupos marginais que outrora foram excluídos da produção histórica, são agora resgatados a exemplo dos homossexuais vitimados pelo ódio da homofobia, esses crimes se reproduziram em forma de denuncia e foram absorvidas pela sociedade brasileira que em seguida passou então a reproduzir novas imagens e também construir novas representações das lésbicas, dos gays, dos travestis, dos transexuais e dos bissexuais (GLBT). A minoria ignorada e silenciada foi ao longo do tempo reclamando seu espaço e transformou o gueto em seu lugar social e sua condição ou opção sexual em uma identidade e uma marca defendida com orgulho. O indivíduo outrora marginal, assume a posição de sujeito e protagonista, resultado de um processo de sentimentos e afinidades com a sociedade que converteu os homossexuais em uma questão que não pode mais ser ignorada e nem tão pouco tratada com indiferença, mas que deve ser discutida, compreendida e explicada, entre outros. A partir dessa perspectiva teórica propomos uma análise do filme DO COMEÇO AO FIM (2009), visto por nós como documento/monumento que propõe uma nova representação das relações homo afetivas. Nesse sentido a metodologia utilizada

será a partir dos intertextos teóricos de Chartier, Butler, Green, Foucault, entre outros.

INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA NO MUNDIAL COLÉGIO E CURSO EM NATAL/RN

Aline Cristina da Silva Lima (UFRN)
Crislane Barbosa de Azevedo (UFRN)

RESUMO:

As propostas curriculares para o ensino de história, dentro dos padrões mais atualizados, preocupam-se em analisar os conteúdos por meio da problematização e contextualização das temáticas. Ou seja, uma abordagem que privilegia o mundo cultural do aluno e, portanto, exige do professor um diálogo mínimo com outras áreas do conhecimento. Neste sentido, analisamos uma experiência realizada com os alunos dos 6º anos do Mundial Colégio e Curso, na qual os principais objetivos eram estabelecer métodos de ensino que facilitassem a aprendizagem da “Pré-história” aproximando os alunos de tal conteúdo, e também refletir sobre a importância do trabalho Interdisciplinar no Ensino de História. Para tanto, nos embasamos em teóricos como David Ausubel, Marlí André e Ivani Fazenda. Trabalhamos com a perspectiva da influência mútua entre os alunos e a interdisciplinaridade como fundamentos para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais sólida e significativa. Partimos do pressuposto que cada disciplina possui especificidade e que estas são insuficientes para a compreensão de determinados temas. Deste modo, as mesmas se agrupam coordenadas por uma disciplina “orientadora”, a fim de resolver problemas superiores. A interdisciplinaridade supõe, portanto, articulação voluntária e interesse comum dos profissionais envolvidos para que o resultado final seja favorável aos objetivos propostos. Para tanto, analisamos também o papel dos professores na realização e resultado do projeto. O qual abrangeu as disciplinas de Artes, História, Geografia e Língua Portuguesa. Tendo como temas geradores “A pré-história e o espaço geográfico”, “A linguagem não-verbal” e “As primeiras técnicas de pintura”. O referido projeto foi dividido em três etapas. No primeiro momento os docentes discutiram e realizaram atividades que giravam em torno das temáticas pré-estabelecidas e encaminharam pesquisas de campo sobre os primeiros habitantes do RN; logo em seguida foram feitas releituras de pinturas rupestres e a produção de um livro contendo os conhecimentos adquiridos pelos discentes; por fim

visitamos o sítio arqueológico Xique-xique I em Carnaúba dos Dantas/RN. Quanto à avaliação, foi observada a participação dos alunos na realização das tarefas, a postura de pesquisadores e produtores do conhecimento e a demonstração do avanço quanto aos conhecimentos iniciais. A aplicação desta proposta pedagógica possibilitou um melhor envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, além de aproximar, embora ainda timidamente, as disciplinas e professores envolvidos no processo.

**JORNAL “O MACHADO”: HISTÓRIA E COPA DO MUNDO NA ESCOLA
ESTADUAL JOSÉ FERNANDES MACHADO - NATAL RN**

Andrielly Karolina Duarte Braz (UFRN)
Jeymersson Galvão Araujo (UFRN)
Fátima Martins Lopes (UFRN)

RESUMO:

Este trabalho visa expor um dos primeiros resultados do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) dentro do subprojeto de licenciatura do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tal programa tem como objetivo central a potencialização da formação inicial de professores de História, por meio de ações, experiências metodológicas e práticas inovadoras que ressignifiquem o ensino de História no ensino fundamental e médio. Este objetivo deverá ser alcançado por intermédio de variadas ações previstas e executadas pelos vinte bolsistas; a coordenação do subprojeto e os supervisores estarão direcionando as atividades de modo que estas atendam às especificidades da escola escolhida para a execução das mesmas. O intuito é promover a participação de todos os integrantes desse processo de ensino-aprendizagem, de modo que os alunos desenvolvam um maior interesse pela história, vendo significado dela em sua vida e que, tanto a escola, os professores, assim como os futuros docentes possam refletir e modificar sua ação docente, proporcionando uma integração entre as experiências e estimulando a promoção de uma autonomia pedagógica em função da melhoria do ensino da História. Para tanto, a escola conveniada ao programa é a Escola Estadual José Fernandes Machado, o Machadão, como é comumente conhecido pelos alunos do ensino médio. A primeira intervenção feita na instituição efetuou-se através de um jornal sugerido e produzido pelos próprios bolsistas; O Machado, como foi intitulado, foi pensado como um meio de aproximação entre os pibidianos e os estudantes,

possibilitando diagnóstico para as futuras ações, de modo a atender os objetivos do programa, como o de identificar, analisar e produzir materiais e recursos didáticos inovadores que redimensionem o ensino de História. O Machado buscou aliar a história à atualidade, que no período de sua produção se tratava da Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul. O mesmo contou com três edições que traziam matérias e curiosidades sobre a história dos países adversários da Seleção Brasileira, um modo inicial de começar a mostrar que a história não consiste em nome e datas, ela faz parte das vivências humanas.

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO ANARQUISTA NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Autora: Denise Cristina Ferreira (UFMG)
Orientador: Rogério Humberto Zeferino Nascimento (UFMG)

RESUMO:

Este trabalho teve como foco principal refletir sobre as questões pedagógicas propostas pelos libertários no Brasil no início do século XX. Esse foi um período de intensas transformações nos âmbitos: políticos, sociais e econômicos para a sociedade brasileira. Este pensamento foi analisado no primeiro momento por literaturas especializadas que retrataram o contexto histórico e o tema em questão. Já no segundo momento da pesquisa foram analisados artigos de um jornal operário e anarquista. Esta última fonte foi bastante pertinente para apreender o pensamento libertário. Pois, trata-se de um jornal de grande repercussão na sociedade e no movimento operário. Com o título *A Plebe*, tendo suas raízes na cidade de São Paulo, resistiu à política autoritária e de repressão aos meios de comunicação entre os anos de 1917 a 1935. Foi um jornal importante para os operários, pois, era visto como um importante veículo para a propagação de um pensamento próprio destes libertários. Uma vez que, este foi um jornal financiado pelos próprios trabalhadores. Então, o objetivo deste trabalho foi perceber a contribuição destes libertários no campo da educação no Brasil. A relevância desta pesquisa consiste em refletir sobre a contribuição destes anarquistas num campo tão importante para a sociedade e num período de tanta contradição política. Para a apreensão deste estudo foram analisados artigos do jornal que tratam sobre o tema da educação. As imagens do jornal *A Plebe* foram fotocopiadas nos arquivos de Edgar Leuenroth em São Paulo e posteriormente digitalizadas em CD. Então, estes artigos foram sistematicamente organizados em ordem cronológica, mantendo a

originalidades dos textos na intenção de uma melhor apreensão do pensamento e dos acontecimentos da sociedade. Dentre os diversos temas debatidos entre os libertários com um diálogo sobre o campo da educação, destacamos: sociedade, igreja, Estado, Escola, criança, professor, trabalho manual e trabalho intelectual, ciência e arte, ensino e prática entre outras concepções sociais. Por fim, podemos compreender que através da leitura destes artigos é possível conhecer uma época importante na formação das instituições brasileiras, levando em consideração outra forma de perceber a sociedade. Tendo então como contribuição teórica um olhar diferente daquele apresentado por literaturas especializadas.

UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO: O USO DE FONTES ESCRITAS NAS AULAS DE HISTÓRIA

Diego Firmino Chacon (UFRN)

RESUMO:

Este trabalho se dispõe a analisar como o uso das fontes escritas no Ensino Médio, sendo trabalhadas como recurso didático, pode possibilitar aos discentes a formulação e o domínio de conceitos históricos e auxiliar na formulação de generalizações nessa disciplina. A utilização desses documentos históricos se enquadra nas propostas das concepções pedagógicas vigentes, que enfatizam a construção do conhecimento por parte dos alunos, visto que esse recurso proporciona a estes a participação ativa no decorrer das aulas de história, por meio da leitura, da interpretação e da análise das informações contidas nesses textos, contribuindo assim para introdução e desenvolvimento dos alunos no pensamento histórico. As fontes escritas, nesse estudo, são concebidas não como verdades absolutas sobre o passado, mas como registros fragmentados das variadas e complexas relações da sociedade, feitos pelos homens. O ambiente em que foi realizada a pesquisa se deu numa escola pública, na zona sul de Natal – RN, no período de dezesseis aulas, para uma turma de primeira série do Ensino Médio. A escolha desse lugar ocorreu pela exigência do Estágio supervisionado III, em prática de ensino de História, e também foi baseada na idéia de que estudos feitos em ambientes naturais de ensino-aprendizagem, como a sala de aula, favorecem a generalização de suas conclusões e aumentam a validade social da pesquisa. Além disso, a investigação conduzida pelo professor em seu ambiente de atividade faz com que este se torne mais reflexivo sobre sua prática docente, proporcionando, desse modo, que ele avalie os efeitos dos procedimentos de ensino utilizados e opte

assim por práticas pedagógicas que melhor se adéquem a realidade de ensino-aprendizagem de seus discentes. Por fim, esse estudo é norteado pelas idéias de Circe Bittencourt, Maria Tereza Nidelcoff, Suzane Oliveira e Débora Nunes.

A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Jorilene Barros da Silva Gomes (CH-UEPB)
Mariângela de Vasconcelos Nunes (CH-UEPB)

RESUMO:

Este texto é fruto de uma pesquisa que desenvolvo através da Iniciação Científica-UEPB, que é intitulado “Ouvindo Músicas: Tecendo Sujeitos e Contando História” que tem como objetivo inventariar caminhos de diálogo entre a Música e o Ensino de História, tecendo possibilidades de conquistar a atenção dos alunos através de sua própria cultura musical. Este projeto é composto por professores, graduandos do curso de história e alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho situada na cidade de Guarabira/Paraíba, a pesquisa supracitada busca pensar o uso da música como linguagem alternativa e ao mesmo tempo artefato cultural muito presente no cotidiano dos jovens e alunos do ensino médio. Partindo desta premissa o grupo de pesquisa foca seu olhar em novas possibilidades do ensino da história que questiona as práticas educacionais utilizadas em sala de aula. Nesta perspectiva entendemos a música como uma fonte no campo da história, concepção esta que é fruto dos Annales (1930) que redimensionou o conceito de documento com as discussões de Marc Bloch e Lucien Febvre. O uso da música na sala de aula é uma possibilidade que permite uma diferenciação das aulas rotineiras; este recurso vem mostrando ser capaz de instigar e seduzir o alunado que se encontra demasiadamente frustrado. Trabalhar com a música no currículo de história é uma proposta dos PCNs, e está perpassa por seus signos e símbolos possuindo em seu corpo indícios repletos de historicidades, visto que as músicas são produtos das sociedades que a criaram, de grupos sociais de determinadas épocas, espaços, marcados pelas pressões de seu tempo e a sensibilidade que a mesma oferece possibilita a construção do fazer histórico e a melhoria da relação ensino/aprendizagem, oferecendo o fortalecimento da comunhão crítica/reflexiva, sendo assim permite que seja problematizada como ensina Le Goff (1996, p.545)

“O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.

A REPRESENTAÇÃO DE UM MODELO DE HOSPITAL PARA DEPENDENTES QUÍMICOS NO FILME “BICHO DE SETE CABEÇAS”

Naiara Leonardo Araújo (UFCG)
Regina Coelli G. Nascimento (UFCG)

RESUMO:

O filme “Bicho de Sete Cabeças”, produzido por Laís Bodanzky, é inspirado no livro Canto dos Malditos de Austragésilo Carrano Bueno – da década de 1970, o qual narra suas experiências enquanto interno em um hospital psiquiátrico – e adaptado para a realidade em que se deu seu lançamento, o ano de 2001. No filme encontramos a forte presença de um modelo de hospital psiquiátrico que se utilizava de mecanismos de repressão para “curar” o dependente. Deixando a pessoa fora da sociedade, sendo constantemente medicado sem poder expressar suas idéias, etc., o dependente é dessa forma enrolado nas teias do discurso médico que o tirará inclusive o próprio direito de pensar por si só. Inspirando-se principalmente na cena em que o personagem Neto se encontra internado na clínica para dependentes, problematizaremos duas questões. Primeiramente, a questão das drogas e o momento em que tal palavra ganha a conotação presente no filme, buscando também situar o contexto em que drogas e remédios adquirem sentido diferenciado. Depois, emerge a necessidade de compreendermos melhor o papel desses hospitais como uma instituição de auxílio aos dependentes, trabalhando a relação que este mantém com o dependente bem como a relação de ambos com a família. Por fim, buscando entender melhor a relação cinema e ensino de História, analisaremos as possibilidades de tal temática a ser utilizada e debatida junto aos alunos de ensino fundamental e médio. Dessa forma, leituras como “A Linguagem Secreta do Cinema” de Jean-Claude Carrière, “A Linguagem Cinematográfica” de Marcel Martin, “O Uso do Cinema na Sala de Aula” de Marcos Napolitano, etc., dentre outros, servirão de norte para nossa pesquisa.

ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: A XILOGRAVURA COMO LINGUAGEM

Nilton César Pereira (UEPB)
Arnilson Cavalcante Montenegro Junior (UEPB)
Maria José Silva Oliveira (Orientador) (UEPB)

RESUMO:

O presente artigo baseia-se no projeto de Extensão Universitária “História, Xilogravura e Patrimônio: Novas Linguagens no Ensino de História”, que está sendo desenvolvido na Escola Estadual Félix Araújo, na cidade de Campina Grande – PB. A proposta busca articular História e Patrimônio para promover o Ensino de História e a preservação do Patrimônio Cultural, colocando a xilogravura como linguagem mediadora do processo de aprendizagem. Tal concepção sustenta-se na Nova História Cultural, na qual a produção historiográfica rompe com a busca incessante pelo que seria a “verdade” e volta-se para exposição de um conteúdo histórico pautado pela representação, um novo apresentar, revelador de uma ausência, que gera um novo entendimento do passado. Ancorada no diálogo, como tentativa de manter relações mais construtivas, a prática pedagógica desempenhada busca contribuir no processo de resistência, memória e divulgação da arte de gravar em madeira, possibilitando a preservação de um “saber-fazer” que à muito é parte identitária da região Nordeste. Portanto, esse artigo objetiva discutir possibilidades para o Ensino de História, pautadas pelas “novas linguagens”, e levantar algumas reflexões sobre a prática da Extensão Universitária, enquanto espaço de produção e preservação do Patrimônio Cultural. Estão sendo realizados encontros na escola, com os estudantes participantes do projeto, abordando questões relativas à preservação do Patrimônio Cultural e sua importância para construção da História, oficinas para a produção de xilogravuras, as quais retratam o Patrimônio Cultural da cidade de Campina Grande-PB, suas obras arquitetônicas e manifestações humanas. Ao entalhar a madeira e interpretar discursivamente as imagens gravadas, os educandos representam seu cotidiano e produzem a História. Assim, propomos discutir a preservação do Patrimônio Cultural e o Ensino de História, guiados pela transmissão da técnica de produção da Xilogravura.

O FILME COMO DOCUMENTO E ACONTECIMENTO

Rômulo Gouveia Bomfim (UEPB)
Auricélia Lopes Pereira (Orientadora) (UEPB)

RESUMO:

Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa vinculado ao PIBIC e que tem como título “O mendigo nas dobras da narrativa”. Esse projeto tem quatro eixos de pesquisa: a mendicância e a literatura de cordel, a mendicância e a literatura romântica, a mendicância e o cinema, a mendicância e a música. O projeto tem como objetivo trabalhar as figurações do mendigo e da prática da mendicância construídas a partir desses lugares de saber. Esse trabalho tem está inserido no segundo eixo da pesquisa: mendicância e cinema. Como pensar a relação entre cinema e História? Como trabalhar essa linguagem no campo da pesquisa e da produção historiográfica? Pode-se pensar o filme a partir de alguns movimentos: o filme não apenas funciona na operação historiográfica como documento, mas como monumento. Carrega, portanto, curvas de desejo, vontade de memória e relações de saber e poder. O filme não apenas produz imagens fictícias, separadas de um real, mas é um lugar a partir do qual subjetividades são configuradas e reatualizadas no social. Pensar dessa forma é entender o filme como corpo polifônico, onde não apenas a voz do produtor aciona sentidos, mas também a do espectador, pois também ele produz brechas de interferências no movimento do filme. Entender o cinema dessa forma é compreender que o sujeito não é um mero consumidor das produções imagéticas, mas interfere na sua própria circulação no campo pessoal e social. Dessa forma, o cinema produz figurações da mendicância. Essas figurações funcionam no social como capital simbólico, produzindo sentidos e articulando lugares de visibilidades. Estética que se instaura na vida a partir da virtude que deve fundamentar todas as virtudes: a enkratéia, essa dobra de força que se dobra e dobra a vida. O sujeito aprende para construir sua autarquia, sua autonomia com relação a toda exterioridade, mas também com relação a si mesmo. O saber vem para libertar o sujeito da stultitia, dessa camada humana marcada pela mundanidade, pela instabilidade, pela fugacidade e pela fraqueza diante das adversidades. O saber não está a serviço dos sistemas de pensamento, mas do homem e de sua felicidade. Essas questões sobre o ensino de Filosofia no mundo antigo foram agenciadas por Michel Foucault a partir de suas discussões sobre subjetividade. São imagens, figuras do saber que parecem não ter nenhuma relação com o ensino de História ou com a concepção de saber e de ensino na

contemporaneidade. No entanto, é possível através das imagens de filósofos antigos pensar o lugar que damos ao saber no mundo contemporâneo? Este trabalho tem como preocupação enfrentar essa pergunta. Onde, por que, em que momento o saber se separou do êthos, de um aprender a viver e a ser no mundo e na existência? Como a História se inscreve nessa concepção de saber da Antiguidade? E, principalmente, como a História e o ensino de forma geral podem dialogar com os paradigmas helenísticos e reinventar suas formas, suas verdades e sua própria concepção de saber?

O CURRÍCULO COMO DOCUMENTO: UMA LEITURA FOUCAULTIANA

Ana Raquel Lopes Pereira (UEPB)
Auricélia Lopes Pereira (Orientadora) (UEPB)

Este trabalho tem como preocupação discutir a influência da obra foucaultiana na esfera educacional, tendo em vista a grande influência que o seu pensamento exerce não só no âmbito das chamadas ciências humanas ou sociais, mas também das ciências médicas a partir de conceitos significativos como, regime de verdade, relação de poder, máquinas ópticas, duplo e ressignificação de conceitos como sujeito, objeto, narrativa, numa abordagem que faz dele o maior representante das temáticas pós-modernas. Conceitos que provocam um novo olhar sobre as práticas pedagógicas e o próprio conceito de prática pedagógica, ressaltando as consequências políticas e sócio-culturais que passam necessariamente pelas delicadas questões de currículo e conteúdo. Para tanto destacaremos os vários Foucault abordando as várias fases de sua produção para lhe destacar o método arqueogenealógico, respectivamente abordados em sua primeira e segunda fase, a fim de percebermos as descontinuidades e a historicidade do processo educacional e as verdades que se instauram a partir da educação em consequência da relação poder/saber, na dependência do regime de verdade ou episteme de cada época. Destacaremos o processo pedagógico e sua extrema vinculação com os métodos disciplinadores pertinentes ao claustro, a prisão, a fábrica, ao hospital e a escola; as estratégias do poder oficializado presentes nos critérios de divisão dos grupos, nos critérios de marcação do tempo e nos parâmetros que constituem as práticas dos exames. Explorar essas questões torna-se importante na pesquisa na medida em que permitem problematizar o lugar a partir do qual os projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura são tramados. O projeto pedagógico mais do que uma diretriz do Curso de licenciatura é um documento, possível de ser pensado como espaço agenciador, mobilizador e configurador de verdades e de formas de ser

sujeito. Essa pesquisa parte nessa direção: trabalhar, a partir da perspectiva foucaultiana, o projeto pedagógico em suas relações com jogos de poder e de verdade. Nesse sentido, trata-se de pensar o documento como monumento: lugar investido de desejos, de vontade de memória, de estrias do poder.



GT 12 – HISTÓRIA E ENSINO: DIÁLOGOS MEDIADOS PELO CURRÍCULO

Celeste Maria Pacheco de Andrade
Lina Maria Brandão de Aras
(Coord.)

DESCRIÇÃO

A presente proposta de GT tem como temática o ensino de História nos níveis Básico e Superior, cujo objetivo é estabelecer o diálogo entre esses dois níveis de ensino, enfatizando currículo como elemento mediador. A perspectiva de currículo adotada insere-se nas teorias pós-críticas, as quais indagam o porquê e quais os interesses que definem determinados conhecimentos para constituir o currículo, enfocando as relações entre saber, identidade e poder. Parte-se do pressuposto de que o conhecimento da História escolar ainda está atrelado a uma tradição de ensino relacionada com os grandes temas, incluindo a idéia de História Universal e de História do Brasil. Por sua vez, a Educação Superior fundamenta-se nas recentes discussões em torno do conhecimento histórico, até porque o corpo docente desse nível de ensino, cada vez mais, vincula as disciplinas ministradas na graduação com outras atividades acadêmicas — pesquisa e extensão — muitas vezes desenvolvendo estudos relacionados com o seu objeto de pesquisa e reflexão, portanto, circunscritos às discussões teóricas e historiográficas. No entanto, não se constata a repercussão desse desempenho da Educação Superior na Educação Básica, o que termina por reforçar a tese de que neste nível “falta qualidade”. Tal situação mostra-se contraditória em relação ao que está definido nas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em História sobre o perfil do graduado, que “deverá estar capacitado ao exercício do trabalho de Historiador, em todas as suas dimensões, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento histórico e

das práticas essenciais de sua produção e difusão” (Parecer CNE/CES 492/01). Considerando as competências e habilidades de “dominar as diferentes concepções metodológicas que referenciam a construção de categorias para a investigação e a análise das relações sócio-históricas” e de “problematizar, nas múltiplas dimensões das experiências dos sujeitos históricos, a constituição de diferentes relações de tempo e espaço”, o GT História e Ensino: diálogos mediados pelo currículo, pretende acolher trabalhos que discutam questões relativas aos conceitos de identidade, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade e multiculturalismo. Esses conceitos são relevantes para tratar do estudo das relações entre a História ensinada na Academia e a História escolar.

COMUNICAÇÕES ORAIS

IMPrensa: FONTE DE PESQUISA E MEDIAÇÃO NO ENSINO DA HISTÓRIA ESCOLAR

Ana Claudia Pacheco de Andrade (UESB)
micau@gmail.com

RESUMO:

Registro de relevantes acontecimentos da História do país é cada vez mais crescente o uso da informação como fonte de pesquisa histórica e recurso didático nas aulas de História da Educação Básica. O discurso jornalístico atua como elemento norteador à luz do contexto histórico, visto que ao selecionar e transmitir uma notícia processa também uma manipulação do conhecimento apreendido pelo público. A imprensa possibilita o conhecimento sobre a realidade, devendo ser problematizada pelo historiador, a quem cabe, no seu ofício, questionar as fontes e indicar perspectivas e procedimentos de análise, as quais possibilitam outras formas de inquirir os textos. O estudo pretende analisar o campo de diálogo entre as duas áreas de conhecimento, a História e o Jornalismo considerando as suas especificidades no trato da realidade pesquisada. Tratando-se da necessidade de narrar para alguém, tanto a História como o Jornalismo, guardam a possibilidade de dialogar com o homem e a sociedade. Neste aspecto partilhado por historiadores e jornalistas o tempo é o vetor no qual repousam as experiências humanas. No momento de registrar eventos da história de um povo, o jornalista está produzindo o que é histórico, sendo ele parte integrante desse processo. Isto reforça a idéia de que jornalistas participam da construção da realidade histórica, em razão de

ultrapassar o simples trabalho de informar para atuar como um ente social. Na condição de recurso didático nas aulas de História da Educação Básica, a perspectiva de análise da realidade social visa instrumentalizar os estudantes para a compreensão do seu cotidiano; isso se dá na medida em que questões sociais relevantes como ética, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e orientação sexual presentes nos diferentes meios de divulgação de informações, sejam eles impressos ou virtuais podem ser diariamente tematizados nas aulas de História, no que contemplam plenamente os temas transversais definidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

UMA PROPOSTA CURRICULAR NO ENSINO DE HISTÓRIA: A INCLUSÃO DO ESTUDO SOBRE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Augusto Monte Spínola Cardoso Junior (SEC/BA)
augustomonte@gmail.com

RESUMO:

A pesquisa se volta para a inclusão no currículo de História, de um estudo sobre a construção da identidade regional, a partir das relações sociais e das relações com o espaço, particularmente a feira livre de Feira de Santana que, construindo-se, constitui-se em cada pedaço da cidade e de si mesma. A concepção acerca de uma identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, mas ainda é predominante não só entre os próprios estudantes da Educação Básica - que acreditam serem donos de apenas uma identidade - como entre professores e o próprio ensino de História. Um estudo sobre as transformações identitárias possibilitaria uma nova compreensão sobre este conceito com a finalidade de possibilitar uma alteração curricular para que os professores disponham em sala de aula, de informações sobre identidade cultural, no seu processo constante de construção histórica.

ARQUIVOS, PESQUISA HISTÓRICA E ENSINO: PERSPECTIVAS DE INTEGRAÇÃO

Celeste Maria Pacheco de Andrade (UEFS/UNEB)
celestepacheco@gmail.com

RESUMO:

A aproximação entre a formação dos profissionais da área de História e a docência tem sido um dos pontos de pauta quando se trata de avaliação dos cursos de graduação. Atendendo a uma das exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais, a carga horária destinada a atividades de ensino, com ênfase nos estágios curriculares obrigatórios, visa ao aprimoramento da prática pedagógica na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio). Vê-se, no entanto que a parte do currículo referente à pesquisa, nem sempre relaciona o desenvolvimento desta atividade com a docência, bem como os seus espaços e temáticas, numa perspectiva de integração entre o fazer acadêmico – a pesquisa – com o ensino na Educação Básica. Fazemos uma avaliação do Curso de História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) com o intuito de buscar a integração entre a formação do professor pesquisador e o uso dos arquivos como instituição que contribui para a compreensão da História escolar. Nesse sentido, entre os arquivos existentes na Cidade de Feira de Santana, privilegiamos o Centro de Documentação e Pesquisa – CEDOC, arquivo pertencente à UEFS. Fundado no ano 2000, possui no seu acervo documentação judiciária criminal e cível proveniente do Fórum Desembargador Felinto Bastos; fontes para estudo da história oral e outra referente ao processo de industrialização da Cidade do Salvador e do Recôncavo baiano dos séculos XIX e XX. Prioritariamente reservado à realização de pesquisas na área de História, atende a diferentes demandas: trabalhos de conclusão de curso da graduação, da Pós-graduação lato sensu e stricto sensu (Mestrado). O CEDOC, portanto constitui importante espaço para realização de pesquisas, contemplando a parte do currículo referente à formação de pesquisador, no entanto, esse mesmo espaço não tem sido divulgado nem utilizado para visitação de estudantes da Educação Básica. O que discutiremos com o presente trabalho é a importância do CEDOC, como ambiente de inclusão para desenvolvimento de atividades complementares do curso de graduação em História, compreendendo o arquivo como lugar de memória e patrimônio imaterial, importante para inserção do público estudantil

O PATRIMÔNIO CULTURAL À DERIVA DA HISTÓRIA: NOTAS PRELIMINARES DE UM ESTUDO

Eliane Brito Silva (UNEB)
britto.eliane@uol.com.br

RESUMO:

O estudo da História nas escolas e universidades enfoca a preservação da memória como possibilidade de compreensão e (re)interpretação do passado, das experiências humanas, sociais, culturais e históricas de diferentes gerações, e de conhecimento da herança cultural dos sujeitos. O direito à memória indica que todos devem ter acesso aos bens cultural materiais e imateriais que representam seu passado, a sua tradição, a sua história. Como professora de Prática do Ensino de História e Estágio Supervisionado, é possível transitar de uma escola a outra, de uma sala a outra, e em muitas aulas de História. Na trajetória, uma constatação nada confortável: Nesses espaços vimos complexificando à relação entre ensino da História e o estudo da História nas práticas escolares e acadêmicas. Observa-se, gradualmente, a predominância de discursos e narrativas históricas eurocêntricas, repetidos de uma classe a outra, de uma série a outra, de ano em ano. Além disso, exercícios de repetição e memória, para fins de reprodução e transcrição nas atividades avaliativas. Vista assim, parece que nada ou pouca coisa mudou na escola. E poderíamos não pensar nessas questões, se desconhecêssemos o movimento de renovação no campo da História e da Educação. Este texto tem como objetivo apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa sobre a formação de professores para o ensino de História nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio, que vem se realizando desde 2006, em uma universidade pública. Constitui-se em um mapeamento da produção acadêmica recente sobre a educação patrimonial na formação de professores de História. O estudo envolveu os trabalhos publicados em anais dos eventos de âmbito nacional da área da História e Educação. Referimo-nos a Associação Nacional de História (ANPUH), e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). As dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação das IES – UNEB, UESB, UESC, UEFS e UFBA, também foram relacionados ao estudo, bem como os periódicos publicados pelas associações e Programas de Pós-Graduação. O levantamento de dados nos permite considerar uma “espécie de ausência”, da temática no território da oficina da História.

REFORMULAÇÃO CURRICULAR E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ENTRE A REGULAÇÃO E A EMANCIPAÇÃO

Elicardna Araújo de Oliveira (UERN)
elicardna@hotmail.com

RESUMO:

As discussões em torno da formação inicial dos professores de História têm sempre gerado acalorados debates. Os questionamentos surgidos no interior das mais diversos cursos de História espalhados pelo país e a preocupação com a temática propiciam o desenvolvimento de reflexões que frutificam nos campos de pesquisa da área. Esses estudos problematizam desde a composição do currículo e o equilíbrio entre as disciplinas pedagógicas e as de conteúdo, até o debate quanto às horas curriculares que compõe a prática de ensino e sua importância na formação do professor de história. Nesse contexto, a aprovação da nova LDB (Lei nº 9.394/96) propôs um novo paradigma para a formação de professores concorrendo para uma maior valorização da atividade docente. Através das reflexões propostas na década de 90 haverá uma ampliação das horas mínimas exigidas na prática de ensino que culminarão com as reformulações curriculares nas mais diversas licenciaturas nos anos 2000, realidade essa vivenciada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. Aqui, nos propomos a relatar a experiência fruto dessa reformulação curricular da UERN, no Núcleo de Ensino Superior de Alexandria – NAESA, no curso de História. Além de outros, um dos principais objetivos foi refletir acerca do processo de implementação da proposta curricular, percebendo suas formas de regulação e emancipação na prática dos professores a partir do fazer pedagógico enquanto professora das quatro etapas do Estágio Supervisionado sendo elas: o contato com fontes possibilitando a pesquisa e o uso de fontes históricas na sala de aula, a partir do contato direto com diferentes espaços de memória; análise das práticas de gestão e das práticas pedagógicas das diferentes disciplinas que compõe a matriz curricular da escola-campo do estágio; análise das práticas pedagógicas em História e a vivência da regência de classe. A análise nos permite afirmar importantes e positivos resultados da reformulação curricular do Curso de História da UERN. Observou-se que esse novo formato tem contribuído para uma ampliação da democratização do conhecimento, bem como, contribuído decisivamente para a emancipação docente em torno de sua práxis educativa superando a dicotomia ensino e pesquisa.

CURRÍCULO E ENSINO DE HISTÓRIA NA CENA PÓS-MODERNA

Ires Maia Müller (UNEB)
ires_muller@hotmail.com
Maynara Maia Müller (UNIT)
maynara_maia@unit.br

RESUMO:

O presente trabalho constitui-se em um estudo sobre currículo e o ensino de História na contemporaneidade. Reflete sobre o debate a respeito do currículo e, embora haja progressos sobre seu estudo nas últimas décadas, muito ainda precisa ser feito para um alcance maior da relevância deste e da compreensão sobre o ensino de História. No Brasil, ao se buscar reconstituir o processo histórico do ensino de História, pode-se observar forte influência de pensadores europeus e, também, das diferentes situações políticas vividas pelo país ao longo de sua existência, razão pela qual se evidencia a importância da disciplina História para que o homem possa através desta refletir e compreender o contexto das mudanças socioeconômicas, políticas, sociais e culturais porque passa a sociedade, numa perspectiva que articule os saberes elaborados e a vida concreta de homens e mulheres que constroem o espaço cotidiano nela inseridos como atores históricos e sociais. Traz para a cena do texto leis, comentários e reflexões de autores relevantes e estudiosos que discutem esse tema na pós-modernidade. Na realização deste trabalho, considera-se pertinente um estudo analítico e, em uma perspectiva crítica, discorre sobre currículo e o papel deste quanto à questão dos estudos de temas sobre diferenças e outros saberes que adentram o currículo na cena pós-moderna. Além disso, constata-se a dinamicidade do processo social, característica das sociedades contemporâneas com suas incertezas e “verdades absolutas” sobre o conhecimento, tendo os currículos e, conseqüentemente, no ensino da História, aliados desconstrutores, movendo-se em harmonia com a dinâmica da sociedade. Evidencia-se ainda que nesta sociedade deva ser viabilizado um ensino de história que trabalhe com a desconstrução do próprio ensino e que este possa ser visto como uma atividade de auto-transformação e, por conseguinte, do conhecimento. Enfim, um ensino que não impinja certezas, verdades, mas que duvide de tudo que faz parte da realidade concreta de alunos e professores.

Palavras-chave: currículo, ensino de história, pós-modernidade.

ENSINO DE HISTÓRIA PARA AS CRIANÇAS NOS CURRÍCULOS DE ESTUDOS SOCIAIS NOS EUA: PROGRESSÃO E COMPETÊNCIAS NA ALFABETIZAÇÃO (LITERACY) HISTÓRICA

Itamar Freitas (GPEH/DED/NPGED/CESAD/UFS)

itamarfo@gmail.com

Tatiane Menezes (GPEH/DED/UFS)

tati.mss@hotmail.com

RESUMO:

Na última década do século XIX, John Dewey (1859/1952) anunciou uma nova teoria educacional que viria marcar definitivamente os currículos da escolarização básica de vários povos, inclusive do Brasil. Em contraposição ao herbartianismo dominante nos EUA, afirmava ele que a sua pedagogia não era a do mestre-escola, da formação do caráter destinado à submissão, às autoridades civis e militares. Sua pedagogia preocupava-se, ao contrário, com a criança, a qual aprendia através da experimentação direta, desenvolvendo gradualmente suas idéias por meio da sua própria atividade construtiva e positiva. Um dos desdobramentos dessas proposições foi a mudança no desenho dos currículos das escolas elementares, a instituição dos Estudos Sociais e, conseqüentemente, a crítica à abordagem disciplinar, até então hegemônica. A História foi redefinida, ganhando novas finalidades, conteúdos e metodologias. Algumas dessas inovações foram introduzidas no Brasil a partir da década de 1930 e até hoje são objeto de polêmicas. Nesta comunicação, entretanto, ocupamo-nos da experiência norte-americana. Ela faz parte de um projeto mais amplo de História comparada do ensino de História que envolve alunos dos cursos de Pedagogia, História e do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe interessados na experiência educacional triangular da França, Estados Unidos e Espanha, que tem formatado as teorias do ensino de História no Brasil nos últimos 150 anos. Aqui, anunciamos os primeiros resultados de um perfil sobre o ensinar e aprender História às crianças a partir das propostas curriculares publicadas nos últimos 10 anos em 10 estados norte-americanos. O objetivo é identificar mudanças e permanências, semelhanças e diferenças entre os desenhos do currículo de História, principalmente no que diz respeito ao perfil do aluno a ser formado, aos sentidos de conteúdos, conhecimentos, habilidades para a alfabetização (literacy) histórica. Neste trabalho, analisamos os currículos dos seguintes estados: Califórnia, Kansas,

Idaho, Massachusetts, Minnesota, Nevada, North Carolina, Nova York, South Carolina e Texas.

UM DIA NO MUSEU: QUESTÕES PARA AVALIAÇÃO

Lina Maria Brandão de Aras (UFBA)
laras@ufba.br

RESUMO:

A instituição museu teve seu número ampliado nas últimas décadas em decorrência da valorização da cultura material e imaterial e a consolidação da função do museu como espaço privilegiado de pesquisa. As coleções e a sua diversidade possibilitam ao docente utilizar o museu como espaço de aprendizagem e construção do conhecimento. Apesar da presença de discentes nos espaços expositivos em momentos pontuais, encontramos problemas na execução dessa atividade e o crescimento dessa estratégia pedagógica corrente nas redes públicas e provada de ensino estimulam a formulação de questões sobre a relação museu-ensino de história, pois essa atividade carece de problematização quanto a aprendizagem e a sua avaliação para verificar o resultado da atividade realizada. A maioria dos museus já disponibiliza, em seu setor educativo, as visitas guiadas para as escolas que se interessa por levar seus discentes aos museus, o que contribui para o enriquecimento do projeto pedagógico, entretanto, muitas vezes é utilizado apenas o que o museu disponibiliza, sem que o docente participe de todas as fases do planejamento, o que exige uma reflexão sobre o papel do docente na elaboração da atividade. Os discentes alegram-se com a saída da sala de aula e com a ida ao museu, mas não traduzem esse sentimento em produção do conhecimento, cuja evidência se materializa no parco armazenamento de informações e construção de um saber a ser incorporado ao seu cotidiano. Diante do exposto, busco analisar a presença do museu entre as estratégias utilizadas para dinamizar o ensino de história e encontramos na avaliação das atividades um ponto crucial da nossa discussão.

AMIZADE, HOMOSSEXUALIDADE E ESTILO DE VIDA GAY: UMA ABORDAGEM FOUCAULTIANA

Marianne Sousa Barbosa (UFCG)

mariannesbarbosa@yahoo.com.br

José Nilton Conserva de Arruda (Orientador) (UFCG)

jn.arruda@uol.com.br

RESUMO:

Abordar teoricamente a homossexualidade ainda desperta muita polêmica, pois se trata de uma realidade envolta em muitas tensões no âmbito social e cultural. Na perspectiva foucaultiana a sociedade descrimina a homossexualidade por incomodar-se com as possíveis relações de afeto existentes em tal modo de vida. Assim, Foucault propõe, através da amizade, exaltar as virtualidades existentes nesta forma de relação e destruir a ideia de que a homossexualidade possui uma forma de prazer imediata. O trabalho tem como proposta explorar a fecundidade das ideias de Foucault em relação a sexualidade e em particular à homossexualidade, fazendo uma genealogia do discurso da sexualidade desde o século XVII até meados do século XIX, descrevendo os comportamentos sexuais de acordo com as épocas e relacionando o sexo do indivíduo à procura da verdade. Em primeira instância, o “filósofo do poder” tenta compreender este tema como experiência histórica singular, ele apresenta a necessidade de se analisar as implicações discursivas existentes entre a modernidade e a época clássica. Porém, tal pesquisa exige um recorte mais amplo e Foucault no intuito de compreender a sexualidade contemporânea terá que dialogar com tradições bem mais remotas. Assim, o autor não faz uma simples descrição dos comportamentos sexuais de acordo com as épocas e as civilizações, mas procura evidenciar a vontade de saber presente em nossas sociedades e que, durante séculos, relacionou o sexo à procura da verdade do indivíduo. Ele analisa genealogicamente a história política de uma produção de verdade e estuda os mecanismos que atraem, provocam e forçam a falar de sexo. Utilizando a noção de dispositivo de sexualidade, o filósofo apresenta a construção da homossexualidade e postula que a relação homossexual deve constituir-se como um modo de vida criado e estilizado por meio da amizade, podendo ser vivido na dimensão da afetividade de relações. Só assim, segundo Foucault, os homossexuais podem superar as barreiras sociais e históricas e estabelecerem uma nova cultura homossexual baseada em escolhas éticas, estéticas

e políticas que possibilitem a busca por novos modos de relações afetivas e a recusa de toda cultura homossexual pré-estabelecida.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE CASO DAS REPRESENTAÇÕES DISCENTES SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ENSINO SUPERIOR

Ricardo José Lima Bezerra (PUC-SP)
ricbez@yahoo.com.br

RESUMO:

Neste trabalho, que faz parte de uma pesquisa maior visando a elaboração de tese de doutorado em Educação pela PUC-SP, estamos procurando evidenciar as representações discentes sobre os saberes docentes e competências necessárias a formação de professores nos cursos de licenciatura em História em Pernambuco. Nossa investigação baseia-se na contribuição conceitual da Teoria das Representações Sociais desenvolvidas por Moscovici e Jodelet, na discussão sobre formação de professores e trabalho docente em geral apresentada por Tardif, Pimenta e Masetto, formação para a docência em história, veiculada por Bittencourt, Fenelon e Silva e, na discussão sobre competências e saberes necessários a docência encontrada em Perrenoud e Gauthier. E dessa forma, perguntamos: Quais são os saberes e competências essenciais para se tornar um bom professor de história? Essa condição docente é adquirida no curso de licenciatura ou durante a vida profissional do professor? Para responder a esses questionamentos, superando o senso comum de que ensinar é um dom ou uma vocação e que ensinar história, especificamente, passa pela exclusiva transmissão de datas e acontecimentos, primeiramente precisamos compreender quais são as representações discentes sobre a condição de “bom professor” desta área, como elas são construídas e quais as variações que dela se apresentam entre os estudantes ingressantes e os em fase de conclusão do curso. Vimos determinando como locus empírico para este trabalho, os cursos de licenciatura em História do estado de Pernambuco, pela nossa vivência com a educação superior neste estado e pela sua representatividade na formação de professores que atuam em diferentes estados do nordeste brasileiro. Nossa hipótese de trabalho é que as representações discentes sobre o trabalho docente variam dependendo do momento em que este estudante se encontra no curso de licenciatura, bem como que a condição de “bom professor” só é adquirida ao longo da vivência da jornada profissional, como defendem vários

pesquisadores, entretanto, os saberes do conhecimento disciplinar e os saberes pedagógicos aprendidos no curso são também considerados de grande valia para o sucesso nesta empreitada docente. Sendo assim, acreditamos que a melhoria dos cursos de licenciatura em história passa necessariamente pela compreensão que um dos sujeitos fundamentais – os estudantes – tem dos mesmos, a partir da contribuição que eles podem dar para a elaboração de currículos acadêmicos mais apropriados com a busca inicial da profissionalização para a docência esperada pelos futuros professores.

PÔSTERES

CURRÍCULO E ENSINO DE HISTÓRIA NO CFP-UFCG

Adriana Ferreira dos Santos (CFP – UFCG)
adriannaferreira_fs@hotmail.com

Maria Lucinete Fortunato (Orientadora) (CFP-UFCG)
mlucinete@uol.com.br

RESUMO:

As novas concepções que pregam a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, teoria e prática e a perspectiva interdisciplinar da produção do conhecimento, têm possibilitado uma série de questionamentos nos cursos de História. No âmbito da História, como campo de conhecimento, nas últimas décadas do século XX, também foram ampliadas as possibilidades analíticas com a inserção de novos sujeitos, novos objetos e novas metodologias, estabelecendo cada vez mais nexos interdisciplinares com os estudos literários, as demais ciências humanas, as artes e as ciências naturais. Nesta perspectiva, a relação teoria e prática na produção do conhecimento é perpassada pelo debate acerca das questões relacionadas ao currículo e à formação docente nas Licenciaturas em História, visto que no currículo estão inseridos tanto o conhecimento histórico quanto a proposta pedagógica a ser seguida pelo ensino de história, nas novas concepções sobre as licenciaturas. Instigado por essa problemática, este trabalho discute alguns questionamentos presentes no Projeto de Pesquisa “Ensino de História e Formação Docente: implicações epistemológicas, políticas e sócio-culturais do Curso de Licenciatura em História do CFP-UFCG”. O objetivo é problematizar as implicações epistemológicas e político-culturais que permeiam o novo Projeto Pedagógico do referido Curso (PPC). A pesquisa documental se desenvolve por

meio dos dois PPCs do curso (1979 e 2009). Recorre-se, ainda, a estudos realizados por pesquisadores e estudiosos que abordam essa temática, sobretudo no que diz respeito a: discussões teóricas sobre teorias do currículo, formação docente e ensino de História. Parte-se da compreensão de que o currículo não é um elemento neutro, inocente, é também discurso, ação política e, portanto, portador de uma história que deve ser problematizada e compreendida. Neste sentido, a organização e análise dos dados documentais se fundamentam na Análise de Discurso e levam em consideração a organização e a estrutura do currículo em seus conteúdos histórico/historiográficos, bem como nos objetivos e nos referenciais teóricos e metodológicos que o referido PPC apresenta.

O CONHECIMENTO HISTÓRICO NAS POSSÍVEIS RELAÇÕES: LICENCIATURA E ENSINO BÁSICO

Michel Whilliams da Silva Chaves

Raphael Henrique Roma Correia
(raphaelromaczr@gmail.com)

Maria do Carmo Barbosa de Melo (Orientador) (UPE)
ledvan@terra.com.br

RESUMO:

A necessidade de pensar a complexidade e buscar uma síntese na compreensão da realidade do ensino é imperiosa, neste momento de tantos desafios em todas as esferas de transformação da qual nossa sociedade é palco, especialmente quando se trata de um assunto sempre atual, considerando que qualquer descrição tem apenas validade transitória, justifica a pertinência de estudo continuado como este. Assim, estudar o conhecimento histórico do professor de história é uma iniciativa sempre necessária. Não se deve deixar de buscar meios que possibilitem um diagnóstico do professor de como o pensamento e ação se refletem na qualidade da aprendizagem na escola. Merece especial atenção na nossa pesquisa, o nível de importância que o professor concebe, no trato das questões educativa e sua concepção histórica. Enfim, o objetivo maior da nossa análise é atingir uma visão analítica das concepções dos docentes de história e seus eventuais reflexos na aprendizagem dos educandos. Partindo de elementos colhidos nas discussões com os nossos pares, foi percebida a problemática da qualidade da educação histórica que permeia nas escolas básicas. Porém, para que o trabalho fosse aprofundado e adquirisse o rigor científico, utilizamos instrumentos (questionários) que passaram por pré-testes, o

que vem garantindo resultados consideráveis. A população-alvo é constituída pelos professores de história, do ensino básico, de 5ª a 8ª séries, da rede pública e privada, do município do Recife-pe. No que diz respeito ao referencial teórico, consideramos os estudiosos em educação histórica, destacando: Jorn Rusen (2007), Peter Lee (1987, 1991, 2001 e 2003), Auxiliadora Schimidt (2009), Isabel Barca (2000, 2002, 2007 e 2009), Schimit e Garcia (2005) e outros. Com compromisso de produzir conhecimento sobre a compreensão histórica do professor, se tenta buscar com este trabalho, inspiração naqueles que, preocupados com a qualidade do aprendizado histórica, buscam nas suas mais diversas dimensões o funcionamento de uma estrutura de ensino, suscitadora de um encadeamento de discussões e projetos que tragam nos seus objetivos possibilidades de uma melhor adequação do ensino as novas exigências da sociedade.



GT 13 – HISTORIOGRAFIA DA CIDADE NEGRA NO BRASIL, PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima
(Coord.)

DESCRIÇÃO

As pesquisas e reflexões desenvolvidas nas últimas décadas transformaram os estudos que tomam a cidade como objeto num dos campos mais importantes da historiografia brasileira moderna. Nesse sentido, a experiência em torno do urbano tem adquirido as mais variadas configurações, de acordo com as opções teóricas e metodológicas adotadas por cada autor: a cidade do capital; a cidade como símbolo da modernidade; a cidade como palco da luta de classes; a cidade disciplinadora de corpos e mentes etc. Contudo, pouca atenção tem sido dada ao destino dos africanos e seus descendentes em seu espaço, em termos de práticas sociais e culturais, no sentido da construção de possíveis territorialidades negras. Em outras palavras, a cidade vista a partir de um recorte étnico-racial. Assim, o Grupo de Trabalho visa reunir pesquisadores que dialogam com a historiografia da experiência negra no Brasil e os estudos sobre as cidades, visando assim ampliar o horizonte de interpretação sobre a temática em foco.

COMUNICAÇÕES ORAIS

ESCRAVAS: MULHERES DE TRABALHO E DE FAMÍLIA NO CRATO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Antonia Márcia Nogueira Pedroza

RESUMO:

Durante muito tempo a mulher _ objeto e sujeito da História _ se fez ausente nas pesquisas históricas. Não raro, esta foi percebida como vítima, passiva, sem autonomia e quando se trata da mulher escrava esta situação se agrava. Até bem pouco tempo atrás, o escravo, fosse ele do sexo masculino ou feminino era interpretado como mera coisa, uma mercadoria que serve de mão de obra compulsória e por isso mesmo, lembrado somente quando se referencia as relações de trabalho. A partir da década de 1970 os debates a respeito da mulher ganharam amplitude com as feministas americanas e a discussão de gênero, tratando das diferenças sexuais. Entra em cena um novo olhar e neste inclui a atuação da mulher na História: novas temáticas, novas fontes, uma nova maneira de fazer História. É a partir da necessidade de elucidação sobre diversos aspectos que se fizeram presente no sistema escravista, e que foram marcantes na vida e das mulheres escravas, na cidade do Crato, que justifica a relevância deste artigo, em que tem como objetivos analisar o papel social das mulheres escravas no Crato: sua atuação no trabalho e na família, na segunda metade do século XIX. O método adotado para a realização desta pesquisa consiste na História Serial, através de uma pesquisa empírica, quantitativa e qualitativa, com base em fontes de investigação primária. Assim enfocam-se as principais atividades, as quais as mulheres escravas estavam inseridas. Evidenciamos a atuação da mulher escrava em diversas atividades específicas como rendeira, fiandeira, engomadeira, costureira, cozinheira e serviço de casa. Outro aspecto se refere aos casamentos de escravos, realizados pela Igreja Católica, ampliando a discussão para as relações familiares não oficializadas, uma vez que o amancebamento se configurou em uma prática bastante presente na cidade do Crato, o que de nenhum modo nega a presença de uniões estáveis, entre os escravos. Todos esses elementos nos levam a discutir a realidade social da escravidão e a conjuntura social que viviam as mulheres escravas, na cidade do Crato no período estabelecido.

FESTAS NEGRAS: MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS AFRO- DESCENDENTES NO MEIO URBANO NORDESTINO

Mestranda Vanuza Cavalcanti Fernandes Gesteira
Prof. Dr. José Antônio Novaes da Silva (Orientador)

RESUMO:

No mundo urbano, a diversidade de festejos é impressionante. Apesar de muitos autores, estudiosos da cidade, alegarem uma tendência ao afastamento da religiosidade no meio urbano, no Brasil essa realidade não se concretiza. Festejar é próprio do ser humano, principalmente quando o festejar liga-se a religião. O povo brasileiro, vivendo no campo ou na cidade, mostra-se bastante religioso e, uma das formas mais contundentes de demonstrar o sentimento religioso é o ato de festejar a “fé”. Esta nasce da percepção dos mundos sagrado e profano os quais se interligam por meio das estreitas relações entre os ritos representativos e as recreações coletivas. No universo da religiosidade negra aportada no Brasil, com o advento da diáspora, as festas se mostraram como um elemento estratégico para a sobrevivência de uma religiosidade prestes a se amalgamar e prosperar fora do continente africano. Um exemplo disto são as festividades realizadas, ainda no Brasil Colonial, e ligadas à expressão dos Calundus. A cidade sempre foi palco para as manifestações religiosas do povo negro no Brasil. As festas religiosas mostram-se fundamentais para a sociabilidade dos seus integrantes, valorização e compartilhamento cultural. O candomblé, por todo Brasil, possui uma característica geral, a manifestação ritual expressada através das festas. Desde o século XIX, a academia busca entender esse culto observando suas manifestações ritualísticas expressadas, principalmente, em grandes festividades. O presente trabalho enfoca três tipos distintos de festas religiosas no universo candomblecista. A primeira, segue as tradições da raiz africana do candomblé, a festa das Águas de Oxalá, em Salvador-BA; a segunda, em Cachoeirinha-BA, trata-se de um festejo sincrético afro-descendente com o catolicismo popular, a festa da Irmandade da Boa Morte; a última, uma mescla da tradição do candomblé com a luta pela preservação ambiental, a caminhada do presente de Oxum no rio Cuiá, em João Pessoa-PB. O procedimento metodológico ocorre no nível qualitativo através de pesquisa exploratória e descritiva aliada ao levantamento bibliográfico dos conteúdos produzidos referentes à temática abordada no estudo. As festas, sagradas ou profanas, ou ainda, uma mescla desses opostos, caracterizam o poder de síntese que uma cidade possui dentro da diversidade eclética de seus componentes. É

nessa perspectiva que o festejar religioso torna-se um elemento de síntese, aglutinação da diversidade num todo urbano em busca do sagrado.

TERRITÓRIOS NEGROS NA CIDADE DA PARAHYBA OITOCENTISTA

Solange P. Rocha

RESUMO:

Nesta comunicação pretendo discutir a presença negra na cidade da Parahyba oitocentista, mais especificamente num dos maiores bairros da capital da província, o denominado Tambiá e seus arredores. Estes eram territórios negros, nos quais conviviam e residiam uma diversidade de pessoas negras (livres, libertas e cativas), as quais desenvolviam inúmeras atividades econômicas e faziam diferentes usos do referidos espaços que eram tanto lugares de trabalho (com chácara e engenho, mercado público, etc.), de lazer e de sociabilidades (festejos de irmandades e de “batuques”), quanto de refúgio de fugitivos que resistiam ao sistema escravista. Assim, procurarei mostrar as experiências desses indivíduos no espaço urbano e aspectos da cultura negra no final do século XIX. Este estudo faz parte do projeto de pesquisa Gente Negra na Paraíba oitocentista: redes sociais e arranjos familiares, desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista, vinculado ao Programa de Pós-graduação de História/UFPB e desenvolvido com apoio do PIBIC/PIVIC/CNPq.

A MIGRAÇÃO DA POPULAÇÃO DE PRETOS E PARDOS NO PÓS-ABOLIÇÃO. VALE DO PARAÍBA E BAIXADA FLUMINENSE, RJ. (1888-1940)

Carlos Eduardo C. da Costa

RESUMO:

O Pós-abolição vem se destacando como um importante tema para a compreensão das experiências de ex-escravos e de seus descendentes no Brasil e nas Américas. A presente comunicação pretende abordar a problemática da migração das famílias negras dentro do Estado do Rio de Janeiro. No início do século XX, com o desgaste da produção de café no Vale do Paraíba e a entrada do gado, a região da Baixada Fluminense tornou-se um dos principais locais da estabilização dessas

famílias. Centralizamos, inicialmente, nossa análise no Município de Valença, local este que concentrou, nos últimos anos da Monarquia, uma parcela expressiva de cativos no Sudeste cafeeiro. Ao longo da Primeira República, com o declínio do café, novos investidores ampliaram a produção de gado e eucalipto que avançavam sobre as pequenas roças, conquistas ainda da escravidão. Após a abolição grande parte dessas famílias permaneceu no Vale do Paraíba, sendo com terras compradas ou mudando-se constantemente em busca de trabalho. A partir da década de 20 do século passado, essa parcela da população começou a se desestabilizar e ser expulsa, em virtude da introdução do gado e da necessidade cada vez maior de terras de pasto. Boa parte dos filhos desses trabalhadores pretos e pardos se dirigiu para a Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Neste trabalho utilizaremos as informações recolhidas do Ofício do Registro Civil das Pessoas Naturais da 1ª Circunscrição, localizada no centro do Município de Nova Iguaçu, cruzando com o material coletado a partir de entrevistas orais nesta mesma região. Buscamos, assim, compreender esse processo e analisar as motivações que levaram esses familiares a se estabilizar na região da Baixada Fluminense, após a década de 30. Seja pela produção da laranja, seja pela possibilidade aberta da diversificação dos arranjos de trabalho ao entorno do Município de Nova Iguaçu. Essa comunicação busca localizar onde e como essas famílias se estabilizaram, pois esse processo assemelhasse ao encontrado na Jamaica e em Cuba. Esse trabalho, em andamento, pretende qualificar o processo migratório da população de pretos e pardos para o caso do Estado do Rio de Janeiro.

DA CONQUISTA PELO DIREITO DO LAZER AO PRAZER DA LIBERDADE: ESCRAVOS E LIBERTOS NA PARAÍBA OITOCENTISTA.

Jose Pereira de Sousa Junior

RESUMO:

Este trabalho parte de algumas reflexões que fizemos em nossa dissertação de mestrado no tocante as festas promovida pelas irmandades religiosas na Paraíba oitocentista. No longo período da escravidão no Brasil verificamos através de leituras bibliográficas e pesquisas historiográficas, freqüentes embates entre senhores e escravos. Embates esses, que tornava essa relação permeada por “negociação e conflitos”, ora para se conseguir a carta de alforria, ora para se obter pequenas liberdades, como por exemplo, o domingo de folga, participar de alguma festa, também conhecida como samba de negro e até mesmo participar de alguma

irmandade religiosa, notadamente do Rosário dos homens pretos ou de São Bendito, voltadas a receber irmãos de cor negra de ambos os sexos. Na verdade, negros e negras nunca se deram por satisfeitos em viver na condição de cativos e privado da sua liberdade, assim é possível perceber, por exemplo, nos compromissos das irmandades momentos festivos que quebravam com a monotonia das cidades, em que os irmãos mesmo na condição de escravos buscam participar deste momento de lazer, que é seguindo por uma falsa idéia de liberdade tão desejada e almejada por todos aqueles que viviam em tal situação. Porém, as festas também abriram a possibilidade de maior mobilidade social entre os cativos, mesmo que fosse somente em dias de festa, uma “liberdade efêmera”, mais desejada e muito bem aproveitada, pois estes fazia uso deste momento para tecer laços de sociabilidades e uma rede de informações do estava ocorrendo na localidade e na própria Província, aspecto este que quebra com a idéia de escravo passivo e inerte diante da situação em que estavam. Assim, atestamos que o lazer também pode ser usado como mais uma forma ativa de minar o sistema escravista a partir de variadas relações e experiências de cada um presente no espaço festivo.

PÔSTERES

“ASPECTOS DA RELAÇÃO SENHOR-ESCRAVO NAS CARTAS DE ALFORRIA NA CAMPINA GRANDE DO SÉCULO XIX”

Lucas Herculano Lima
Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima

RESUMO:

A literatura sobre o processo de libertação dos escravos no Brasil é bastante vasta. Muitas pesquisas destacam as experiências vividas pelos escravos para obterem a liberdade através da alforria, e também, a organização de suas vidas após a conquista da liberdade. É sabido que nas últimas décadas do século XIX era manifesta a idéia de que a escravidão estava fadada ao fim, mas por outro lado, o domínio sobre a população que seria libertada era algo que gerava muitas discussões, bem como diversas querelas entre senhores, escravos ou libertos. Para essa sociedade, pensar em modificações e rupturas nas relações senhoriais era algo extremamente custoso. O desejo senhorial de evitar o rompimento das relações de dominação que mantinham com os escravos, e o controle que exerciam sobre os libertos fica evidenciado nas análises das alforrias, quer fossem elas gratuitas, ou

condicionais. Nesse momento, a questão fundamental era como aceitar as transformações que estavam ocorrendo nas últimas décadas da escravidão, favorecendo a libertação dos escravos, sem abrir mão de um domínio até então, inexorável. Este trabalho estudará as mudanças no que diz respeito ao entendimento da liberdade, conflitos e contradições, incertezas e tensões que cercaram os atores que viveram esse processo histórico. Serão investigadas as ambigüidades que as condições de escravidão e liberdade comportavam durante o século XIX. Com isso, analisaremos as contradições observadas na relação senhor/escravo, nas salas dos tribunais de justiça e no relacionamento mais amplo com a sociedade. A recuperação da documentação: cartas de alforria; testamentos; ações de liberdade nos permitem enxergar as várias faces de um mesmo tema, a manumissão. É possível verificar comportamentos diversos dos senhores e escravos, de acordo com o documento focalizado. Veremos como um senhor poderia conceder a alforria através de disposição testamentária (no próprio testamento ou no codicilo), no momento de batizar os ingênuos (alforria de pia batismal) ou por carta ou escrito de próprio punho. Todas elas atendendo o desejo senhorial. O presente trabalho pretende abordar o tema da alforria na cidade de Campina Grande no século XIX, atentando para as múltiplas facetas presentes na relação senhor - escravo. Ao abordar o tema da alforria consideramos a problematização levantada por Peter Eisenberg sobre quais as fontes que poderiam ser investigadas em um estudo sobre a alforria. Dessa forma a nossa pesquisa está sendo baseada em um núcleo documental composto por: Livros de Notas, de batismos, cartas de alforria e ações de liberdade.

A TV MAIS EM BRANCO DO QUE EM PRETO: A DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO DO NEGRO EM “A CABANA DO PAI TOMÁS” (1969)

Marcelo Ribeiro Oliveira

RESUMO:

Esta comunicação tem como objeto de análise as justificativas dadas para o uso do blackface (recurso que pinta pessoas brancas de preto) na telenovela A cabana do pai Tomás e os sentidos que essa prática teve para o grupo que defendia um ator negro para protagonizar essa obra. Montada em 1969 pela Rede Globo, nessa telenovela o ator branco Sérgio Cardoso foi contratado para interpretar o personagem principal, o escravo negro pai Tomás, a despeito de todos os atores negros experientes da época. Na ocasião, o teatrólogo Plínio Marcos protestou

contra o blackface, no intuito de fazer com que a emissora contratasse um ator negro. A partir disso, a Rede Globo se preocupou em se defender lançando justificativas para a contratação do ator branco e não de um ator negro. Do outro lado, um grupo de atores negros também se manteve contra a posição da emissora, inclusive o ator Milton Gonçalves, sob contratação da emissora. Essa pesquisa visa entender como as justificativas serviram de legitimação da divisão do espaço do negro e do branco na telenovela em si, influenciando até no pensamento de alguns atores negros; bem como contextualizar o racismo existente que figura numa sociedade que muitas vezes mascara manifestações de preconceito racial, seja negando-o, omitindo-o ou reelaborando-o. Ao mesmo tempo, busca-se analisar também o que o blackface significou para os atores negros, não apenas no sentido social, mas profissional, abrindo mais um espaço de trabalho para o branco que sempre esteve a frente de uma telenovela em personagens principais, enquanto os negros interpretaram personagens de pouca ou nenhuma importância no enredo. Dentre alguns resultados, está a naturalização da prática do blackface, que permeia não só o discurso da emissora, mas também o da atriz negra Ruth de Souza, egressa do Teatro Experimental do Negro. Com isso, a força da legitimação do espaço do branco no lugar do negro, naturalizando e dissimulando a prática, é tão forte que influenciou o pensamento da atriz militante contra o preconceito racial. Dessa forma, o blackface em *A cabana do pai Tomás* oferece uma discussão das diversas facetas do racismo no Brasil, especialmente aquele delimita espaços na televisão.

UM OLHAR SOBRE A CIDADE: A CIDADE ESCRAVISTA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Eleonora Félix da Silva

RESUMO:

Na historiografia brasileira os estudos sobre cidade são analisados e enquadrados em diversas tendências. Os estudos sobre cidade vêm sendo feitos sob diversos olhares, tais como cidade do progresso, cidade do capital, cidade dos conflitos sociais, cidade do espetáculo, cidade disciplinar ou cidade de tensões, conflitos e resistências. Esta comunicação tem como objetivo dialogar com a historiografia das cidades, analisando um dos campos de possibilidades de abordagem do espaço urbano no Brasil Imperial, que é o estudo das cidades sob o olhar das relações escravistas e, sobretudo, da história da população escravizada em suas múltiplas experiências. Acreditamos que uma outra maneira de adentrarmos o mundo urbano

é sob um olhar que focalize o cotidiano dos trabalhadores escravistas no Brasil Imperial. A cidade é um lugar de múltiplas práticas sociais, assim sendo é que podemos pensá-la enquanto vivência dos grupos étnicos submetidos ao regime de trabalho escravo. Estes foram agentes históricos importantes que constituíram seu modo de vida, a exemplo da formação de famílias, e agiram para conquistar melhorias através de negociações, usando estratégias para diminuir as agruras do cativo e até buscando formas diferentes para sair da condição de cativo. Desta maneira, pretendemos colaborar com as abordagens nos estudos sobre cidade fomentando a discussão proposta.

COTIDIANO DE TRABALHADORES/AS NEGROS/AS NO MUNDO DO TRABALHO EM CAMPINA GRANDE-PB (1920-1940)

Francisca Pereira Araújo

RESUMO:

Francisca Pereira Araújo (Graduanda/UEPB) Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa que deverá resultar na monografia. O debate de temas ligados ao mundo do afro-descendente na pós-abolição tem sido uma das lacunas da historiografia. Assim, a investigação histórica do negro não é uma tarefa fácil, haja vista que a cultura oficial praticamente reduz a história do negro à escravidão. Abolindo-se a escravidão, o foco das atenções é deslocado para temas como industrialização, urbanização, modernização etc. O trabalho do afro-descendente na cidade de Campina Grande não se descortina para nós de forma clara, sendo que essa faceta de nossa história ainda é um texto que necessita ser lido e não nos propomos a explicá-lo, apenas a interpretá-lo, compreendê-lo. Restam-nos tentar dar aos trabalhadores/ as negros/as uma visibilidade e dizibilidade maiores. O nosso trabalho pretende descobrir quais caminhos foram tomados por negros/as no mundo do trabalho campinense após serem livres. Aborda os modos de (re) invenção de práticas de sobrevivência dos afro-descendentes especialmente nas décadas (1920-1940) na cidade de Campina Grande-PB. Investiga de que modo o mundo do trabalho campinense recepcionou no cotidiano da cidade o trabalho de negros/as neste recorte temporal. Busca auxiliar a fazer um reconhecimento das relações de trabalho da classe trabalhadora negra na pós-abolição. Para identificar esses modos de fazer pretendemos apresentar alguns resultados de entrevistas com negros/as idosos/as, como também dialogar com Certeau, Montenegro e alguns autores campinenses como: Lima, Pimentel, entre outros. No recorte em análise,

percebemos que negros/as campinenses deixaram rastros de memória sinalizadores de experiências da liberdade e relações de trabalho e práticas de luta para sobreviver num país estranho com costumes diferentes. Ademais, os egressos da escravidão e seus descendentes campinenses constituíram suas experiências de vida, luta e trabalho nessa localidade, buscando garantir condições dignas de sobrevivência. Apesar de obtermos ainda resultados parciais, inferimos que nas décadas em estudo, os/as negros/ as campinenses enfrentaram uma série de dilemas para se inserirem no mercado de trabalho livre e reconstruírem sua cidadania.

MULHERES NO UNIVERSO DA ESCRAVIDÃO: EXPERIÊNCIAS DE VIDA A PARTIR DO DISCURSO, CONFLITO E PODER.

Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu
Prof. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário

RESUMO:

O poder é uma das abordagens que não se pode deixar de analisar no mundo das relações sociais onde estava presente o escravo. Neste trabalho, uma das bases que utilizamos para tanto foi o pensamento de Foucault que propõe analisar o poder visto como “um domínio de relações estratégicas entre indivíduos ou grupos – relações que têm como questão central a conduta do outro ou dos outros, e que podem recorrer a técnicas e procedimentos diversos, dependendo dos casos, dos quadros institucionais em que ela se desenvolve, dos grupos sociais ou das épocas”. (1997:110). Deste modo, podemos pensar no ambiente da escravidão, a existência de um domínio exercido por parte dos senhores praticado de forma estratégica, com condutas orientadas no sentido de conter as revoltas internas, as oposições diversas à imposição do poder e a manutenção da ordem no cativeiro. Propondo analisar o discurso de mulheres no universo da escravidão, uma delas senhora e outra, escrava, queremos evidenciar como o poder/saber era desempenhado numa sociedade sertaneja e escravocrata, com uma produção voltada à subsistência. Destacamos o discurso como diretamente associado à posse do poder e nesse sentido, a escrava mesmo não “possuindo” um poder reconhecido, adquiriu-o em parte através do conhecer das leis – que a protegia dos desmandos senhoriais –, bem como num lapso de tempo ao efetuar suas fugas da fazenda senhorial. É perceptível para ambos os discursos, um embate pelo poder. Um discurso que busca se legitimar em relação ao outro: uma senhora que se

autoconstitui poderosa e, portanto, inabalável e uma escrava que se autoconstitui vítima, necessitando ser protegida.



GT 14 – RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Dr. João Marcos Leitão Santos
(Coord.)

DESCRIÇÃO

As tradições religiosas representam entre outras coisas um esforço explicativo da realidade e uma proposição da organização da vida em sociedade. Os processos educativos enquanto fórmula componente da socialização estão intrinsecamente relacionadas a compreensão do mundo e intervenção nele como parte de um projeto de sociedade. No Brasil as diversas etapas de construção da nacionalidade sempre estiveram associadas a modelos e ideologias educacionais. A proposta do presente GT é passar em revista as diversas ideologias, instituições e práticas educativas que compuseram este projeto de Nação ao longo da nossa história.

COMUNICAÇÕES ORAIS

EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E POBREZA: COMO AS CRIANÇAS CARENTES DO MORRO DO BOM JESUS CONCEBEM O SENTIDO DA VIDA À LUZ DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA DO CENTRO SOCIAL SÃO JOSÉ DO MONTE.

Robson Gerliandro da Silva
Ms. José Adilson Filho

RESUMO:

A religião tem estado presente na sociedade desde as comunidades mais antigas (DURKHEIM:2008) e em seu nome pessoas realizaram conquistas, “milagres”, transformações, opressão, manipulação e até homicídios. Este caráter ambíguo da religião tem incomodado grandes pensadores das ciências humanas, tais como Max Weber e Émile Durkheim, que tentaram compreender este fenômeno e sua relação com outros aspectos da vida social. Foi também nessa tentativa que outros pensadores pós-iluministas analisaram a religião e perceberam-na como um elemento ilusório e negativo. Para Feurbach, por exemplo, “o homem criou Deus à sua imagem e semelhança” a fim de projetar neste Ser seus desejos mais intensos que, devido às suas limitações, não conseguia atingir. Freud, por sua vez, interpreta Deus e a religião como resultados dos medos internos e externos da natureza e do desejo e projeção da figura do pai em um Ser superior. Outro ícone da sociologia do século XIX, Karl Marx, concebeu a religião como “o ópio do povo”. Para ele, o fenômeno religioso resulta da alienação da classe dominada e da Ideologia da classe dominante. Diante destas interpretações da religião e sabendo que a educação é um dos meios de divulgação e manutenção dos ideais religiosos, o presente trabalho, em fase inicial, pretende analisar em perspectiva sócio-histórica o Centro Social São José do Monte, uma instituição social católica que há 40 anos atua na cidade de Caruaru-PE educando crianças carentes do Morro do Bom Jesus. Nesta pesquisa, pretendemos compreender como se dá o processo de educação religiosa das crianças neste Centro, como o elemento sagrado é utilizado no discurso docente para dar sentido ao universo simbólico do discente e se há alguma relação entre a educação religiosa nesta instituição e as interpretações dos autores supramencionados. Para a elaboração da pesquisa será feito um aprofundamento bibliográfico em teóricos que atuam nas áreas de história e sociologia da religião e

pesquisa de campo através de entrevista semi-estruturada com pessoas que trabalham no Centro Social São José do Monte e com crianças que recebem os princípios educativos e religiosos difundidos no mesmo.

DAS LIÇÕES QUE A ORDEM NÃO ENSINOU: DENÚNCIAS DE FEITIÇARIA NA CAPITANIA DE PERNAMBUCO (1593-1595)

Gláucia de Souza Freire
Dra. Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora)

RESUMO:

Nas paragens brasílicas coloniais, enquanto missionários católicos esforçavam-se em prol dos ensinamentos de sua doutrina, dividiam espaço com aprendizados e práticas ditas feitiçarias. Estas práticas representam, portanto, o destoante, o perturbador, as dúvidas diante dos dogmas pregados. Esta comunicação visa estudar três casos reprovados pelo órgão diretor da religiosidade católica, a Inquisição: Ana Jacome, Lianor Martins e Brisida Lopes refletem o desafio à ordem, o questionamento às regras. Mais que isso, permite analisarmos como se encontram, vêm e dialogam, em um mesmo espaço, diversas manifestações de fé e de adoração. Ora, quem poderá dizer que estas adeptas de feitiçaria não serviam a seus próprios delatores seus mais sombrios préstimos? Inclusive, não seria extraordinária a ocorrência de tais eventos que integravam o cotidiano colonial tão intensamente a ponto de perpassarem aos dias hodiernos, colocando-se, então, como uma anti-tradição, que se afasta do ideal religioso católico, aproximando-se de superstições, de simpatias, de sortilégios, também presentes entre as atividades até dos mais aplicados seguidores da ordem. Os assim chamados feitiçeiros apresentam outra face do aprendizado colonial, uma educação paralela, desviante, demoníaca, segundo os discursos dos depoentes. Para tal estudo, utilizamos como fonte delações feitas quando da Primeira Visitação do Santo Ofício ao território brasílico, especialmente a Pernambuco (1593 a 1595), às quais tivemos acesso a partir de transcrições publicadas em 1984 com o apoio do governo pernambucano, editadas por Leonardo Dantas Silva e supervisionadas por José Antonio Gonsalves de Mello. É válido salientar que as fontes partem do lugar de fala do colonizador, daquele que se esforçava para manter a ordem, refletindo olhares sobre o real, cabendo às análises históricas a investigação perspicaz e consciente de que não resgatará o evento, mas lançará sobre o mesmo olhares, representações. Refletimos

assim, a partir da Micro-História, sobre a edificação do imaginário em torno da feitiçaria, de como se associaram a ela o medo, a transgressão e o pecado.

ATITUDE APOLOGÉTICA E INSTRUMENTALIZAÇÃO DO MEDO NA OBRA “O PERIGO DOS COLÉGIOS PROTESTANTES” (1929)

Daniel Soares Simões

RESUMO:

A partir da década de 1920 floresceu no Brasil um movimento de restauração católica. Por meio dele a Igreja pretendeu “recristianizar” o país, colocando-se na contracorrente do processo de secularização, cujos elementos característicos são o Estado laico e o pluralismo religioso. Foi a contestação deste último que ensejou o combate às “heterodoxias”, representadas, em grande parte, pelas denominações protestantes ora em expansão, daí falar-se em uma atitude apologética associada ao movimento católico restaurador. Uma das principais dimensões do combate ao protestantismo encontra-se no veto às instituições de ensino evangélicas, amplamente documentado em escritos da época, dentre os quais destacamos a obra “O Perigo dos Colégios Protestantes”. Esta foi publicada em 1929 por Júlio Maria de Lombaerde (1878-1944), padre belga radicado na cidade mineira de Manhumirim e que se tornaria um dos principais polemistas católicos do país. Escrita para fazer frente a educandários evangélicos locais, o opúsculo sintetiza, no entanto, quais eram as concepções da Igreja no Brasil em relação às escolas protestantes, representadas, a um só tempo, como uma ameaça à conservação da fé católica e à segurança nacional, razão pela qual é possível falar numa instrumentalização do medo no combate às mesmas. O presente trabalho versa sobre as representações em torno dos colégios protestantes no contexto da restauração católica.

A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO CRISTÃ EM DETERMINADAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS BRASILEIRAS

José Ferreira Júnior
Janaína Freire dos Santos

RESUMO:

A sociedade é constituída por homens e mulheres, seres históricos, e, conseqüentemente, passíveis de construções, reconstruções e representações. Verificadas tais representações, entendendo-as como não sendo naturais, mas possuidoras de um início (determinado cronologicamente ou não) e, tomando como base o fato de que o retorno ao passado se dá a partir de uma indagação feita no tempo presente, é proposta deste trabalho investigar a influência da religião cristã no processo de construção de representações sociais ainda existentes no cotidiano brasileiro contemporâneo. Para isto, empreende-se leitura do contexto social brasileiro colonial e, em seus primórdios, do Brasil imperial, buscando-se compreender as representações evidenciadas naquela realidade espaço-temporal, a partir de investigação dos elementos norteadores das normalizações e comportamentos que pautavam as vidas dos homens, mulheres, crianças e adolescentes. Também se averigua a relação existente entre religião e política no constructo do Estado brasileiro. Foca-se a discussão nas práticas educativas vigentes no Brasil em seu estágio colonial. Responsabilidade da Igreja que era, a educação colonial brasileira impunha às mulheres a condição de submissas aos homens (pai, irmão, tio, tutor, marido), também legitimava os castigos físicos impostos às crianças e adolescentes. Posteriormente, na construção do Estado brasileiro, verifica-se a continuidade da proeminência da religião cristã, constitucionalmente oficial, em seu ramo católico. Contemporaneamente, observa-se a continuidade de representações sociais que refletem esse constructo colonizador e fundador do Estado Nacional e que se manifestam como se fossem práticas naturais e não reflexos de construções humanas, como a continuidade, em muitas localidades, da prevaência do gênero masculino em detrimento do feminino nas relações familiares e ou conjugais; a anuência de grande parte da sociedade aos castigos físicos impostos, pelos pais e ou responsáveis, a crianças e adolescentes, enquanto maneira educacional de construção de comportamento socialmente elogiável e a verificação de práticas não laicas em solenidades institucionais. Desse modo, perfazem os elementos desta discussão: a “naturalização” da superioridade masculina e do castigo físico impetrado sobre

crianças e adolescentes, bem como a contraposição existente entre a laicização oficial das instituições brasileiras e as representações verificadas no interior de tais instituições.

A PÁTRIA NASCEU AQUI: AS BATALHAS DOS GUARARAPES E A IGREJA CATÓLICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Amanda Marques de Carvalho Gondim
Dr. Edílson Fernandes de Souza (Orientador)

RESUMO:

O artigo tem por objetivo demonstrar a relação criada pela educação escolar entre os eventos das batalhas dos Guararapes e a Igreja Católica, promovendo sua similitude na construção da identidade brasileira. Para tanto, serão apontadas como fontes metodológicas para a análise dessa relação o Projeto Rondon nos Guararapes, realizado no ano de 1971 e tendo como resultados a produção de um livro de mesmo nome e a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, localizado na região onde as batalhas ocorreram, e os documentos elaborados para o desfile cívico-militar do sete de setembro do ano de 1981. A primeira fonte aponta para elementos históricos e religiosos na construção da identidade a partir das batalhas, pois que em seu resultado afirma ser a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres um dos locais onde estão plantadas as raízes da nacionalidade. A segunda fonte aponta para a união de índios, negros e brancos em torno da fé para expulsar os holandeses. Ambas realizam não só a similitude entre as batalhas dos Guararapes e a religião católica bem como as colocam nos albores da pátria brasileira. Entende-se a partir da análise dessas duas fontes que a educação, espaço utilizado pelo Estado para a produção e concretização de um discurso patriótico voltado para feitos heroicos e ligando-o à religiosidade, sobretudo cristã-católica, torna-se elemento importante e primordial na produção e reprodução de discursos postos pela sociedade. O discurso do patriotismo brasileiro nas batalhas dos Guararapes vem atender aos interesses de formação de um país destituído de preconceitos, cujo maior exemplo de unidade figura na união das três “raças” para expulsar o “invasor herege”. A “civilização” brasileira, pautada na ordem, manutenção das “instituições democráticas” e “ideal civilizador”, encontram na enunciação da insurreição pernambucana elementos para apontar uma tendência desde a formação do Brasil à união. Um dos sentidos para essa união será a produção do discurso ao redor de uma origem e cultura

comuns, sendo a Igreja Católica o principal elemento para o estabelecimento de uma cultura comum. O Projeto Rondon nos Guararapes e o desfile cívico do sete de setembro de 1981 serão exemplos dos esforços implantados pelas instituições educacionais em estabelecer essa relação para se construir a identidade brasileira.

MODERNIDADE: PROCESSOS DE RACIONALIZAÇÃO, PORÉM PLURALISMO RELIGIOSO.

Leandra Bento da Silva

RESUMO;

Neste contexto de modernidade é apresentado a nós pesquisadores de religião o desafio de problematizar uma realidade na qual aparece uma diversidade de religiões, onde as instituições religiosas deixam de orientar, de maneira totalizadora, as condutas de vida dos indivíduos, existe agora um trânsito religioso, que se figura como alternativas de solução diante das aceleradas transformações e problemas inerentes a modernidade. Grande número destes indivíduos agora, bricolam em suas representações, idéias de vários credos, não orientam sua conduta apenas pelos preceitos de uma instituição religiosa, mas baseando-se em diferentes perspectivas, orientam “individualmente” as suas condutas, trazendo o culto, também, para o espaço doméstico. Realidade que se “enquadra” dentro de um debate, que também é preocupação do importante sociólogo Max Weber, quando este se debruça sobre os processos de racionalização pelos quais passa a sociedade moderna e, por conseguinte, a religião, passando por um desencantamento. Desta forma, observando que ao contrário do que muitos teóricos da modernidade afirmavam a religião não desapareceu com o avanço da racionalização, não deixou de ser importante na vida social, porém assume outras características que precisam ser problematizadas, para que os nossos estudos possam ajudar a sanar dúvidas e incompreensões das sociedades em que vivemos. E no espaço do nosso artigo, tentaremos contribuir nesta direção, refletindo em torno dessa modernidade que ao mesmo tempo em que possui processos de racionalização também, apresenta uma pluralidade de credos.

CHOQUE CULTURAL: A ATUAÇÃO JESUÍTA NO PRINCÍPIO DA COLONIZAÇÃO

Márcio Gleybson Rodrigues da Silva

RESUMO:

No Brasil, os jesuítas chegaram em 1549 liderados por Manoel da Nóbrega e logo construíram na Bahia uma pequena residência para abrigo. Enviados pela Coroa, eles chegaram munidos de esperança em relação aos indígenas e com um modelo educacional que se mostrou muito eficiente: formavam os filhos dos colonos, fortalecendo o catolicismo dentro das famílias, e os filhos dos nativos, que consideravam mais fácil de catequizar através das artes, teatro e música. Para consolidar a catequização, os Jesuítas lutavam contra os costumes indígenas, condenavam a antropofagia e a poligamia, tentavam ganhar a confiança dos chefes das tribos e “desqualificar” os pajés. Sua missão era fazer dos índios, católicos e servos da Coroa. Para que os índios vivessem sob vigilância dos padres e longe dos colonos, foram fundadas as missões, onde os padres promoviam batismos, pregações e mudanças no cotidiano dos índios. Objetiva-se, portanto, estudar a mudança do olhar jesuíta em relação ao indígena, sua luta pela subjugação e reprovação dos costumes indígenas, a imposição dos costumes europeus e a resistência mantida pelos indígenas que aceitavam da cultura portuguesa o que lhe era conveniente, contrariando o senso comum sobre um índio passivo, que aceita os europeus ou é dizimado por ele. Pretende-se ainda pesquisar a decepção dos padres por não consolidarem as conversões frente à força da cultura indígena. Utilizar-se-á as cartas do Pe. Nóbrega, analisando a mudança no pensamento dos jesuítas em relação aos indígenas, algumas de suas práticas culturais e a ação indígena em relação aos jesuítas, pois os padres que catequizavam logo viram que os índios não eram como um “papel em branco” e, mesmo quando aparentemente convertidos, mostravam-se ligados a seus costumes, produzindo colonização foi uma via cultural de duas mãos, os portugueses influenciaram e foram influenciados.

TEMPOS MODERNOS: RELAÇÃO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E RELIGIÃO

Maronildes Félix Limeira

RESUMO:

A inovação é hoje considerada como o fator principal que permite às sociedades e às economias tornarem-se solidamente mais desenvolvidas. A emergência do conhecimento sem fronteiras e da sociedade da informação, em um mundo cada vez mais globalizado, confronta a educação superior contemporânea com desafios sem precedentes. Se o conhecimento ocupa hoje lugar central nos processos que configuram a sociedade contemporânea, as instituições que trabalham com e sobre o conhecimento participam também dessa centralidade. Esta centralidade faz do conhecimento um pilar da riqueza e do poder das nações. O relacionamento da ciência e tecnologia é uma das receitas que os pesquisadores encontraram para gerir o mundo moderno. A capacidade de produzir, disseminar, absorver e recombina conhecimentos ocupa um papel-chave. Assim, é necessário que se perceba, na história da humanidade, um novo período e que a base para essa mudança seja o progresso técnico-científico, resultante do desenvolvimento científico e fundamentado na importância da tecnologia, a chamada ciência da produção. Os aspectos práticos e espirituais da vida humana revelam a necessidade de uma exploração sistemática dos papéis que a ciência e a religião exercem no processo de desenvolvimento. O desenvolvimento do fenômeno religioso nas culturas humanas aponta para estágios bem específicos. Verificam-se quando o ser humano busca respostas sobre o sentido de sua existência por meio de questionamentos que extrapolam as necessidades meramente biológicas, perguntando sobre a origem, o sentido e o fim das coisas e de sua própria existência. Essas perguntas, que, num primeiro momento, esperavam respostas das tradições religiosas, atualmente são da competência de todas as formas de conhecimento desenvolvidas pelo ser humano. Neste contexto destacamos o conhecimento da fé, as crenças individuais, de grupos, de povos, de gerações, pois entendemos que a fé está presente na vida do homem, na sua experiência humana, por isso, na raiz de sua ação. Portanto, apresentamos alguns momentos da relação entre o conhecimento, a modernidade e a religião.

O HISTÓRICO DAS RELIGIÕES AFROBRASILEIRAS: DO CALUNDU À UMBANDA

Paula Maria Fernandes da Silva
José Antonio Novaes da Silva (Orientador)

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo traçar um histórico das religiões afrobrasileiras, uma vez que a história das religiões de matrizes africanas no Brasil estão entrelaçadas com a história do Brasil e da luta das/ dos negras/negros escravizados e afrodescendentes. Trazidos pela diáspora africana para as terras do Novo Mundo os africanos de diversas nações fincaram raízes em solo brasileiro sendo assim, presentes na construção da identidade cultural nacional. Do encontro das diversas nações aconteceu a reformulação de crenças e práticas, essas nações se misturaram com suas crenças e lendas como forma de resistência e mantimento da memória africana em solo brasileiro. As religiões afrobrasileiras tem seus primeiros registro no século XVI, com os Calundus, que posteriormente da a base para estruturação do Candomblé, que tem o primeiro terreiro fundado na cidade de Salvador/Ba. As religiões afrobrasileiras na Paraíba de maior visibilidade são os Candomblés, a Umbanda e a Jurema. Na atualidade verificamos que as religiões afrobrasileiras são perseguidas, principalmente pelos neopentecostais. Todavia, apesar da resistência o Candomblé, assim como outros cultos da cultura afrobrasileira até as primeiras décadas do século XX não eram “aceitos” pela sociedade como parte da nossa identidade. Embora hoje haja amparo legal com leis que assegurem a liberdade religiosa são verificadas discriminações contra os praticantes das religiões afrobrasileiras. Assim através desse histórico podemos verificar como é difícil a aceitação e reconhecimento das religiões afrobrasileiras pela sociedade e por extensão nas escolas, que mesmo essas religiões fazendo parte da construção de nossa identidade cultural elas vem ao longo de nossa história ficando à margem da sociedade.

**"HOMENS DO CAMPO", DA IGREJA E DA POLÍTICA: O SAR E AS
RELAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO RURALISTA NORTE-RIO-GRANDENSE
ENTRE 1949 E 1964**

Fabiano Marques da Costa

RESUMO:

Em fins do ano de 1949 a Arquidiocese de Natal cria o Serviço de Assistência Rural, órgão que transitava entre discursos conservadores e progressistas que permeavam esta instituição em meados do século XX. Progressista pelas práticas desenvolvidas objetivando solucionar ou amenizar os problemas do “homem do campo”, defendendo seus direitos e fomentando a sindicalização desses trabalhadores rurais. Ao fazer frente ao “avanço” do comunismo, como era constantemente noticiado em seu jornal institucional A Ordem, percebe-se o caráter conservador da Arquidiocese e, conseqüentemente, desse órgão. Devido a uma ausência da atuação da Igreja Católica nas questões sociais, focando-se nas espirituais, existia uma preocupação por parte dela que com a chegada dos ideais comunistas o “homem do campo” pudesse ser influenciado, e até mesmo incutido a deixar o cristianismo, já que o discurso comunista era tão voltado aos problemas sociais, e a Igreja, até então, não havia dado tanta importância aos mesmos. Nesse sentido, o SAR foi esse braço coercitivo da Igreja que se preocuparia com as questões sociais, e via esse “homem do campo” com preocupações e temores, já que esses poderiam ser persuadidos pelos comunistas, “destruidores da moralidade”. A partir disso, algumas questões são suscitadas: Que influências os ideais da teologia da libertação exerceram sobre esse movimento? Como se dava a atuação desse Serviço junto às comunidades rurais? Quais mudanças nas relações e práticas sociais o movimento propunha? Que estratégias eram utilizadas para se atingir tais propostas? Que relações, sociais e políticas, eram estabelecidas para materializar os ideais do SAR? Tendo tais questões como norte, a presente proposta visa analisar como se deu a atuação do Serviço de Assistência Rural/SAR no estado do Rio Grande do Norte no período de 1949 à 1964, visando perceber quais motivações, disputas e interesses levaram a Arquidiocese de Natal à criação desse Serviço, objetivando também perceber, primordialmente, como se deram as relações sociais entre esse órgão da Igreja Católica, representantes do Estado e o “homem do campo”.

**RESIGNIFICANDO CONFESSINALIDADES,
SACRALIZANDOLAICIDADES: DUAS INSTITUIÇÕES CATÓLICAS NA
PARAÍBA DO NORTE DA TRANSIÇÃO (1889-1930)**

Ramsés Nunes e Silva
Tatiana de Medeiros Santos

RESUMO:

O objetivo desse artigo é lançar-se sobre a trajetória de duas instituições escolares católicas da Paraíba, neste caso o Colégio Nossa Senhora das Neves e Colégio Diocesano Pio X, que se propuseram a adaptar o modelo confessional aos novos ditames da escola moderna regulados pela República. Sendo assim, foi desenvolvido a relação com a dinâmica das transformações que se manifestam nos espaços escolares europeus, principalmente na transição entre os séculos XIX e XX, que proporcionou o desenvolvimento de uma série de embates ideológicos, alguns, inclusive, dispostos a partir de trâmites modelares, no que tange a interpretações dos signos que a modernidade e seus interpretes postulavam para a instrução. Entre eles, a secularização que se manifestava como proposta ente o ensino público e o privado. Este último, enquanto estruturado pelo catolicismo passava a reelaborar padrões, inclusive baseados na estrutura escolar republicana. Todo um arcabouço de resignificações para o ensino ministrado pelos colégios católicos na Europa e na América passou nos primeiros anos do século XX, por exemplo, a vigorar a partir de condições restritivas, adaptativas ou reguladoras das práticas de instrução assumidamente confessionais. Entretanto, é marcante que toda uma disposição interpretativa das práticas educacionais reguladas, ministradas por congregações a partir da República Velha (1889-1930) chegasse a se manifestar não só como uma querela simples entre republicanos intelectuais laicistas e educadores católicos. Nesse caso, a ênfase desse artigo constará em analisar o desenrolar da trajetória de duas instituições escolares católicas na Paraíba, neste caso o Colégio Nossa Senhora das Neves, instituição que encerrou todas as suas atividades em 2009, e Colégio Diocesano Pio X, que continua em plena funcionalidade. Ambas, instituições, a partir da decisão de equiparar-se ao Colégio Pedro II, se propuseram a adaptar o modelo confessional aos novos ditames regulados pela República.

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA FEMININA NA IGREJA BATISTA

Wamberto Queiroz de Lima

RESUMO:

O presente estudo propõe analisar o discurso oficial lançado sobre a educação religiosa do gênero feminino na igreja Batista – que teoricamente tem a mesma importância que o masculino, no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil – STBNB/PE e no Instituto Teológico Batista de Ensino Superior – ITEBES/PB. A mulher da igreja Batista tem procurado alcançar o seu espaço em diferentes áreas da sua vida, inclusive na educacional, mesmo que os que estejam ao seu redor tentem impedi-la. Contrariando muitas vezes a imagem do ideal feminino no meio religioso cristão, que foi construída a partir de uma ótica masculina ou talvez masculinizada, levando a pouca participação e sendo vista sempre em posição secundária, de apoio aos homens. Seu trabalho na verdade durante muito tempo foi uma extensão dos seus afazeres domésticos, tanto no campo social como no religioso. De acordo com as tradições patriarcais trazidas pelo cristianismo, a mulher foi então, encerrada em um tipo de cerco invisível social, com linha demarcatória que restringiu o seu acesso aos lugares públicos de poder durante muito tempo. Organizada em território brasileiro em 1871 e em território paraibano desde 1914, a Primeira Igreja Batista tem se destacado pela ordenação da mulher ao ministério pastoral, algo conseguido só após a conclusão de Bacharel em Teologia. Mas apesar de apresentar avanços significativos nessa questão, se comparada com outras igrejas cristãs pentecostais e católica, o que mais chama a atenção é que a mulher só veio adquirir conhecimento religioso em seminários, quando partiu do Amazonas para Recife/PE em 1917, mesmo já existindo uma classe teológica desde 1899 com quatro alunos no Nordeste. Portanto, pretende-se colher informações sobre os regulamentos formais destas instituições em nível das suas jurisdições no Estado de Pernambuco e Paraíba, ou seja, será uma pesquisa com dados documentais e respectivas análises, cujo foco está na questão da educação religiosa do gênero feminino na igreja Batista, percebendo se houve ou há, na prática, algum tipo de preconceito impedindo o acesso ao ensino.

CATEQUESE E CIVILIDADE: COTIDIANO E EDUCAÇÃO RELIGIOSA NO CARIRI PARAIBANO ENTRE 1930 E 1950.

Paula Faustino Sampaio

RESUMO;

Ao enveredar pelo universo cotidiano no interior da Paraíba, tendo como fonte de pesquisa um conjunto documental formado por relatos orais de memória, hinos e catecismos, identificamos algumas práticas educativas, religiosas e sociais, que permitem compreender a difusão do discurso da Igreja Católica no cariri paraibano, entre as décadas de 1930 e 1950, bem como, mapear e analisar algumas vivências de pessoas que se constituíram como homens e mulheres no âmbito desse discurso. Neste texto, é nossa intenção compreender as formas de viver o processo de normatização da vida cotidiana dentro da concepção de civilidade defendida pela Igreja Católica. E, refletir sobre as formas de comportar-se afetiva, sexual e socialmente em um universo informado pelo discurso religioso que defendia a pureza, a castidade e contrição dos desejos. Para tanto, utilizaremos trechos de relatos orais de memória de mulheres com idade superior a sessenta anos de idade, moradoras do município de Cabaceiras, PB, somados a materiais impressos, a exemplo do Livro Catecismo, composto por cento e vinte e seis regras que tratam acerca da “civilidade” do cristão católico, e Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Este conjunto documental, dá condições para o(a) historiador(a), analisar uma época em que Igreja e Estado reaproximavam-se de modo a fortalecer, com discursos e práticas, a rede de poder, que entre outros objetivos, buscava normatizar e disciplinar o cidadão, que deveria ser também cristão e católico. Ainda, é viável tratar sobre vivências que tiveram como cenário, um município que abrangia parte da microrregião do cariri do estado da Paraíba. Trata-se de um lugar suscetível às intempéries climáticas, no qual as pessoas sobreviviam do trabalho na agricultura, na pecuária, no comércio e na administração e educação pública, cujas vidas eram pautadas, do nascer ao morrer, pelo discurso da religião Católica; um lugar longínquo das decantadas cidades, palcos do processo de modernização e do discurso de modernidade, mas que vivenciou o processo de normatização do cotidiano pautado no discurso de civilidade da Igreja Católica. Destarte, é nosso intento contar uma história da educação religiosa, fundamentada numa determinada concepção de civilidade, relacionando discursos e práticas.

ASPECTOS DA CULTURA ARTISTICA DO BARROCO NA PARAÍBA COLONIAL

Michael Douglas dos Santos Nóbrega
Carla Mary da Silva Oliveira

RESUMO:

O Barroco é caracterizado por suas diversas peculiaridades. Ele foi um estilo que marcou a cultura europeia entre fins do século XVI e começos do século XVIII. Sua formação esteve ligada diretamente às mudanças ocorridas na conjuntura da Europa da Contra Reforma e ao imaginário daí decorrente, que influenciou inclusive as mentalidades de artesãos, artífices e artistas. É possível afirmar que, numa interpretação mais ampliada, o Barroco foi um dos elementos fulcrais no que se refere à produção e caracterização da cultura brasileira a partir do século XVII, devendo ele ser compreendido não apenas como um estilo artístico e literário, mas sim como uma cultura da época. Nosso trabalho tem por objetivo perceber, através da leitura dos principais teóricos que se aprofundaram sobre o estilo, tanto na Europa como no Brasil, e no levantamento e análise de algumas imagens de igrejas presentes na Paraíba, como se deu a construção do estilo nestes espaços da América portuguesa, ressaltando as características e especificidades próprias desse processo, comparando-os brevemente com o de outras regiões do Brasil.

LAICIDADE E ENSINO RELIGIOSO NO SÉCULO XXI: NUMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL

Fábia Costa Leite Rodrigues

RESUMO:

O educador do Ensino Religioso (ER) certamente encontra conflitos existenciais relacionados ao enfrentamento de questões como o posicionamento do Estado e dos demais atores que o cercam frente à temática da laicidade e do Ensino religioso. Abordar o ER no Estado laico no âmbito educacional é desafiador, pelo fato do preconceito religioso ainda ser alvo de muitas discussões. O presente artigo que faz parte da dissertação de mestrado do curso de pós-graduação em Ciências das Religiões em fase de desenvolvimento, pela Universidade Federal da Paraíba; tem por objetivo averiguar a perspectiva do professorado da área do Ensino

Religioso sobre o termo laicidade escolar no município de João Pessoa-PB. Para isso temos como pressuposto a Lei que verbaliza no artigo 5º e inciso VI, viabilizando o discurso laico no Brasil que nos permite abordar o tema laicidade, na construção dessa problemática, com liberdade. A metodologia aplicada é de caráter bibliográfico e estudo de campo. Com o surgimento de uma nova abordagem da disciplina ER porporcionada pelo Município de João Pessoa aos atores sociais, inclusive os educadores, com um novo modelo educacional no âmbito dessa disciplina; é relevante investigar os fatores de mudança, e se ocorreu essa mudança na relação dos professores com a disciplina do Ensino Religioso, após o advento do art. 33 da LDBEN 9. 394/96.

TRANSGREDIR É POSSÍVEL: O CASO DO VIGÁRIO ANTONIO SOARES BARBOSA E SUAS TÁTICAS E DESVIOS NA PARAHYBA SETECENTISTA (1768-1785)

Muriel Oliveira Diniz
Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora)

RESUMO:

No Brasil colonial, a Igreja em união à Coroa portuguesa pelo sistema do Padroado, tinha a pretensa função de garantir e legitimar a colonização dos corpos tendo em vista a catequização das almas. Nesse sentido, a partir dessa imbricação, ditaram-se normas morais e éticas, regras de conduta, de pensamento que deveriam controlar as vivências de todos os colonos inseridos nesse contexto sócio-cultural e religioso. Todavia, em contraposição às regulamentações, os desvios, as transgressões maculavam a ordem metropolitana. É nesse sentido, de perceber as paragens brasílicas enquanto lugares aonde os sujeitos motivados por seus desejos pessoais iam de encontro às imposições da Igreja, que intentamos analisar algumas informações acerca do vigário colado Antonio Soares Barbosa, contidas nos processos jurídico-administrativos do Arquivo Histórico Ultramarino, digitalizados pelo Projeto resgate Barão do Rio Branco. Valendo-se da abordagem da Micro-História, refletimos sobre os discursos – tanto acusatórios como defensivos – referentes ao dito padre, para que assim possamos problematizar a respeito de suas táticas e artimanhas, que tanto incomodou o governador da Capitania Jerônimo José de Melo e Castro ao ponto deste escrever vários ofícios e cartas ao Rei Dom José I e à Rainha D. Maria I, comunicando-lhes sobre as intrigas ocasionadas por aquele na Cidade da Parayba dos setecentos (1768-1785). Uma trama que se

constrói tendo em vista falas contidas em documentos oficiais, interessados, direcionados, inserido dentro de uma lógica contextual própria, e estar consciente disso, nos possibilita fazer a devida crítica documental, tentando perceber nesse sentido, o que se designava, aqui em específico, por transgressão. O que não se pode negar é que é uma rede de acontecimentos que chama a atenção, na medida em que além do próprio ser acusado pelo governador de tramar seu assassinato e o de seu secretário, outros atores como o também padre Antônio Bandeira, a irmã e o sobrinho deste Quitéria Bandeira de Melo e Bento Bandeira de Melo, respectivamente e, o escravo Constantino, são citados em inúmeros processos.

PROTESTANTISMO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: A PERSPECTUIVA PARLAMENTAR 1946-1963

Dr. João Marcos Leitão Santos

RESUMO:

O protestantismo instalou-se definitivamente no Brasil a partir de meados do século XIX, num contexto de restrições jus-políticas. A partir da república e mais especificamente a partir do final dos anos 20, com a extensão dos direitos as populações não-católicas e acatólicas, e com a emergência de um novo corte no universo do protestantismo pela superação de suas crises institucionais internas, este sujeito passa a experimentar novas formas de interseção política com a sociedade. Parte deste processo se deu por uma tímida, porém crescente representação parlamentar em âmbito federal. Com mínima representação dos anos trinta até a legislatura de 1951, o protestantismo vai assistir o incremento desta presença tanto numérica quanto partidária. Foi possível inferir que a prática parlamentar manifestou-se acentuadamente heterogênea, com condicionantes ideológicos associados ao pensamento protestante mais freqüente em alguns deputados e bastante exíguos em outros; assim como a apreciação dos grandes temas da conjuntura nacional foi objeto de interesses maior para uns e menos abordados por outros. Neste contexto, esta comunicação avalia a discussão parlamentar dos protestantes na problemática referente a educação, tema historicamente ligado ao discurso e às práticas protestantes, desde a sua adoção como recurso estratégico da sua inserção no país.

“EDUCANDO-OS EM NOME DO PAI”: A IGREJA BATISTA DE BODOCONGÓ E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA VISÃO MUNDIAL – 1982

Alisson Pereira Silva
João Marcos Leitão Santos (Orientador)

RESUMO:

Este trabalho foi fruto das leituras propedêuticas que fizemos sobre a educação protestante, principalmente entre os Batistas, e suas particularidades enquanto estratégias de propagação da mensagem protestante no Brasil. A partir de um estudo de caso, de caráter exploratório, fizemos uma pesquisa sobre a experiência da formação de uma escola por parte da Igreja Batista de Bodocongó, na cidade de Campina Grande–PB, no início da década de 80. Veremos as possíveis implicações deste projeto, fazendo alusão às relações entre educação, religião e assistência social, e como estas relações foram forjadas de maneira tal que propiciasse uma ambiência favorável à propagação da mensagem cristã aos moradores da localidade próxima. Para tal exercício, o primeiro livro de atas da Igreja Batista de Bodocongó, entre os anos de 1982 e 1988, foi nossa fonte de pesquisa. Portanto, nosso trabalho se deterá à análise das referidas fontes, sem contudo provocar o encerramento de futuras elucubrações possíveis às mesmas.

ENSINO NO BRASIL COLÔNIA NOS MOLDES PORTUGUESES

Raquel Filomena Da Silva Maciel
João Marcos Leitão Santos

RESUMO:

Este trabalho busca analisar a prática do ensino, por parte dos portugueses, no território brasileiro dentro do período colonial, observando mais precisamente os anos compreendidos entre 1500 (com a oficialização da descoberta do Brasil por Cabral) até 1624 (quando houve o ingresso massivo dos holandeses nas terras tupiniquins). São ressaltadas as relações entre os portugueses e os índios, consideradas tais relações de ensino como “educação religiosa”, ou seja, como a educação estabelecida por Portugal no Brasil-Colônia estava necessariamente atrelada à religião no tocante ao ensino e a instrução apresentados aos povos aqui encontrados. Exterioriza como os índios e portugueses vivenciaram essas relações

educacionais, haja vista que tanto os índios absorviam alguma espécie de “conhecimento” introduzido pelos portugueses, como esses colonizadores da Península Ibérica também sofriam algum tipo de influência a partir das práticas culturais exercidas pelos índios da colônia. Mostra como os costumes dos povos indígenas eram associados ao modo português de instruí-los. Analisa-se o papel da religião católica dentro da prática de ensino entre 1500 e 1624, percebendo seus efeitos nas reações tanto indígenas como as decorrentes dos acontecimentos ocorridos durante esse período no continente europeu. Dá-se destaque ao método escolhido por Portugal ao oferecer educação aos índios e quais os resultados obtidos, não se esquecendo de naturais adaptações junto ao conhecimento peculiar anteriormente adquiridos pelos indígenas em suas tribos. Percebe-se a função das Companhias de Jesus nesse processo de instrução da nova Colônia Portuguesa, como era a visão por parte dos colonizadores ibéricos acerca dos povos e costumes brasileiros, como essa linha de pensamento influenciaram no modo de ensino que os jesuítas adoraram junto aos índios. É externada a importância da educação portuguesa no dia-a-dia da colônia e como os hábitos indígenas produziram alguma alteração de prática entre os colonizadores e no ensino nas companhias. O trabalho destaca a reflexão do que mais motivou Portugal a optar em instruir os índios, se para fornecer-lhes conhecimento a um povo aparentemente desprovido de acesso a aquisição desse conhecimento que havia na Europa ou simplesmente para induzi-los a pensar de acordo com aquilo que Portugal propunha. O fato é que algum tipo de aprendizado os índios obtiveram, mais ou menos útil para sua vida junto a novos povos, mas reflete-se sobre os efeitos produzidos desse conhecimento a partir de um perfil educacional eminentemente católico estabelecido por Portugal junto a educação dos povos indígenas.

SANTIDADE MANCHADA: A “CRISE DOS PADRES” NA CIDADE DO CRATO NA DÉCADA DE 1960

Maria Arleilma Ferreira de Sousa

RESUMO:

Ginzburg compara uma pesquisa como um fio de um tapete onde um vai se unindo ao outro até formar uma única peça. Os fios dessa pesquisa compõem um grande novelo que aos poucos está se configurando na face dos acontecimentos da Igreja Católica do Crato em fins do século XX. O impulso por analisar a “Crise dos padres” na cidade do Crato se deu a partir do momento que me interessei em

estudar um pouco mais sobre religiosidade. Diferentemente dos demais pesquisadores que analisam o Cariri cearense e se detém aos fenômenos religiosos ligados ao Padre Cícero, preferi me deter em investigar o cotidiano do Clero, em especial, a obrigatoriedade do celibato clerical. A “Crise dos padres” na cidade do Crato entre 1960 e 1980 é vista por muitos clérigos tradicionais como inexistente, no entanto, as fontes revelam uma outra “verdade”. Analisar esse não pertencimento do Clero do Crato em um momento de crise da Igreja Católica é um grande desafio. Investigar os fatos sociais e identificar verdades mesmo que momentâneas são algumas atribuições das Ciências Humanas. Uma pesquisa é sempre um desafio mas é também uma grande recompensa quando ao término se consegue identificar protagonistas de eventos que perpassaram as normas estabelecidas e através de táticas para sobreviverem no cotidiano reinventaram suas maneiras de ser e fizeram um novo caminho diante da História de suas vidas.



GT 15 – NARRADORES NA HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Prof^ª. Dr^ª. Keila Queiroz e Silva
Prof^ª. Dr^ª. Zélia Maria de Arruda Santiago
(Coord.)

DESCRIÇÃO

“Não podemos deixar a história se calar”! Esse discurso não é de um historiador, mas de um narrador Abel, morador da cidade de Assunção, situada no cariri paraibano, este contador de histórias é dotado de um sentimento de historicidade contagiante e pulsante! D. Iracema, ex-moradora do bairro São José em João Pessoa, em suas narrativas desmistificou a crença popular de que Lúcia Braga é a mãe do bairro, a fundadora daquela cartografia. Ao narrar a história da ocupação daquele espaço, a sua liderança se confirma em papéis sociais públicos e privados assumidos na comunidade, tais como: parteira, rezadeira, militante política, bem como todos os membros de sua família. O trabalho com as narrativas orais é sem dúvida um percurso metodológico que nos coloca face a face com a história vista de baixo e com as astúcias e artes de fazer dos sujeitos ordinários (CERTEAU:1994). O pulsar diário dos corpos marginais em sua localidade dá sentido ao trabalho do historiador, uma vez que dá visibilidade aos enredos experienciais humanos que se encontram nos escombros da cidade. Os mitos fundadores que reproduzem a leitura apologética dos heróis nacionais são desconstruídos, quando na condição de pesquisadores rompemos a nossa identificação com a cultura grafocêntrica e investimos em um processo de descolonização simbólica através do diálogo entre a história e a memória, entre os cientistas e os populares. O trabalho com a história local através dos narradores é uma proposta de Educação Patrimonial que possibilita o reconhecimento das

memórias coletivas com toda a sua pluralidade sógnica, possibilitando o protagonismo de todos os atores sociais. As nossas identidades de historiadores têm sido redefinidas a partir das reflexões teórico-metodológicas no campo da Nova História, tanto no que diz respeito ao ofício de professor, quanto no concernente ao ofício de pesquisador e autor. O reconhecimento da subjetividade do conhecimento histórico e a suspeição do desejo de verdade herdado dos positivistas tem flexibilizado as nossas discursividades e nos convidado à vivência de diálogos simétricos entre os narradores e os historiadores, entre fatos e representações, percebendo a escrita da história com um devir relacional.

COMUNICAÇÕES ORAIS

NARRAR HISTÓRIAS, TECER TRAJETÓRIAS: REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE

Viviane Gomes de Ceballos

RESUMO:

Pensar a relação entre memória e história é deparar-se com uma complexidade de entendimentos e de procedimentos que norteiam o trabalho do historiador para quem, assim como Proust, pensa que a vida é vagabunda e a nossa memória é sedentária, ou seja, a memória possibilita a construção de uma unidade dentro da complexidade e descontinuidade dos eventos que compõem a trajetória de cada indivíduo. A história oral pode aparecer como uma espécie de fonte privilegiada para os trabalhos que estabeleçam a relação entre história e memória. Este artigo busca discutir a relação que se estabelece entre história, memória e história oral como possibilidades e limites inerentes ao métier do historiador.

BRASIL: RELAÇÕES INTERNACIONAIS, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Eliete de Queiroz Gurjão

RESUMO:

Durante toda história do Brasil foram impostos valores culturais das nações hegemônicas. O etnocentrismo europeu estabeleceu a "superioridade da cultura

cristã ocidental” frente “à inferioridade da cultura nativa”, dos “bárbaros, sem fé, sem rei e sem lei”, conforme se referiam os próprios conquistadores portugueses. A afirmação do estado brasileiro ocorreu em meio às disputas internacionais na Europa pós Napoleão, do pan-americanismo e conflitos platinos. O Império brasileiro aprofundou a dependência cultural à Europa: copiou o modelo educacional francês e favoreceu a incorporação de novos hábitos de consumo e valores, mediante relações comerciais e diplomáticas com a Inglaterra, no contexto de fortalecimento do imperialismo e difusão da modernidade. Durante os primórdios da República continua a importação de idéias e costumes, agora acrescidos da “ideologia americana”, a exemplo da criação da bandeira nacional, cuja primeira versão era uma cópia da americana, apenas mudadas as cores; adotou-se outra, porém, com lema do positivismo francês. Apenas nos anos vinte, através dos modernistas, começa-se a divulgar nova visão da cultura brasileira e defender seu Patrimônio Cultural, resultando na lei de 1937. Apesar de proposta por Mário de Andrade, baseada num conceito amplo de Patrimônio, foi promulgada para legitimar o varguismo/populismo, enaltecendo a elite política, desprezando-se os demais bens e valores culturais. A partir de 1945 a UNESCO engajou-se na defesa do Patrimônio Cultural, vários acordos internacionais foram firmados com base em novas concepções, relevando a relação entre cultura e identidade dos povos. Sabe-se que atualmente o processo de globalização vem imprimindo sua marca nos mais diversos setores da sociedade. No que se refere ao Patrimônio Cultural sua influência atinge bens, manifestações culturais materiais e imateriais, comprometendo suas configurações, através da homogeneização/padronização, pondo em risco sua sobrevivência. Novos valores culturais se impõem, através da mídia são disseminados, tornando-se hegemônicos. Como resultado, tende-se à sua reinvenção, em consonância com os novos padrões globais e o risco de perda das identidades locais. Acreditando que a educação é a principal salvaguarda do Patrimônio Cultural, juntamente com alunos de Relações Internacionais /Campus V/UEPB, estou desenvolvendo dois projetos. O primeiro: "Educação Patrimonial: representações locais e vínculos internacionais" tem como enfoque a memória da diplomacia brasileira representada por Rio Branco. O segundo: "Patrimônio cultural internacional: memória do ideal republicano numa perspectiva educacional" trata do resgate, valorização e preservação do patrimônio relativo à Revolução de 1817 na Paraíba.

ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO: LUGARES E SUPORTES DA MEMÓRIA NO CARIRI CEARENSE

Jane Maria Fernandes de Almeida
Francisco Roberto Dias de Freitas

RESUMO:

O objetivo do trabalho é discutir a importância da Educação Patrimonial para os ensinos: Fundamental e Médio na região do Cariri. Como parte da prática de ensino de história que valorize a cultura material e imaterial e sua importância histórica. Educação Patrimonial, entendida aqui, enquanto a valorização da utilização de bens materiais e imateriais, a exemplo de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas – os lugares e suportes da memória – no processo educativo, a fim desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos para a preservação desses bens. Espaços de memória, esses, já existentes nas cidades do Crato, Juazeiro e Barbalha, que possibilitam a releitura de uma história local. O trabalho nasce da vivência em escolas públicas da região através da disciplina: Estágio Supervisionado III do curso de História da Universidade Regional do Cariri – URCA, quando identificamos que o tema Patrimônio e correlacionados como Memória e Identidade eram pouco explorados à nível escolar. O trabalho possibilita o senso de preservação da memória social coletiva. A preservação do patrimônio histórico é uma questão de cidadania e, como tal, interessa a todos por se constituir em direito fundamental do cidadão e para a construção da identidade cultural. É da necessidade de preservação do conjunto completo de bens, qual seja, casa de uma rua ou monumentos de uma cidade, caracterizados como “pedra e cal” que surgem as entidades oficiais públicas ou fundações para zelar pelo Patrimônio Histórico e Artístico. desde os anos 90 o cenário da preservação patrimonial vem se modificando com a incorporação de novos conceitos e a consolidação da Educação Patrimonial. Em 1999 é publicado o Guia Básico de Educação Patrimonial que, juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais, serviria como referencial para a realização de projetos voltados para este tema. O trabalho objetiva discutir questões relacionadas com a possibilidade de se trabalhar com os bens culturais do patrimônio histórico em escolas e no meio acadêmico, a fim de estimular nos alunos, o senso de preservação da memória-social coletiva da região do Cariri cearense, como condição indispensável à construção de uma nova cidadania e identidade.

HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES ETÁRIAS: RELATIVIZANDO PAPÉIS SOCIAIS

Valdirene Pereira de Sousa

RESUMO:

Este trabalho tem o propósito de investir em indagações sobre as linguagens subjetiva(da)s de velhice que se instalam no cotidiano do Centro de Convivência, espaço que reúne grupos de terceira idade na cidade de Campina Grande. Procuramos (re)pensar os sentimentos de velhice (re)apropriados e representados, a partir das experiências de gênero, infantes e juvenis demarcadas no contexto temporal das décadas de 1940-1960 no cenário paraibano. À cartografia dos usos dos espaços segue-se uma investigação das vivências das outras identidades etárias, através da incursão nas histórias de vida e nas memórias afetivas dos sujeitos entrevistados, com vistas à relativização dos papéis investidos socialmente para delimitar as expressões etárias. O que significava ser criança e/ou ser jovem no contexto das décadas de 1940-1960 marcado pelas relações patriarcais? Como os idosos representavam suas outras identidades etárias e como representavam sua velhice a partir das relações construídas no Centro de Convivência? Suas representações infantes e juvenis possibilitaram a desconstrução dos lugares sociais atribuídos às demarcações etárias, lugares que foram construídos e referendados pelos discursos defensores da institucionalização do curso da vida na modernidade. Entre narrativas institucionais e não institucionais e representações senescentes e de gênero movidas pelos dispositivos da tradicionalização e destradicionalização, transitam os idosos praticantes dos espaços, os quais circulam cotidianamente no Centro de Convivência, dando visibilidade ao cenário ambivalente da cidade de Campina Grande.

**(RE) VISITANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE DE AREIA
– PB: DIÁLOGOS ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL**

Patrícia Cristina Aragão

RESUMO:

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa realtiva ao tombamento da cidade de Areia, como Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, efetivado no ano de 2005. Problematicamos aqui a relação dos jovens areienses com o aludido tombamento. Apontamos à educação patrimonial como sendo uma das principais medidas de valorização e conhecimento dos bens culturais da cidade de Areia. Para tal efeito, nos utilizamos no que diz respeito à metodologia de pesquisa, da técnica de entrevista com uma professora areiense; além disso, também empreendemos a aplicação de um questionário em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Inferimos, com efeito, que há grandes lacunas no entendimento desses jovens a respeito da questão do aludido Tombamento, sobretudo, embora não exclusivamente, no que concerne ao motivo que teria levado a cidade de Areia a ser reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil. Como aporte teórico utilizamos: CHOAY, 2001; HALL, 2006; LE GOFF, 1994; ORIÁ, 2006.

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: MEMÓRIA,
SUSTENTABILIDADE, CIDADANIA E CONSTRUÇÃO DE
CONHECIMENTO**

Eliana de Souza Rolim

RESUMO:

A configuração do patrimônio histórico como um bem cultural tem suscitado neste início de milênio um novo olhar em relação à preservação desses bens. Para Hartog (2006) esse redirecionamento, teve início na década de 1960, período em que se voltam os olhares na busca incessante pelas raízes e pela memória, movimento diante do qual, compreender e preservar o patrimônio é conhecer tanto a história como a memória suscitadas, a partir de lembranças evocadas por sua existência. Assim, a preservação do patrimônio histórico – que desde o século XIX foi objeto

de preocupações de historiadores, arquitetos e cientistas sociais, entre outros estudiosos que abordam esta temática – tem se configurado como algo importante, não apenas como objeto de estudo, mas também, como produção de conhecimento histórico significativo, bem como para a memória coletiva e a construção de identidades. Daí porque é fundamental a participação da população, especialmente quando se trata da questão do tombamento e preservação dos chamados lugares de memória. Contudo, o desafio desse novo século é fazer com que as comunidades que convivem diariamente com esses bens culturais sintam-se responsáveis por eles e descubram o valor que possuem. Isso pode ocorrer a partir da implantação de políticas públicas de Educação Patrimonial, que segundo Valecillo (2009) é um meio através do qual se faz possível a aproximação da comunidade com seu patrimônio. A partir desse contato se pode falar em sustentabilidade patrimonial e cidadania, visto que a implantação da Educação Patrimonial, enquanto disciplina deve ser uma aliada cada vez mais utilizada na sala de aula para desenvolver um ensino de História pertinente e comprometido em proporcionar aos alunos a capacidade de, além de assimilarem conteúdos, manter um contato mais próximo com seu próprio contexto sociocultural. Assim, as atividades pedagógicas voltadas para a História local e o trabalho com os bens culturais existentes podem e devem fazer parte desse processo de ensino/aprendizagem, por meio do qual o aluno passa a enxergar o cotidiano como objeto de construção de conhecimento.

FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE: PERSPECTIVAS PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS

Samara Tavares Batista
Samara Marques Dias Alves
Keila Queiroz e Silva (Orientadora)

RESUMO:

Pesavento (2007), afirma que a cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpri plenamente o sentido de ‘habitar’, e essas características a torna indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade é lugar do homem, é obra coletiva (impensável só no individual), como também, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. Pensando nas questões referentes à cidade em consonância com as questões de sala de aula e a educação, este artigo é resultado de uma pesquisa que tem como proposta mostrar que existem outros espaços formativos e outros sujeitos educativos para além da escola,

destacando-se em nosso trabalho a Feira Central de Campina Grande – PB como um patrimônio cultural, resgatando a memória coletiva desta. E diante disso, apresentaremos o nosso trabalho a partir de um olhar da história cultural, que por sua vez nos deixa imensamente à vontade para caminharmos nos atalhos da oralidade e de entrevistas que visam, sobretudo a partir de depoimentos, valorizar não só fatos acerca do passado, mas sim todo o caminho pela qual a memória coletiva é construída. Desse modo, no intuito de compreender a educação a partir da cultura arraigada no contexto da Feira Central de Campina Grande, para iniciarmos o nosso texto, fizemos o seguinte questionamento: a Feira enquanto espaço comercial e cultural pode ser compreendido como um lugar de produção e formação educacional? Daí pensarmos neste local de aprendizagem não só devido à monumentos, mas, também, por valores, tradições, memórias, patrimônio cultural inteligível, experiências, e sociabilidades, que são transmitidas de gerações para gerações, tanto a partir dos feirantes como do consumidor. Assim, a partir dos relatos orais, identificamos que a Feira por ser um patrimônio cultural e ter uma heterogeneidade propicia o mesmo ser um espaço educacional, foi possível perceber que esse espaço como algo não estático, mas um produção humana contínua com suas diversas atividades na vida cotidiana.

MEMÓRIA E HISTÓRIA LOCAL: A BARRAGEM E A DIÁSPORA DE SÃO RAFAEL/RN NAS NARRATIVAS DOS TRABALHADORES RURAIS.

Jovelina Silva Santos

RESUMO:

O presente trabalho procura enfocar as narrativas de trabalhadores rurais do município de São Rafael/RN acerca da expropriação e expulsão de seus territórios devido à construção da barragem Engº Armando Ribeiro Gonçalves e o projeto Baixo-Açu como possibilidade de abordagens para o ensino de história local e educação patrimonial. A fecundidade dessas narrativas permite acessar o passado por outras vias, observando a complexidade dos acontecimentos vividos pelos moradores - para além da história oficial edificadora de memórias dominantes (LE GOFF, 1984) que justificam projetos autoritários e tentam silenciar e excluir outros sujeitos sociais do processo histórico. Nessa perspectiva, as memórias dos que experimentaram o processo de deslocamento/relocamento da antiga para a nova São Rafael em razão da construção da Barragem Engº Armando Ribeiro Gonçalves constituem um rico material documental na elaboração de propostas para o ensino

da história local e educação patrimonial com vistas a apreender historicamente os vínculos entre diferentes gerações, fortalecendo a identidade social de uma coletividade, pressupostos para o exercício da cidadania (ORIÁ, 1997). Nas narrativas dos antigos moradores, podemos reencontrar além da cidade submersa, seus diferentes espaços de memória - instituidores da identidade social, que ao emergirem, suscitam indagações sobre as raízes históricas da antiga São Rafael, sobre os impactos sócio-ambientais, econômicos e culturais para os grupos sociais desfavorecidos, sobre a luta dos trabalhadores e sobre a realidade social na qual estão inseridos atualmente. É nessa relação história local e memória que passado e presente poderão ser reelaborados e resignificados tanto pelas gerações passadas que participaram pessoalmente do processo de deslocamento, quanto pelas atuais que o apreende na socialização dessas experiências. Trazer à tona essas memórias possibilita conhecer a história do município, dimensionando a luta e a resistência dos trabalhadores ribeirinhos ao longo do processo de transposição, bem como as dificuldades enfrentadas por eles na reorganização da vida cotidiana em outros espaços.

MEMÓRIA, HISTÓRIA VISTA DE BAIXO E HISTÓRIA ORAL: UMA RELAÇÃO.

Juliana Barros Mendonça

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo estudar a memória do ponto de vista teórico, relacionando os conceitos sobre essa temática às discussões que dizem respeito à história oral e história vista de baixo (history from bellow). A história oral é uma metodologia relativamente nova e que passou a ser utilizada pelos historiadores, com maior constância, no início da década de 50 nos Estados Unidos. Já nos anos 60 surgiram as primeiras discussões a respeito da chamada história vista de baixo (history from bellow). Influenciada pelos estudos da história social, a história vista de baixo acaba por adquirir institucionalização e maior expressividade teórica através das obras do historiador inglês Edward Palmer Thompson. Unindo-se essas duas perspectivas, percebe-se que as possibilidades de interpretação do historiador passaram a ser ampliadas a partir das novas escolhas relacionadas às fontes e também às novas abordagens teórico-metodológicas que dizem respeito às pesquisas que englobam as temáticas da história e da memória, contribuindo

diretamente para acrescentar informações e outras interpretações relativas ao fazer historiográfico.

NARRATIVAS E APRENDIZAGENS: OS VELHOS DE MINHA VIDA

Maria Edilene Justino
Keila Queiroz e Silva (Orientadora)

RESUMO:

O ensino de história tem vivenciado dias de continuas mudanças, sobretudo as de cunho teórico-metodológico que uma vez apoiadas, tanto na trajetória da história da educação, quanto na educação patrimonial, atualmente, lança-se ao vislumbamento do ensino de história que tenha por base a perspectiva Nova Historista e a transdisciplinaridade, valorativa dos sujeitos, e suas individualidades, e primordialmente de seus saberes. Assim, este trabalho tem por objetivo lançar uma discussão acerca da pertinência de se pensar propostas para o ensino de história baseadas nas narrativas orais intergeracionais, aportadas, ora nas narrativas sobre, ora nas narrativas dos próprios sujeitos idosos como valorização desta categoria etária no ensino de história que enfatiza as relações intergeracionais, e que reconhece a língua via expressão da linguagem oral, como patrimônio cultural da humanidade. Isto, com fins de validação destes registros das histórias orais como forma de registro daquilo que até então, por razões não esclarecidas, ainda não conquistaram espaço nos livros didáticos. Para tanto, nos debruçaremos sobre a pesquisa bibliográfica das teorias sobre as novas metodologias utilizadas no ensino de história, as manifestações da linguagem via narrativas orais, e ainda sobre a pertinência, na atualidade, da convivência intergeracional observada no contexto do ensino-aprendizagem. Realizaremos também pesquisa oral em grupo(s) de pessoa(s) idosa(s) da Cidade de Campina Grande com fins de ratificação da pertinência do ensino de história em sala de aula, que tenha como sujeitos narradores, os próprios alunos e as pessoas idosas em contexto de convivência intergeracional com alunos de todos os anos. Com isto, visamos além da valorização das narrativas orais no ensino de história, o instigamento aos jovens, e em uma sociedade que constataidamente envelhece a lançar-se ao desafio da convivência intergeracional que prime pelo respeito à pessoa idosa, vista como ícone de sabedoria, culturalidade e acima de tudo, de aprendizagens.

MULHERES, HISTÓRIA, TRABALHO E FOTOGRAFIA

Maria Aparecida Barbosa de Figueiredo
Severino Cabral Filho

RESUMO:

O presente artigo objetiva tecer algumas considerações acerca da mulher na história a partir de uma abordagem crítica do conceito da mulher como ser “excluído, silenciado e invisível” na sociedade. Faremos isso por meio de um estudo de caso, no qual procuraremos marcar as suas resistências. Nossa abordagem pretende lançar luz sobre a história das mulheres do Sertão paraibano através da experiência de um grupo de costureiras, e de como este grupo desenvolveu, através do trabalho, práticas de resistência à exclusão a que foram segregadas historicamente. Nosso trabalho foi possível, através do depoimento da senhora Maria Amélia Filha, (D. Maria) e da análise das imagens fotográficas de um grupo de costureiras da cidade de Jericó – PB, nos anos de 1953 a 1956. Elegemos como fontes as imagens fotográficas encontradas nos álbuns de família de D. Maria, na tentativa de compreendermos em que ponto elas constroem seu depoimento e a rememoração da cena congelada da foto. Ao analisarmos a história dessas mulheres percebemos suas luta e capacidade de superação de realidades em ambiente muitas vezes adverso, sendo capazes paradoxalmente de, enquanto minoria excluída, gerar e construir um farto acervo documental fundamental ao desenvolvimento da História.

ENSINO DE LEITURA EM TURMAS DE EJA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Andreza Paula Matias
Sandra Barbosa Barros Lima
Zuleide Maria de A. S. Guimarães

RESUMO:

A leitura, por muito tempo, era permitida a poucos: aos portugueses que tomaram posse das terras brasileiras; aos senhores de engenho e filhos; aos jesuítas catequizadores dos índios e ao clero. Ficava, portanto, excluída do direito de ler e escrever a grande massa brasileira. Hoje, uma grande parte dessa massa como os

jovens e adultos que por algum motivo abandonaram a escola, reiniciam seus estudos sem muito interesse pela leitura. Em decorrência disso, o professor precisa desenvolver um hábito perdido, o que só é possível a partir de uma mudança no trabalho com a leitura, passando esta de uma atividade obrigatória para uma que envolva os alunos, tornando-os leitores proficientes. Para isso, ele deve proporcionar-lhes atividades de leitura que acionem seus conhecimentos prévios, levando-os a refletir e interpretar o seu dia a dia com vistas a uma melhor interação. No intuito de estimular essa interação, tais professores utilizaram como recurso didático gêneros circuláveis em jornais sob a alegação de que tais textos poderiam acionar seus conhecimentos prévios. Para investigarmos como o professor punha em prática o ensino da leitura, realizamos uma pesquisa qualitativa com coleta de dados através de questionário aplicado aos professores A e B do ensino fundamental na modalidade EJA de uma escola pública de Boqueirão. As questões voltavam-se à identificação da concepção dos professores sobre a leitura e à metodologia adequada para viabilizá-la. Nesse contexto, esse trabalho tem como objetivo discutir as concepções dos professores sobre a leitura e a maneira como eles a estão pondo em prática com vistas a formação de leitores proficientes. Os dados mostraram que, mesmo fazendo uso dos gêneros jornalísticos voltado à realidade dos alunos, os docentes desencadeiam uma prática pedagógica impregnada de certo tradicionalismo que torna enfadonha a aula de leitura.

PROCESSO AVALIATIVO DE FORMA CONTÍNUA: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES DE EJA

Luana Oliveira da Silva
Maria do Livramento Silva
Zuleide Maria de Arruda Santiago Guimarães (Orientadora)

RESUMO:

A avaliação da aprendizagem foi e continua sendo na sociedade contemporânea o mais polêmico objeto de estudo, sobretudo dos professores das escolas públicas. Sendo um processo, a avaliação não deve se limitar em avaliar o aluno de forma classificatória e periódica, mas de forma contínua e durante todo o período letivo, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e o dos resultados ao longo do período sobre os das provas finais – LDB 9.394/96. Em reuniões pedagógicas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Eucláudia Rodrigues,

situada na cidade de Boqueirão (PB), os professores sugerem uma mudança na forma tradicional de avaliar sob a alegação de que a ela deve-se a evasão e /ou o fracasso na escola. Um professor que esteja engajado numa prática transformadora procurará desmistificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante e autoritária, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que ele/ela analise seu contexto social e produza seus conhecimentos. Inserido num processo de educação como uma arma de resistência à globalização econômica excludente, é fundamental que o professor reflita sobre o uso de práticas avaliativas mais viáveis. Para discutir essa situação, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com coleta de dados através de questionário, contendo questões objetivas aplicadas a professores do segundo segmento (6º e 7º ano) da EJA. Tais questões voltaram-se à concepção de avaliação e aos instrumentos utilizados. Os dados analisados mostraram que os professores se contradisseram no momento da avaliação quando não adequaram os instrumentos à concepção adotada. Nesse contexto, o trabalho discute a importância da avaliação contínua e adequação dos instrumentos utilizados nesse tipo de avaliação com vistas à inclusão e permanência do aluno de EJA na escola.

VIVÊNCIAS EM ESCRITA DE ALUNOS DA EJA: UM PERFAZER SOCIOINTERACIONISTA

Maria das Graças dos Santos Diniz
Zuleide Maria de Arruda Santiago Guimarães (Orientadora)

RESUMO:

A discussão do processo da escrita na sociedade brasileira que ainda tende a considerá-lo de forma autônoma é uma necessidade para que os profissionais da área de língua atentem para o fato de que a escrita está relacionada às vivências sociais dos alunos. Assim, o foco da pesquisa centra-se nas produções textuais escritas coletadas de dois dos nossos alunos do 6º ano, antiga 5ª série, da EJA na E. E. Fundamental e Médio Prefeito Williams Arruda da rede pública, situada em Campina Grande, (PB). Na tentativa de investigar, nessas produções, suas próprias vivências, empreendemos uma pesquisa qualitativa com dados empíricos coletados após a realização da nossa leitura, com o texto intitulado “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, a partir da qual haveria uma discussão seguida de uma produção textual elaborada pelos alunos. Mesmo percebendo que os nossos alunos não

tinham conhecimento sobre o gênero solicitamos que relacionassem a temática a suas experiências de vida, buscando uma aproximação entre essas experiências e as características do texto lido. Os dados apresentaram-se muito significativos para nós à luz de uma visão sóciointeracionista da escrita em detrimento de sua visão autônoma, uma vez que revelaram as vivências dos alunos de acordo com seus contextos sociohistóricos. Nesse contexto, o trabalho tem por objetivo reconstruir a trajetória da escrita nos últimos quatro séculos, realçando sua importância na sala de aula como uma atividade sóciointeracionista.

OS VADIOS, VAGABUNDOS E OUTROS ELEMENTOS INCÔMODOS NA SOCIEDADE AÇUCAREIRA: OS DESERTORES DA TROPA DE LINHA EM PERNAMBUCO NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Giovane Albino Silva
Kalina Vanderlei Silva

RESUMO:

A tropa de linha - também chamada burocrática, regular ou institucional – era uma das principais instituições regidas pela Coroa portuguesa nos territórios coloniais americanos, e que foi utilizada, entre outras funções, para organizar e estabelecer o domínio Metropolitano nas novas terras. Contudo alguns problemas fizeram com que a tropa não se estabelecesse conforme seus propósitos iniciais, e entre estes destacamos a deserção. Esta foi uma prática constante na América Portuguesa, devido, inicialmente, ao caráter repressor e forçado do recrutamento, que visava à inserção de grupos sociais específicos, tais como vadios, vagabundos e pobres produtivos. A Coroa almejava, com isso, retirar da convivência cotidiana os indivíduos que pouco ou em nada contribuíam ao comércio agroexportador da colônia e dar-lhe uma função social. Estes grupos formavam o grosso de soldados da tropa, que passou a ser sinônimo de trabalho de baixa qualidade, e um imaginário negativo foi criado para os que exercessem tal ofício. Além disso, as questões culturais, influenciadas pelo imaginário barroco, desprezavam o trabalhador mecânico e consequentemente estigmatizavam o trabalho de soldado. Estas questões, somadas as dificuldades internar na tropa, fazia com eles ficassem cada vez mais insatisfeitos e por isso muitos optavam por fugirem, desertarem, buscarem outros lugares para sua sobrevivência. Os desertores viviam na clandestinidade, já que resistir a esse ofício e desertar era um crime. Diversos documentos, encontrados no acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, mostram a

preocupação dos chefes militares em relação aos problemas relativos à deserção. Os documentos apontam para o caráter negativo dos desertores nas vilas de Pernambuco, mostrando que muitos cometiam assassinatos e por isso eram considerados elementos negativos e deveriam, portanto, serem punidos severamente. A sociedade açucareira de Pernambuco se encontra como ponto central desse trabalho por ter sido um lugar onde havia uma grande quantidade de pobres produtivos, vagabundos e vadios nas suas vilas, sendo utilizada como uma das principais regiões fornecedoras de soldados na colônia e que por consequência era um lugar que havia muitos homens que rejeitavam o recrutamento e desertavam. Seguindo um viés sociocultural e um estudo buscando uma história da vida cotidiana nas vilas açucareiras, essa pesquisa tem como objetivo norteador observar de que forma esses desertores se inseriam na sociedade açucareira de Pernambuco e quais suas influências e sua relação com essa sociedade.

ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E PATRIMÔNIO: LUGARES E SUPORTES DA MEMÓRIA NO CARIRI CEARENSE

Jane Maria Fernandes de Almeida
Francisco Roberto Dias de Freitas

RESUMO:

O objetivo do trabalho é discutir a importância da Educação Patrimonial para os ensinamentos: Fundamental e Médio na região do Cariri. Como parte da prática de ensino de história que valorize a cultura material e imaterial e sua importância histórica. Educação Patrimonial, entendida aqui, enquanto a valorização da utilização de bens materiais e imateriais, a exemplo de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas – os lugares e suportes da memória – no processo educativo, a fim desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos para a preservação desses bens. Espaços de memória, esses, já existentes nas cidades do Crato, Juazeiro e Barbalha, que possibilitam a releitura de uma história local. O trabalho nasce da vivência em escolas públicas da região através da disciplina: Estágio Supervisionado III do curso de História da Universidade Regional do Cariri – URCA, quando identificamos que o tema Patrimônio e correlacionados como Memória e Identidade eram pouco explorados à nível escolar. O trabalho possibilita o senso de preservação da memória social coletiva.

COTIDIANO, TRADIÇÃO E MEMÓRIAS DAS CIRANDEIRAS DE CAIANA DOS CRIoulos

Janailson Macêdo Luiz

RESUMO:

Caiana dos Crioulos é uma comunidade localizada na zona rural do município de Alagoa Grande - PB. Nos últimos anos, surgiu no local um grupo de ciranda e coco de roda, formado principalmente por mulheres, que vêm se destacando no cenário cultural paraibano. O presente estudo objetivou compreender, através de relatos orais das cirandeiras de Caiana dos Crioulos, relativos à prática de brincar ciranda e coco de roda, a importância dessas manifestações nos seus cotidianos e histórias de vida; bem como perceber suas representações com relação às mudanças e continuidades entre a ciranda e o "coco" do presente e as cirandas e os "cocos" do passado da comunidade. Do ponto de vista metodológico, o estudo esteve alicerçado, principalmente, nas técnicas da "História Oral", em destaque a "História Oral Temática". A pesquisa constatou que as brincadeiras da ciranda e do coco de roda estão intrinsecamente relacionadas às histórias de vida e à formação identitária dos moradores em geral de Caiana dos Crioulos. Todavia, observou-se que essas práticas recebem uma significação ainda maior por parte das integrantes do grupo de cirandeiras, visto que essas mulheres veem a manutenção da ciranda e coco de roda, através de suas participações no grupo, como: um espaço de reconhecimento e valorização das suas identidades culturais; meio de se religarem a um passado que é representado como "mais valoroso", através da manutenção e (re)invenção de certas tradições; forma de lutar contra forças e processos que não podem vencer diretamente, tendo para isso que lançar mão de certas astúcias. Desse modo, as cirandeiras de Caiana dos Crioulos reinventam o seu cotidiano e fortalecem suas identidades étnico-raciais, religiosas, de gênero, espaciais, entre outras, por meio de suas participações no grupo. Além disso, ao viajar para se apresentar ou ao "brincar" ciranda e "coco" dentro da própria comunidade, essas mulheres evadem por algum tempo das situações de dificuldade e se religam a um passado que no dia-a-dia não pode mais ser sentido, mas que é revivificado em suas práticas e lembranças.

ATITUDE APOLOGÉTICA E INSTRUMENTALIZAÇÃO DO MEDO NA OBRA “O PERIGO DOS COLÉGIOS PROTESTANTES” (1929)

Daniel Soares Simões

RESUMO:

A partir da década de 1920 floresceu no Brasil um movimento de restauração católica. Por meio dele a Igreja pretendeu “recristianizar” o país, colocando-se na contracorrente do processo de secularização, cujos elementos característicos são o Estado laico e o pluralismo religioso. Foi a contestação deste último que ensejou o combate às “heterodoxias”, representadas, em grande parte, pelas denominações protestantes ora em expansão, daí falar-se em uma atitude apologética associada ao movimento católico restaurador. Uma das principais dimensões do combate ao protestantismo encontra-se no veto às instituições de ensino evangélicas, amplamente documentado em escritos da época, dentre os quais destacamos a obra “O Perigo dos Colégios Protestantes”. Esta foi publicada em 1929 por Júlio Maria de Lombaerde (1878-1944), padre belga radicado na cidade mineira de Manhumirim e que se tornaria um dos principais polemistas católicos do país. Escrita para fazer frente a educandários evangélicos locais, o opúsculo sintetiza, no entanto, quais eram as concepções da Igreja no Brasil em relação às escolas protestantes, representadas, a um só tempo, como uma ameaça à conservação da fé católica e à segurança nacional, razão pela qual é possível falar numa instrumentalização do medo no combate às mesmas. O presente trabalho versa sobre as representações em torno dos colégios protestantes no contexto da restauração católica.

CONTADORES DE HISTÓRIAS DO “VAI QUEM QUER”: POR DENTRO DAS NARRATIVAS POPULARES

Carlos Magno de Souza (UFRN)
carlos.magno@yahoo.com.br

Prof. Dr. Henrique Alonso de A. R. Pereira (UFRN)
henriquealonso@yahoo.com

O objetivo dessa comunicação é a de discutir a partir das ferramentas metodológicas da História Oral, de que maneira, formas e estratégias os contadores de histórias da comunidade do “Vai Quem Quer” se relacionam com o espaço que

habitam. Esta proposta de trabalho se constitui num (projeto de mestrado) que é examinar as suas narrativas populares, tendo como centro o “espaço que habitam”, para pensar como os contadores de histórias (re) inventam o espaço por eles experienciado e constroem uma memória e uma identidade. Tendo em vista que o cenário dos debates desse GT segue na direção de proporcionar aos pesquisadores um espaço de discussão, na qual as as narrativas tornam possível uma maior compreensão de como os atores sociais, por intermédio da memória, representam o passado.

**UM CALEIDOSCÓPIO DE OLHARES, SENSações E EXPERIÊNCIAS:
PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO PROGRAMA
NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS EM JOÃO PESSOA – PB (2005-
2010)**

Isabella Oliveira de Andrade Virgínio (PPGH/UFCG)
isabellavirginio@gmail.com
Cláudia Engler Cury (Orientadora) (PPGH/UFPB)
claudiacury@terra.com.br

A escolha e delimitação de um tema de pesquisa são atividades inerentes a qualquer pesquisador que, vivenciando uma determinada realidade e que, por sua vez, experimentando inúmeras possibilidades de interrogar-se diante das suas próprias inquietações, traça objetivos, estabelece metas a serem alcançadas e, junto a isso, lança mão de um arcabouço teórico-metodológico compatível com o seu objeto de estudo. Evidentemente, todo o processo de pesquisa prevê dificuldades, das mais variadas ordens, uma vez que um mesmo tema pode suscitar inúmeras abordagens, o que requer do pesquisador muita maturidade ao dialogar com o seu tema/problema, visualizando as “tensões” teóricas e metodológicas que se estabelecem em torno dele. A presente pesquisa adota como foco central de suas análises o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM, executado pela Prefeitura Municipal do município de João Pessoa – PB, desde o ano de 2005. Nossos objetivos centrais consistem em: dialogar com os diversos conceitos de Patrimônio Histórico e Cultural, Educação Patrimonial e Ensino de História, procurando estabelecer as possíveis conexões desses conceitos à recente discussão sobre Cultura Histórica, assim como, fundamentalmente, buscamos refletir/compreender as possibilidades engendradas pelo Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), considerando-se os variados aspectos que envolvem a sua execução, no que se refere a construção/veiculação de uma cultura

histórica escolar caracterizada pela formação de valores que se articulam diretamente com as noções de cidadania e valorização do Patrimônio Histórico e Cultural, a partir de práticas específicas de educação patrimonial. Podemos destacar que o trabalho em tela nos tem feito pensar a respeito das diferentes visões e definições que podemos identificar como uma “polifonia” interpretativa e de apropriação de um elemento/categoria que ocupa um caráter central nas nossas investigações: o Patrimônio Cultural. Ainda assim, ela tem sido decisiva para a compreensão da estruturação das cidades e das representações que seus habitantes, em diversos momentos e sob diferentes aspectos, estabelecem enquanto elementos constitutivos da percepção do espaço citadino como um campo multiforme, polifônico e universalista. Uma vez que nos propomos a discutir um Programa de Ensino que consiste num projeto governamental e, entendemos que ele consiste em mais um dos elementos constitutivos de políticas públicas direcionadas a juventude, procuramos investigar os diversos conceitos que envolvem o termo juventude, sendo este compreendido enquanto categoria social, assim como procuramos compreender a relação do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem Urbano no “hall” das políticas públicas direcionadas a juventude.

PÔSTERES

MEMÓRIA DE UMA COMUNIDADE INTERIORANA: O INSTITUTO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS (PB)

Mariana Willendorff da Costa Oliveira
Francisca Edna Cláudia Ferreira

RESUMO:

Este trabalho objetiva discutir o processo de organização e catalogação do acervo do Instituto Histórico de Cajazeiras (IHC), que disponibiliza e armazena documentos (livros, periódicos, fotografias, etc.) referentes à memória e à história da cidade de Cajazeiras – PB. No entanto, a falta de catalogação e organização deste acervo documental dificulta um acesso ordenado e metódico de alunos dos cursos de graduação e de pós-graduação das diversas Instituições de Ensino Superior (IES) de Cajazeiras, ou mesmo de membros da comunidade que tenham interesse em conhecer a história da cidade em que residem. Nossa intenção é desenvolver um trabalho sistemático de organização, catalogação, higienização e digitalização do acervo documental por meio do projeto VESTÍGIOS DE UMA

MEMÓRIA: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS (IHC) para posterior disponibilização para consulta de pesquisadores e membros da comunidade cajazeirense, como também para os alunos dos cursos de pós-graduação das cidades de Campina Grande e João Pessoa que desenvolvam pesquisas sobre a região do semiárido nordestino. A pesquisa histórica se localiza na relação sócio-cultural de quem a realiza, e um constante movimento das instituições, dos pesquisadores, dos filósofos historiadores, que mesmo divergindo em alguns pontos posteriormente se relacionam para formar um grupo na sociedade, pois a prática histórica é relativa ao estado estrutural da sociedade, sendo suas mazelas e peculiaridades refletidas na pesquisa. O documentar sucede o documento, o que expressa que todo documento tem uma intencionalidade, razão pela qual é recomendável, em nossas práticas de pesquisa, investigar suas condições de produção. Isto porque o documento é também um elemento substantivo na organização das bases da memória social, constituindo uma expressão da verdade e da lei, ao longo da história. Na medida em que o documento é utilizado pelas instâncias do poder tem ainda forte potência de reprodução nos grupos sociais, gerando e alimentando uma memória coletiva produtora de identidades.

O PARADIGMA MODERNO E SUAS INFLUÊNCIAS NA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA E HETERONÍMICA DO ESCRITOR TRISTÃO BARROS

Joedson Weslly de Medeiros Batista
Eva Cristini Arruda Câmara Barros

RESUMO:

A escrita, nas sociedades modernas, sacralizou o novo tempo. Ao permitir que a memória ficasse gravada, viabilizou a legitimação da nova racionalidade social. A escrita, também, como mecanismo textual dotado de uma ordem pragmática poderosa, pela sua especificidade de significar, (re)significar, sugerir, anunciar, intimar, instituir, criar, determinar, serviu para neutralizar tensões e resistências ao novo instituído. Isso porque a produção textual, mesmo que susceptível a leituras plurais, é, por excelência, produto de intencionalidades, de sujeitos determinados. Periódicos da segunda década do século XIX como a revista *Ninho das Letras* (1925-1927) e os jornais *O Porvir* (1926-1927) e o *Galvanópolis* (1931-1932), que circularam na cidade de Currais Novos, no Seridó Norte-Rio-Grandense, são por

isso concebidos como dispositivo discursivo situado num espaço e tempo e ainda como tática de constituição de uma camada de leitores e de representações. Foram esses periódicos concebidos por um grupo de intelectuais curraisnovenses quando de um certo movimento cultural associativo que criaram em torno dos ideais e valores de modernidade. Como produtos culturais estratégicos, esses periódicos captam usos e costumes de uma época e, como tal, possibilitam a compreensão do modo como alguns intelectuais elaboraram uma leitura de si próprios e do ambiente social vivenciado. Como objeto de estudo, trabalharemos as representações produzidas por Tristão Barros, mas compreendidas como usos e costumes e pensamentos de uma época marcada pela confluência tanto de elementos da modernidade como da permanência do arcaico e do tradicional. Para dar maior legitimidade a importância de uma nova racionalidade social - como ordenamento urbano, escola graduada, iluminação pública, imprensa, higiene pública, maquinários - advinda com os ideais de modernidade e sua influência no homem moderno, tanto nas grandes metrópoles como nas pequenas cidades do interior de nosso país. Por sua vez, a oferta de uma compreensão do homem de um tempo em um determinado recorte da história, quando próximos a realidade comum dos indivíduos que tomam conhecimento desse corte temporal, facilitam o entendimento da vida atual.

**EDUCAÇÃO E HISTÓRIA - PATRIMÔNIO HISTÓRICO: PRESERVAÇÃO
DA CULTURA DE UM POVO (CONHECENDO A PRÉ-HISTÓRIA DA
MINHA CIDADE)**

Heriberto da Mota de Arruda Barros
Ulisses Batista da Silva
Alberon de Lemos Gomes (Orientador)

RESUMO:

Considerando a ligação existente entre a Educação Ambiental e a vida em sociedade, defendemos a necessidade de trabalhar o tema do meio ambiente relacionado com a História. Por isso, decidimos pesquisar a organização social primitiva da cidade de Bom Jardim – PE, de acordo com os principais fatos “pré-históricos” revelados através dos vestígios encontrados no Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo, salientando as condições naturais para tal organização. Outro ponto da nossa pesquisa é diagnosticar a maneira como este Sítio Arqueológico, um importante recurso de pesquisa e ensino, é utilizado pelos professores da cidade

nas suas aulas, e se de fato é utilizado. Para isso, faremos análises bibliográficas acerca do Sítio Arqueológico e da Pré-História do Nordeste, por meio das obras de Armand François Laroche e de Gabriela Martin, respectivamente; visitas ao Sítio Arqueológico da Pedra do Caboclo em busca de vestígios que testemunharam a forma como os homens “pré-históricos” se organizavam socialmente na zona do agreste pernambucano; visitas ao Museu do Homem do Nordeste e ao Ginásio Pernambucano, onde se encontram algumas peças retiradas do Sítio; e entrevistas com alunos e professores da Rede Pública de Ensino da cidade de Bom Jardim, a fim de identificarmos os conhecimentos dos mesmos acerca do Sítio Arqueológico e da sua importância para a reconstrução não só da “Pré-História” da cidade, mas também do Nordeste brasileiro. È tentando dialogar meio ambiente, História e educação que desenvolveremos esta pesquisa, considerando a todo o momento a importância da interdisciplinaridade e do diálogo entre o educando e a produção do conhecimento para a educação do presente e do futuro. Concomitantemente, buscamos produzir um material que possibilite a reflexão sobre a importância e valor do patrimônio cultural brasileiro, em especial, no nosso caso, o legado cultural local, marca fundamental da nossa história, consequentemente de nossa identidade enquanto cidade. Sendo assim, há uma clara necessidade de sublimar o que temos de melhor e belo, fazendo reverência a diversidade cultural que nos é pertencente através da Educação Patrimonial - irrigada historicamente de riquezas materiais, orais e talvez pouco conhecida (que é um grande problema).



GT 16 – FISSURAS NA HISTÓRIA E RECONFIGURAÇÕES NAS CULTURAS PEDAGÓGICAS: FONTES HISTÓRICAS, IDENTIDADES DOCENTES E EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim

(Coord.)

DESCRIÇÃO

O referido GT pretende colocar em discussão as possibilidades teórico-metodológicas e de investigação historiográfica das produções de sentidos nos discursos e experiências vivenciadas e valoradas por homens e mulheres em suas historicidades. Nessa direção, busca qualificar e amadurecer o debate entorno de conceitos, abordagens e fontes históricas pouco exploradas e muito férteis para os historiadores, dando visibilidade as novas abordagens em relação aos sentimentos, sensibilidades e emoções no campo da História e do ensino de História. A emergência dessas novas temáticas, estão enredadas a gestação de novas abordagens e logo, de novas fontes históricas, vislumbrando uma fertilidade de estudos para todas as ciências humanas e, em especial, para o campo da historiografia e do ensino de história, que vive hoje efeitos e ressonâncias da virada epistemológica iniciada nos anos sessenta do século passado. Esses efeitos se fazem ver, por exemplo, a partir de preocupações com a narrativa e escrita da história, hoje envolvida com as cores da trama literária, configurando ao texto do historiador mais emoção, poesia e leveza, revelando que podemos fazer uma história das subjetividades costurando fios fora da lógica racional e cartesiana dos textos historiográficos ortodoxos. A partir de uma história das sensibilidades e uma história dos sentimentos, mediadas no campo cultural, problematizamos o tratamento dispensado pelos historiadores a essas sensibilidades, desejos,

subjetividades, bem como, refletimos sobre caminhos historiográficos trilhados por essas novas possibilidades teóricas e de pesquisa. Decerto, compreendemos que essas narrativas dos sentimentos são instituídas em rede com as produções de identidades, sejam elas, etárias, de gênero, sexuais, literárias e étnicas, configuradas como fabricos culturais e históricos, que envolvem sentidos e valores em disputas, produzindo enfim, fragmentos, rasgos e fissuras nos discursos, experimentos e nos saberes históricos, pondo em suspeição a pretensa universalidade de sentidos na História.

COMUNICAÇÕES ORAIS

TÍTULO DO TRABALHO: PRODUÇÃO DE SABERES HISTÓRICOS E CULTURAS PEDAGÓGICAS EM REDE: SENSIBILIDADES, FISSURAS E INTERFACES DE CAMPOS DE SABER

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti (UFCG/UFPE)
sileilaoc@hotmail.com

RESUMO:

Em sintonia com as recentes mudanças teórico-epistemológicas no campo da produção do conhecimento histórico, esse trabalho problematiza como as culturas escolares e as identidades docentes em história são experimentadas e subjetivadas de modos diversos e, logo, como são repensadas e se tornam alvo do debate contemporâneo sobre o ensino de história e os estudos sobre história da educação. Nesse cenário discursivo e fundamentada numa perspectiva do sensível, ressaltamos as subjetividades, os sentidos e os sentimentos na produção de saberes, que mediados por relações de poder, repercutem sobre as reconfigurações dos discursos historiográficos, pedagógicos, das identidades docentes e da educação histórica. Enfatizo, nesse sentido, a relevância acadêmica, pedagógica e historiográfica dos estudos e reflexões em torno de conceitos, abordagens e fontes históricas pouco exploradas e muito férteis para estudiosos e historiadores que se debruçam sobre novos paradigmas e em contato com novas condições e possibilidades no ofício do historiador, em especial, aqueles que se debruçam no circuito da educação histórica. Certamente, os estudos sobre identidades, sejam elas, docentes, discentes, pedagógicas e historiográficas se configuram em fabricos culturais e históricos, que envolvem sentidos e valores produzidas no campo cultural e mais amplo, em interface com as pedagógicas. Interrogo como os sujeitos escolares e

escolarizados, as culturas pedagógicas e historiográficas se relacionam e se afetam e problematizam as intensidades e demarcações nos experimentos e crenças no campo da história e do ensino de história na atualidade. Atento para as possibilidades pedagógicas, desafios e temores rondam nesse cenário de mudanças vorazes e desterritorializantes para os sujeitos docentes e discentes, problematizando redefinições que atravessam o ofício do historiador. Quais as intenções epistemológicas e metodológicas dos discursos desconstrutivistas sobre educação e ensino de história? Que identidades são pensadas como eficazes nas culturas escolares e quais as novas competências e habilidades pensadas para o sujeito historiador e para todos os sujeitos escolares. Essas são muitas das inquietações e problemáticas em discussão, efervescente no campo das ciências históricas, em interface com o ensino de história, que pretendo por em questão.

AS CRÔNICAS COMO FONTE DE PESQUISA NA HISTÓRIA

Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim (UEPI/UEPE)
acmbrandim@hotmail.com

RESUMO:

As crônicas como fonte de pesquisa para a pesquisa em História tem-se mostrado uma literatura bastante rica para problematizar questões referentes ao tempo, a narrativa e o lugar da memória. O uso de uma narrativa coloquial ao tempo que oportuniza leveza para o leitor mostra-se um documento eficaz para perceber as permanências e as continuidades com relação ao processo social e cultural da cidade. Mas também aponta para um campo narrativo onde se percebe o deslocamento de sentimentos, emoções, sonhos e desejos. Neste sentido, as crônicas possibilitam o contato com as narrativas consideradas ao “rés do chão”, mas que são sintomáticas para entender a pluralidade de sentidos que circulam na cultura urbana.

LIVROS DIDÁTICOS COMO FONTES HISTÓRICAS

André Mendes Salles (UFPB)
andremendes.s@hotmail.com

RESUMO:

Pretende-se neste trabalho realizar uma discussão acerca do livro didático como fonte histórica, apresentando suas múltiplas possibilidades de pesquisa e interpretação. Cada vez com mais intensidade os historiadores são orientados por novos questionamentos que alargam suas possibilidades de pesquisa, ampliando a perspectiva no modo de se produzir conhecimentos históricos, enriquecendo-se, neste caso, o próprio conceito de fontes históricas. Partimos do pressuposto do livro didático entendido como um complexo objeto cultural que enseja novas possibilidades de pesquisa além daquelas relacionadas à didática e metodologia do ensino. Hoje, por exemplo, o livro didático, antes compreendido como um simples manual escolar tornou-se objeto e fonte de pesquisa histórica e educacional. Com as influências advindas da Nova História Cultural, não somente o livro didático em si passou a ser analisado, mas também as práticas de leituras que dele se fazia. É significativo o estado da arte da pesquisa sobre o livro didático no Brasil. Pesquisas desenvolvidas tanto em Programas de Pós-Graduação em História quanto em Educação, trazem cada vez mais, novas problemáticas, novos questionamentos oriundos das mais diversas experiências com os livros escolares. O Manual didático, enquanto produto cultural produzido em determinada época traz consigo peculiaridades indelévels do período histórico ao qual faz referência. É nesse sentido que acreditamos que esse instrumento educacional deva ser cada vez mais interrogado no intuito de se entender não só a História da Educação, mas também como a sociedade vigente do período de elaboração do material didático pensava o intelectual, o livro, a leitura e a escrita, temáticas tão ligadas à corrente da Nova História Cultural. Assim, por uma renovação teórico-metodológica, sugerimos o livro didático como objeto e fonte de pesquisa histórica.

A MÚSICA COMO FONTE HISTÓRICA: MELODIAS DE CIRANDAS, ALGUMAS POSSIBILIDADES.

Déborah G. Callender França (UFPE)
Callender.deborah@gmail.com

RESUMO:

A música como fonte documental adquiri crescente espaço na pesquisa histórica, ocorrendo uma relevante produção historiográfica, pensando-a como objeto a ser explorado no campo da História. A canção acompanha as experiências humanas, possuindo um poder de comunicação, revelando-se enquanto fonte histórica para o conhecimento do cotidiano dos sujeitos sociais. Como qualquer outro tipo de documento histórico a música é passível de crítica pelos historiadores, constituída por uma tensão entre a evidência e a representação. É dentro dessa perspectiva que o presente trabalho propõe discutir, através de cirandas - manifestação cultural que compreende canto e dança – as leituras de mundo, os conflitos, as tensões e os sentidos múltiplos que as músicas assinalaram como partes constitutivas das experiências dos cirandeiros, suas relações e as práticas individuais e coletivas. A ciranda foi categorizada pelos estudiosos como sendo uma manifestação folclórica e “pertencente” aos populares, pessoas simples como trabalhadores rurais, pescadores e biscateiros. O ambiente em que se cantava e dançava cirandas restringia-se aos locais populares como as beiras de praia e terreiros de bodega, mas a partir de 1960 as transformações urbanas e industriais que atravessavam a cidade, interferiram na composição das cirandas, quer seja na forma de dançar, quer seja na forma de compor as melodias. Nos anos 1970, a manifestação cultural se popularizou entre a classe média, passando a ser apropriada pela indústria cultural, originando conflitos em torno dos direitos autorais das composições, quando cantores e compositores de formação erudita, passaram a cantar cirandas e registrá-las alegando serem de domínio público. Os temas das letras das canções também passaram a emitir outros signos, revelando as relações que os diversos cirandeiros estavam construindo com instituições públicas, privadas e demais artistas. A Cirandas, concursos nos quais os cirandeiros disputavam o título de melhor ciranda do ano, compondo canções que desafiavam seus concorrentes. Nesse sentido, as composições de cirandas foram produtos de opções, relações e criações culturais e sociais que possuem sentidos marcados de historicidade. Como composição musical, as cirandas revelam-se como mais uma perspectiva de análise

que dialoga com momento histórico vivenciado por seus sujeitos sociais, subjetivando suas experiências nas letras das composições.

MALÁRIA E EDUCAÇÃO: CARTOGRAFIAS DOS SERTÕES JAGUARIBANOS EM TEMPOS DE PESTE (1937-1942)

Glaubia Cristiane Arruda Silva (UFPE)
glaubiacruziane@yahoo.com.br

RESUMO:

O estudo sobre as histórias vivenciadas durante surtos epidêmicos reúne traços que vão além do aspecto material ou biológico da doença. Meu foco de análise, neste colóquio, se volta principalmente para seu caráter sócio-cultural, ou seja, como os habitantes a significam e criam representações em torno desse fenômeno. Tomando como ponto de partida uma epidemia de malária ocorrida entre os anos de 1937 e 1942 na região do Baixo Jaguaribe-CE, podemos inferir também o quanto havia, por parte de várias camadas da sociedade e, em especial dos membros da Fundação Rockefeller que integravam o Serviço de Malária do Nordeste (SMNE), uma preocupação com o processo de “educação sanitária” da população residente na região, fossem elas da zona urbana ou rural. O objetivo era tornar as pessoas mais esclarecidas quanto às causas da doença e as formas de combatê-la. Havia também a intenção de colocar em prática todo um ideário higienista entre aqueles que residiam no interior do Brasil. Para tanto, foram utilizados vários meios de comunicação com o intuito de difundir tais idéias: jornais, peças de teatro, cinema, rádio... Não podemos esquecer também de mencionar a presença dos guardas da malária que tinham como uma das suas principais funções “educar” os habitantes da região, de acordo com os preceitos higienistas. É preciso questionar, por exemplo, como reagia a população diante dessas novas propostas higiênicas? O historiador não deve, ainda, se furtar ao estudo e a análise das emoções que, de modo bem particular, permeiam as ações humanas e, notadamente, os acontecimentos históricos. Analisar a epidemia de malária buscando compreender, por meio do estudo das diversas fontes históricas, como a população local experienciou, este surto epidêmico é um dos meus principais objetivos.

VISÕES SOBRE GRAVIDEZ: SINGELAS ANÁLISES DA HISTÓRIA DA MATERNIDADE

Roseilda Maria da Silva (UFCG)
Rose_ufcg@yahoo.com.br

RESUMO:

Esta comunicação tem como objetivo fazer algumas reflexões sobre como a história da maternidade foi construída ao longo do tempo. Levando em consideração que algumas tendências tradicionais, principalmente a partir do século XIX, ainda podem ser observadas na recente historiografia. Suscetíveis em seus paradigmas e temas, tais tendências andam ao lado de concepções que, apesar da ânsia na busca de novas temáticas ainda se perpetuam modelos tradicionais de escrita histórica. Por volta da década de 1970, uma nova tradição francesa surgia na historiografia: a 3ª Geração dos Annales. Tal geração trouxe consigo uma série de inovações temáticas bastante ousadas para então: morte, saúde, medo, doenças, riso, amor e demais sensibilidades humanas; incluem-se neste hall, os estudos sobre gêneros e gerações como a infância, a velhice, além dos estudos sobre sexualidade. Uma dessas introduções foi a da história das mulheres em seus muitos aspectos como namoros, casamentos, condição social em épocas específicas, mercado de trabalho, das sensibilidades femininas e da própria sexualidade. Acreditamos que devido a pouca expressividade de pesquisas sobre as mulheres neste período, em uma perspectiva histórica, nosso trabalho, por estar propondo a possibilidade de algumas reflexões sobre essa temática e como a mesma vem sendo construída no âmbito historiográfico, poderá contribuir para essa área, fazendo com que os historiadores percebam a importância da maternidade enquanto objeto de estudo. A nossa proposta não é só a de analisar uma história das mulheres grávidas nas escritas de história, mas também de convidar os historiadores para adentrarem neste universo subjetivo e com um olhar diferente daquele clínico, que percebe a mulher grávida enquanto um corpo que precisa ser medicado durante um tempo determinado. Objetivando construir uma história das mulheres grávidas nas pesquisas históricas, procuramos fazer algumas análises de obras de autores que trabalharam com a história das mulheres, como abordaram a problemática e como abordaram os vários aspectos da maternidade e do período gestacional, nos diferentes tempos e espaços. Assim, faremos um passeio num universo feminino um tanto quanto delicado, que é o momento da gravidez, e ao mesmo tempo cheio de mistérios, devido a um dos momentos históricos abordados, o período colonial.

ANAYDE BEIRIZ: UM CORPO “ANORMAL” NO MUNDO DOCENTE

Rosemary Ramos Rodrigues (FIP)
roseramosr@yahoo.com.br

RESUMO:

Ser professor ou professora no início do século xx correspondia a uma série de regras e condutas. Os docentes eram tidos como detentores do saber e da moral e seu ofício era de encaminhar intelectualmente e, principalmente, moralmente alunos e alunas. Assim, deveriam ser exemplos de “boa conduta” e portadores de uma moral ilibada, pois exerceriam o papel de espelho de identificação para os discentes. A sociedade paraibana do início do século era marcadamente regida por homens. Ao masculino estava reservada a esfera pública e todas as suas dimensões sociais e culturais. Ao feminino sobrava a submissão e o recato de “mulheres decentes”, ou seja, a esfera privada. Portanto, estava estabelecida a relação de poder entre o masculino e o feminino. Porém, surge na Paraíba da década de 1920 um corpo feminino que não se adequava aos preceitos dessa sociedade, inclusive quebrava com as regras do que era ser professor ou professora adequado ao discurso moralizante em vigência, Anayde Beiriz. Tendo um corpo em movimento e vivendo das transgressões cotidianas, esta se configurou como um corpo “anormal”, no qual era necessário discipliná-lo ou expulsá-lo do professorado. Para o pensamento da época, como uma mulher poderia dá exemplos de boa conduta e moralidade amando e circulando livremente pela cidade, escrevendo poemas, defendendo a causa feminina, praticando sexo e chocando a sociedade? A professora deveria encarnar o lugar da tia, seguindo a docilidade feminina muito próxima aos atributos maternos e longe da libidinagem sexual. Anayde não era mãe e nem encarnava essa docilidade, era só, segundo Buriti, cor e exotismo que exalava brilho de quenga e glamour de cocote numa sociedade pacata. Desta forma, a partir destas constatações, tenho como objetivo analisar o discurso educacional sobre o corpo docente e como Anayde Beiriz vai se configurar como um corpo “anormal” no mundo docente.

PÔSTERES

RESTAURAÇÃO DA COLEÇÃO DO PERIÓDICO “A IMPRENSA – 1921 E 1925”

Franciane Monara da Silva Soares (UFRN)
Monara_barbie@hotmail.com

O presente trabalho, inicialmente, aborda a questão das fontes históricas, especificamente o jornal, já que se trata de um projeto de restauração/ conservação desse tipo de fonte, demonstrando, assim, a mudança pela qual passou o conceito de fonte, provocando a aceitação dos impressos como tal, dando ênfase à atuação da Escola dos Annales e da Escola Marxista. Feito essa breve introdução é interessante mostrar o trabalho realizado pelo Laboratório de Restauração e Conservação (LABRE), onde, além desse trabalho com o jornal A Imprensa, é feito a restauração de outros periódicos, como A República e O Povo, transcrição de alguns documentos manuscritos, os quais estão sendo catalogados, e a conservação de livros devidamente seguidos de sua digitalização, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A importância desse trabalho é dúbia, pois diz respeito aos pesquisadores, já que está sendo feito um projeto que facilitará sua pesquisa, e aos futuros professores que poderão trabalhar o jornal como fonte de pesquisa com seus alunos mostrando o que e como pode ser feito com tal documento. Assim, é possível ressaltar as etapas do processo de conservação/ restauração da coleção do periódico A Imprensa. São elas: 1) numeração; 2) limpeza; 3) controle de microorganismos e insetos; 4) remoção de fitas e etiquetas adesivas; 5) reparos; 6) ajustes; 7) encadernação. É válido ressaltar que algumas dessas etapas não precisaram ser feitas no caso do jornal A Imprensa. Esse trabalho tem por objetivo dar continuidade à preservação, restauração e conservação do periódico em questão, restaurar o suporte do periódico, preservar as fontes de pesquisa histórica local e, acima de tudo, conscientizar as pessoas da importância de se preservar as fontes históricas impressas, especialmente quando dizem respeito aos jornais pela sua fragilidade.

MEMORIAL DO PNLD: O LIVRO DIDÁTICO COMO OBJETO CULTURAL EFONTE PARA A PESQUISA HISTÓRICA

Jandson Bernardo Soares (UFRN)
jandson_ze@hotmail.com

Margarida Maria Dias de Oliveira (Orientadora)
margaridahistoria@yahoo.com.br

RESUMO:

A preocupação com materiais didáticos na sociedade brasileira vem sendo uma constante, abrindo destaque ao livro, de forma a configurar programas de cunho nacional que ao longo das décadas vem gerenciando a avaliação e distribuição desse instrumento didático para as escolas públicas do país. É o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) o responsável por essa demanda. Sua gênese data de meados da década de 20 com o Instituto Nacional do Livro (INL), órgão este que, no ano de 1976, segundo o MEC, se desfaz, dando lugar a outros programas, chegando à década de 80 às configurações que temos atualmente, inclusive com a escolha do livro pelos professores que os utilizarão. Inicia-se assim um processo de aperfeiçoamento, com maior destaque à década de 90, tendo em vista a nova configuração que esse projeto ganhou, com maior visibilidade e abrangência do processo de avaliação dos livros, feita a partir de critérios de avaliação expostos nos editais de convocação para inscrição das obras didáticas. Dessa maneira, esse Programa deixa de ser observado pelos pesquisadores apenas como um projeto de governo, e passa a ser visto também como um possível objeto de estudo. Assim, venho trazer com esse pôster uma nova proposta de fonte, fruto desse projeto, tanto para História como para a Educação: os livros didáticos, percebidos aqui como objetos culturais, já que produzem no seu interior (através de uma série de diálogos) valores que se fundem a sociedade que o produz e consome, e que vem ganhando visibilidade através do programa em questão, da avaliação deles e agora de seu memorial, que está em fase de desenvolvimento. Viso apresentar tal memorial, explicitando suas fases de produção, sua potencialidade como acervo para os pesquisadores que se interessem por essas áreas de conhecimento, em suas diversas perspectivas e abordagens de pesquisa, de maneira que o livro didático venha ser alvo de novos olhares.



GT 17 – HISTÓRIA, ENSINO, EDUCAÇÃO E A TEMÁTICA INDÍGENA

Juciene Ricarte Apolinário
(Coord.)

DESCRIÇÃO

A história vinculada à temática indígena representa vivências, práticas culturais e sociabilidades em que se construiu e se constrói espaços de conflitos, negociações, mestiçagens e práticas políticas destes povos ao longo da história do Brasil. Na história recente, foi sancionada pelo presidente da República a lei 11.645/08 que altera o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e a lei 10.639/03 que previa a inclusão da temática afro-brasileira nos conteúdos curriculares da rede de ensino brasileira. Esta nova lei suscita as discussões da história e da cultura indígena nos currículos do ensino fundamental e médio de toda a rede de ensino pública e privada do país. Desta forma, este grupo de trabalho abre um leque de possibilidades de discussões entre estudiosos que valorizam a temática indígena na perspectiva da história, do ensino e da educação, assim como as relações políticas e simbólicas estabelecidas pelo conjunto da sociedade brasileira com os povos indígenas.

COMUNICAÇÕES ORAIS

PASSADO(S) E PRESENTE(S): A EDUCAÇÃO INDÍGENA COMO BANDEIRA DE LUTA NA AMÉRICA LATINA

Dr. Celso Gestermeier do Nascimento (UFCG)
celsogest@ig.com.br

RESUMO:

Desde fins do século passado movimentos sociais indígenas têm se solidificado a partir dos eventos dos quinhentos anos de “descobrimento” da América. Em todo o continente, grupos indígenas realizaram protestos contra o que se denominou em muitos países “comemorações”, cientes de que havia muito mais a lamentar – o genocídio – do que a comemorar. A partir de então, o processo de organização desses movimentos não parou mais e eventos como a eclosão do Exército Zapatista de Libertação Nacional no estado mexicano de Chiapas e a eleição e re-eleição de Evo Morales na Bolívia talvez sejam os mais famosos embora, com certeza, não os únicos na América Latina. Nesse contexto, a valorização de estudos e pesquisas acerca da cultura ancestral tem ocupado um lugar central nesses novos movimentos sociais, fazendo com que a questão da educação indígena adquira uma grande importância para o século XXI, constituindo-se numa bandeira de muitas comunidades em todo o continente, algumas em estágio bem avançado, a exemplo da Bolívia que, em 2008, criou três universidades indígenas e do Equador, cuja Universidad Intercultural de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas "Amawtay Wasi", foi criada pela Ley 2004-40, de 05 de agosto de 2004, sob o patrocínio da CONAIE - Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador – e do Instituto Científico de Culturas Indígenas "ICCI", Amawta Runakunapak Yachay "ARY". Sabendo que esse processo também interessa às comunidades indígenas no Brasil, estamos interessados em apresentar algumas questões referentes ao tema, a partir das realidades de Bolívia e Equador, divididas em três momentos históricos: o processo de criação da Escola-Ayllu Warisata, na Bolívia em 1931, sua destruição e persistência na memória coletiva da etnia aymara boliviana; a Universidad Indígena Tupaj Katari - também boliviana – e seus pressupostos de

atuação e a já citada Universidad Intercultural de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas "Amawtay Wasi", equatoriana, a partir da organização do currículo do curso de Licenciatura em Ciências da Educação.

HISTÓRIA E A TEMÁTICA INDÍGENA NA SALA DE AULA: (RE)CONHECENDO A DIVERSIDADE CULTURAL

Everton Demetrio (UFMG)

evertondemetriopb@yahoo.com.br

Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) (UFMG)

apolinarioju@hotmail.com

RESUMO:

Temos hoje a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígenas nas escolas de educação básica de todo o Brasil, conforme determina a lei 11.645, sancionada pelo presidente Lula no dia 10 de março do ano em curso, ampliando as determinações da lei 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, contribuindo dessa forma para a discussão deste tema, possibilitando a ruptura do modelo eurocêntrico no ensino e a construção de uma educação multicultural na escola brasileira. Historicamente os índios têm sido objeto de múltiplas imagens e conceituações por parte dos não-índios e, em consequência, dos próprios índios, marcadas profundamente por preconceitos e ignorância. Desde a chegada dos portugueses e outros europeus que por aqui se instalaram, os habitantes nativos foram alvo de diferentes percepções e julgamentos quanto às características, aos comportamentos, às capacidades e à natureza biológica e espiritual que lhes são próprias. Neste sentido, o texto que ora apresentar-se-á visa, sobretudo, compartilhar experiência engendrada no âmbito da rede pública de ensino onde pudemos discutir a realidade dos povos indígenas, suas lutas e invisibilidade sócio-cultural e política, bem como promover um espaço de diálogo entre dois universos culturais distintos, possibilitando a construção de um conhecimento mais próximo da realidade indígena e dos estudos atuais sobre ela, valorizando o diálogo entre as diferenças. De forma tal, este texto é o registro comentado de uma vereda que se põe em aberto no contexto do ensino de história e da temática indígena; vereda que se propõe a tarefa de discutir visões estereotipadas, equívocos e os preconceitos comumente existentes sobre os “índios”, indicando subsídios para o estudo da temática indígena, na perspectiva do reconhecimento da diversidade étnica em nosso país.

**EXPERIÊNCIA INDÍGENA E ENSINO DE HISTÓRIA NOS
CURRÍCULOS PARA A ESCOLA SECUNDÁRIA BRASILEIRA
(1841/1950)**

Dr. Itamar Freitas (UFS)
itamarfo@gmail.com

RESUMO:

Este texto trata das representações elaboradas por não indígenas acerca da experiência indígena no Brasil entre os séculos XVI e XXI. A questão central – como vêm sendo abordadas as temáticas indígenas nos currículos de História? – reproduz a preocupação de pesquisadores que se debruçam sobre a História das práticas docentes no cotidiano escolar, a produção e circulação dos livros didáticos de história e a aplicação da Lei 11.645/2008. A resposta, por sua vez, é buscada nas prescrições estabelecidas no/pelo Colégio Pedro II que modelou, durante mais de um século, o currículo da escola secundária brasileira. Os resultados da pesquisa indicam que os construtores dos planos de estudos de História para o ensino secundário, no período 1841/1950, veicularam a experiência indígena por meio dos conceitos de “gentio”, “grupos”, “indígena”, “indígenas”, “índio”, “índios”, “povos”, “primitivos”, “selvagem”, “Tamoyos” e “Tupinambás”. Tal variação, entretanto, não se expressa no trato, por exemplo, das etnias e línguas. Indígenas são referidos como “Tupinambás” e “Tamoyos”. Tais referências são dispersas e desiguais no espaço do currículo. Indígenas chegam a ocupar até 36%, no século XIX (1858), e até 18%, no século XX (1951), do horário anual reservado à História, havendo lacunas entre os anos de 1912 e 1929. Quanto ao tempo narrado, constatamos que mais de dois terços das referências associam a experiência indígena ao mundo colonial. Essas mudanças, por hora, não podem ser atribuídas, exclusivamente, às variações em termos de finalidades do secundário e da disciplina História, tão pouco à extinção da História do Brasil, ocorrida na reforma Francisco Campos (1931). Ao contrário, a reforma dos anos 1930 sugeriu modificações quantitativas e qualitativas para o ensino das temáticas indígenas, tais como: a abordagem classificatória de caráter evolucionista, o anúncio de categorias e de procedimentos da Arqueologia – com a invenção de uma pré-história brasileira – e qualificação dos indígenas como matriz étnica do homem brasileiro.

AS LUTAS DOS POVOS INDÍGENAS POR UMA EDUCAÇÃO ESPECÍFICA, DIFERENCIADA E DE QUALIDADE

Dr.^a Maria Luiza Fernandes (UFRR)
marialuizaf@uol.com.br

RESUMO:

O presente texto pretende traçar um panorama das lutas dos povos indígenas do Estado de Roraima em busca de uma educação específica, diferenciada e de qualidade não apenas no âmbito das comunidades indígenas, embora prioritariamente, mas também junto as instituições públicas de ensino superior e outros setores que trabalham com educação. Assim, partimos, ainda que brevemente, das discussões empreendidas por estes povos, mais sistematicamente a partir da década de 70 do século passado, quando se efetivaram as organizações que levariam a frente suas reivindicações. E, a partir desse momento, das conquistas que foram efetuadas ao longo desses anos: da possibilidade de uma educação diferenciada em suas comunidades ao espaço que conseguem na Universidade Federal de Roraima. Nesse percurso vários foram os momentos de avanços e recuos, de conflitos e incertezas, bem como de constante construção, uma vez que se trata de um processo dinâmico e em curso. Assim, leva-se em conta o processo de construção, onde não havia receitas prontas, senão uma inquietação com a situação em que se encontrava a educação nas escolas indígenas e a necessidade premente de formação de professores indígenas para atuarem nessas escolas. Desse modo, de um modelo educacional que não tinha como perspectiva a diferença, senão uma homogeneização da sociedade nacional, esses povos conseguiram a garantia de uma educação própria, que levasse em consideração, principalmente, suas culturas e suas línguas. Assim como conquistaram um espaço na educação superior, notadamente tão avesso as discussões de seus cânones consagrados. Dessa forma, este trabalho investigará essas possibilidades conquistadas pelos povos indígenas bem como as dificuldades de implementação e de continuidade, tendo em vista as resistências internas e externas, bem como uma série de questões práticas e teóricas para o seu desenvolvimento. Pretende-se, então, não apenas historiar tais acontecimentos senão analisá-los de forma a perceber os conflitos e as dificuldades de tal empreitada, apontando aquelas que percebemos mais presentes, sem pretensões de solução.

DE ÍNDIOS Á GUERREIROS REAIS: A TRAJETÓRIA DA ALDEIA DE SÃO PEDRO DE CABO FRIO – SÉCULOS XVII -XIX

Dr. Silene Orlando Ribeiro (USP)
silenehistor@uol.com.br

Esta comunicação propõe uma análise histórica do processo de formação da Aldeia de São Pedro de Cabo Frio, visando reconstruir os significados daquele aldeamento no contexto colonial, partindo do pressuposto de que a função defensiva foi o elemento preponderante da relação mantida entre os índios aldeados, a sociedade envolvente e Coroa portuguesa entre os séculos XVII e XIX. Articulando estas questões, este trabalho abordará as tensões e as conexões originadas entre os vários agentes coloniais e a população indígena aldeada. O que se pretende é mapear o lugar do Aldeamento de São Pedro de Cabo Frio no litoral sul da América portuguesa e como isto repercute entre os vários grupos humanos constituintes da sociedade colonial.

POVOS TAPUIA NOS SERTÕES DA PARAIBA COLONIAL E AS AGÊNCIAS INDÍGENAS

Dr. Juciene Ricarte Apolinário (PPGH/UFCG)

RESUMO:

A historiografia brasileira vem, nos últimos anos, despertando para o lugar do índio na história, abrindo discussões críticas, construindo novas concepções que revisaram e revisam os planos teórico-metodológicos tradicionais acerca da história dos povos indígenas. No intuito de contribuir com a referida temática objetiva-se, neste trabalho analisar as práticas das políticas indigenista e indígena dos povos Tapuia da Paraíba Colonial. Mergulha-se nas práticas das relações interétnicas coloniais nas perspectivas histórico-antropológicas, enquanto processos políticos dinâmicos, das agências indígenas, formados pela interação dos atores coloniais, índios e não-índios. A pesquisa fundamenta-se, principalmente, em fontes primárias oficiais produzidos na Colônia ou na Metrópole.

PÔSTERES

CÂMARA CASCUDO E O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA NO RN

Ana Cecília Alves Nôga (UFRN)

ceci_noga@hotmail.com

Orientadora: Laís Luz de Menezes (UFRN)

laisluzmenezes@gmail.com

RESUMO:

Dentro do panorama do ensino da história indígena brasileira e das discussões a respeito da inclusão dessa temática nos currículos do ensino fundamental e médio, o educador deve buscar formas de viabilizá-lo. No RN esta prática pode ser facilitada pela utilização dos autores de maior relevância das fontes para a história do Rio Grande do Norte, como Tavares de Lira e Câmara Cascudo, além das imagens produzidas a partir dos relatos dos cronistas e pelos artistas que entraram em contato com a realidade indígena. Portanto com a nossa pesquisa buscamos mostrar as possibilidades de os educadores utilizarem estas fontes em sala de aula. Então, utilizaremos como fontes a coletânea de artigos de Câmara Cascudo – História da Cidade de Natal (1947) e o texto de Tavares de Lira produzido para as comemorações do centenário da Independência do Brasil, assim como, as imagens produzidas por Albert Eckhout, Hans Staden.

PESQUISA, ENSINO E IDENTIDADE CULTURAL: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DA TEMÁTICA INDÍGENA EM GUARABIRA – PB

Cinthia Raquel de França Rodrigues (UEPB)

cinthiaraquel@msn.com

Dr. Juvandi de Souza Santos (Orientador)

(Secretaria de Estado da Educação e Cultura)

juvandi@terra.com.br

RESUMO:

Devido à cultura indígena brasileira ter um histórico de desvalorização, a necessidade de se afirmar e valorizar esta cultura tem se tornado um mote de interesses, pois possibilita fornecer um maior conhecimento da historiografia

brasileira a partir de um viés novo, o do indígena. Desta forma, a cultura e história indígena passam a ser de forma mais ativa, cenários de estudos, debates, discussões e inevitavelmente, pesquisas. Neste contexto, a pesquisa arqueológica torna-se mister para a construção de uma historiografia que venha a abranger os diversos discursos que foram anteriormente silenciados, e que possa suprir os imperativos da lei 11.645/08. O objetivo deste trabalho é apontar como a pesquisa científica institucional, e a prática educacional são instrumentos de constituição e de resgate da identidade cultural da população que hoje pouco sabe e pouco valoriza suas raízes, devido à relação de alteridade da população brasileira com seus antepassados indígenas; moralmente repassado não só pela historiografia positivista, como pela cultura social de valorização do outro, neste caso, o europeu. O propósito da pesquisa científica não deve carecer de produzir, de ter como finalidade a sua contribuição com a historiografia para melhor conhecer a pré-história de nosso país, buscando subsídios para o resgate da cultura originalmente nacional. No caso específico de Guarabira, busca-se neste artigo apontar soluções para a quebra de paradigmas sócio-históricos estabelecidos culturalmente no decorrer da constituição de uma nacionalidade brasileira e referente aos povos indígenas, suas culturas e práticas ressoando em nossa contemporaneidade como práticas, vivência e cultura arcaicas, marginais, relegadas a representações gerais, globalizantes, aplanadoras. Através da pesquisa arqueológica e seus resultados, pretende-se conceituar uma discussão que se apresente como recurso a problemática vigorante entre a cultura e identidade indígenas e sua assimilação e aceitação pela sociedade atual.

LUTAS E “ACOMODAÇÕES” POLÍTICAS ENTRE INDÍGENAS, MORADORES E RELIGIOSOS NO PROCESSO DE MISSIONIZAÇÃO DAS ALDEIAS ÀS MARGENS DO RIO PARAÍBA DO NORTE

Jean Paul Gouveia Meira (UFCG)

jeanpaulhistoriador@gmail.com

Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) (UFCG)

apolinarioju@hotmail.com

RESUMO:

Nesta pesquisa procuramos analisar a chamada tradução religiosa presente no processo de missionização das aldeias indígenas às margens do Rio Paraíba do Norte, tendo em vista os inúmeros conflitos gerados entre indígenas, missionários e

moradores no decorrer do século XVIII. Ao longo do nosso estudo, percebemos que os caminhos da aceitação dos novos conhecimentos trazidos pela religião do “outro” foram traçados com a negociação de ambos os lados interessados nessas trocas, mas também havendo a possibilidade da não aceitação através da resistência por parte de pessoas e grupos. A nossa idéia busca ir além da constatação da “perda” e da “resistência”, indo ao encontro dos processos históricos que alteraram as vivências tanto das populações indígenas, quanto dos portugueses, fazendo surgir os hibridismos decorrentes da experiência dos contatos realizados ao longo do tempo. Para a efetivação desta pesquisa, revisitamos os manuscritos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa – Portugal, através do Projeto Resgate, e dialogamos com Cristina Pompa, Regina Célia Gonçalves, Maria do Céu Medeiros, dentre outros que compartilham das novas abordagens sobre missões e tradução religiosa no período colonial.

A CULTURA INDIGENA NA SALA DE AULA: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Robério Davi Borges Cunha (UEPB)
rdavib@hotmail.com

Dra. Patrícia Cristina Aragão Araújo (Orientadora) (UEPB)
Cristina-aragao@hotmail.com

RESUMO:

Este texto é resultado de uma pesquisa de Iniciação científica em andamento intitulada: A Cultura Indígena em Sala de Aula: Leituras Históricas e Literárias. Nosso objetivo é verificar de que modo a cultura indígena encontra inserção na sala de aula, a partir do material didático utilizado. A proposta é fazer uma discussão a partir da interface de saberes tais como a História e Literatura, para a partir deste diálogo refletir como a cultura indígena aparece nos textos literários. Na elaboração deste texto, fizemos uma pesquisa bibliográfica com intuito de fazer uma interface de saberes entre história e literatura, no propósito de verificar a elaboração da escrita da História, focalizando a visão elaborado dos povos indígenas, o que possibilita a construção de um novo sentido histórico sobre estes povos e a valorização deste grupo que é de primas importância para a História do nosso país. Observamos que, mesmo com a culminância da Lei 11.645/08, que instituiu a obrigatoriedade do ensino das populações afro- brasileiras e indígenas, ainda existe pouco material didático produzido e conhecido sobre este tema para a

escola, por isso se torna necessário a discussão e reflexão sobre o tema na educação, no sentido de diminuir os preconceitos e resistências em se trabalhar este temas em sala de aula, possibilitando ao docente ter possibilidade de manuseio de ferramentas teórico-metodológicas a serem utilizadas no ambiente de ensino. O Debate entre a História e a Literatura propicia recursos investigativos para analisar e refletir sobre as práticas culturais indígenas valorizando os aspectos cotidianos, religiosos, étnicos e humano do grande legado cultural que eles deixaram para o nosso país, desconstruindo uma visão eurocêntrica que subordinava estes povos a exóticos e bárbaros. No contexto dos estudos culturais é possível enxergar uma “Nova História” com a incursão destes personagens como protagonistas do processo histórico a que fomos submetidos, e o discurso da alteridade colabora com a desmistificação da visão construída em relação aos povos indígenas, mostrando que nossa cultura possui relações profundas com a cultura indígena, logo deve haver um significado no conteúdo produzido sobre estes povos a partir de suas manifestações culturais, para entender a contribuições que estes legaram fazem no decorrer da História.



GT 18 – IDENTIDADE E ALTERIDADE: SENSIBILIDADES E SUBJETIVIDADES NO ENSINO E NA PESQUISA HISTÓRICA

Regina Coelli Gomes Nascimento
Eronides Câmara Araújo
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Considerando que a produção de identidades está intimamente ligada à construção da alteridade, na medida em que a alteridade emerge diante da possibilidade de afirmação de fronteiras e diferenças, surge a necessidade de problematizarmos este relacionamento, buscando refletir o conceito de identidade para além de uma imutabilidade e da busca de solidificação de fronteiras. Partindo desta perspectiva, o presente GT tem como objetivo criar um espaço de debates sobre identidade, alteridade e a pesquisa Histórica. Neste sentido, privilegiamos trabalhos que problematizem as práticas culturais cotidianas mediadas pelos espaços de ensino, de sociabilidades e lazer, e outros, perpassando as relações de gênero, de etnias, de geração etc. É na relação com o outro, com a diferença, que se constroem a alteridade e a(s) identidade(s). Deste modo, nos relacionamentos propostos cotidianamente abrem-se leques de possibilidades para a construção das pesquisas em História.

COMUNICAÇÕES ORAIS

PRÁTICAS, REPRESENTAÇÕES E (RE)ELABORAÇÕES CONSTRUÍDAS EM RELAÇÃO AO ALUNO “ADOLESCENTE” NO ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Dra. Márcia Elisa Teté Ramos (UEL)
mtete@uel.br

RESUMO:

Considera uma pesquisa realizada sobre e no processo de estágio, em que alunos-estagiários do curso de História trabalharam com alunos do Ensino Médio de uma escola pública. A partir de uma metodologia próxima ao do tipo etnográfico, incluindo questionários, entrevistas e pesquisa de campo, entendeu-se que os estagiários planejavam sua atuação em sala de aula, no que diz respeito tanto à seleção dos conteúdos históricos como das metodologias didático-pedagógicas, a partir de ideias preconcebidas sobre quem são, o que pensam e o que fazem os jovens alunos do Ensino Médio. Os estagiários são compelidos a retomar suas perspectivas a partir da experiência direta com este “Outro”, então cristalizado no discurso como “adolescente”. Existe uma representação recorrente, emprestada de determinado discurso das ciências médicas e psicopedagógicas e bastante disseminada, de que o “adolescente” seria um “ser problemático”, constantemente em “crise identitária”, o que interferiria no modo dos futuros professores de história pensar o público com o qual teriam que desenvolver o estágio. O aluno do Ensino Médio, o chamado “adolescente”, era visto pelos estagiários como: desinteressado da escola e, principalmente, da aprendizagem da história; ou muito indisciplinado ou muito isolado; ou hiperativo, ou distraído demais; de saberes superficiais porque fragmentados; consumistas; manipulados pelas mensagens midiáticas, etc. A aproximação com o universo sócio-cultural dos alunos do Ensino Médio, levou os estagiários ao questionamento e desconstrução da noção de uma identidade do “adolescente” definitiva e universal, portanto, anistórica. Desnaturalizar o “adolescente” significou para estes professores de história em formação, (re)pensar as próprias representações e experiências com o “Outro”, no caso, alunos do Ensino Médio, retomando aportes teóricos e procedimentos metodológicos próprios do profissional da história. Concluiu-se que as práticas de estágio precisam ser construídas na relação entre alteridade (compreender os alunos do Ensino Médio em sua cultura e/ou contextualização histórica) e identidade

(compreender-se como professor-pesquisador no campo da história e perceber a construção identitária, seja do aluno, seja do professor, como um movimento permeado por tensões, complexidades e articulações), bem como, na relação entre teoria (compreender como as representações sobre o “adolescente” foram estabelecidas historicamente) e prática (compreender o ensino de história não apenas como “transposição didática” do saber histórico acadêmico à revelia do universo sócio-cultural dos aprendizes).

O ESPELHO NORTE-RIO-GRANDENSE: A REPRESENTAÇÃO DO CEARENSE PELO JORNAL "O MOSSOROENSE" (1903)

Saul Estevam Fernandes (UFRN)

estevamcg@hotmail.com

Renato Amado Peixoto (Orientador) (UFRN)

amado@cchla.ufrn.br

RESUMO:

O jornal “O Mossoroense” é tido como o mais antigo jornal norte-rio-grandense ainda em circulação. A sua segunda fase, iniciada em julho de 1902, traz uma novidade: a xilogravura. Por meio da xilogravura “O Mossoroense” deixava de ser extremamente político, comercial e noticioso, para se tornar um periódico humorístico e ilustrado, fazendo com que a partir do humor os editores do jornal escrevesse, pintasse e glosasse os assuntos cotidianos da cidade de Mossoró e Região. Por esse motivo, João da Escóssia é considerado o introdutor da caricatura e da ilustração nos jornais norte-rio-grandenses. Fato que pode ser comprovado ao analisarmos os jornais da mesma época, até mesmo na cidade de Natal, já que não nos deparamos com ilustrações em tais periódicos. Interessante que esta nova fase coincide com a invasão do território norte-rio-grandense pelos cearenses, disputa que ficou conhecida como o “Caso Grossos” e perdurou nas instancias da justiça federal de 1903 a 1920, quase havendo uma guerra civil entre os moradores dos dois estados pelo território que mais produzia sal no Brasil. Nas páginas do jornal passou-se a “pintar” a idéia do cearense como invasor, insensato, ambicioso, rio-grandense degenerado, dentre tantos outros adjetivos possíveis. O presente artigo tem por intuito analisar as intencionalidades dos editores do Jornal “O Mossoroense” e a representação feita sobre os cearenses nas páginas do referido periódico. Para tanto, utilizaremos o pensamento de Jacques Derrida e o seu conceito de Escritura, da obra “A Escrita e a Diferença”, que ver os procedimentos

de organização da escritura como uma operação, observando esta operação como representações com intenções bem formuladas anteriores a escrita. Ainda utilizaremos o conceito de Retórica da Alteridade de François Hartog, observando como essa operação narrativa funciona como inventiva de uma identidade a partir do sentimento da alteridade, funcionando o cearense como o nosso espelho. Ainda utilizaremos as idéias de Michel Meyer com suas análises sobre as estratégias retóricas. Dessa forma, analisaremos a intencionalidade dos editores na representação do cearense como formuladores da identidade norte-rio-grandense, funcionando os cearenses como o espelho para tal formulação.

**UM BANQUETE NA MOITA: (RE) SIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS
ALIMENTARES DE CACTOS E DE BROMÉLIAS EM BOQUEIRÃO NOS
ANOS 1950**

José Carlos Silva
josecarlosfrance@gmail.com
Eronides Câmara de Araújo (UFCG)
ero@oi.com.br

RESUMO:

Este trabalho pretende problematizar a cultura alimentar do semi-árido paraibano, especificamente no município de Boqueirão nos anos 1950, desnaturalizando as identidades dos espaços e dos sujeitos e os estereótipos construídos culturalmente quanto ao uso dos cactos e das bromélias na alimentação humana. Fizemos este recorte temporal em virtude de ser o período em que houve grandes transformações nesta localidade devido à construção do Açude Epitácio Pessoa, configurando-se uma modernização local. Para que possamos analisar as transformações culturais, os hábitos alimentares que (re) significaram os discursos modernizantes, os deslocamentos e as borrações provocadas por essas burlações nas identidades tidas como modernas trazidas com a edificação do manancial, buscamos explorar tais significações a partir das falas de seus antigos (re) memoradores, possibilitadas pelo emprego metodológico da memória. Consoante as evidências orais, também foi possível perceber outros discursos depreciativos referentes ao mesmo costume, através das evidências escritas enunciadas pelo discurso oficial agenciada pela historiografia da alimentação. Neste sentido, nossos narradores enunciaram transformações vividas na localidade Moita, e demonstraram sensibilidades positivas sobre estas comidas. Conforme eles, esses alimentos além de serem

gostosos, eram saudáveis e medicinais e que mesmo nas épocas de farturas continuavam praticando este costume, que teve uma grande redução após a construção do açude de Boqueirão, provocada pelo discurso modernizante, procurando estereotipar as identidades tidas como “tradicionais”. Mas graça as táticas dos habitantes ordinários da comunidade Moita, os alimentos derivados dos cactos e das bromélias se reinventaram, driblaram o discurso oficial, resultando na construção de uma agroindústria em 2003, de alimentos provenientes dessas respectivas plantas. Devemos chamar também a atenção para o fato de que antes da construção do açude, os alimentos advindos dos cactos e das bromélias, eram consumidos quase em in natura. Mas, após os anos 1950, esses hábitos reinventam essas identidades e assumem outras. O açúcar e o coco são acrescentados as receitas que se utilizam principalmente dessas plantas. Logo o dualismo entra na mesmidade. O velho/novo, o moderno/atrasado se misturam no bolo, no suco, na cocada, entre outros. Não há como colocar uma barreira entre eles. Estão a todo o momento se deslocando. É a cultura reinventando o cheiro, o sabor e o olhar.

**HISTÓRIA DA LOUCURA EM CAMPINA GRANDE - PB – HOSPITAL
DR. JOÃO RIBEIRO (1963-2005)**

Maria do Socorro Silva
socorrinha__silva@hotmail.com
Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG)
iburiti@yahoo.com.br

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as memórias dos profissionais de saúde, das famílias e dos pacientes do hospital Dr. João Ribeiro em Campina Grande, gestadas sobre a ‘loucura’ e problematizar a reorganização do tratamento que tem sido dado’ através da reforma psiquiátrica. Para isso estamos usando os conceitos de representações, identidade e memória. Os primeiros resultados verificados nas entrevistas indicam que é possível seu tratamento em meio à sociedade e não mais presos em instituições que acabam por excluí-los.

AS CASAS DA ORLA MARÍTIMA DE JOÃO PESSOA E OS INDÍCIOS DA CRIAÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL ATRAVÉS DA DISSEMINAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NOS ANOS 1960 E 1970

Roberta Xavier da Costa (UFRN)
rxcosta@oi.com.br

RESUMO:

Este artigo discute os indícios entre a história recente da cidade, a aceitação da linguagem da Arquitetura Moderna e as mudanças no modo de morar do pessoense. Fundamentado nos conceitos do paradigma de Ginzburg (2007), na conceituação de arquitetura moderna de Argan (1993), Benevolo (2004) e outros; nas características da arquitetura moderna brasileira, sugeridas por Acayaba (1991), Bruand (2005) e Tinem (2006), e na idéia de popularização do moderno de Lara (2005); apresenta resultados parciais da dissertação sobre as casas construídas nos bairros da Orla Marítima de João Pessoa - Cabo Branco, Tambaú e Manaíra – entre 1960 e 1974. Investigamos a cultura arquitetônica local e sua “herança” para a cidade contemporânea; pressupomos que nessas casas houve a disseminação das características da Arquitetura Moderna Brasileira, e que elas são testemunho de um período específico da expansão urbana da cidade, e representam a transformação da identidade da arquitetura na Paraíba, um patrimônio cultural cuja subjetividade permite a sua ‘apropriação’ e atualização, mais que ‘restauração’. Durante a pesquisa, foi possível identificar o contexto da ocupação dos bairros e os traços das “modernidades” assumidas pela classe média paraibana no período. Apesar de representarem uma época, esses objetos arquitetônicos têm tido uma “vida efêmera”; nessa “perda de memória recente”, na ação do tempo e da especulação imobiliária, estão se perdendo tanto como entidades físicas (o edifício como fonte de documentação para a historiografia da arquitetura), fato observado durante a pesquisa de campo, onde vários exemplares tinham “mortes anunciadas”, ou vieram a “óbito”; como também na forma documental, na inexistência do projeto (imagem), por exemplo: o arquivo da PMJP, nossa principal base de dados, está incompleto em relação aos documentos anteriores a 1972. Sem o documento edificado como repassar as informações para futuras gerações? Compreender o âmbito do que possa ser entendido como moderno, passa pelo registro do que foi produzido; faz parte da construção da historiografia para gerar novos conhecimentos, e se ampliar o entendimento do que de fato foi o fenômeno de

disseminação da arquitetura moderna no país. Trabalhos como esse são também uma forma de preservar a memória da cidade; (re)conhecer e refletir sobre a arquitetura das casas da orla marítima e suas repercussões sobre a memória da cidade, é parte de um esforço coletivo para incluir os exemplares de arquitetura moderna da Paraíba em um todo mais amplo, a história da arquitetura moderna no Brasil.

IDENTIDADE E MEMÓRIA DO CARIRI CEARENSE NAS PÁGINAS DE “ITAYTERA” (1955-1970)

Jane Semeão (URCA)

janesemeao@globo.com

José Cláudio Leôncio Gonçalves (URCA)

imperadorclaudio@yahoo.com.br

Fundado em 1953 na cidade do Crato-CE, o Instituto Cultural do Cariri (ICC) se constituiu em importante espaço para pensar o Cariri cearense a partir do ideal de “alevantamento cultural, intelectual e material da região” (REVISTA ITAYTERA, 1956: 01). Apesar dos idealizadores do Instituto elegerem uma série de ações para atingir tal objetivo, a Revista “Itaytera”, que “nasce com programa definido: o da defesa intransigente da região caririense” (REVISTA ITAYTERA, 1955: 02), tornou-se o principal veículo divulgador e propagador desse projeto. Editada pela primeira vez no ano de 1955 e de publicação anual, a revista circulou, graças aos esforços de sócios e colaboradores, por quase cinco decênios. Como órgão oficial do ICC, a revista traduzia muito bem os interesses e desejos da elite cratense no esforço de colocar a região numa relação tanto de identificação quanto de diferenciação geográfica e cultural do restante do Ceará e, por vezes, do Nordeste, se constituindo, dessa forma, em lugar privilegiado para a construção discursiva e imagética de uma determinada memória e identidade caririense.

‘XUXA E DEUS NOS ACUDA’: A REDEFINIÇÃO DE FRONTEIRAS E A RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Paulo Alexandre Xavier Marques (UFCG)
paxm@ibest.com.br
Eronides Câmara de Araújo (UFCG)
ero@oi.com.br

RESUMO:

A presente pesquisa tem como objetivo geral problematizar as relações de alteridade e os conflitos formadores de novas identidades, negociadas pelas comunidades ‘Xuxa’ e ‘Deus Nos Acuda’, em novas fronteiras. São 352 famílias que viviam em casebres, barracos e palafitas, às margens do manguezal, no bairro de Boa Viagem, na Capital Pernambucana. Essas comunidades eram representadas por discursos jornalísticos e de populares, como favelados. Por conta da implantação de um plano viário, o projeto Via Mangue, a comunidade ‘Xuxa’ e parte da ‘Deus nos Acuda’, em maio de 2010, foram transferidas para um conjunto residencial denominado ‘Habitacional III Via Mangue’, localizado no Bairro da Imbiribeira. O conjunto tem onze prédios de quatro pavimentos, além de guarita, jardim, playground, centro comunitário, estacionamento e campo de futebol. A pesquisa visa, especificamente, problematizar as relações de alteridade entre as duas comunidades, que antes se investiam de identidades distintas, delimitadoras de fronteiras bem estabelecidas, e agora passam a dividir os mesmos espaços e estigmas, enfrentando juntas a rejeição e o preconceito dos antigos moradores do bairro de classe média, onde foram inseridos. Enquanto a comunidade ‘Xuxa’ era composta por cerca de 170 casas de moradores antigos e relativamente estáveis em número, a ‘Deus nos Acuda’ é composta por mais de 800 casas, cujo número aumenta constantemente e onde o índice de delinquência é bem mais significativo. Nossa pesquisa analisa, também, as táticas utilizadas pela população transferida, no processo de reapropriação do espaço proposto por estratégias que não levaram em consideração aspectos da identidade das mesmas, fundamentais para seu equilíbrio social, tais como a interdependência entre espaços de moradia, comércio e serviços, e entre elas e os usuários dos condomínios e estabelecimentos comerciais da antiga vizinhança. Conflitos como estes, decorrentes da desconsideração da dinâmica da territorialidade própria das cidades, têm sido um dos principais inviabilizadores de projetos habitacionais para pessoas de baixa renda na. A nossa problematização configura-se em discutir as identidades e o processo de alteridade

que tem se redefinido em função do habitar desses novos territórios. A pesquisa tem como fontes entrevistas e depoimentos colhidos entre os moradores oriundos das duas comunidades, assim como reportagens, mapas, fotografias, levantamentos e dados coletados junto à Prefeitura do Recife.

IDENTIDADE E ALTERIDADE DOS CORNOS NOS AFORISMOS

Eronides Câmara de Araújo (UFCEG)
ero@oi.com.br

RESUMO:

Em 2008 uma reportagem do Jornal da Paraíba, publicou uma reportagem sob o título “Eles são mais felizes na “Cornolândia”. Segundo o jornal “A Cornolândia, ou Associação dos Cornos da Torre” já existe há 16 anos e conta com muitos associados. Seus membros tratam o tema de forma alegre e com sociabilidade na medida em que ‘uns vão dando orientações aos outros’ e tratando a questão com humor, diminuindo a dor daqueles que se sentem traídos. Na Cornolândia a dor da traição é tratada com terapia, pelo atendimento psicológico através da vendedora de tapioca, e das sociabilidades simbólicas como o cartão de crédito “Chifrocard”, a carteirinha de sócios e vários aforismos colocados nas paredes da associação. Este texto trata dos aforismos que são construídos sobre o homem corneado, presentes simbolicamente Cornolândia em folhetos de cordel e na internet. Estamos analisando esse material problematizando os processos de subjetividades em que as identidades elaboradas para o masculino, quando traído, são representadas. São formas de proceder ou de normatizar o lugar do homem traído e apresentar estas identidades como construções de alteridade do masculino. Como exemplo, o aforismo do ‘corno manso’: é aquele que evita qualquer confusão com o urso; ou ‘o corno vaidoso’: é aquele que além de levar ‘gaia’ não usa nem chapéu para disfarçar. Esses aforismos são construções breves, mas que configuram o homem corneado identitariamente diferente do masculino edificado historicamente como honrado. Honra e desonra faz a mediação das construções identitárias entre homens traídos e os homens supostamente não traídos. Esse é um dos temas que constitui um dos capítulos da minha tese de doutorado. Discutir e analisar os aforismos são burlas para problematizar os discursos que legitimam e reforçam as identidades e alteridades.

OS DIFERENTES SENTIMENTOS DE PERTENÇA DO SUJEITO AGRESTINO, EM ESPECIAL DO MORADOR CAMPINENSE

Ana Lúcia Moreira da Silva (UFCG)
tucaluiza@hotmail.com
Renata Roque (UFCG)
Professora D^a. Keila Queiroz (UFCG)

RESUMO:

Sabe-se que durante muito tempo a escola privilegiou o ensino de história como sendo um ensino de datas comemorativas isoladas de um contexto social mais amplo. Como também, a reverência aos heróis, onde não havia a preocupação de formar nos alunos o senso crítico bem como trabalhar a construção de sua própria identidade de acordo com suas experiências de vida e sentimentos. Esta prática se dava tanto no ensino de História do Brasil, como no ensino de História de cada região, no nosso caso mais especificamente, no ensino de história da Paraíba. Por se trabalhar o ensino de história desta forma, considerava a Paraíba como sendo um estado homogêneo, onde os indivíduos eram enquadrados em um modelo, este se dava de acordo com a sua região. Seria a lógica de que, cada região possuía um único modelo de costumes, gostos, entendia-se que os sujeitos por morarem em uma mesma região tinham o mesmo sentimento de pertença. Tendo como base as informações anteriormente citadas, vemos a necessidade de conhecer os vários sentimentos existentes dentro do nosso território paraibano, conhecer as experiências e vivências dos sujeitos inseridos na região do Agreste Paraibano, mais especificamente da cidade de Campina Grande.

HOMEM QUE NÃO “NEGA FOGO” NEM QUE SEJA COM A OVELHA NA PORTEIRA

Gilvania Luna da Silva (UEPB)
gilvania280@hotmail.com
Eronides Câmara de Araújo (UFCG)
ero@oi.com.br

RESUMO:

Nossa pesquisa trata de discutir a prática da sexualidade de homens com animais, problematizando como uma prática sexual socialmente ilegítima, mas aceita pelo universo masculino, refletindo os ‘lugares’ hierárquicos de gêneros. Essa pesquisa está sendo discutidas, com base nas falas dos nossos entrevistados, através de suas memórias, que dão vida às histórias de experiências de homens que vivenciaram efetivamente contatos sexuais com animais, no campo, nos currais, próximos as porteiras e também, da literatura que trata do tema. Percebemos através de suas narrativas que as identidades masculinas, sexuais e de gênero, são construídas historicamente e culturalmente por vários discursos. Os entrevistados destacam os homens que fazem sexo com animais como detentores de várias identidades, sendo elas, “relacional” conforme afirma, Tomaz Tadeu da Silva, Vejamos a fala de um dos nossos entrevistados: “Existe muito...homem solteiro, casado de toda qualidade ...que faz sexo com porco, porca, cachorro, galinha e tudo...porque você sabe! homem que ta sozinho precisando se aliviar, ai procura essas coisas mesmo até bicho bruto!”. Portanto de acordo ao que define Tomaz Tadeu da Silva : “A identidade tampouco é homogenia, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um ato performativo. A identidade é instável contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada” (p:96). Portanto este homem que vive e convive no campo, nas esquinas, nas cidades, cuidando dos animais, dentro dos currais, suas vidas, suas emoções, suas atitudes sexuais, vão de encontro parcialmente ao que discute Albuquerque Jr: “O desejo masculino de fecundar, de penetrar, de conquistar, de vencer, subjugar, de dominar, parece ser o princípio ordenador do “próprio social” (P:13). Indo em desencontro ao discurso histórico e cultural, voltado a figura do homem masculino, “macho”, tido como viril e corajoso como já colocara também Albuquerque Junior em seu artigo :”Ser cabra macho”, requer ser destemido, forte, valente e corajoso”(p:3); Através das falas destes homens, é possível indicar que as práticas sexuais com animais são representações do lugar de macho como foi

construído culturalmente, que nasceu com instinto sexual, que não nega fogo, nem que seja com a “ovelha lá próximo a porteira”.

IDENTIDADE E ENSINO DE HISTÓRIA EM ASSU: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA NO SERTÃO POTIGUAR

Roberg Januário dos Santos (UERN)
roberg.assu@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Açu sob o olhar de Clio: o município na percepção dos professores de História” (concluído) que teve como propósito principal identificar o lugar atribuído à história local no nível fundamental de ensino das escolas localizadas no município potiguar de Assu. De forma específica esse estudo objetiva compreender a relação entre as perspectivas identitárias dos professores assuenses, no tocante ao seu lugar de vivência (Assu), e os conteúdos trabalhados na abordagem da história local em sala de aula. A pesquisa é de natureza qualitativa, pois este tipo de investigação permite uma interpretação da realidade não apenas pela materialidade, mas também por meio da imaginação e do simbólico. Nesse sentido, a investigação teve como principal estratégia para construção de dados a aplicação de questionários junto a instituições ligadas ao ensino e a realização de entrevistas semi-estruturadas com professores de História do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, de escolas privadas e públicas. Nas questões relacionadas ao ensino de História, o trabalho toma por base as contribuições de Bittencourt (2004); Schimidt e Cainelli (2004); Abreu e Soihet (2003). Para fundamentar as discussões acerca das identidades culturais consideramos os estudos de Hall (2006) e Silva (2006). Assim, mediante as entrevistas, os professores de História de Assu evidenciaram um forte apego identitário com a espacialidade assuense, haja vista que os mesmos demonstraram vinculações a elementos que discursivamente e de forma imagética compõem uma construção identitária do município, esta propagada a partir da segunda metade do século XX por um grupo de intelectuais que procuraram enaltecer o espaço local como “terra dos poetas”, “Assu – Atenas Norte Rio-Grandense”, “terra dos verdes carnaubais”, “terra do venerado São João Batista” entre outros. Dessa forma, podemos constatar que a história local ensinada no contexto escolar de Assu se propõe a mostrar traços considerados comuns a todos os assuenses, reforçando a ideia de identidade homogênea, sem maiores preocupações em destacar as

diferenças sociais e culturais. Além do mais, a referida abordagem histórica se compromete com a exaltação do lugar, fortemente centrada nos feitos dos indivíduos considerados de destaque nos campos econômico, político e literário.

**ENTRE IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES: AS MULHERES
FEIRANTES DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE E AS SUAS
PECULIARIDADES**

Sâmala Sonaly Lima Oliveira (UFCG)

samala_sonaly@hotmail.com

Antonio Clarindo Barbosa de Souza (UFCG)

veclanu@yahoo.com.br

RESUMO:

A identidade não pode ser compreendida como algo fixo e estável, ela não é definida e acabada; com o passar do tempo ela vai se reconstruindo, passando por transformações. A discussão sobre identidades relata a emergência de novas posições e de novas identidades produzidas devido às circunstâncias econômicas, sociais e culturais. Segundo Stuart Hall (1998) com a modernidade, emerge a crise dos paradigmas como questionamento em torno da identidade que para ele não pode ser vista como única, mas sim no plural. O sujeito que era visto com uma identidade unificada e estável vem passado por uma fragmentação composta por várias identidades, produzindo assim o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito passar a assumir identidades diferentes em diferentes momentos. Esse trabalho tem como objetivo analisar as identidades e subjetividades das mulheres feirantes na Feira Central de Campina Grande, buscando compreender como são construídas por elas, visto que alguns casos elas são feirantes trabalhadoras, mães, chefe do lar e donas de casa, pois as posições que elas assumem e se identificam constituem suas identidades. Através dos relatos orais percebemos a pluralidade existente no discurso das entrevistadas. Analisar como se compõem as identidades dessas mulheres através das narrativas orais está relacionado à maneira como elas se instituíram, se apropriaram do espaço em que trabalham; como elas construíram as suas subjetividades, mostrando assim uma forma de ser. O perfil das entrevistadas do referido estudo não apresenta homogeneidade, se trata de uma heterogeneidade, que está no perfil sócio-econômico, no qual variam os salários entre um a dois salários mínimos, o nível escolar, o lugar onde moram e as suas escolhas na comercialização das

mercadorias. O referencial teórico utilizado no nosso estudo foi: Kathryn Woodward e os conceitos de identidade, diferença e subjetividade e Stuart Hall e o conceito de identidade.

**“CAVAR A COVA E LEVAR A VELA PARA NÃO MORRER SEM ELA”:
SENSIBILIDADES, IDENTIDADES E MEMÓRIAS DE VIDA E MORTE NO
CAULIM**

Inairan Cristino Cunha (UFCEG)
inairancunha@gmail.com

RESUMO:

Há muito que a História vem trabalhando com outras fontes, objetos, métodos, enfim..., possibilitando que personagens “esquecidos” ou marginalizados viessem à tona e pudessem ser lidos e estudados por especialistas e leigos. Isso fez com que as narrativas históricas ficassem bem mais interessantes, nos permitindo ter contato com a cata de piolhos das pessoas de Montaigne, a curiosa venda de esposas mostrada por E. P. Thompson, a vida do simpático moleiro de Ginzburg, o casaco de Marx e os trajetos de vida dos garimpeiros do Junco do Seridó. Michel de Certeau, em sua operação historiográfica, questionando-se sobre o *metier* do historiador procura entender essa profissão e a sua relação enigmática com a morte, relação esta que exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos. “Cavar a cova e levar a vela para não morrer sem ela”, bem que poderia ser uma frase retirada da carta de algum soldado durante um conflito e exposta pelo historiador em artigo, entretanto, ela foi dita por um garimpeiro do caulim quando se referia ao seu trabalho, demonstrando uma perspectiva bem próxima à que Certeau pensara para o ofício historiográfico. Mas, o banqueteiro não exorciza a morte, embora quisesse, ele a apreende pelos sentidos e pelas sensibilidades sensoriais, testemunhas de um dado tempo e contexto social. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar as sensibilidades como construtora das identidades dos banqueteiros, a partir de suas histórias e memórias de vida e morte produzidas na sua atividade cotidiana de extração do caulim. Nesta perspectiva, buscamos outra forma de ver e de ler os garimpeiros do caulim do município que não fosse como simples instrumento de trabalho ou responsável pela degradação ambiental, mas, como seres históricos, pessoas comuns, sujeitos de desejos, emoções e sentimentos.

AS RELAÇÕES ‘AMOROSAS’ NO ESPAÇO FESTIVO DA MICARANDE

Francisca Kelly Gomes Cristovam (UFCG)

kelly_cristovam@yahoo.com.br

Orientadora: Regina Coelli Gomes Nascimento (UFCG)

reginacoelli2@yahoo.com.br

RESUMO:

O objetivo desse trabalho é refletir sobre a pesquisa inicial que estamos desenvolvendo junto ao programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Buscamos problematizar na pesquisa as identidades (re)elaboradas sobre os comportamentos afetivo-sentimentais, principalmente as relações amorosas dos participantes no espaço festivo da Micarande entre os nos de 1998 a 2008 na cidade de Campina Grande-Pb. No presente artigo enfocaremos alguns questionamentos que perpassam nossa pesquisa a respeito das relações amorosas do ‘ficar e namorar’ dentro dos blocos festivos da Micarande, a partir das narrativas de nossos entrevistados e entrevistadas, e com o diálogo da literatura teórico-metodológica que trata sobre a temática, tais como Flávia Rieth (1998) com suas reflexões na sociedade contemporânea sobre o que é ‘namoro’ tido como um compromisso mais sério e com responsabilidade perante a família, e o que é ‘ficar’ uma relação mais livre e desprendida de uma responsabilidade entre famílias; Maria Isabel M. Almeida (2006) que discute o “Zoar” e “ficar” como novas formas de sociabilidade e afetividade contemporâneas; e também com Zygmunt Bauman (2004) que discute as questões amorosas na sociedade contemporânea abordando o amor como um sentimento mais ‘líquido e fluído’. No mais, buscaremos através deste estudo, analisar as novas experiências amorosas e os comportamentos dos foliões no ambiente festivo pesquisado, daí pensarmos sobre os novos valores a respeito da maneira de amar no mundo contemporâneo.

TELENOVELA “MULHERES APAIXONADAS”: UMA FABRICA DE SONHO E INDENTIDADE

Vera Lucia Alves da Silva (UEPB)
aninhaanato10@hotmail.com
Eronides Câmara de Araújo (UFCG)
ero@oi.com.br

RESUMO:

Nossa pesquisa tem como propósito analisar e discutir as identidades masculinas e femininas construídas por Manoel Carlos na telenovela “Mulheres Apaixonadas” mediante estratégia discursiva que coloca o masculino no lugar de hegemônico, sedutor, caçador e irresistível e sujeito de disputa entre as mulheres; enquanto o feminino é posicionado como frágil caça apta a ser seduzida. Reafirmando, demarcando fronteiras e privilegiando diferenças em uma relação binária que reserva para o feminino, o lugar de segundo sexo, por ser suscetível a ser caçado pelo macho inveterado. Para tanto, através das falas dos personagens e da literatura disponível sobre o tema, faremos um estudo do discurso novelístico. Tendo em vista que a construção lingüística e discursiva do autor não se faz inocente, mas possuidora de uma pressão secretamente mascarada, que para além do entretenimento, constitui-se em máquina terrivelmente poderosa que esconde procedimentos que exclui o feminino, ordena lugares, distribuindo e selecionando modelos de identidades a serem perigosamente materializado. Propondo papeis social e culturalmente estabelecidos pela sociedade que permite ao novelista construir uma organização social hierárquica onde o masculino é hegemônico por assumir uma posição privilegiada sob o feminino. Reproduzindo práticas produzidas na sociedade patriarcal que ignora as mudanças na esfera de gênero posicionando as mulheres como desprivilegiadas, subordinadas, marginalizadas e cúmplices desta forma de masculinidade, revelada como preferencial entre elas ao se deixarem seduzir por estes que as desafiam em um jogo simbólico, onde articula estratégias irresistíveis e enlutáveis que as levam a se renderem aos encantos deste macho cuja virilidade exaltada, seve de arena para o feminino se digladiar em verdadeiras guerras pelo amor dos mesmos. A trama repleta de apelos de desejos e paixões e conteúdo que se aproxima da realidade cotidiana serve como um laboratório que propaga sons e imagens encantadas e fascinantes que levam os receptores a uma interação com os personagens que vendem modelos de comportamentos e percepções de mundo e pessoas que adentram aos olhos dos

telespectadores e penetra em sua sensibilidade, delineado subjetividades produzidas pela combinação de valores propagados e repertório individual em um processo guiado pela cultura, envolvendo a mestiçagem de múltiplas forças internas e externas, que perigosamente molda e produz identidades.

**IDENTIDADES E TERRITÓRIOS DE DESEJO: UMA ANÁLISE DAS
PRÁTICAS AMOROSAS, RELAÇÕES SOCIAIS E SOCIABILIDADES NA
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX (CAICÓ/RN)**

Edivalma Cristina da Silva (UFRN)
edivalma@hotmail.com

RESUMO:

Beatriz Lopes, Benedita Augusta, Otília de Souza. Mulheres que frequentaram espaços de lazer como sambas e bailes em Caicó/RN, na primeira metade do século XX, se divertiram, namoraram, entrelaçaram relações sociais e amorosas, mas também tiveram comportamentos regradados, vigiados, “permitidos” e “proibidos” nesses espaços. É com o olhar sob a produção de identidades e múltiplas subjetividades a partir das relações entrelaçadas nos espaços de sociabilidade e dos embates entre sua idealização pelos discursos jurídicos e as práticas cotidianas masculinas e femininas, que esse trabalho se propõe a analisar a construção de territórios de desejos pelos sujeitos sociais para além das estruturas de poder que o circundaram. Para isso, a análise é intentada através de uma metodologia dialógica entre as discussões teóricas, historiográficas e pela análise das fontes que consistiram em entrevistas realizadas com caicoenses, os quais vivenciaram esses divertimentos, além de vinte processos-crime de lesões corporais resultantes de confusões nesses espaços. Entre as leituras teóricas, foram estabelecidas relações entre memória, identidade social e o esquecimento a partir de autores como Bosi (1994), Halbwachs (2004), Pollak (1989, 1992) e Zumthor (1994); caminhando-se também pelas linhas de identidade, relações de gênero, poder e subjetividade através de Butler (2003), Foucault (2002, 1993) e Deleuze e Guattari (1995, 1996, 1997) e pelas discussões historiográficas de Araújo (2008), Couceiro (2007), Rago (1993, 2004), Sopelsa (2003), entre outros. A partir do olhar sob o baile e o samba se percebe como as relações entrelaçadas nesses espaços influenciaram na produção de cartografias, identidades, alteridades e territórios de desejos que transcenderam polaridades como permitido/proibido, passivo/submisso, demonstrando que a subjetividade é um processo aberto e contínuo em que o

sujeito torna-se participe ativo em sua produção. Experimentações e vivências que perpassaram de formas plurais pelas sensações, interações e relações entrelaçadas entre vários sujeitos sociais.

**RELAÇÕES DE PODER E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES DOCENTES
NA ESCOLA: A NOÇÃO DE PODER EM MICHEL FOUCAULT E O
CONCEITO DE IDENTIDADE EM TOMÁS TADEU DA SILVA**

Karina Pereira Souto (UFMG)
karinasouto06@hotmail.com

Cláudio da Costa Barroso Neto (UFMG)
claudiobarroso_n@yahoo.com

Dr.^a Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora) (UFMG)
reginacoelli2@yahoo.com.br

RESUMO:

Neste artigo, propomos problematizar alguns conceitos dos quais estamos lançando mão no texto da dissertação de mestrado intitulada de Disciplinando o corpo dos docentes: a escola fabricando corpos dóceis. Nosso trabalho tem como objetivo analisar como a instituição escolar legitima os discursos normatizadores que vão sendo cristalizados como naturais no cotidiano escolar, no sentido de controlar as diversas corporalidades/identidades docentes em duas escolas (que serviram de amostragem) da rede pública e privada da cidade de João Pessoa neste início de século. Para a concretização dessa pesquisa, dialogamos com autores, a exemplo de Michel Foucault, a partir da noção de poder empregada por ele, reconhecendo a Escola também como um território complexo permeado por relações de poder, controle social e resistências. Assim, procuraremos entender como esses discursos normativos semelhantes a tentáculos invisíveis tentam elaborar identidades fixas e universais, que por sua vez tentam regular os corpos dos professores. Para tanto, aproximamo-nos também dos estudos de Tomás Tadeu da Silva acerca do conceito de Identidade, conceito este que atravessa tanto o corpo quanto o espaço escolar. Por isso, propomo-nos discutir como os atores sociais da escola, principalmente os professores, se inscrevem e representam a si mesmos, e como outros atores – alunos, pais e corpo técnico – identificam e representam esses professores dentro da sociedade do século XXI, marcada por identidades fragmentadas, multifacetadas, fluídas, itinerantes, que não se fixam neste ou naquele lugar.

NO ESCURINHO DOS CINEMAS CAMPINENSES: ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADE

Edgar Francisco do Nascimento (UEPB)
edgarrfn@yahoo.com.br

RESUMO:

Nesta pesquisa analisamos a construção da identidade de espaços de lazer e diversão em campina Grande-Pb, nas décadas de 1970 e 1980, a partir da análise do sentido das salas de exibição de filmes para os frequentadores, especialmente, o Cine Babilônia, Cine Capitólio, Cine Avenida e cine São José. Assim, buscamos enveredar a pesquisa para a análise desses espaços enquanto vivência de uma "experiência coletiva", como o teatro ou a ópera, refletindo sobre questões, tais como: Como pensar o cinema como espaço múltiplo de lazer? Seria possível delinear os tipos de filmes exibidos nas salas de cinema e os seus frequentadores? Como os espaços de sociabilidade eram construídos pela população após a exibição dos filmes? De que forma as emissoras de rádio, televisão e os periódicos da época noticiavam os filmes que seriam exibidos? Para concretização desta pesquisa dialogamos com alguns autores, a exemplo de Nicolau Sevcenko, a partir de suas reflexões sobre tecnologia e cultura; em Tomaz Tadeu da Silva e Suart Hall nos apropriamos de seus estudos acerca da diferença como construção identitária, dentre outros autores que partilham sobre as novas abordagens sobre cinema e História.

IDENTIDADE E MASCULINIDADE NA GUERRA DE ESPADAS DE SENHOR DO BONFIM-BA

Raimilson da Silva Tavares (UFCG)
raimilsontavares@yahoo.com.br
Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora) (UFCG)
reginacoelli2@yahoo.com.br

RESUMO:

A cidade de Senhor do Bonfim-BA, comemora aquela que é uma das maiores festas de tradição popular: o São João. Na cidade de Senhor do Bonfim a festa de São João possui uma peculiaridade importante que é a Guerra de Espadas,

praticada no dia 23 de junho, véspera de São João. A espada é um artefato constituído por um pedaço de caniço ou taboca de bambu que tem dimensões e tamanhos diferentes que é utilizada como um rojão de fogo arremessado entre seus participantes. Os lutadores da Guerra de Espadas se orgulham em mostrar para a sociedade as dolorosas marcas da disputa deixadas sobre o seu corpo como ferimentos, queimaduras e fraturas cranianas, tornando-se motivo de auto-afirmação da identidade masculina praticada pelos gêneros enquanto homens e mulheres corajosos e destemidos que enfrentaram tal batalha. A Guerra de Espadas está diretamente ligada a afirmação da coragem e da masculinidade do(a) guerreiro(a), que mesmo se machucando e sentindo dor em seu próprio corpo estes não deixam de participar, de se arriscar, de brincar, de se divertir como se fosse um gingado de uma dança, de um balé, que acompanha o som emitido por sua queima de pólvora com todos seus ingredientes que a compõe. O referencial de “cabra macho” e “mulher macho” que enfrenta a guerra é tão forte, que alguns participantes chegam a queimar suas vestes com a própria espada que empunha, para poder dizer e mostrar que lutou, “se feriu”, mas saiu vitorioso; cujo troféu é ser reconhecido e valorizado diante da sociedade e de si mesmos, construindo assim, sua identidade masculina de guerreiro. Nesta pesquisa temos como objetivo problematizar a Guerra de Espadas na cidade de Senhor do Bonfim-BA, no período de 1968-2010. Em nossas análises percebemos inicialmente que A Guerra de Espadas constitui-se como marco da identidade masculina no que se refere a valentia e coragem do guerreiro ao praticá-la nas ruas da cidade demarcadas para tal fim, em véspera de São João. A documentação selecionada no decorrer desta pesquisa consta de entrevistas, jornais local e regional, fotografias, e literatura local. O referencial teórico- metodológico que será feito a partir de Michel Foucault, Michel de Certeau, Joan Scott, Roger Chartier, Durval Muniz, estão relacionados a Linha de Pesquisa 2: Cultura, Poder e Identidades do PPGH/UFCG, que será relacionado com a metodologia da História Oral.

O USO DAS CULTURAS E A (RE)CONSTRUÇÃO DAS “IDENTIDADES”: O DISCURSO TURÍSTICO E A FORMAÇÃO DE ESPAÇOS NA REGIÃO DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE

Esp. Clériston Rafaell Wanderley de Medeiros (UFCG/FCST)
prof.rafaellmedeiros@gmail.com
Dr. Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) (UFCG)

RESUMO:

Identifica os principais símbolos, signos, discursos de introdução e resistência, bem como os meios de divulgação utilizados pelo discurso turístico como (re)criadores e/ou (re)afirmadores de uma “identidade” Seridoense. Analisa historicamente os discursos criadores e o processo de formação dos espaços turísticos na região do Seridó norte-rio-grandense tomando como recorte espacial o recém criado Pólo Turístico do Seridó. Utiliza o método antropológico da “descrição densa” e os métodos de pesquisa bibliográfica e documental em arquivos provenientes do Laboratório de Documentação Histórica do Seridó (LABORDOC) e de outros arquivos públicos e particulares do Estado do RN. Busca compreender a “lógica” espacial criada como forma de incorporação, ou vilipêndio, dos lugares pelo turismo e entender como se deu a formação discursiva, geopolítica e sócio-espacial dos lugares e não-lugares criados pelo/para o setor turístico do Seridó. Esta reorganização do espaço seridoense ocorre por série de estratégias que transfiguram a cultura local, introduzindo novas referências identitárias, desta feita moldadas por influências externas, alienígenas. Percebe-se que estas novas referências baseiam-se em um mercado turístico internacional, em estratégias de marketing e venda do destino, em fluxos globais de pessoas, enfim, em uma cultura global. Com a transformação das identidades e dos referenciais culturais evidenciam-se fenômenos bastante peculiares, que levam a algumas reflexões, servindo muito mais como uma problematização, uma inquietação e a indicação de possíveis temáticas de estudos, do que como conclusão da problemática proposta. Em primeiro lugar, a própria noção de espaço também se transfigura, provocando mudanças importantes nos lugares. Em segundo lugar, a própria noção de território segue o mesmo padrão. Por fim, a atividade turística na região do Seridó, dita “globalizada e globalizante”, cria um movimento ambíguo e irreversível, no qual ao mesmo tempo em que se transmutam as culturas, as identidades e os lugares, se atribui, pelas pressões do turismo de massas, uma representação imagética estanque à estas mesmas categorias, cristalizando-as. Nesse sentido, aos olhos do

mundo, também ocorre uma cristalização desta dita seridoensidade, que em sua essência estaria em constante processo de transmutação. Por fim, discuti a noção de “identidade seridoense”, mostrando como esta se descaracterizou ao longo da introdução da lógica “pós-moderna” do discurso turístico, concluindo como esta mudança de identidade transforma os espaços da região, transfigurando ambas em categorias híbridas.

ARTESÃOS DE MEMÓRIAS: A HISTÓRIA ORAL COMO FERRAMENTA PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA

Elane Cristina do Amaral (UFCG)
enale13@yahoo.com.br
Janielly Souza dos Santos (UFCG)
janiellysouza@yahoo.com.br

RESUMO:

Neste artigo procuramos discutir a metodologia da história oral como uma fonte histórica rica de possibilidades e reflexões, tanto para se pensar em um cotidiano plural, quanto nos sujeitos que lhe dão sentido. Neste campo de ação, analisaremos ainda o uso da memória pelos historiadores, refletindo as suas múltiplas facetas, gestadas nos usos, nas produções da(s) pesquisa(s). Sob estas perspectivas, também refletiremos os cuidados que o pesquisador necessita tomar ao lançar mão da história oral como ferramenta metodológica. Deste modo, no momento em que nos propomos como artesãos de memórias nos colocamos diante de fontes que abrem leques de possibilidades e novos desafios para os pesquisadores.

HISTÓRIA E LITERATURA: UM POSSÍVEL DIÁLOGO PARA EXPLICAR O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA

José Antônio de Souza Júnior (UEPB)
juniorgalotrze13@hotmail.com

RESUMO:

Na primeira metade do século XX comemorou-se no Brasil um século de independência política, no entanto, discutia-se com frequência se 100 anos de independência tivera, de fato, se efetivado na nação brasileira, haja vista que

pairava ainda sobre este país o estigma da colonização portuguesa e da dependência econômica e cultural da jovem nação. Nesse sentido, tornou-se imprescindível a organização da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em fevereiro de 1922, um importante marco histórico, político e, acima de tudo, cultural que visou suscitar uma profunda discussão acerca da identidade brasileira e da real (in)dependência do brasileiro em relação ao outro, ao estrangeiro, sobretudo, ao europeu. Foi em decorrência da Semana de 22 que surgiram relevantes obras literárias com o objetivo de pôr em prática o projeto de explicar o processo de formação do povo brasileiro, dentre essas obras pode-se destacar Macunaíma de Mário de Andrade. Em Macunaíma, a partir do método antropofágico proposto por Oswald de Andrade, é possível observar a tentativa de Mário de Andrade de explicar o processo histórico, folclórico, mitológico e lendário da formação do povo brasileiro, esta obra singular da literatura brasileira ultrapassa o mero objetivo ficcional, para assumir a missão de delinear todo o processo histórico da formação identitária nacional. Macunaíma é uma obra que afirma que o caráter nacional é formado pela mistura de raças: negro, branco e índio; e, que a identidade nacional se caracteriza pela diversidade e pela riqueza que essa indefinição étnica proporciona ao povo brasileiro. Desse modo, pretende-se com este artigo, desenvolver um estudo interdisciplinar que fomente a relação entre a Literatura e História, com a pretensão de expor os pressupostos essenciais utilizados por Mário de Andrade, através de Macunaíma, para caracterizar o processo de formação do caráter nacional do povo brasileiro e, sobretudo, da identidade nacional brasileira.

A INVENÇÃO DO PAPA-FIGO: MEMÓRIAS DAS DOENÇAS E DAS CRENÇAS SOBRE A LEPRO (ANOS 70)

Berenice Oliveira da Silva (UFCG)
bereoli53@hotmail.com
Eronides Câmara de Araújo (UFCG)
ero@oi.com.br

RESUMO:

Este texto apresenta a pesquisa que temos desenvolvido sobre a importância da memória coletiva dos moradores da antiga fazenda ‘Pedra de Santo Antônio’. Ela foi fundada em 1940, na cidade de Campina Grande e muitos de seus moradores que vivenciaram esta época e outros ao redor também foram entrevistados. O

motivo da nossa investigação é analisar as representações populares sobre a identidade do “Papa-figo” e suas relações com a lepra, devido o surgimento da doença a um morador desta fazenda. A lepra também era associada ao desaparecimento de crianças. Muitos dos moradores afirmavam que os leprosos acreditavam que ao comer ‘o fígado da criança’ ficavam curados e assim, o desaparecimento de crianças estava associado a existência do papa-figo. Visto que as memórias dos sujeitos pesquisados construíram múltiplas identidades em suas narrativas estamos acreditando que as crenças sobre a relação entre o papa-figo e o leproso deviam-se aos medos que as mães e as pessoas de uma forma geral faziam para assustar as crianças e mantê-las em casa. De modo que utilizamos o conceito de tática de Certeau para compreender que essa era uma astúcia pedagógica da educação infantil utilizada pelas mães. O aparecimento do leproso associado ao meio-homem e meio-bicho era uma tática das mães para manter os filhos sobre seu controle. De modo que essa pesquisa pode contribuir para enriquecer a teoria da literatura infantil, como pode refletir o papel pedagógico das famílias para educação familiar.

A INVENÇÃO DO EGITO ANTIGO: VISÕES DE ALTERIDADE E IDENTIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Josiane Gomes da Silva (UFRN)
narizinhoegito@hotmail.com
monografiaegito@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho tem como finalidade abarcar os estudos em relação ao Egito Antigo, mostrar através desta análise como a História, em especial a História antiga, foi construída desde os gregos até a nossa idade contemporânea. Percebendo como a História do Egito Antigo ensinada na atualidade foi desenvolvida ao longo do tempo, e como este estudo contribuiu para o entendimento de questões de alteridade e identidade no ensino de História moderno. As fontes utilizadas para a realização deste trabalho foram às fontes de voltadas para o ensino de história, como livros do ensino fundamental e médio e livros de nível superior, datados de diversos anos mais precisamente dos anos de 1990 até os anos 2000. E fontes voltadas para a pesquisa histórica como os relatos e texto de autores como Heródoto. Por fim este trabalho terá como fonte de interesse mostrar como o ensino de História auxiliado da pesquisa histórica

possibilita um melhor entendimento da História. Usando como exemplo a História do Egito Antigo.

A ALTERIDADE COMO FUNDAMENTO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

Alberto Vivar Flores (UFAL)
alberto_vivarflores@hotmail.com

RESUMO:

Desde a descoberta, invasão, conquista e colonização do Continente Americano, uma parte de seus habitantes naturais foram negados na sua dignidade humana. Posteriormente, a chegada de contingentes de origem Africana deu origem a outro tipo de negação da dignidade humana: O sistema de escravatura. Assim, ao longo da História da América se construiu um processo de negação da dignidade humana, mesmo quando as sociedades Americanas foram formando-se mediante uma mestiçagem racial e cultural. Atravessada a época da Colonização, os movimentos de independência que tornam possíveis o surgimento de um punhado de nações livres e independentes não alteraram a situação da maioria populacional desses países, embora se fale de cidadãos e não mais de súditos. Nesse contexto a construção da cidadania representa a própria construção e conquista da dignidade humana dessas maiorias propositalmente excluídas. A questão crucial que se apresenta para um processo de desenvolvimento econômico, político e cultural que pretenda verdadeiramente incluir a esta multidão de excluídos implica necessariamente em resolver a disjuntiva seguinte: integrá-los aos benefícios desse modo de produção que os negou como seres humanos historicamente ou criar uma alternativa conceitual de cidadania a esse modo de produção. Na presente comunicação pensamos que a história da educação na América – Latina acompanha, consciente ou inconscientemente, essa cumplicidade secular de exclusão e de negação da dignidade humana desses excluídos. Nesse sentido a história da educação deve ser conjuntamente superada com os outros condicionamentos socioeconômicos políticos mediante um movimento social que surgido dessas maiorias assumam uma consciência de mudança social radical do modo de produção que já dura quinhentos anos. Para esse processo, pensamos que deve ser útil o ensino – aprendizagem de uma pedagogia que assumam responsabilmente não apenas uma proposta de educação para a cidadania dentro dos moldes do modo de produção capitalista, mas de uma educação que transcenda

semelhante cidadania e avance para a constituição de um modo de ser cidadão que implique o reconhecimento e a defesa irrenunciável da dignidade humana.

CARTOGRAFIAS E REPRESENTAÇÕES DAS “INFÂNCIAS” EM SITUAÇÃO DE RUA EM CAMPINA GRANDE-PB NO SÉCULO XXI

Paulo Wbiratan Lopes da Costa (UEPB)
paulo_wbiratan@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve discussão sobre a Infância, iniciando de aspectos que marcaram a História da Infância no Brasil Colônia até a atualidade, enfatizando as “múltiplas Infâncias” em situação de rua na contemporânea Campina Grande. Já que trabalhar com a História da Infância além de novo é interessante para os historiadores, pois estas que se encontram numa problemática onde o preconceito e a estereotipia deixam marcas em seu cotidiano, os descrevendo como marginais, doentes, sujas e delinquentes. Nesta perspectiva, essa pesquisa foi realizada tanto por meio de fontes bibliográficas, quanto por uma entrevista com esses atores. Para que assim através de vários discursos e saberes que tratam esses, tentaremos em uma simples discussão compreender as representações que elas têm quanto ao momento vivido e a forma que elas encaram seu cotidiano e expectativas.

A REPRESENTAÇÃO SOBRE LAMPIÃO PELOS VÍES DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS PERSONAGENS LAMPIÃO E CORIOLANO NA OBRA “OS DESVALIDOS” DE FRANCISCO DE J. C. DANTAS

Maria Dorotéia da Silva (UEPB)
dorote.arthur@yahoo.com.br

RESUMO:

Esse estudo tem como objetivo analisar a construção da memória discursiva sobre Lampião, no interior das vozes de Coriolano e Lampião, personagens do romance “Os desvalidos”, de Francisco J. C. Dantas, via uso de referenciação que articulam diferentes pontos de vista sobre o famoso personagem da história do sertão

brasileiro. Nele estudamos a cultura, compreendida como um conjunto diversificado de gênero, identidades e práticas sociais que quando se ligam ao contexto histórico, político e social, como também as especificidades de cada local fazem com que toda essa pluralidade represente uma sociedade. Nesse sentido, a narrativa de “Os Desvalidos” é percebida no presente trabalho a partir da relação estabelecida nas experiências vividas pelas personagens, seres oprimidos, em que a identidade e a representação destes indivíduos, que estão à margem da sociedade, estabelecem uma ligação entre o fato real, marcado pela presença de Lampião, e o fato fictício, marcado pela presença de Coriolano. O passado é para nós um ponto de referência que se constitui como fonte de conhecimento, nas narrativas e nas manifestações artísticas e culturais. Elas incorporam os elementos da tradição e se eternizam pelo fato de representar com verossimilhança o real, desta forma congregam a memória coletiva. A formação tanto da identidade como da cultura está em aberto, em constante transformação, é um processo de grande complexidade que compreende repertórios de ação e de pensamento que ao longo do tempo aprendemos a identificar e reproduzir. A construção identitária parte de um processo histórico, auxiliado pela difusão da oralidade que com o tempo ganha novas significações, constituindo a história, a memória e a cultura de um determinado povo. O estudo da obra em epígrafe oferece a possibilidade de auxiliar na compreensão da identidade do homem nordestino, uma vez que promove o diálogo entre história e ficção ao evidenciar por meio do diálogo entre Coriolano e Lampião, o drama do sertanejo: a exclusão social.

**“ZOAR” “FICAR” “NAMORAR”: SOCIABILIDADES JUVENIS EM
CAMPINA GRANDE-PB (1990-2010)**

Regina Coelli Gomes Nascimento
(Tutora PET – História – UFCG)
reginacoelli2@yahoo.com.br

RESUMO:

Nesta pesquisa estudamos as diferentes percepções construídas por adolescentes e jovens de Campina Grande-PB no período de 1990-2010 acerca do amor, da sexualidade, do ficar e do namorar. Analisando as mudanças nas relações sociais e culturais que influenciaram no comportamento dos jovens. Dois conjuntos de fontes constituem o corpus de análise da pesquisa: o primeiro será composto por informações publicadas na mídia, especialmente Diário da Borborema e Jornal da

Paraíba, sobre as novas cartografias amorosas e formas de sociabilidades dos jovens campinenses. O segundo conjunto resultará de entrevistas semi-estruturadas, buscando analisar de que forma e por quais caminhos os jovens construíam e reconstruíam suas identidades afetivas na contemporaneidade. Para melhor compreensão do objeto, nos aproximamos dos pressupostos teórico-metodológicos relacionadas aos seguintes autores: Michel Foucault com sua leitura metodológica da arqueologia do saber; Tomaz Tadeu da Silva na trilha foucaultiana com sua preocupação em discutir a diferença como construção identitária e Stuart Hall, discutindo a identidade e a cultura como processo de significação, dentre outros que partilham das novas abordagens sobre os objetos da história, a pesquisa e as fontes.

EXERCÍCIOS DE ALTERIDADE, OU: ESPIANDO POR OUTROS ÂNGULOS AS HISTÓRIAS DA HOMOSSEXUALIDADE

Sandro José da Silva (UFRPE)
sandrosilvahistoria@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente trabalho se propõe a fazer algumas reflexões em torno das contribuições da denominada História Cultural para os estudos que abordam a homossexualidade. Estes estudos têm buscado pensar, pesquisar e escrever sobre a homossexualidade respeitando os seus mais variados matizes no tempo e no espaço contestando o pensamento essencialista e naturalizador que tende a apagar os rastros históricos e culturais das relações afetivas e sexuais entre homens. Essa nova abordagem, parece exatamente ir à contramão de uma escrita mais “tradicional”. Teríamos, agora, uma história que questiona o óbvio e põe em relevo aquilo que parecia irrelevante. Hoje, mesmo os detratores dessa historiografia admitem a sua consolidação no meio acadêmico, tanto em termos quantitativos em congressos nacionais e internacionais, como na efetivação de linhas de pesquisa nas pós-graduações brasileiras. Inclusive uma observação mais acurada dos anais dos congressos evidencia a presença e a fecundidade de temas suscitados por essa nova historiografia. Além disso, a Nova História cultural pode ser uma história nos moldes de que nos fala o historiador Koselleck. Uma história que analisa no presente os resultados do horizonte de expectativas elaborado em tempos idos, e ao mesmo tempo atenta no presente o horizonte de expectativas planejado para nosso futuro. Uma história que observa, admite e relativiza a diversidade humana em seu

sentido étnico-cultural, uma história em que tudo que o ser humano sente, toca e vê pode se tornar seu objeto de estudo. Uma história dos “excluídos”, e que por vezes também é excluída. Uma história que narra aquilo que parece aparentemente banal, supérfluo. Entretanto, se olharmos direitinho ela trata sobre o que compõe a maior parte do nosso cotidiano.

“PASSO A PASSO NO COMPASSO”: PRÁTICAS DE DIFERENCIAÇÃO DE GÊNEROS NOS FORRÓS EM BARAÚNA – PB

Janielly Souza dos Santos (UFCG)
janiellysouza@yahoo.com.br

Dr^a. Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora) (UFCG)
reginacoelli2@yahoo.com.br

Na busca de abraçarmos uma pesquisa, adentramos espaços de sociabilidades. Sob esta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo problematizar a construção identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais em Baraúna – PB, nas décadas de 1950/60. Neste âmbito, em nossas análises, percebemos inicialmente que papéis do masculino e do feminino foram construídos historicamente nos espaços do forró; e que nos relacionamentos que se estabeleceram entre os gêneros a construção de identidades se produziu a partir das práticas de diferenciação. Metodologicamente pretendemos trabalhar com as narrativas orais, com seus usos e problematizações, bem como, com a memória. Para concretização desta pesquisa dialogamos com alguns autores, a exemplo de Hall, Certeau com suas reflexões sobre os conceitos de identidade e cotidiano, respectivamente; com Rago, Stearns, Matos, no que concerne às reflexões sobre gênero e a desnaturalização das diferenças; também nos aproximamos dos estudos de Alberti, Delgado e Catroga acerca das narrativas orais, da memória e de seus usos.

PÔSTERES

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS E PRÁTICA DOCENTE

Priscila Natividade de Jesus (UNEB)

pinknatividade@gmail.com

Lílian Oliveira dos Santos (UNEB)

lilianoliveira15@hotmail.com

Prof^a Ms. Antonieta Miguel (UNEB)

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo trazer algumas reflexões acerca das experiências de ensino que foram desenvolvidas durante os estágios supervisionados, no decorrer do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia. Foram vivências em espaços de ensino, formal e não-formal, que constituíram diferentes modos e lócus de aprendizagem e que, portanto, se tornam de suma importância para nosso processo de formação na graduação e enquanto futuras professoras de História. Com a prática nos estágios foi possível pensar sobre a formação do professor de História, bem como refletir a prática docente, analisando o seu papel tanto na escola quanto na sociedade. Sendo assim, o ensino de História direciona para construção de discussões que auxiliam no desenvolvimento crítico dos indivíduos, relacionando-o de maneira dinâmica e reflexiva com as realidades destes. Diante disso, destacamos que a troca de saberes, a partir dos estágios, serviu para o enriquecimento de nossos conceitos acerca do papel do professor como contribuinte na formação crítica do sujeito. Sobretudo, é imprescindível reconhecermos a posição política dos discentes como pessoas críticas, que através de conhecimentos já adquiridos, atuaram de maneira significativa durante a execução das propostas dos estágios. Deste modo, afirmamos que a evidência da prática docente envolve muitos aspectos e discussões que fazem com que possamos perceber os desafios proporcionados pela profissão. Neste sentido, consideramos também que a vivência, enquanto bolsistas, no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), se faz também, um diferencial no acréscimo de novos elementos na construção de uma identidade e capacitação profissional. Com isso, se faz importante a elaboração das nossas posturas, enquanto educadores, pensando na construção de uma identidade docente. Compreendemos nessas experiências que o ensino de História é uma

prática social complexa, cheia de valores e mudanças humanas, sendo preciso a problematização destes, partindo de uma formação cotidianamente reflexiva.

**OFICIAIS MECÂNICOS: DESCLASSIFICADOS ÚTEIS COMO ESPELHO
DOS IDEAIS VIGENTES NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL COLONIAL
PERNAMBUCANA DOS SÉCULOS XVII E XVIII**

Léa Cristina Vaz Gonçalves (UPE)
leagoncalves122@gmail.com
Kalina Vanderlei Silva (UPE)
kalinavan@uol.com.br

RESUMO:

As relações sociais nas vilas açucareiras pernambucas eram o retrato da hibridação cultural que floresceu do contato entre os diferentes agentes presentes em sua constituição, sem que, no entanto se deixasse de evidenciar o imaginário dominante como sendo o metropolitano. A análise do cotidiano dos oficiais mecânicos, suas práticas e implicações sociais nos lançam ao descortinar da organização cultural e social das vilas açucareiras. Ofício mecânico era toda e qualquer atividade manual que implicava em esforço físico, desqualificava e impedia seus praticantes de alcançarem status social, pois tais práticas iam contra os valores do ócio e da ostentação fidalgos. O desprezo pelo trabalho manual tinha como aliado a escravidão que vinculava todas essas atividades aos trabalhos dos pretos, inferiorizados socialmente e que implicavam nas máculas de sangue. As máculas de sangue, que constituíam um verdadeiro impedimento à ascensão social ao título de ‘pessoa de mor qualidade’ assim como a posse de cargos públicos, era caracterizada pela presença de sangue preto ou judeu, como também o padecimento de acidentes de mecanismo, que tinham implicação por até quatro gerações, vistas como delito sujeito a penas. Ainda assim podia-se verificar a participação de quase todos os elementos sociais, como é mostrado em documentos da Primeira Visitação Etc. do Santo Ofício às Partes do Brasil; Denúncias e Confissões de Pernambuco 1593-1595. Mesmo com tamanho desprezo pelas atividades manuais é verificável a sua importância no suprimento das cidades com seus inúmeros ofícios que configuravam um mercado de trabalho livre, contribuindo para o desenvolvimento do comércio, já que o Recife se transformava num dos maiores centros urbanos da capitania. O Livro 13 – Receitas e despesas 1791-1809 – da Irmandade do Santíssimo Sacramento - Recife evidencia a

utilização dessa parcela da população em atividades diversas dentro de tal instituição, como pedreiros, pintores e músicos. Assim os oficiais mecânicos desprezados e estigmatizados socialmente mostravam sua utilidade a Coroa como desclassificados úteis: inferiorizados socialmente mais inseridos na máquina dominante como objeto necessário para sua afirmação. A partir da metodologia da História Social e Cultural, nos deteremos no estudo da formação cultural nas vilas açucareiras, analisando sua hierarquização, os ideais vigentes, e principalmente as práticas sociais a fim de entendê-las como aspecto determinante da visão relacionada aos ofícios mecânicos desempenhados pela parcela mais pobre da população.

FESTAS DA CÂMARA DE OLINDA: CULTURA E SOCIABILIDADE NO PERNAMBUCO COLONIAL ATRAVÉS DAS FESTAS BARROCAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Arthur Gustavo Lira do Nascimento (UPE/FFPNM)
arthurlira31@hotmail.com

Kalina Vanderlei Silva (Orientadora) (UPE/FFPNM)
kalinavan@uol.com.br

RESUMO:

Elemento importante da cultura colonial, as festas barrocas constituíram um espaço de sociabilidade que nos revela hábitos e características da sociedade açucareira pernambucana. Estudando as festas e celebrações barrocas durante os séculos XVII e XVIII, buscamos fazer uma análise da sociedade açucareira na América Portuguesa, especificamente na capitania de Pernambuco. Sob a perspectiva de cultura do barroco de José Antônio Maravall e Affonso Ávila buscamos compreender as relações culturais existentes nesta colônia e os valores sociais difundidos na elite açucareira. A cultura barroca caracterizou diversas práticas sociais como as festas públicas, que eram organizadas pelas elites coloniais. O imaginário barroco atuava sobre o comportamento da elite fidalga pernambucana, e o desprezo ao trabalho nesta sociedade dava uma significativa importância ao festejar. Práticas culturais como as festas assumiam um espaço de ostentação e representação onde a elite açucareira construía sua identidade. Para Peter Burke, o estudo sobre festas nos ajuda a compreender como determinados grupos sociais desejavam construir suas representações na sociedade. Através das festas, a imagem do Rei, se fazia presente na vida social da Colônia, enquanto a elite

pernambucana se afirmava como poder local. Diversos documentos localizados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano nos mostram registros de cartas destinadas à Câmara de Olinda em que acontecimentos ligados à vida da Coroa Portuguesa são motivos para determinadas festas na cidade. Dentre uma das grandes celebrações em Pernambuco neste período, encontra-se a festa da restauração, celebrações anuais de ação de graças que eram realizadas por comemoração das vitórias alcançadas sobre os holandeses. Dessa celebração, uma importante fonte, o Sermão da Restauração de Pernambuco do domínio holandês, proferido pelo Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão em 1731, nos revela a exaltação à liberdade e o caráter divino ao qual é atribuída a vitória pernambucana. Profanas ou sagradas, as celebrações barrocas tinham um importante papel no controle da sociedade, assumindo um projeto sócio-educativo na Colônia. Através dessas análises, o trabalho busca identificar os aspectos culturais da elite colonial pernambucana tomando como base as festividades para a compreensão do barroco.

O COMÉRCIO ULTRAMARINO PORTUGUÊS NA REGIÃO DO RIO DA PRATA (SÉCULO XVII): UM ESTUDO DOS REGISTROS DE NAVIOS

Vivianne Pereira Lopes (UFCG)
viviannepb@hotmail.com

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (Orientador) (UFCG)
rcovruski@yahoo.com

RESUMO:

O estudo faz parte do projeto PIBIC/UFCG/CNPq intitulado “Nas Sendas do Atlântico Sul: tratos e contratos lusitanos na Buenos Aires seiscentista”, orientado pelo professor Dr. Rodrigo Ceballos (CFP/UFCG). O estudo consiste em analisar, por meio dos registros de navios (documentação localizada no Arquivo Geral da Nação – Argentina), as embarcações que transportavam mercadorias e passageiros pelas águas do Atlântico Sul, vindas das feitorias africanas e do Brasil colônia para o porto de Buenos Aires. Estes registros apresentam especialmente as visitas dos oficiais régios em busca de mercadorias sem licença comercial. Por meio da documentação percebe-se que os próprios funcionários responsáveis pela fiscalização legalizavam as mercadorias através de leilões públicos (as almonedas). Não era raro que os pilotos dos navios também alegassem problemas e pedissem para atracar no porto para realizar “reparos”. As mercadorias eram então “apreendidas”, levadas a leilão e adquiridas por ansiosos compradores que já as

aguardavam. Era um investimento comercial que envolvia tanto os mestres de navios e comerciantes locais como governadores e oficiais régios do Rio da Prata. O estudo consiste em analisar os comerciantes lusitanos e as sociedades constituídas com os moradores do Rio da Prata e o Brasil colônia ao longo da primeira metade do século XVII. O conhecimento dessas relações só se faz possível se nos debruçarmos sobre as fontes que nos mostrem no decorrer do cotidiano como se davam os acordos políticos e econômicos, de que forma se criavam redes sociais e de interesses comuns no porto, como eram formados os bandos e quem eram os principais comerciantes que faziam a rota com as cidades do Recife, Rio de Janeiro e Salvador. Este estudo mostra-se de fundamental importância por apresentar novos olhares sobre o Brasil colonial e suas redes mercantis autônomas. Poucos foram os historiadores brasileiros que se preocuparam com este tema, marginalizando o estudo das relações mantidas entre a região platina com as cidades costeiras da América portuguesa. Uma região cobiçada pela coroa lusitana após a sua Restauração, fundando no final do século XVII e mantendo ao longo do XVIII o forte da Colônia de Sacramento e, no século XIX, promovendo a anexação da província Cisplatina.

OS HISTORIADORES E A ESCRITA DAS SENSIBILIDADES (1990 – 2007)

Raniery Bezerra da Silva (UEPB)

ranieryuepb@bol.com.br

Alayane Cerino (UEPB)

alayane_cerino@hotmail.com

Dr^a. Joedna Reis de Meneses (Orientadora) (UEPB)

joedna@terra.com.br

RESUMO:

Esta comunicação objetiva divulgar a pesquisa, vinculada a iniciação Científica da UEPB, sobre as obras produzidas em torno da temática da História das sensibilidades. Nesta pesquisa buscaremos relacionar o tema das sensibilidades com o debate que circunda a produção do conhecimento histórico nas últimas décadas. A nossa pesquisa propõe o estudo de como a produção historiográfica, dos últimos anos (1990 - 2007), vem pensando a temática das sensibilidades. Analisamos algumas produções historiográficas acerca das sensibilidades e, de fato, observamos que os primeiros contatos com a escrita dos afetos são muito tímidos no Brasil, a partir do final dos anos de 1980. O desenvolvimento da

pesquisa tem demonstrado, cada vez mais, a importância de realizarmos uma análise historiográfica e, especificamente, sobre a historiografia das sensibilidades, tendo em vista que diferentes obras publicadas no final dos anos de 1990 abordam as temáticas do amor, da solidão, da saudade e das emoções de um modo geral e, sem dúvida, merecem uma narrativa sobre a emergência destas temáticas no trabalho dos historiadores e/ou na sala de aula. Ou seja, trabalhamos no intuito de mostrar como o discurso historiográfico acerca das sensibilidades vem construindo sentidos para essa temática, e principalmente, como foi possível a emergência do tema das sensibilidades na escrita da história. Neste trabalho visamos expor a análise das obras selecionadas, até o presente momento, sobre a temática das sensibilidades de maneira específica, e objetivamos mostrar como podemos inserir esse estudo na sala de aula.

O PATRIMÔNIO INVISÍVEL: A IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA PARA A PESQUISA HISTÓRICA

Rodrigo Halley dos Santos Reis (UFS)
arqueologiahalley@gmail.com
Gilson Rambelli (UFS)

RESUMO:

A Arqueologia brasileira passou a ganhar status de disciplina acadêmica a partir das décadas de 1950 e 1960, período onde ocorreram estudos voltados para a destruição de sítios do tipo sambaqui. Nesse contexto, nem as investigações da época e nem as preocupações patrimoniais voltaram-se para o Patrimônio Cultural Submerso, este constituído por um rico e diversificado acervo arqueológico. O Patrimônio Arqueológico constitui todos os elementos materiais presentes que, de representatividade cultural, fazem parte de tudo que nos rodeia. Esta modalidade de Patrimônio existente tanto em meio terrestre quanto subaquático, caracteriza-se pela sua dispersão no espaço, representando recursos finitos e necessitadores de cuidados específicos, principalmente quando pertencente ao meio submerso. Nessa perspectiva, o Patrimônio Cultural Subaquático pode ser constituído como todos aqueles testemunhos de atividades humanas (cultura material), isolados ou estruturalmente associados, que se encontram submersos, soterrados ou na área de interface dos ambientes marítimos, lagunares, fluviais, ou em ambientes outrora submerso (RAMBELLI: 2004). Este tipo de Patrimônio, mesmo estando na sua quase totalidade “invisível” no ambiente aquático, contribui para a formação e

consolidação da identidade histórica do ser humano. Essa “herança arqueológica” e o reconhecimento da importância desses testemunhos submersos, representam um importante contributo para o estabelecimento da memória coletiva e é parte integrante da história da humanidade. O Patrimônio Cultural Submerso é marcado por discrepâncias conceituais, ambigüidades e interpretações variadas. Tais ambigüidades são originadas a partir de construções simbólicas decorrentes da relação estabelecida de forma histórica entre os indivíduos e o ambiente aquático. Estas discrepâncias dizem respeito ao entendimento conceitual do que seria essa cultura material submersa e de como esta vem sendo tratada erroneamente como portadora de um caráter aventureiro e exploratório. Com base nos pressupostos apresentados, o presente estudo tem por objetivo discutir a importância da Arqueologia Subaquática para o Patrimônio Cultural Submerso, suas possibilidades como ferramenta para a pesquisa histórica, e seu papel na construção de identidades, alteridades e subjetividades a partir da produção cultural material.

**INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI (ICC): IDENTIDADE E MEMÓRIA
DO CARIRI CEARENSE (1950-1970)**

José Cláudio Leôncio Gonçalves (URCA)
imperadorclaudio@yahoo.com.br
Jane Semeão (URCA)
janesemeao@globomail.com

RESUMO:

Em 1953 é fundado no Crato o Instituto Cultural do Cariri (ICC), sociedade civil que “tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri” (REVISTA ITAYTERA, 181: 1955). A partir da escrita da história local e de um conjunto de outras ações que colocasse a região numa relação tanto de identificação quanto de diferenciação geográfica e cultural do restante do Ceará e, por vezes, do Nordeste, o Instituto logo se tornou um lugar privilegiado de produção de identidade e memória para o Cariri cearense. A proposta de nosso projeto é, pois, fazer uma discussão sobre o ICC problematizando sua atuação para a construção cultural do Cariri levando em consideração esses campos de unificação e diferenciação: identidade e memória. O ICC se constituiu, durante o recorte temporal selecionado para a pesquisa, em espaço extremamente relevante para a (re)invenção do Cariri

nos quadros da historiografia, da cultura e da política cearense. Nossas principais fontes são: a revista Itayera, produzida pelo próprio Instituto, Atas de reuniões do ICC e o jornal diário “A Ação”.

ENTRE A ALMA E A CARNE: REFLEXÕES SOBRE SÃO BERNARDO DE GRACILIANO RAMOS

Alanny Paulo Ricardo de Almeida (UFCEG)
alanny.paulo@yahoo.com.br
Iranilson Buriti de Oliveira (UFCEG)
iburiti@yahoo.com.br

RESUMO:

O nosso trabalho se propõe a analisar os lugares de fala de Graciliano Ramos e seus reflexos em suas obras, principalmente São Bernardo, foco principal de nossa discussão. Graciliano concebe a escrita como um processo de construção permeado por idas e vindas, ou melhor, lavagens, torcidas, batidas, espremer a palavra até que esta possa ter a finalidade que possui, dizer. E neste processo de tantas trocas de linguagens, discursos, como se fossem as águas das roupas lavadas, se apresentam o não-dito, que apesar de não se materializar em palavras, está presente na construção do discurso. A força da palavra, o seu dizer e a intenção com que isto é feito é para Graciliano elementos pertencentes a seu ser. Para o autor a obra reflete a transição e interação do que somos com o texto. “As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos”, coloca Graciliano, ele assume seu lugar de fala, mostrando como a escrita é gerada por uma alma que põe na ponta do lápis o sangue de suas vivências, angústias, frustrações, medos, conquistas e desejos, elementos presente em sua obra. A escrita da história se faz a partir de uma articulação de espaços sociais, econômicos, políticos, culturais, pessoais, acadêmicos. Recortamos experiências, estabelecendo um jogo de pertencimentos e afastamentos. Não crendo na idéia de uma escrita neutra, tanto historiadores como literatos constroem suas narrativas a partir de lugares, espaços que os influenciam. O lugar acadêmico também gera forte influência em Graciliano, apesar de não ter formação universitária ele absorve e se destaca perante as idéias do Movimento Regionalista de 1930, o qual ia buscar na tradição regional do Nordeste identidades para este. Havia uma pretensão de fortalecer a emergente região, preservando uma memória regional ligada à tradição. Tendo o Nordeste como espaço na produção literária, preocupavam-se ainda com o caráter

de denúncia social. Esses e outros espaços que circulam Graciliano serão objetos de nossa análise.



GT 19 – MÍDIA & SOCIEDADE: A HISTÓRIA DA MÍDIA, A MÍDIA NA HISTÓRIA

Roberval S. Santiago
(Coord.)

DESCRIÇÃO

A Modernidade revolucionou os Meios de Comunicação, a consequência disso, mais tarde, frente à consolidação das sociedades nacionais, o conceito de opinião pública ganha contorno e status social. O certo é que, em pouco mais de quatro mil anos, a comunicação da Oralidade aldeã evolui para os mais diversos meios empregados. Desde os registros das Pinturas Rupestres, a Escrita Cuneiforme e os Pergaminhos, seguidos dos Relevos Sagrados, ganhando forma com Xilogravura, resultando na reprodução mecânica da Prensa de Gutenberg, se expandindo com Jornal, se multiplicando com a Fotografia, atingindo longas distâncias com o Telefone Celular, se ampliando com o Cinema e a TV, a mídia, de um modo geral, transformando o mundo em uma aldeia global. O conagraçamento da Mídia Virtual, a Internet, possibilitou a simultaneidade dos fato. Por fim, a proposta do Grupo de Trabalho é a de perscrutar uma análise de estudos indiciários da História Social da Mídia levando em conta a integração da História da Mídia, Mídia na História acentuando por definitivo, a História na Mídia.

COMUNICAÇÕES ORAIS

REGISTROS VISUAIS: CONTROLE E VIGILÂNCIA

Roberval da Silva Santiago

RESUMO:

A linha de estudos recorrente ao Uso da Imagem Visual nos indica que as multiplicidades experimentais, enquanto função utilitária emerge de acordo com as demandas sociais das respectivas épocas. Basta ver o quanto no passado foram usados os retratos-desenhos, expressando os rostos dos criminosos procurados, como forma de Identificação, Vigilância e Controle Social. Prática que ainda hoje se repete quando se vê a exibição da fotografia de Abin Lade, tendo a cabeça-a-prêmio, constantemente veiculadas nos principais meios de comunicação apontado-o como o inimigo público número um dos norte-americanos. De imediato, implica dizer que há fortes evidenciais de que a Imagem Visual quer seja figurativa, quer seja digital, nunca foi e nunca será parcial. As imagens são portadoras de prerrogativas discursivas que refletem os contornos conjunturais do tempo em que foram produzidas, exibidas e recepcionadas. É dessas implicações que trataremos de analisar

IMPRENSA, LITERATURA E IMAGEM: “UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA DA LITERATURA CAMPINENSE” – 1951

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

RESUMO:

Em junho de 1951, a revista paraibana Manaíra publica a seguinte matéria: Uma Fotografia Histórica da Literatura Campinense. No texto, de autoria de Elísio Nepomuceno, há alusões sobre a trajetória das atividades literárias de Campina Grande, a partir da constituição de círculos literários entre os anos 1930 e 1940. Utilizando-se de uma fotografia o autor da matéria jornalística, nos apresenta visualmente quatro personagens (Antonio Mangabeira, Eptácio Soares, Inácio Rocha e Egidio Lima), como sendo os expoentes da produção artística cultural da

cidade. Sendo assim, o propósito desta comunicação será investigar através da fotografia e do texto publicados na revista, as estratégias de reconhecimento dentro do campo intelectual de Campina Grande, empreendendo ao mesmo tempo uma análise do "comportamento dos personagens" através da fotografia postada na narrativa jornalística.

**CONTRA TUDO E TODOS: REFLEXÕES SOBRE O CINEMA
PORNOGRÁFICO DURANTE O REGIME DITATORIAL BRASILEIRO (1964-
1988)**

Carlos Adriano Ferreira de Lima

RESUMO:

Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1988), foi produzida e exibida uma quantidade considerável de filmes com temáticas consideradas 'degradantes e imorais', seja pela carga erótica ou referências sexuais implícitas e explícitas, esse cinema ficou conhecido como pornográfico. O que mais nos chama atenção nesse gênero "maldito" é o tortuoso caminho percorrido pelo mesmo. Alvo da censura e de pareceres nada favoráveis por parte do governo, criticado e rechaçado pela parte conservadora da população e considerado como alienante pela esquerda o cinema pornô nunca encontrou um espaço de apoio em nenhum dos segmentos. Contudo, isso não impediu o sucesso de público que lotava as salas, indiferente, na maioria das vezes, aos discursos oficiais, religiosos ou políticos. A proposta desse trabalho é além de apresentar as especificidades do gênero, conhecer/reconhecer a sociedade que produz e consome esse tipo de material. Do ponto de vista mais conceitual, estabelecemos o diálogo com o conceito de pornografia e sobre cinema e sua relação com a história, sendo nossas principais referências os trabalhos de Lynn Hunt, Marc Chabot, Jean Baudrillard, André Bazin, Gilles Deleuze, Marc Ferro, Robert Rosenstone e de Michel Foucault, este último no tocante a sexualidade. Nossa abordagem sobre um tema tão 'inusitado' se deve as observações do historiador Marc Ferro sobre os 'tabus da história' - temas relegados ao esquecimento pelos mais diversos motivos. Acreditamos dessa forma que os silenciamentos, inclusive acadêmicos, devem ser problematizados. Afinal, tais obras sofreram um duplo crivo: daqueles que os renegavam na época de sua exibição, com seus cortes, proibições, julgamentos de valores, críticas e gracejos e dos estudiosos do presente, que em parte, relegaram os mesmos como objetos passíveis de análise.

MÍDIA E RACISMO - IMPRESSÕES INICIAIS DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO ACERCA DO PRECONCEITO AO CIDADÃO NEGRO NO JORNALISMO POLICIAL PARAIBANO

Cícero Antonio Dias Pereira

RESUMO:

Este artigo trata das conclusões iniciais que afloram da pesquisa ora em andamento para obtenção do grau de especialista em História e Cultura Afro-brasileira junto à Faculdade de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Nosso objeto de estudo diz respeito ao que Sodré (1988) considera Racismo Midiático, isto é, as formas através das quais a mídia produz e reproduz estereótipos ofensivos ao indivíduo negro no país. A partir da delimitação geográfica e temporal – os jornais que circularam em Campina Grande nos anos de 2008 e 2009 -, analisamos como os afrodescendentes são tratados nas páginas policiais, identificando artifícios utilizados por profissionais de Imprensa e pelos veículos de comunicação para alimentar o preconceito em relação a esta parcela majoritária da população paraibana, conforme os números do último Censo do IBGE: expressões pejorativas; truques de edição e de diagramação; titulação sensacionalista etc. Em que pese ainda estarmos na fase de coleta de dados, podemos afirmar, baseados nas conclusões preliminares, que a nem sempre amistosa relação entre jornais e afrodescendentes tem como pontos de esgarçamento três fatores básicos: a terceirização da Informação, determinada pela preocupação cada vez maior das empresas jornalísticas em evitar custos no processo de apuração da notícia; a promiscuidade profissional entre jornalistas e policiais, que impede que a versão oficial dos fatos noticiados seja questionada ou cotejada com as das partes envolvidas, e, por último - e o mais grave -, a inconsciência étnica entre assalariados da mídia, que, pela especificidade de seu trabalho, deveriam estar acima de todo tipo de preconceito – fato esse já apontado por Sodré como agravante do Racismo Midiático enquanto fenômeno histórico.

TESSITURAS DO CONCEITO DE CORPO E DE BELEZA NA CULTURA MIDIÁTICA CONTEMPORÂNEA

Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo
Dr.^a Joedna Reis de Meneses

RESUMO:

A presente comunicação faz parte de um projeto de pesquisa vinculado ao CNPq, através do Edital Universal 14/2009. Neste estudo buscamos trabalhar com o conceito de corpo e beleza feminina a partir das Revistas Veja, Isto É, Boa Forma, Dieta Já, Corpo a Corpo e Plástica & Beleza, entre o final do século XX e início do século XXI. Embora o desejo de transformar o corpo seja reconhecido em todas as culturas em todos os tempos, a partir da década de 1990 o cuidado com o embelezamento acentuou-se. Se em outros momentos as mulheres já se preocupavam com o corpo e a beleza, no final do século XX e início do XXI, vive-se um momento da história humana em que, a beleza tem sido cultuada, procurada, quase como uma determinação. Nunca a beleza e os cuidados com o corpo foram tão colocados em evidência quanto nos dias atuais. Ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada uma é uma tendência que vem se firmando. Esta tendência se apresenta como inerente, essencial e, portanto, ‘natural’ nas tessituras do modo de vida e da identidade social contemporâneas. Nesse sentido, pretendemos mostrar que, a partir das últimas décadas do século XX, a mídia tem disseminado um modelo de corpo para as mulheres brasileiras associado a tríade beleza-saúde-juventude. Onde, a obsessão com a saúde e qualquer sinal de “degradação” do corpo passou a ser combatido por meio de uma “reciclagem permanente”. Cada parte do corpo pode ser trocada, refeita, reconfigurada. Nessa busca, milhares de mulheres vêm se lançando numa corrida desenfreada por diferentes intervenções estéticas, sobretudo às cirurgias plásticas, consideradas o caminho mais curto para se atingir a versão anatômica desejada e o padrão de beleza imaginado, o que significa um corpo esbelto, sem gorduras localizadas, sem estrias, rugas ou cabelos brancos.

IDENTIDADE E MEMÓRIA: QUANDO A REALIDADE SE CONSTRÓI ATRAVÉS DO OLHAR DA TELA

Ms. Francis Oliveira Bezerra (UFCG)

RESUMO:

O presente trabalho propõe uma reflexão em torno do imaginário de uma identidade nordestina tomando como objeto de análise a produção cinematográfica brasileira “Abril Despedaçado” (2001) de Walter Salles, propondo-se a entender como o diretor constrói sua narrativa e como um recurso de audiovisual nos serve como material de relação com nosso tempo, nossa história e nossa memória. Essa idéia surgiu como resultado de um trabalho acadêmico, intitulado “A representação do nordeste no filme Abril Despedaçado”, no qual percebi que certos recortes servem de construção de imagens e tornam-se legítimos para dar consistência a figura do outro através de personagens, legitimando de algum modo um discurso, uma paisagem ou um povo. A categoria de ‘homem nordestino’ e da região nordeste aparece então como objeto pensado e estruturado em cima de forças mais simbólicas do que propriamente físicas ou naturais, fruto do processo de construção da República e dos primeiros ideais civilizatórios que serviram de base para a formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, há idéias que podem ser interpretadas como a dominação e autoridade patriarcal, a identidade feminina como construção diferenciada, religiosidade e cultura popular, conflitos armados entre clãs, panorama sociopolítico, etc. que atuam na construção de uma imagem ou categoria a ser pensada: a identidade. O aporte teórico-metodológico para o desenvolvimento de tal análise é a idéia de que podemos reconhecer os resultados de produções dos recursos audiovisuais como um objeto discursivo, ou seja, de argumentos que revelam construções de sentido. Dessa maneira podemos entender que os meios de comunicação ensinam esses resultados quando representam e transmitem uma realidade particular, ordenando papéis e ações sociais, ou em outras palavras, construindo certas ‘verdades’ ao alinhar traços objetivos e subjetivos dentro da cultura e memória de cada povo, pondo em consonância as ações dos indivíduos com as estruturas adjacentes que os regem.

A ARQUITETURA LOCAL NA IMPRENSA NACIONAL

Fúlvio Teixeira de Barros Pereira

RESUMO:

A pesquisa, originada de dissertação de mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, aborda a presença da Paraíba em revistas de circulação nacional especializadas em arquitetura. Para isso se concentra nos periódicos editados nos anos 1950 e 1960, época em que havia uma intensa divulgação da produção nacional, como indicava a grande quantidade de títulos em circulação, o que era estimulado pela repercussão da arquitetura brasileira no exterior. Em contrapartida tais revistas também estavam envolvidas com o interesse de convencer ou persuadir seus leitores, de forma que direcionavam o foco ou o conteúdo do que publicavam. Presenças constantes ou ausências injustificáveis eram sinais da construção de um imaginário arquitetônico por parte desses periódicos. Nesse mesmo momento, a produção arquitetônica de João Pessoa e Campina Grande, principais cidades do estado, também passava pelo processo de modernização, já iniciado em décadas anteriores, o que era verificado tanto em residências particulares quanto em obras públicas. Diante disso, busca-se, através da análise das principais revistas então em circulação (Acrópole, Arquitetura e Engenharia, Habitat, Módulo, Arquitetura), identificar como se dava a inserção da Paraíba em suas páginas. Objetiva-se com isso apontar de que modo a produção moderna local era posicionada em meio à produção arquitetônica nacional, a fim de delimitar como se estabelecia aos leitores um imaginário desse produção e qual era essa imagem então construída. Em paralelo, são captadas as ausências, seja de obras ou personalidades importantes à arquitetura local, que era um outro viés desse mesmo processo.

AS ENCRUZILHADAS TEMPORAIS DA NARRATIVA: OS TEMPOS DIVERSOS DE “O QUE É ISSO COMPANHEIRO?”

Dr. Jaílson Pereira da Silva (FAFICA)

RESUMO:

O filme não foi feito para sala de aula. Nem o romance, nem o livro de memórias. Mas todos aprendemos que a História não está, apenas, no livro didático. Os

educadores que trabalham com o ensino da história, como lendário Rei Midas, tornaram-se poderosos na arte de transformar as coisas em ouro. Sabem que tudo é transformado, quando atravessa o mar do tempo, quando ganha novos sentidos com a História. Sem o peso do castigo que o monarca mitológico passou a carregar, no entanto, os educadores foram descobrindo que as coisas materializam-se nas artimanhas das (re)significações que os sujeitos lhes impõem no fluir dos dias, nas batalhas do cotidiano. Assim, os objetos da contemporaneidade transbordam da esfera da vida ordinária e invadem a sala de aula. É por esse caminho que uma miscelânea de produtos midiáticos (músicas, filmes, fanzines, quadinhos, fotos) explodem nos espaços da sala de aula, transformam-se em “recursos didáticos”. Mas toda transformação implica em riscos, e, por isso, é preciso estar atento aos usos que fazemos de suportes midiáticos, como “filmes de história”. É preciso discutir as imbricações temporais (por exemplo, o tempo no qual o filme foi realizado X o tempo ao qual ele se refere). Partindo dessas reflexões iniciais, esse trabalho busca analisar como é possível refletir sobre as diferentes nuances históricas que se condensam num objeto, como um filme. Nesse estudo, em particular, nos interessa abordar o caso do filme “o que é isso companheiro?” O ponto de partida do filme é o homônimo livro de Fernando Gabeira, que expõe memórias sobre o conhecido caso do sequestro do embaixador norteamericano Charles B. Elbrick. Nesse trabalho, apresentamos algumas idéias iniciais sobre os imbricamentos entre três diferentes tempos e materializações de um mesmo evento. Afinal, existe o tempo do sequestro (1969), o tempo do livro (1979) e o tempo do filme (1997). Interessa-nos discutir como o evento é retomado em cada um desses tempos, como ele é dado a existir em cada uma dessas particulares condições histórico-temporais.

O CINEMA E O IMAGINÁRIO MODERNO NA CIDADE DE PATOS PB

Josinaldo Gomes da Silva (UFCG)

RESUMO:

A presente comunicação oral tem como tema central investigar a presença do cinema na cidade de Patos, no sertão paraibano; perceber o impacto que o referido equipamento moderno passa a exercer naquela urbe nos idos das décadas de 1930, 1940 e 1950. Assim sendo, procura-se perceber nos relatos de memórias, as novas sensibilidades que vão sendo construídas, principalmente, a partir da instalação do Cine Eldorado (1934), que se constituiu como principal ponto de encontro da

cidade, possibilitou uma certa vida noturna, sendo uma espécie de porta, que mantinha aquela pequena cidade do interior em sintonia com o imaginário moderno.

O FILME DOCUMENTÁRIO E A CENSURA MIDIÁTICA NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA

Matheus Andrade

RESUMO:

Nossa proposta busca apresentar um panorama sobre a relação entre o documentário cinematográfico e a história da censura midiática no Brasil. De fato, os mecanismos de controle dos meios de comunicação surgem desde as primeiras formas de publicação de mensagem, resultando numa relação indissociável ao longo da história da comunicação mediada. Identificam-se, assim, períodos de alto e baixo teor de proibição, visto que a censura é algo constante e real. O filme documentário, nesse contexto, atravessa o século XX se posicionando como um gênero de resistência, principalmente pelas características que possui. No tocante, há casos de obras proibidas sim. Porém, possivelmente, o documentário pode ser considerado como a mídia capaz de preencher a lacuna informativa deixada pela censura midiática nesse percurso. Por consequência, torna-se a mídia menos censurada dessa história.

MÍDIA E A CIDADE DE CAMPINA GRANDE (1960-1980): O CONSUMO TELEVISIVO DOS MORADORES DA “RAINHA DA BORBOREMA”

Rômulo Henrique Andrade Silva

RESUMO:

Esse artigo tem o interesse de narrar o cotidiano da cidade de Campina Grande na década de 1960, especialmente compreender o consumo televisivo das crianças nessa cidade. Dessa forma procuro mostrar como a televisão participava do cotidiano campinense nessa época. A escolha por esse tema está relacionado à nossa dissertação de mestrado que tem como temática desenvolver uma investigação sobre o uso que os infantes fazem da televisão nas décadas de 60-80 em Campina Grande. Como referencial teórico uso de um diálogo com

historiadores ligados a história social e cultural em aproximação com os Estudos Culturais. A escolha por essas linhas teóricas são justificadas pela possibilidade de pensar uma história cultural sem separar do seu contexto social. (PROST, 1998) Além de que, para nosso trabalho será necessário o conceito de cultura material (BURKE, 2004); mídia (Silverstone, 2000); práticas cotidianas, consumo (CERTEAU, 1994) e por fim dialogar com autores que estudam a história da televisão (BURKE, 2006) e (RIBEIRO, SACRAMENTO, ROXO, 2010). Como metodologia de pesquisa incorporo a pesquisa em jornais de épocas como Jornal da Paraíba (1970-1980) e ao Diário da Borborema (1970-1980). Com o intuito de pensar os documentos jornalísticos como possíveis pistas para entender o que era veiculado pela mídia de Campina Grande. Assim, por meio em uma pesquisa em fontes jornalísticas foi possível mapear os programas que eram assistidos pelas crianças populares Campinenses, os horários que esses programas passavam, além de entender o público que era destinado cada produção midiática. Esse trabalho tem seguimento com a pesquisa para a dissertação, haja vista que ao localizar esses documentos sobre a programação da televisão em Campina Grande abre-se a possibilidade de continuar o trabalho enfatizando sobre o público e sua recepção dos programas infantis.

MÍDIA E A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE MEIO DE COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA

Ms. Rosildo Raimundo de Brito (UFCG)

RESUMO:

Disseminado em exaustão e atrelado conceitualmente às diversas formas de comunicação mediada desenvolvidas na sociedade moderna, o termo ‘mídia’ tem aparecido em expressões variadas e, por vezes, indiscriminadamente, quer do ponto de vista conceitual ou mesmo gráfico. Centrado nessa questão, este trabalho apresenta uma breve abordagem teórico-conceitual e sócio-histórica em torno da evolução do conceito de ‘mídia’ no Brasil e no mundo, focada nos principais pressupostos que fundamentam tal fenômeno.

O AUDIOVISUAL E A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA HISTÓRICA: UMA ANÁLISE DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO “UMA NOITE EM 67”

Ms. Silvia Tavares da Silva (FIP)

RESUMO:

Não é recente que vemos nas telas de cinema narrativas sobre o passado. O cinema, há tempos descobriu na história temas que vem inspirando os seus roteiros fílmicos com grande receptividade do público. Hoje, muitos temas históricos e pessoas que marcaram épocas são representados pela sétima arte. Entretanto, a história mostrada nas telas de cinema ocupando também discussões entre os historiadores sobre a validade dessas narrativas como um lugar de visibilidade e inteligibilidade para a produção historiográfica. O fato é que, as fontes audiovisuais vêm ganhado espaço nas pesquisas históricas, mesmo que ainda se constituem como desafiadoras. Nessa perspectiva tentaremos abordar algumas questões que perpassam a apropriação dos roteiristas de uma determinada época para a construção de uma memória histórica registradas pelas lentes de suas câmaras. Para tanto, escolhemos o vídeo documentário “uma noite em 67” – documentário que retrata uma das finais dos concursos da música popular brasileira ocorridos nos anos 60 e, que, pela repercussão dos mesmos a época ficou conhecida como a era dos festivais -, por nos parecer para essa nossa incursão, emblemático por se tratar de um vídeo que perfaz sua narrativa apoiada em imagens de televisão que registraram aquele momento da música popular brasileira que ocorriam em plena Ditadura Militar e que envolveu todo o país. Imagens essas que vem legitimar a memória daqueles que vivenciaram tal experiência, mas que, no entanto, ela é também resignificada a partir de uma linguagem cinematográfica que a seleciona, a encaixa dentro de um roteiro e a enquadra em meio a cenas e personagens. Assim, entendemos a história ali contada como mais um olhar sobre o passado e também como um discurso socialmente construído e interessado.

**IDENTIDADES POSSÍVEIS: JUDEUS E NAZISTAS, VÁRIOS PAPÉIS (RE)
CRIADOS NA OBRA MAUS DE ART SPIGELMAN**

Cláudio da Costa Barroso Neto (PPGH/UFCG)
Claudiobarroso_n@yahoo.com
Karina Pereira Souto (PPGH/UFCG)

RESUMO:

Inicialmente tínhamos apenas os documentos oficiais como possibilidade de fontes de estudos históricos. Com os ANNALES e a Nova História, outros documentos foram se tornando passíveis de análises, portanto históricos também. Com a Nova História, podemos perceber que todo objeto pode se tornar passível de estudo e histórico, dependendo, é claro, das questões que lhe são propostas. O advento da Nova História Cultural abriu um novo leque de possibilidades nas correntes históricas, nos campos de pesquisa e, principalmente, em uma multiplicidade de objetos, com o auxílio de diversas novas fontes, que, até então não eram visualizadas pela história. E são com essas novas possibilidades que nos debruçaremos sobre a História em Quadrinhos MAUS (Spiegelman, 2005) e nos apropriaremos dela como nossa fonte, nosso objeto de pesquisa para perceber como se dá a (re) construção das identidades de judeus e nazistas na obra. A HQ é formada de imagem e texto que se correlacionam formando uma linguagem própria e que o texto, e os discursos que nela se apresentam são a visão do autor sobre o que ele deseja falar, sendo sua interpretação a partir de seu olhar, e seus conceitos sobre o mundo. A redescoberta destas imagens pela história só aconteceu pela sua agregação com outro conceito revisto na Nova História, o da Representação, e tal como ela, a imagem, é vista como texto, nas tiras, os judeus são desenhados como ratos e os nazistas ganham feições de gatos, poloneses não judeus são porcos e estadunidenses cachorros. Apoiando-nos nestes conceitos será possível analisarmos a HQ MAUS, e buscar ver nela como se deu a partir de sua narrativa, e seus desenhos, como aconteceu a 2ª Guerra mundial a partir da visão que o autor teve deste evento tendo como fonte histórica o próprio o relato oral de seu pai, sendo este testemunha viva e sobrevivente do Holocausto nazista. MAUS ("rato", em alemão) é a história de Vladek Spiegelman, judeu-polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, narrada por ele próprio ao filho Art Spiegelman (2005). O livro é considerado um clássico contemporâneo das histórias em quadrinhos. Foi publicado em duas partes, a primeira em 1986 e a segunda em 1991, ganhou o Prêmio Pulitzer de literatura.

PÔSTERES

A MÍDIA E AS PRÁTICAS DE EMBELEZAMENTO FEMININO

Rebeca Botolo Rocha (UEPB)

RESUMO:

Este trabalho faz parte de uma pesquisa desenvolvida junto ao PIBIC – Projeto de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba, que utiliza como fonte a revista feminina *Corpo a Corpo*. Nesta pesquisa procuramos investigar os discursos sobre o culto ao corpo e a beleza feminina no final do século XX. Buscamos demonstrar como a imagem da mulher e a construção da identidade feminina está fortemente associada à busca da beleza, o que significa corpos esbeltos e jovens. Por outro lado, a gordura e o envelhecimento se encontram associados à imagem da feiúra e de algo que precisa ser combatido, extirpado. O que significa, para uma mulher, ser feia nos tempos atuais? Qual o preço pago, os sacrifícios impostos e os sofrimentos vividos? As quais práticas se submetem para escapar do “intolerável da feiúra”? Sabemos que, historicamente, a imagem da mulher se justapõe com a de beleza e, como segundo corolário, a de saúde (fertilidade) e juventude. Nesse sentido, no presente estudo, enfatizamos as diversas práticas que as mulheres adotam para adquirir o corpo segundo o padrão de beleza divulgado pela mídia. Ou seja, malhação, cirurgias plásticas e dietas, além dos tratamentos estéticos e cuidados de embelezamento.

REVOLUÇÕES NA REDE: MOVIMENTOS SOCIAIS LATINO AMERICANOS E ESPAÇOS CIBERNÉTICOS

Arthur Cassio de Oliveira Vieira (UFRN)
Mayara Fernanda da Silva Santos (UFRN)

RESUMO:

A internet é hoje um dos principais meios de comunicação, utilizado em várias partes do mundo e com finalidades diversas. No âmbito dos movimentos sociais, se apresenta como um modo de promover a organização e dar uma maior visibilidade aos mesmos, particularmente aos do campo, que trataremos neste estudo. Inseridos no grande painel latino americano, analisaremos a utilização da rede mundial de

computadores na estruturação, divulgação e diálogo entre organizações que se pretendem coordenadoras de movimentos sociais campestinos, como a CLOC (Coordenadora Latino Americana das Organizações do Campo), e a Via Campesina.

A REVISTA VEJA E A DIVULGAÇÃO DO CORPO BELO NO FINAL DO SÉCULO XX

Bárbara Bezerra Siqueira (UEPB)
Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)

RESUMO:

Esta pesquisa faz parte de um trabalho de iniciação científica, vinculado ao PIBIC, em que buscamos perceber os caminhos da história do corpo e da beleza feminina no Brasil. Aqui percebemos os discursos produzidos pela revista Veja no final do século XX. Analisamos também as principais estratégias e discursos elaborados pela mesma voltada ao culto ao corpo belo e a beleza feminina. O culto ao corpo, os cuidados e intervenções que se realizam no corpo, são práticas que fazem parte da história do homem, porém no final do século XX a beleza tem sido procurada quase como uma determinação. Nunca a beleza e os cuidados com o corpo foram tão colocados em evidência quanto nos dias atuais. A escolha de trabalhar com o corpo nas últimas décadas do século XX encontra inspiração na mudança explícita do significado que o conceito de corpo sofreu no final do século, este será tomado como uma construção social e cultural que obedece aos critérios de uma época, isto é, que se modifica através da história, e dessa maneira destacamos a revista Veja como mais um meio midiático de imposição/divulgação desse corpo belo. Para a realização de tal pesquisa a metodologia adotada encontra sua fundamentação nas obras publicadas sobre a história do corpo e da beleza, mídia e cultura de consumo. Dentre os autores destacamos Georges Vigarello, Mary Del Priore, Carmen Lúcia Soares, Umberto Eco, Zygmunt Bauman entre outros. A produção historiográfica citada além de influenciar e enriquecer a temática também exerce um papel decisivo na fundamentação teórica deste projeto, tendo em vista que o limite entre teoria e texto histórico na produção dos historiadores é praticamente imperceptível. Dessa maneira, após a leitura de tais obras e de ter sido feito um levantamento bibliográfico sobre a história do corpo e da beleza feminina no Brasil foi realizada a pesquisa na revista Veja com o objetivo de analisar os discursos presentes na

mesma, observando a influência que esta exerce sobre a sociedade enquanto difusora do ideal de corpo belo, sadio e jovem.

O JOVEM DA ESCOLA PÚBLICA E AS REDES SOCIAIS: ENTENDENDO A CULTURA JUVENIL CAMPINENSE

Danielle Brandão Araújo (UEPB)
Ilzenir Mayara Porto Silva (UEPB)
Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Orientadora)

RESUMO:

O presente trabalho trata-se de uma ação extensionista realizada a partir das propostas de uma projeto de extensão cadastrado no PROBEX cujo título é AS CULTURAS JUVENIS CAMPINENSES: IDENTIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA, nele tratamos sobre como os weblogs estão cada vez mais sendo utilizados pelos usuários da Internet, para as mais distintas finalidades, passando por assuntos como economia, vida pessoal e moda. Essa afirmação pode ser observada no número de páginas criadas. Portanto, pode se dizer, que o blog foi um diário eletrônico criado na Internet e hoje é uma ferramenta que abrange diversas áreas de interesses e classificações. Na moda, tema estudado neste trabalho, uma grande quantidade de blogs são encontrados e mantidos por adolescentes que aderiam a essa “moda” virtual. A maioria deles são classificados como diários pessoais em que as opiniões emitidas sobre a moda se confundem com os relatos do cotidiano. Em acesso ao site google, percebe-se que existem mais de 18.500.000 blogs de moda. Nos blogs de moda encontramos post sobre o mundo da moda, modelos, roupas, tendências, desfiles, estratégias de marketing e comunicação de estilistas, marcas, designers, modelos, entre outros. Estes blogs se encontram na definição de blogs contemporâneos e na maioria das vezes estão no quesito, assuntos temáticos. Podemos perceber que o século XXI oferece a sociedade cada vez mais um ritmo frenético, onde tudo se renova a cada instante e onde a juventude também em foco está vinculada a este contexto. Novas tecnologias vão surgindo e entrando em nossas vidas tão rapidamente que quando nos damos conta, já estamos “dominados” por elas, neste mundo globalizado a tecnologia cresce gradativamente trazendo até mesmo novas formas de comunicações. No meio da internet nos deparamos com novos símbolos e códigos formando assim novas linguagens, onde através de chats, blogs, Orkut, MSN, entre outros, podemos nos comunicar com pessoas do mundo inteiro em um curto espaço

de tempo. A Internet possibilitou esse novo padrão de interação social, as pessoas passam agora a se comunicarem por Blogs, Orkut, Messenger, a interatividade virtual passa muitas vezes a ser maior e mais freqüente do que a comunicação face a face. E grande parte dos adeptos dessas redes virtuais são os jovens, que procuram muitas vezes esses sites de relacionamentos para se auto-afirmarem como jovem. Assim sendo, o virtual confunde-se com o real e a busca de identidade e de afirmação são fatores que permeiam os relacionamentos através dessas redes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O BLOG DA MONITORIA DE “HISTÓRIA DO BRASIL” DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UEPB

Gills Lopes Macêdo Souza (UEPB)
Eliete de Queiroz Gurjão (UEPB)

RESUMO:

O presente trabalho visa a demonstrar a forma com que o blog (web log) da monitoria do componente curricular de “História do Brasil” vem sendo recepcionado pelos estudantes do curso de bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mais que isso: busca demonstrar que, através de seus hiperlinks (web links) e do auxílio de mídias visuais e/ou sonoras (como gravuras, filmes, sons etc.), o corpo discente acorda para as várias formas de se aprender e, principalmente, relacionar os acontecimentos históricos a fenômenos que ocorrem nas relações internacionais contemporâneas. Ademais, o presente pôster se mostra também como sugestivo e crítico. Sugestivo no sentido de poder ser um exemplo bem-sucedido a outras atividades de pesquisa e ensino. E crítico por que é, per se, uma forma de questionar o ensino até então dominante na maioria das Monitorias da Instituição, que não utilizam do meio digital como uma forma de dinamizar e, portanto, fazer a roda do conhecimento girar.

**ESTADO NOVO: O ASPECTO PROPAGANDISTICO DE AGAMENON
MAGALHAES EM PERNAMBUCO (1937-1945)**

Marcos Alesandro Neves dos Santos (UPE)
Susan Lewis (UPE)

RESUMO:

A propaganda política é um elemento fundamental do regime implantado no Brasil por Getúlio Vargas durante o Estado Novo. O líder político fez grande uso da mesma para promover a ditadura Estadonovista, empreendendo, a partir dela, uma aproximação com a massa e promovendo a mobilização da população para atingir seus objetivos. Em Pernambuco não foi diferente. Com o intuito de enaltecer o governo varguista e difundir seus ideais, Agamenon Magalhães foi nomeado interventor de Pernambuco. Agamenon já desfrutava de prestígio na cena política nacional em 1933, foi eleito deputado, em julho de 1934, a convite de Vargas, assume o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; em 1936, já em janeiro de 1937, é nomeado interino do Ministério da Justiça, acumulando, assim, as duas pastas. Com o Estado Novo, é designado interventor, modelando o que viria a ser a gestão Estadonovista. Talvez poucos estados tenham sido tão “receptivos” a propaganda do Estado Novo quanto Pernambuco, onde foi útil não apenas para manter a interventoria, mas para iludir e persuadir a sociedade e transmitir para o povo a “emoção do Estado Novo”, como afirmou o próprio Agamenon. Uma característica da propaganda do Estado Novo em Pernambuco foi a apropriação das festas populares para se adequarem melhor aos interesses políticos ditatoriais: Natal, Dia do Trabalhador e o Carnaval eram oportunidades imperdíveis. Já outras festas que não faziam parte do calendário regional foram incorporadas para corroborar a imagem de progresso desejada pelo governo. Entre 1938 e 1940 ocorreram grandes eventos em Recife, cada um com seu objetivo, hora para celebrar a iluminação da cidade, ou para reafirmar seu posicionamento Católico, tendência que seria seguida por todo o regime. Todas essas festividades serviam como elementos de manipulação da sociedade que permanecia em estado de encantamento perante o show proporcionado pelo regime, que, com todo esse aparato, visava camuflar suas falhas e fortalecer o poder ditatorial. O mesmo ocorre na década de 1940, quando o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial. Mais uma vez, o governo empreende propaganda para enaltecer o Estado Novo e a utiliza para mobilizar a população com os ideais da ditadura. No entanto, não tardaria para que as contradições fossem expostas, uma vez que o Brasil lutava contra os

regimes nazifascistas, mas, internamente, permanecia ditatorial. Desta forma, o seu fim não tardou e ocorreu, precisamente, em outubro de 1945.

REVOLUÇÕES NA REDE: MOVIMENTOS SOCIAIS LATINO AMERICANOS E ESPAÇOS CIBERNÉTICOS

Mayara Fernanda da Silva Santos (UFRN)
Arthur Cássio de Oliveira Vieira (UFRN)

RESUMO:

A internet é hoje um dos principais meios de comunicação, utilizado em várias partes do mundo e com finalidades diversas. No âmbito dos movimentos sociais, se apresenta como um modo de promover a organização e dar uma maior visibilidade aos mesmos, particularmente aos do campo, que trataremos neste estudo. Inseridos no grande painel latino americano, analisaremos a utilização da rede mundial de computadores na estruturação, divulgação e diálogo entre organizações que se pretendem coordenadoras de movimentos sociais campestinos, como a CLOC (Coordenadora Latino Americana das Organizações do Campo), e a Via Campesina.

O ESPELHO ERA AQUELE INIMIGO QUE MOSTRAVA A REALIDADE QUE TENTAVA OCULTAR: HISTÓRIA E CINEMA EM “O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?”

Mázio Miguel Silva dos Santos (FAFICA)
Jaílson Pereira da Silva (FAFICA)

RESUMO:

O jogo de imagens sempre seduziu o homem, especialmente, as imagens em movimento, que fizeram uma revolução no campo imagético, com seu aparato tecnológico e, sobretudo, suas estratégias de (re)montagem. Essas imagens em seqüências podem (re)criar um passado ao seu gosto e uma significação ao seu tempo. Não seria estranho dizer que no jogo das imagens, muitas vezes, a ficção é a realidade, se compreendermos que o representado não é puramente ficcional. E a representação é o ato do real. A diegese cinematográfica brasileira, a partir dos anos de 1990, capturou categorias de representação social acerca da ditadura

militar e seus personagens. Um dos exemplos dessa captura da Ditadura pelo cinema é o filme “o que é isso, companheiro”, de Bruno Barreto, lançado em 1997, cujo ponto de partida é o homônimo livro de memórias de Fernando Gabeira, no qual narra o conhecido caso do sequestro do embaixador norteamericano Charles Burkes Elbrick. O filme como parte da realidade externa de quem “lê” o chamado mundo real. Poderá identificar, nas mimeses do representado, o passado. Dessa maneira, o presente trabalho se desdobra em entender a ausência de fronteiras nítidas entre o mundo ficcional e o mundo real, espreitando algumas aproximações e distanciamentos da ação guerrilheira contra a ditadura militar por estas lentes.



GT 20 – CIDADES, RELAÇÕES DE GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA

Kyara Maria de Almeida Vieira
Uelba Alexandre do Nascimento
(Coord.)

DESCRIÇÃO

Os estudos relacionados às cidades e às relações de gênero vêm ganhando espaço devido não só a multiplicidade de tensões e sociabilidades que emergem na urbe e destas relações, mas também da modificação no uso da categoria gênero, que apontou para a negação de um determinismo biológico que explicaria os papéis assumidos por homens e mulheres enfatizando serem eles construções sociais e decorrentes de processos históricos específicos. As discussões sobre a cidade e as relações de gênero, em suas diversas faces, nos remetem as várias experiências dos sujeitos, quer sejam individuais ou coletivas, o que nos alerta para a necessidade de pensarmos como essas discussões têm se relacionado (e se reelaborado) com (na) a prática do ensino de História. Sob a perspectiva de uma História Sócio-Cultural e das Relações de Gênero, pretendemos reunir neste grupo temático trabalhos que dialoguem com diversos documentos, sejam fontes judiciais, orais, musicais, jornalísticas (crônicas) e literárias, visando analisar não só como o feminino/masculino tem sido construído ao longo do tempo/espaço, bem como estas experiências são sentidas no âmbito da cidade, mas fundamentalmente sua relação com o ensino de História.

COMUNICAÇÕES ORAIS

PELOS BARES E BORDÉIS DA CIDADE: VIDA BOÊMICA E OUTRAS PRÁTICAS NÃO VIRTUOSAS EM POMBAL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Helmara Giccelli Formiga Wanderley (UFCG)

RESUMO:

Nos anos 1930, a cidade de Pombal, localizada no Alto Sertão do Estado da Paraíba, impulsionada pela chegada da linha férrea e pelo advento do trem de ferro, passou a viver uma nova temporalidade. Nestes anos, a urbe passou por muitas mudanças urbanísticas e de sensibilidades, mudanças estas que nem sempre eram/ foram vistas, vivenciadas, sentidas e representadas de forma positiva pelos seus antigos moradores. A cidade, que em 1927 passou a contar com sistema de iluminação das ruas centrais, aos poucos foi ganhando uma nova cartografia, vai se tornando um espaço difuso, diferente, destoante daquilo que desejavam suas elites. Destarte, para o bem ou para o mal, escolas, indústrias, estabelecimentos comerciais, praças, bares e estabelecimentos destinados as diversões diurnas e noturnas passaram a fazer parte do cotidiano dos pombalenses. Nesta medida, em face do exposto, o presente trabalho objetiva analisar as práticas boêmicas dos antigos moradores de Pombal entre os anos de 1930 e 1950. Buscar-se-á conhecer algumas das sociabilidades (trabalhos, intrigas, amizades, amores, diversões, conversas e toda sorte de práticas socioculturais), que surgiram nos bares e bordéis da pequena urbe. Interessa-nos ainda, saber como o cotidiano da cidade “dita” virtuosa foi afetado pelas práticas consideradas ilícitas, dentre as quais destacamos o meretrício e o aumento do alcoolismo. Quanto ao aporte teórico metodológico, é de grande importância para o nosso estudo o conceito de modernização, o que nos chega a partir dos apontamentos do historiador paraibano Gervácio Batista Aranha, para quem a modernidade no norte do Brasil não existiu. Também é pertinente uma aproximação com o conceito de sensibilidades de Maria Stella Bresciani; igualmente é imprescindível um diálogo com os conceitos de usos e invenções de Michel de Certeau, assim como com as idéias de práticas e representações do historiador Roger Chartier e também com as idéias de lazer e diversão, estas nos chegando a partir do historiador cearense Antonio Clarindo Barbosa de Sousa. Quanto aos rastros que nos conduzem a esta cidade, de vícios e virtudes, nos utilizamos de vasta documentação, a saber: documentos oficiais, imagens

iconográficas, bibliografia local de historiados e memorialistas, além dos relatos orais de memória dos pombalenses que vivenciaram aqueles anos.

UM FURACÃO CHAMADO HILDA

Uelba Alexandre do Nascimento (UFPE/ UEPB)

RESUMO:

A relação entre prostitutas e policiais militares é bastante complexa e quase sempre permeada pela barganha, algo comum nos locais de prostituição da cidade. Mas não é só isso, as prostitutas necessitam de certa forma, da presença dos policiais na zona, mesmo que esta presença seja quase sempre marcada por arbitrariedades. Este texto tem por objetivo analisar, através de processos criminais, as relações amorosas e as tensões entre as meretrizes e as autoridades policiais entre as décadas de 1930 e 1950, na cidade de Campina Grande, Paraíba, especialmente o caso da meretriz Hilda Magalhães Paiva que com muita astúcia e charme fez e desfez do poder das autoridades policiais da cidade.

IGUALDADE OU DIFERENÇAS: DISCURSOS SOBRE A SUBMISSÃO FEMININA

Luiza Almeida Freire (UFMG)
Hosana Suelen Justino Rodrigues (UFMG)

RESUMO:

O presente trabalho visa discutir com olhares críticos a alguns pontos da história da desigualdade das relações de gênero. Na busca pela reflexão que Simone Beauvoir nos propõe de que nossa sexualidade é construída socialmente. “não nascemos mulheres. Tornamo-nos mulher.” Os indivíduos ficam assim reduzidos ao sexo, ele e ela se confunde, o seu sexo marca as posições sociais que ela deve ocupar e o seu lugar na família. Diante disto, nos questionamos a cerca da submissão feminina nos questionando quais os caminhos para solucionar este problema de desigualdade social: seria a consciência da igualdade ou das diferenças de gênero? Discutiremos alguns fatos histórico-sociais que interferiram diretamente nas mudanças das relações de gênero que ocasionaram uma série de mudanças dentro da família, e na própria estrutura de família. Para chegarmos ao nosso objetivo analisaremos a

modernidade, com todo o aparato de tecnologia e de novas identidades que surgiram a partir da revolução industrial. Admitimos, porém, que as mulheres estiveram presentes em todos os fatos históricos da sociedade, porém, estes acontecimentos incidiram de forma diferente para homens e mulheres. A contribuição deste texto permitirá fortalecer os nossos posicionamentos com uma discussão de vários autores que enfatizam o tema, iremos propor um espaço para pensar questões recorrentes nas leituras de família e gênero como: Qual o impacto da entrada da mulher no mercado de trabalho? Como isto modificou as posições sociais dentro da família? Será que com a pílula anticoncepcional, a mulher opta por menos filhos para que ela possa ter a possibilidade da dupla jornada de trabalho fora e dentro de casa? Ela ainda é inconsciente desta sobrecarga de trabalho? Como a mulher lida com um novo projeto de vida que surge com a emancipação feminina cada vez mais aparente? Sabemos que a mulher agora tem novas dimensões no mundo público, se dividindo entre o lar, instrução escolar, e novas carreiras. Muitas vezes estas atitudes provocam um choque com o projeto de vida dos cônjuges, seria esta a causa de crises familiares? Todas estas questões e outras mais são extremamente válidas para desenvolvermos um senso crítico sobre o tema em questão, e abre novos contornos para a visão sociológica do tema.

**ENCONTROS E DESENCONTROS DE JOANA FRANCELINO DE LIMA:
AS IDENTIDADES, AS PRÁTICAS DA SEXUALIDADE E O PODER EM
OLIVEDOS – PB**

Rozeane Porto Diniz
Kyara Maria de Almeida Vieira (Orientadora)

RESUMO:

O presente estudo pretende contar uma história de Joana Francelino de Lima tentando perceber sua representação enquanto Joana Preta, emblemática de variadas formas e ocupando vários espaços. Não se trata, porém de um gesto biográfico, mas de um dos discursos possíveis sobre Joana, sejam inventados ou inventariados por ela e/ou por outrem. Partindo da análise de entrevistas com Joana Francelino de Lima e com mais cinco entrevistados, conta-se com o apoio da história oral, utilizando – se de recursos tecnológicos para registro das entrevistas e posteriormente sua transcrição. Desta forma, se constrói um objeto de estudo pautado na relatividade de discursos e do próprio saber histórico analisando as memórias que fazem o emaranhado de uma história entre muitas outras possíveis

sobre Joana e sua trajetória relacionando-a ao Farol, como espaço destas construções imagético-discursivas no Município de Olivedos na Paraíba. Entendemos assim, que, diante do envolvimento de Joana com vários espaços entre eles o do Farol, foram produzidas várias identidades, que a codificam de inúmeras formas, desde mãe, a “prostituta”, “mulher da vida”, “mulher infame”, etc. Trata-se então de se refletir a partir das memórias dos/ as entrevistados/as, como se deu a construção destas múltiplas identidades, em virtude por vezes das práticas da sexualidade, que incluíam e excluía Joana de determinados espaços, de seu encontro com o poder tomando o Farol, enquanto espaço de representação, enquanto “lugar praticado”.

ESTADO NOVO, IDEOLOGIA E GÊNERO: A IMPRENSA FEMININA E O PAPEL DA MULHER NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Diego Luiz Alves de Cerqueira
Susan Lewis (Orientadora) (FFPNM/UPE)

RESUMO:

Mesmo perdendo as eleições de 1930, Getúlio lidera a revolução no mesmo ano que o faz presidente da República. Após sete anos no poder, inicia o regime ditatorial que o manteria na Presidência da República até 1945, o chamado Estado Novo. Tal período foi constituído a partir de um forte controle social, baseado em um projeto autoritário e nacionalista apoiado na Constituição outorgada de 1937 que dava amplos poderes a Getúlio Vargas, tais como: dissolver o Congresso Nacional, fechar todas as organizações partidárias, nomear interventores para todos os Estados da República, acabar com a liberdade de imprensa, entre outras medidas que contavam sempre com a força militar e policial. Para promover o novo regime, Vargas empreendeu um grande aparato de propaganda política e criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela censura dos meios de comunicação no país. Desta forma, a ideologia do Estado Novo foi sendo empreendida cotidianamente e abarcou diversas áreas da sociedade. Com a questão da mulher não foi diferente: a imprensa feminina, as revistas da época voltadas para o público feminino traziam predominantemente assuntos que definiam qual o “lugar” que a mulher ocupava e deveria continuar ocupando. Receitas culinárias, contos de amor e conselhos práticos do cotidiano reforçavam o que se esperava da atuação da mulher no regime em questão. A necessidade de mostra a esposa, a mãe, a profissional da saúde e da educação, a dona do lar, evidencia a estratégia da

interdição da mulher do espaço público para se fixar ao lar e ao espaço privado. A problemática gira em torno do motivo que leva o Estado Novo a tal doutrinação e em que medida pode-se mapear as características femininas produzidas pela ideologia da época e a manipulação dessas características pela imprensa feminina, já que se trata de escritos para mulheres não escritos por mulheres.

AS CONTRIBUIÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PARAIBANA PELO PROGRESSO FEMININO NA DÉCADA DE 1930

Paula Frassinetti Chaves de Carvalho (UFPB-PPGE)

RESUMO:

O presente estudo propõe discutir as contribuições da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino fundada em 1933, por mulheres da elite social que emergiu com propostas concretas em busca da conquista da mulher na vida pública e as repercussões dos artigos publicados pela Associação no jornal A UNIÃO na década de 1930. Utilizamos como fonte de pesquisa os artigos publicados no Jornal A UNIÃO, órgão oficial do Estado da Paraíba, publicava artigos defendendo o voto feminino e o acesso à educação, possibilitando instrumentos potencialmente reveladores na construção dos direitos da emancipação política feminina e a contribuição da Associação nas discussões de temáticas referentes a mulher, tornando-a cientes do que estava sendo discutido no resto do país, promovendo a reflexão sobre a divisão de espaços e papéis sociais atribuídos ao homem e mulher. O principal objetivo da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino era o reconhecimento dos direitos da mulher, entendiam que para esses direitos serem reconhecidos, era preciso a elevação do nível de instrução feminina. defendendo à promoção da educação da mulher, enfatizando que não avançaria em qualquer área, se antes não lhe fosse dada a educação plena. No caso específico, emergiu o profundo interesse acadêmico em investigar as questões relativas à construção do Feminismo na Paraíba e as repercussões dos artigos publicados pela Associação Paraibana pelo Progresso Feminino na década de 1930, fundada pelas primeiras professoras, as pioneiras da educação que desafiaram as estruturas de desigualdades sociais, que resistiram e acataram normalizações masculinas, para só assim se afirmaram no espaço social, dando os primeiros passos na tentativa de conseguir algo mais que aquilo que lhes concebia o poder masculino. Diante da relevância do Movimento das pioneiras da Educação na Paraíba, ao conquistar uma página quinzenal neste órgão oficial do Estado, formador de concepções

ideológicas, o jornal A União, é que se justifica a existência de estudos sobre o mesmo.

UM MAL MENOR: A IMPLEMENTAÇÃO DO SACRAMENTO MATRIMONIAL NA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA

Édson Augusto Leôncio de Araújo (UPE-FFPNM)
Alberon de Lemos Gomes (Orientador) (UPE-FFPNM)

RESUMO:

Como não existiam instituições responsáveis pelo provimento de dados demográficos no período colonial aqui no Brasil, o Estado português do outro lado do oceano dispunha de ferramentas diferenciadas para a manutenção da ordem na colônia. Eram os registros originados pela Igreja Católica que abasteciam o Estado português com informações que lhes garantiam conhecer e controlar a população. Essas informações estavam contidas em livros específicos que deveriam ser preenchidos pelos párocos, registrando três momentos cruciais da vida na colônia: o nascimento, o matrimônio e a morte. Com as inúmeras revoluções no campo da história, oriundas principalmente dos Annales, da Demografia histórica e da História social, esses arquivos passaram a ser enxergados como uma fonte muito preciosa para os historiadores, de modo que aqueles que trabalham com a história da família não podem mais dispensá-los em seus trabalhos. Nutrindo-nos de arquivos registrados pela Igreja Católica no período da colonização e de informações que a historiografia nos oferece atualmente, buscaremos tratar da questão da implementação do matrimônio nas terras brasileiras. Apresentando a preferência do casamento ao invés do celibato, seus porquês e justificativas, tratando também dos concubinatos, casamentos pela lei da natureza, celibato religioso e outros temas afins. Dentro destes temas afins encontra-se os modos de casar e a legislação sacramental que envolvia o matrimônio. Só após vencerem várias tribulações burocráticas, de terem seu passado fortemente investigado pelos padres, de pagarem uma boa quantia material à Paróquia e participarem de algumas reuniões preparatórias para o casamento, os nubentes estavam prontos para receberem as bênçãos divinas em seu casamento. Casar com as bênçãos da Igreja nesse período não era tarefa das mais fáceis, por isso muitos casais viviam em relações conjugais abominadas pelos discursos religiosos, os concubinatos, onde marido e mulher passavam a viver juntos sem a legitimação católica – e consequentemente sem o reconhecimento social.

A VISITA DE SIMONE DE BEAUVOIR AO BRASIL E SUA REPERCUSSÃO NA INTELLECTUALIDADE RECIFENSE

Laise Pereira da Silva (UPE-FFPNM)
Alberon de Lemos Gomes (Orientador) (UPE-FFPNM)

RESUMO:

Simone de Beauvoir, com seu livro *O Segundo Sexo*, publicado na França em 1949 e no Brasil em 1960, revolucionou os conceitos-chave do movimento social feminista, por ter consolidado a teoria de gênero. Jamais uma obra escrita por uma mulher para mulheres suscitara tamanho debate. Assim que foi publicado, o primeiro volume de *O Segundo Sexo* selou a reputação escandalosa de Beauvoir. Uma enchente de correspondências invade a sua caixa de correios e ela passa a enfrentar reações de hostilidade em lugares públicos. Até o título do livro chocou as pessoas. Falar abertamente sobre o corpo, a sexualidade feminina, e sobre o aborto quebraria tabus importantes. Para Simone de Beauvoir, a escrita desse livro não foi mais que uma primeira etapa em direção a sua adesão ao feminismo, as reações que seu ensaio provoca, e os testemunhos de milhares de mulheres que lhe escrevem em seguida, constituem a segunda. Ela se definirá como feminista alguns anos depois, e seu livro, torna-se referência para o feminismo da década de 70, caracterizado no início como um movimento de mulheres configurado em oposição à ditadura militar, mas que se desenvolveu, nas décadas seguintes, dentro das possibilidades e limites que se explicitaram no processo de abertura política. No Recife, a repercussão de *O Segundo Sexo* se intensificou a partir do amadurecimento intelectual e político das leitoras em relação aos movimentos feministas. O conhecimento sobre a singularidade do livro e a importância de sua autora no cenário das discussões feministas foi fortalecido na medida em que as informações chegaram às universidades e grupos de militância, através das pessoas exiladas e também pela visita da autora ao Brasil em 1960, que gerou uma grande repercussão entre as classes intelectuais.

O “NECESSÁRIO” CONTROLE FEMININO FRENTE ÀS NOVIDADES DO MUNDO MODERNO – PARAÍBA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Simone da Silva Costa (PMSR)

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir de jornais e revistas católicas, como o processo de modernização ocorrido na Paraíba no início do século XX, estabelece uma nova ordem social, definindo novos papéis para homens e mulheres no espaço urbano e como a ordem tradicional, representada pela Igreja Católica, se coloca diante desse processo. A modernização da capital paraibana modificava desde o aspecto físico da cidade, até o cotidiano e o comportamento dos seus habitantes. A introdução do cinema, do teatro, do carnaval, como meio de divertimento e lazer, ganhava espaço no cotidiano dos paraibanos que começavam a determinar os novos costumes. Diante de tais mudanças, as mulheres deveriam ser segundo a Igreja, “controladas”, pois estas inovações apresentavam-se como demolidoras da conduta da mulher seguidora da moral e dos bons costumes cristãos. O cinema, com a exibição dos filmes considerados impróprios para as moças de família e senhoras de respeito, era um mal que se encontrava ao alcance de todas, cabendo, portanto, uma breve censura. Quanto ao carnaval, este invadia a sociedade, conquistando as moças das melhores famílias cristãs. Além das opções de lazer, apontadas como algo que se deveria vislumbrar com um olhar cuidadoso e controlador, o movimento feminista, que ganhava espaço, era algo que, também, deveria ser adequado aos padrões morais cristãos. Era preciso moldar esses novos costumes e expressões, que invadiam os melhores lares da sociedade paraibana. Foi com esse intuito que a Igreja Católica convocou seu exercito feminino, para a sublime missão de serem formadora do “verdadeiro” perfil feminino paraibano. Com o objetivo de alcançar esses propósitos, seu principal veículo foi, além de suas práticas cristianizadoras, a chamada “bôa imprensa”, que consistia na publicação de artigos em jornais e revistas católicos de grande circulação local ou nacional. A influência diária do jornal e seu poder de formação das consciências tinham, segundo a Instituição, o poder de formar opiniões e incentivar atos sobre as famílias, a sociedade e até o governo. As acusações direcionadas ao caos que se instalava na sociedade eram de responsabilidade da “má imprensa”, daquela que não tinha o compromisso de

dedicar suas páginas aos “bons costumes” e à moral cristã, levando à ruína as famílias e os governos.

**MÍDIA E TRANSFORMAÇÕES DO CORPO MASCULINO: ESTUDO COM
ESCOLARES DA REDE PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CAMPINA
GRANDE/PB**

Rosemary Silva Abreu Cavalcanti (FIP)
Kyara Maria de Almeida Vieira (Orientadora) (FIP)

RESUMO:

Percebemos que ao longo dos tempos o corpo vem sendo representado de várias formas. Na sociedade contemporânea destacamos o papel da mídia em relação a essas transformações, especialmente no tocante ao homem e sua relação com o corpo. O presente estudo teve por objetivo investigar como os apelos da mídia interferem no cotidiano dos jovens adolescentes em relação a sua percepção de corporal, destacando a relação entre os padrões de beleza. Realizamos uma pesquisa utilizando a técnica de História Oral Temática com uso de questionário que foi aplicado a três alunos do sexo masculino de uma escola pública do ensino médio, sendo um do ensino fundamental e dois do ensino médio, no município de Campina Grande-PB. O questionário abordou questões sobre a importância da moda na vida dos alunos bem como a percepção dos mesmos em relação a corpo e a saúde. Os principais resultados apontam que faz parte do cotidiano dos jovens entrevistados as preocupações em relação a moda; estar bem apresentável, andar na moda, ter um corte de cabelo bonito e atual e ter um corpo belo.

**OS VADIOS, VAGABUNDOS E OUTROS ELEMENTOS INCÔMODOS NA
SOCIEDADE AÇUCAREIRA: OS DESERTORES DA TROPA DE LINHA EM
PERNAMBUCO NOS SÉCULOS XVII E XVIII**

Giovane Albino Silva
Kalina Vanderlei Silva (Orientadora) (UPE-FFPNM)

RESUMO:

A tropa de linha - também chamada burocrática, regular ou institucional – era uma das principais instituições regidas pela Coroa portuguesa nos territórios coloniais

americanos, e que foi utilizada, entre outras funções, para organizar e estabelecer o domínio Metropolitano nas novas terras. Contudo alguns problemas fizeram com que a tropa não se estabelecesse conforme seus propósitos iniciais, e entre estes destacamos a deserção. Esta foi uma prática constante na América Portuguesa, devido, inicialmente, ao caráter repressor e forçado do recrutamento, que visava à inserção de grupos sociais específicos, tais como vadios, vagabundos e pobres produtivos. A Coroa almejava, com isso, retirar da convivência cotidiana os indivíduos que pouco ou em nada contribuíam ao comércio agroexportador da colônia e dar-lhe uma função social. Estes grupos formavam o grosso de soldados da tropa, que passou a ser sinônimo de trabalho de baixa qualidade, e um imaginário negativo foi criado para os que exercessem tal ofício. Além disso, as questões culturais, influenciadas pelo imaginário barroco, desprezavam o trabalhador mecânico e consequentemente estigmatizavam o trabalho de soldado. Estas questões, somadas as dificuldades internas na tropa, fazia com eles ficassem cada vez mais insatisfeitos e por isso muitos optavam por fugirem, desertarem, buscarem outros lugares para sua sobrevivência. Os desertores viviam na clandestinidade, já que resistir a esse ofício e desertar era um crime. Diversos documentos, encontrados no acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, mostram a preocupação dos chefes militares em relação aos problemas relativos à deserção. Os documentos apontam para o caráter negativo dos desertores nas vilas de Pernambuco, mostrando que muitos cometiam assassinatos e por isso eram considerados elementos negativos e deveriam, portanto, serem punidos severamente. A sociedade açucareira de Pernambuco se encontra como ponto central desse trabalho por ter sido um lugar onde havia uma grande quantidade de pobres produtivos, vagabundos e vadios nas suas vilas, sendo utilizada como uma das principais regiões fornecedoras de soldados na colônia e que por consequência era um lugar que havia muitos homens que rejeitavam o recrutamento e desertavam. Seguindo um viés sociocultural e um estudo buscando uma história da vida cotidiana nas vilas açucareiras, essa pesquisa tem como objetivo norteador observar de que forma esses desertores se inseriam na sociedade açucareira de Pernambuco e quais suas influências e sua relação com essa sociedade.

O BAIRRO DE PERDIZES E OS DIZERES DE CASSANDRA

Kyara Maria de Almeida Vieira (UFPE/DSS-UEPB)

RESUMO:

O presente trabalho toma como referência as memórias de Cassandra Rios, na escrita do que, para alguns críticos, seria sua primeira autobiografia, de título “Censura”, publicada em 1977. Neste trabalho, além de fazer discussões sobre a proibição indiscriminada e inexplicada de seus livros, a autora narra suas experiências no bairro de Perdizes (SP), onde nasceu e viveu por um bom tempo. Além de identificar as transformações ocorridas no bairro, as lembranças do que vivenciou nesse espaço aparecem no livro em linhas de tempo variadas, enquanto retalhos que foram compondo o sujeito Odette/ Cassandra Rios, a sua arte e sua percepção de mundo. Portanto, pretendo discutir como o espaço praticado por Cassandra Rios em sua infância e adolescência no centro de São Paulo é narrado pela autora adulta, best seller, e proibida pela censura.

**MACHADO DE ASSIS NOS CAMINHOS DA CIDADE: AS RUAS DA
AJUDA, DO PARTO E O LARGO DA CARIOCA**

Márcia Tavares Silva (UFRN)

RESUMO:

A crítica à Machado de Assis percorreu um caminho de renovadas leituras sobre o autor e sua obra. Havia um senso na crítica que encontrava em “Machado a falta de intenção e do colorido nacional: seria um literato estrangeirado, sem interesse pelos problemas pátrios, e por outro lado uma crítica que mais refinada vai a direção oposta: o romancista de Quincas Borba seria o mais profundamente brasileiro de nossos escritores” (SCHWARZ, 1987). O próprio Machado de Assis profere sua perspectiva acerca dos brasileirismos fervorosos, deixa sua resposta aos que depois o criticariam, em seu artigo “Instinto de nacionalidade” (ASSIS, 1986). No entanto, o desdobramento das problemáticas sociais da realidade brasileira pode ser encontrado nos modos de narrar e descrever presentes ao longo da obra de Machado de Assis, tanto em seus romances como em seus contos. Para observar esse desdobramento tomamos como foco o conto intitulado “Pai contra mãe”. Este conto está presente no livro Relíquias de casa velha de 1906, sua primeira publicação no entanto, data de 1905. Não se trata, neste caso, de uma “reliquia” tão antiga, nem esquecida há muito tempo, como faz crer o título do livro e está sugerido na advertência do próprio Machado de Assis. A trama se concentra na existência de Cândido Neves, “em família Candinho”, o pai, que, levado por uma série de circunstâncias, acaba obtendo melhor sorte que a mãe, Arminda. Porém, sua condição de homem livre não corresponde a uma realidade imediata. Na escala

social que ocupa transita sem vaga definida, nem profissão, passa por dificuldades financeiras e não possui endereço que lhe pertença. O ofício incerto o obriga a vã tarefa diária do sustento. A contradição está exatamente nessa situação de Cândido Neves, que mesmo homem livre, não é menos objeto que Arminda. Nossa leitura tomará como base SCHWARZ (1987), CANDIDO (1989) e D'ONOFRIO (1988).

O SER/ESTAR RADIOATRIZ NA DÉCADA DE 1950 (CAMPINA GRANDE – PB)

Poliana de Sousa Melo
Kyara Maria de Almeida Vieira (Orientadora) (FIP)

RESUMO:

A pesquisa tem como escopo estudar as representações das radioatrizes na cidade de Campina Grande – PB na década de 1950, enfocando como os discursos produziram formas de pensar acerca dessas produtoras culturais colaborando para a construção identitária das mesmas. Analisamos que Campina Grande nas primeiras décadas do século XX vivenciou um processo de modernização e crescimento urbano proporcionado por suas atividades econômicas, na medida em que condicionava o encontro de forasteiros e comerciantes, ganhando desta forma projeção a partir do comércio algodoeiro. Contudo, tal experiência do moderno não fora vivenciado nos aspectos sociais, cujo município ainda possuía resquícios e traços de uma pequena cidade do interior, patriarcal e conservadora. Para tanto, os espaços hierarquicamente estabelecidos entre o feminino e masculino estavam circunscritos ao privado e o público, respectivamente. Neste ínterim, as radioatrizes rompiam com o discurso conservador, sendo, portanto consideradas mulheres desviantes. A partir disto, analisamos os relatos orais em que, os/as entrevistados(as), produtores e ouvintes, falavam acerca das radioatrizes, de como elas eram vistas e percebidas na sociedade, verificando os discursos veiculados acerca delas, investigando portanto, como essas representações foram constituídas. Dentre as fontes utilizadas, procuramos também analisar os jornais que circularam de 1949 a 1950 na região, investigando os códigos morais e sociais que legitimavam o discurso conservador, provocando desta forma a delimitação do espaço feminino na esfera privada. A pesquisa terá como aporte teórico os conceitos de cultura ordinária e táticas, ambos apreendidos por Certeau, bem como o conceito de representação compreendido por Tomaz Tadeu da Silva. Por fim, ancoramos na categoria de gênero verificando as diferenças estabelecidas

historicamente entre homens e mulheres, como também as relações de poder que os envolvem na diferença de sexo. Dessa forma, o estudo é voltado para compreender as relações sociais hierárquicas entre os sexos, assim como as construções sociais que estabelecem o lugar social para o feminino, o masculino e o papel que os mesmos devem desempenhar.

A CIDADE E AS MULHERES: ANÁLISE DAS POLÍTICAS DE GÊNERO EM JOÃO PESSOA

Lígia Luis de Freitas (UFPB)

RESUMO:

A discussão sobre políticas públicas não é algo recente, mas a relação destas com as questões de gênero é um debate, ainda, relativamente novo. A Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres de João Pessoa é uma instância do Governo Municipal, criada pela Lei 10.429, de 14 de fevereiro de 2005. Neste ano a instância foi criada como coordenadoria, tendo a missão contribuir com a promoção da equidade de gênero, através da implementação de políticas públicas que efetivem os direitos humanos das mulheres e avancem na superação das desigualdades de gênero na cidade de João Pessoa. No início de 2010 o prefeito, ainda em exercício, Ricardo Coutinho transformou o órgão em Secretaria. O principal objetivo da instituição é garantir que as diferentes secretarias e instâncias do Governo articulem ações e políticas intersectorializadas que fortaleçam e elevem a cidadania das mulheres, com políticas que considerem os recortes de gênero, raça/etnia, geração, diversidade sexual, observando, também, o princípio do estado laico. Para atender aos objetivos do evento será apresentada uma análise da contribuição do Prêmio 'Mulheres fazendo História, patrimônio da Cidade'. O prêmio foi criado com o objetivo de homenagear mulheres de diferentes áreas de atuação, que ao longo da sua trajetória pessoal e profissional vem contribuindo para a história da cidade de João Pessoa. A premiação é subdividida em nove categorias: Comunicação e Mídia; Cultura e Arte; Educação; Direitos Humanos; Lideranças Populares; Gestão Pública, Justiça e Legislativo; Movimento Feminista, e Trabalho e Saúde. Em cada uma dessas categorias são homenageadas três mulheres que tem se destacado, além de uma premiação coletiva, oferecida a um grupo de mulheres que se destaque em prol da cidadania das mulheres.

A MODA FEMININA NO PERÍODO ENTRE GUERRAS: A REFLEXÃO DE UMA FASE NA SOCIEDADE

Kamila dos Santos Tavares
Ewennye Rhoze Augusto Lima
Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora) (UFCG)

RESUMO:

Nesta pesquisa, tentaremos mostrar como o comportamento da mulher durante o período entre guerras influenciou no modo de se vestir e se pensar a moda na época, e como algumas das influências daquele período, conhecido como “os anos loucos” perduram até hoje em nosso vestuário em geral. A partir do momento em que houve a ausência da figura masculina, que ia para as trincheiras firmar sua nacionalidade, e as mulheres tiveram que assumir seus papéis nas indústrias, além dos cuidados com a casa e com os filhos; foi um período difícil para a mulher, que teve que deixar de lado seu vestuário feminino, mas que limitava os movimentos e as impediam de trabalhar com conforto; foi aí que as saias encurtaram para facilitar a movimentação do corpo, e as calças que eram exclusivamente masculinas começaram a compor o guarda roupa feminino também. Com as saias e as pernas de fora surge a necessidade de usar meias que as deixem mais bonitas, já que a mulher mesmo sendo funcional nunca perdeu a vaidade; vemos assim a mudança das cores das meias de seda e seu consumo aumentar. Porém, vale a pena destacar que o período entre guerras é sempre escasso, tendo em vista que o governo diminuiu todos os seus gastos com setores industriais que não sejam os bélicos. Assim, havia toda uma dificuldade para se manter na moda, sem ultrapassar os gastos permitidos, usando sempre o material que era acessível. Vemos assim que a moda adapta-se ao período, que também molda o comportamento da mulher, que transforma a moda para atender às suas necessidades, formando assim um ciclo que nos faz refletir sobre os rótulos de futilidade que a moda carrega e problematiza-la como um elemento que faz parte da história não como apenas um coadjuvante, mas como parte integrante de uma verdadeira revolução comportamental da mulher, que no caso do período entre guerras se viu saindo de sua casa e de seu salto alto para as calças e a indústria.

AS MULHERES DA CIDADE EM LIMA BARRETO

Andréia Maria da Silva Lopes
Prof. Dra. Márcia Tavares (Orientadora) (UFRN)

RESUMO:

O estudo dos espaços urbanos redimensiona o universo conteudístico nas narrativas curtas. Lima Barreto retrata em seus contos essa realidade, desenhando a cidade do Rio de Janeiro em meio ao processo da modernização. A relação do contista com a modernidade se alicerça em um pessimismo para com o processo excludente gerado por esta febre civilizatória. O presente trabalho, portanto, objetiva fazer uma análise dos contos “Miss Edith e seu Tio” e “Um e Outro”, presentes na obra Clara dos Anjos e Outras Histórias (2002), observando como são descritos os espaços urbanos, tendo como plano de fundo a modernização na qual o Brasil estava inserido. Sendo assim, as atitudes cosmopolitas e o culto aos símbolos de distinção se evidenciam, sobretudo na constituição das personagens femininas no decorrer das narrativas. Para o estudo da representação de gênero nos contos barretianos na cidade carioca, no final do século XIX e início do século XX, consideramos como ângulo analítico os elementos formais da narrativa. Dessa maneira, fizemos uma análise comparativa das narrativas citadas. Tomamos como base críticas literárias que se respaldam em Candido (1989), quanto à função solidária que desempenha a literatura para Lima; em Lins (1976), no tocante aos emblemas postos sobre sua linguagem; e Sevcenko (2003), que discorre sobre as tensões sociais que entremeiam a obra do autor, reflexos dos tempos da Belle Époque. No que se refere, a representação de gênero, nos debruçamos sobre Cury (1981) Maluf & Nott (1998), Stein (1984) e Vasconcellos (1999). A investigação do corpus demonstrou como o olhar do autor carioca é fotográfico, pois este se posiciona de forma privilegiada revelando e modificando a realidade retratada. Nos dois contos o espaço da cidade e seus conflitos são elevados, seja trazendo a representação do centro ou dos subúrbios, seja através da representação de personagens e descrição de seus comportamentos. A análise e leitura integral dessas narrativas literárias possibilitam a aproximação dos conteúdos históricos diversa do que, muitas vezes, encontramos no livro didático de História. Assim, promove-se a inserção do leitor/aluno no contexto de produção dos contos barretianos, e, ao mesmo tempo, conjugam-se os conteúdos das áreas de Literatura e História.

CALAR OU FALAR? A RECEPÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA FAMÍLIA NA CONTEMPORÂNEA

Paulo Roberto Souto Maior Júnior
Regina Coelli Gomes Nascimento (Orientadora) (UFCG)

RESUMO:

Procuro problematizar as relações de adolescentes que se dizem homossexuais em expressar a sexualidade para sua família na cidade de Campina Grande. Em nossas análises percebemos inicialmente que os entrevistados possuem a vontade e o medo de contar a família e, num segundo momento, analisamos como a notícia foi recepcionada pelos pais dos entrevistados. Para a concretização dessa pesquisa dialogamos com alguns autores, a exemplo de Pedro Souza e suas reflexões sobre a “confissão” da “identidade homossexual”, também nos aproximamos dos estudos de Eribon e Foucault sobre questões relativas à homossexualidade.

MÃE, VOCÊ TEM ALGUM DESGOSTO DE MIM?: SOBRE EXPRESSAR A SEXUALIDADE PARA A FAMÍLIA

Paulo Roberto Souto Maior Júnior (UFCG)
Alarcon Agra do Ó (Orientador)

RESUMO:

Este artigo foi elaborado tomando por referência entrevistas com jovens universitários no processo de recepção da família a partir do momento que estes confirmam o que, nos três casos analisados, era dúvida, isto é, sua sexualidade. Dos entrevistados, dois os pais descobriram e um confirmou ao ser perguntado. Articular-se-á uma analogia com a narrativa fílmica “Orações por Bobby” do diretor Russel Mulcahy enfocando o prisma da recepção por parte da família do jovem Bobby. Será útil a colaboração teórica de Eribon e Foucault.

PÔSTER

AS RELAÇÕES DE GÊNERO (RE)PENSADAS A PARTIR DO TRABALHO NO PÓLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Jéssica Lôbo Sobreira
Dr. Roberto Vêras de Oliveira (Orientador)

RESUMO:

O presente trabalho trata das desigualdades sociais de gênero na contemporaneidade enfocadas a partir da divisão social e sexual do trabalho e dos tempos sociais sexuados e desenvolvidas nas relações de trabalho do Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano. Independentemente do termo gênero não estar adstrito ao sexo ou à categoria social mulher, denota-se que ele juntamente a outras terminologias referenciam o grito de dor e a incessante busca pelo reconhecimento, enquanto agentes portadores de desejos e de direitos que longinquamente delimitam seus espaços existenciais. A partir da idéia de que 'sexo' é uma construção social e inacabada, as feministas substituíram em seu lugar o termo "gênero", que em inglês é denominado gender. O uso de tal expressão permite a análise das identidades, feminino e masculino, sem, no entanto, reduzi-las ao plano biológico, indicando que essas identidades estão sujeitas a variações que são determinadas pelos valores dominantes em cada período histórico. Diante disso, nosso interesse foi reconhecer a condição do sujeito feminino nas relações de trabalho estabelecidas no Pólo de Confeções do Agreste Pernambucano (complexo têxtil que compreende principalmente as cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama), instigadas pela questão dos tempos sociais femininos enquanto mediação da sobrecarga de trabalho nas esferas da reprodução e da produção das mulheres-mães-donas-de-casa-profissionais. Por fim, nos interessamos em discutir o processo de empoderamento desses sujeitos femininos, a partir das relações de poder que se estabeleceram com a participação das mulheres, focalizando nossa questão na atual dinâmica da sociedade brasileira, determinada pelas mudanças no mundo do trabalho e pela reforma do Estado, buscando se situar no município de Santa Cruz do Capibaribe, que é o nosso universo empírico da pesquisa.



GT 21 – PODER, POLÍTICA, CULTURA E ENSINO DE HISTÓRIA

José Luciano de Queiroz Aires
Faustino Teatino Cavalcante Neto
(Coord.)

DESCRIÇÃO

A presente proposta de Grupo de Trabalho tem como eixo norteador discutir as interfaces entre as noções de cultura, poder e política. Tratar-se-á de em espaço de debate acadêmico para as pesquisas que se encaminham no sentido de uma história política renovada. Nesse particular, casam bem à proposta trabalhos que partam do imaginário, das representações do poder, de sua teatralização, dos jogos simbólicos, dos mitos políticos e da cultura política. Objetivamos, com isso, alargar as discussões da história política tanto no tocante à abordagem como no plano do estudo das relações de poder para além da institucionalização consignada no Estado. Será priorizada a interface da “nova” história política com o ensino de História, tanto no que concernem as perspectivas que abordam os espaços educacionais como constituidores de culturas políticas, como também na perspectiva de elaboração de propostas pedagógicas que pensem na renovação do ensino de História na Educação Básica. Ademais, manter esse espaço de diálogo entre os vários pesquisadores brasileiros que se preocupam com a temática da cultura política.

COMUNICAÇÕES ORAIS

A IGREJA CATÓLICA E O PODER POLÍTICO: ALIANÇAS E DISSIDÊNCIAS NA PRINCESA DO SERTÃO (1890-1930)

Juliano Mota Campos
julianouefs@hotmail.com

RESUMO:

A presente comunicação trata da relação entre a Igreja Católica e o poder político na cidade de Feira de Santana, estado da Bahia, no período de 1890 a 1930. O trabalho busca analisar e compreender a natureza e a dinâmica das relações entre instituições, representadas respectivamente pelo clero secular e pelos parlamentares em um momento de separação oficial entre o poder espiritual e o temporal. Seria uma relação de dominação de um agente histórico sobre o outro ou uma aliança de interesses entre ambos? Como isso refletia nos comportamentos dos diversos setores da sociedade feirense, haja vista que essas esferas de poder estavam envolvidas nos projetos de urbanização e de transformações sócio-culturais, adotando novas posturas neste contexto? Pretende-se discutir e problematizar essa relação de poder considerando que muitos membros do clero local que faziam ressoar a voz da Igreja Católica enquanto instituição de considerável prestígio na referida urbe também eram membros do poder público municipal e contrariavam as determinações políticas da Arquidiocese de Salvador. Quando se tratava de atividades de cunho sócio-caritativo havia uma comunhão nas ações entre coronéis e sacerdotes inclusive na criação de escolas noturnas, no momento em que os interesses da ecclasia eram ameaçados pelo ideal de urbanidade e laicidade inclusive no ensino o conflito era inevitável. Metodologicamente buscamos no confronto entre documentos oficiais da Igreja e do Estado (atas da santa casa de misericórdia, câmara e conselho municipal, livros de tombo, jornais, revistas eclesiásticas, código de postura municipal, livro de visita da santa casa de misericórdia) visualizar a dinâmica administrativa dos homens públicos e religiosos os discursos e práticas que caracterizavam essas relações. Nos jornais além de perceber o reflexo dessa liturgia nos comportamentos da sociedade feirense a partir do cotidiano, busca-se identificar através deste veículo os valores morais, éticos e ideológicos difundidos pelas ações diretas e indiretas desses representantes do poder. Este estudo trabalha na perspectiva de uma nova história política, tendo como aporte teórico o conceito de poder utilizado

por Michel Foucault, apropriando-se e fazendo uma releitura das discussões que Pierre Bourdieu faz sobre campo político e campo religioso.

O OLHAR DA RELAÇÃO POLITICA ENTRE AS FAMILIAS ANDRADA E BIAS FORTE NA CIDADE DE BARBACENA-MG

Monalisa Borges Gomes
monalisa_geo@yahoo.com
Francisco Fernandes Ladeira
franciscofernandesladeira@hotmail.com

RESUMO:

No presente artigo busca apontar as relações políticas entre as famílias Bias Forte e Andrada no município de Barbacena. O recorte histórico aferido abrange desde a formação da poderosa aliança entre os clãs em questão, na última década do século XIX, até a ruptura deste arranjo político, fruto das próprias modificações do Estado brasileiro após a revolução de 1930, quando foi criado o mito da ferrenha rivalidade entre Bias Forte e Andrada. O fato marcaria de forma peremptória a história política barbacenense. A partir do confronto de idéias entre autores locais e grandes nomes do pensamento brasileiro, desse modo vai-se apresentar como determinados fatos históricos relativos às políticas local, estadual e nacional são distorcidos pela literatura barbacenense.

“GENTE DE ONTEM HISTÓRIA DE SEMPRE” PADRE ARISTIDES: CANGACEIRO/LATIFUNDIÁRIO/TRADICIONAL

Rúbia Micheline Moreira Cavalcanti
rubiamicheline@hotmail.com

RESUMO:

A década de 1920 particulariza-se por uma série de acontecimentos políticos e sociais que marcam a História Política do Brasil naquele instante, à exemplo da Coluna Prestes, cujo propósito maior era enfrentar as tropas bernadescas, bem como, as oligarquias locais. Procuro nesta comunicação versar sobre o líder político e carismático, pensado assim a partir dos conceitos Weberianos, o Padre

Aristides Ferreira da Cruz, uma das onze vítimas da chamada “HECATOMBE DE PIANCÓ”.

AGEU DE CASTRO: IMAGENS MULTIFACETADAS DE UM LIBERAL

Maria Isabel Pimentel de Castro
isabelcastro7@hotmail.com

RESUMO:

Nas recentes narrativas dos historiadores um sujeito histórico não é pensado, problematizado com o objetivo de totalizá-lo, nem tampouco de uma construir sobre este uma imagem essencialista de identidade, mas de pensá-lo enquanto sujeito histórico de identidades fluídas, em andamento, de suas múltiplas facetas, muitas vezes, contraditórias. Para tanto, buscamos afastar-se do modelo de história positivista em que poder e política devem ser problematizadas para além das “verdades” institucionalizadas pelo Estado, voltada para o enaltecimento de sujeitos históricos ligados, por seus feitos políticos, religiosos e/ou militares. Deste modo, considerando-se o eixo norteador do referido grupo de trabalho que busca discutir as interfaces entre cultura, poder e política, nosso objetivo está voltado a problematizar sobre alguns aspectos relacionados ao político paraibano Ageu de Castro, nascido em Pombal (1886-1972), cuja trajetória, a sua condição de latifundiário, de homem culto, mas, sobretudo por sua atuação política, o insere na lista de homens que marcaram sua época por inúmeras posturas consideradas desafiantes para a época em que viveu. Na condição de homem público foi prefeito do município de Monteiro, prefeito de também de Parelhas (RN), tendo participado também do movimento de 1930, apoiando os interesses dos liberais ligados a Vargas e ao governador João Pessoa. Durante a chamada “Revolução de 30”, Ageu de Castro, na condição de major, liderou tropas ligadas aos liberais em no município de Remanso na Bahia. Pelo fato de estar ligado os “revolucionários”, após a tomada de poder por Vargas, foi nomeado interventor, inicialmente em Monteiro e, logo depois em Parelhas e foi duramente perseguido. Porém não somente sua postura ligada aos liberais foi motivo dos constantes ataques verbais de seus opositores políticos, mas por suas posturas autoritárias no modo de governar os dois municípios, pelo fato de impor algumas reformas que desagradaram os munícipes como derrubar uma Igreja para alargar ruas em Monteiro, por obrigá-los também a por calçamento em suas casas, por ter assimilado muitas posturas ligadas aos reformistas urbanos daquela época; e em

Parelhias porque, além de ter enfrentado uma oligarquia que dominava politicamente por várias décadas, era forasteiro, quase que completamente desconhecido neste lugar. Sendo assim objetivamos analisar de que forma se construiu um imaginário em torno deste paraibano de modo que o mesmo fosse pensado, narrado a partir de imagens que o edificavam e, ao mesmo tempo o colocavam na condição de autoritário, coronel, forasteiro e ateu. Marcas de homem multifacetado, complexo e contraditório.

**“EM TORNO DE UMA IDENTIDADE LIBERTÁRIA: PENSAMENTO,
IMPrensa E CULTURA POLÍTICA ANARQUISTA NO BRASIL (1945-
1968)”**

Allyson Bruno Viana
allysonbruno@hotmail.com

RESUMO:

Após a queda do Estado Novo e da censura por este mantida, a atividade pública de militantes anarquistas no Brasil ressurgiu, através da revitalização ou criação de centros e grupos libertários, do reaparecimento de sua imprensa e de sua atividade editorial. A pesquisa proposta enseja a compreensão histórica da atuação de militantes libertários durante o período da chamada “redemocratização” pós-Estado Novo, sobretudo através de sua imprensa, enquanto instrumento de reorganização e reinserção pública dos anarquistas. Jornais como “Remodelações” e “Ação Direta”, do Rio de Janeiro, “A Plebe”, “O Libertário” e “Dealbar”, de São Paulo, entre outros títulos; as atividades do Centro de Cultura Social de São Paulo e o Centro de Estudos Professor José Oiticica, no Rio, a criação de editoras como a Germinal e a Mundo Livre são algumas facetas dessa prática pública militante. A atividade periodista, as estratégias editoriais, as práticas de leituras e as iniciativas educacionais, bem como as eventuais reavaliações e transformações do discurso libertário são aspectos importantes para a compreensão das vicissitudes da militância anarquista na passagem entre um período em que as lutas operárias eram o foco maior do movimento para outro, em que as atividades culturais e educacionais se destacam como suas principais iniciativas. Doutra parte, busca-se investigar a construção da memória do movimento anarquista nas páginas de sua imprensa, buscando compreensão da auto-imagem que construíam como herdeiros e continuadores do legado das lutas sociais. Vislumbra-se, a partir desta prática militante, a compreensão de elementos definidores e característicos de uma

identidade coletiva e uma cultura política anarquista, em um período em que sua militância se refazia e ensaiava novos passos, mediados, necessariamente pela herança de sua atividade no passado.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, PODER POLÍTICO E MOBILIZAÇÃO IDEOLÓGICA EM PERNAMBUCO

Susan Lewis
s.lewis@uol.com.br

RESUMO:

Nas décadas de 1930 e 1940, despontaram no âmbito internacional as idéias nazi-fascistas e um conflito bélico que, de formas variadas, fizeram-se presentes no Brasil e foram apropriadas e utilizadas a fim de fortalecer o regime político ditatorial do Estado Novo. Entre elas podemos destacar o elemento inimigo político, justificador de inúmeras ações que apontam o outro como indesejável, perigoso, uma ameaça ao estabelecido e que, no caso em questão, se fez presente ora na figura do judeu, ora na figura dos chamados à época “súditos do Eixo”, ou seja, alemães, italianos e japoneses. Em relação aos judeus, o projeto autoritário e nacionalista do Estado Novo ofereceu um terreno propício para idéias preconceituosas que já se apresentavam na sociedade, possibilitando o fortalecimento das mesmas. Ora tidos como capitalistas gananciosos, ora apresentados como comunistas perigosos, a figura do judeu era multifacetada e servia para apresentar à população o que o projeto varguista pretendia extirpar da sociedade. Em Pernambuco não foi diferente. O interventor Agamenon Magalhães fez uso do mesmo discurso político que vigorava no âmbito federal e que tinha um caráter ideológico pleno. No entanto, a utilização do judeu como inimigo político esteve presente no Estado até o momento em que o Brasil se envolveu na Segunda Guerra Mundial. A partir de então, o próprio interventor mudou o discurso, esquecendo os judeus, e se voltou para os estrangeiros membros dos países do Eixo, principalmente os alemães, que preservavam sua cultura e mantinham forte ligação com o país de origem. Durante a Segunda Guerra Mundial, com o país lutando contra as potências do Eixo, eles foram considerados um perigo para a soberania interna do Brasil. Os ideais cívicos que a guerra podia propiciar ou ressaltar estiveram presentes em um regime político que já tinha seus alicerces fincados no nacionalismo, nos sentimentos patrióticos. As generalizações por parte das autoridades políticas tornavam, assim, todos suspeitos. Não havia distinção,

inúmeras vezes, quando o olhar da vigilância policial pairava sobre espiões, propagandistas ou meros simpatizantes do nazismo. Mais uma vez o nacionalismo ditava as regras e punia aqueles que não se adequavam inteiramente em seus moldes. Isto podia ser observado em Pernambuco, principalmente com os alemães, que constituíam a maioria dos estrangeiros provenientes dos países do Eixo.

A ACIRRADA CAMPANHA ELEITORAL DE 1950 NA PARAÍBA: A “CHACINA NA PRAÇA DA BANDEIRA” (9 DE JULHO)

Jivago Correia Barbosa
jivagobarbosa@ig.com.br
Monique Guimarães Cittadino

RESUMO:

Através desta pesquisa, em desenvolvimento junto ao Programa de Pós Graduação em História/UFPB, abordo o governo de José Américo de Almeida (1951-1956). Estabeleci este tema, por se tratar de um assunto pouco explorado pela historiografia paraibana. As questões primordiais que norteiam o presente trabalho estão ligadas ao panorama político vivenciado no estado paraibano no final da década de 40, desde a saída de José Américo da UDN em 1948 até a acirrada e conturbada campanha eleitoral de 1950; encerrando com a influência desses acontecimentos para a composição do primeiro secretariado do governo. Para responder essas questões analisaremos os discursos de cunho populista/assistencialista proferidos por José Américo, enfatizando a pobreza e a religiosidade dos paraibanos durante toda a campanha eleitoral; as bases de sustentação da sua plataforma de governo; e quais foram os grupos sócio-econômicos e municipais que estabeleceram alianças com José Américo durante a campanha. Dentre os diversos embates entre os partidários e militantes do PSD e da UDN, daremos ênfase ao episódio fatídico da Praça da Bandeira, em Campina Grande, por se tratar de um acontecimento que ganhou espaço em diversos meios de comunicação em âmbito regional e nacional, analisando os verdadeiros motivos que ocasionaram o conflito. No caso da “chacina da Praça da Bandeira” – e não só nesse, como em outros episódios durante a campanha de 1950 – a polícia mostrou verdadeiro despreparo e enorme truculência no trato com a população, especialmente contra os partidários da Coligação Democrático Paraibana. Resquícios de um período ditatorial de mais de 10 anos (Estado Novo), recentemente “superados”? Quem deu a ordem para que a polícia acabasse com

aquela manifestação? A que interesses essa briosa instituição estava atrelada? Para o desenvolvimento do referido trabalho, utilizaremos bibliografia secundária e ao mesmo tempo, no que se refere às fontes primárias, já estamos trabalhando com o jornal “A União” que se encontra no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Também venho pesquisando o arquivo Público do Estado que se encontra no Espaço Cultural e a Fundação Casa José Américo de Almeida.

**COM O MESMO CALOR DO SOL, COM O MESMO PESO DA ENXADA:
UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER E A EXPERIÊNCIA DA
TEOLOGIA DA ENXADA NO AGRESTE PERNAMBUCANO ENTRE OS
ANOS DE 1960 E 1980**

Adauto Guedes Neto
adautogn@hotmail.com

RESUMO:

Com o surgimento da Escola francesa dos Annales na década de 1930, o estudo da História até então dominado por uma perspectiva elitista da História política, cujo enfoque voltava-se para descrever fatos e acontecimentos dos governos e dos grandes “heróis”, passa a receber duras críticas, a princípio apenas na França, mas a partir dos anos 1950 se espalha por demais regiões e desta feita torna-se uma História estigmatizada e entra num processo de decadência, sobretudo na academia. Em contraponto a esta perspectiva tradicionalista, surge uma postura que renova o estudo do político, centrada numa interpretação mais ampla e complexa das relações políticas. Segundo Sandra Jatahy Pesavento essa postura, trata-se da chamada nova história política, ou seja, visualiza-se uma mudança na compreensão convencional na análise do político, antes exclusivamente direcionada as tramas do Estado para uma perspectiva que articula as práticas de poder com a inscrição da cultura. Partindo desta perspectiva, buscamos compreender de que modo o imaginário, as representações e as práticas sociais são instrumentalizados pelas elites locais para legitimação e consolidação do seu poder a várias décadas na cidade de Tacaimbó-PE, bem como, discutir como as elites políticas e alguns segmentos sociais ligados a Igreja Católica se apropriam de aspectos, emblemas e signos da cultura para o exercício do poder e do contrapoder na referida cidade. Desenvolvemos nossa análise no contexto histórico das décadas de 1960 e 1980, discutindo os fatores que se entremeiam através da trama do político e sua teatralização, bem como os embates decorrentes de posturas que envolvem as

relações de poder e a produção do contrateatro vivenciado pela prática da Teologia da Enxada. Procuramos, portanto, compreender como tanto as elite locais, como alguns seguimentos sociais ligados a Igreja Católica, usam e se apropriam de elementos da cultura, “imaginários, crenças, práticas cotidianas”, tanto para cristalizar relações de poder, bem como ensaiar práticas e resistências. A cultura política que se constrói na cidade de Tacaimbó, posto no discurso e rituais da classe política local, está, portanto atrelada ao contexto nacional da ditadura militar.

MÚSICA, POLÍTICA E CIDADANIA

Kátia Ramos Silva
katya6@gmail.com
Rômulo Leite Amorim
amorimromulo@gmail.com

RESUMO:

Ao longo das últimas décadas, os campos da cultura e política adquiriram bastante espaço nas reflexões e produções acadêmicas. Atrelado à isso, percebemos que o jogo político e as relações estabelecidas com os mecanismos culturais fornecem subsídios para pensarmos a sua atuação na sociedade. É nesse contexto que vislumbramos a música, uma vez que esta corresponde à uma expressão cultural que possibilita aos indivíduos traduzirem costumes, emoções, valores, a partir de contextos sócio-culturais específicos. No Brasil, a música assume diferentes perspectivas, visto que muitas canções retratam histórias de amor, temas polêmicos, religiosos, assim como músicas de caráter contestatório, que visam conduzir a sociedade a refletir sobre a realidade vivenciada. Assim, observamos que durante as décadas de 60 e 70 do século passado, período que vigorou no Brasil a ditadura militar, as músicas expressavam parte dos dissabores vivenciados, de forma sutil sem deixar de ser direta, utilizando-se de recursos metafóricos “anti-censura”, enquanto que nas décadas de 1990 a 2010, reconhecemos que as músicas adquiriram um caráter de protesto explícito e agressivo, uma vez que tais décadas caracterizam-se por serem próprias de um regime democrático, no qual a liberdade de expressão figura como uma das principais particularidades. Partindo desse pressuposto, o objetivo do trabalho foi discutir o papel da música na reflexão de questões político-sociais da realidade brasileira, através de uma análise comparativa entre três canções das décadas que representam o período ditatorial e

três que expressam elementos próprios à democratização que particulariza o Brasil contemporâneo. Ademais, buscamos esclarecer a relevância que as expressões culturais populares, no caso as músicas, assumem no Ensino de História, para promover uma maior percepção acerca do panorama político anterior e atual, bem como para o exercício da cidadania entre os discentes. Constatamos, preliminarmente, uma mudança perceptível nas práticas e usos das expressões culturais como forma de protesto, bem como nas múltiplas possibilidades que os docentes possuem para promover uma maior aproximação entre práticas culturais e a realidade sócio-histórica.

POR UMA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA DA POLÍTICA EM CAMPINA GRANDE: A PERFORMANCE ELEITORAL DE 1968

Iolanda Barbosa da Silva
iolandabsilva@yahoo.com.br

RESUMO:

A invenção de práticas políticas espetaculares agencia a construção performática de personagens políticos em períodos históricos particulares da política local; como também, notoriza por meio do uso sistemático dos veículos de comunicação encenações performáticas dos personagens em cena, no palco das disputas eleitorais no município de Campina Grande. Nesse sentido, a análise da performance do personagem político Ronaldo Cunha Lima, em sua relação com outros personagens em disputa, requer uma investigação que possibilite a interpretação do seu estilo poético enquanto uma particularidade de sua performance ritual que encontra na ambiência da cultura política local, em um cenário propício à invenção do poeta-político e do político-poeta, a possibilidade de construir um modo singular de atuar na política espetáculo desde a eleição majoritária de 1968. Na performance ritual o personagem se inventa e reinventa criando estratégias de permanência e manutenção do poder local, utilizando do verso e da prosa como elemento diferenciador para encantar, seduzir e atrair multidões nas disputas eleitorais, distinguindo-se dos adversários pelo estilo boêmio, irreverente e artístico que imprime em suas aparições públicas. Porém, a invenção de seus personagens ocorre não só na performance do político, mas também em narrativas performáticas identificadas na prática política dos meios de comunicação local e nos perfis personificados na figura de Ronaldo. A seleção e coleta de dados em fontes documentais, como: jornais impressos e digitalizados,

documentações de programas de rádio, arquivos privados e públicos, biografias e produções literárias, nos possibilitam um universo de documentos que registram a construção das figuras políticas personificadas por RCL em episódios performáticos da política espetáculo.

O GOVERNANTE FIGUEIREDO E O MOVIMENTO “DIRETAS JÁ” NAS CHARGES DO JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA

José Emerson Tavares de Macêdo
emersoncampina@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo fazer uma leitura de algumas das charges que foram publicadas no Jornal Diário da Borborema no contexto do movimento “Diretas Já”, trabalharemos neste artigo a figura do presidente João Baptista Figueiredo, representada nas charges do chargista Fred Ozanan. O modo como o chargista representou os eventos e personagens da política brasileira, nos ajuda a compreender o seu governo e o movimento das “Diretas Já”. Pretendemos observar como a imprensa local discutia, e disponibilizava através do humor as ações do presidente Figueiredo e do movimento das “Diretas Já”. Este estudo trilha por uma abordagem metodológica centrada no método indiciário proposto por Ginzburg, um método interpretativo, ancorado em pistas, indícios, sinais, que nos permite fazer inúmeras leituras das fontes históricas entre as quais a charge.

FIGURAÇÕES DO PRESIDENTE LULA NAS CHARGES DO CARTUNISTA LILA

Elizabeth Christina e Andrade Lima
ecalima@terra.com.br

RESUMO:

O uso de charges com os temas sobre conjuntura política, além da construção e desconstrução de figuras políticas tem sido ao longo da história da cultura política no Brasil, um recurso altamente positivo. Pelo seu caráter jocoso e de “neutralidade” jornalística, as charges são resultado de construção contínuas de imagens públicas de políticos e de sua atuação, de instituições sociais, de visões do

eleitor sobre o voto ou sobre as campanhas eleitorais. Trabalhamos nesse artigo com o pressuposto de que a caricatura é um lugar que carrega uma preciosa carga de informação e analisar a força do significado simbólico presente nas charges é o nosso objetivo. Utilizamos como campo para análise as charges do cartunista Lila, sobre o governo do Presidente Lula, veiculados no Jornal da Paraíba – Campina Grande – PB, no período de 01 de janeiro de 2007 a 15 de setembro de 2010. Nas antevésperas de deixar o poder o Presidente Lula comemora uma excelente aprovação popular depois de quase oito anos de governo, demonstrando, mais uma vez, a sua força de líder carismático e popular, que a despeito de toda sorte e tentativa de desconstrução de sua imagem pública, continua a ser imbatível e festeja ainda a posição de ser um dos principais líderes políticos do mundo. Trabalhamos ainda neste artigo com a idéia de que a caricatura é um lugar que carrega uma importante carga de informação subliminar. A força do elemento simbólico, neste caso, reside exatamente naquilo que não se pode mostrar enquanto fato, logo não pode ser notícia. É desse modo que fazem parte da composição da narrativa mas permanecem protegidas pela pressuposição de um descompromisso com o conteúdo noticioso. Mesmo assim, com toda a sua despreensão, a charge é uma narrativa que diz muito sobre as variadas leituras e significados do quem vem a ser a prática política em nossa cultura. Acreditamos serem as charges um interessante veículo de comunicação para o eleitor. Dizendo verdades que parecem mentiras, a charge é uma forma de linguagem e de narrativa muito apropriada por uma cultura marcada pela imagem, em detrimento do discurso. A charge desnuda a política, os políticos e suas ações, e ao desnudar, deixa exposto suas performances e atuação política marcadas, sobretudo, pela teatralização e pelo drama.

CAMPANHAS ELEITORAIS MUNICIPAIS, ENTRE O PERMITIDO E PROIBIDO: O CASO DO BAIRRO DO TAMBOR (CAMPINA GRANDE- PB/ 2004-2008)

Isabelle Costa Pereira
isabellecpereira@gmail.com

RESUMO:

A presente comunicação tem por finalidade apresentar as principais análises de um trabalho de conclusão da especialização em História do Brasil e da Paraíba. Esta pesquisa teve por objetivo de estudo, analisar os processos de construção das campanhas eleitorais municipais de 2004 e 2008, na cidade de Campina Grande –

PB, com especial atenção para as práticas realizadas nos bastidores destas campanhas pelos líderes comunitários do bairro do Tambor que, desenvolveram o papel de cabo eleitoral. A delimitação desse espaço e tempo deve-se ao fato da existência neste bairro de três associações cujos presidentes terem sido cabos eleitorais nos respectivos anos. Enquanto a delimitação dos anos, por nestes ter acontecido um número considerável de mudanças, alterações e inclusões de novas regras para organização da campanha eleitoral, notando-se o esforço por parte de quem nela está inserida de ora burlar a lei, ora usar da criatividade para reconfigurar velhas práticas. Na condução do estudo, fizemos uso da abordagem da História Cultural e nos apoiamos nas reflexões que giram em torno dos conceitos de táticas, estratégias, Cultura Política e interação social trabalhados por autores como, Michel de Certeau (1990), Magalhães (1998) e Foote Whyte (2005). Interessa-nos, particularmente, analisar as práticas não institucionalizadas que foram realizadas cocomitante com as decisões judiciais nestas campanhas políticas. Na esteira dessa forma de abordagem analítica, tomamos a política como integrante da cultura, passível de constantes reelaborações simbólicas. Durante a realização de uma campanha eleitoral estreitaram-se os limites entre o lícito e o ilícito; entre a norma e o desvio; entre a ordem e a desordem; entre a lei e a contravenção. Nosso interesse de pesquisa é pois, analisar essas dualidades e paradoxos que fazem das campanhas eleitorais uma disputa onde vence aquele de construir a melhor estratégia para o confronto entre os opositores e para a captação de votos.

FAZER POLÍTICA É PROFERIR PROMESSAS

Cyntia Carolina Beserra Brasileiro
carolina_beserra@yahoo.com.br
Elizabeth Christina de Andrade Lima
bebetelima@yahoo.com.br

RESUMO:

O referido artigo objetiva situar a política e a realização desta a partir da prática de proferir promessas. Esta prática se exacerba no tempo singular que chamamos de campanha eleitoral e, nos termos de Palmeira & Heredia (2006): “tempo da política”. Este recorte temporal congrega uma série de articulações e rituais que compõe o espetáculo da política. Na cidade, este momento é singular. Acirra-se a disputa entre candidatos, e os eleitores fazem adesões. A caça ao voto permite e congrega práticas diferenciadas que permitem a aproximação de eleitor e

candidato. As festas, as passeatas, carreatas, lançamentos de músicas e CDs, entrega de panfletos e santinhos, entre outras práticas atuam enquanto elementos que permitem o candidato tornar-se conhecido e se aproximar do eleitorado. Portanto, nos deteremos a este tempo para refletir acerca das promessas proferidas como elemento que compõe a atuação e aproximação de candidatos e eleitores e, refletir sobre o que pensam os eleitores a respeito destas práticas. Para tanto, tomamos como referência nosso estudo monográfico acerca das representações sobre a política e sobre o voto na cidade de Campina Grande, realizado no ano de 2009, com o objetivo de construir uma argumentação elucidativa a respeito da temática. Desse modo, nosso intento é ampliar a nossa discussão acerca da Antropologia da Política, compreendendo que as práticas políticas querem ser analisadas para além da dimensão institucional, ou seja, das instituições, partidos e do Estado; elas podem ser tratadas em sua dimensão cultural. Bem como, desejamos refletir sobre o discurso e prática política, entendendo como estes são pensados pelos eleitores, já que a nossa análise repousa nas representações construídas por estes quanto à política e as suas práticas. Compreendemos ser esta discussão relevante, pois, se pretende abrir um diálogo entre diversas abordagens e pensar a política como uma esfera que se constitui na dimensão cultural de cada indivíduo.

POR UMA MEMÓRIA DOS CONFLITOS POLÍTICOS: MAQUIAVEL COMO LEITOR DE TITO LÍVIO

Michelly Pereira de Sousa Cordão
michellycordao@gmail.com

RESUMO:

Das coisas que aconteceram na Roma republicana eternizada por Tito Lívio (séc. I a.C.), Maquiavel selecionou, de um lado, as tensões e os conflitos políticos que foram movidos pelos desejos e ódios humanos e, de outro, os elementos utilizados pelos romanos para reprimi-los e combatê-los, a exemplo das leis e ordenações, da religião e das milícias nacionais. Daí que seus comentários sobre Roma são marcados por um constante jogo entre os conflitos humanos e as ações políticas implementadas para contê-los. Porém, Maquiavel entendia que os florentinos ainda não haviam encontrado soluções políticas para os tumultos de sua cidade e, por isso, procurou lhes fornecer lições a partir de uma (re)significação das ações exemplares dos virtuosos romanos mediante a apropriação que fez da obra de Tito

Lívio. Dessa maneira, o escritor florentino construiu “expectativas” para seu presente em função da atualização que articulou da “experiência” passada. Neste sentido, este trabalho procurou analisar como Maquiavel elaborou sua argumentação moderna de política, marcada pela ênfase aos conflitos e às paixões humanas, a partir de sua releitura da escrita da história de Tito Lívio e, portanto, do exercício de recepção e tradução da narrativa de um historiador antigo, bastante apropriado pelos escritores modernos à época da Renascença. Podemos observar como Maquiavel, ao centrar-se na referência aos conflitos políticos da Roma liviana, chegou a positivá-los por considerar que as “boas leis”, em grande parte responsáveis pela conservação da liberdade romana, foram deles gestadas. Aspecto que, segundo nossa leitura, foi o que mais representou uma discordância de Maquiavel com a visão de Tito Lívio, visto que, para este, os conflitos civis foram os principais culpados da degenerescência do mos maiorum (costumes ancestrais) na república romana.

AUTORIDADES LOCAIS, PODERES REAIS: A CULTURA POLÍTICA NAS AMÉRICAS ESPANHOLA E PORTUGUESA

Rodrigo Ceballos
rcovruski@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente trabalho propõe uma abordagem entre as noções de cultura, poder e política na América espanhola (e portuguesa) no Período Moderno. O Estado Absolutista, mesmo tendo seu monarca como “cabeça” da res publica e símbolo maior do poder político, constituiu-se e manteve-se por meio de uma “economia moral” do dom. Tanto o rei, como os seus súditos estavam submetidos à cultura política da graça, dos favores reais, do dom e contradom. Por meio do estudo deste costume, defendo em minha análise que o poder real não se expandiu concenticamente por todas as direções, perdendo força à medida que se afastava de seu centro (SHILLS, 1975), mas manteve-se por meio de uma cultura política de atos de benefícios; por mecânicas políticas que ganhavam tons próprios à medida que a representação política do monarca alcançava as mais distantes conquistas ultramarinas (LEVI, 2002). O estudo das administrações coloniais hispano e luso-americanas não deve, portanto, repousar na simples defesa de um descontrole e corrupção generalizados, sem um efetivo controle político nas margens mais distantes dos Impérios português e espanhol, mas no estudo das

formações de redes clientelares e políticas de privilégios locais que se entrelaçaram e criaram interdependências com os poderes centrais. Prudentemente, Greene (2002) afirma que as relações políticas numa dada localidade deve ser estudada de acordo com as realidades regionais, isto é, devemos entendê-las como core areas específicas. Desta forma, podemos redefinir o termo authority como um contínuo meio de legitimação de formas de justiça e de direito por meio de negociações e barganhas entre as localidades (conquistas) e o seu centro (o reino). Discutirei novas perspectivas de análise para o estudo da administração colonial na América e as concepções de “poder”, “cultura política” e “autoridades locais”: conceitos que devem ser úteis para reelaborar na historiografia (e no ensino de história) as noções cristalizadas de pacto colonial, controle comercial e corrupção administrativa.

**“O ESTADO ESPETÁCULO”: A OBRA DE ROGER-GÉRARD
SCHWARTZEMBERG E A “NOVA” HISTÓRIA POLÍTICA**

José Luciano de Queiroz Aires
joseluciano9@gmail.com
Faustino Teatino Cavalcante Neto
faustinoteatino@bol.com.br

RESUMO:

A presente comunicação objetiva discutir a teoria do Estado Espetáculo do cientista político francês Roger-Gérard Schwartzemberg e as possibilidades da renovação do campo da história política. Não propomos resenhar a obra, e sim, analisar como o autor elabora sua tese em um determinado tempo histórico, examinando suas contribuições para a historiografia contemporânea do político e as críticas passíveis à luz da renovação da história no final do século XX. Nesse particular, seguimos as trilhas abertas por E. P. Thompson, Roger Chartier, Michel de Certeau e Carlo Ginzburg, que, por ângulos distintos, se opõem ao estruturalismo e aos determinismos dos modelos fechados. Esses historiadores são os interlocutores que nos apropriamos para discutir com o texto de Schwartzemberg, sempre procurando inteligibilidade para os aportes teóricos de uma nova história política.

**O “CANGACEIRO DEPUTADO” E O “DEPUTADO CANGACEIRO”:
LAMPIÃO COMO A SOLUÇÃO PARA OS DILEMAS DO NORDESTE NA
PERSPECTIVA DO CORDEL**

Wescley Rodrigues
wescley.dutra@bol.com.br

RESUMO:

Atualmente, evidenciamos no Nordeste brasileiro um processo de fragmentação das tradições locais. Podemos delimitar como um marco elementar do início de tal processo a década de 1950, quando a nível nacional e regional deu-se início, de forma mais efetiva, a modernização e intensificação da produção industrial e a abertura a cultura e capital estrangeira. Regionalmente esse desenvolvimento teve um papel preponderante, contribuindo, principalmente nos sertões, para o rompimento de todo um modo de vida que vinculava os sujeitos a terra. Foi também nesse período que tivemos uma intensificação da vida urbana, ocorrendo o deslocamento da importância das áreas rurais para as cidades. Essa mutação veio atrelada a uma forte migração de inúmeros camponeses que viam nas urbes uma nova forma de vida. Nesse contexto, gradativamente o mundo do consumo foi sendo implantado no Nordeste. No entanto, inúmeras vozes levantaram-se contra essas bruscas modificações no “modo de vida”, contestando a maneira como as tradições estavam sendo rompidas. O cordel foi uma dessas formas de resistência a instituição de padrões hegemônicos, apresentando-se, em alguns momentos, como um ferrenho crítico aos modelos que estavam sendo implantados. Assim, os cordelistas passaram a selecionar personagens históricos que representariam a essência nordestina, sendo eles elevados a espécie de bandeiras de resistência e defensores das tradições. Um desses personagens trabalhado pelos cordelistas foi o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, que atuou no Nordeste por praticamente vinte anos, entre 1918 a 1938. No presente artigo buscamos trabalhar como o cordel mudou a representação feita sobre Lampião: de bandido sanguinário o cangaceiro passou a ser representado como a solução para todas as transformações que estavam acontecendo no Nordeste e que contribuíam para a desestruturação das tradições. Para alcançar tal objetivo, escolhemos dois cordéis: “Virgulino Lampião, Deputado Federá” (s/d) de Jessier Quirino e “A volta de Virgulino para consertar o sertão” (s/d), de José Honório da Silva,

ESCOLA CIDADÃ: CONTEXTO HISTÓRICO CULTURAL

Márcia Lustosa Felix Guedes
marluge5@hotmail.com

RESUMO:

A idade média caracterizava-se como uma sociedade de ordens governada pela autoridade política, religiosa e cultural, representada pelo poder do imperador e pelo papa. Ideologicamente a construção medieval era centrada na autonomia e na própria vida. As mudanças sociais ocorridas de um período histórico para outro são significativas, pois as sociedades se abrem para situar o homem e a civilização com referência à experiência individual, social e independente de qualquer pensamento religioso. Para compreender esse processo de transição apresentamos os aspectos que contribuíram para a sua consolidação: ideológicos e culturais. Hoje vivemos em sociedades marcadas pela temporalidade, em constante desenvolvimento tecnológico, cultural e social. A era da comunicação e da informação, tem determinado o modo como pensam e comportam-se as pessoas. Falta à escola, estimular os alunos a desenvolver a curiosidade e instigá-los a vontade de aprender. Estas faculdades são vertentes pelas quais a inteligência pode ser guiada naquilo que é de interesse do indivíduo. A curiosidade reside na busca de conhecer e de reconhecer a concepção do objeto estudado. Neste sentido, parece que a escola não oferece ao aluno nenhuma das três vertentes paradigmáticas, tão necessárias para ele ter condição de compreender criticamente a realidade. O Projeto Político Pedagógico aparece como uma opção importante para consolidar uma escola mais reflexiva e dinâmica na elaboração e construção de práticas que permitam orientar a comunidade escolar a socializar os diversos saberes em prática pedagógica sistemática e crítica. Assim, a construção da autonomia é fruto de uma mudança de paradigma de dentro da escola, para fora dela. Ela renasce do questionamento de educação numa sociedade globalizada e pós-moderna. A exigência de participação, de ter direito de escolha, de alternativa para a formação de seu próprio processo educativo instiga a escola a encarar a questão da autonomia como um projeto afirmativo de sua independência. O saber tem que ser derivado de uma visão crítica e ao criticar esse conhecimento o indivíduo se torna sujeito de seu próprio discurso. É preciso compreender que a autonomia assume valor de mudança, suporte para a problematização do processo de aprendizagem. A estratégia adequada de enfrentamento é dotar a escola de uma mudança que leve em conta a necessidade de repensar, dizer e fazer a prática educativa. Considerando a formação de sujeito

crítico e emancipado, mediante o desenvolvimento de atividades educativas sintonizadas com as exigências do mundo e do saber.

CONTRIBUIÇÃO DA CIÊNCIA HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Rosemeire Bernardino dos Reis
rosemeirereis@hotmail.com

RESUMO:

O presente texto tem como objetivo abordar uma análise acerca da contribuição da disciplina de História na modalidade de “Educação Integral” no Brasil, buscando discutir, também, este novo conceito. Avalia-se, nesta perspectiva as principais mudanças recorrentes no processo político educacional sob a ótica de novos parâmetros para a construção de uma escola pública e de qualidade. Aborda-se o conceito de poder que permeia o campo educacional e a relação da disciplina de História na concepção da História Política. Acredita-se, que a análise por mim proposta oferece um novo olhar sobre a prática da Ciência Histórica e suas interferências na modalidade de Educação Integral enquanto instrumento formador de culturas políticas.

AMBIVALÊNCIAS DO PODER LOCAL: FAMÍLIAS, TRADIÇÕES E MODERNIDADES

José Adilson Filho
adilsonfilho.clio@bol.com.br

RESUMO:

Vivemos numa época marcada pela fragilização dos modos de pensar, sentir e agir. Tudo parece ser transitório e fugidio diante da “modernidade líquida”. No entanto, há coisas que parecem sólidas e resistentes aos processos de liquefação produzidos na contemporaneidade. Trata-se da permanência de várias famílias tradicionais dominando a vida política de diferentes municípios no Brasil, inclusive em cidades de médio e grande porte. Nesse sentido, somos instigados a refletir sobre as estratégias usadas por tais elites como forma de sobreviver politicamente às intempéries geradas pela história do tempo presente. A resposta preliminar é de

que elas operam simultaneamente com os ritos da “cultura popular” e com as efemérides da modernidade. O “como” é possível essa simbiose é o que desejamos compreender e discutir nessa comunicação.

PÔSTERES

AS SOLICITAÇÕES DA PARAIBA COLONIAL: MERCÊS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS (1645-1676)

Isabela Augusta Carneiro Bezerra
belinha_jam@hotmail.com
Mozart Vergetti de Menezes
arrettado@uol.com.br

RESUMO:

As guerras de restauração contra o domínio holandês arremessaram a capitania da Paraíba em um estado de penúria e devastação econômica na segunda metade do século XVII. A resistência engendrada pelos combatentes implicou na ruína de sua estrutura produtiva, através da queima de engenhos, currais de gado e lavouras. Com a expulsão dos flamengos, a reorganização da capitania demandava o ressurgimento das atividades econômicas então paralisadas, assim como a rearticulação do aparelho administrativo, uma vez que os cargos anteriormente ocupados pelos holandeses encontravam-se agora vagos e, portanto, passíveis de preenchimento. Nosso trabalho, originado dos resultados propiciados pelo projeto de pesquisa intitulado Paraíba Colonial: cultura política, elite e pessoas comuns vinculado à Iniciação Científica/UFPB/PIVIC, tem como objetivo, a partir da perspectiva da cultura política do Antigo Regime pautada em uma economia de mercê, analisar as solicitações emanadas dos moradores da Capitania da Paraíba ao rei neste crítico momento pós-guerra holandesa no intuito de observar as insatisfações, conflitos, demandas e aspirações presentes entre os colonos, assim como a situação da própria capitania. A interferência do monarca, principal detentor de recursos e chefe maior da justiça, figurava como um recurso necessário à solução dos inúmeros problemas gerados no cotidiano de seus súditos. Estes, sedentos por recompensas, privilégios ou justiça, escreviam ao Reino na expectativa de verem suas insatisfações remediadas e suas pretensões concretizadas através da concessão de mercês. Para tanto, era crucial aos solicitantes investirem na sua produção textual, isto é, munirem-se de artifícios

discursivos capazes de operar o convencimento através de argumentos e manobras retóricas. Trata-se do discurso peticionário, código de persuasão ávido de graças, por nós analisado. Trabalhamos com as solicitações dispostas em requerimentos, cartas e representações escritos pelos colonos, e com consultas elaboradas pelo Conselho Ultramarino, documentação contida no Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa (AHU) e disponibilizada a partir do Projeto Resgate “Barão do Rio Branco”.

ACORDOS E NEGÓCIOS: A FORMAÇÃO DE REDES DE PODER NO SERTÃO DA CAPITANIA DA PARAHYBA (1720-1750)

Mayara Millena Moreira Formiga
mayaramillena@gmail.com

RESUMO:

A proposta deste trabalho é apresentar os resultados de nossa pesquisa sobre a dinâmica da vida administrativa e a formação de redes de poder que estavam se estabelecendo no sertão da Capitania da Paraíba, na primeira metade do século XVIII. Este nosso trabalho se baseia em estudos históricos que percebem a importância das autoridades locais no Antigo Regime, nos dando contornos para compreensão das relações de poder que estavam presentes nas cotidianas relações sociais. Na espacialidade em questão – sertão do Rio Piranhas e Piancó – podemos identificar mecanismos e modos de administrar a vida social e material a partir do estabelecimento de negócios e acordo, que acabavam por gerar naquela espacialidade não uma disputa pelo poder, mas relações de poder construídas cotidianamente, responsável pelo estabelecimento de redes que se entrecruzavam e nos apontam a constituição de um espaço em contínua transformação, que era sustentado por toda uma hierarquia de valores, acordos estratégicos e negociações entre as partes que compunhas a sociedade colonial. Podemos perceber toda essa dinâmica a partir de documentos como: procurações, escrituras de vendas de terra, escritura de trespasso, cartas de alforria, escritura de venda de gado vacum e cavalar. Quem compunha essa dinâmica eram aqueles que assumiam a identidade de colonos, os responsáveis pela conquista, chegados do leste da Capitania da Parahyba e de Pernambuco e que aspiravam, num primeiro momento, à subsistência, demandando a aquisição de sesmarias; e num segundo momento, à ascensão social, a partir dos negócios que começavam a se estabelecer entre os próprios colonos e com as demais capitanias. Através do trabalho com estas fontes

é possível perceber não só composição de relações de poder, mais a constituição redes comerciais e sociais, e o constante intercâmbio e os vínculos administrativos que se dava entre os moradores da capitania da Paraíba e outras espacialidades como Pernambuco e Bahia.

CULTURAS POLÍTICAS NOS TRÓPICOS SETECENTISTAS: ELITES LOCAIS, PODERES E ESPAÇOS NA CAPITANIA DA PARAÍBA

José Inaldo Chaves Júnior
inaldo_junior18@hotmail.com
Acácio J. Lopes catarino
aklopes@yahoo.com.br

RESUMO:

Recentemente, a historiografia presenciou um progressivo alargamento do campo do político, integrando novas dimensões analíticas e novos objetos de estudo. Uma das proposições mais importantes desta renovação foram os intercâmbios da história com outras disciplinas, a exemplo da ciência política, da psicologia, da lingüística e da antropologia. As aproximações de uma renovada história política com a antropologia e os estudos culturais produziram uma linha profficua de análises que levam em consideração recortes até então negligenciados, como as sociabilidades, os imaginários e os comportamentos políticos. Assim, o encontro entre a história e o conceito de cultura política se deu pela afirmação da história cultural e de seu aporte teórico que demarcaram, para os estudos históricos, a crise paradigmática dos conceitos macro-sociológicos e seus possíveis determinismos. Deste modo, estão na base da categoria cultura política os conceitos de representação e imaginário, numa clara tentativa de resgate das subjetividades e individualidades no campo do conhecimento histórico. Noutros termos, trata-se de valorizar a complexidade da vida social, buscando compreender como a sociedade interpreta, elabora e vivencia suas instituições e práticas políticas. Neste trabalho optamos por utilizar o conceito de cultura política na compreensão das interfaces de poderes do Antigo Regime português, nomeadamente no seu recorte luso-brasileiro no Setecentos. Este conceito é especialmente útil por sobrelevar a alteridade da época moderna, marcada por concepções de poder e sociedade diametralmente distintas das atuais. Neste sentido, as relações não-dicotomizadas entre Estado e sociedade passam a considerar a composição dos micro-poderes em suas múltiplas espacialidades. Neste caso, trataremos das redes clientelares, de

natureza político-econômica, envolvendo as elites locais das capitanias de Pernambuco e Paraíba no final do século XVIII. Como resultado de uma pesquisa de iniciação científica, apresentaremos considerações iniciais sobre a composição, atuação e circulação dos principais da terra numa época de alargamento dos grupos elitários na colônia a partir da crescente importância do capital mercantil nas relações políticas, econômicas e sociais na América portuguesa. Presenciamos uma re-leitura das estruturas políticas do Antigo Regime, tradicionalmente tratadas como gêneses do dito Estado Moderno, mas que, devido ao avanço das pesquisas, tem revelado sua especificidade histórica. Todavia, nossos livros didáticos ainda são herdeiros de visões clássicas do dito “absolutismo”. Faz-se necessário dimensionar o impacto dessas renovações no ensino de história.

ESTADO NOVO E POPULISMO: UM ESTUDO PELA CULTURA POLÍTICA

Márcio Justino dos Anjos Silva
marciojanjos@gmail.com
Faustino Teatino Cavalcante Neto
faustinoteatino@bol.com.br

RESUMO:

O Estado Novo, período compreendido entre 1937 a 1945, vem recebendo nos últimos anos diversas abordagens, dentre as quais podemos destacar a realizada pela perspectiva da Cultura Política, esta que por sua vez também promete trazer para a discussão historiográfica, outro sujeito histórico, neste caso os trabalhadores. Estes que durante o Estado Novo viram através dos canais de interlocução entre eles e o Estado, suas reivindicações serem contempladas, porém em consequência disso o Estado garantia seu apoio incondicional. Neste sentido, esta comunicação se detém a observar e/ou compreender como a teoria da Cultura Política, que de início pertencia ao rol de análise da ciência política, passou após os debates da historiografia com outras ciências, ser usado pela Nova História Política. Todavia vale salientar que esse conceito nos faz perceber, que a política não pode ser entendida meramente como algo institucional, com suas forças de manipulação e de coerção, mas sim como uma relação ambígua de poderes, na qual passam a modificar os comportamentos dos mais diversos atores sociais para com a política em uma determinada sociedade. A Cultura Política, entendida desta forma, pode possibilitar o estudo, e mais especificamente a compreensão o populismo

varguista durante o Estado Novo. Por assim dizer, o populismo enquanto categoria explicativa recebeu diferentes abordagens durante o século XX, desta forma assumiu facetas que o colocaram ora enquanto elogio, ora enquanto um conceito pejorativo, chegando ao ponto de sofrer um colapso conceitual após os estudos neomarxistas. Estes últimos colocaram, inclusive, o sujeito comum como uma possibilidade de análise. Deste modo, posteriormente a esses estudos, o conceito de populismo sofreu modificações conceituais, passando inclusive, o fenômeno a ser denominado de trabalhismo, mudanças conceituais essas presentes na comunicação. Dessa forma, utilizarei como estofo teórico-metodológico Barros (2004), Berstein (1988), Borges (2005), Carvalho (2005), Ferreira (2001) Gomes (1996; 1998; 2005), Motta (2009), Rémond (2003).

**ENTRE O ELENCO E A CENA: UM ESTUDO DA TEATRALIZAÇÃO DO
PODER NO GOVERNO ARGEMIRO DE FIGUEIREDO NA PARAÍBA ENTRE
1937 E 1940**

Joabe Barbosa Aguiar
joabeaguiar@hotmail.com
Faustino Teatino Cavalcante Neto
faustinoteatino@bol.com.br

Visamos abordar no contexto da nova história política, que nos permitir lograr novos olhares a “velhos” objetos, sendo que estes estudos estão articulados a uma transformação teórico-metodológico desta corrente. Em vista disto, almejamos compreender a teatralização do poder presente no governo do interventor Argemiro de Figueiredo na Paraíba entre os anos de 1937-1940. O período analisado é emblemático na história da Paraíba, e significativo político-economicamente, sendo que estes aspectos foram amplamente debatidos na historiografia paraibana. Recortamos como fonte de nossa pesquisa o jornal “A Voz da Borborema”, periódico de grande circulação entre os anos de 1937-1940, de responsabilidade editorial de Acácio de Figueiredo, irmão do interventor. Pretendemos enfatizar, num primeiro momento a aglutinação e cooptação dos elementos ressonantes no cenário político paraibano, como a classe operaria, através dos sindicatos dirigidos pelo Estado; das oligarquias dissidentes do movimento de 30, e que com Argemiro de Figueiredo reacendem seu prestígio na política da Paraíba, formando o quadro administrativo do Governo. Neste ponto nossa análise irá centrar-se no elenco constituinte do Governo Argemiro de Figueiredo. Num segundo momento nossa análise volta-se para as festas cívicas, paradas e os cerimoniais do poder tão

marcantes no Estado Novo, e que foi apropriado pelo interventor paraibano, em busca da legitimação, e constituição de sua imagem e do regime aos espectadores, a platéia.

CONTRIBUIÇÕES DO CANTO ORFEÔNICO PARA UMA CULTURA POLÍTICA VARGUISTA (1937-1945)

Bruna Vitor dos Santos

brunnavitor@gmail.com

Faustino Teatino Cavalcante Neto

faustinoteatino@bol.com.br

RESUMO:

Por volta da década de 1970, a terceira geração da Escola dos Annales, promoveu uma renovação historiográfica, a partir da qual houve uma ampliação nas fontes de pesquisa, bem como surgimento de novos objetos. Dessa forma, este trabalho objetiva-se por analisar algumas das músicas que compuseram o projeto de Canto Orfeônico desenvolvido por Heitor Villa-Lobos sob a encomenda do presidente Getúlio Vargas. Tomando por base a Nova História Política, procurarei discutir as relações de poder existentes entre o projeto de Educação Musical mediante o Canto Orfeônico e a política então vigente, reportando-me entre os anos de 1937 e 1945, período este em que se compreende o Estado Novo. Entretanto, como se sabe este canto foi implantado nos currículos como disciplina obrigatória já em 1931, servindo como modelo de educação musical nas instituições públicas. Dentro desta perspectiva buscarei entendê-lo enquanto forte instrumento de exaltação do patriotismo nacional, além de procurar perceber os fatores que contribuíram para seu êxito e para sua aceitação nacional, o que tornou possível em grande medida, a propagação da política vigente no momento histórico do desenvolvimento do projeto. Por assim dizer a significativa mobilização de massa e a associação do canto enquanto difusor do civismo e do nacionalismo, parece ter servido como ferramenta de transmissão da ideologia política vigente, esta última tendo como principal alicerce os ideais nacionalistas. Outro ponto fundamental nesta pesquisa refere-se às contribuições do Canto Orfeônico para a legitimação de uma Cultura Política em prol do “Varguismo”, uma vez que as letras estavam sempre impregnadas de patriotismo e exaltação a “raça brasileira”, das belezas naturais e da figura do próprio Getúlio Vargas. Todavia os direcionamentos cívico-patrióticos que caracterizaram os movimentos políticos de aceitação da identidade nacional

acabavam por promover também os ideais de harmonia e unidade coletiva, fato este muito propagado pelo canto. Assim sendo o movimento orfeônico no Brasil através da eloquente mobilização de massa, promoveu o apelo emocional e o êxtase coletivo, de modo a impregnar mais eficientemente a ideologia política getulista e o próprio “varguismo”.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL X DITADURA MILITAR

Erica Lins Ramos
lins.ERICA@yahoo.com.br

RESUMO:

Em 1964, o Brasil por um todo presenciava a instauração de uma política voltada a padrões ditatoriais, rompendo assim, com os princípios “democráticos”, muito embora, camuflem-se sobre este. No entanto, esta política não foi recebida de braços abertos por toda a população brasileira, isto por que, alguns brasileiros acreditavam que a intervenção dos militares seria do tipo transitória, ou seja, após solucionar os problemas as Forças Armadas se afastariam do Poder, pensamentos estes que levaram alguns a depositarem nos militares a esperança de solucionar as crises pelas quais o país vivenciava, e a creditarem que os civis logo retornariam ao Poder. Mas, por outro lado, existiam aqueles que não acreditavam nas promessas dos militares iniciando-se uma serie de movimentos em resistência ao modelo político adotado por estes. Portanto, dentre as variadas contestações ao regime em vigência, destacamos os movimentos estudantis. Partindo deste pressuposto, a presente comunicação tem como objetivo analisar o movimento estudantil como uma possível Cultura Política de resistência à ditadura militar entre os anos de 1964, momento em que os militares assumem o Poder, percorrendo até a 1968, ano em que a ditadura militar de fato se edifica. Assim, os anos que decorreram entre 1964 a 1968 para alguns analistas políticos correspondem a primeira fase da intervenção no qual os militares discutiam as tendências do regime militar, isto é, se as Forças Armadas agiriam com uma política transitória ou se avançariam em direção ao papel dirigente. Diante das circunstancias, os militares optaram pela permanência no Poder demonstrando suas posições com a publicação do Ato Institucional Número Cinco (AI-5). Desta forma, interessados nas discussões sobre uma possível Cultura Política desenvolvida neste âmbito, em resistência à ditadura militar, adotamos como aporte teórico da Nova História Política, sobretudo as discussões sobre o conceito de cultura política inserido em Ângela de Castro

Gomes. Contudo, esta pesquisa encontra-se em curso, estando aberta a novas contribuições.

ALAGOAS: CULTURA DE PODER E VIOLÊNCIA 1978 A 1984

Alex Benedito Santos Oliveira
alexphelip2@gmail.com
Gustavo Bezerra Barbosa
gusbezerra@gmail.com
Raildo de Omena Vasconcelos
raildovasconcelos@hotmail.com

RESUMO:

O trabalho aqui apresentado tem por objetivo focar a violência no Estado de Alagoas no período de 1978 à 1984. Para isso, analisamos o fato ocorrido em Alagoas nesse período que foi a briga entre as famílias Calheiros (Cavalcanti Lins) e Omena. Trata-se de uma pesquisa documental, uma vez que para a busca desses fatos recorreremos ao jornal “Gazeta de Alagoas” e ao livro “Por amor ao nosso pai” escrito por um dos atores desse fato, o cabo Henrique Omena. Aplicamos a análise do discurso tanto nos jornais quanto na obra, e a partir dessa análise, através da hermenêutica realizamos uma reinterpretação dos fatos, e não apenas produzimos como vimos e ouvimos sobre o caso. O fato ocorrido também nos possibilitou analisar outro fator, o da violência dentro e entre as polícias civil e militar de Alagoas, uma vez que o Cabo Henrique Omena pertencia a corporação da polícia militar, e a família Calheiros (Cavalcanti Lins) ligada tanto a polícia civil, mas também a militar e a Secretaria de Segurança Pública do Estado. Deparamo-nos com vários acontecimentos da época como o caso do desvio do açúcar da Cooperativa dos Produtores de Açúcar do Estado de Alagoas, havia no Estado uma “máfia do melaço” que se ocupava desse desvio, e quem estava ligado a essa máfia era a família Calheiros (Cavalcanti Lins). Diante dos fatos estudados e analisados, concluímos que se configurava na Superestrutura Estatal uma política de violência, que contava com todo o aparato da polícia e da Secretaria de Segurança. Os eventos ocorridos representam essa política, que gerou consequência para a população, como o domínio da política por pessoas violentas gerando pânico e terror na população. Além do pânico e terror, que se perpetua até hoje dando ao Estado a visão de um Estado violento, essa política também gera atraso no setor industrial de Alagoas, uma vez que há famílias que “mandam” nesse setor e não

possibilitam a vinda de outras indústrias que não sejam delas para não perder o poder econômico que detém.

PODER LOCAL E O CARISMA DE PADRE ZUZINHA NO CENÁRIO POLÍTICO DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE (1960-1980)

Gilson José Julião
gilsonjosejuliao@hotmail.com
Faustino Teatino Cavalcante Neto
faustinoteatino@bol.com.br

RESUMO:

Propormos neste trabalho uma discussão sobre a história política de Santa Cruz do Capibaribe, em especial os desdobramentos e as possibilidades de análise a partir da vida política de Padre Zuzinha, analisando a construção do carisma político, a partir das manifestações do imaginário que o institui como líder político. Essas considerações são percebidas na figura de Padre Zuzinha devido o mesmo ter sido, além de pároco da cidade chegando à Santa Cruz do Capibaribe, por voltar da década de 40, participando da luta pela emancipação político-administrativo da cidade, presidente da Sociedade Esportiva Ypiranga Futebol Clube. Tinha uma prática de doar o que conseguia, ganhando, desta forma, a simpatia dos fiéis, principalmente dos mais pobres, sendo esta uma de suas características mais marcantes. Entendemos o trabalho por meio do poder político, a partir das novas implicações postas pela renovação dos temas, abordagens e dimensões do campo historiográfico. Neste sentido, a escolha do objeto para a discussão partiu da vontade de compreender o cenário político da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, o poder local e o carisma que foi construído pelo Padre Zuzinha. Levaremos em consideração o palco de uma encenação de poder, a luta pela emancipação política em Santa Cruz do Capibaribe, contextualizando o poder local através dos dois grupos políticos existentes na cidade e o carisma encenado por Padre Zuzinha como expressões de uma cultura política emergente. Aventuraremos para construir esse trabalho a partir da chamada História Cultural que possibilita a compreensão da história como uma narrativa. Direcionaremos mais especificamente sob a luz do político, ou melhor, sobre os caminhos da Nova História Política. Desse modo, nos apropriaremos dos conceitos de cultura política por meio da contribuição de Patto Sá Motta e Ângela de Castro Gomes, de Teatralização do Poder, a partir de Clifford Geertz, Georges Balandier e Schwartzberg, bem como da idéia de Imaginário e

Representação de Roger Chartier. Tomaremos como fontes jornais e referências bibliográficas escrita sobre o tema abordado.

FESTA POLÍTICA: O ESPETÁCULO NA CIDADE DE SANTA CRUZ NO SERTÃO PARAIBANO

Francisco Jomário Pereira
jomariocp@gmail.com

RESUMO:

As festas de padroeiros (ou barraca), são acontecimentos de extrema importância no sertão da Paraíba, são os espaços dedicados aos santos católicos, festas realizadas em agradecimento a farta colheita, ou para solicitar chuva e bênçãos. São espaços onde podemos observar uma série de fenômenos que geralmente não são notados durante todo o ano, e não aparecem com tamanha força como acontece nesse espaço pequeno e grande ao mesmo tempo, pequeno porque se restringe geograficamente a poucos metros, em torno de uma igreja geralmente, e grande porque acaba por atingir toda a cidade/sociedade com os seus acontecimentos político, culturais, econômicos e sociais. Tendo em vista a capacidade de comportar tantos fatos sociais e políticos, apresentarei um resumo das principais características que a festa do Sagrado Coração de Jesus, que acontece todos os anos desde 1922 na cidade de Santa Cruz- Paraíba, apresenta de peculiar, tomando como espaço temporal os anos de 2004 à 2006, dando enfoque a disputa política ocorrida na cidade durante a realização da festa. Mostrando a capacidade que os políticos têm de se apropriarem de um espaço tido como “público” e transformarem em um campo simbólico de lutas, e de construção e desconstrução das personagens que possam a vir administrar o município.

PODER E HISTÓRIA, UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA

Jomar Fernandes Vieira Júnior
jomalauritzen@hotmail.com
José Nilton Conserva De Arruda

RESUMO:

Postula-se uma apreciação crítica do fenômeno “poder”, numa perspectiva filosófica, a partir das fundamentações analíticas do pensador francês Michel Foucault (1928- 1984), que ao contrário dos pensadores da tradição não tomará o “poder” por fundamentos teóricos, entretanto, por bases analíticas. Foucault (2006) não possui pretensões de desenvolver uma teoria ou um postulado sobre o poder, mas enfatizar de maneira analítica sua constituição e seus desdobramentos efetivos nos países ocidentais. Inversamente aos teóricos da tradição, que percebem o poder do ponto de vista de uma macroestrutura- aparelho de Estado-, representado pelo bloco político-jurídico, Foucault (2006) o observará pelo ângulo infra-estrutural, quando estará pautado sobre as micro relações existentes no cerne social. Tais relações são representadas pelos discursos, pelos conhecimentos, pelas instituições de “saber-poder”, pelas relações interpessoais, assim como, pelas relações interinstitucionais, as quais formam uma grande rede de poder através dos embates, dos confrontos, dos consórcios e das alianças, que Foucault (2006) nomeará de “estratégia global” ou “estratégia de conjunto”. Serão observadas as conexões existentes entre as teorias tradicionais, engendradas pelos pensadores políticos do sistema liberal, como igualmente, a do seu maior expoente de oposição, as teorias formuladas por Karl Marx; ambas confrontadas nas análises foucaultianas. Foucault (2006) confere maior relevância aos resultados efetivos das ações exercidas pelo poder, ao que diz respeito, aos conhecimentos elaborados pelos “dispositivos de saber-poder”, que conferem, dentro das relações de poder, a disseminação de tais conhecimentos convertidos em “verdades”, na promoção do controle social, assim como, na disposição dos indivíduos, na tessitura social, relativos às determinações e classificações produzidas por tais canais, possibilitando as construções identitárias, por conseguinte, subjetivas dos sujeitos.

ATENÇÃO:

ERRATA COM FICHA DE INSCRIÇÃO DE ARAGONEIDE MARTINS BARROS SOARES, REFERENTE AO GRUPO DE TRABALHO 03 - HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



II Colóquio Internacional de História: Fontes Históricas, Ensino e História da Educação

FICHA DE INSCRIÇÃO EM GRUPO DE TRABALHO

Modalidades e Normas para apresentação de Trabalhos

Modalidades: Comunicações orais e pôsteres. No ato da inscrição o(s) autor(es) deve(m) indicar o GT – Grupo de Trabalho no qual pretendem inscrever-se.

Inscrição de trabalho: comunicação oral e pôster

Os Grupos de Trabalho terão espaços para apresentação oral das pesquisas de pós-graduandos e pesquisadores do campo da História, mas também das áreas das Ciências Humanas que produzam numa perspectiva interdisciplinar. E em forma de pôster, para alunos de graduação que desenvolvam pesquisas sob orientação de professores universitários (PIBIC, monografia e participação em projeto de pesquisa como voluntário). Serão consideradas pesquisas que apresentem ensaios, estudos, resultados parciais e finais.

Condições gerais para inscrição de trabalho: comunicação oral e pôster

1. Autor e co-autor devem estar inscritos no evento
2. Autores de comunicação e de pôster poderão inscrever, no máximo, um trabalho, seja na condição de autor ou de co-autor.
3. Os orientadores devem registrar a sua orientação de âmbito institucional em nota de rodapé seja nos resumos ou nos textos completos dos trabalhos de graduandos e graduados.

5. Em caso de trabalhos em co-autoria, os co-autores devem se inscrever no evento de acordo as respectivas categorias.

Instruções para envio: Resumos

No ato da inscrição, deverá ser encaminhado o resumo. Os resumos e os textos completos aprovados pela comissão científica serão publicados no ANAIS do evento, que será disponibilizado eletronicamente na página do evento, com ISSN.

Formato do resumo: O resumo do trabalho deve apresentar de 300 a 400 palavras; fonte Times New Roman; tamanho 12; espaçamento 1,5; sem parágrafo; sem bibliografia; sem notas; sem figuras (apenas texto).

Taxas/Categorias

- * Professores e Pesquisadores estrangeiros e brasileiros: R\$ 80,00
- * Alunos de Pós-Graduação: R\$ 50,00
- * Alunos de Graduação e graduados com apresentação de trabalhos em forma de poster: R\$ 30,00
- * Alunos de graduação e público em geral sem apresentação de trabalhos: R\$ 10,00
- * Mini-curso: R\$ 20,00
- * Professores de rede de ensino: R\$ 30,00

Os pesquisadores co-autores de comunicações terão que ter formalizado o pagamento da sua taxa de inscrição, assim como o autor principal, em uma das categorias acima para que seja aprovado no evento

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO:

(veja instruções abaixo do formulário para o correto preenchimento de cada campo de requerimento de informação.)

IMPORTANTE:

Lembrar que esta ficha de inscrição deverá ser enviada para o e-mail do Grupo de Trabalho no qual ela inscreve o participante, assim como também deverá ser enviado juntamente a este formulário o comprovante de depósito bancário do valor referente à inscrição através da conta:

Banco do Brasil, Agência 1591-1, Conta Poupança 19.218-X, Var 01 (Regina C. G. Nascimento)

Depois de realizado o pagamento das taxas em qualquer modalidade de participação no evento, os valores não poderão ser devolvidos.

01	GRUPO DE TRABALHO:	HISTÓRIA ORAL, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA.
02	AUTORIA:	ARAGONEIDE MARTINS BARROS SOARES
03	CO-AUTORIA ou ORIENTADOR (para graduandos e mestrandos):	ROSEMARY NEGREIROS DE ARAÚJO
04	CPF:	724560351-00
05	ENDEREÇO:	RUA: 09 Nº 414
06	BAIRRO:	NOVO HORIZONTE I
07	CIDADE:	MIRACEMA
08	ESTADO:	TOCANTINS
09	CEP:	77650000
10	TELEFONE:	(63) 8429 – 8740 (63) 3366-3508
11	E-MAILS (do autor e do co-	neidemartins85@hotmail.com , rosemarynegreiros@hotmail.com

	autor ou orientador – separados por vírgula):	
12	INSTITUIÇÃO À QUAL É VINCULADO:	Universidade Federal do Tocantins – Campus Miracema
13	SIGLA DA INSTITUIÇÃO:	UFT
14	TITULAÇÃO:	Graduanda
15	MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO:	Pôsteres
16	TÍTULO DO TRABALHO:	MEMÓRIA E ORALIDADE COMO ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: O CASO DA PRAÇA DIOGO JARDIM EM MIRACEMA – TO
17	RESUMO DO TRABALHO:	Este trabalho apresenta uma atividade de pesquisa realizada na disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), <i>campus</i> de Miracema, a partir da elaboração de um projeto cuja metodologia tomou como base a história oral com realização de entrevistas semi estruturadas. O projeto demonstrou a relevância da utilização da história oral na produção de fontes para pesquisas em história e também em áreas afins, bem como para o ensino de história. A pesquisa foi realizada durante o primeiro semestre de 2010 a qual teve como lócus a praça pública Diogo Jardim, na cidade de Miracema do Tocantins/TO. Para tanto, elegemos, como sujeitos, moradores e ex-moradores do entorno da praça, constituída em sua maioria de migrantes, que afirmaram terem migrado em quatro décadas distintas: 50, 70, 80 e 90. Nesse sentido, nos limitamos a compreender a opinião dos moradores sobre o lugar, os fenômenos vivenciados nessa localidade. As experiências de vida e opiniões evidenciaram que o mesmo assume vários significados. Em determinados momentos, como antes das construções, as falas são carregadas de emoção, o lugar evoca lembranças boas, um espaço com muita vegetação e animais. Em outros momentos, após a construção da praça, ela é tida como um lugar do descaso, lugar de vandalismo, mas também de boas recordações, como: onde criaram os filhos, enfrentaram dificuldades e situações difíceis advindas de duas grandes enchentes (1980-1981 e 1992). Ao contrário desses antigos moradores, seus filhos diferem na forma de conceberem a praça, o que nos permite compreender que as vivências e experiências sociais são resignificadas no tempo e na história dos indivíduos. A atividade nos fez compreender a importância da utilização da história oral no ensino de história, dentre

outras possibilidades, esta proporciona o contato com grupos que muitas vezes tem a sua história esquecida.

INSTRUÇÕES PARA O CORRETO PREENCHIMENTO DE CADA CAMPO DE REQUERIMENTO DE INFORMAÇÃO DO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO:

01	<i>Insira o título do Grupo de Trabalho no qual será feita a inscrição conforme é mostrado no site do evento</i> (link direto: http://www.ufcg.edu.br/~historia/iiclh/portugues/index.php?option=com_content&view=article&id=71&Itemid=70)
02	<i>Insira o nome do autor do trabalho.</i>
03	<i>Insira o nome do co-autor do trabalho, se houver, tratando-se de comunicação oral; ou o nome do orientador, tratando-se de apresentação de pôster.</i>
04	<i>Insira o número de Cadastro de Pessoa Física (CPF) do autor do trabalho.</i>
05	<i>Insira o nome da rua ou avenida ou logradouro em que reside atualmente o autor do trabalho.</i>
06	<i>Insira o nome do bairro no qual reside atualmente o autor do trabalho.</i>
07	<i>Insira o nome da cidade na qual reside atualmente o autor do trabalho.</i>
08	<i>Insira o nome do estado no qual reside atualmente o autor do trabalho.</i>
09	<i>Insira o Código de Endereçamento Postal (CEP) no qual reside atualmente o autor do trabalho.</i>
10	<i>Insira um número de telefone fixo ou móvel através do qual se possa falar com o autor do trabalho.</i>
11	<i>Insira um endereço de e-mail através do qual se possa manter contato com o autor, assim como um endereço de e-mail através do qual se possa manter contato com o co-autor ou orientador. Certifique-se de que os e-mails inseridos são os mais utilizados, podendo-se também acrescentar mais de um endereço para cada participante no trabalho. TODOS OS ENDEREÇOS DE E-MAIL INSERIDOS DEVEM SER SEPARADOS POR VÍRGULA.</i>
12	<i>Insira o nome completo da instituição acadêmica à qual é vinculado o autor do trabalho.</i>
13	<i>Insira a sigla da instituição acadêmica à qual é vinculado o autor do trabalho.</i>
14	<i>Insira a titulação do autor do trabalho: graduado, graduando, mestre, mestrando, doutor ou doutorando.</i>
15	<i>Indique a modalidade de apresentação do trabalho: COMUNICAÇÃO ORAL ou POSTER.</i>
16	<i>Insira o título do trabalho.</i>
17	<i>Insira o resumo do trabalho, apresentando de 300 a 400 palavras; fonte Times New Roman; tamanho 12; espaçamento 1,5; sem parágrafo; sem bibliografia; sem notas; sem figuras (apenas texto).</i>

COMISSÃO ORGANIZADORA

Professores

ALARCON AGRA DO Ó (UFCG)
IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA (COORDENADOR GERAL)
JUCIENE RICARTE APOLINÁRIO (UFCG)
MARIA JOSÉ SILVA OLIVEIRA (UEPB)
MARIA LUIZA FERNANDES (UFCG)
MARINALVA VILAR DE LIMA (UFCG)
REGINA COELLI (COORDENADORA FINANCEIRA)
ROBERVAL DA SILVA SANTIAGO (UFCG)
ROSILENE DIAS MONTENEGRO (UFCG)
SILÊDE LEILA OLIVEIRA CAVALCANTI (UFCG)

Graduandos

ADJEFFERSON VIEIRA
ALBERTO MONTENEGRO SILVA
ALISSON PEREIRA SILVA
ANDRÉ LUIZ ALMEIDA OURIQUES
ANNE MICHELINE GAMA RODRIGUES
DIEGO DE SOUSA SANTOS (UEPB)
EDUARDO QUEIROZ CAVALCANTE (UEPB)
ELAINE CRISTINA ARRUDA GOUVEIA (UEPB)
FERNANDO JOAQUIM MENDES COLAÇO
FLÁVIO ANDRÉ ALVES BRITTO
GABRIELA BARBOSA DE SOUTO
GLÁUCIA DE SOUZA FREIRE
HALLYSON ALVES BEZERRA
HARRIET KAROLINA GALDINO DOS SANTOS
ÍTALO VINÍCIUS GOMES DE LIMA
JEAN PAUL MEIRA
JERFERSON MEDEIROS (UEPB)
JULIANA NASCIMENTO (UEPB)
LAÍS CAVALCANTE
MARIA LUISA BRASIL
MURIEL DE OLIVEIRA DINIZ
PAULA MINELLE GOMES (UEPB)
PRISCILA MAYARA MEDEIROS (UEPB)
RAÍSSA BARBOSA DA COSTA
RODRIGO DE ANDRADE
ROSILENE CASSIANO
SULEYMAN GABRIEL CORREA
SUZANA CRISTINA BARRETO

Webmaster e designer

DIÊGO SILVA ARAÚJO (UFCG)
(lutheriah@hotmail.com)

Mestrandos

BRUNO RAFAEL DE ALBUQUERQUE GAUDÊNCIO
CIBELLE JOVEM LEAL
CLÁUDIO DA COSTA BARROSO NETO
CLÉRYSTON RAFAEL WANDERLEY DE MEDEIROS
ELANE CRISTINA DO AMARAL
EVERTON DEMÉTRIO
FRANCISCA KELLY GOMES CRISTOVAM
INAIAN CRISTINO CUNHA
JORDAN QUEIROZ GOMES
JOÃO PAULO FRANÇA
JOSÉ EMERSON TAVARES DE MACEDO
KARINA PEREIRA SOUTO
LAURICÉIA GALDINO DOS SANTOS
LEONARDO BRUNO FARIAS
LIÉLIA BARBOSA OLIVEIRA
LUIZ CARLOS DOS SANTOS
MARIA APARECIDA BARBOSA DE FIGUEIREDO
MARIA DO SOCORRO SOARES
MICHELLE WADJA DA SILVA FARIAS
RÔMULO HENRIQUE ANDRADE SILVA
ROSINEIDE ALVES DE FARIAS
ROSINEIDE CORDEIRO DE OLIVEIRA
SÂMALA SONALY LIMA OLIVEIRA
SANDREYLZA PEREIRA MEDEIROS
WELTON SOUTO FONTES

Comissão Científica

Alarcon Agra do Ó (UFCG)
Antônio Clarindo (UFCG)
Carla Mary S. Oliveira (UEPB)
Durval Muniz de Albuquerque Jr. (UFRN)
Edson Silva (UFPE)
Fátima Martins Lopes (UFRN)
Isabel Valente (Universidade de Coimbra - Portugal)
Jocyleia Santana dos Santos (UFT)
Joel Carlos de Souza Andrade (UFRN)
José Clerton de Oliveira Martins (UNIFOR)
José Otávio Aguiar (UFCG)
Josemir Camilo de Melo (UEPB)
Juçara Luzia Leite (UFES)
Juciene Ricarte Apolinário (UFCG) (Presidente)
Marcos Silva (USP)
Marinalva Vilar (UFCG)
Patrícia Cristina Aragão Araújo (UEPB)

REALIZAÇÃO:



APOIO:

